

РОСАИ & С.

С. РАУВО

Le ne fay rien  
sans

**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin





*Campinas 3 de Agosto de 1906*

*Senhores Directores da Equitativa dos Estados Unidos do Brasil.*  
*Avenida Central 125 Rio de Janeiro.*  
*Amigos caros*

*Atuei recebido o cheque visado sobre o Banco do Brasil, na importância de 26.123/300, de qual passei recibo, em liquidação da apolice numero 10, emitida sobre a minha vida e venida hoje.*

*ad opção por mim escolhida - liquidação do capital e lucros acumulados durante o periodo de dez annos - plenamente me satisfaz. A accumulacao que orca por 30% do capital segurado, e realmente surpreendente e acima da minha expectativa, pois creio que raras companhias de seguros sobre a vida terao alcançado resultado tao benéfico. Isto sem duvida deudo ao modo por que a Directoria faz o emprego dos capitais da Sociedade, e segundo sou informado, a rigorosa economia que preside a sua administração.*

*Como segurado de tao prospera Sociedade, congratulo-me com sua digna Directoria por ter em tao boa hora assignado a proposta que fiz para seguro, e como brasileiro me orgulho em ver a nova nacionalidade entrar em esse seio, uma instituição, desta ordem, que honra soberbamente os que a fundaram e dirigem.*

*Rego a V.ª S.ª a citarem os protractos de minha alta consideração, bem como a interposição de meus agradecimentos pela satisfação que me tem causado o modo por que foi liquidada a minha apolice de seguro e me subscrevo*

*De V.ª S.ª*  
*Atte Vener.º Sr. João de Deus*  
*João Pereira Tebrosca*  
*Primeiro*

*apresento sempre sempre*  
*compreço 8 de agosto de 1906*  
*João de Deus*  
*João de Deus*  
*João de Deus*  
*João de Deus*

*02 TABÉLIDO*  
*João de Deus*  
*MEDEIAS*

# A Equitativa

SÉDE SOCIAL:

125, Avenida Central, 125

EDIFÍCIO DE SUA PROPRIEDADE

## A evidencia dos factos

Liquidação de seguro vital

### EM VIDA

A Equitativa é a primeira Sociedade nacional de seguros sobre a vida que distribue lucros aos seus segurados

## PEDIR PROSPECTOS

Na séde social e com todos os seus agentes

Agencias em todos os Estados da União e na Europa

CAIXA POSTAL N. 398

Endereço Telegraphico: - EQUITAS

RIO DE JANEIRO

# PHOTOGRAPHIA BRASILEIRA



L. Musso & Comp.

10 — RUA URUGUAYANA — 10



**RIO DE JANEIRO**

# KOSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario  
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL  
INTERIOR. . . . . 20\$000      EXTERIOR. . . . . 25\$000  
NUMERO AVULSO 2\$000 — ATRAZADO 3\$000

Redacção e Officinas  
RUA DA ALFANDEGA, 24  
RIO DE JANEIRO

ANNO III

SETEMBRO 1906

N. 9

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

## CRONICA



conselheiro Acacio e o conde de Gouvarinho, esses dois typos symbolicos, em que Eça de Queiroz amalgamou e fundiu as almas de Calino, de Homais, e de La Pallisse, — dizem varias vezes, nas paginas d'*O Primo Basilio* e d'*Os Maias*, que "nada é mais fecundo e salutar que a rivalidade que ha entre Lisboa e Porto."

Se ainda fosse preciso demonstrar a affirmacão acaciana e gouvarinhesca, teriamos agora aqui um bello argumento. Mas não é preciso. Só faltava, realmente, que ainda alguém perdesse tempo em querer provar a justeza e a exactidão de uma qualquer cousa que a alma estreita e obtusa de Calino já tenha comprehendido!

Não façamos, portanto, uma demonstracão, mas uma simples applicacão do calinesco principio, segundo o qual toda a emulacão é fecunda e benefica.

O Rio de Janeiro e Buenos Aires prosperam e viçam á custa da rivalidade que, de quando em quando, as atira uma contra a outra, em impetos de zanga, e arreganhos de desafio. Zanga e desafio que teem a periodicidade das sezões, sem ter os seus perigos. São desafio e zanga sem consequencia má, e que servem apenas para manter a emulacão; a guerra que Buenos Aires nos move é perversa, insidiosa, traiçoeira; a que nós lhe movemos é leal, e revela sempre uma certa desdenhosa brandura; — mas pouco importa: essa guerra de palavras é inoffensiva, e, mais do que inoffensiva, salutar.



Este mez de setembro ha-de ficar celebre, no Rio de Janeiro, não pelas suas festas

nem pelos seus desastres como tantos outros, mas, unicamente, pelo facto espantoso, surpreliendente, maravilhoso, quasi incrivel de nelle se ter visto a população carióca submeter-se de boa vontade a um Recenseamento.

A irritação do nosso patriotismo conseguiu o que até agora não tinham conseguido os conselhos, os pedidos, as exigencias, as multas.

Porque não nos illudamos: se todos os cariócas auxiliaram a Prefeitura no seu nobre proposito de realisar o primeiro recenseamento sério e completo da população da capital da Republica, -- não foi pelos bonitos olhos do Prefeito, nem por um sentimento de dever civico, nem em virtude das declarações tranquillisadoras com que o chefe do governo municipal adoçou os seus editaes, tirando-lhes tudo quanto á massa pouco intelligente pudesse parecer alarman-te ou cavilloso...

Não! a nossa boa vontade, o nosso auxilio, a nossa collaboração efficaz e enthu-siastica, nasceram unica e exclusivamente d'isto: do desejo, que todos nutriamos, de dar um quináu a Buenos Aires, e de pregar uma boa peça ao nosso, já agora famoso, amigo Carrasco, Estatistico-Mór da cidade portenha, e contador milagroso, que trata os algarismos do Censo como Jesus tratava os peixes na Judéa, multiplicando-os prodigiosamente.



Bom amigo, esse Carrasco! e mal empregado nome, o seu!

Imagina elle talvez que lhe queremos mal, pelas maldades que contra nós assaca. Engano! Carrasco ainda ha de ter no Rio de Janeiro, -- não digo uma estatua, -- mas

uma columna glorificadora. Porque, mal comparando, Carrasco, como excitante do nosso patriotismo, é uma especie de ver-mouth hygienico e salutar, que nos abre o apetite moral. Quanto mais elle nos attaca, mais nós nos unimos, e mais desejamos prosperar e brilhar. Dizem que foi o Prefeito quem nos deu o Recenseamento. Não foi tal! quem nos deu o Recenseamento foi Carrasco!



Por mim, confesso que nunca me interessei muito pela verificação da existencia d'esse milhão de habitantes que o Rio de Janeiro tem, ou deve ter. Nem sei em que é que pode haver gloria, para um paiz, no facto de possuir na sua capital um milhão ou mais de um milhão de almas.

O que faz a grandeza, e a importancia material, social e moral de um paiz, é justamente a disseminação da sua população. E já vae longe o tempo em que as nações poderosas e ricas se contentavam com uma só grande cidade, um só grande emporio de commercio, de industria, de arte, de civilisação. Para sómente citar um exemplo, lembremos que, actualmente, Roma não é a cidade mais populosa da Italia.

Buenos Aires tem um milhão de habitantes? Bom proveito lhe faça! Em compensação, Buenos Aires é a unica cidade vasta e populosa da Argentina. A pequena distancia da capital argentina, a cidade de La Plata é um deserto...

O Rio de Janeiro, ao contrario, é apenas uma das muitas colmeias humanas em que enxameia o nosso povo. O Norte, o Centro, o Sul do paiz estão cobertos de *urbs* povoadissimas, que formam, atravez desta prodigiosa extensão de terras, os nucleos

geradores, as cellulas matrizes do nosso radiante futuro.



Mas não discutamos. O amigo Carrasco, para nos amesquinhar, encheu as bochechas com o milhão de habitantes de Buenos Aires, — e nós, excitados, também verificamos, ou vamos verificar o nosso milhão.

Pouco me importa o valor do facto que se verificou ou se vae verificar. O que me importa é o valor do movimento colectivo de civismo, de consciencia patriotica, de nobre ardor com que a tentativa da Prefeitura foi recebida e auxiliada.

Todos quizeram encher e assignar a "lista de familia."

A "lista de familia"! O terror que até agora inspiravam estas trez palavras! Por traz dellas via a gente ignorante levantar-se, temerosa e apavorante, a avantesma do recrutamento, — a farda ás costas, o *páu-furado* ao hombro, o rancho, o exercicio, a guerra... Mas d'esta vez, a avantesma que nós viamos não era essa: era a figura do amigo Carrasco, com o seu riso zombeteiro, mofando de nós... E, para contrariar Carrasco, atirámo-nos com coragem ao Recenseamento. Bom Carrasco! excellente Carrasco! amigo Carrasco!



Graças a esse admiravel Carrasco, assistimos no Rio de Janeiro a cousas assombrosas.

Como as indicações do Recenseamento diziam que era preciso mencionar na lista de cada casa "as pessoas que houvessem passado no domicilio a noite de 19 para 20 de Setembro", não houve noctivago, não houve *viveur*, não houve pandego, não houve *vieux-marcheur* que quizessem passar a noite fóra de casa!

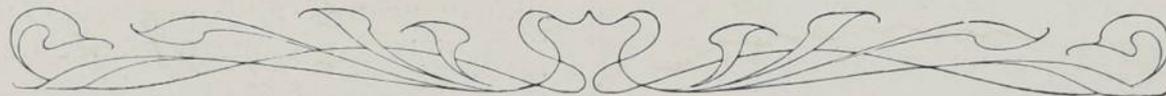
Um sujeito, que conheço, noctivago impenitente e incorrigivel, dizia-me na manhã do dia 20: "Veja você o que é a consciencia do dever civico! passei a noite em casa, cousa que não me succedia ha vinte annos?! só o Patriotismo era capaz de me forçar a um tal sacrificio!"

A cousa foi tão extraordinaria, que varias senhoras casadas, que não se resignam com a vida desregrada dos maridos, verificando que todos elles ficaram firmes no domicilio durante aquella memoravel noite, chegam a pedir aos céus que inventem um Recenseamento por semana!



Admiravel Carrasco! que bem nos fizestes, querendo fazer-nos mal...

O. B.



## A Leda Ticianesca

É o maior acontecimento artistico dos tempos que correm a descoberta de um Ticiano no Brasil, o inexcelsível, o sumptuoso pintor das bellezas venezianas, o eterno admirado auctor da *Bella* da galeria Pitti, da *Flora* dos Uffizi, da *Saiomé* da collecção Doria—Pamphili.

Um Ticiano no Brasil! Como? Perguntará o leitor, estupefacto.

Expliquemos o caso para satisfazer a natural curiosidade.

Vae para uns oito annos que o conhecido advogado paraense, dr. Paes Barreto, extremado amator de bellas artes e reputado bibliofilo, adquiriu um quadro velho e rude n'uma agencia de leilões de Belém do Pará, a qual por sua vez, recebera em doação *in solutum* de um expositor italiano. O estado desse quadro não poderia, de fórma alguma, inculcar a sua gloriosa origem nem mesmo ao mais experto dos primos Pons, por mais pratica, mais traquejo, maior tino que tivesse em assumptos de pesquisar obras de arte. A téla estava ennegrecida, salpicada de manchas deformadoras, *esmaltada* por compactas camadas de pessimo verniz, cruzada de rugas e vincos como se, em algum tempo e demoradamente, fôra guardada em estreito logar, o que já deixou suppôr a alguém, que sobre o facto escreveu, ser isso indicio de ter sido escondida n'uma antiga patrona de soldado.

Apesar desse estado, o dr. Paes Barreto adquiriu o quadro por quantia insignificante, e o fez por ter notado o bom desenho de mão graciosa que se destacava de uma figura de mulher, mal distinguida no fundo sombrio de verniz roseo. Submettendo-o a ligeira limpeza, o illustre amator percebeu que o desenho da figura era delicado e correspondia ao magnifico trabalho da mão, que tanto o impressionára.

Inmediatamente suspeitou de que a pintura estava retocada por mãos inhabeis e, com o faro de verdadeiro amator, apprehendeu pa-

ciente restauração. Assim foi conseguindo resultados extraordinarios, que, dia a dia, a mais e mais o emocionavam. E a proporção que ia debastando as grossas camadas successivas do verniz, a riqueza de um colorido antigo, o delineio firme de um corpo formoso em que estava a marca de um mestre, os detalhes de uma composição que se não podia confundir com o vulgar, vinham se revelando surpreendentemente.

Attrahido por essa revelação, suspeitando de que se tratava de uma obra prima, e já fatigado com os trabalhos restauradores, chamou para ajudal-o nesse mister um pintor, que alli residia, conhecido pelo nome fidalgo de Dom Francisco da Silva y Estrada. Foi esse pintor que, por mais saber profissional, conseguiu esburgar da téla os rudes retoques e as crôstas de verniz. Ainda não era tudo, mas já se podia prever o seu inestimavel valor, porquanto, retirado um grosseiro pannejamento vermelho, visivelmente estranho á primitiva pintura, appareceu a sola de admiravel pé direito, tão bem desenhada e de tal modo pintada que só um mestre a faria com igual perfeição!

Estava, pois, revelada a obra. Mas, qual o seu auctor? A opulencia do colorido, a correcção do desenho, a natureza do assumpto, faziam-na suspeitar de um mestre italiano, muito provavelmente da forte e brilhante escola veneziana. Mas, quem?

A figura, uma magnifica mulher deitada em terreno de prado, tendo a cabeça sobre largo e fôfo pannejamento, deixava vêr que se tratava de uma dessas muitas Ledas, tão caras aos artistas do Renascimento italiano, e porque alli estava um ardente cysne, d'azas levantadas. Certo que isso já desvendava uma pequenina parte do mysterio. O assumpto era indiscreto. No seculo XVI raros foram os pintores que o desprezaram. Veronezo, Sodoma, Tintureto, André del Sarto e o proprio Raphael não escaparam á tentação da bella mulher de Tyn-daro. Cada um delles, por sua vez, fez-se Jupiter metamorphoseado em cysne, sem duvida menos feliz que o grande deus seductor. Não obstante essa coincidencia, nada mais havia que lhe indicasse a origem.

De mais, o fundo do quadro persistia obscuro, sob retoques successivos; o cysne, esse,



LEDA —quadro veneziano do século XVI atribuído a TICIANO — 1<sup>m</sup> 055 × 1<sup>m</sup> 025

contrastava por mal acabado com a delicadeza e perfeição do quanto apparecera; não separabundavam outras minucias que affirmassem particularidades de estudados mestres... Não descansou, porem, o dr. Paes Barreto. Fez uma viagem á Italia e mostrou o seu quadro a diversos directores de museus e amadores. A uma voz todos concordaram em o considerar obra feita em Veneza, no seculo XVI, arriscando alguns que os vermelhos trahiam o Ticiano.

Partiu o dr. Barreto para Paris e alli entregou a téla aos cuidados dos peritos restauradores do Museu Nacional do Louvre, os srs. François Touret e René de Waele que, depois de longo trabalho de um anno, o recompuzeram quasi totalmente no seu valor primitivo. O fundo reapareceu. E' identico aos de muitos quadros do grande mestre: a sua paizagem caracteristica.

A posição da mão direita, com o dedo minimo levemente erguido, e o pollegar afastado da palma, o pannejamento cujas dobras affectam a forma de um V invertido, e particularmente a mistura dos verdes com os vermelhos, donde resultavam effeitos não communs, levaram os peritos a attribuil-o a Ticiano, e do que passaram documento. Falta a restauração do cysne, o qual o dr. Barreto suppõe não ser o pintado pelo mestre.

Alem dessas provas, que se não são positivas muito contribuem para authenticar a procedencia do quadro, o illustre critico, sr. Albert Flament, adduz outras de importancia. Diz elle: « O celebre Morelli conta que os quadros

do palacio Doria, em Roma, alguns foram perdidos e outros deviam ter sido transportados para a villa Pamphili. Ora, Gerard de Lairesse, no seu *Grand Livre des Peintres* (traducção franceza de 1787, 1º volume, paginas 200) menciona uma *Leda*, de Ticiano, e Siret, no seu *Dictionnaire des Peintres* faz della menção entre os quadros existentes no palacio Doria, assim como outros escriptores, entre os quaes Lalanne, Renier etc.

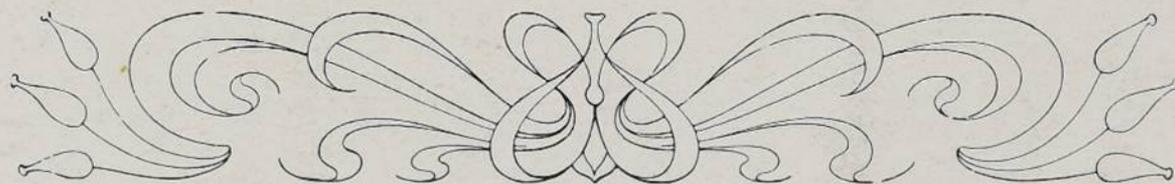
« Ha para mais de duzentos annos que a *Leda* de Ticiano, do palacio Doria, está perdida como tambem está o retrato do almirante André Doria do mesmo artista... A *Leda* do sr. Paes Barreto será a do palacio Doria? Antes de tudo, nos fallecem provas para uma affirmativa. Mas, á falta de outros documentos, a mesma téla pode provar a sua authenticidade por suas proprias qualidades e certos signaes com que os peritos geralmente não se enganam... »

E aqui téem os leitores a historia desse quadro, que hoje está provocando o maior interesse em todos os centros de arte.

Pelo documento, de que são signatarios os srs. Touret e Waele, póde-se desde já considerar-o obra do grande mestre veneziano, e a esse julgamento vem dar força as citações do sr. Flament. Mas, a par da grande satisfação que tão feliz acaso nos traz, fica-nos o pezar de não poder a nossa patria adquirir essa obra.

Isso é que lamentamos.

G. D.



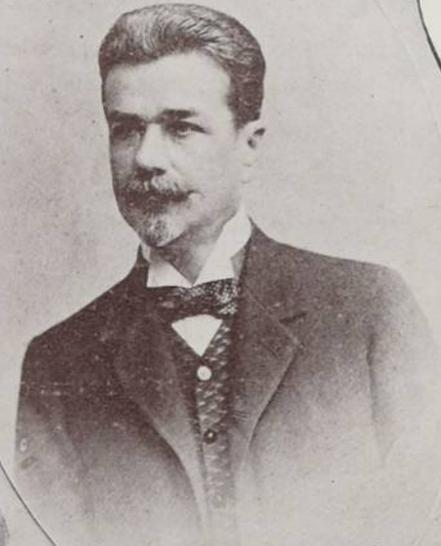
Os Delegados e secretarios á 3ª Conferencia Internacional Americana

BRAZIL

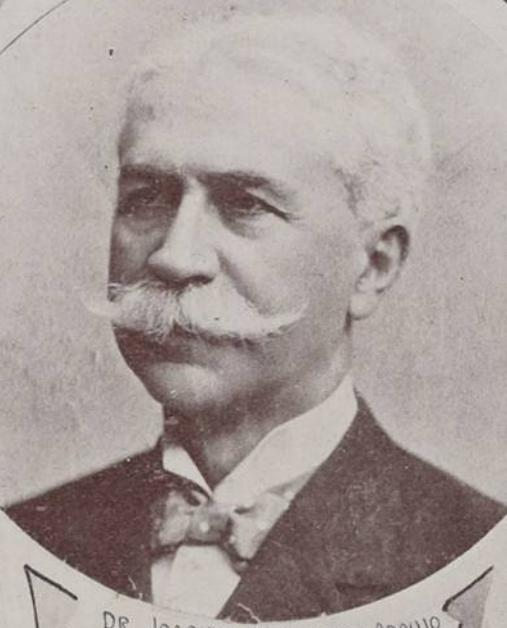
PRESIDENTE DA CONFERENCIA



DR. ASSIS BRAZIL



DR. GASTÃO DA CUNHA



DR. JOAQUIM NABUCO DE ARAUJO



DR. XAVIER DA SILVEIRA



DR. PANDIÁ CALOGERAS



DR. AMARO CAVALCANTI



DR. ALFREDO VEM. GOMES FERREIRA

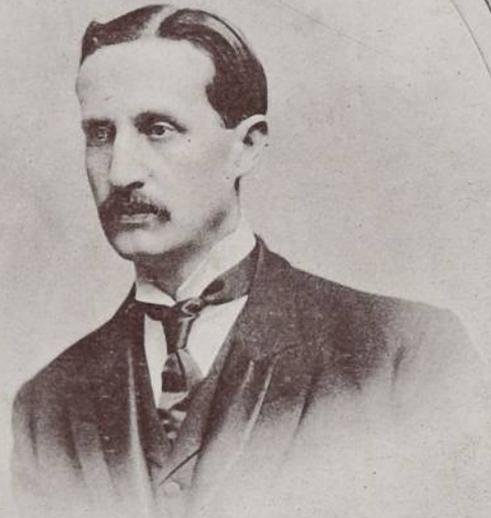


FONTOURA XAVIER

**BRAZIL**  
SECRETARIOS DA CONFERENCIA



OLAVO BILAC



J. L. STARR HUNT



DR. RODRIGO OCTAVIO



DR. JOSÉ AMÉRICO DOS SANTOS

*Messers Co.*



DR. JOSÉ RODRIGUES ALVES

ESTADOS UNIDOS

La AMERICA



HONOURABLE A. J. MONTAGUE



HONOURABLE WILLIAM I. BUCHANAN



DR. L. S. ROWE



VAN LEER POLK



DR. PAUL S. REINSCH



JULIO LARRINAGA



H. FLETCHER NEIGHBORS



CHARLES RAY DEAN

Musso & Co.



D<sup>r</sup> JOSÉ A. TERRY



D<sup>r</sup> JOAQUIM V. GONZALEZ



D<sup>r</sup> EDUARDO BIDAU

# ARGENTINA



D<sup>r</sup> CARLOS ALFREDO BECU



D<sup>r</sup> CLODOVEO M. NAHN

# SALVADOR



D<sup>r</sup> ENRIQUE BORJA - SECRETARIO



D<sup>r</sup> FRANCISCO A. REYES



D<sup>r</sup> ANTONIO BATRES JAUREGUI

# GUATEMALA



D<sup>r</sup> LUIS TOLEDO HERRARTE  
SECRETARIO

Musset & Co.

CUBA



D. GONZALO de QUESADA



D. JOSE A. GONZALES LANUZA



RAFAEL MONTORO



ANTONIO RUIZ OLIVARES  
SECRETARIO



FRANCISCO RUIZ GUSMAN - SECRETARIO

BOLIVIA



D. CARLOS J. ROMERO



D. ANGEL DIEZ de MEDINA



D. ALBERTO GUTIERREZ

Museo C. P. de

MEXICO



DR. FRANCISCO LEON DE LA BARRA



RICARDO GARCIA GRANADOS



RICARDO MOLINA-HÜBBE

COLOMBIA



GENERAL RAFAEL URIBE URIBE



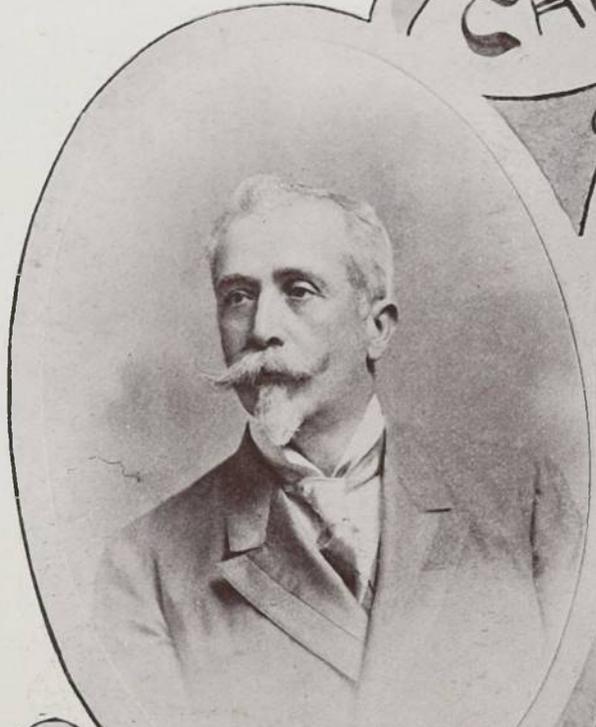
RAUL DEL CASTILLO



DR. GUILHERMO VALENCIA

L. Mussel

CHILE



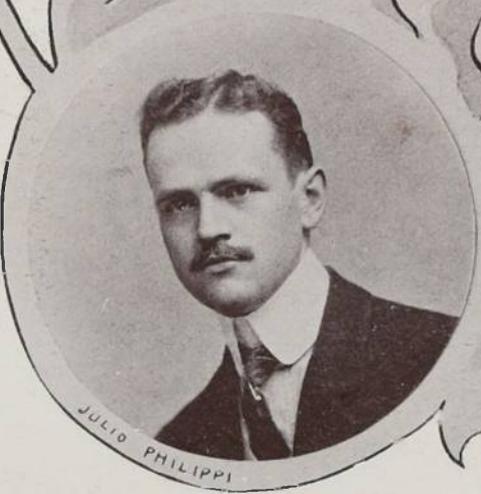
D. ANSELMO HEVIA RIQUELME



D. JOAQUIN WALKER MARTINEZ



D. ADOLFO GUERRERO



JULIO PHILIPPI



D. LUIS ANTONIO VERGARA



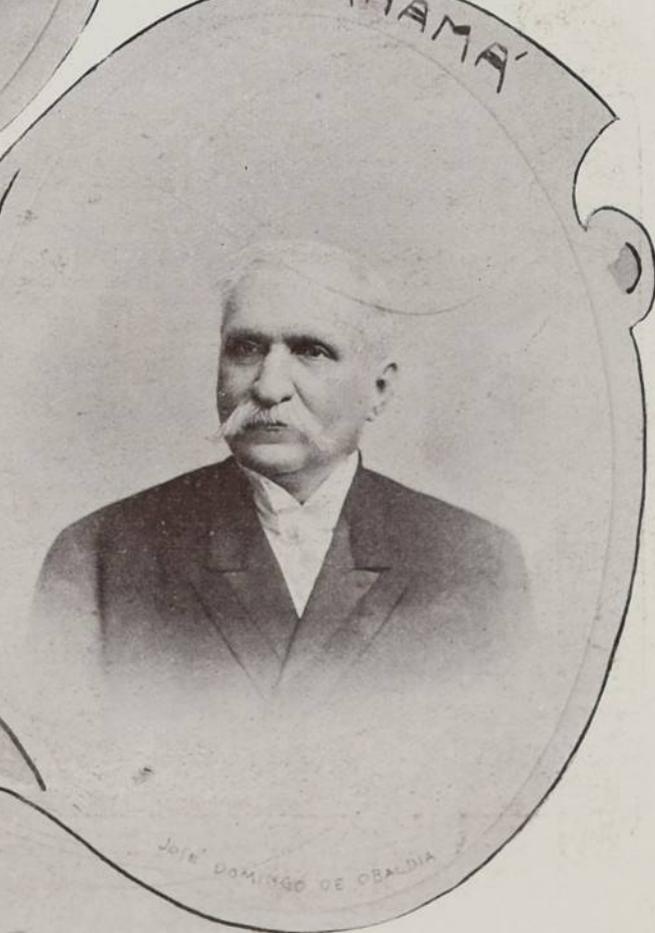
BENJAMIN V. SUBERCASEAUX

S. DOMINGOS



E. C. JOUBERT

PANAMA



JOSE DOMINGO DE OBALDIA

L. Mussé & Co

EQUADOR



JUAN CARBONE Y PUERTO



EMILIO ARÉVALO

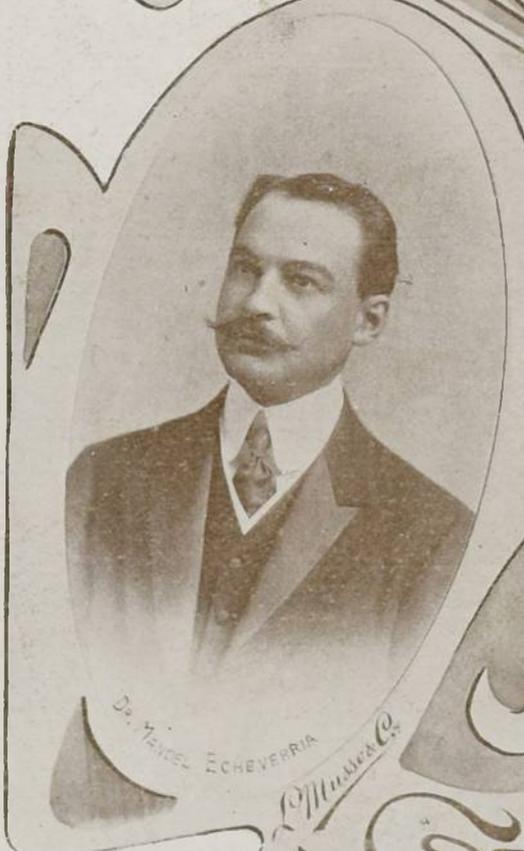
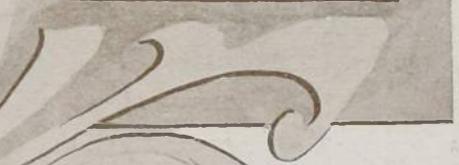


TENIENTE-CORONEL OLMEDO ALFARO



LUÍZ F. COREA

NICARAGUA



DR. MIGUEL ECHEVERRIA

Wm. A. ... Co.



L. A. ESQUIVEL



COM. A. J. AGUILAR

COSTA

RICA

HONDURAS



FAUSTO DÁVILA



JUAN RAMON MOLINA

URUGUAY



DR. MARTIN MARTINEZ



DR. LUIZ MELIAN LAFINOR



DR. SAMUEL BLIZEN



DR. GONZALO RAMIREZ



DR. ANTONIO MARIA RODRIGUEZ

P. Musso & Co

PERU



EUGENIO LARRABURE Y UNANUE



ANTONIO MIRO QUEZADA



MARIANO CORNEJO



ANIBAL MAURTUA

PARAGUAY



MANUEL GONDRA



ARSENIO LOPEZ DECOUD



GUABERTO CARDUS Y HUERTA



ESTANISLAU IDOYAGA

## O TEMPO

**Q**UERENDO o principe offerecer ao Templo uma imagem de Apollo digna do edificio grandioso que mandara construir para honrar a divindade esplendida e levar, pelos seculos vindouros, a fama da sua grandeza, convocou os mais celebres estatuarios do reino para uma conferencia em palacio.

Apresentaram-se tres artistas, qual delles de maior nomeada.

Disse-lhes o principe o que pretendia ajuntando, com largueza, que não fazia questão de preço e que pedissem tudo quanto julgassem necessario á bôa execução da obra d'arte, que devia ser bella e solidamente feita para que deslumbrasse e resistisse aos seculos.

— Senhor, disse o primeiro estatuario, dai-me ouro e eu vos trarei uma estatua tão bella que no dia em que for installada no Templo os homens da terra terão a illusão de estar contemplando o proprio conductor do carro do sol. E o principe ordenou que se cumprisse a vontade do artista.

— Senhor, disse o segundo estatuario — farei de prata o corpo, farei de ouro as vestes e cobril-as-hei de pedras preciosas. Será tão formosa a imagem que os deuses baixarão do Olympo para contemplal-a e, de pé, no altar do Templo, dispensará a luz do sol e a claridade das lampadas porque os raios que despedir illuminarão gloriosamente o recinto.

E o principe ordenou que fosse satisfeito o desejo do artista.

Foi a vez do terceiro estatuario. Era um velho, de barbas brancas, tão longas que lhe chegavam á cinta. Caminhava lentamente e, curvando-se ante o principe, falou com respeito e modestia:

— Senhor, dai-me um bloco de marmore puro e tempo para que eu nelle trabalhe e procurarei fazer o maximo que a um homem é dado fazer.

Foram-se os tres esculptores com o que haviam pedido e, em todo o reino, não se falou, durante mezes, em outro assumpto senão no concurso chamado «divino». Ainda ia em meio o primeiro anno quando o artista que pedira ouro appareceu orgulhosamente na corte com o seu Apollo.

Foi um acontecimento e não faltou quem louvasse a grande actividade do modelador.

Descoberta a figura foi um deslumbramento: a imagem irradiava como o proprio sol. Mas um perito, adeantando-se á turba, poz-se a mostrar defeitos que muito compromettiam o trabalho e outras vozes criticaram, uma a expressão, outra a attitude: esta notava a falta de magestade, aquella as desproporções.

«Vale porque é de ouro», disse por fim o perito.

E o principe, desgostoso, mandou fundir em moedas a estatua que fôra destinada á adoração dos crentes.

Pouco tempo depois annunciou-se o segundo estatuario.

Ainda que o seu trabalho revelasse maior esmero não o acharam, todavia, digno de occupar o solio em que devia ser erigida a imagem olympica.

«E' bella e é rica, refulge, mas falta-lhe magestade — é uma linda figura humana e nós queremos um deus.»

E a estatua de prata e ouro, com recamos de pedrarias, ficou ornando uma das salas do palacio.

Do terceiro estatuario não havia noticia e já corriam murmurações ironicas, boquejos de menoscabo: «Desistio da empreza. Era velho de mais para trabalho que exige inspiração viçosa. Anda, sem duvida, a fazer figurinhas, como as de Tanagra, para vendel-as aos fcrasteiros.»

Uma manhã, porem, com surpresa de todos, appareceu o velho em palacio com o seu «deus» envolto em pannos de linho.

Ainda que ninguem confiasse no seu trabalho, juntaram-se todos os cortezãos em palacio, só por subserviencia ao principe é os serviçaes descobriram a imagem. Houve um movimento de espanto. Maravilhados, embevecidos quedaram todos contemplando a figura olympica, Apollo, o magnifico — que, de pé sobre nuvens, a cabeça aureolada de raios, o olhar sublime, parecia dominar serenamente os homens.

«Este sim! Este é Apollo augusto! bradaram. Este é o deus solar, dominador da altura.» Descendo do throno o principe felicitou o artista e depois de o haver engrandecido com palavras de louvor perguntou:

— A que deus pediste a graça de tão formosa inspiração?

— Ao Tempo, senhor. Outros exigiram me-taes e pedras preciosas, a mim bastou o marmore puro. Para enriquecel-o eu contava com o Tempo. Se para uma curta viagem são necessarias muitas horas como havemos de affron-tar os seculos de afogadilho?

A inspiração é a flor do genio, mas não exijamos que ella dê fructo saboroso logo que desabroche. E' preciso deixar que o Tempo faça o seu officio. Se um deus me patrocinou foi a Paciencia, se um demonio comprometteu a obra dos que me precederam, foi a Pressa. Senhor, os seculos são longos e quem se destina a atravessal-os deve ir de vagar. Quereis saber como se consegue a Eternidade? com o Tempo.

## O NOVO COURAÇADO MONSTRO

O grande couraçado britannico que tem sido o alvo de todas as cogitações dos circulos navaes do mundo representa a maior revolução que se tem operado em construcção naval.

O *Dreadnought* é da concepção do notavel constructor inglez Sir Philip Watts, actualmente o chefe das construcções navaes do almirantado, mas os seus planos foram previamente discutidos pelos mais notaveis profissionaes, os mais reconhecidos technicos, os eminentes homens de sciencia do paiz, porquanto o governo e com elle o Rei, tinham em vista construir um navio que enfeixasse as licções da campanha naval do Oriente, segundo o criterio imperante na maioria dos competentes. Para conseguir esses esforços secundando os trabalhos, tanto na ordem de traçar os planos, como de fazel-os executar com a maior brevidade, a Inglaterra encontrou em Sir John Fisher, o illustre primeiro lord maritimo do

Almirantado, o mais valioso auxiliar que podia esperar.

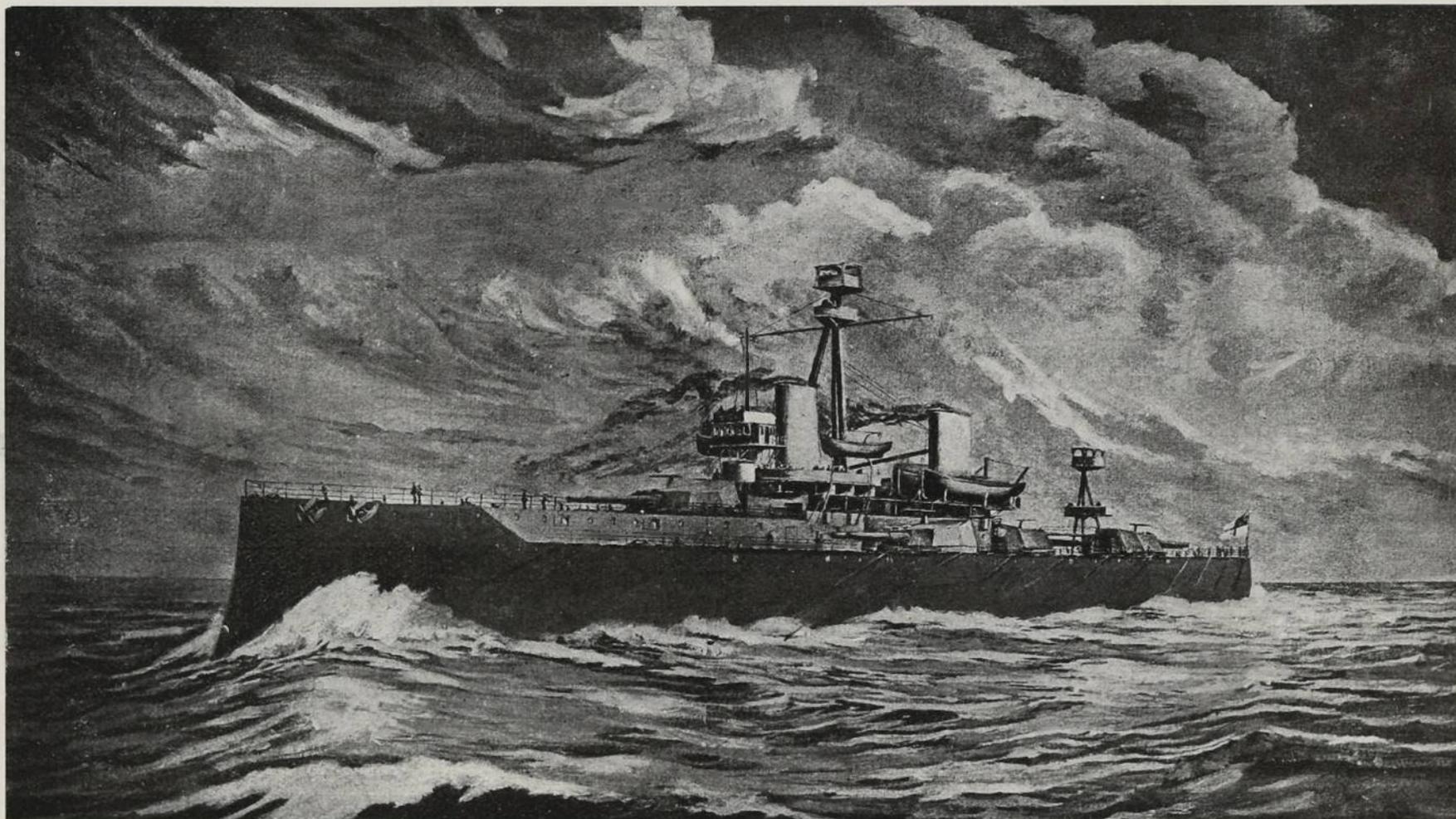
De facto, o novo monstro do mar, revolucionou todos os antigos principios que governavam a construcção dos navios couraçados.

O navio é do deslocamento de 17.900 toneladas, quando em carga maxima. As suas principaes dimensões são:

Comprimento, 490 pés; bocca, maior largura, 82 pés; calado, parte submersa, 26 pés e 6 pollegadas.

O motor do navio é fornecido pela grande firma de Vilkers, Sons & Maxim, do systema de turbinas, com todos os mais modernos aperfeçoamentos, para dar atraz, obedecendo promptamente á ordem; para a marcha economica. Tem a força de 23.000 cavallos vapor com calado natural. A velocidade maxima é de 21 nós. A capacidade carvoeira em carregamento natural é de 900 toneladas, com tanques de oleo. O peso do casco, incluindo a couraça é de 11.000 toneladas.

O armamento consiste de 10 canhões de 12 pollegadas ou 305 <sup>m</sup>/<sub>m</sub>, com 50 calibres de comprimento, modelo Woolwich, e mais 27 canhões anti-torpedicos de 12 libras, tiro rapido. O navio tem ainda 5 tubos submersos



para torpedos de 18 pollegadas de diametro — modelo Whitehead.

O navio cahio ao mar em 24 de Outubro de 1905 dos estaleiros reaes de Portsmouth, cerimonia que foi realçada com a presença do Rei Eduardo VII, e deve entrar em experiencias até o fim do corrente anno.

O seu commando foi dado ao Capitão de Mar e Guerra Bacon, o commandante mais em evidencia na marinha ingleza e notavel especialista em submarinos.

Do *memorandum* explicativo que o Almirantado publicou sobre as novas construcções inglezas, d'onde extrahimos esses dados, que em alguns pequenos detalhes contradizem o nosso anterior estudo critico, ainda se sabe que: « a vista da potencialidade dos modernos torpedeiros, e considerando especialmente as probabilidades dos ataques no final do combate, considerou-se necessario separar os canhões de tiro rapido, afim de não serem desmontados por um unico tiro. Nos diz mais o citado *memorandum* que:

Afim de dar ao navio boas qualidades marinheiras e augmentar o commando dos canhões de vante, o castello de proa tem a elevação de 22 pés, a maior elevação que tem sido dada a qualquer navio de guerra.

O armamento foi disposto em cinco grandes torres couraçadas, cuja disposição mostra o cuidado em tornar o navio apto para aceitar a lucta de qualquer lado que appareça, dispondo para o fogo de caça de 6 canhões, para o de retirada, ainda de 6, e para o lateral, o mais provavel de 8.

Em todas as menores particularidades os planos do famoso *Dreadnought*, alteram radicalmente o conceito até então director da construcção de couraçados.

Em artilharia unifica o calibre principal, e conjuga os canhões em torres, cada qual tendo sua vida em separado.

Em machinas utiliza as modernas turbinas, systema Parsons, que imprimem ao navio a maior velocidade obtida em um navio typocouraçado de esquadra.

O almirantado se preocupou muito com esse assumpto e foi levado á utilização das turbinas, pelas vantagens que realmente existem n'esse systema de machinas, conhecendo os resultados das experiencias comparativas entre

o *Eden* e o *Waveney* o *Amethyst* e o *Saphire*, alem do esplendido resultado do vapor de passageiros *Carmania* da companhia Cunard.

O couraçamento obedeceu ao principio inglez da melhor protecção no sentido vertical, com augmento de espessura nas extremidades. Nos informa o citado *memorandum* do almirantado; pag. 4:

A principal couraça é de 11 pollegadas de espessura, reduzindo-se a 6 pollegadas para a extremidade de vante e 4 para a de ré; a extensão vertical varia de 11 á 8 pollegadas de espessura; as torres d'artilharia e a torre do commando tem a espessura maior de 11 pollegadas, e a segunda torre de ré, tem menos, a de 8 pollegadas; a protecção do convés varia de 1 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> á 2 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> pollegadas de espessura.

Em todos os detalhes o almirantado foi minucioso, e alterou a pratica antiga. O alojamento do almirante, commandante e officiaes foi transferido de ré para vante, por offerecer maior conforto, rompendo com o antigo preconceito.

Toda a attenção foi dispensada ás medidas de protecção do navio contra as explosões submarinas. Todas as divisões abaixo do convés principal, que estará 9 pés acima da linha d'agua, são inteiriças, salvo para dar passagem aos fios electricos ou aos outros meios de communicação. Elevadores e outros arranjos especiaes foram installados para facillitar o acesso e a communicação entre os varios compartimentos.

O raio de acção do navio será de 5.800 milhas com a velocidade de 18 <sup>1</sup>/<sub>2</sub> nós horarios.

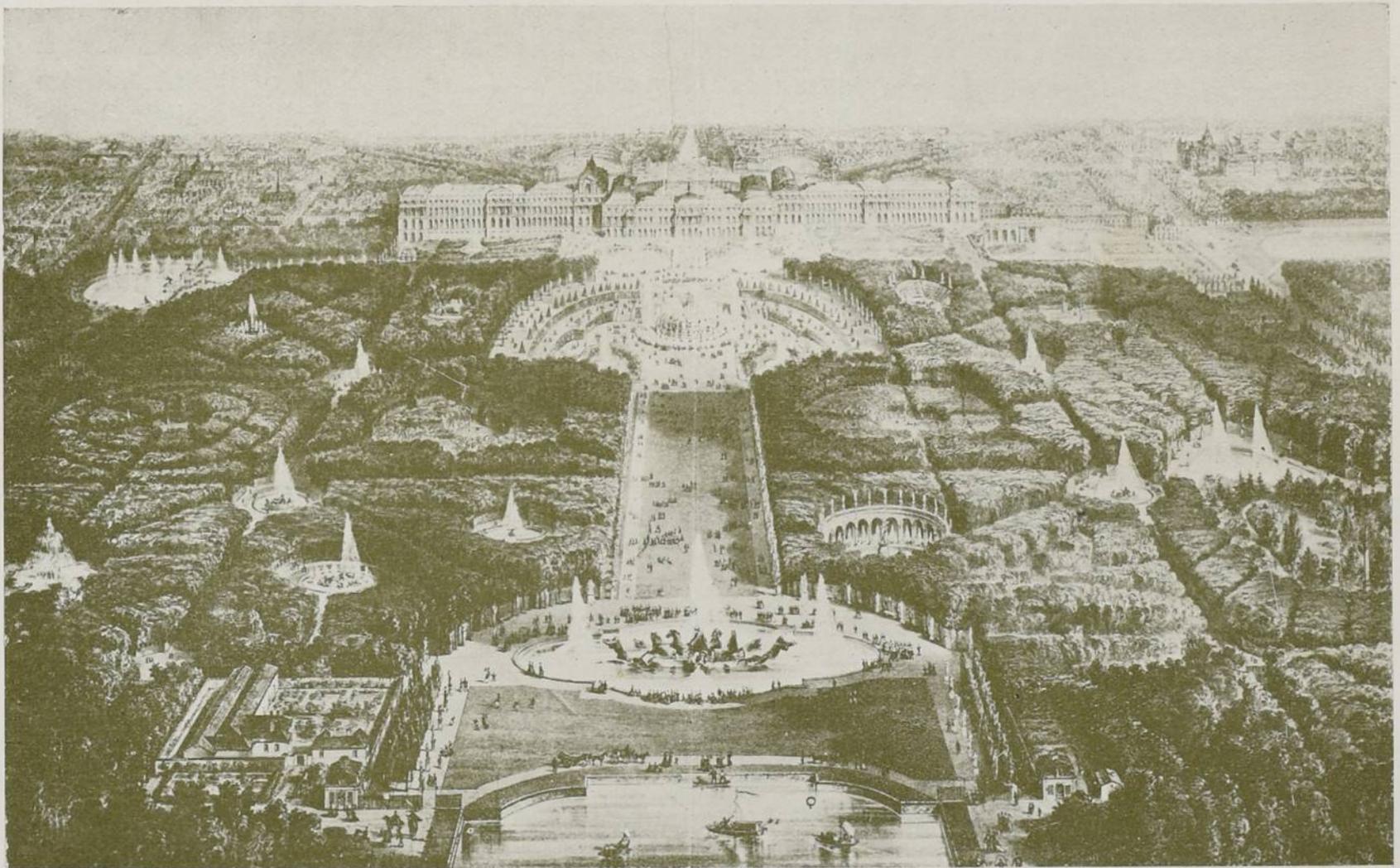
O navio tem carvoeiras para 2.700 toneladas de carvão em carga maxima, alem dos tanques para o combustivel liquido. No calculo do raio de acção não foi considerado o emprego do combustivel liquido, o que lhe dá maior raio.

São esses os traços geraes do navio monstro que tanta discussão tem suscitado no mundo naval, e que determinou a reforma de todos os programmas navaes das grandes nações preponderantes, forçadas a ceder á evidencia de que o grande navio, carregando o grande canhão é o elemento mais effcaz para a victoria.

ARMANDO BURLAMAQUI.  
Capitão-Tenente d'Armada.

# VERSAILLES

A Souza Bandeira, companheiro  
e testemunha da profanação de Ver-  
sailles.

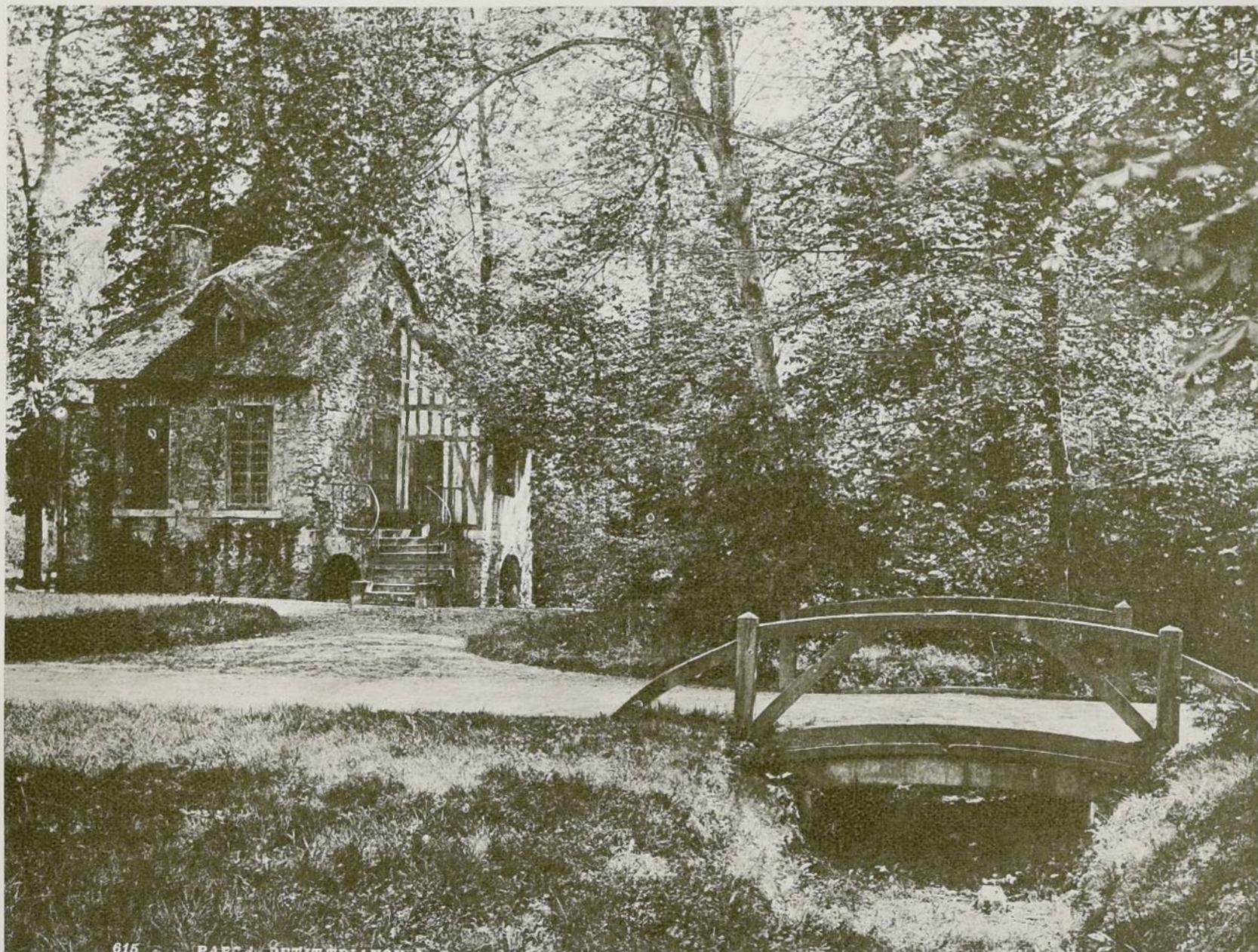


PANORAMA DE VERSAILLES

I

Em Junho, O bosque antigo  
Reverdece ao calor  
Amigo  
Do claro estio em flor.

A floresta se expande,  
Cresce e se encontra com  
O grande  
E o pequeno Trianon.



PARQUE DO PEQUENO TRIANON — O VESTIARIO

Flores, taçoes vermelhos,  
Renda, pluma, espadim,  
Espelhos  
D'agoa mansa e sem fim :

Jorro das agoas raras  
Em cascatas de luz,  
Tão claras  
Como alvos corpos nus :

Amores, galanteios,  
Cabelleiras em pó,  
Gorgeios  
Em lá, em mi, em dó :

Versos, folhas de outono,  
Rubra, ardente paixão  
Sem dono  
Buscando um coração :

Palavras luminosas,  
Embebidas em mel  
De rosas,  
Mas com travos de fel :

Rubras bocças sorrindo,  
Galanteios sem par,  
Infundo  
Rumor de beijos no ar :

Banquetes na floresta  
Em formosas manbans...  
Que resta  
D'essas festas louçans ?

—As arvores, as agoas  
Vagas recordações,  
As magoas  
Dos alegres serões...

Mas lá na estrada um denso  
Pó se eleva como um  
Immenso,  
Ponto, negro Simonm !

E a Chimera abelhuda,  
Sem peias e sem lei,  
Saúda  
O prestito do Rei.

De cortezãos o enxame  
Festeja em tom bemol  
Madame  
Maintenon e o Rei-Sol.

E a gente nobre e fina...  
—Mas que som de brutal  
Bozina  
Entre o prestito real !

E' o signal para a caça,  
E' o halali atroz—  
Que passa  
Como magoada voz...

Vão é quem crê no sonho !  
—Depois do pó fugaz,  
—Medonho  
Barulhento e feraz.

Apparece aos abalos,  
Cór de sangue, com cem  
Cavallos,  
Um automovel em

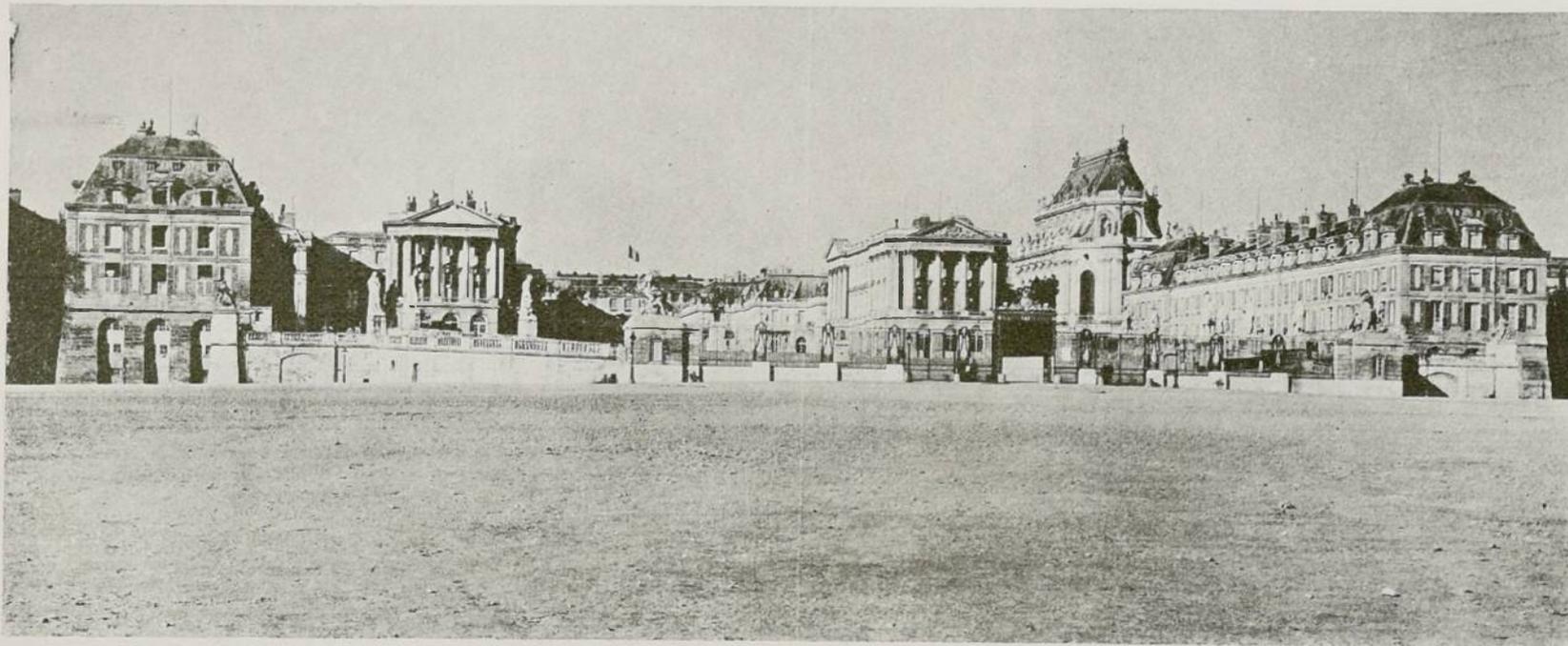
Versailles ! No bosque antigo,  
Todo verde ao calor  
Amigo  
Do claro estio em flor...

Sob o esplendor do sol levanta-se o castello  
 Todo cercado de jardins,  
 Como uma mumia real, senhor fidalgo e bello  
 Com a caveira com jasmims.

Talvez que guarde o mesmo antigo e nobre aspecto,  
 A mesma fórma, a mesma côr,  
 Mas como no alfinete o desgraçado insecto  
 Que assassinado sangra em dôr.

E' como o olhar sem luz, como o corpo sem alma,  
 Como uma bocca já sem voz,  
 Uma rua deserta onde não ha viv'alma  
 E as sombras negras andam sós.

Nas portas dos salões, nas vastas galerias  
 E mesmo até nos quartos reaes,  
 Surgem os vendilhões d'albuns, photographias,  
 Lembranças vans, cartões postaes.



PALACIO DE VERSAILLES. — FACHADA PRINCIPAL

No alto de um grande mastro a tricolor panueja  
 A' viração fresca do sul,  
 Tão solta sobre o céu como uma aza que adeja  
 Leve, vermelha, branca e azul.

E' uma ruina em flor, rebrilhante e doirada,  
 Uma lembrança que morreu,  
 Com guias, com cartaz, publica, profanada,  
 Servindo agora de museu.

"Chambre à coucher du Roi", — diz o guia na frente  
 Com ar de quem faz um leilão;  
 E arranja com cuidado ante o leito esplendente  
 Um *calembour* sensaborão.

E ante as evocações de Luiz XIV, um bando  
 De inglezes com cachimbo e com  
*Bonnet*, pasma mirando, olhando, commentando  
 Vendo si o real colelião é bom.



PARQUE DE VERSAILLES. — A COLUMNADA

Era um dia festivo em que as pompas e as gulas  
 Sorriam nos jardins, nos bosques, e nas salas,  
 Rebrilhantes, esplendidas,  
 Os nobres cortezãos, damas e palatinos,  
 Recobertos de seda e de velludos finos,  
 Solemnes, magestáticos

Esperaram que o Rei surgisse e que lhes desse  
 Ordens para cumprir, pois que o Rei só merece  
 Dos fidalgos opiparos  
 A airosa, nobre curva em que o dorso vergado  
 E' como o do acrobáta e do singelo creado  
 Grave, discreto, humilimo.

Jam rir nesse dia as mulheres formosas  
 Com pilherias de côrte e phrazes decorosas  
 E as facecias de um comico,  
 —Um comico que o Rei muita vez applaudia,  
 (Homem sério e formal, de alta, de real valia),  
 —Comico aristocratico.

A festa era um pretexto em que os nobres amantes,  
 Misturando o seu riso ao riso dos farçantes,  
 Francos, claros, liberrimos,  
 Podiam contemplar os desnudados collos  
 Das amantes, e amar, livres dos protocollos  
 Por entre os bosques lubricos...

Quem seria capaz de conservar-se triste  
Ao surgir no tablado o grande JEAN BAPTISTE  
POQUELIN, o sarcástico  
MOLIÈRE, si o Rei, de maneira indiscreta,  
Ria sempre ao ouvir uma allusão secreta  
Entre disfarce e symbolos.

Muitas vezes alguns d'entre os espectadores,  
Applaudindo, ou sorrindo, ou tecendo louvores,  
Faziam-no sem emphase,  
Pois viam que no palco os actores e actrizes,  
Pondo os typos em scena eram perversos juizes  
Das consciencias lethargicas...

Mas o Rei applaudia, e imitar o monarcha  
E' peso que um qualquer serenamente abarca  
Sem esforço e com exito ;  
E a assembléa applaudindo amor, zelos, arrufo,  
Sorria a *Sganarello*, ao *Acero*, ao *Tartufo*  
E ás *Preciosas Rídiculas*...

Ah! mais uma illusão! Não é da festa nobre  
Esse alegre acordar que o campo em torno cobre  
Como um rumor de crótalos ;  
—A garotada applaude e festeja um palhaço  
Que n'um carro do circo, engalamado e a passo  
Annuncia o espectáculo...



IV

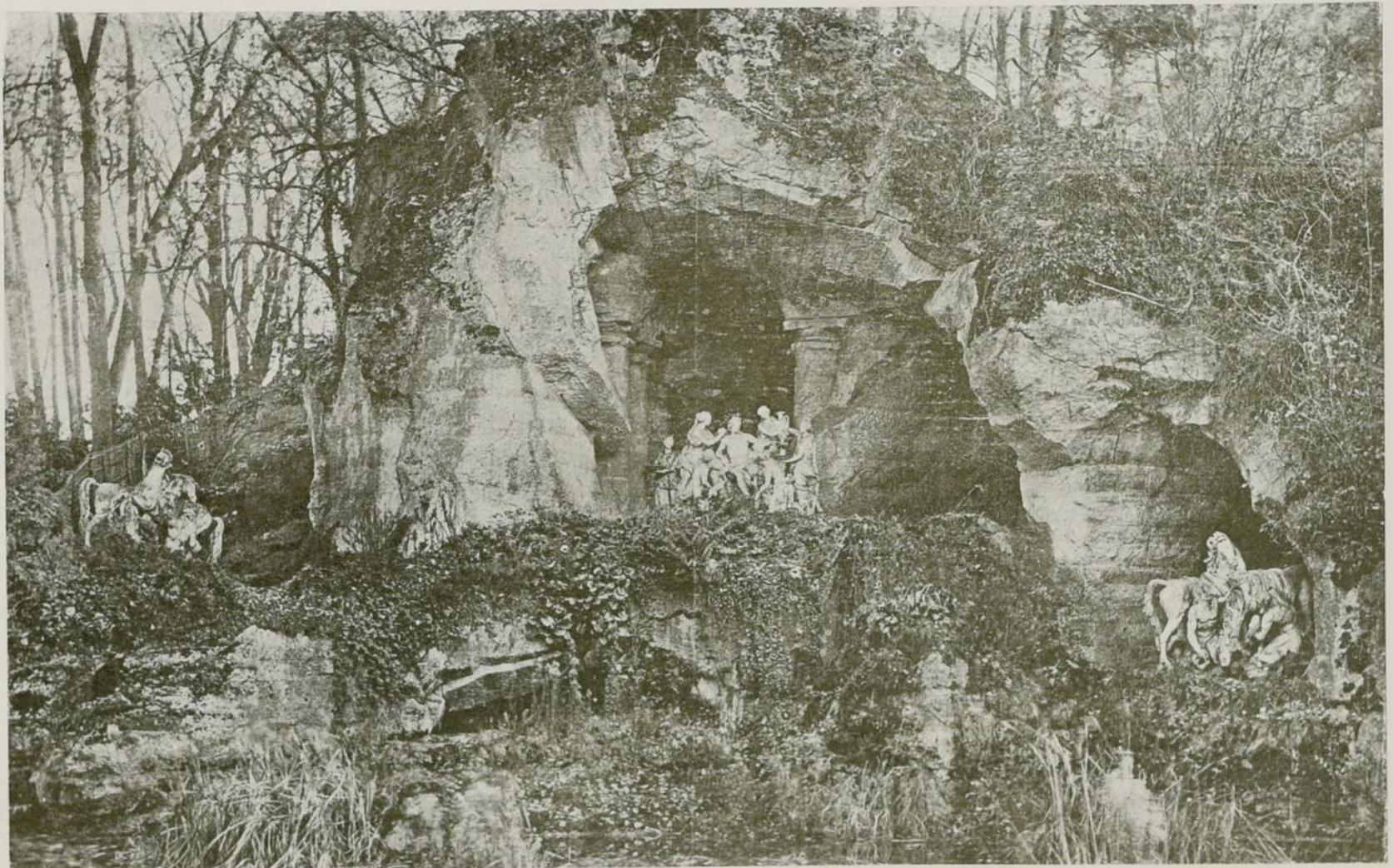
PALACIO DO PEQUENO TRIANON.—O TEMPLO DO AMOR

Juncto nos *Banhos de Apollo*  
Voa, sujando o solo,  
Ensebado papel ;  
E um cheiro de presunto  
Sóbe e se espalha juncto  
De opiparo farnel.

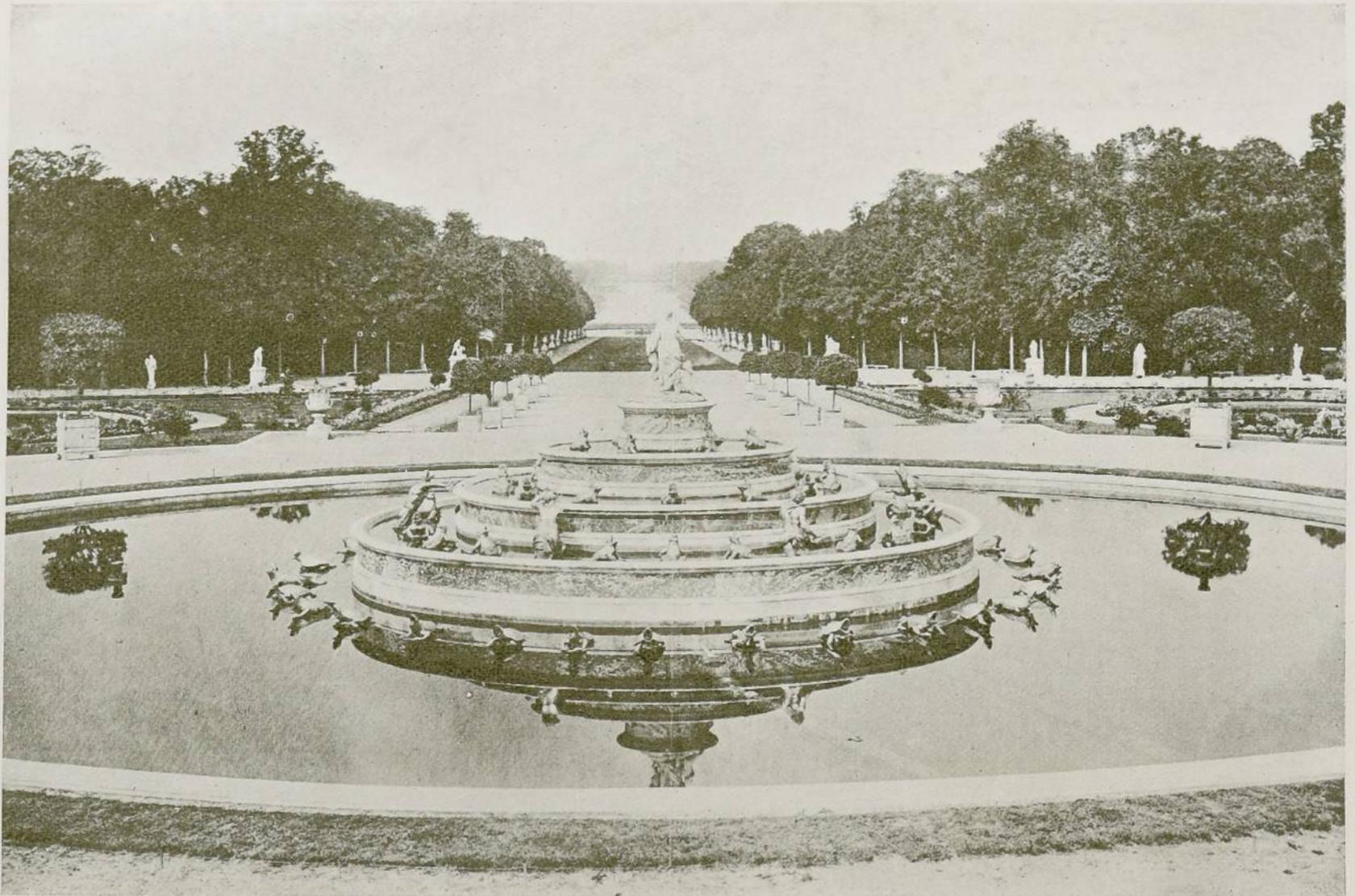
O nobre, antigo bosque  
Já tem ares de kiosque ;  
E parece um debique  
Vêr assim repimpados  
Burguezes desalmados  
Fazendo pique-nique !

Elegancia, etiqueta  
A' *Marie-Antoinetta*,  
Versos, rendas, *Watteau*,  
Memorias e lembranças,  
Sorrisos, loiras tranças,  
—Tudo, tudo passou !

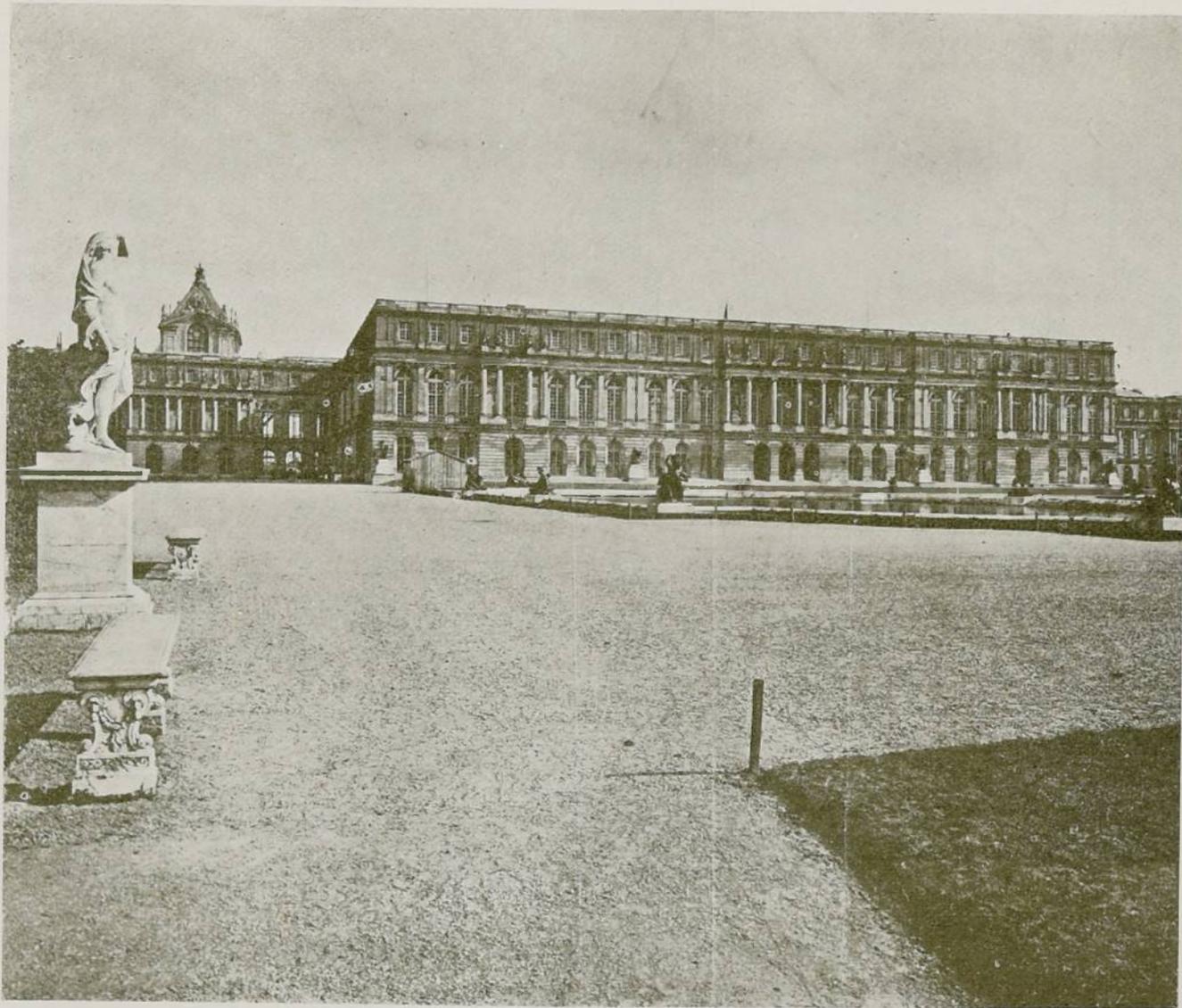
Adeus, frescos rumores,  
Adeus, cheirosas flores,  
Adeus, prados formosos !  
Ficai com vossos guias,  
Mauhans, noites e dias  
Dando sombra aos gulosos !



PARQUE DE VERSAILLES. — OS BANHOS DE APOLLO



PARQUE DE VERSAILLES — BACIA DAS RÃS



CASTELLO DE VERSAILLES — LADO DO PARQUE

V

E' noite: cãe a tarde,  
E no rubro arrebol,  
Covardo  
Heróe, se esconde o sol.

A floresta se occulta  
Na terra: e a fulgurar  
Avulta  
Tranquillo, manso luar.

Das arvores a fronde  
Embuçada no céo  
Esconde  
Os ninhos com seu véo.

O velario profundo  
Abre os olhos de luz  
Ao mundo  
E refulge e reluz.

E só dentro da treva,  
Mudo, o palacio real  
Se eleva  
Fantastico, espectral.

Brilha na noite escura  
Como vigia fiel  
A altura  
Da esguia Torre-Eiffel.

Surgem os pyrâmpas  
No bosque, no jardim,  
Nos campos  
N'uma ronda sem fim.

Sob a doirada messe  
Versailles se encantou:  
Parece  
Mudo, immerso Pierrot...

THOMAZ LOPES.

Fuenterabia — 26-Julho-1906.

## A MORTE DO ZUMBY

Foi quando ainda dominavam Pernambuco os Holandezes, que miseros escravos escapos ao eito, devassando os asperos sertões das Alagoas foram respirar um sopro de liberdade na selva que se adensava por entre palmeiras extensas, cobrindo largos tractos de terreno ainda inculto, ali fundando o seu Mocambo, destinado mais tarde a celebrar-se com a heroica resistencia a quantas expedições procuraram desbaratal-o.

Numero reduzido a principio, foi aos poucos augmentando com os contingentes que, raros, chegavam, até que espalhando-se a noticia de sua existencia, levas mais numerosas buscaram o rumo dos Palmares ali concentrando gente que attingiu segundo chronistas da epoca a 30.000 almas.

Afeitos á vida da selva, miseros seres arrancados aos sertões adustos da Africa Equatorial, costumados ao rude labor sob o latego senhoreal, não lhes empecu o prosperar a bruteza da matta que fechava a terra ubere, logo aceirada para o lavradio remunerador.

Assegurada a subsistencia pela lavoura, prestes se levantou o grande Mocambo dos Palmares em torno do Outeiro da Barriga, que em 1680 contava cerca de 1500 casas e teve por nome *Macaco*, porque naquelle logar os primeiros chegados haviam morto um desses quadrumanos (1).

Resentindo-se o gremio da falta de mulheres, e já um tanto mais audaciosos pelo numero, desceram os quilombolas ás proximidades dos Engenhos e Povoações da Capitania e ali começaram a raptar suas parceiras para a vida livre em commum.

Em pouco com esse recurso duplicava a população, estabelecendo-se então uma certa regularidade no seu modo de existencia.

Foi escolhido um rei d'entre os mais valentes e experimentados guerreiros, instituida a

(1) Habita (o Rei) na sua Cidade Real, que chamão o *Macaco*, nome sortido da morte que naquelle logar se deo a hum animal destes; esta é a Metropoli entre as mais Cidades e Povoações; está fortificada toda em cerco de páu apique, com torneiras abertas para offenderem a seu salvo os combatentes, e pela parte de fora toda se semea de estrepes de ferro, e de foios tão cavilosos que perigara nelles a maior vigilancia; occupa esta Cidade dilatado espaço; forma-se de mais de mil e quinhentas casas; ha entre elles Ministros de Justiça pera as execuções necessarias, e todos os arremedos de qualquer Republica se achão entre elles. Esta é a principal cidade dos Palmares...

*Discripção com noticias importantes do interior de Pernambuco, como Rio de S. Francisco, Porto Calvo, Palmares, Cabo de S. Agostinho, as distancias de huns logares a outros et cetera; das partes mais fertes; costumes dos Palmares (Negros) o modo como vivem, seu regimen; dos damnos que recebem os Portuguezes delles, enfim o estado em que foram achados os Palmares; sobre a partida de Pero de Almeida contra os ditos, e a discripção do que se fez para a ruina em que vieram a cahir os Palmares.*

Documentos existentes no Archivo da Torre do Tombo.

sua rude legislação, erecta uma capella em que o *Menino Deus* recebia as devoções de envolta com as mais grosseiras praticas de fetichismo.

E breve engrossou por tal modo a população do Quilombo que não foi bastante a primitiva povoação para contel-a.

Então, como medida mesmo de prudencia, disseminaram-se pelos arredores outras povoações que administravam os delegados do Rei. Diz um documento da época, existente no Archivo da Torre do Tombo e de que possui copia a nossa Bibliotheca Nacional:

«Estende-se pela parte superior do Rio S. Francisco huma corda de matta brava que vem a fazer termo sobre o Cabo de S. Agostinho, correndo quasi norte a sul do mesmo modo que corre a costa do mar; são as arvores principaes Palmeiras agrestes que derão ao terreno o nome de Palmares; são estas tão fecundas para todos os usos da vida que dellas se fazem vinho, azeite, sal, roupas etc.; as folhas servem ás casas de coberturas; os ramos de esteios, os fruitos de sustento; e da contextura com que as pencas se cobrem no tronco se fazem cordas para todo o genero de ligaduras, e amarras; não correm tão uniformemente estes Palmares que os não separem outras mattas de diversas arvores com que na distancia de sessenta legoas se acham distinctos Palmares; a saber ao Noroeste o *Mucambo do Zambí*, dezeseis legoas de Porto Calvo: e ao Norte deste, distancia de cinco legoas o de *Acotirene* e logo pela parte de Leste destes dous Mucambos chamados os das *Tabocas*; e destes ao Noroeste quatorze legoas o de *Dambrabanga*; e ao Norte deste oito legoas a *Cerca* chamada *Subupira*, e ao Norte desta seis legoas a *Cerca Real*, chamada o *Macaco*; ao Oeste desta cinco legoas o *Mucambo de Osenga*; e nove legoas de nossa Povoação de Serinhaen pera o Noroeste a *Cerca do Amaro*; e vinte e cinco legoas das Alagoas pera o Noroeste o Palmar de *Andalquituxe*, Irmão do *Zambí*; e entre todos estes que são os maiores e mais defensaveis ha outros de menor conta e de menos gente; distão estes *Mucambos* das nossas Povoações mais ou menos legoas conforme o lançamento delles, porque como occupão o vão de quarenta ou cincoenta legoas, huns estão mais remottos, outros mais proximos.»

E' corrente entre os nossos historiadores que o rei dos Palmaristas tinha o titulo de Zumby; ha nisso um evidente engano; o documento citado diz a esse respeito:

...«reconhecem-se todos obedientes a um que se chama o *Ganga Zumba*, que quer dizer *Senhor Grande*; a este tem por seu rei e senhor, todos os mais assim naturais dos Palmares, como vindos de fóra; tem palacio, casas de sua familia, é assistido de Guardas e Officiaes, que costumão ter as casas reais; é tratado com todos os respeitos de Rei, e

com todas as ceremonias de Senhor; os que chegam á sua presença poem logo o Gollo no chão e battem as palmas das mãos, signal do seu reconhecimento, e protestaço da sua excellencia; fallão-lhe por magestade, obedecem-se-lhe por admiraço.

...este é o Rei que os domina; as mais Cidades estão a cargo de Potentados e Cabos maiores que as governão e assistem nellas: umas maiores e outras menores conforme o sitio e a fertilidade os convida; a segunda cidade chama-se *Subupira*; nesta cidade assiste o Irmão do Rei que se chama *Zona* (Ganga Zona); é fortificada toda de madeira e pedras, comprehende mais de oitocentas cazas; occupa o vão de perto de huma legoa de comprido.»

Chegados a um certo ponto de fortaleza, começaram os Palmares a se converter em serio perigo para as povoaçoes e estabelecimentos ruraes circumvisinhos; em grandes bandos armados desciam os negros aos povoados, procurando escambo ás suas producçoes mas sempre buscando adquirir armamento para os seus aguerridos soldados.

O lavrador que com elles negociasse estava seguro de não ver assaltadas as suas lavouras; mas essa protecço, esse respeito aos quilombolas eram um incentivo á sua escravatura que breve o abandonava em busca dos *Mocambos* palmaristas.

Pouco a pouco foi se firmando no espirito dos governadores de Pernambuco, a urgencia da dispersão e aniquilamento desse grande Quilombo que perturbava toda uma extensa zona de territorio e que mais tarde poder-se-ia converter no mais temeroso dos perigos para o dominio portuguez.

Assim foram resolvidas as expediçoes que de 1673 a 1696 se succederam contra os Palmares.

Na collecço de *Consultas do Conselho Ultramarino* relativas ás Capitãias do Norte, existente na Bibliotheca Nacional podemos acompanhá-las todas.

A primeira, sob o commando do Capitão André da Rocha para nada serviu pois desde a partida começou a lavar forte discordia entre varios cabos.

A segunda, sob o commando do Coronel Antonio Jacome Bezerra, que foi mandado assistir nas Alagoas, era composta de 600 homens, 200 com o citado Coronel, 200 ás ordens do Sargento Mór Vicente Martins e 200 commandados pelos Capitães Antonio da Silva e Gonçalo Moreira. A discordia ainda inutilisou em parte essa expediço, pois que os indisciplinados capitães se excusaram de obedecer ás ordens de Bezerra, deixando-o agir sosinho. Diz o documento de que já extractamos alguns trechos que Bezerra alcançou grande victoria matando e prendendo muitos Palmaristas.

Uma *consulta* de 18 de Novembro de 1873 nada diz sobre essa victoria mas ve-se por ella que o Alcaide-Mór de Porto Calvo, Chris-

tovão Luiz, vendo assoladas as suas lavouras pelos ousados negros, fora-lhes ao encalço com um troço de ordenanças, atacando um *Mocambo* que contava cerca de 700 casas e devastando-o, quasi sem encontrar resistencia.

Depois de varias expediçoes sem importancia pelos resultados, expediu o governador D. Pedro de Almeida uma outra de 280 homens com melhor organisaço, que partindo de Porto Calvo a 23 de Setembro de 1875, em Dezembro do mesmo anno travou combate com os Palmaristas, derrotando-os completamente, e estabelecendo um Arraial no lugar do combate durante cinco mezes o que impedindo os negros de cuidar de suas lavouras, levou-lhes o desanimo ao espirito.

Seguiram depois avante mais 25 legoas para o sertão, atacando a gente ás ordens do *Zambi* que derrotado e ferido por bala em uma perna fugiu precipitadamente.

Outra expediço e a mais fructuosa foi a que sob o commando de Fernão Carrilho convidado pelo governador para Capitão-Mór da conquista dos Palmares, partiu a 21 de Setembro de 1677 de Porto Calvo para o sertão. Composta unicamente de 185 soldados brancos e indios, armados e municados á custa das municipalidades circumvisinhas, em 4 de Outubro atacou Carrilho a *Cerca de Acatirene* derrotando os seus defensores. Por alguns prisioneiros soube que o Rei *Ganga Zumba* e seu irmão *Ganga Zona* se achavam com varios outros chefes em *Subupira*. A 9 do mesmo mez para esse *Mocambo* partiu a expediço e ali chegando só achou as cinzas da grande cidade incendiada pelos Palmares em retirada — Formou então Carrilho nesse ponto o Arraial do Bom Jesus, mandando pedir soccorros ao governador por ter sua tropa reduzida a 130 homens pelas mortes e deserçoes. Seguiu em seu auxilio o Sargento-Mór Manoel Lopes com gente, muniçoes e mantimentos. Desse arraial mandou Carrilho varias expediçoes contra os *Mocambos* mais proximos. Por uma dellas foi derrotada uma partida de Palmares ficando prisioneiro *Ganga Muissa* Mestre de Campo da gente de Angola, e mortos varios cabos de valor: Gaspar, Capitão da guarda do Rei, João Tapuya e Ambrosio «*afamados cossarios*».

Outra expediço enviada contra o *Mocambo* do Amaro, onde estava o Rei deu em resultado nova e completa derrota dos Palmaristas, ficando prisioneiros «o *Acaiuba*, com dous filhos do Rei; hum macho chamado *Zambi*, e outro por nome *Acaينه*, e entre netos e sobrinhos do mesmo Rei que se captivarão serião vinte; pereceo o *Tuculo*, filho tambem do Rei, grande *Cossario*, e o *Pacassa*, poderosos senhores entre elles e o *Rey do furor dos nossos Capitaens* se retirou fugindo tão arrojadamente que largou uma pistola dourada e a espada de que usava.»

Terceira expediço enviada por Carrilho teve o mesmo resultado morrendo no encon-

tro havido entre outros muitos o *Gone*, grande potentado.

Em 29 de Janeiro de 1678 partiu Fernão Carrilho de Bom Jesus para Porto Calvo, julgando terminada a guerra. Uma força portadora de mantimentos, enviada pelo Coronel Manoel Lopes que assistia nas Alagoas encontrando um grupo de Palmaristas commandado por Gamga Zumba em pessoa, infligiu-lhe grande derrota.

Lavrando grande desanimo entre os quilombolas entendeu Carrilho propor-lhes a rendição completa, para esse fim expedindo-lhes dous emissarios, Matheus Dambi e uma negra Angola por nome Magdalena, aprisionados em combate. Ameaçava Carrilho os Palmaristas caso não se rendessem de fazer nova expedição aos seus Mocambos não lhes dando quartel.

Chegado Carrilho a Pernambuco aprovou o governador o que elle fizera e enviou aos Palmares um Alferes para em seu nome intimar a rendição dizendo que Carrilho ficara preparando uma nova e poderosa expedição.

A 18 de Junho de 1678, já governando então a Capitania Ayres de Castro, chegou ao Recife o Alferes expedido por D. Pedro de Almeida, trazendo em sua companhia tres filhos do rei e uma comitiva de onze negros. (3)

Houve grandes festejos com a chegada dos embaixadores dos Palmares. Reunido o Conselho convocado pelo governador, resolveu que voltasse a embaixada aos Palmares levando as condições do governador que eram:

- 1) Descerem os negros a residir no lugar denominado Cucaú, ahi formando sua aldea governada por seus maioraes conforme as dos indios;
- 2) Reconhecerem-se subditos do Rei de Portugal, recebendo o baptismo que lhes seria administrado logo que descessem;
- 3) Entrega dos captivos fugidos das diversas partes da Capitania para os Palmares.

Voltaram aos Mocambos os embaixadores acompanhados por um sargento do Terço dos Henriques levando as condições impostas pelo governador.

Desceram por essa occasião os moradores de tres Mocambos ao lugar determinado.

Mas parece que á proporção que desciam os pretos livres, nascidos nos Palmares, conforme accordara Ayres de Castro, os escravos nada resolutos a voltarem ao eito se embrenhavam pelo sertão indo fortalecer os Mocambos mais distantes. O Provedor da Fazenda de Pernambuco João do Rego Barros, em carta de 22 de Junho de 1678, diz que os escravos estavam quasi todos no Mocambo de *Gasosana*. Insistencias do governador por intermedio des negros submettidos, fizeram com que baixassem mais 300, ficando no matto um

(3) Carta do Provedor da Fazenda João do Rego Barros, em 22 de Junho de 1678 a S. M.

unico potentado chamado *Zumby*, sobrinho dos reis que desceram.

Com esse foram baldadas as supplicas para que se submettesse.

Enviou-lhe o governador um emissario, seu tio *Engasoná*, (4) improficuamente.

E assim termina a primeira parte da guerra dos Palmares.

Ve-se que quasi foram extinctos graças aos esforços dos governadores D. Pedro de Almeida e Ayres de Castro secundados pelo arrojado de Carrilho e seus soldados.

Atemorisados pelas continuas derrotas, os Palmaristas se submeteram, vindo habitar em ponto onde facilmente eram vigiados. Só um dentre os seus chefes, não confiou na palavra portugueza e continuou internado pelo sertão a frente dos seus parceiros, rei então aclamado pela submissão dos dous outros soberanos a cuja familia pertencia.

Esse foi o Zumby que em 1680, travou batalha a frente dos Palmaristas com uma expedição commandada pelo Sargento-Mór Manoel Lopes, em que morreram 800 negros, entre elles afamados Cabos. (5)

Fazia parte da expedição o maioral da Aldea de Cevahu (Cucaú?) da gente Palmar, que guiou as tropas portuguezas até o Mocambo do Zumby.

Houve porem suspeitas de que os Palmaristas submettidos se correspondiam com os Mocambos, dando aviso do movimento das tropas e ao mesmo tempo que elles intentavam se levantar voltando ao sertão, e por esse motivo *foram todos presos, considerados como escravos* e distribuidos juntamente com os prisioneiros feitos na campanha.

Quanta razão tivera o Zumby para não confiar nas promessas dos brancos!

Em 1684, o novo Governador D. João de Souza enviou Carrilho a fazer uma entrada nos Palmares, ordenando-lhe não desse quartel aos negros que prosperavam extraordinariamente sob a administração do Zumby.

Desaveio-se porem Carrilho com o Governador pois quiz ajustar pazes com os negros como anteriormente praticára, ao que não accedeu o Governador, expedindo-lhe ordens terminantes para que atacasse o Mocambo que elle sitiava (*Macaco*) o que elle fez frouxamente e sem nenhum resultado por terem fugido os negros mais para o sertão.

Voltando ao Recife foi preso Carrilho, julgado e condemnado a degredo para o Ceará, succedendo-lhe no commando João de Freitas da Cunha que atacou pequenos Mocambos degollando para escarmanto todos os prisioneiros.

Instituiu o Governador dous postos de observação juntos aos Mocambos, nelles aldeando cem soldados e indios para impedir que os negros cuidassem de suas lavouras. Mas a

(4) Carta de João de Rego Barros, em 16 de Agosto de 1679.

(5) Carta de Ayres de Castro, em 22 de Abril de 1680.

escassez dos meios em breve fez extinguir essas aldeas. (6)

Com a extinção desses postos recommençaram os Palmaristas a commetter depredações de toda a sorte contra os lavradores da circumvisinhança.

Resolvendo Souto Maior enviar contra elles uma nova expedição, offereceu-se-lhe Carrilho que estava preso para marchar como simples soldado; mandou Souto Maior então libertal-o, nomeando-o commandante da expedição.

Por esse tempo recebeu elle uma carta de *uns Paulistas* que andavam pelos sertões, pedindo-lhe patentes para a campanha dos Palmares. (7)

Partiu Carrilho para o sertão, por todo o caminho sendo atormentado com emboscadas.

Talou a expedição as lavouras dos Quilombolas de tal sorte que muitos vieram ao acampamento pedir perdão, entregando-se á discricção.

O rigoroso inverno impediu a continuação da campanha.

Pela primeira vez ordenou a Corte em 20 de Março de 1687 que fossem pagos quatrocentos homens dos Terços de Henriques e Camarões para fundarem arraiaes nas proximidades dos Palmares.

Em 15 de Julho de 1689 os habitantes de Porto Calvo dirigiram á Corte um representação sobre os continuos vexames de que eram victimas por parte dos negros dos Palmares. Pediam que fosse ordenado ao Capitão-mór dos Indios Antonio Pessoa Arco Verde que estabelecesse tres Aldeas da gente de sua nação em Serinhaen, Porto Calvo e Alagoas, para conter os negros em respeito. Não foi deferido esse pedido pela contraria informação dos Padres da Companhia de Jesus que aconselharam a vinda dos Paulistas sob o commando de Domingos Jorge Velho que já se tinha proposto ao Governador para tentar a expedição.

Assumindo o governo da Capitania Caetano de Mello Castro, acceitou as propostas dos Paulistas, ratificando o trato que com elles fizera o seu antecessor, em 3 de Dezembro de 1691.

Marchou então para os Palmares a expedição que devia exterminar o poderio do Zumby.

Sobre o seu resultado diz a consulta do Conselho Ultramarino de 18 de Agosto de 1696:

«O governador de Pernambuco Caetano de Mello e Castro, em carta de 13 de Março deste anno, dá conta a Vossa Magestade a noticia de se haver conseguido a morte do Zumby ao qual descobrira hum Mulato de seu maior valimento que os moradores do Rio de S. Francisco apresionarão, e remetendo-se-lhe topara com uma das tropas que dedicara aquelles destrictos, que acertou ser de Paulistas em que hia por Cabo o Capitão André Furtado de Mendonça e temendo-se o

Mulato de ser punido por seus graves crimes, offerecera que segurando-se-lhe a vida em nome d'elle governador se obrigava a entregar o dito Zumby e acceitando-se-lhe a offerta desempenhara a palavra guiando a tropa ao Mocambo do Negro que tinha já lançado fora a pouca familia que o acompanhava, ficando sómente com vinte negros dos quaes mandara quatorze para os pontos das emboscadas que esta gente usa no seu modo de guerra e lindo com os mais que lhe restavão a se occultar no somidouro que artificialmente havia fabricado, *achando tomada a passagem pelejára valerosamente ou desesperadamente matando hum homem, ferindo alguns e não querendo render-se nem os companheiros fora preciso matal-os apanhando só hum vivo* que enviando-se-lhe a cabeça do Zumby determinara se pozesse em um páo no logar mais publico daquella praça a satisfazer os offendidos justamente queixosos e atemorisar os negros que supersticiosamente julgavão este immortal, pelo que se entende que nesta empresa se acabara de todo com os Palmares que estimaria elle governador que em tudo se experimentassem successos felices para que Vossa Magestade se satisfaça do zelo com que procura desempenhar as obrigações de leal vassallo.

Ao Conselho parece fazer presente o que escreve o governador de Pernambuco Caetano de Mello e Castro de se haver conseguido a morte do Negro Zumby entendendo que por este meio se poderão reduzir os mais dos Palmares *por ser este a cabeça principal das inquietações e movimentos da guerra*, que tão sensivelmente padecião os moradores daquellas Capitancias com tanta perda de suas fazendas e morte de muitos e que Vossa Magestade deve mandar agradecer ao dito governador o bem com que neste particular e nos mais do serviço de Vossa Magestade se ha havido e que o perdão que se deo a este Mulato se deve aprovar na consideração da importancia deste negocio e de se poder por termo as hostelidades tão repetidas quantas os vassallos de Vossa Magestade sentirão na extorção e violencia deste negro Zumby.—Lisboa 18 de Agosto de 1695 — Conde — Sepulveda — Serrão.

*A' margem.* Como parece. Lisboa 22 de Agosto de 1696 — Rey.»

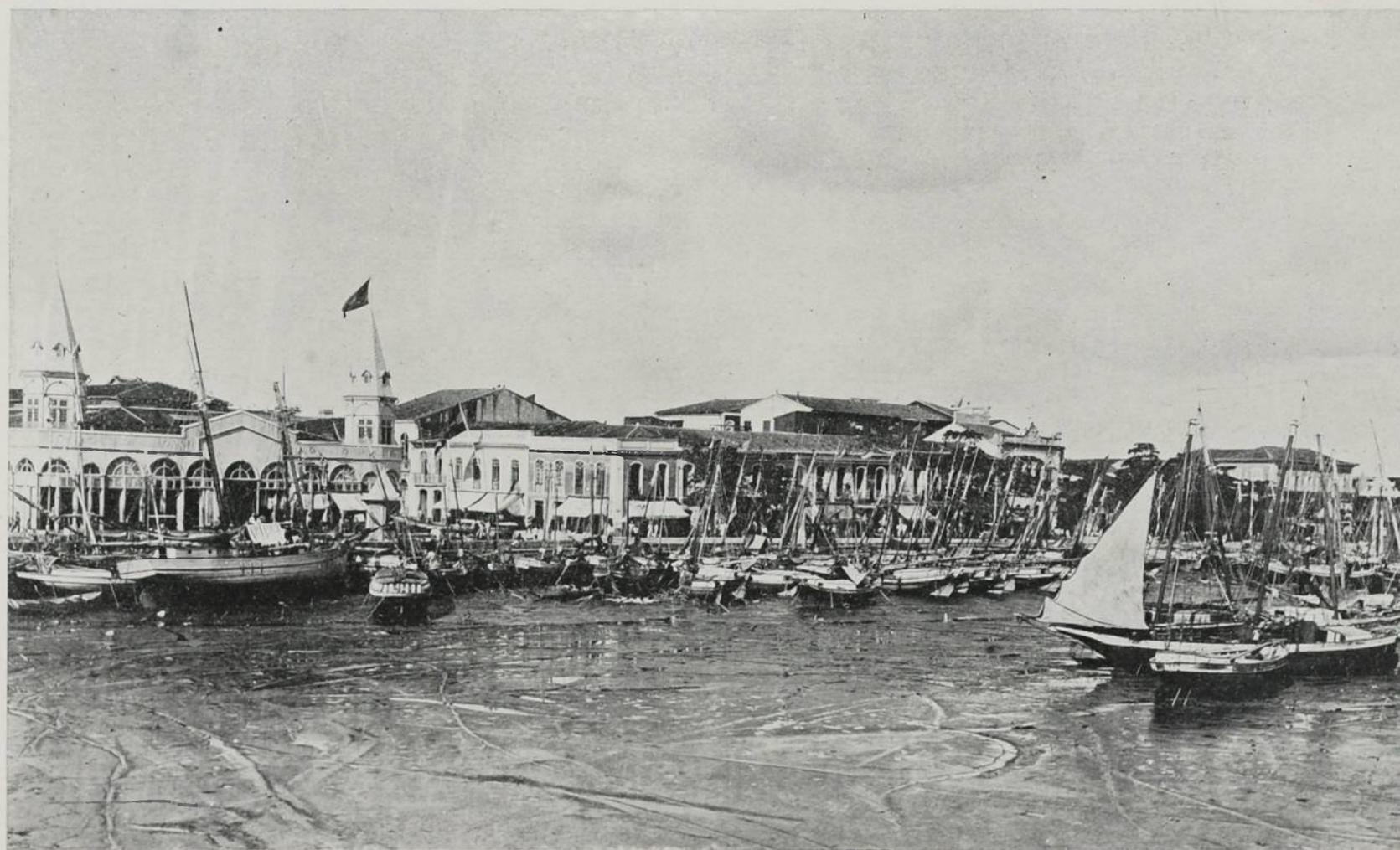
Desse documento se depreheende não passar de lenda o suicidio do Zumby.

Entretanto a morte em combate assim verificada não lhe diminue em nada a grandeza do valor. E os proprios documentos officiaes se encarregam de dar grande proporção ao vulto do heróe negro que resistiu impavido a um exercito de 7.000 soldados aguerridos, digno sem duvida de figurar na gloriosa galleria dos martyres da liberdade.

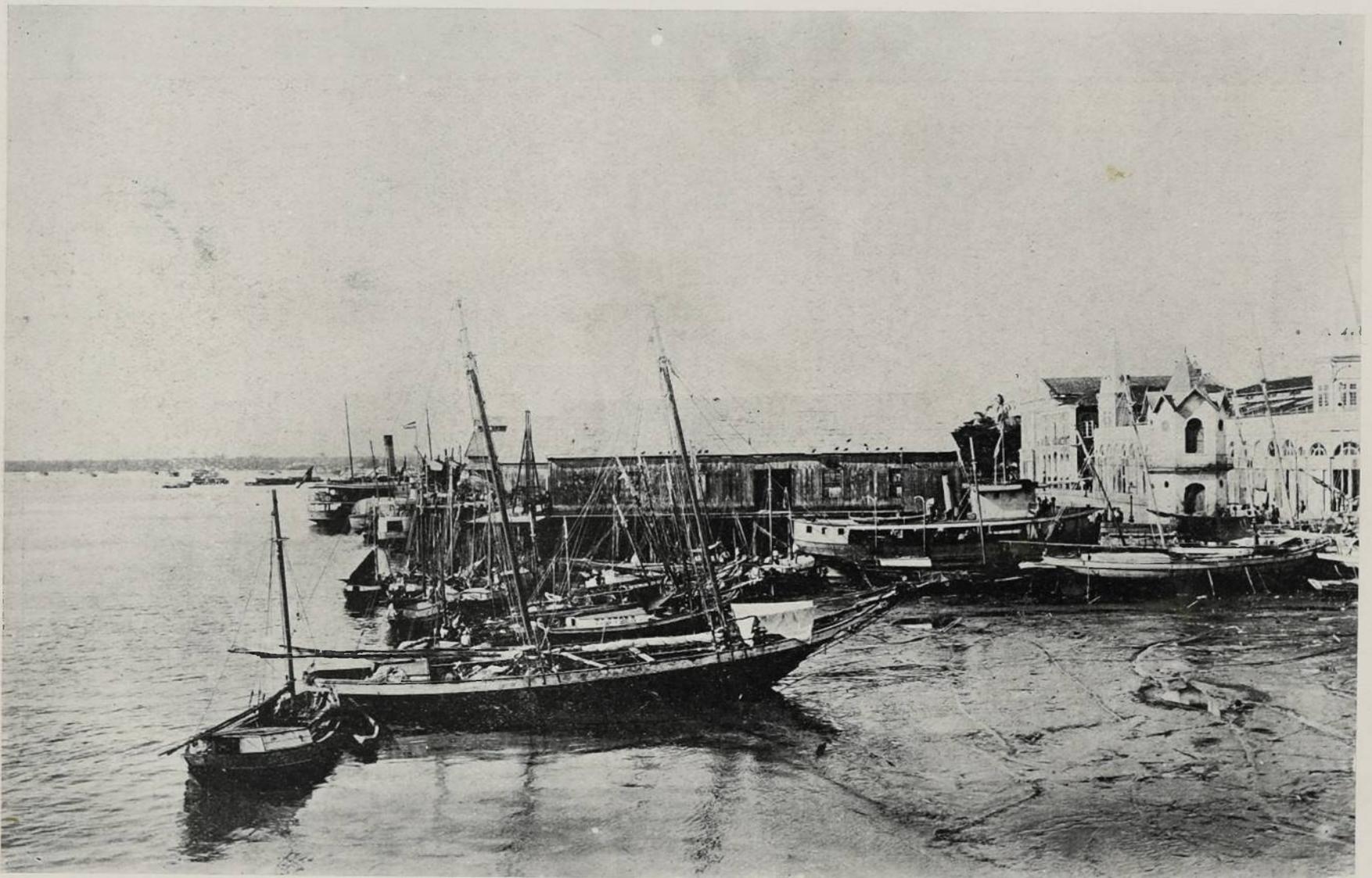
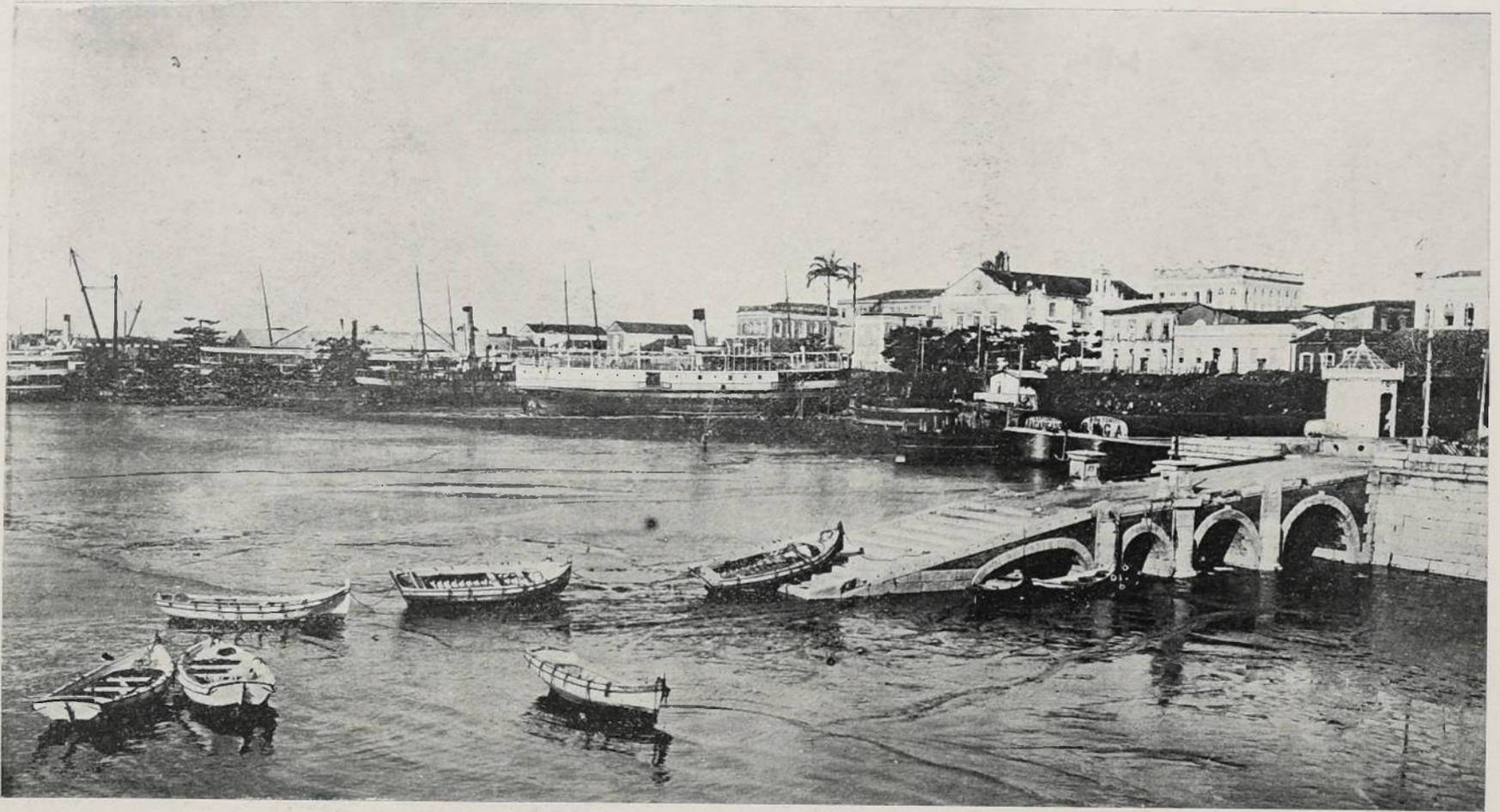
(6) Carta do Governador D. João da Cunha Souto Maior em 8 de Agosto de 1685.

(7) Carta do mesmo em 7 de Novembro do mesmo anno.

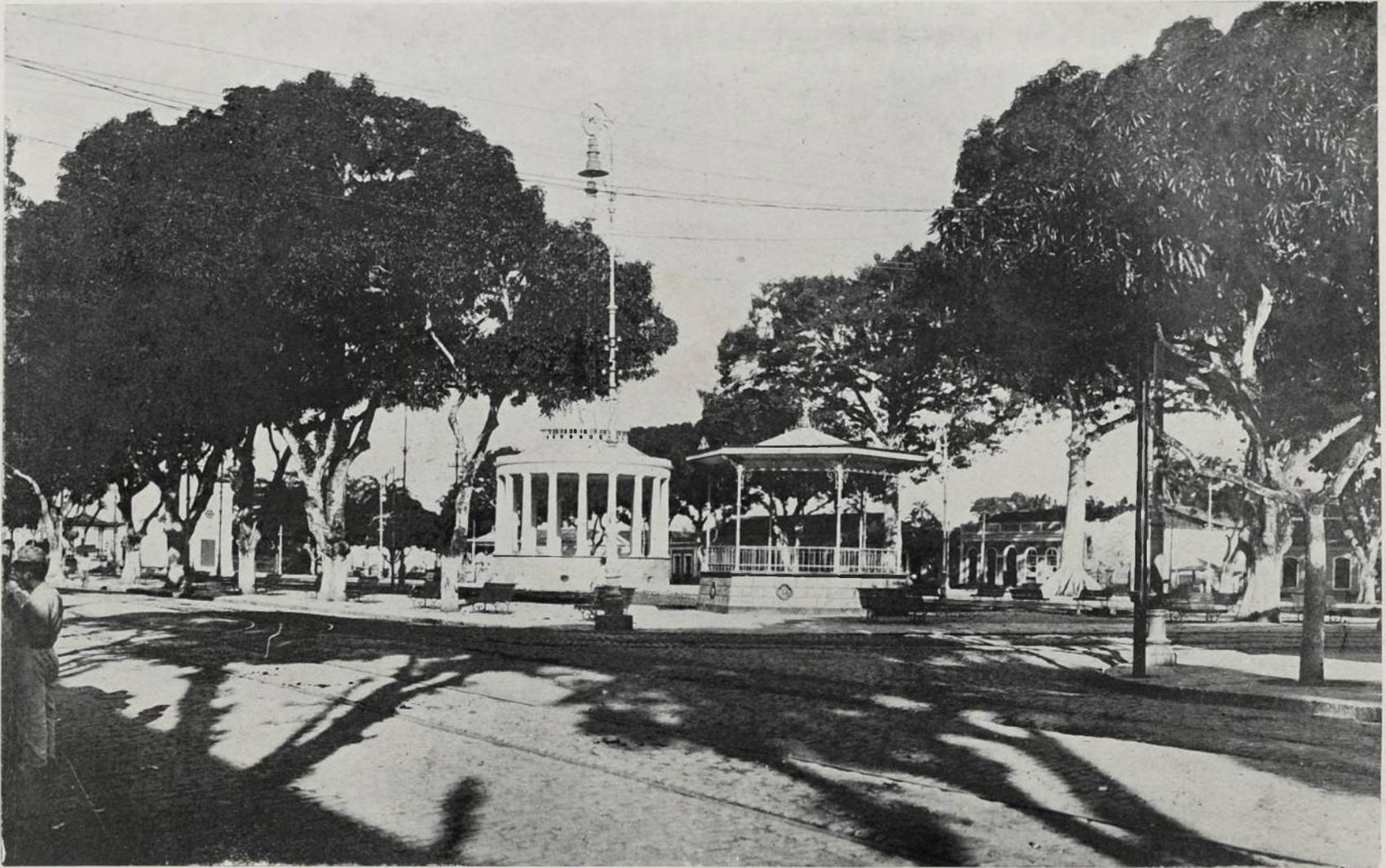
# A Excursão do Presidente Eleito



ESTADO DO PARÁ — O PORTO



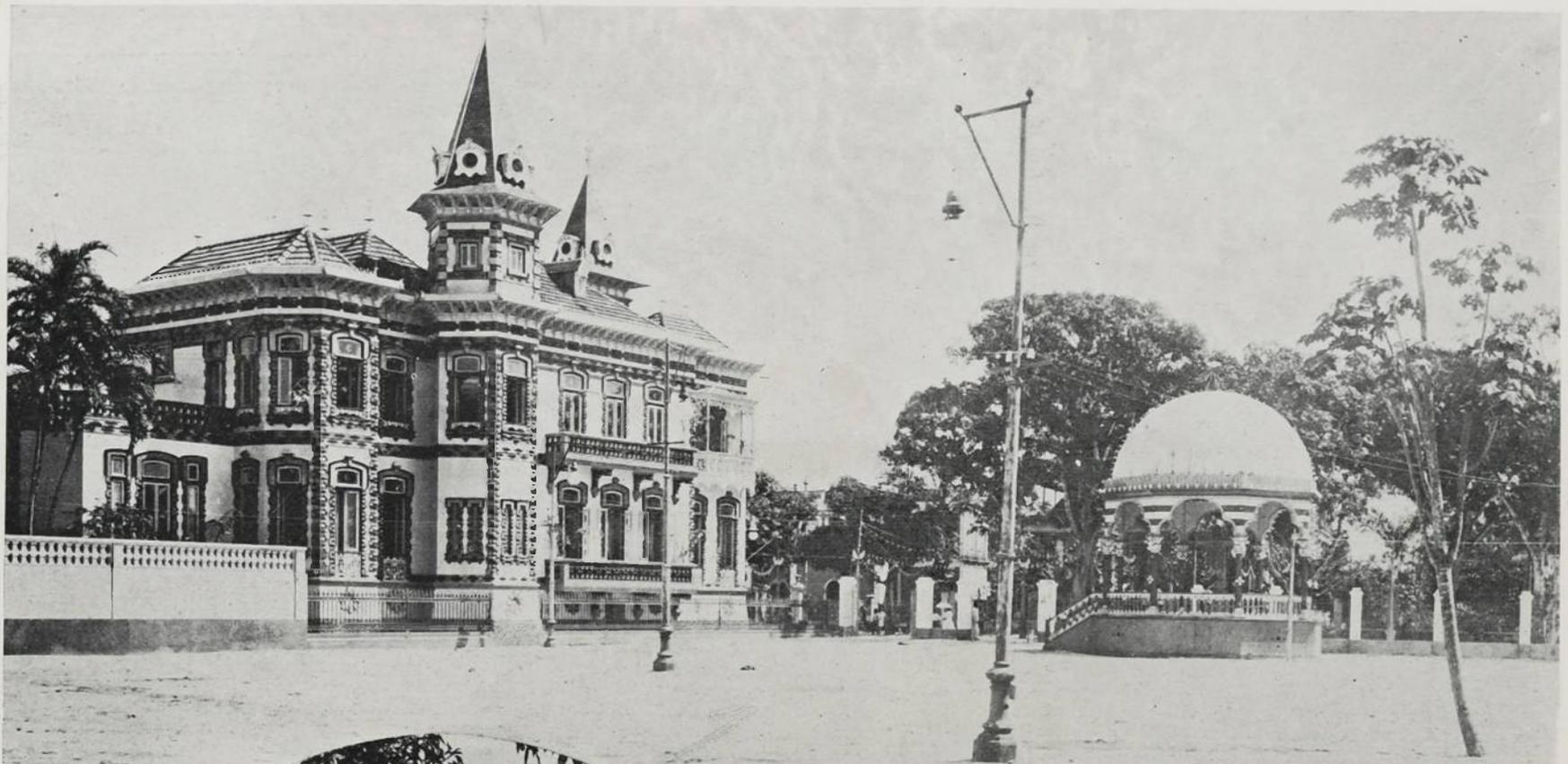
PORTO DE BELEM — PARÁ



PRAÇA JUSTO CHERMONT — PARÁ



PRAÇA DA REPUBLICA — PARÁ



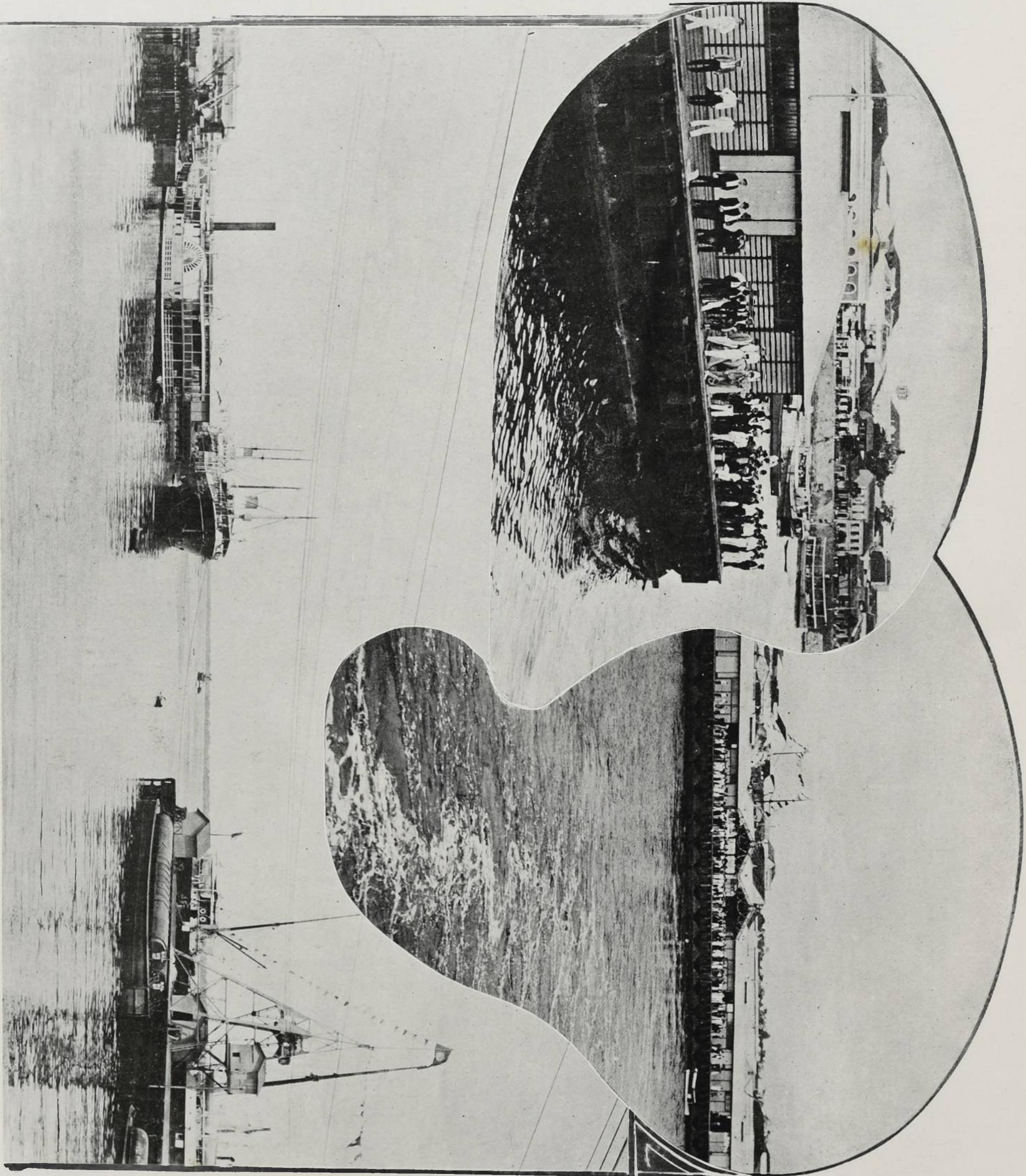
PALACETE DO CORONEL CARLOS BRICIO DA COSTA NA AVENIDA S. JERONYMO, ONDE SE HOSPEDOU O DR. AFFONSO PENNA

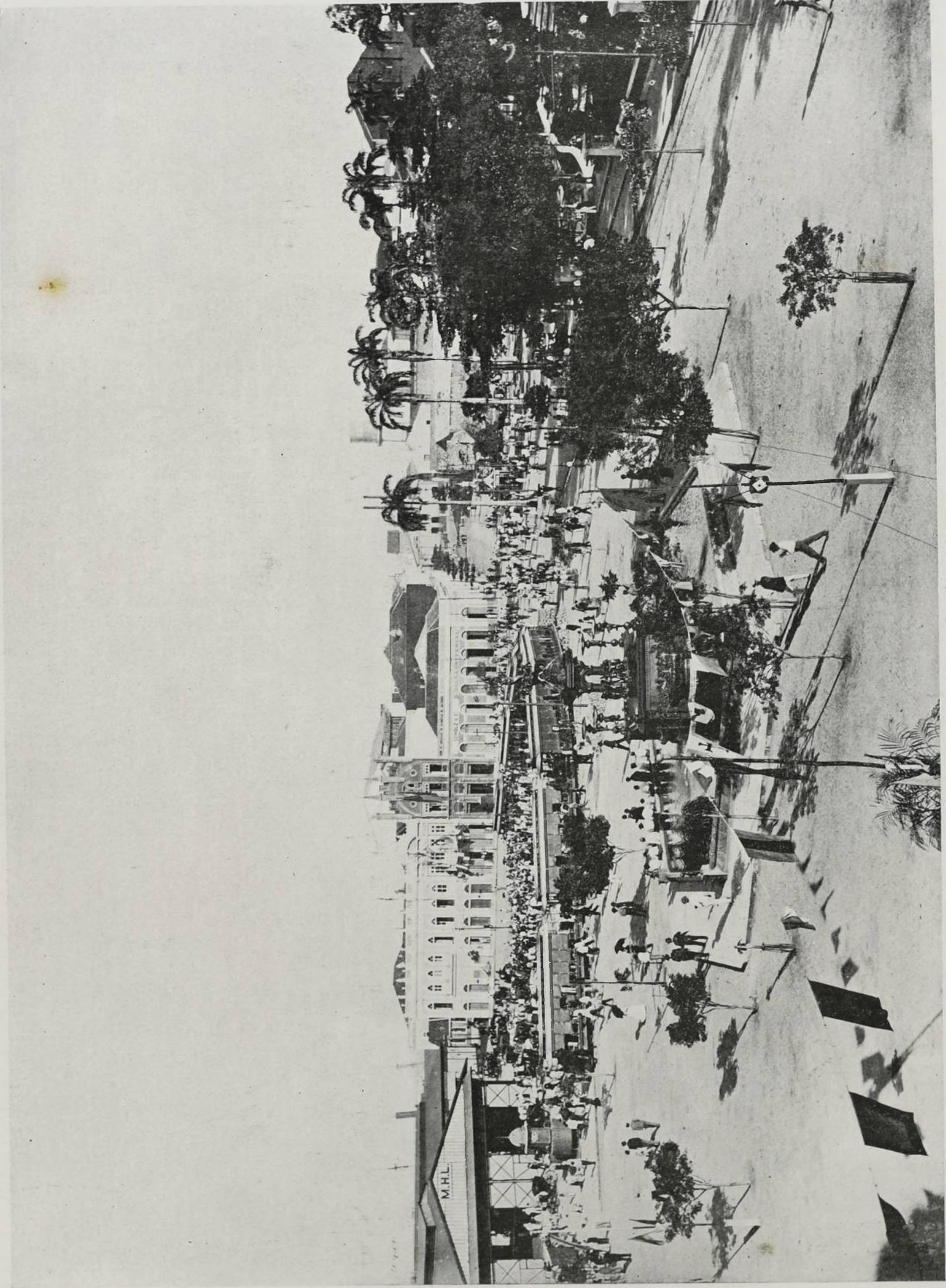
DR. AFFONSO PENNA E DR. AUGUSTO MONTENEGRO, PRESIDENTE DO ESTADO DO PARÁ



RIO AMAZONAS

MANAOS — AMAZONAS





MANAÓS — AMAZONAS



MANAÓS

## ESMAGADO

Correspondendo á gentileza do convite do nosso illustre collaborador, o sr. B. de A., a talentosa escriptora patricia que se assigna *Maria Salomé* nos enviou o conto que hoje prazerosamente publicamos.

Os nossos amadores de bellas-letas que avaliem da superioridade espirital dessa modesta e finissima literata e, se a julgarem como a julgamos, sem duvida concordarão que á *Kosmos* caberá a gloria de ter dado ás letas brasileiras mais a fulguração de um nome.

N. DA D.

HAVIA uma hora que Roberto ali estava, no canapé, esquecido de tudo, o busto pendido sobre as pernas, os cotovelos fincados nos joelhos, amparando a cabeça com as mãos ambas.

Acabava de chegar da Europa. E, apenas, sua mãe ouviu o raspar de sapatos lá baixo, no granito da escada, correu a recebê-lo com um abraço estreitado, em que morriam as saudades de dez annos escoados. Mas Roberto perguntou logo por Dulce, sua irmã;

— E Dulce, mamãe?

— Morreu...

Disse ella, com os olhos baixos, muito branca e tremula.

Roberto estacou aturdido, subjugado por uma emoção violenta. Tinha o olhar parado e uma palidez de magnolia espargiu-se por todo o seu rosto. Subitas vieram-lhe as lagrimas abundantes, gotas sobre gotas, trementes pelas faces abaixo e, na macieza do seu fino bigode castanho, quebraram-se uma após outra, silenciosas, doloridamente. E sua mãe falava-lhe meiga e santa, consolava-o com as palavras as mais delicadas, tudo fez para minguar-lhe o soffrimento. Mas foi obrigada a deixá-lo só, porque nella também o coração sangrava...

Mais tarde veiu ella, mansa e solícita, sentar-se ao lado do filho;

— Então Roberto?...

Elle ergueu a cabeça, os olhos abertos e vermelhos, o rosto angustiado.

E falaram, então na morta. Roberto queria saber tudo, tudo: Em que dia, a que hora Dulce morreu; qual a molestia, se os padecimentos foram grandes, se ella teve uma agonia cruel... Queria todos os detalhes. Gozaria a dôr, lentamente, como n'uma mortificação de penitencia.

E tudo que sua mãe ia narrando, difficilmente, com os olhos baixos, livida, nervosa, cahia-lhe n'alma aos poucos, soluçante e triste.

— E o marido aquelle Getulio de Barros, que elle nunca vira?

— Soffreu muito coitado!... Foi viajar.

Informou-lhe a mãe ainda mais branca e tremula.

Agora elle queria saber se o Getulio fôra bom esposo, se Dulce o amara muito.

Tinha perguntas de criança, curiosidades tolas.

Calaram-se. Os canarios, nas gaiolas alvas, chilreavam um duetino de risos e amor. E a sonoridade desse canto nervoso, claro, vibrante, intenso, tremia no ar, suspenso, fino, enchendo toda a sala de uma alegria nova.

Té na luz palpitava o espiritalismo dessa canção, e onde ella pousava surgia a irradiação de uma garrula nota luminosa que subia no espaço e vagueava, e ondulava, sonora e longa.

De repente perguntou Roberto, levantando-se do canapé:

— Mamãe, tem levado flores ao tumulo de Dulce?

A senhora disfarçou uma contracção nervosa, levantando-se também e ia retirar-se, mas Roberto insistiu na pergunta.

— Como meu filho?... Se ella está tão longe... lá em Petropolis...

Elle não disse mais um palavra; encaminhou-se para a janela, com as mãos nos bolsos, o coração menos afflicto. Dahi via o jardim, de estreitos caminhos cobertos de cascalho branco, e moitas verdes de arbustos vicejantes.

Perto de casa um pé de manacá, aberto como um chapéu de sol, todo verde, estava pintalgado de flores alvas e roxas; e lá para os tufos multicores dos crotons folhudos uma roseira enfeitava-se com uma infinidade de botões carminados, como pequeninos globos de vidro fino. Para longe ficavam outros jardins; do meio de copas esmeraldinas appareciam telhados novos, paredes de uma sympathica côr de madresilva emmurchecida com gelosias *verde-ligeiro*; flechas recortadas de chalets; e no horisonte uma grande montanha, coberta de tufos verdes.

E Roberto pensava na sua querida Dulce, imaginava o seu pequeno tumulo de marmore branco, lá no cemiterio de Petropolis, um jardim mais bonito que esses; ao lado do tumulo deveriam ter plantado roseiras que abriam agora as suas flores perfumadas; e naquelle silencio da terra dos mortos, a eterna habitação de Dulce, nova entre as mais novas, resplandeceria encantadora e santa no meio da verde folhagem dos galhos, todos ponteados de rosas carmin e branco; e, de quando em quando, pendente de tranças delgadas, como se viesse beijar a pedra, o vivo amarelo de uma eglantina, deslumbrante na fertilidade de suas petalas

curvas e languorosas. Os passarinhos, de passagem, desceriam até o tumulto para cantar uma nenia... e as borboletas, as grandes borboletas azues-douradas—dos tropicos, viriam pousar ali, pela calma dos dias, para saciar a sede nas lagrimas que a noite chorasse sobre a eterna morada da pobresinha...

Dias depois veio uma desconhecida procurá-lo. Uma mulher! Era estranho.

Na sala de visitas, n'um dos *fauteuils*, encontrou uma mulher quarentona, gordalhuda e baixa, apertada na seda coçada de um vestido preto. Seu largo rosto gordo, dessa gordura flácida dos balofos, tinha uma côr esverdeada e doentia; e nas orbitas roxas dois pequeninos olhos de ladra rolavam, desassocegradamente, raiados de sangue.

—E' ao irmão da *menina* Dulce, com quem tenho a honra de falar?

—Sim, senhora.

E a mulher começou a explicar o motivo de sua visita, um pouco confusa, fazendo a voz muito humilde e sentida. Sabendo que elle chegara da Europa não quiz vir logo incommodal-o, e era receiosa que vinha agora para tratar de assumpto tão triste... mas, infelizmente, ella era uma pobre de Christo, perdida neste mundo máu.

Não tinha nada, vivia n'uma pobreza negra, no emtanto já havia matado a fome a outras, mais desgraçadas do que ella.

Roberto, impaciente, enjoado por aquella humildade refalsada, interrompeu-lhe o discurso.

—Mas, far-me-ha o favor de ser breve. Por que falou-me no nome de minha irmã?

—Ah senhor! disse ella com um suspiro affectado, V. S. ignora tudo.

E pondo as mãos em attitude de supplica, os olhinhos vermelhos levantados para o tecto: E serei eu, Deus do céu! obrigada a desvendar o segredo.

—Mas, pelo amor de Deus, fale, vamos, fale, que eu já estou estafado de atural-a.

Berrou Roberto, fóra de si, prevendo uma mystificação sob o nome de sua irmã. A mulher fitou-o medrosa; encheram-se-lhe os olhos d'agua.

—Por que me maltrata, meu senhor? Pois bem, não direi nem mais uma palavra.

Rebuscou um envelope que entregou ao moço.

Roberto abriu-o, de vagar, sem vontade quasi. De repente fez-se muito branco. Pestanejou, leu outra vez e ficou a olhar aquella tira de papel impresso.

—Que vem a ser isto?

—E' a conta do enterro da menina Dulce... coitadinha! Morreu nestes braços, que V. S. vê, lá em nossa casa, á rua do Lavradio... Tão bonita qu'ella foi! Tão boasinha, a pequena! Eu até ás vezes nem quero crêr que exista um Deus. Ah! meu senhor, era sempre com estes olhos cheios de lagrimas que eu a contemplava. Foi uma desvairada, uma criança. Que as outras caiam assim, vá, porem ella, tão bem educada, tão feliz, tendo familia, uma casa de amigos, um marido que a estimava!...

Enxugara as lagrimas com as costas das mãos, fungando as narinas, falando sempre.

Roberto escutava-a, agora mudo, perplexo, vencido. A grande palidez de rosto, sem uma gota de sangue, fazia reluzir mais suas pupilas negras, dava-lhe ao olhar um aspecto selvagem. E escutava, attento, toda a horrivel confissão da mulher. Ah! comprehendia, neste momento, o silencio que fizeram em torno do cadaver da infeliz; era que ella, a sua pobre irmã querida, descera á cova amortalhada nas vestes de prostituta. E sobre aquelle caixão desprezível, comprado pelo dinheiro infamante de uma velha barrigã, ficou abandonada, nem uma grinalda de saudades, nem uma lembrança piedosa... Partiu só, n'um carro funebre, para o eterno leito da morte; e, talvez, o dia sorrisse nos esplendores de uma luz immensa, a natureza toda estivesse em festa, as plantas florescentes, e houvesse na espessura dos arvoredos novos, pipilos de passarada que acorda, e atila e canta muito.

Veiu-lhe uma grande tristeza amarga á alma soluçante. Sentiu-se infeliz, pequeno, quasi nada, diante daquella estupenda magoa suffocadora. E sem lagrimas nos olhos, frio, mudo, palido, nobre na profunda dor que o esmagava, foi buscar o dinheiro para satisfazer a conta.

Lá dentro, na sala de jantar, nas gaiolitas alvadias, com frisos rubros, gorgeavam os canarios á alegria da luz cantante e boa das frescas manhãs de Junho.

MARIA SALOMÉ.

## A CATASTROPHE DO CHILE



navegador que perlustrando o grande oceano que se estende desde as costas orientaes do velho continente até o novo mundo, for em perigosa viagem beirando a extensa costa que vae do Alaska á Terra do Fogo, aspera e bruta nos contornos, somente dous portos amplos, francos, livres encontra que a mão do homem só precisou compor para as utilidades do commercio mundial, do trafego internacional para a permuta de mercadorias.

S. Francisco ao norte e Valparaiso ao sul.

Foram justamente essas duas cidades, uma nascida entre as rixas dos faiscadores de ouro californiano, outra entre as lutas que travavam hespanhoes e araucanos para a conquista e conservação do solo, que com poucos mezes de intervallo, as convulsões da natureza abalaram e derruiram aniquilando em minutos, seculos de esforçado labor.

O que foi S. Francisco já fez *Kósmos* ver em passado numero; hoje mostra o que foi Valparaiso; dá

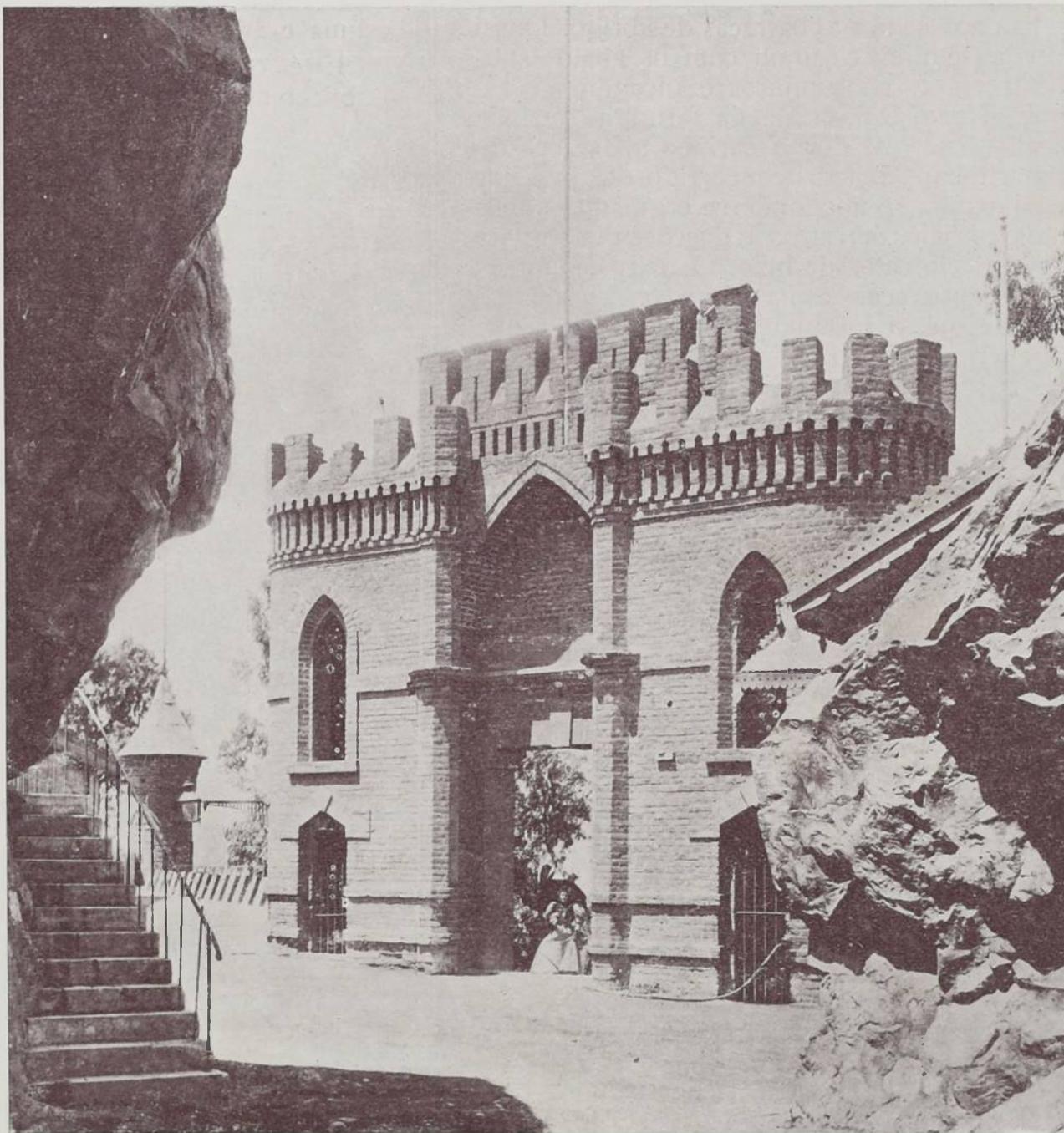
alem disso algumas vistas de Santiago, que foi tambem assolada pelo cataclysmo, que menos intensamente ali se fez sentir.

Pode-se nas photographias que publicamos avaliar a belleza da cidade chilena que se estende pittoresca, desde a raza praia curvilinea que o oceano beija, grimpendo os *cerros*, lindamente emolduradas as casas pela verde vegetação té as encostas rudes das montanhas

de cujos fecundos flancos a industria arranca os preciosos minereos.

*Valle do Paraiso* tal a exclamação que rompeu dos labios de Saavedra, capitão de um dos bandos de Almagro, e o primeiro europeu cujos olhos se encantaram na extatica contemplação do ridente panorama que se desenrola do alto dos morros circundantes. E o nome lhe ficou, acceto por Valdivia, o conquistador do Chile.

Mais tarde D. Luis de Avala, em 1791, emerito administrador conhecendo a importan-



CERRO SANTA LUCIA — PORTA ESPAÑOLA — SANTIAGO

cia do seu porto, dedicou-lhe o melhor dos seus cuidados, enriquecendo-a, e dando-lhe novos encantos, fazendo com a obra humana realçar os que a natureza fartamente lhe prodigalisara. Com a independencia, tornado o principal entreposto commercial do Pacifico, engrandeceu e prosperou.

Fadada ás provações das grandes catastrophes não puderam os terremotos e incen-

dios que em parte a destruíram em 1822, 1843 e 1858, nem o bombardeio da esquadra hespanhola em 1866, entibiar o animo energico e resolutivo dos seus habitantes.

Mal enxuto o pranto dos sobreviventes, a admiravel tenacidade chilena fazia resurgir dos escombros nova e mais bella ainda a Princeza do Pacifico.

Foi a 16 de Agosto a ultima provação — de que resultaram collossaes perdas para aquelle povo irmão. De Valparaiso só restam escombros fumegantes. A população fugiu espavorida espalhando-se pelos campos onde se extendem aos centos as barracas de abrigo. Quasi todos os edificios ruiam com os abalos subterraneos, ou consumiu-os o incendio devastador. Nada mais resta da formosa Avenida Brasil, nome que deu o carinho affectuoso do povo chileno ao mais concorrido dos passeios da Almendra, ponto onde se erguiam os mais bellos edificios, theatros, redacções dos jornaes e estabelecimentos de luxo. O bairro commercial desapareceu e na *plaza Intendencia* só resta de pé o monumento Arturo Prat que em energico gesto parece concitar ainda á luta os seus irmãos d'armas.

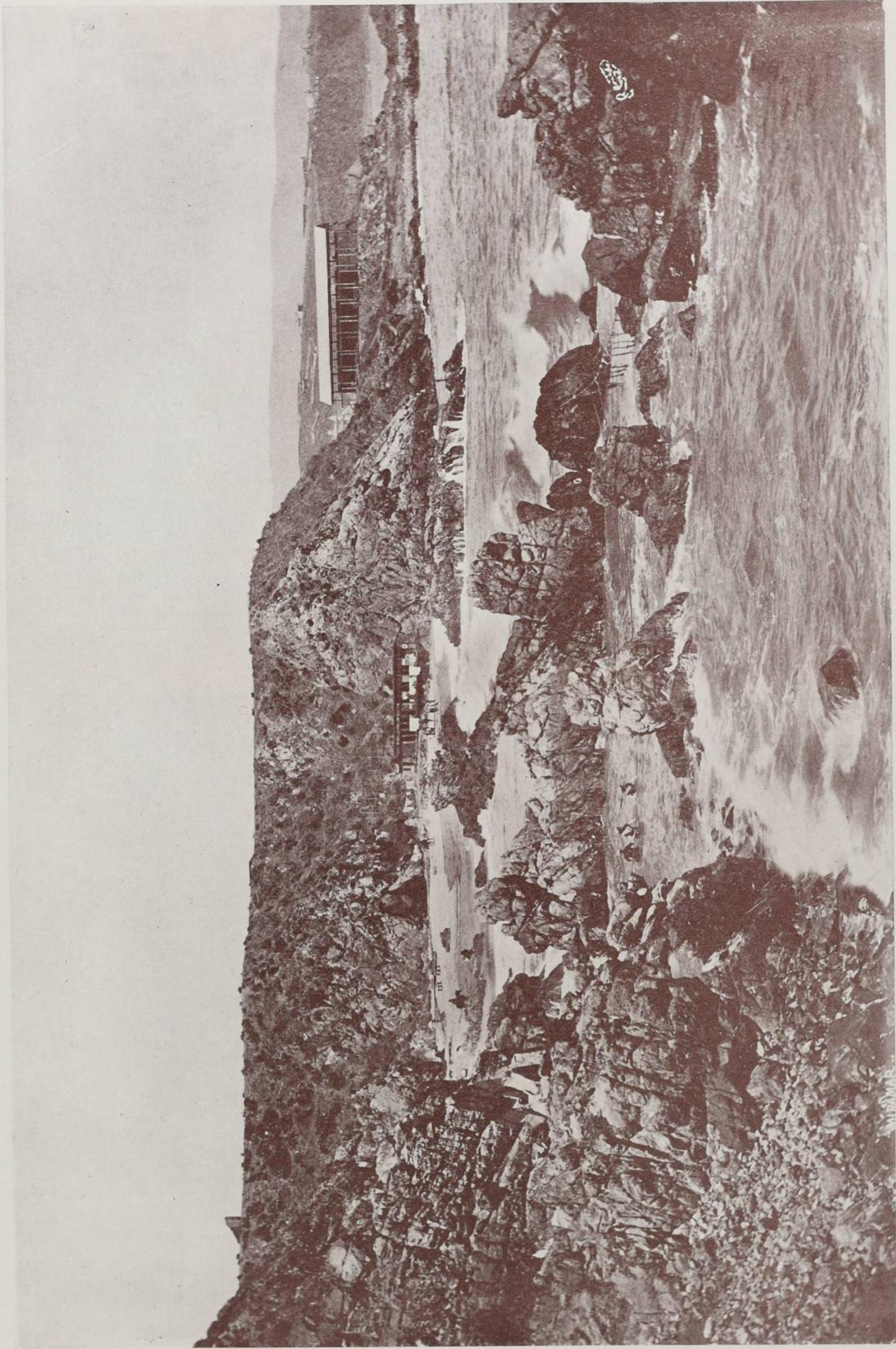
Servio a catastrophe, ainda bem, para dar nascimento a um dos mais bellos exemplos da solidariedade humana. Ante a desgraça dos nossos irmãos trans-andinos, ao côro piedoso das lamentações, seguiu-se a idéa mais pratica dos soccorros á população atirada á miseria. E com tocante solitudine emulam-se as nações da America, qual mais apressada em levar o seu obulo ás victimas da grande catastrophe que enlutando um povo generoso e nobre, veio echoar dolorosamente em todos os peitos brasileiros nos quaes tem a altiva republica chilena um altar consagrado pela mais elevada estima e admiração.

E é obedecendo a esse sentimento que publicamos hoje em nossas paginas a representação graphica do que foi Valparaiso, certos de que em breves dias a indomita energia chilena das cinzas fará resurgir mais uma vez a sua bella cidade commercial, onde tantas vezes os nossos marinheiros, acolhidos em cariciosa fraternidade, tiveram a illusão de que se conservavam ainda no patrio solo.

M.



PALACIO EPISCOPAL E CATHEDRAL — SANTIAGO



VALPARAISO — BAÑOS DE VIÑA DEL MAR

KOSMOS



ESCOLA NAVAL — VALPARAISO



ALAMEDA DE SANTIAGO

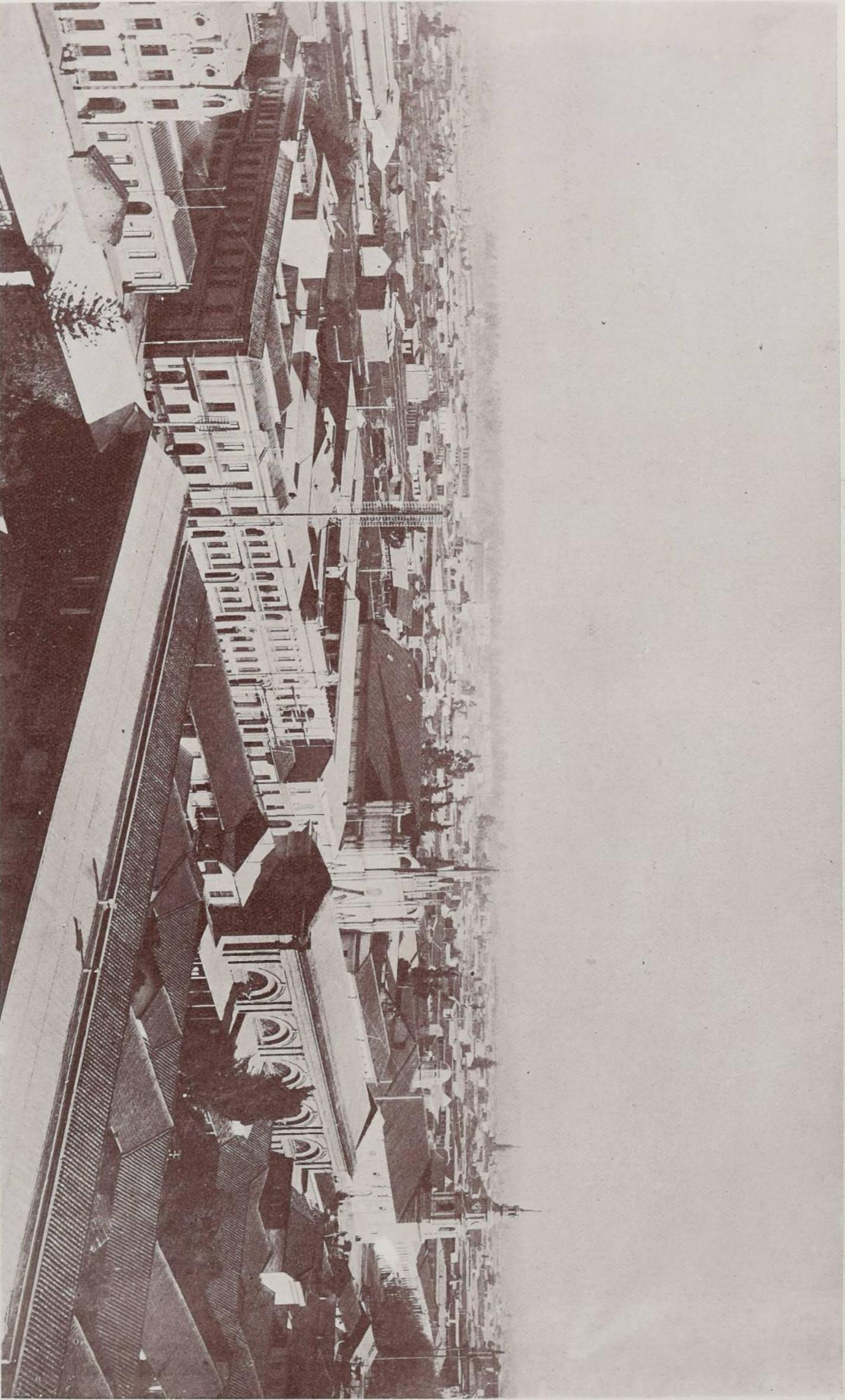
KOSMOS



AVENIDA BRAZIL—VALPARAISO

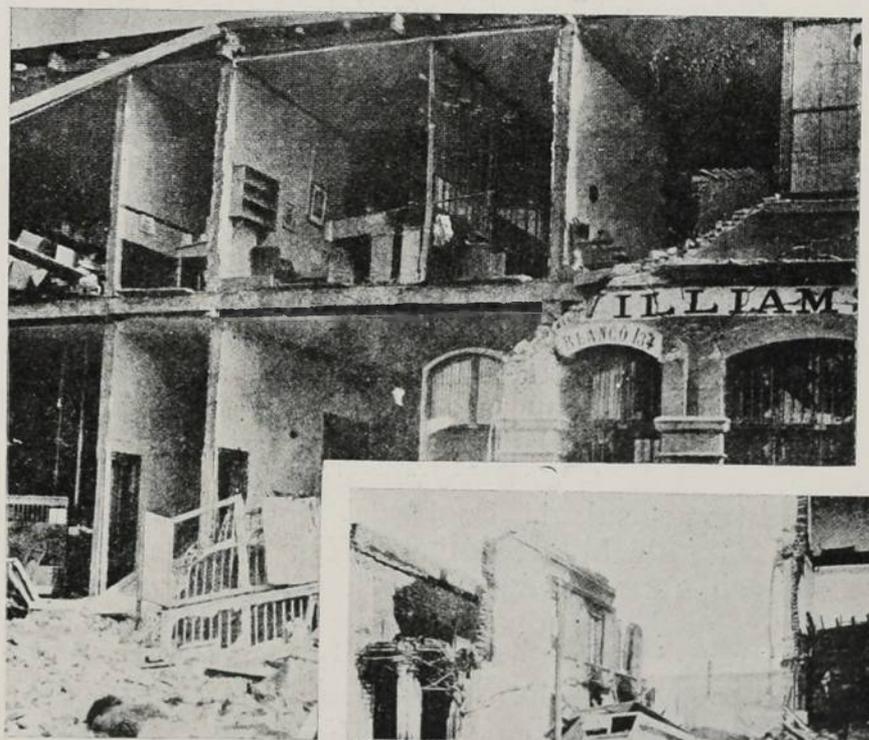
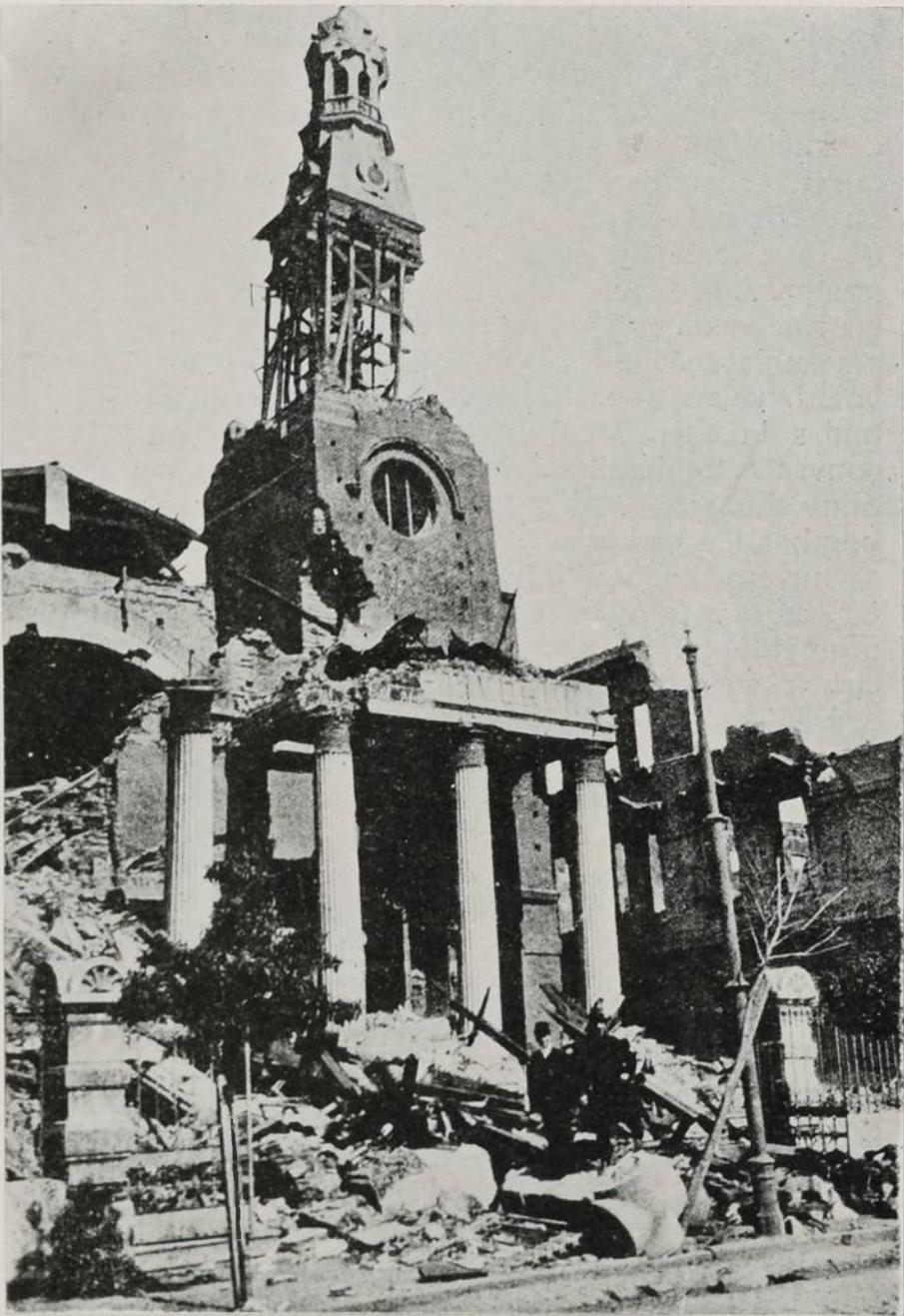
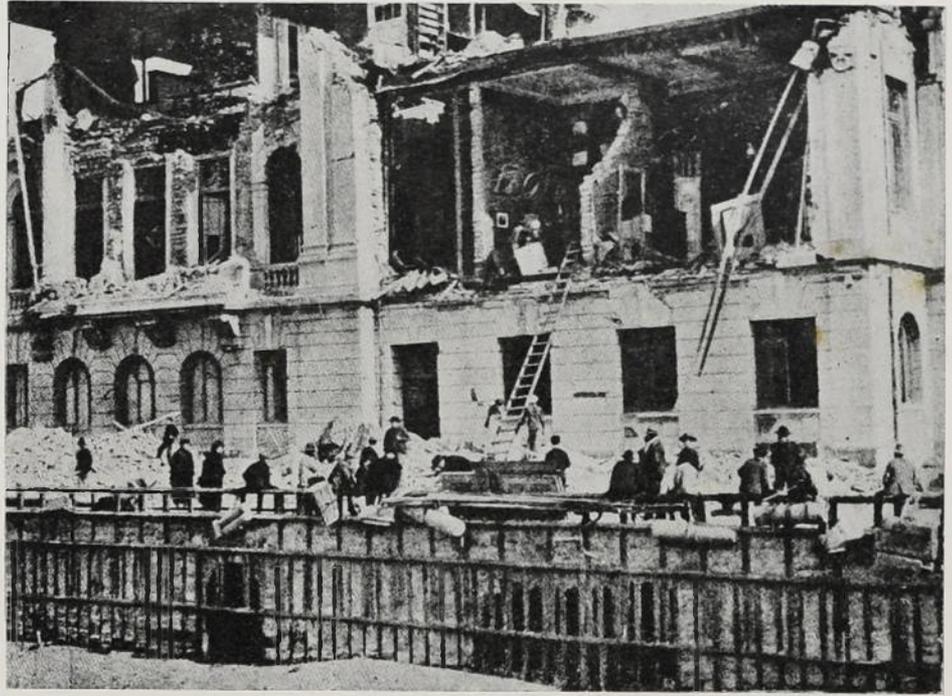


MONUMENTO A LA MARINA — PLAZA INTENDENCIA — ESTATUA DE PRAT — VALPARAISO



SANTIAGO, DESDE EL CERRO SANTA LUCIA

# ASPECTOS DE VALPARAISO APÓS A CATASTROPHE



## Miragem Oceanica

Mar de tormenta,  
 Mar que rebenta,  
 Maldito mar!...  
 Noites inteiras...  
 Noites inteiras...  
 Nas praias tristes ha lareiras  
 Com mães e noivas a rezar!...

*Guerra Junqueiro*

HAVIA um mez que a fragata *la Belle-Poule* chegara a Porto-Luiz, em Santa Maria, depois do cyclone em que se vira envolvida e do qual escapara por milagre, na travessia da ilha de Bourbon ou da Reunião para aquella ilhota da costa-leste de Madagascar. O que fôra essa tremenda convulsão meteorologica narram-no minuciosa e eloquentemente, na sua simples mas expressiva linguagem tecnico-maruja, os *Annaes da Marinha de Guerra* franceza do anno de 1847.

No dia 16 de dezembro do anno anterior, navegavam a rumo de noroeste aquella grande fragata e a linda corveta *le Berceau*, ambas pertencentes á divisão franceza da India, de que era chefe o velho e bravissimo veterano do mar almirante Desfossé. Estes navios, que eram ainda novos, bem apparelhados, muito seguros e geralmente conhecidos como excellentes veleiros, tinham deixado, com vento do largo (nordeste), na alvorada da véspera, o porto de São Deniz, capital da ilha da Reunião, a principal do archipelago das Mascarenhas, seiscentas milhas a oriente de Madagascar, no coração do Indico, archipelago descoberto em 1545 por Mascarenhas, que lhe deu o nome que se conservou até hoje assignalando perpetuamente, nos Mares, a gloria do egregio navegador portuguez. Na manhã seguinte á da partida já toda a ilha se esbatia, pópa fóra, no azul turqueza do horisonte, tendo-se perdido e afundado á distancia o Pico da Furna Ardente (*Piton-de-Fournaise*), lá quasi ao extremo sul da Ponta da Mesa, bem como o Grande Monte Solitario (*Gros-Morne*) já mais ao norte, porém ainda situado na parte meridional das duas em que se divide a ilha, e que é a mais áspera e inabordavel, toda aberta aos ventos tormentosos de leste e por isso chamada de Barla-Vento (*du-Vent*). Entretanto, na outra parte, na de Sota-Vento (*Sous-le-Vent*), o Pico das Neves (*Piton-des-Neiges*), bem ao centro da ilha e seu ponto culminante,

resplandecia de alvura pelo seu pincarado de tres mil e sessenta e nove metros de elevação sobre o nivel do Mar: e dir-se-ia, assim tão reduzido e já a sumir-se no setim do céu cerúleo, um lenço branco que os carinhosos habitantes da ilha erguessem alto, no espaço, a acenar tristemente os seus adeuses saudosos ás duas naves que partiam...

Mas, pela tarde, apenas desaparecera de todo o Pico das Neves, a viagem, que fôra até alli risonha e feliz, começara a transtornar-se. O firmamento, claro e limpido como um fino e anilado crystal, enchera-se de nuvens que tomavam côres negras e tristes, adensando-se em bulcões. Pouco a pouco empallidecera, penumbrara-se o sol de ouro vivo, occultando-se entre cumulus. O mar até então azul-translucido, lizo e sem cristas ou escarcéos bravios, ennegrecera melancolicamente, erguendo-se em grandes vagas espumosas. Um sudoeste entrara de soprar, em lufadas rijas. Já o barometro descera bruscamente, assustadoramente.

As duas quilhas—*la Belle-Poule* e *le Berceau*—velejavam ao mesmo rumo, á pequena distancia uma da outra, a pouco mais de meia milha. O vento intenseara ainda, inclinando-se ou chamando-se ao sul. Os balanços, a bordo de cada lenho, já iam crescidos, fóra do commum. Ao cerrar da noite, o sul attingira enorme violencia—e no mar e no céu tudo era sublevação e torvelinho. Um espesso nevoeiro velava o ar, fechando o horisonte; as ondas invadiam, cobriam, alagavam, varriam convés e tombadilho; a chuva despenhava-se diluvialmente; os trovões estouravam em ribombos medonhos, continuos; fuzis rasgavam as nuvens, em multidão de fitas de fogo sulféricas que fulgiam e se apagavam instantaneamente, em clarões sinistros; descargas eléctricas succediam-se ininterruptamente, como nas inimaginaveis tempestades dos periodos geologicos remotos e primitivos...

Apezar de accêsos os pharóes, de bordo da fragata não se avistava mais a corveta, inteiramente occulta no seio da borrasca desfeita. O commandante da *Belle-Poule*, homem de quasi sessenta annos de idade, um dos mais illustres capitães-de-mar-e-guerra da marinha franceza d'então, verdadeiro «lobo do mar», resolute e temerario, e que conhecia de menino a maior parte das paragens maritimas do globo, tendo feito como chefe duas viagens notaveis de circumnavegação, chegara á declarar á officialidade, quasi toda tambem de marinheiros experimentados e valorosos, que jamais vira cyclone assim. E, de pé sobre o tombadilho, sentia-se impotente e vencido, como toda a marinagem, pelo temporal, que lhe não permittia, no seu furor nunca visto, a execução da mais pequena manobra: a sua

intelligencia, pericia, acção e esforços nauticos convergiam unicamente, agora, em equilibrar o governo da fragata, para evitar o naufragio ou o sossôbro imminentes, e manter a postos e firmes os subordinados, desorientados e em total desanimo ante a força irresistivel do marroço, arrebatando de vez em quando alguns d'entre elles, afogando-os nos abysmos ao largo ou despedaçando-lhes os craneos contra os mastros e bordas do proprio navio, apezar dos cabos de vai-vem lançados de pôpa á prôa a que andavam todos agarrados, aos saltos e boléos horriveis...

A' meia-noite o barometro não tinha mais que descer: estava abaixo dos ultimos limites marcados em sua escala! O vento, crescendo progressivamente e correndo da esquerda para a direita, conforme a lei dos cyclones no hemispherio austral, chegara á suprema furia. E a tempestade parava-se num estranho, invencivel cataclysmo marinho.

«A' meia-noite — narra o distincto primeiro-tenente da armada franceza Félix Julien, que nessa occasião era um dos officiaes da *Belle-Poule* — á meia-noite, não obstante os mais energicos esforços, a fragata, desamparada, sem governo, sem velas, deitava-se toda sobre o bordo da amúra, com a mastreação despedaçada, o convés invadido pelo mar furioso. Assim, em duas horas apenas, attingiamos o centro do cyclone. Uma calma subita, mas de curta duração, succedia á primeira crise desta sublevação atmospherica. Os ventos que nos tinham abandonado ao sul, repontaram a oeste e ao norte com a rapidez do raio. Entravamos, nesse instante, no segundo segmento do circulo do tufão. Batida agora pela esquerda, a fragata inclinava-se de novo, não podendo resistir á enorme pressão que a mantinha deitada a um bordo. Como se vê, os ventos haviam seguido a lei dos cyclones no hemispherio austral. Turbilhonavam da esquerda para a direita, como a espiral das zonas de calma das regiões antarticas...»

No dia seguinte, ao despontar do sol, não havia da formidavel procella senão restos de vagalhões desmontados, mas que de hora á hora baixavam, acalmavam. A *Belle-Poule*, embora só em mastros-reaes e sem o páu-da-giba, com uma nova andaina de panno envergada e só puxando em gaveas-grandes, navegava serenamente em demanda de Porto-Luiz, em Santa Maria de Madagascar. E a corveta *le Berceau*? Essa, coitada, não se sabia d'ella — ficara perdida na immensa solidão oceanica. Mas nem o commandante da fragata, nem ninguem da sua compãha, suppunha jamais que ella tivesse naufragado, sossobrado em meio ao temporal; muito pelo contrario, julgavam-na livre de perigo e a salvo, tal qual succedera ao navio em que estavam, e,

apenas, com bons vigias nos sextos-de-gavea e nos tópes dos mastaréos, procuravam descobri-la a todo o instante no vasto arco do horizonte, julgando-a afastada, desgarrada, sem duvida, mas unicamente por algumas milhas de mar...

Uma semana depois a *Belle-Poule* entrava em Porto-Luiz, ponto marcado para a reunião de todos os navios da divisão naval franceza da India, onde se achava a náu-capitanea tendo arvorado o pavilhão do almirante. E o commandante, officiaes e marinheiros que vinham triumphantes, se bem que maltratados da luta com o terrivel cyclone, experimentaram desagradavel surpresa em não encontrar já alli fundeada, como esperavam, a corveta *le Berceau*, muito menor e mais veleira que a fragata. Mas não ficaram apprehensivos, attribuindo a demora dessa embarcação, não só a algum desvio do caminho e a quaesquer avarias consideraveis que lhe houvesse feito o tufão, como ainda á alguma arribada inevitavel á propria ilha da Reunião ou a qualquer outra das Mascarenhas.

Ao vêrem entrar a *Belle-Poule*, o almirante Desfossé e demais pessoal do navio-chefe que já sabiam da borrasca, não sómente pelo barometro de bordo mas tambem pelos barcos de pesca das costas de Madagascar, respiraram livremente, embora não vissem entrar conjunctamente com ella a corveta *le Berceau* que devia segui-la de perto: e não se admiravam porque semelhante facto é muito commum nas frotas ou esquadras em viagem, quer á vela quer a vapor, pois que, ao menor accidente, os navios desgarram-se e atrazam-se uns dos outros, sobretudo em más condições de vento e mar.

Apenas a *Belle-Poule* fundeara o seu commandante, conforme as ordenanças militares, correu a apresentar-se ao almirante, entregando-lhe o relatorio escripto de todo o cruzeiro que acabava de fazer, contendo uma parte bastante desenvolvida e completa sobre a tormenta apanhada, e reforçando-o e ampliando-o ainda com uma larga narração verbal a respeito. O chefe Desfossé fez-se transportar immediatamente, em companhia do proprio commandante, para bordo da fragata recém-vinda, verificando então por si mesmo as enormes avarias que apresentava o navio e interrogando ainda, um por um, os officiaes e marinheiros sobre o grande cyclone. Emquanto ao desgarre de *la Berceau* era da opinião do commandante e da marinhagem da *Belle-Poule* — «que a corveta, casco ainda novo e seguro, bem commandado e com boa officialidade e guarnição como estava, aguentara de certo a tempestade e devia, mais dias menos dias, surgir no porto a são e salvo, lançando o seu retardamento ou demora á conta das más condições de navegabilidade

em que sem duvida ficara sob o furor das vagas e do vento, tanto como á hypothese, muitissimo natural, de alguma arribada a qualquer ponto proximo da latitude em que se achava durante ou depois do cyclone...»

Esse era, para assim dizer, o pensamento «official» de todos na divisão naval franceza, mas no coração e no espirito de cada um nascera desde muito e se accentuava dia a dia, com a delongada ausencia da corveta, o presentimento funerario e cruel de que *le Berceau* e todas as vidas preciosas que nella se achavam tinham desaparecido para sempre no fundo torvo das ondas.

Tão sinistra perspectiva trazia todos em profunda anciedade, na pequena cidade de Porto-Luiz — as guarnições dos navios de guerra francezes e de outras nações, como os marujos mercantes locais e de toda a parte, e a população indigena em geral. Corria-se, por terra e por agua, o littoral, em busca de noticias. Indagava-se sofregamente, angustiosamente de todos os tripolantes dos navios que entravam, de pesca, costeiros ou de longo-curso, vindos de todos os rumos do Mar, se acaso não tinham visto a corveta *le Berceau* ou alguma jangada de naufragos. E as respostas dos embarcadiços questionados, bem assim as dos emissarios mandados por terra e por agua a todas as enseadas, cabos e bahias proximas eram sempre, desolada e desesperançadamente, estas: — «que não tinham visto nada! que não sabiam de nada!...»

Não obstante tantas pesquisas frustadas — como a esperança não morre nunca no coração humano senão com o derradeiro lampejo de vida — em a náu-capitanea, como nos demais navios da esquadra franceza, os vigias, nos sextos-de-gavea e no tópe alto dos mastaréos, esquadrinhavam, o dia inteiro, com o olhar, os recortes da costa e o horizonte ao largo, a vêr se porventura surgia de repente, não já a corveta, em cuja existencia ninguem mais acreditava, mas algum batel ou batéis com naufragos...

Um mez decorreu em vão.

Mas uma tarde, quando menos se cuidava, a bordo da náu-capitanea, um dos vigias gritou alviçareiramente para baixo:

— Um navio desarvorado ao largo, em demanda de terra!...

Houve logo um immenso e justificado alvoroço em todos, no convés e no tombadilho, á pôpa e á prôa da náu, desde o almirante ao ultimo grumete. E um unisono de funda expansão e jubilo irrompeu vivamente de todas as boccas:

— *Le Berceau! Le Berceau!*

Fez-se immediatamente signal do navio avisado á *Belle-Poule* e aos demais barcos da

divisão franceza. E a mesma emoção de alegria explodiu subitamente em todos elles...

«Não era um sonho — narra ainda o primeiro-tenente Félix Julien —. No céu limpido e puro, o sol resplandecia gloriosamente: uma poeirada de ouro ardente vibrava no horizonte. Todos os olhos marujos de mais forte acuidade, projectados naquella direcção, não fizeram mais que confirmar a primeira noticia transmittida pelo gageiro. Mas logo a emoção devia tornar-se mais pungente: não era já um navio que nos apparecia, porém uma jangada carregada de homens e rebocada por botes sobre os quaes fluctuavam signaes de perigo e pedidos de soccorro. As imagens eram nitidas e fixas, as linhas perfeitamente desenhadas, distinctas. A bordo da capitanea, como nos outros navios, almirante, commandantes, officiaes, marinheiros, todos, durante muitas horas, sob um golpe de allucinação febril, podéram seguir com os seus proprios olhos os detalhes desta indescriptivel scena maritima. O almirante Desfossé, commandante da nossa estação naval da India, mandou immediatamente aprestar o primeiro vapor que encontrou no porto e fel-o sahir a toda força em soccorro dos naufragos que o Oceano dir-se-ia nos reenviava do fundo de seus abysmos».

«O dia começava a declinar e a noite como succede em geral nos trópicos, tombava quasi sem crepusculo, quando o *Archimedes* chegou ao fim da sua missão. Parou em meio dos destroços fluctuantes e lançou seus escales ao mar. Em torno, nas ondas, continuavam a vêr-se massas de homens agitando-se, os braços erguidos para o céu a implorar soccorro. Ouvia-se como o ruido surdo e confuzo de um grande numero de vozes misturadas ao bater dos remos n'agua. Ainda alguns segundos, e nós iriamos abraçar irmãos arrancados a uma morte certa:

«Illusions des nuits, vous jouiez-vous de nous?»

«E os escaleres enterraram-se por entre os espessos ramos de grandes arvores, arrancadas ás costas visinhas e arrastadas com toda a folhagem pela contra-corrente oceanica que remontava ao norte junto á ilha de Santa Maria...»

«Assim se esvaiu esta estranha visão. Assim se dissipou a derradeira esperança que uma miragem enganadora havia, por assim dizer, evocado do fundo azul do Oceano. Assim desapareceram de novo, e para sempre, sob os nossos olhos, a infortunada *Berceau* e as trezentas victimas engolidas no seu bôjo!»

## Salão de 1906

N ESSA radiosa manhã de *feriado*, em que o sol, lembrando um soneto de B. Lopes, parecia:

... um guizo de ouro, cheio

Da alegria sonora de uma rima, desci rapidamente para a poeirada da cidade em reconstrução. Caras alegres, muita gente em casemiras claras, algumas mulheres bonitas. Radioso dia!

Na praça de S. Francisco de Paula encontrei o meu illustre amigo Polycarpo, todo dominical n'uma fatiôta cinzenta, enfeitando a sua lapella com um ramilhete de *hortencias*, de frente de achavascado, brutamontes vendedor de flores.

E' bem de suppôr que vossas excellencias, respeitaveis leitores, não conheçam o Polycarpo. Não se trata do hilare Polycarpo Banana, do Eduardo Garrido, nem de algum João Ninguem p'ra ali assim. Eu vol-o apresento. E' moço, creio que vae pelos trint'annos, no maximo. A estatura fica-lhe entre o baixo e o alto; arredonda se-lhe o corpo no desfructe da boa vida, traz bochechas escanhôadas, é moreno, usa bigode e *pince-naz* de myope em aros de tartaruga sobre o narizito ao vento, e unido a isso algum talento, algum dinheiro, umas cocegas literarias, muita jovialidade e, se não fossem os seus arrebatamentos tropicaes, seria a mais adoravel das companhias durante algumas horas.

Polycarpo, acolliendo-me jubilosamente, pregou-me logo uma rosa ao peito, e sollicito como sempre:

— Qual o teu destino?

Encolhi os hombros: O que estiver escripto no immenso livro do Senhor Deus eterno.

Amigo Polycarpo coçou o queixo, farejou as alturas, depois, resolutivo, tomando-me o braço: Vamos ao *Salão*.

— Perfeitamente. Ao *Salão*. Prestas-me um grande serviço, farás por mim a critica (ou coisa que a valha) dessa exposição. Se a não fizeres collaborarás nella, prestando-me a leveza do teu inexgotavel humorismo. Emprestar-me-ás a nota original das tuas observações.

Ao *Salão*, amigo Polycarpo!

Em minutos alcançamos a Escola de Bellas Artes, em cujo atrio esbarramos com dois enormes gessos. Polycarpo pretendeu admirar-os, ao que me oppuz com o argumento consideravel de que as grandes coisas devem

ser guardadas para o fim. Compramos as *entradas* e subimos.

Ao primeiro relance d'olhos algumas paisagens impressionantes, um Vasquez sobressalindo pelo vigor da sua factura, duas magnificas cabecitas de Columbano, uma firme caraça de negro por Thimotheo da Costa...

Particularmente Vasquez nos attráe. As suas quatro paisagens — *Pianato de Theresopolis*, *Rio Paquequer*, *Serra dos Orgãos*, e *Affluente do Paquequer*, são magnificas. Esse pintor, que por tão longo tempo persistiu na obscuridade de uma voluntaria existencia humilde, é das melhores organizações artisticas que contamos entre contemporaneos. A sua visão apprehende syntheticamente, o seu colorido é quente e ao mesmo tempo sobrio, a sua maneira original. Não reproduz unicamente, interpreta, entra na expressão da natureza, funde-a com a sua alma.

Passamos adiante.

Polycarpo endireitou as lunêtas no narizito cheiradiço, alvejou um quadrinho. E' uma linda cabeça de morena, em perfil, curvando-se ao decôte dos seios onde pousou uma borboleta azul. O avelludado do *pastel* dá-lhe á epiderme a maciez voluptuosa das pennugens nascentes, o reverbero do fundo, em vivos apotheosicos de alaranjados, illumina-lhe o contorno do perfil, a nudez do busto que parece feitas de uma maravilhosa pelle de seda frouxa vivificada por beijos.

— Magnifico! — disse.

— Sim, magnifico! — concordei.

Olhamos, ambos, o catalogo. Tem o nº 8, e traz a assignatura de Arthur Lucas. Conheço muito este nome. Arthur Lucas é um bellissimo artista desviado do curso natural da sua tendencia por circumstancias indebelaveis da sorte contraria. Pintor, e pintor por temperamento, fez-se caricaturista, fez-se *illustrador*, porque o genero lhe garantia a subsistencia. Mas, a sua qualidade nata de colorista, a sua grande vocação para a pallhêta, ficou latente e, por vezes, rompeu obstaculos de tempo e compromissos para se externar em lindos paineis imaginosos, de uma suave fantasia de côres e de formas. A falta de tempo, porem, mantinha-o afastado das exposições. Felizmente aqui temol-o agora, provavelmente o teremos sempre e sempre com esse *entrain*, com essa viveza e poesia que o destacam em primeira linha dentre os expositores actuaes.

Polycarpo, na sua terrivel incontinnencia meridional, fazia exclamações: Bravo! bravissimo!... Este é um artista!...

Mas, como o catalogo indicasse outro quadro seu, sob o n. 7, procuramol-o anciosamente. Cá está! E' tambem um *pastel*. Sobre um fundo rôxo, egual sem nuanças, destaca-se

outra cabeça de mulher, de uma suavidade sonhadora, quasi ideal. Também morena, e em perfil, mas desse moreno tenue das magnolias que se vão fenecendo; da coroa escura dos seus quentes cabellos castanhos pende um véo transparente, que a envolve n'uma nevoa de visão e todo o seu busto, que é leve como as plumas, está encoberto por um leve tecido claro, em tons brandos de branco e cinza, harmoniosando-se com a indicisão sentimental do seu semblante, que o gesto da mão, sobre a varêta do léque, revela e inculca.

Polycarpo, commovido, sacóde-me o braço:

— Hein, que dizes?

— E' um artista, amigo Polycarpo, é um artista que aqui está, para gozo nosso e honra da patria.

— *Caramba!* Eu, se fosse do jury, dava-lhe logo vinte medalhas de ouro e duas viagens á Europa. Olhe você, que esse homem lá na terra de gente fazia figura.

— Não ha duvida, illustre amigo. Este snr. Arthur Lucas, que é o infatigavel *Bambino* dos «calungas» de jornaes illustrados, entrou magnificamente nesta exposição.

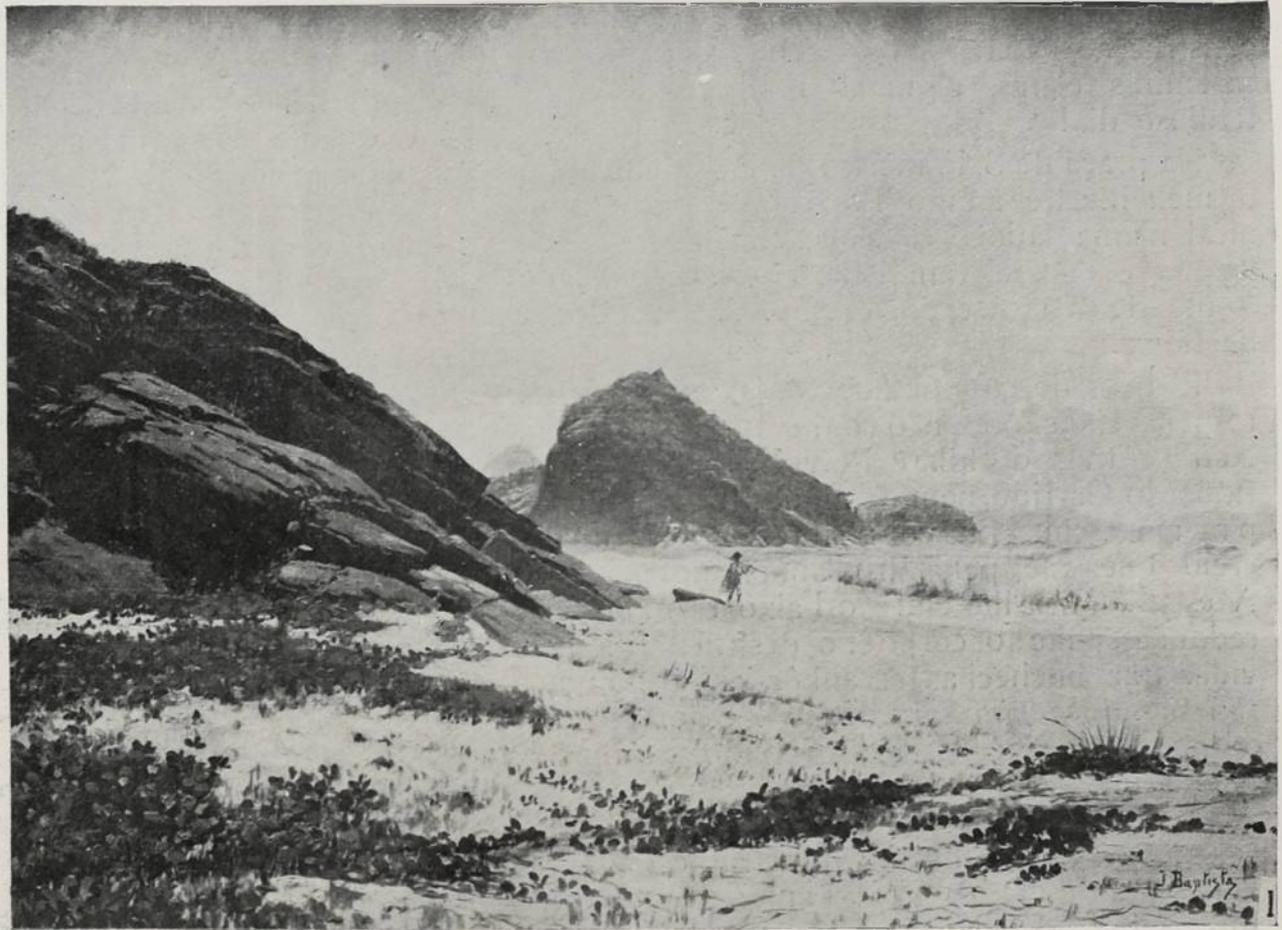
Merece palmas de ouro e trompas clangorosas de victoria. Urrah! pelo Lucas.

Polycarpo, esquecendo-se da gravidade do logar, berrou escandalosamente: urrah!

Respeitaveis senhores tremeram, assustados; os biombos de panninho vermelho oscilaram.

E para não destruir a deliciosa impressão que me deram essas duas *cabeças*, interpretadas por uma alma de poeta, volvi os olhos para um sereno, fascinador retratinho de rapariga, assignado pelo extraordinario Aman-Jean. Polycarpo protestou em nome do seu feroz nativismo contra este meu acto: Alli, o que tinhamos a vêr, era o trabalho dos patricios... os estranjas, esses, não necessitavam do nosso julgamento, eram reputações feitas, eminencias na Arte... Olha aquillo, olha a nossa luz n'aquelle quadrinho.

Apontava uma paizagem do professor Baptista da Costa, que descobriu o segredo de reter na téla a côr, a luz, o contorno pittoresco da nossa natureza. Passamos em revista as suas obras. Como sempre encontromol-a conscienciosa, seriamente feita. Mas, apezar de todas as boas qualidades que se poderá notar no seu grande quadro *A' beira do lago*, preferimol-o nos quadros de menores dimensões, na *Margem do Parahyba*, na *Paizagem de Leme*, na *Paizagem Mineira*, em que não ha verdadeiramente composição de assumpto, mas



COPACABANA

reproducção do observado. As figurinhas do primeiro não correspondem á intensidade emotiva do scenario.

Desta opinião também participa o meu illustre amigo, o respeitavel Polycarpo, que tem competencia em assumptos de arte, pelo menos igual á que nós outros presumimos possuir e a bastante para ser ouvido e cheirado por nossas celebridades.

Assim foi que elle notou com muito criterio o progresso alcançado pelas sras. Rachel Boher e Sarah del Vecchio, nos estudos de paizagem. Dessa ultima senhora ha um interessantinho quadrinho, a *Ponte do Aquarium* em que se revela a proveitosa influencia do seu professor, o já conceituado Baptista da Costa.

A sra. Boher apresenta um bom estudo da praça Malvino Reis, em Copacabana, feito com

muita segurança dos valores e do desenho. Essas senhoras, como as aquarellistas DD. Anna e Maria Cunha Vasco, promettem ser artistas de real merecimento.

Do paizagista pernambucano Telles Junior, de quem se occupou nesta revista, ha um anno, o sr. Oliveira Lima, encontramos um quadrinho que se nos afigura insufficiente para constatar o merito que esse escriptor lhe deu. O seu acabamento accusa maneirismo e, nos detalhes, vemos persistencias que denotam difficuldades.

O sr. Dall'Ara dá-nos tres estudos bem desenhados e intensamente coloridos. Muito bons.

Percorrendo o catalogo encontramos o nome do snr. Bevilacqua (Eduardo) que o anno passado apanhou a medalha de segunda classe. Esse parece que o excitou beneficemente, porque no Salão de hoje os seus dois trabalhos expostos são muito, muitissimo superiores aos daquelle anno.

Polycarpo chama-me, delicadamente, a attenção para a *Infancia de Orpheu*. A paizagem está bem illuminada e os pinceis correram com largueza; a figurinha de Orpheu, se não fosse o desenho da perna direita, mormente do pé,

seria feliz. Outro trabalho do snr. Bevilacqua é um retrato, em que se revela o seu desejo de progredir. E não ha duvida, fez um passo enorme! O retrato é bom pelo que respeita á pintura. Sem o censurar, eu desejaria a cabeça fosse mais *consistente*, mas a roupa, como accessorio, agrada-me grandemente, assim como a distribuição da luz, feita com tal habilitade que dá um delicado interesse á figura.

— Neste caso.....

— Se lhe deram medalha no anno pasado é justo que lh'a deem neste anno.

— E *este* snr. Carlos Chambelland?... — perguntou-me Polycarpo, diante dos *Olhos curiosos*.

— E' um rapaz de grande talento, um bello artista que vem chegando. No Salão de 1905 expôz um bom retratinho, mais do que isso, um excellente retratinho.

— Mas..... estas duas figurinhas, que lá estão na praia... Com franqueza, não te parecem desageitadas?

Sim, não me agradam... sobre tudo, a do homem. Em todo o caso, Polycarpo amigo, ha muito ar neste quadro, e tudo é frescura, tem o ambiente maritimo, o horisonte é vasto... Repara bem nestas tres figurinhas femininas.



Á BEIRA DO LAGO



## OLHOS CURIOSOS

São *d'après nature*. E se queres conhecer mais o valor desse moço, que muito promette, olha este retratinho. Póde-se-lhe dizer tímido na pintura da cabecita, falta-lhe acabamento, vigor, mas repara estes olhinhos, como vivem, como elles fictam. Attende á este corpo, á este vistidinho branco... Hein?... Aqui ha desenho, ha pintura...

—Davas-lhe tambem uma medalha?

—Certamente, até a medalha de ouro!

E has de convir em que a nossa pintura está cheia de promessas, que devemos aproveitar. Ha um numeroso grupo de rapazes de talento.

—Por exemplo...

—Esse Thimotheo da Costa, o Arthur, irmão do outro Thimotheo. Aqui tens o *livro de preconceitos*...

—Deveria ser: fóra das regras da arte...

—Nem tanto. Vejo que esta figura de mulher, deitada num comoro de areia, está desarticulada, a perna esquerda vem em curva para um plano errado, contrariando a posição do tronco quasi em escorço; vejo que a sua perna direita forma uma linha pyramidal que se desloca violentamente do resto do corpo...

—E que mais?

—Não obstante tudo isso, a composição é audaciosa, põe uma nota de rebeldia nesse meio...

—Começando por não significar coisa nenhuma.

—Espanta-me a tua intolerancia, amigo Polycarpo.

—Eu tolero tudo, meu velho, desde que seja toleravel. Calcula tu que, sahindo d'qui, um nephelibata nos agarrasse e nos fizesse ouvir uma coisa mirambolante, pouco mais ou menos assim: A pompa triumphal do empavezamento cysnesco das galeras d'oiro, ardendo em explosões de minas arrebatadas sob o holophote do sol nascente, architectava Babylonias fluctuantes com festins de Balthazar nos monticulos movediços do corcoveante oceano..... Seria isso toleravel?

Emmudeci. O jovial Polycarpo quando escorrega para o sério é simplesmente formidavel.

—Bem. E o que dizes deste *violinista*?

—Acho-o soberbo, é uma das melhores obras deste *Salão*. O sr. Carlos Oswald trouxe para a pintura o talento com que o seu illustre pae cultivava a musica. Esta cabeça está viva, não se póde negar; ha alma nesses olhos, essas mãos têm sangue, e musculos e nervos. Admiravel figura! De resto, toda a obra desse moço ainda mesmo que pouco nos agrade, como a *Magdalena*, possui a marca de um artista, sente-se-lhe o calor da febre da composição. Quando não tivéssemos este extraordinario *violinista*, bastaria a *Triste* para revelar essa individualidade que veio honrar a nossa arte com o brilho do seu merito. A mão desse moço tem a segurança de um mestre, o desenho sáe-lhe certo e firme, a sua palhêta possui

um brio pouco commum, a sua tinta illumina como um raio ou suavisa e melancolisa como o luar; e em tudo está a sua alma de artista, o seu poder de crear, de evocar, de communicar. A propria *Magdalena*, a que me referi, se tivesse por titulo—estudo, academia, nú—ou outro qualquer que o não determinasse, que o não fizesse um typo, seria optimo trabalho. Magdalena! porque?... Em que esta figura indica a peccadora arrependida que acompanhou Jesus de Nazareth?... Será pelo acabrunhamento em que permanece?... Será simplesmente um nome de acaso, como seria o de Sylvia, Martha, Joanna?... Que nos importa a nós que uma mulher núa, sobre um divan, sem outros attributos que inculquem a sua origem, a sua raça, os seus costumes, se chame Joaquina ou Rachel?... Pondo isso de parte,



CLARO-ESCURO SOCIAL

toda a obra desse moço é uma affirmação incontestavel do seu talento e do seu saber.

O sr. Oswald conquistou, com ella, um dos primeiros logares entre os nossos pintores e nesse logar conservar-se-á, sem duvida, augmentando o fulguramento do seu nome para gloria da nossa patria.

Outro artista novo que se nos revela no actual *Salão* é sr. Francisco Manna.

O seu estudo ao ar livre, o *Claro-escuro social* e a *Lucta pela vida* são obras que affirmam uma individualidade. Como interesse artistico preferimos o *ar livre* e a *Lucta pela vida* ao grande quadro *Claro-escuro social*, mas em todos encontramos o mesmo sentimento da côr, a mesma facilidade de pintura, o mesmo cuidado de desenho. O sr. Manna é o mano dos nossos bons artistas.

De repente, Polycarpo berrou um—oh!—escandaloso. Duas modestas senhoras que, accomodadas em cadeiras, olhavam somnolentas o retrato do infeliz dr. Augusto Severo pelo fallecido e modestissimo Franco de Sá, estremeceram, aterrorisadas. Corri para o meu illustre amigo: Que é!

Elle não se podia conter, estava vibrante; agarrou-me pela cintura, arrastou-me violentamente para o logar em que se achava, e n'uma ancia admirativa repetia-me:

—Admira, admira isto! Admira.

Era a *Dame à la Rose*, do Belmiro de Almeida.

Sim, deviamos admiral-a. Realmente, essa pintura demonstra um profissional completo. Alli tudo foi attendido: o desenho, que é certo, macio, reconstruidor; os tons, que são magistraes nos seus valores; e a expressão, que se nos communica e vive e attráe. Olhamol-a demoradamente.

A linha esguia desse corpito, vestindo tecidos negros, move-se n'uma graça serpentina e tão nervosa e magra ella é que lembra uma tulipa negra! Sobre a fragilidade do pescocinho a cabeça volve-se para nos sorrir—descobresse-lhe, então, a insidia do olhar que nos fascina, a feitiçaria do sorriso que nos entontece. E' uma viva figura, uma admiravel figura que, enthusiasmando Polycarpo, lhe arranca da originalidade esta phrase, em que está caracterizada todo o *exquis* do modelo: Bizarro louva-deus da moda!

Belmiro é o mesmo artista de ha dez, de ha quinze annos passados. A sua pintura conserva o encanto do asseio, da precisão, da certeza que a sua pratica adquiriu e a sua indole cultivou. E neste quadrinho d'*Amúada*, que ali está, encontramol-o com as mesmas qualidades de rigoroso desenhista e fino pintor que levaram o seu nome ao mais alto conceito entre os nossos artistas.



DAME A LA ROSE

Do mesmo modo se mantém na elevada reputação conquistada os srs. Treidler com suas bellissimas aquarellas, Visconti com um adoravel *Segredo*, que fez parte de uma collecção exposta ha annos e Weingartner sempre delicadamente meliculoso. Raphael Frederico expõe uma paisagem, um tanto prejudicada pelo plano direito em que ha um rio demasiado para o bom effeito do quadro. E... Mas, o amigo Polycarpo começa a sentir fadiga. E' sua opinião que já vimos o que deviamos notar, o mais que o admire quem tiver tempo.

Partimos para a sala de esculptura. Como sempre pobre e fria. Correia Lima, que nos podia commover com o seu bello talento, contenta-se em expôr um busto-retrato do almirante Mello e outro gesso, o *Trabalho*, innegavelmente modelado com o saber de que ha dado sobejas provas. A sra. Nicolina de Assis apresenta um busto-retrato, em bronze, bem feito e o projecto de uma fonte; o alumno Cunha Mello agrada-nos muito com o seu gesso, retrato de A. C., realmente interessante.

Ainda Belmiro de Almeida nos surprehende com uma cabecinha em bronze, retrato do dr. G. B. e a sra. Julieta França, recém-chegada da Europa, diz-nos por sete trabalhos o aproveitamento do seu tempo de pensionista da União. Nesses sete trabalhos ha um busto em bronze, retrato, dois em gesso, tambem retratos, a *maquette* de um monumento da Republica e mais duas grandes composições.

A *maquette* possui uma bonita linha monumental e para julgarmos satisfatoria ás nossas exigencias desejaríamos que as figuras do pedestal, em vez de isoladas, tivessem connexão entre si, formassem um conjuncto, rompendo assim com a forma classica e dando-lhes maior importancia inventiva. Das suas composições deixo ao illustre Polycarpo o encargo de as julgar. E, portanto, dou-lhe a palavra. Amigo, dize tu o que pensas desses gessos.

—O que penso? Com franqueza, inclino-me sympathicamente para a obra dessa esculptora, a sua predilecção pela nudez é uma prova de applicação. A grande esculptura é o nú. Mas, a sra. Julieta, não sei porque, não se dá ao trabalho de *amadurecer* as suas concepções, parece que tem a soffreguidão de produzir.

Si ella houvesse procedido com maior tino na composição da *Confidencia*, veria que o assumpto não se prestava a grandeza dada as figuras nem deveria ser este o modo de agrupal-as. Ha precipitação em tudo isso. Mais lentamente, para dizer melhor—mais *amadurecidamente*, o assumpto se lhe apresentaria de outra maneira; as figuras, pelo razão do titulo, completar-se-iam num conjuncto mais esthetico e tambem mais verdadeiro. Haveria, pois, outra expressão. Este defeito resalta tambem do *Filho Prodigio*. A posição da figura não nos indica o momento nem caracteriza bem o individuo. Se lhe escrevessem no sóco, em logar de *Rêve de l'enfant prodigue*, *Sonho de Jacob* ou *Fadiga* ou *Séta do pastor*, olhariamos para elle com a mesma emoção. O que lhe falta, como falta á *Confidencia*, é a interpretação, é o flagrante, que, numa simples mirada, tudo nos revela. Pensado, reflectido, estudado o assumpto a esculptora teria alcançado o quanto pretendeu. A inspiração fica na primeira *maquette*. Se o genio a bafeja, essa *maquette* será extraordinaria, mas se a idéa apenas resultar de uma especial disposição de temperamento, é preciso pensar muito, fazer e refazer, estudar pacientemente para encontrar a sua expressão exacta.

Assim falou Polycarpo. Sorri-lhe, estendi-lhe as mãos: Obrigado, amigo, obrigadissimo. Em nome da arte, obrigadissimo.

Agora, á Vida!

A' Vida!—Confirmou Polycarpo. E sahimos para o ar livre das ruas.

GONZAGA DUQUE.

# INVENTARIANDO

MINISTERIO DO INTERIOR

**H**A sempre ruído em torno de todos os ministerios. O da Industria tem as obras dos portos, de que se falla diariamente; o das Relações Exteriores tem questões de limites, e agora, o Pan-Americano; no da Marinha a mudança de Arsenal foi uma campanha; o da Guerra ali está com a sua divisão de Manobras; só no do Interior corre tudo silenciosamente, como nos negocios domesticos: as grandes obras, ali, nem sempre têm reflexo universal.

Entretanto, é o Ministerio do Interior que, por assim dizer, constrói a Patria; é elle que diffunde o ensino, mantém bibliothecas, promove a Assistencia, acautela a saude publica, distribue a policia, preside ás eleições e organisa a Justiça.

Tem quasi cem annos este departamento da publica administração. Como Secretaria de Estado dos Negocios do Brazil foi creada em 5 de Maio de 1808, com a nomeação de Militão José Alvares da Silva, na qualidade de official maior para dirigil-a.

Em Agosto de 1821 funcionavam duas secretarias: uma dos Negocios do Reino do Brazil, outra dos negocios da Justiça. Em 28 de Outubro de 1822 organisou-se o primeiro ministerio depois da independencia: mantendo-se a pasta da Justiça, e apparecendo o primeiro titular da pasta do Imperio.

Até 1842 vinte e nove ministerios se succederam sem que as secretarias fossem alteradas. D'ahi até ao fim da Monarchia varias foram as reformas. A Republica destacou destas secretarias alguns serviços para o novo e ephemero Ministerio da Instrucção Publica, Correios e Telegraphos; e em 1892 reorganizou, isolada e distinctamente, o Ministerio da Justiça e Negocios Interiores.

Neste tem desde então exercido o cargo de Ministro Dr. Fernando Lobo, Cassiano do Nascimento, Gonçalves Ferreira, Alberto Torres, Bernardino de Campos, Amaro Cavalcanti, Eptacio Pessoa, Sabino Barroso, José Joaquim Seabra, e Felix Gaspar de Barros e Almeida.

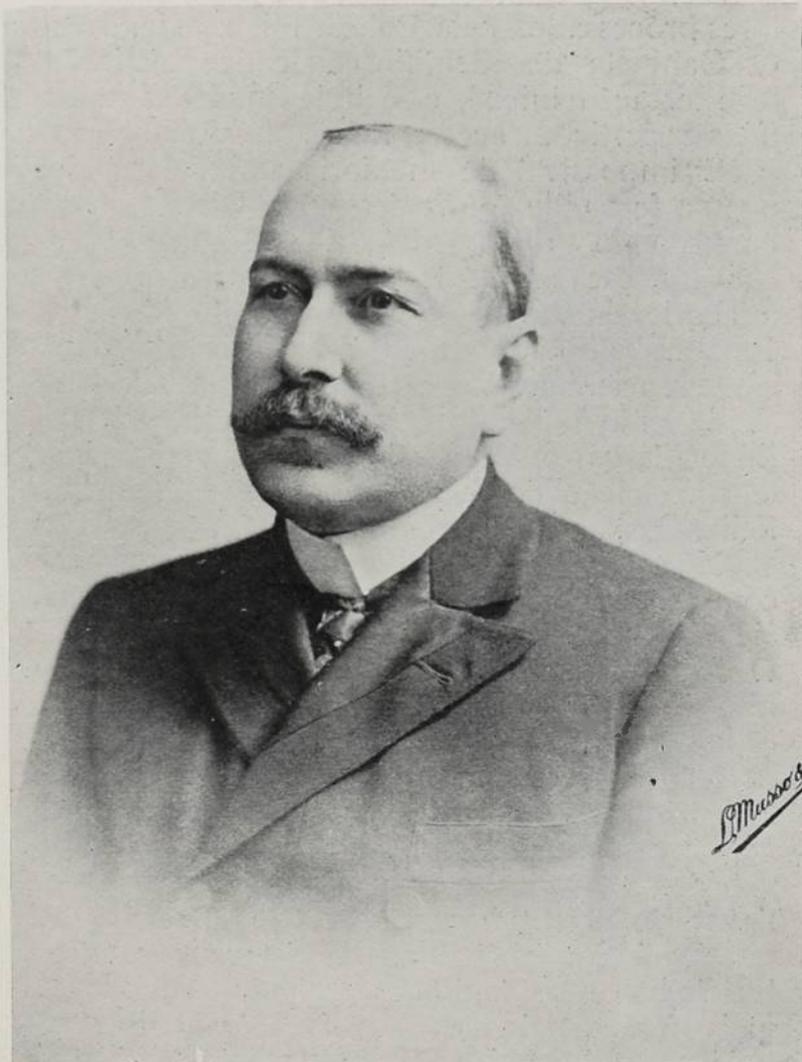
A mais fecunda administração, porém, é esta que se refere ao periodo presidencial 1902-1906. Trabalhou-se muito, produziu-se muito. Não coube ao Ministerio do Interior rasgar avenidas atravez da Cidade, mas coube-lhe a gloria de dar traços luminosos em paginas de civilisação.

O Dr. Seabra desenvolveu serviços, melhorou serviços, e creou serviços novos. O problema da Assistencia foi a sua grande preocupação, e a obra que deixou recom-

menda-o como um dos mais esforçados cultores da Republica.

Uma das primeiras cousas que fez ao assumir o exercicio do seu importante cargo foi tallhar os moldes em que devia funcionar a Directoria Geral de Saude Publica; e, reformando inteiramente os serviços sanitarios a cargo da União, deu ao respectivo Director uma somma de poderes tal que espantou a população. A população hoje está curada desse espanto, e satisfeita com a maravilha. A hygiene da Capital da Republica espelhou a grandeza do emprehendimento. Ministro e Director Geral de Saude Publica, accordes, afinados num só principio triumpharam juntos, e de quem? Da mais sinistra, da mais terrificante, da mais calamitosa epidemia que o Rio de Janeiro entretinha havia cincoenta annos. Os admiraveis trabalhos de prophylaxia improvisados contra a febre amarella, e com o exito que todos testemunhamos são sufficientes para dar renome a um Governo, pois isso resultou da confiança que o Ministro tinha no seu auxiliar, do prestigio que lhe deu, e da tenacidade com que elle agio. No Rio de Janeiro não se morre mais de febre amarella! Desappareceu o espantallo que afastava de nós a Civilisação.

A Assistencia a Alienados foi pelo Ministro Seabra cuidada por tal modo que se reformou tambem completamente. O Hospicio deixou de



DR. JOSÉ JOAQUIM SEABRA

ser um carcere de doidos para ser um sanatorio de enfermos. O Hospicio transformou-se, e arranca elogios de todos os medicos estrangeiros que o tem visitado.

A Maternidade do Rio de Janeiro é uma verdadeira creação. Não existia, nem esboçada. O que havia no Hospital da Misericórdia era ridiculo. O predio que lhe fôra destinado, e em sitio improprio, havia 14 annos que se lhe interrompera a construcção. O Dr. Seabra effectuou tudo rapidamente: fez concluir o predio com outro destino, e instituiu a Maternidade, installando-a quasi luxuosamente.

O predio concluido abriga hoje a Academia Nacional de Medicina, o Instituto da Ordem dos Advogados, e a Academia de Letras. E' o Sillogéo Brasileiro.

A' Bibliotheca Nacional e á Escola de Bellas Artes deu tambem o Ministro Seabra sédes proprias que se estão construindo na Avenida Central, e que serão verdadeiros monumentos architectonicos. O Archivo Publico, outra importante dependencia do Ministerio do Interior, está de mudança para o predio novo, especialmente construido na Praça da Republica.

Nada menos de trinta e cinco serviços, instituições e estabelecimentos pertencem ao Ministerio do Interior e Justiça; sobre todos elles o Dr. Seabra exerceu acção benefica de administrador consciencioso. A Escola 15 de Novembro para rehabilitação dos contraventores processados pela Policia foi transfundida. O Gabinete de Identificação e de Estatistica teve creação inicial, e é hoje uma das mais uteis repartições accessoras da Justiça.

E' impossivel de memoria assignalar tudo quanto fez o illustre Professor de Direito como membro do governo do Dr. Rodrigues Alves. Não nos escapará, entretanto, a organização do territorio do Acre (Decreto de 7 de Abril de 1904) trabalho ingente que a Historia recordará e reverenciará por sua capacidade e previdencia.

Quando o Dr. José Joaquim Seabra determinou largar o Ministerio afim de poder pleitear a eleição de Senador, succedeu-lhe o Dr. Felix Gaspar de Barros e Almeida.

Nunca o verbo succeder foi empregado com tamanha propriedade. A successão é um facto completo em todos os seus pormenores. O Dr. Felix Gaspar continuou a dar ao Ministerio do Interior e Justiça a mesma vibraçao e actividade que trazia desde 1903.

Não esmiuçaremos a sua obra intelligente e patriótica porque já vai longo este artigo, mas accentuaremos a benemerencia inoffusavel desse proposito humanitario de fundar o Sanatorio para tuberculosos.

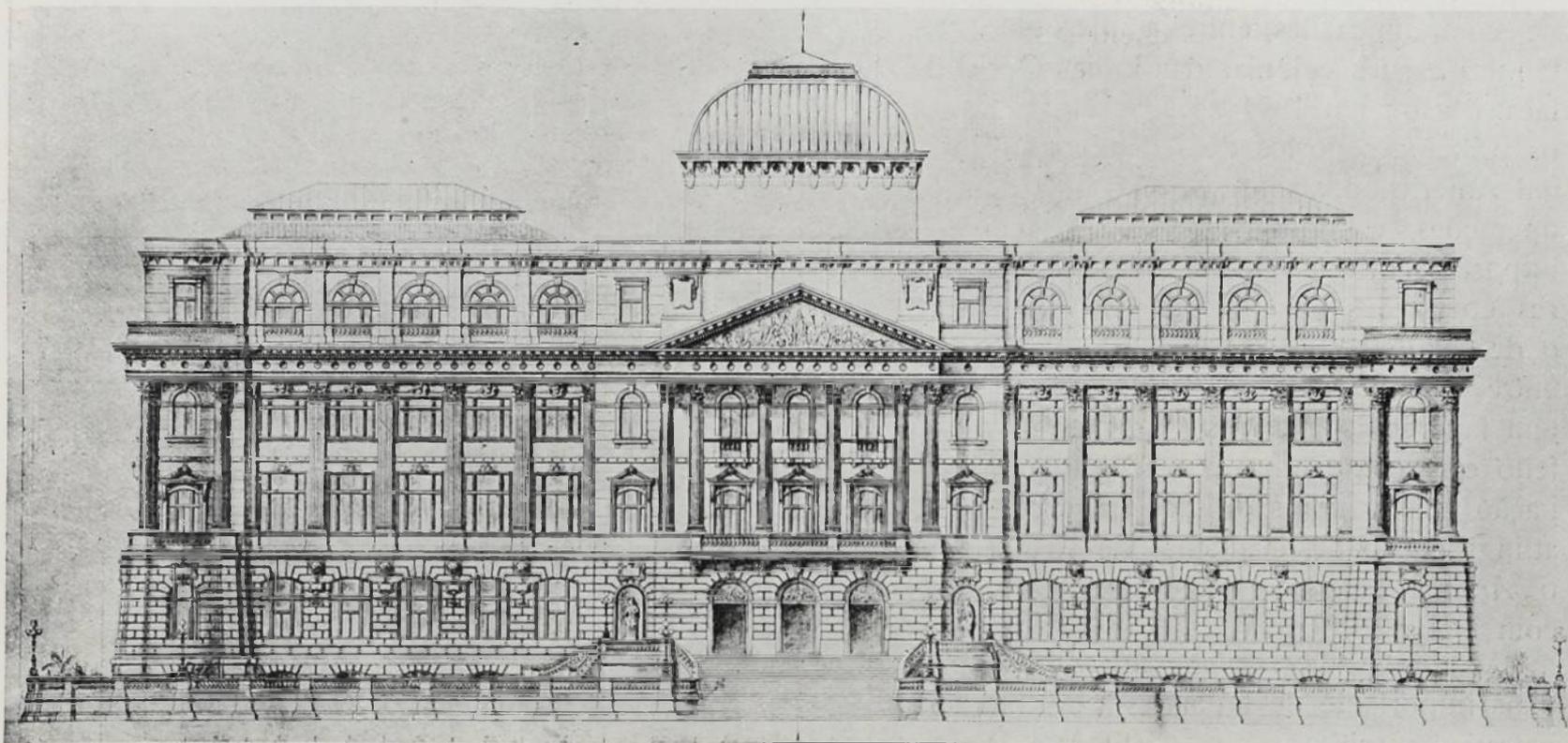
Vencida a febre amarella restava esse morbus lethal, esse hediondo ceifador de vidas, mais forte, mais cruel, mais terrivel do que todas as epidemias. O mundo inteiro clama para que se dê combate á tuberculose; nós

nada tinhamos senão uma Liga, de acção muito platonica. O Dr. Felix Gaspar, com a generosidade de um cavalleiro medieval, metteu hombros a essa empreza; e ali está o Rio de Janeiro dotado com um Sanatorio que ha de servir de modelo, e que ha de servir de refugio salvador ás victimas da temerosa enfermidade.



DR. FELIX GASPAR DE BARROS E ALMEIDA

Eis ali estão rapidamente expostos os serviços do Ministerio do Interior e Justiça; serviços em que não ha o ruido de tambores, nem as vibrações do telegrapho, nem o silvo agudo de locomotivas devorando o espaço, mas onde se distribue pela communhão social uma somma enorme de beneficios, onde se attende a um numero infinito de exigencias, onde se constróe lentamente, ininterruptamente, a cathedral immensa de maravilhosa architectura que é substancialmente o que nós chamamos Patria.



BIBLIOTHECA NACIONAL EM CONSTRUÇÃO NA AVENIDA CENTRAL

N. DA R. — Não pode escapar ao inventario que com tanto brilho fez o nosso collaborador a construcção do edificio para a Faculdade de Direito do Recife. O actual Ministro do Interior ordenando essa obra satisfaz uma das mais antigas aspirações da Capital pernambucana. Essa instituição fundada em 1827 vai ter installação propria dos seus elevados destinos.

O Quartel da Força Policial do Rio de Janeiro, que já não era o velho Quartel de Barbonos, recebeu tambem deste Ministro o maximo beneficiamento. Pela desapropriação de casas contiguas, uma das quaes era ha muitos annos Casa dos Expostos, o Quartel estendeu-se, ganhou largueza, e feição architectonica bellamente delineada. Alem disso, a Força Policial foi dotada com outros quartéis regionaes. O quartel de Cavallaria igualmente foi dotado com um novo edificio.

A Escola Correccional Quinze de Novembro passou do edificio que occupava para um estabelecimento rural, a Fazenda da Bica, adquirida pelo Ministro do Interior para maior proveito dos rapazes nella internados.

A probidade administrativa teve tambem sua pedra de toque nas providencias tomadas a respeito de concursos nas diversas Faculdades e Cursos Livres. O inventario do Ministerio do Interior e Justiça no periodo presidencial 1902-1906 é um inventario de Cresco, opulencia de que se deve orgulhar a Republica, a grande beneficiada por uma administração laboriosa e honrada.

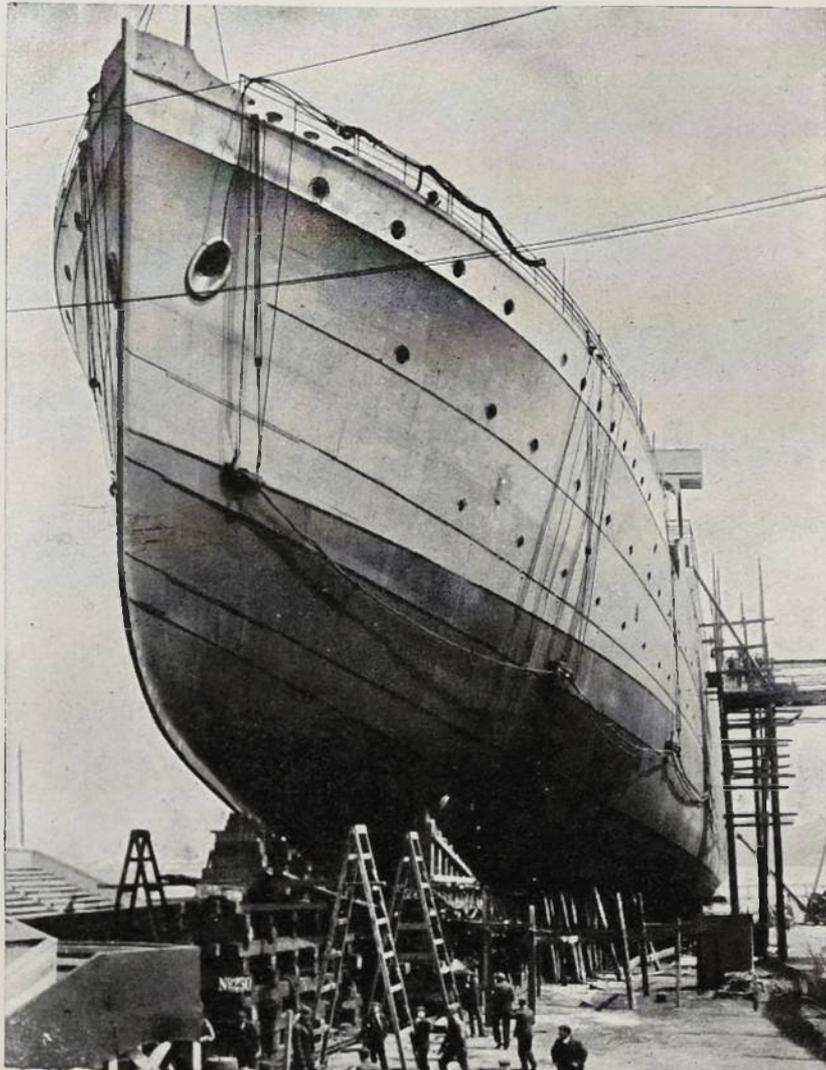
Esta Revista ufana-se de inventariar uma obra tamanha; e, deplorando a falta de espaço para um largo exame, roga aos deuses que lhe não falte tempo para registrar a obra dos outros Ministerios. São lapides que deixamos lavradas para os grandes architectos da Historia.

# O "AMAZON"

A companhia *Mala Real Inglesa*, incorporada no anno de 1839 para o serviço de communicações entre a metropole britannica e suas colonias das Indias Occidentaes, iniciou em 1851 as suas viagens para os principaes portos do Atlantico Meridional Americano, alargando a esphera de suas operações, e transferindo, em virtude da importancia de sua nova linha as suas maiores cogitações para esse serviço. De facto, o desenvolvimento crescente do commercio entre os continentes europeu e americano tem favorecido a carreira notavel que tem feito essa companhia que iniciou sua navegação com vapores de 2.000 toneladas que attingiram ao deslocamento de 10.000 com o *Aragon*, tendo em construcção outros com maior tonelagem.

A flotilha da *Mala Real Inglesa* é a mais importante de todas as que mantêm o trafico maritimo entre os portos da Europa e os da America do Sul, e os seus vapores primam pela marcha elevada a media horaria de 15 milhas e por possuirem todos os melhoramentos e aperfeiçoamentos da moderna construcção naval, offerecendo o maior conforto e commodidade aos passageiros.

Os novos navios com que a companhia dotou o seu serviço sul americano, á co-



O "AMAZON" NO DIQUE

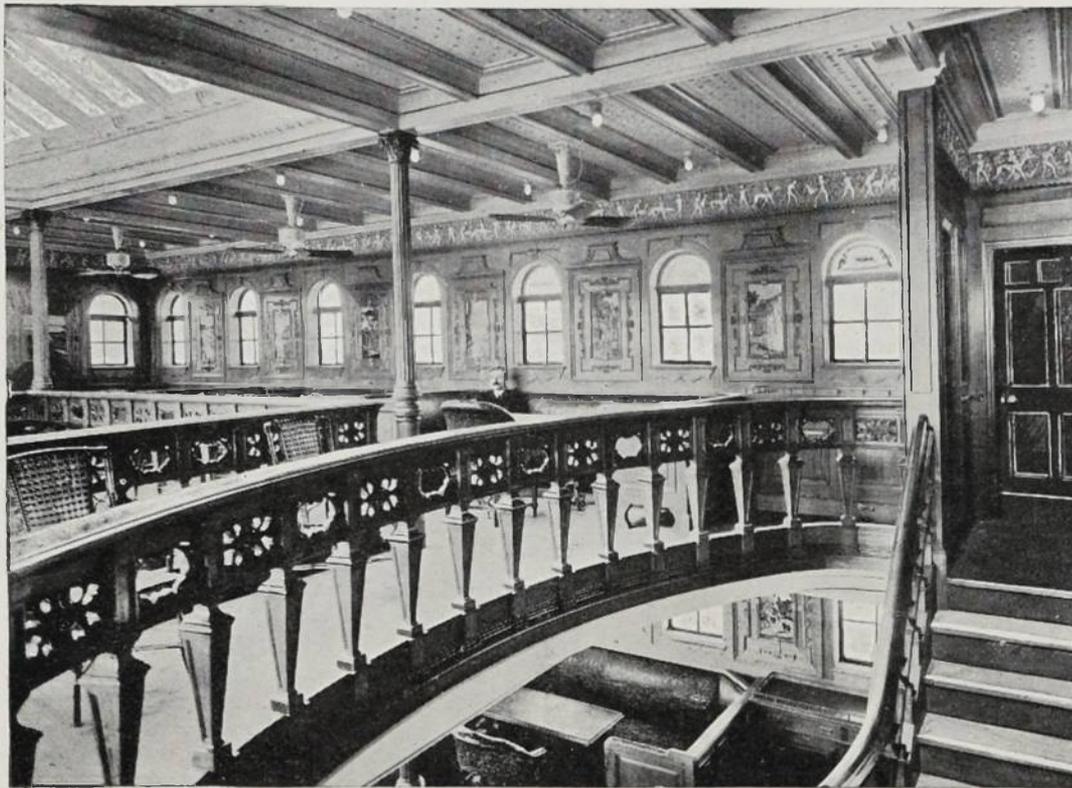
meçar do *Aragon*, pelo *Amazon*, o *Araguaya*, que em Outubro entra na carreira normal, e o *Paranaguá* que se ultima, são os melhores vapores de passageiros que navegam no Atlantico Meridional.

O que caracteriza principalmente o serviço d'essa importantissima companhia é o seu caracter internacional, sem preferencias nem sympathias, se bem que nos adornos internos dos seus vapores não sejam contemplados os bellissimos panoramas e as lindas payzagens do Brasil, sem rivaes no mundo.

Convem tambem noticiar a recusa que a companhia fizera da vantajosa proposição argentina de estabelecer viagens directas entre Buenos Ayres e a Europa. A *Mala Real Inglesa* se apresentou candidata aos favores que uma nova lei argentina concede ás companhias de navegação, mas sem acceitar a exclusão do Rio de Janeiro do numero de suas escalas.

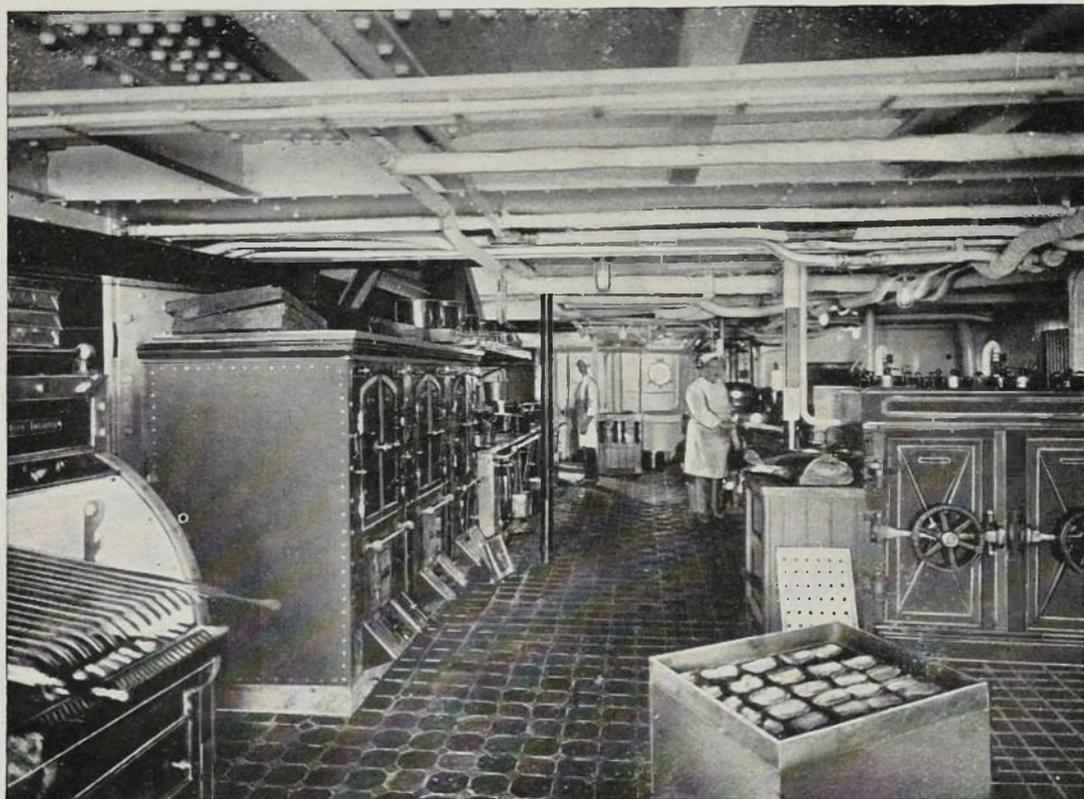
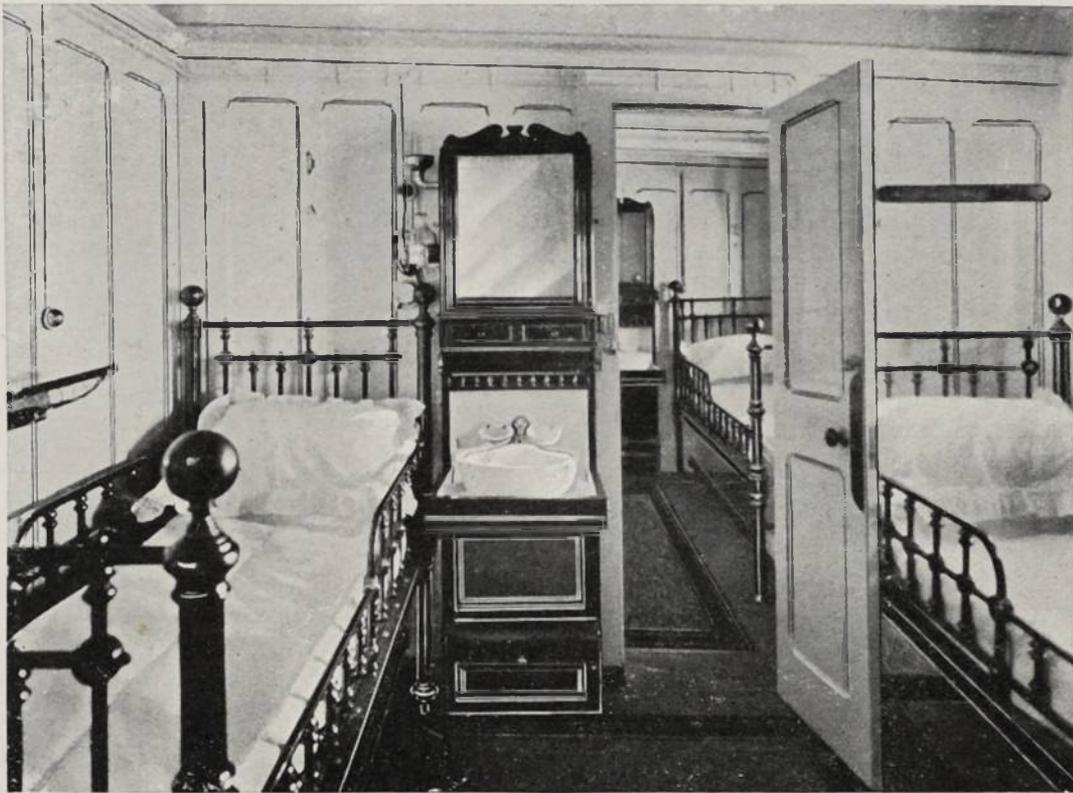
A companhia que tão gentilmente corresponde d'esta forma ás grandes sympathias com que a ampara o publico brasileiro, deve tambem observar que a transferencia da filial do Rio para Buenos-Ayres não tem uma razão plausivel, e que se o commercio com este ultimo porto tem crescido, nada impedia a elevação da cathegaria da agencia á uma subgerencia, sem retirar a do Rio. A *Mala Real Inglesa* que goza merecidamente da preferencia brasileira, e que tantos esforços faz para





SALA DE FUMAR — PRIMEIRA TOLDA

justificar essa preferencia, que dia a dia se accentúa, está em condições de servir aos nossos grandes interesses de commercio internacional, sob os seus multiplos aspectos, mas deve ser amparada pelo governo brasileiro com favores que a animem a continuar n'esse exemplo. A navegação moderna com grande velocidade, grandes navios, e todo o conforto, é muito dispendiosa, e só póde ser mantida



com auxilios, sejam directos ou indirectos, tanto em beneficio da propria companhia como do commercio maritimo, e a funcção dos governos dos paizes que se iniciam na grande estrada do progresso é ir em amparo d'esses principaes elementos de seu desenvolvimento. A *Mala Real Inglesa* é um poderoso vehiculo do desenvolvimento do nosso Brasil, pela facilidade de communições que mantem.

—«O»—

# COMPANHIA MINERVA

SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

DEPOSITO NO THESOURO FEDERAL — 200.000.000

Rua 1.º de Março, 29 — RIO DE JANEIRO

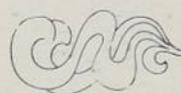


DIRECTORIA

*Emilio do Amaral Ribeiro*

*Affonso Burlamaqui*

*Jacintho Magalhães*



## SAHIU A LUZ

✻ ✻ O NOVO LIVRO DE ✻ ✻

## OLAVO BILAC

### Conferencias Literarias

— EDIÇÃO DE LUXO —

◎ ◎ PREÇO — 5\$000 — A' VENDA NA ◎ ◎

Empreza Editora **Kósmos**

## RUA DA ALFANDEGA, 24

# A Equitativa

## RELAÇÃO DAS

*Apolices sorteadas em dinheiro em vida do segurado*

EM 15 DE OUTUBRO DE 1906

43.174	Manoel Dias dos Reis . . . . .	Manãos — Amazonas
10.119	Bernardino Falcão Dias . . . . .	Viçosa — Alagoas
43.498	Arthur Pacheco de Oliveira . . . . .	S. Salvador — Bahia
44.201	Francisco de Castilhos Barboza . . . . .	Rumo da Lage — E. do Rio
17.541	Olympio de Mello Alvares . . . . .	Formosa — Goyaz
17.551	Antonio Pereira da Silva Tonico . . . . .	Mestre d'Armas — Goyaz
17.767	Sebastião da Silva Baptista . . . . .	Antas — Goyaz
40.007	Francisco José de Sá . . . . .	Pyrenopolis — Goyaz
40.537	David Hemeterio do Nascimento . . . . .	Goyaz
40.956	Theodoro Gonçalves de Oliveira . . . . .	Ponta Grossa — Paraná
4.704	Pompêo Ferreira da Costa Lima . . . . .	Aracaty — Ceará
16.511	Joseph Doria Netto . . . . .	Aracajú — Sergipe
10.840	Antonio Jovino da Fonseca . . . . .	Recife — Pernambuco
16.191	D. Anna Carlota de Souza . . . . .	Petrolina — Pernambuco
41.535	Dr. J. A. Pereira da Silva . . . . .	Rio Pardo — S. Paulo
16.623	Dr. Arthur de Paula Fajardo . . . . .	S. Paulo
10.081	Armando Pereira de Figueiredo . . . . .	Capital Federal
42.801	Alexandre Luiz de Souza Teixeira . . . . .	» »
12.778	Coronel Raphael Augusto da Cunha Mattos (*) . . . . .	» »
42.986	Alfredo Luiz Ribeiro . . . . .	» »
10.015	Manoel José Ponciano . . . . .	» »
42.461	José Antonio Duque . . . . .	Lima Duarte — Minas
43.417	Dr. Americo Gomes Ribeiro da Luz . . . . .	Musambinho — »
43.750	José Joaquim Lopes . . . . .	Monte-Verde — »
40.123	Carlos Abel Monteiro de Castro . . . . .	Ouro-Preto — Minas
40.110	Paulino Pereira da Silva e esposa . . . . .	Arassuahy — Minas
40.427	Francisco Theophilo dos Reis Junqueira . . . . .	Turvo — Minas
40.382	José da Fonseca Rangel . . . . .	S.º Antº do Machado — Minas
<b>FILIAL EM PORTUGAL:</b>		
21.094	João da Silva Catharino . . . . .	Alpiarça
20.332	José Rodrigues Ferreira Malva . . . . .	Villa de Soure
20.581	Manoel Ignacio de Oliveira Amieiro . . . . .	Lisboa
20.912	Arthur Penedo Costa . . . . .	Albandra
21.169	Affonso Augusto Dias . . . . .	Sabugal
21.435	Benigno dos Santos . . . . .	Caldas da Rainha
21.742	Antonio Bahia . . . . .	Montemór — o — novo

A apolice de resgate em dinheiro, de exclusiva invenção d'A *Equitativa*, é a ultima palavra em seguro de vida. ❁ ❁ ❁ ❁ ❁ ❁ ❁ ❁ ❁ ❁

Todos os sorteios são publicos e são dirigidos pelos representantes da imprensa, e teem lugar em 15 de Abril e 15 de Outubro de cada anno. ❁ ❁ ❁ ❁

Até hoje A EQUITATIVA tem sorteado 136 apolices na importancia total de . . . . . Rs. 595:000\$000, pagos em dinheiro á vista, sem prejuizo dos contractos que continuam em pleno vigor. ❁ ❁ ❁ ❁ ❁ ❁ ❁ ❁ ❁ ❁

(\*) Esta apolice, nos termos do contracto de seguro, entrou em sorteio, embora já tivesse sido paga em virtude do fallecimento do segurado. Proporcionou, pois, aos herdeiros, a quantia de 5:000\$000 dinheiro a vista, *post mortem*. ❁ ❁ ❁ ❁

# COMPANHIA MINERVA

SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

DEPOSITO NO THESOURO FEDERAL — 200.000.000

Rua 1.º de Março, 29 — RIO DE JANEIRO



DIRECTORIA

*Emilio do Amaral Ribeiro*

*Affonso Burlamaqui*

*Jacinto de Magalhães*



## SAHIU A LUZ

❖ ❖ O NOVO LIVRO DE ❖ ❖

## OLAVO BILAC

### Conferencias Literarias

— EDIÇÃO DE LUXO —

© © PREÇO - 5\$000 - A' VENDA NA © ©

Empresa Editora **Kósmos**

**RUA DA ALFANDEGA, 24**

# KOSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario  
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL  
INTERIOR. . . . . 20\$000      EXTERIOR. . . . . 25\$000  
NUMERO AVULSO 2\$000 — ATRAZADO 3\$000

Redacção e Officinas  
RUA DA ALFANDEGA, 24  
RIO DE JANEIRO

ANNO III

OUTUBRO 1906

N. 10

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

## CRONICA



El bem que attacar as tradições (e principalmente as tradições religiosas) é um acto de ousadia. Essas tradições são para quasi toda a gente tão inviolaveis e sagradas como aquelle prestigioso Zäimph, manto da deusa Tanit, e palladio de Carthago, no qual ninguem podia tocar sem cahir fulminado...

Pouco importa. Ha tradições grosseiras, irritantes, bestiaes, que devem ser impiedosa e inexoravelmente demolidas, porque envergonham a Civilisação.

Uma d'ellas é esta ignobil festa da Penha, que todos os annos, neste mez de outubro, reproduz no Rio de Janeiro as scenas mais tristes das velhas saturnaes romanas, transbordamentos tumultuosos e allucinados dos instinctos da gentalha. Ainda este anno, a festa foi tão brutal, tão desordena-

da, e assignalada por tantas vergonhas e por tantos crimes,— que não parecia um folguedo da idade moderna, no seio de uma cidade civilisada, mas uma d'aquellas orgias da idade antiga ou da idade media, em que triumphavam as mais baixas paixões da plebe e dos escravos.

E devo confessar que nunca a Festa da Penha me pareceu tão barbara como este anno. E' que esses carros e carroções, enfeitados com colchas de chita, puxados por muares ajaezados de festões, e cheios de gente ebria e vociferante, passeiando pela cidade a sua escandalosa bruéga; esses bandos de romeiros cambaleantes, com o chapéo esmagado ao peso das rôscas, e o peito cheio de medalhas de papel, e beijando a effigie da Senhora da Penha com os beijos besuntados de zurrapa; esse alarido, esse tropel de povo desregrado; — todo esse espectáculo de desvairada e bruta desordem ainda se podia comprehender no velho Rio de Janeiro de ruas tortas, de betesgas escuras, de beccos sordidos. Mas no Rio de Janeiro de hoje, o espectáculo chóca e revoltante como um disparate... N'um dos ulti-

mos domingos, vi passar pela Avenida Central um carroção atulhado de romeiros da Penha: e naquelle amplo *boulevard* esplendido, sobre o asphalto polido, entre as fachadas ricas dos predios altos, entre as carruagens e os automoveis que desfilavam, o encontro do velho vehiculo, em que os devotos bebedos urravam, me deu a impressão de um monstruoso anachronismo: era a resurreição da barbaria, — era a idade selvagem que voltava, como uma alma do outro mundo, vindo perturbar e envergonhar a vida da idade civilisada...

Ainda se a orgia desbragada se confinasse no arraial da Penha! Mas, não! acabada a festa, a multidão desvairada transborda, como uma enxurrada victoriosa para o centro da *urbs*, — e as facas, as navalhas, os cacetes, e os rewolvers, que não acharam exercicio lá em cima, veem exercitar-se cá em baixo...



Porque o mais grave é que a festa não é sómente escandalosa: é tambem feroz.

Julião Machado, caricaturista que sabe admiravelmente apanhar em flagrante e fixar com o seu lapis ironico os aspectos mais expressivos da vida humana, dedicou, ha dias, no *Paiz*, uma bella pagina á festa da Penha; a pagina intitula-se *Trajo preventivo para os devotos*, e representa os romeiros, como os guerreiros da idade media, envergando pesadas armaduras de aço, couraças, capacetes e elmos. Não ha exagero n'isso! tantos assassinatos se praticam todos os annos naquella malfadada romaria, que toda a gente que lá vae se arrisca a uma tragica morte, — e sempre é bom levar para lá, além do violão, do embornal cheio de victualhas e do chifre cheio de vinho, uma boa cóta de malha como precaução contra as navalhas e os tiros.

Este anno, os assassinatos foram dois ou tres: e além dos romeiros que deixaram a vida no oiteiro, ainda houve muitos, muitissimos, que de lá voltaram estropiados e

pisados, com as costellas amassadas e a cabeça partida...

Ir á Penha é caminhar para o Martyrio! Antigamente, os peccadores devotos se penitenciavam subindo de joelhos os não sei quantos degráus da immensa escadaria de pedra que conduz ao templo. Escorchavam e ensanguentavam as carnes e esborrachavam as rótulas nesse fatigante e arduo exercicio, — mas não arriscavam a vida. Hoje, a penitencia é maior, e o martyrio é completo. Ir á Penha é affrontar mil vezes a morte, — porque todos os desordeiros da cidade se encontram alli, nos quatro domingos da classica festa, e transformam o arraial numa arena, em que se travam batalhas sangrentas.

Para muita cousa sórdida ou horrivel serve de capa e de pretexto a Religião! A Virgem Maria presidindo assassinatos!... o menino Jesus, no collo d'Ella, recebendo sacrificios de sangue!... e chama-se a isso uma festa religiosa!

Verdade é que, desde as mais antigas civilisações, sempre o fanatismo religioso viveu de braço dado com a orgia e a allucinação sanguinaria... Mas é realmente espantoso que ainda se conservem, no Rio de Janeiro, em pleno seculo XX, taes reproducções das festas bacchicas da Grecia e dos jogos de circo de Roma, apothéoses da intemperança e da furia, da bebedeira e da sanha assassina.



Em grande parte, a culpa da conservação d'essa usança barbara cabe aos jornaes, que inconscientemente animam e encorajam a orgia, dando-lhe adjectivos pomposos, e continuando, não se sabe porque, a attribuir um character religioso a uma festa que é apenas um Carnaval disfarçado, muito peor do que o outro.

Na imprensa diaria, ha adjectivos de uso e emprego obrigatorio. Tal é o adjectivo *poetico*, que sempre se une a tudo quanto

se refere á Penha: - poetico arraial, poetica festa, romaria poetica. Tudo alli é poetico: a igreja, a collina em que ella assenta, o culto da Virgem, a lenda da creação d'aquelle templo... E, quando chega a epoca da festa da Penha, em todos os jornaes só se encontra o adjectivo *poetico*, - tão profusamente empregado, que é de crer que, para compôl-o tantas vezes, os typographos sejam obrigados a esvasiar todos os caixotins em que moram o *p*, o *o*, o *e*, o *t*, o *i*, e o *c*...

Entretanto, toda essa poesia acaba todos os annos em bebedeira e sangue: o idyllio dá em moafa, a egloga degenera em pancadaria, a pastoral bucolica finda em conflicto bestialmente feroz.

Os jornaes têm o cuidado de não misturar esses dois aspectos da romaria tradicional: o *te-deum*, as *promessas*, o sermão, e as lôas á Virgem apparecem em uma columna do noticiario; e em outra columna figuram as facadas, as cachamorradas, os tiros, os devotos com as tripas ou os miolos ao sol, e toda a encenação da orgia horripilante em que a indigestão dança ao lado da ferocidade e em que a sêde de vinho se casa á sêde de sangue, no sopé da collina poetica, perto da poetica igreja, em que poeticamente se venera a poetica imagem de Nossa Senhora... As noticias apparecem separadas, em columnas distinctas; mas, instinctivamente, o leitor, depois de percorrer com a vista a noticia suave, procura logo a noticia feroz, e, ao terminar a leitura, exclama espantado: "Caramba! nunca se

viu tanta devoção ao lado de tanta carraspana, nem tanta poesia ao lado de tanto crime!"



Infelizmente, se vejo e fustigo o mal, não posso achar o remedio.

Já não é possivel comprehender a festa da Penha sem bebedeiras e facadas. De modo que o unico meio de evitar tamanha vergonha seria prohibir essa escandalosa e selvagem romaria. Mas todos os catholicos se levantariam, berrando e escumando de colera, contra essa *intolerancia*...

Assim, só ha um remedio: é dar tempo ao Tempo, que é um grande medico. Talvez daqui a alguns annos a orgia da Penha desapareça, como desapareceu o entruído, e como desapareceram tantas outras festas barbaras que se escudavam na implacavel e insupportavel Tradição.

E, enquanto isso não acontece, o Rio de Janeiro continuará a ser deshonorado pelo escandalo periodico d'essa bacchanal catholica, - em que os devotos misturam a hostia com o peixe frito, o vinho das galletas com o vinho dos chifres, a oração com a blasphemia, o extasi com a indigestão, a genuflexão com a *rasteira*, a ave-maria com a navalhada, e o fervor religioso com o furor carniceiro.

O. B.



KOSMOS



*P. Maruki*  
TOKIO.

LLOYD GRISCOM-EMBAIXADOR AMERICANO

# Milagre de Maio

.....  
E deixa-me sonhar a vida inteira.

ANTHERO DE QUENTAL

Pan-pan-pan!

E uma voz feminina, muito limpida e muito doce, vibrou crystalinamente:

— Acorda!

Em sobresalto, e meio tonto, ergui-me.

Nas frinchas das janellas, nas frinchas da porta, traços de ouro fulgiam. Seria manhã?

Corro, abro o postigo — e um largo jorro de sol deslumbrou-me, banhou-me todo, illuminando tudo. Por cima da minha cabeça, junto do tecto branco, o meu canario amarello rompeu a cantar, nuns agudos triumphantes, batendo alegre as pontas das azitas louras. Suspendo a vidraça: a rua toda resplende! E lá acima limpidamente, purissimamente se desdobra o Céu azul...

Mas quem seria que bateu? quem seria que falou?

Um presentimento, uma superstição de coisas tristes ou alegres abatem-se sobre o meu espirito, invadem-me, apoderam-se de mim, d'envôlta com uma intensa curiosidade de saber que occorrença sobrenatural ou real, feliz ou infeliz, teria sobrevivendo ao meu sêr, ao meu destino, á minha vida.

Penso, reflecto a espaços: algum *rendez-vous* olvidado, algum compromisso esquecido?

Não, nenhum.

Mas bateram, falaram. Olho, procuro, rebusco anciosamente. E ninguem á minha janella, á minha porta, na rua!

Subito um alvoroço intimo, fundo, delicioso como uma affeição que brota, apossou-se do meu coração, enchendo-o de um jubilo, de uma esperança, de um encanto indefinidos. E logo experimentei um desejo vivo, insoffrido e ardente de vêr, ouvir e falar a *alguem* que eu tinha visto, e ouvido, e falado, por instantes, uma vez, outr'ora, numa noite feliz, já remota: Lyly, uma creaturinha ideal, muito loura, contando treze annos apenas, de olhos azues e mãos de lirio, radiante de belleza e de graça, que a Sorte me deparara ao acaso, entre musicas e canticos divinos, á celebração de uma festa catholica, numa igreja de provincia.

Seria ella? Não sei. O que sei é que o seu nome e o seu claro, ineffavel perfil me vieram de repente á lembrança, numa arrebatção inaudita.

Mas eram já passados tres annos, e eu nunca mais lhe falara, nem nunca mais a vira. E verdadeiramente não sabia quem era, além de que procedia de uma formosa mãe brasileira e de um forte e rico pai inglez, da Escossia, um Apollo boreal, filho de «lords da *clan*, convertidos á Roma», na phrase incomparavel e artistica do immortal EÇA, num dos seus immortaes livros, o *Primo Bazilio*.

Sim — pensei, então, por fim — era de certo a Lyly, que tinha chegado, que estava allí, e que, por uma alta suggestão espirital, um fluido ethéreo ou psychico, disso viera avisar-me, batendo e falando á minha janella como um astro que ráia e passa no alto fulgindo...

E, numa anciedade avassaladora e crescente, vesti-me e sahi, a correr atraz daquelle mysterio. Na rua, dirigi-me casualmente para a igreja do bairro, onde se resava, louvava, cantava, glorificava e coroava Maria, a Virgem Santissima.

Era o ultimo dia de Maio. Moças graciosas e meninas alegres, em bandos rumorosos e festivos, entravam no templo, vestidas de branco, carregadas de flôres, com os chapéos e as fitas ao vento...

Entrei tambem, nervoso, ancioso, numa palpitación. Immediatamente um incomparavel jubilo e uma grande felicidade sacudiram a minh'alma.

Dentro, na espaçosa nave rendilhada e florida, em meio á variegada e aristocratica multidão que a enchia, uma esplendida cabeça de ouro destacava entre todas, num alto e cheio corpo feminino, que se mantinha erecto e de pé, num triumpho esculptural de linhas, ao lado de outro que representava uma matrona, de cabellos tambem louros mas grisalhos, tendo fórmas tão fascinantes e esthéticas que lembrava a Venus de Milo.

Ao soar vago e avançante dos meus passos nas lages, a linda cabeça fulva voltou-se, num mover rapido e ineffavel — e seus divinos olhos azues fitaram-me, e seus labios sorriram-me encantadoramente.

— Lyly! gritei então dentro em mim, enlevado e triumphal.

E ajoelhei, porque *ella*, a matrona que estava a seu lado (a mãe, decerto) e as demais pessoas ajoelharam tambem.

E logo, partindo do côro e avassalando toda a nave, canticos mysticos reboáram, glorificando Maria, a Virgem Santissima, que duas meninas coroavam, e que, sobre a alvura immaculada do seu flammante altar florido, sor-

ria idealizadamente, para o Céu e para Deus, numa auréola de ethereal esplendor...

No rumor gazil e doce da sahida, em que a emanação vaga das flôres, do incenso e a capitosa fragrancia dos corpos e vestes femininas embalsamavam o ambiente, inebriando e idealizando tudo, vim levado suavemente até á porta do templo, numa onda embevecedora de meridionaes ou tropicaes physionomias olympicas, onde os olhos radiavam como minusculos astros negros humanos de graça e sedução supremas, encontrando já, de pé ao humbral, tentadora e magnitica na sua belleza septentrional de loura anglo-brasileira, a Lyly, ao lado da mãe, ambas trajadas de branco e com os largos, leves chapéos de verão pou-sados galantemente ás cabeças como gigantes cas borboletas de neve com azas trémulas de neblina. Olhavam, como quem procura e chama, a rica fila de carros e automóveis ligeiros que estrepitavam no ádro, em rodantes movimentos. E eu fitava a adorada creatura edenica, que via pela segunda vez na minha torturada e anciosa vida de artista e de sonhador dolente, cheio de idealismo e paixão, e, sem saber como nem porque, apunhalado impiedosamente pelo presentimento e a idéa de que era aquelle, talvez, o derradeiro e afflictivo instante que a teria sob os meus olhos e sob o meu desejo. Sim, porque eu tinha deante de mim a linda enseada azul-serena que se desdobra para Guanabara, para o vasto Atlantico além, e que parecia incessantemente accenar-lhe, arrastando-a e attrahindo-a para o seu seio ondulante, onde a Aventura e o Sonho, as Emoções e as Viagens, cantam e arrebatam as almas, executando as wagnerianas symphonias do Mar, á orchastração atroadora do Vento e da Vaga, de mãos dadas ás Sereias...

Mas um automóvel côr de ouro, como o sol que jorrava do Azul ao momento, encostou silencioso e precípito ao amplo batente de cantaria da grande porta da igreja.

Lyly fitou-me então, por segundos, enlevadora e deslumbradoramente. E, a um accêno da mãe, num passo grácil e largo de grande ave marinha, subiu com ella para o automóvel côr de ouro, que voou como uma fléchia

perdendo-se electricamente no meio da multidão de vehiculos de toda a especie que desciam para a *city*.

E, emmudecido e algemado num êxtasis, eu a segui, por um voar de minutos emocionante e fremente, vendo os seus cabellos de um louro de sol relusirem como um astro, sob o leve véo de bruma que esvoaçava ao vento...

A' tarde, no alto varandim balaustrado da Gloria, eu scismava nostalgicamente a olhar a ampla bahia, onde um *steamer* pairava, num fumegar de partida, ao lado de Villegagnon, á ponta de Coligny, quando um amigo bateu-me no hombro, de repente, segredando-me com affecto:

--Então? Já sei que viu hoje a Lyly...

--Sim... Mas onde está ella agora? murmurei quasi sonambulamente, ainda olhando a bahia.

O meu amigo sorriu e expressivamente tornou, apontando o mar ao largo:

--Alli, a bordo do *Aragon*, que vae leval-a de certo para algum novo destino...

E contou-me que ella vinha do Prata com a mãe, e seguia para a Europa. Soubera-o pelo Charles Wilson, da *Mala Real Ingleza*. E abalou no primeiro bonde que corria em direcção á cidade, deixando-me ainda mais desolado e mais triste.

Voltei a olhar a bahia, admiravel como sempre, porém mais nostalgica e saudosa nessa hora vespertina. Já o *Aragon* suspendia.

--Na verdade devia ser assim mesmo, pensava eu intimamente. A Felicidade para os artistas passa sempre como um meteóro ou um relampago: surge, fulge, desapparece instantaneamente. Que desventura inaudita!

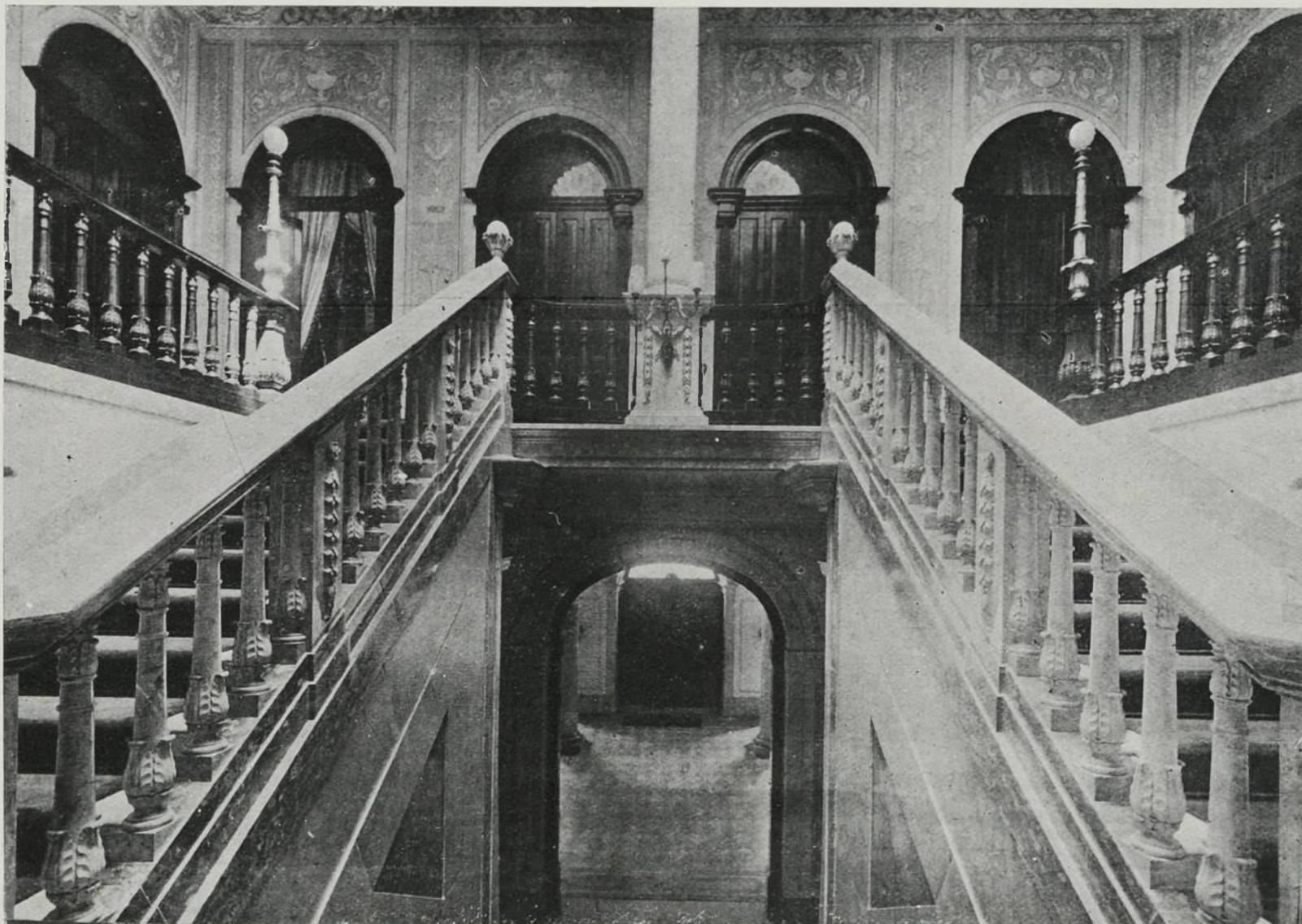
E lá ia a Lyly, Atlantico em fóra, para a Inglaterra, para a Escocia, para o seu Castello dos Granppians, e eu nunca mais a veria!..

Por muito tempo então, segui com o olhar, desolado, o enorme casco balouçante do *Aragon*, que, por fim, se perdeu de todo no horizonte nevoento do Mar infinito...

VIRGILIO VARZEA.



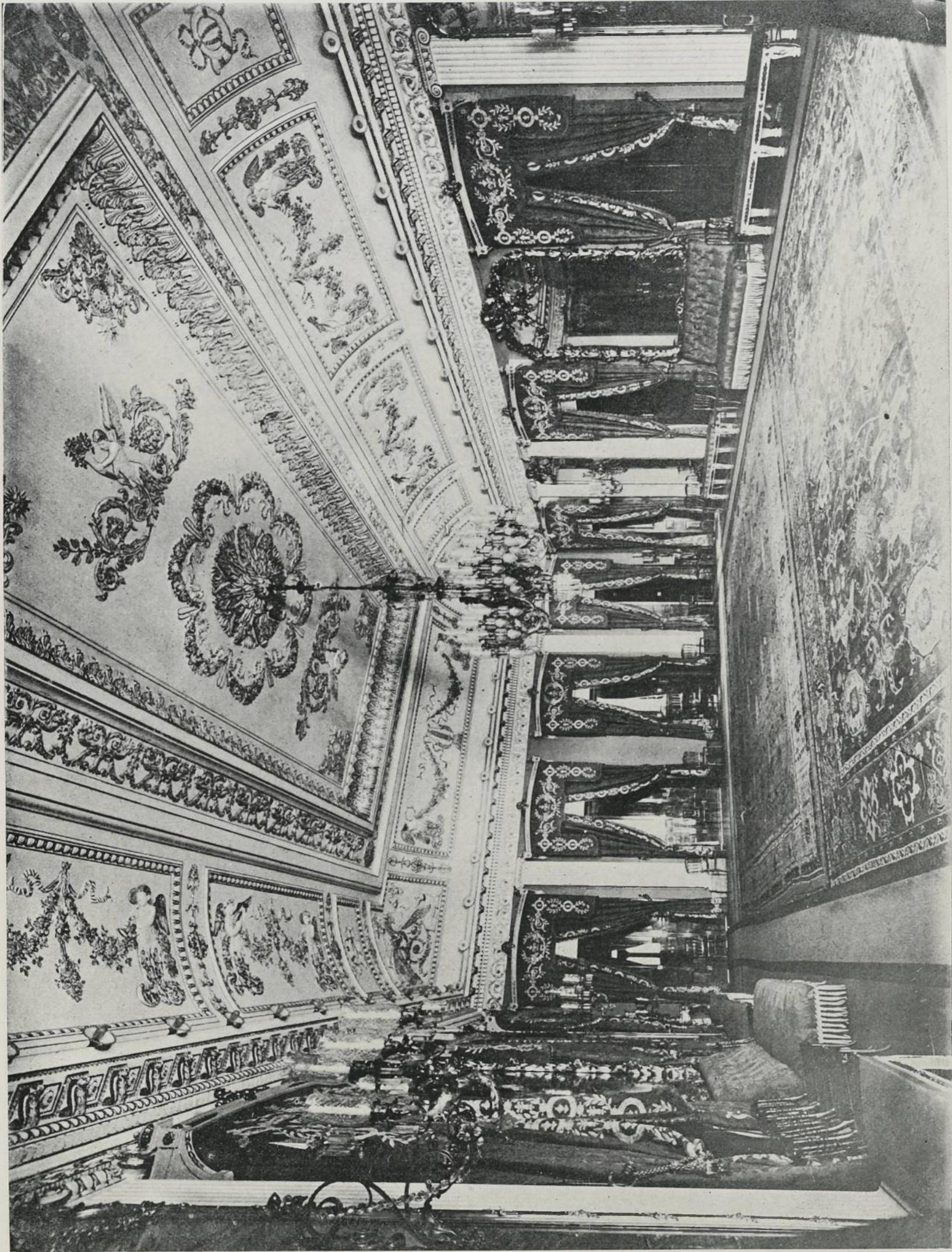
SECRETARIA DAS RELAÇÕES EXTERIORES—SALÃO DE ENTRADA



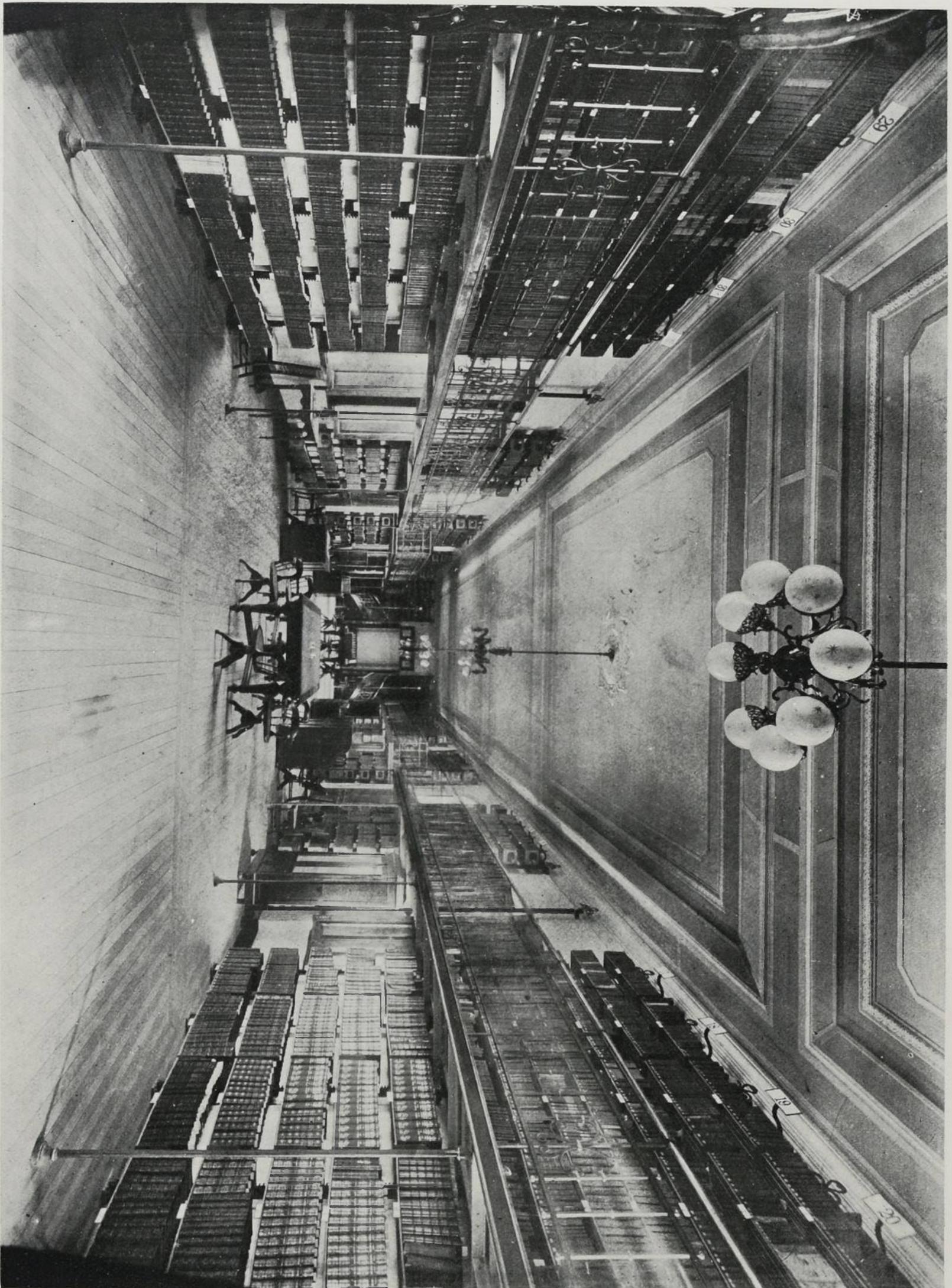
SECRETARIA DAS RELAÇÕES EXTERIORES—A ESCADARIA PRINCIPAL



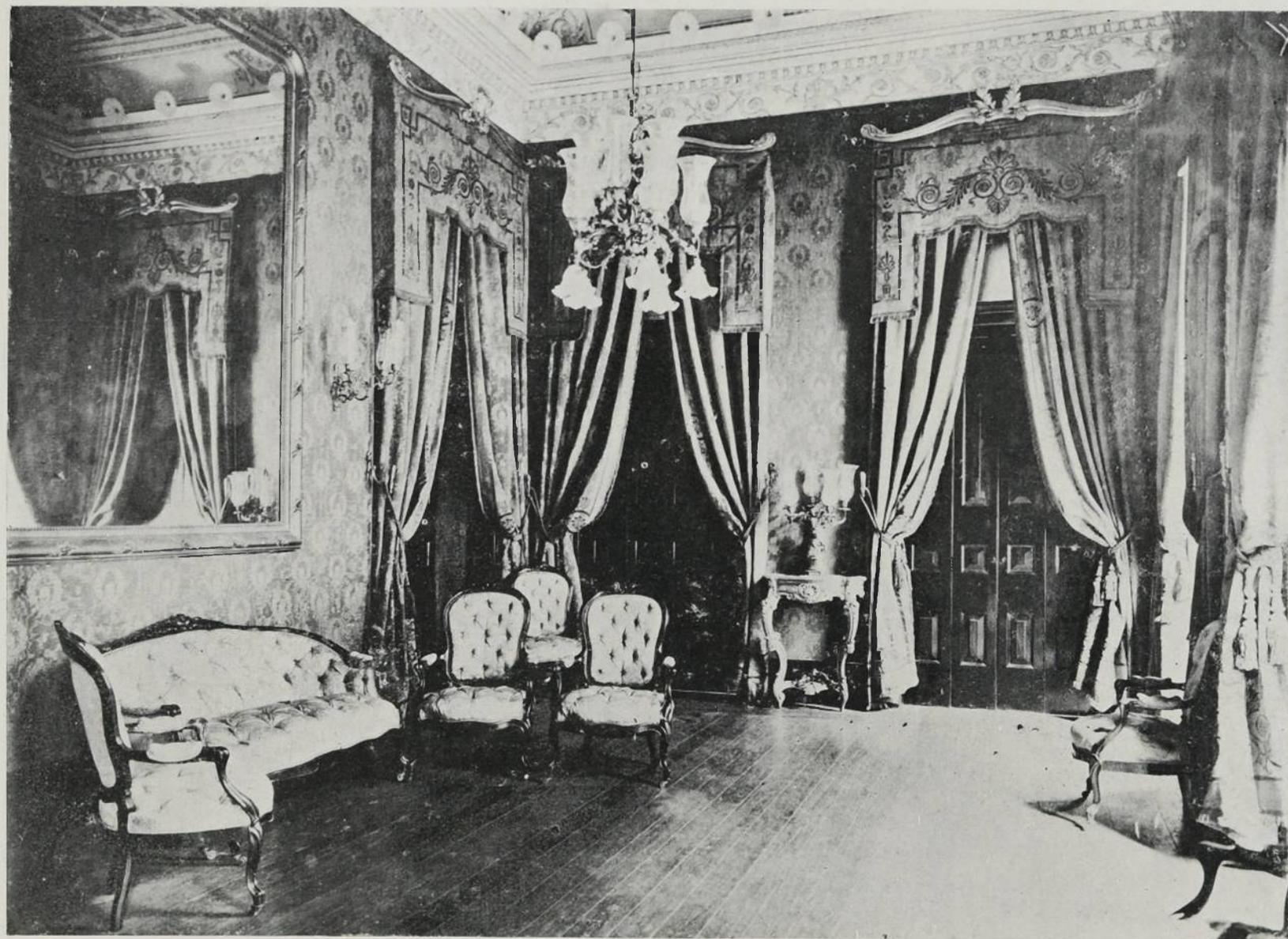
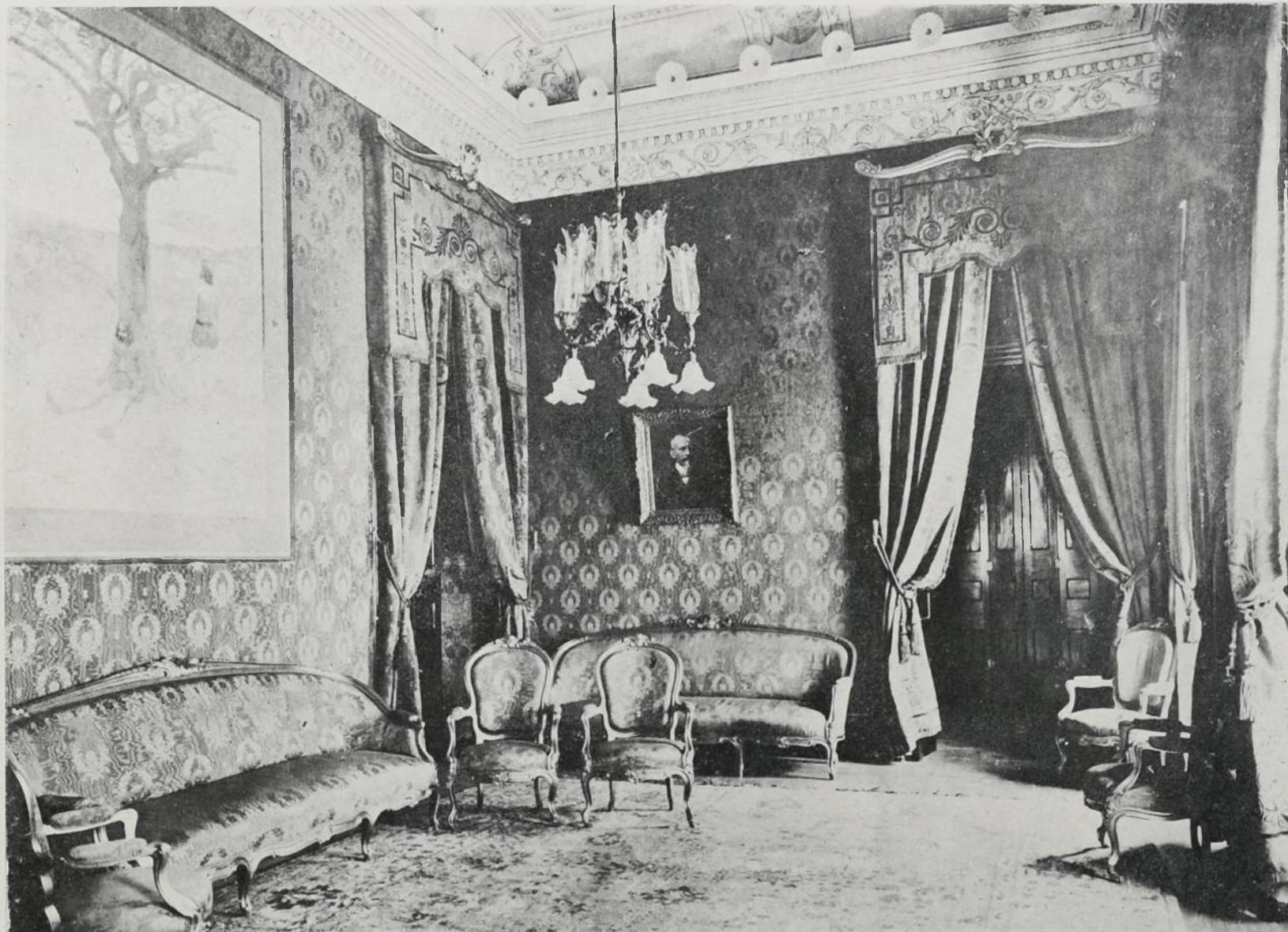
JARDIM DO PALACIO ITAMARATY



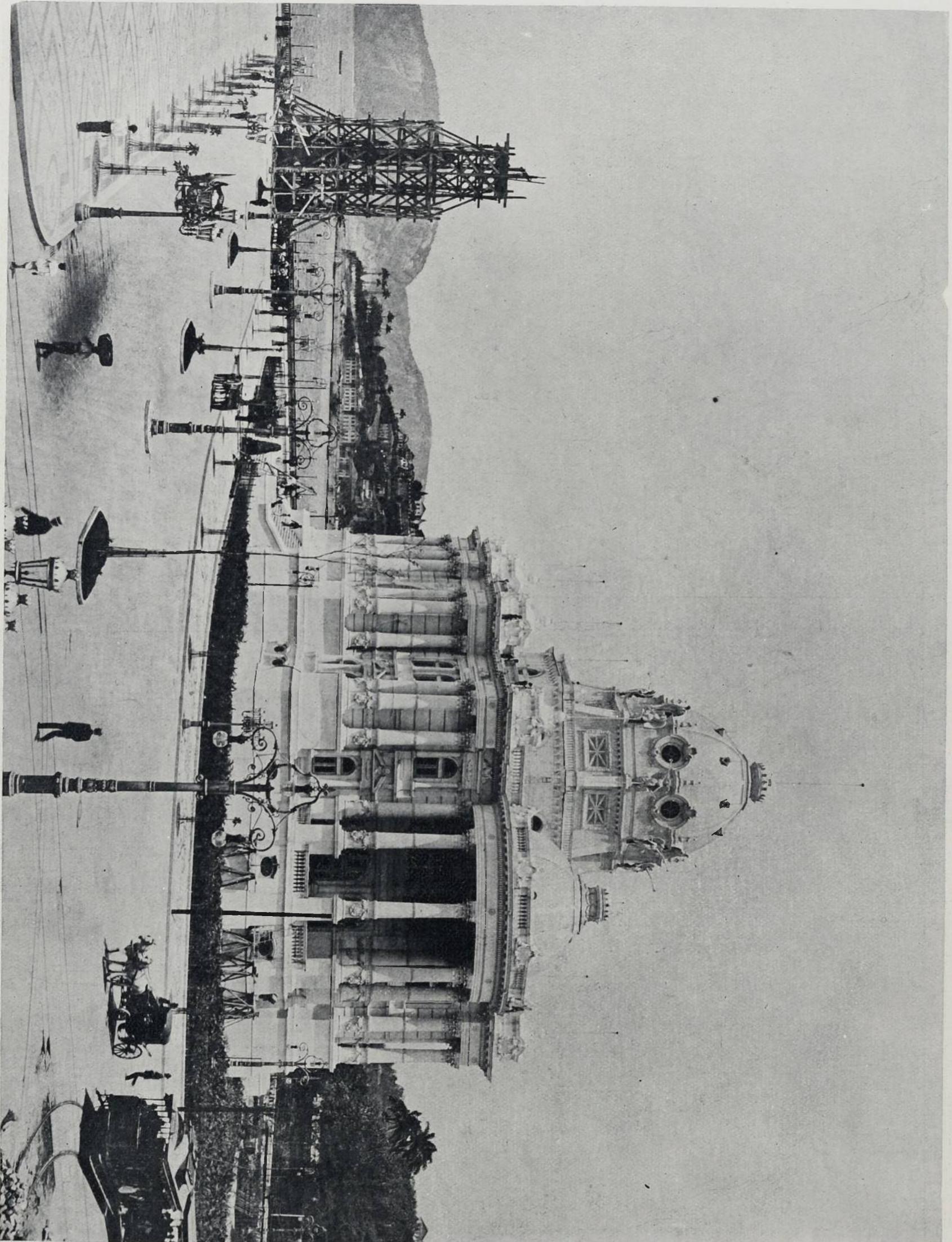
SALÃO DE RECEPÇÕES (SECRETARIA DAS RELAÇÕES EXTERIORES)



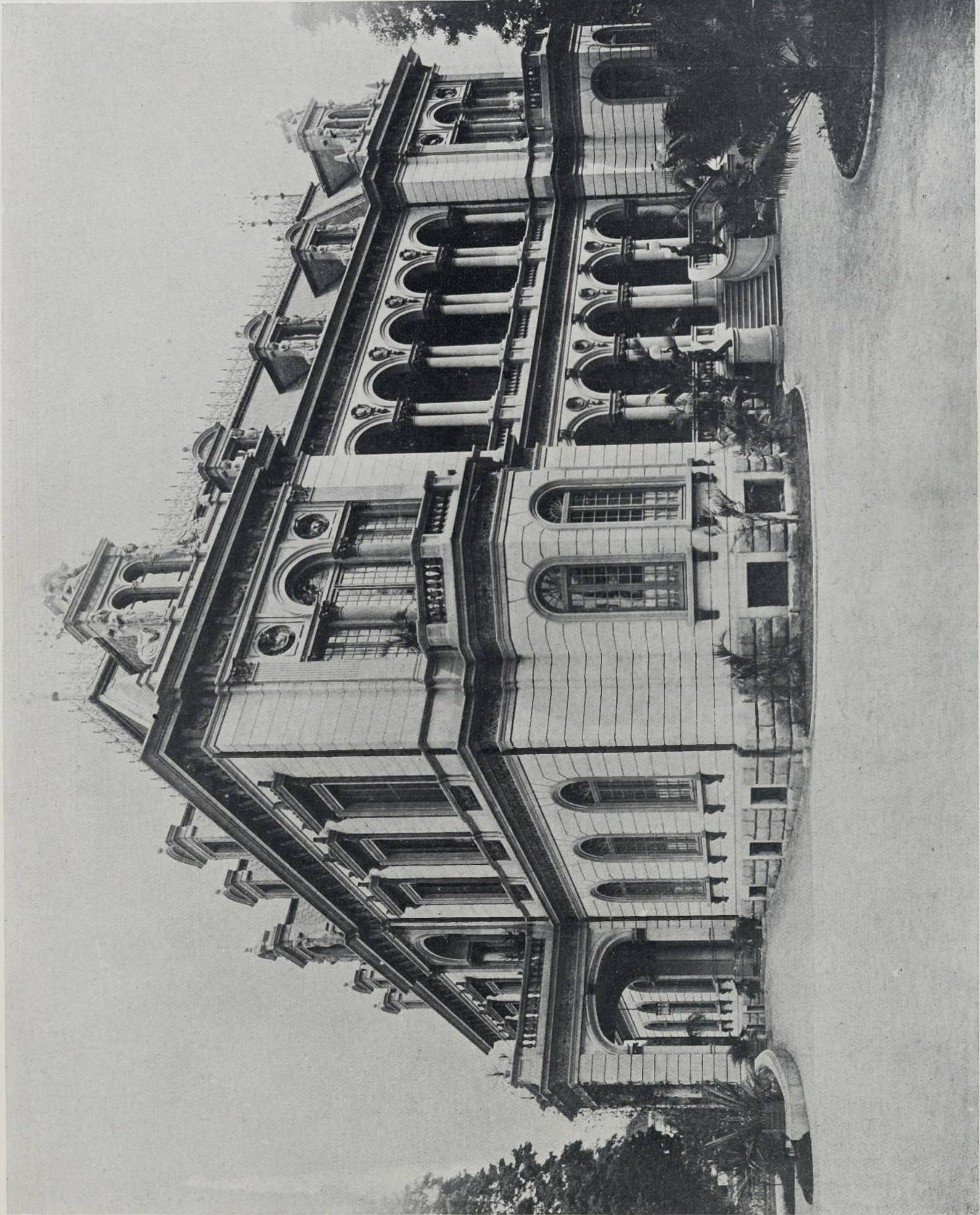
BIBLIOTHECA DA SECRETARIA DAS RELAÇÕES EXTERIORES



PALACIO ITAMARATY — SALÕES



PALACIO MONRÖE

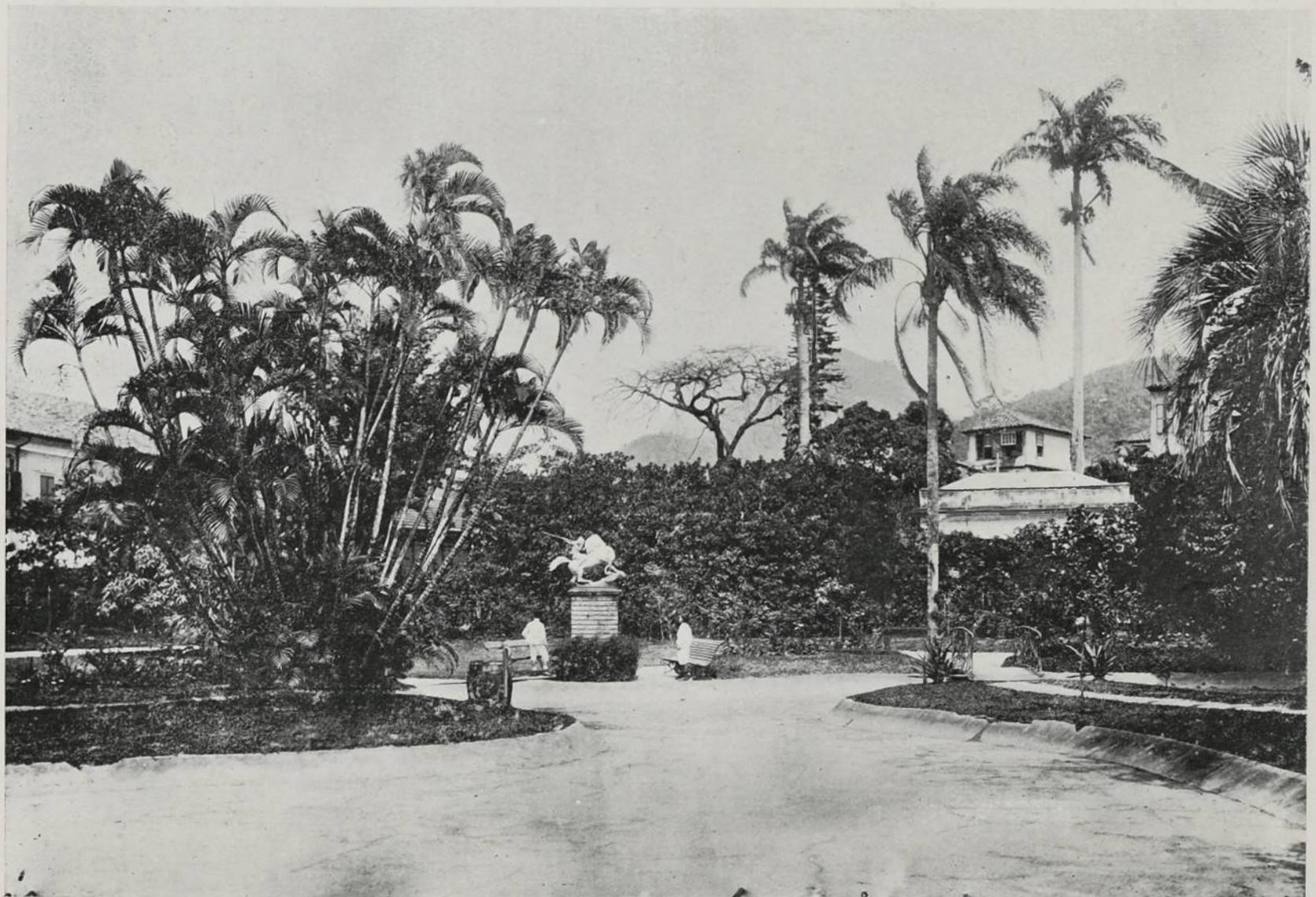


S. PAULO — PALACETE ELIAS CHAVES, ONDE SE HOSPEDOU ELIHU ROOT

Phot. Gaensly—S. Paulo



PALACETE ABRANTES, ONDE SE HOSPEDOU ELIHU ROOT, NO RIO DE JANEIRO — LADO DO PARQUE



O PARQUE

## TRADIÇÕES

**E** lá fomos nós ambos, no delicado goso daquela palestra amiga, palmilhando, a passo, com vagares de observação, aquella sumptuosa arteria carioca, rasgada através de um longo labyrintho tradicional de ruas velhas e feias.

Do Céu desciam as primeiras suavidades de um Crepusculo de Inverno, com tinturas violetas para as bandas da barra e uns restos de claridade viva para os lados dos morros altos.

Deixaramos a *terrasse* de um desses alegres cafés modernos, cheios de uma palradora mocidade futil, cantante da alegria feminina de uns vestidos claros, e emprehenderamos essa viagem civilisadora, pelo consôlo de uma rua larga e nova, em busca de algo que nos descobrisse, alli, a Saudade lamentosa das Tradições.

Para Marcio, nesse trecho novo da Vida carioca, nenhuma reminiscencia, sequer, d'antanho, do velho Rio que desaparece, encontraríamos: nenhuma.

A mim, alimentava-me a esperança enlevadora de encontrar, no esquecimento de um uso, de um costume simples, a antiguidade patriarchal da minha linda cidade carioca.

Curiosos, ávidos, lá iam os olhar para o casario novo da Avenida, para o tormento desabalado das suas cupolas, que estendiam já, pelas calçadas, as primeiras sombras dos seus vultos negros.

Nada. Tudo novo; tudo Civilisação, desde o feitio semi-circular das vitrines, ao estylo arte-nova das frontarias; desde a miuda pedra arabescada do calçamento, á polychromia estaonteante das pinturas. Tudo novo, de hoje, sem o resquicio de um velho habito, nem a reminiscencia de um costume antiquado.

Ávidos, curiosos, seguíamos por essa longa Avenida encantadora, despertados, aqui, alli, pelo fom-fom moderno dos automoveis, pelo guisalhar novo da alimária dos fiacres. Marcio exultava.

—Vês? Tudo moderno: tudo Civilisação. São os *autos* que passam na inconsciencia vertiginosa do seu mechanismo, no seu desgracioso feitio de fogões.... á gasolina. E' o engenho humano vencendo a elegancia animal. Olha. Agora são os fiacres. E' Paris, puro Paris, até na cor das lanternas e na posição des-

animada dos cavallos. Tudo novo, tudo Civilisação.

E caminhavamos, ao lado um do outro, Marcio com a sua palrice de Meridional, apontava as esquinas:

—Reconstróe, se és capaz, aqui neste trecho, o pedaço que existiu da tua velha Cidade.

Paravamos, analysavamos, buscavamos reviver, na memoria, algum pequeno trecho do que fôra um ponto designado, um local apontado.

—Esmagada, morta para sempre, a solemnidade das tuas Tradições.

Tudo novo, tudo civilisado. Até no vestuario. Repara. Estamos a andar ha meia hora e ainda não encontramos uma sobrecasaca. E' incrível. Até já ha roupas claras.

Descêra aos poucos uma noite suave de Junho, com o seu lindo Céu negro e o pisco luminoso, muito claro, dos seus milhões de estrellas.

Para traz, foram ficando as grossas molles de cantaria do commercio allemão, com o seu aspecto silencioso de prisões e a sua gravidade de fortes.

Vinham agora as construções mais leves, do pequeno varejo, já illuminadas pela claridade leitosa das lampadas electricas.

Vinham agora as *terrasses* dos cafés, dos pequenos *bars*, com as suas pequenas mezas de folha, gritando reclames de cervejarias, já quasi vasia pela hora e pelo Inverno.

Nem mesmo o Castellões, o lindo *bar* de hoje, nem mesmo elle, deixava transparecer, através do nó das suas armações, do seu delicioso local, do seu velho nome conhecido, aquelle saudoso Castellões, das epocas do rememorado Carlos, o Major, que fôra o reducto formidavel de tanta mocidade, alli, naquelle pequeno corredor estreito da Rua do Ouvidor.

Vem elle.

Parámos um pouco, á esquina da Rua da Assembléa, hoje larga, longa, bem construida, bem calçada.

—Esta é a nossa amada, a nossa querida, a nossa lembrada Rua da Assembléa. Quem a reconhece agora? Alli, era o Knop, lembraste? Lá, o *Mercurio*; e Marcio avançava o braço, apontando.

Um, representava o desperdicio de alegrias moças, na inutilidade das agremiações palradoras e incipientes; o outro, ah! o outro! foi a unica tentativa seriamente commercial da nossa bohemia. Este durou seis mezes; aquelle teve a existencia folgada de longos annos.

Hoje, nem existe mais a tristeza das ruinas, que possam levantar o consôlo de uma longa Saudade.

Veio a Avenida Central e supprimiu o Knop, que já se accommodara, antes, ao destino familiar de vender camas e colchões; depois o alargamento da Assembléa, levou para sempre o velho casarão desequilibrado, onde, por seis mezes a fio, se equilibrou milagrosamente, o nosso chorado *Mercurio*. Nem mais estas recordações nos restam, nem mais estas, as mais intimas.

E continuamos no vagar da nossa palestra. Agora, eram as construcções officiaes, graves e vastas, impondo á respeitabilidade popular a solemnidade do seu aspecto.

— Olha, tornou Marcio, nem o Castello pouparam. Vae aos poucos; desfaz-se, dia a dia, em aterros fecundos para a Civilisação nascente.

E foi alli, dizem, que acamparam as primeiras populações cariocas; é, portanto, o berço da Cidade; pois lá se vae.—

Que mais queres? Voltemos, já se faz tarde e o frio aperta. Para lá só tens a supercivilisação — O Theatro Municipal, o Palacio Monröe.—

Eu seguia silencioso, roido desse despeito mal concentrado dos vencidos, notando defeitos, falhas de estheticas.

Como era cruel aquella verdade. Nesse longo percurso, desde o extremo commercial da Avenida, até aquella recanto socegado e claro, por aquella rua sumptuosa e clara, não encontramos, sequer, o mais leve indicio de uma Tradição, a Saudade viva de um Costume antigo.

A Civilisação triumphava gloriosamente, esmagando toda e existencia patriarchal da minha velha cidade carioca. Estava vencido, não havia duvida.

E Marcio, com o seu ar alegre de triumphador, enumerava progressos que se iam fazer, posturas municipaes que se iam votar, para a completa remodelação da Vida carioca.

De repente, do assomo alegre de uma descoberta victoriosa, exclamei:

— Ah! cá está! Eil-a, Marcio, olha, repara, certifica-te. Era impossivel. Deviamos encontrar-a por força. Tinha quasi certeza. Olha; é a velha, a inesquecivel Tradição. Veio plantar-se aqui neste recanto socegado da Avenida, sob a protecção silenciosa do velho convento.—

E de facto. Quasi enfrentando a sumptuosidade magnifica do Palacio Monröe, já quasi no fim desse ajardinado que acompanha o velho, o monumental Convento da Ajuda, eu descobrira a luz mortíça da pequena lanterna

suspensa da *Bahiana*, vendedora de mendobi e de cuscús.

Sim! Era ella, que alli estava, oppondo ao clamor barulhento da Civilisação dominadora, a ingenuidade simples do seu pequeno commercio primitivo. De onde viera? Talvez, das bandas afreguezadas da Central; talvez, das portas barulhentas do Mercado. Sei lá.

Viera para alli, trazida, naturalmente, pela ambição do ganho, em busca de local mais lucrativo. E escolhera aquelle recanto civilisado para offerecer ao transeunte moderno, a novidade excitante do seu mendobi e o sabor adstringente dos seus cuscús.

Parei feliz. E lá vi o mesmo taboleiro tósco, assentado sobre a pequena banquêta em X, e era o mesmo, o classico, o fogareiro em que crepitava a braza rubra do carvão de lenha, aquecendo os pequenos bôlos roliços de mandioca.

Aquella modesta Tradição carioca, alli, naquella brilhante Rua rumorosa, defrontando a gloriosa architectura do Palacio Monröe, era como a Saudade de uma Vida extincta, florescendo no vigor excessivo e radioso de uma existencia que começa.

Exultei. Marcio estacara emmudecido.

— E dizem, meu caro Marcio, que somos um paiz sem Tradições. Olha, repara, certifica-te. Não; para nós, velhos Tradicionalistas, nem tudo está perdido. E como resumo da nossa Vida simples de outr'ora, não pode haver prova mais saborosa de que esta ingenua *Bahiana* do mendobi e do cuscús.

— E esquecendo-me que era Inverno, abri, sobre o peito, o agasalho commodo do meu sobretudo inglez, e num gesto galante de cortezia, saudei gloriosamente aquella ingenua creatura basbaque, que era para mim, naquelle momento, o Symbolo supremo das Tradições cariocas.

\*  
\* \*

Lá em baixo trillaram apitos; gente curiosa corria a agglomerar-se para as bandas do caes novo.

Dois «chauffeurs» esmurravam-se valentemente, enquanto no recesso calmo e grave do Palacio Monröe, a Terceira Conferencia Internacional, discutia a Paz e a Concordia.

Ah! A Civilisação...

Outubro, 1906.

MARIO PEDERNEIRAS

## PAGINAS VOLVIDAS

**A**LI está, naquelle angulo de ruas entrecruzadas, de soslaio á loja de *Madame Colon*, que ainda é um resto tradicional da antiga rua d'Ouvidor, a nova construção ecclética de um café-restaurant.

Ha algum tempo, vae isso para mais de cinco annos, um incendio consumiu o interior do edificio, que existia talqualmente ha meio seculo passado; mas do que elle foi outr'ora, só ficou a recordação do local. Nada mais.

E ali, n'aquelle logar, no encruzamento dessas ruazitas que o impulso civilizador da extraordinaria força de vontade do Prefeito Passos não conseguiu alargar, entre aquelles mesmos muros que o tiralinhas de um mestre de obras transformou de bruto casarão solido, que era, em vistoso mixtiforio architectural, o ouro amoedado de uma geração extinta, os sonhos desvairados de ardega mocidade que uma vaga, sussurrada chronica verbal apenas lembra na rhapsodia dos exaggeros de uma época, foram consumidos mais impetuosamente, mais aniquiladoramente que as traves e os barrótes da construção presa das chammas de um inexplicavel incendio.

E foi ali que existiu o famoso hotel *Frères Provençaux*.

Quando a idade me consentiu vadiar nesse corredor de bazar, que se chamou rua d'Ouvidor, já o famoso *Provençaux* era uma carcassa de exgotada existencia.

Ainda em suas sacadas de ferro, as letras de zinco dourado de seu titulo attrahiam olhares; ainda seu vasto refeitorio rocóco, estylo que as alegres tendencias da arte sob Luiz Napoleão resurgiram e modificaram, estava na predilecção de certos gastrónomos e bons vivedores — rheumaticos grisalhos da velha guarda dos Prazeres, veteranos do Amor Livre, de grossos narizes carminados, sadios provincianos bastidos de concupiscencia, rapazes estroinas, dandys devassos e um bando promiscuo de legionarias da Volupia, em cambraias e confecções *a la mode de Paris...* mas em verdade, seus tempos aureos eram decorridos, porque já não existia o Alcazar.

Quem hoje ouvir referencias ao theatrinho da rua da Valla, denominada, ao depois, Uruguayana, e hoje larga, assejada e reedificada por esse illustre brasileiro que recorda o barão de Hausmann; quem hoje ouvir falar d'aquelle theatrinho terá de o reunir á existencia do hotel desaparecido.

O *Provençaux* foi a succursal do *Alcazar Lyrique*, o desdobramento do seu poder, uma provincia maior do seu reino. Dependiam-se. O jugo exercido pelo theatro estendia-se ao hotel, e quasi sempre a febre começada lá, na singela platéa da rua da Valla, n'um predio que, antes do seu alargamento de hoje, acabou

por ser loja de fazendas e corresponde modernamente ao local em que está o *Café Mercurio*, vinha attingir o delirio no salão da locanda celebre, entre seus altos muros de estuque decorados com fructas e folhagens em canneluras chauvradas que ladeavam janellas de espelhos emmoldurados, ao gosto da época, por theorias de cupidos coloridos e festões em volutas douradas. Dois grandes lustres de bronze Segundo-Imperio, com salvas de porcelana sustentando os florejos braços dos combustores, e arandelas de crystal pingenteadas, illuminavam alegremente o linho claro das filas duplas de quadrados para quatro talheres e alguns pesados centros de jacarandá ou mogno, sobre columnas de torneados gommos macissos descansando em tres garras de féra.

Provavelmente, nesse fastigio d'antanho, um *maitre d'hotel*, escanhoado, de papeira no collarinho em laço branco e desengonçada casaca da etiqueta, attendia o serviço com a proverbial solicitude da sua delicada funcção.

E a sala resplandecia, repleta de comensaes nocturnos. Graves senhores, que usavam chapéos do Chile, abriam largos sorrisos babados nos rostos limpos de barba que, apenas, os contornava por baixo do queixo, de orelha a orelha, e enterneciam os bugalhos a petulantes francezinhas de cheirosos cabellos na rêde dos coques, em amplos vestidos de seda campanulados por crinolines; bisonhos dos desregramentos, conhéstros e ardidos, jovens herdeiros de fortuna feita com o trafico dos negros d'África ou arrancadas pelo vergalho á fadiga dos eitos, formavam grupos facilmente accessiveis á pericia fascinadora das trefegas fadas loitas ou das feiticeiras pallidas de meneios irresistiveis; secretarios de legação licenciados e grandes sabedores dos costumes do *Mabile*, a juventude alegre e casquilha, de lunêta quadrada na orbita direita, soíças ladeando as bochechas, bigodes arrebicados e calças collantes flôr de alecrim em presilhas sob a delgada solla Mellié, toda a roda gamenha de velhos e rapazes para lá corria, após os garganteios da *Risettes Chéri*.

Brilhavam crystaes e porcelanas, cassambas d'electro-plate conservavam, entre pedaços de gelo do polo, apetecidas garrafas negras, de gargalhos prateados, das conceituadas *caves* da *Veuve Clicot*; poncheiros flammejavam; *garçons*, em jaquêta negra e aventaes brancos, corriam de mesa para mesa conduzindo iguarias fumegantes, deliciosos pitéos baptisados á pariziense. Um ruido de risadas e murmurejos, de exclamativas e charlarice, aturdia a semelhança d'um livre folguedo de arraial.

E quando, por fóra, o silencio adormecido *d'aldeia imperial* mais pesava sob o friosinho da madrugada as *flûtes* agitadas espumejavam ferventes, entre hips e hurrahs febris, roncados nas guelas seccas dos delirantes, estridulados nas gorjas frescas das tentadoras victoriosas. Foi isso em pleno dominio do ultra-romantismo.

A pacatez burgueza, a nossa formidável e antiga burguezia zorreira d'espírito e apoucada de letras, tendo soffrido consecutivas congessões de pudor com a ostensiva libertinagem do sr. D. Pedro I, cuidou logo, nos principios do segundo reinado, em pesar mão autoritaria sobre os costumes licenciosos. Mas, de repente, uma época rebelde levantou a moralisadora manopla e abriu curso aos desrespeitos e desvarios.

Uma geração que o byronismo cultivou secretamente, apurada pelas paixões lamartineanas e, depois, modificada pela influencia de M. usset, produziu phenomeno contrario ao que se poderia esperar — cahiu n'uma desbragada pandega de amor, de jogo e de mesa, como jamais vira em sociedade tão morigerada e modesta!

Para tanto concorreram dois sorridentes e labiosos alchimistas, insigues no preparo dos philtros da sedução.

Mr. Arnaud, no seu laboratorio da rua da Valla, denominado *Alcazar Lyrique*; Mr. Guigon, no laboratorio conhecido pelo nome de hotel *Frères Provençaux*, na esquina da rua d'Ouvidor com a dos Latoeiros, e nesses fócios terriveis, iguaes pela mesma força, unidos para o mesmo fim, foi a geração de 1860 a 1870 beber o perfido elixir do gozo pelos olhos e pela graça das cantoras de Offenbach, pelos labios e pelos encantos das parisienses de arribação.

Ah, mal sabemos, hoje, que loucuras fizeram esses rapazes!

Muitas vezes, enquanto a crysolita champagne effervencia, e os olhares noivavam, em quanto o arrebatamento amoroso confundia n'uma só cadencia a palpitação de dois peitos, a fria sombra da Morte e a mumia espectral da Miseria bailavam em torno dos pares, em redor das mesas, ambas invisiveis na luz festiva dos banquetes... E, após nupcias ephemeras, aquelles a quem a apoplexia do brio não levava ao suicidio, procurando no cano do revolver ou no frasco dos toxicos a solução de irreparaveis difficuldades, iam encalhar no cynismo das sordidas explorações ou ficavam enterrados vivos nos manicomios.

Mas — Upa! upa! corcel da Loucura, para o Gozo! — estugavam boccas febris.

Partiam, então, em galope vertiginoso para o reino de Aphrodite Astarteia. O ouro escoava-se de seus bolsos, a saude desprendia-se de seus corpos e, peor do que isso, a honra, a mais das vezes, rolava para a lameira das transações criminosas.

E o peso de uma desgraça, apavorante como o sopro morno de uma epidemia devastadora, alastrava-se por serenos casaes da cidade, ultrapassava suas fronteiras, bafejava humildes lares de terreolas pacificas, honestas invernadas de villarejos quietos.

Está na memoria dos que manuseiam paginas do passado, dos que mergulham n'agua morta do esquecimento em busca dos despojos d'uma sociedade que, ao se retirar d'aqui, pela segunda vez, uma decantada estrella do

Alcazar, possuidora de insinuante belleza admiravelmente synthetizada no seu doce nome de Aimée — um allivio correu por todos os magoados corações de mães e de esposas, cujos labios resequidos ainda se confrangiam nos ultimos murmurijs das preces, cujos olhos ainda se nocturnisavam com as sombras das vigílias, e na borda ciliar das palpebras ainda tremiam os ventremulos das lagrimas.

Uma illustração da época, dando á estampa o retrato da fulgurante estrella, enquadrou-o de vinhêtas allusivas á sua pernicioso influencia no pacato meio brasileiro ainda muito respeitador das tradições dos seus ventrudos antepassados. Esses referidos accessorios do enquadramento eram tocantes motivos de reconciliação. N'um — o esposo infiel volvia ao lar abandonado e pobre; n'outro, o moço prodigo vinha se asylar no tecto esquecido; n'aquelle, o estudante madraço voltava ás proveitosas noitadas do estudo; n'aquell'outro a mãe inconsolavel recebia o desvairado filho arrependido.... todo um rosario das repetidas scenas do velho drama d'alma humana, mas que, para nós outros, povo em primitividade de costumes, deviam ser sensacionaes por serem estranhos.

E não era só a encantadora Aimée, morena e gracil deusa de um paraizo em leilão perpetuo, quem perturbava a *jeunesse dorée* e a millionaria commandita dos compradores de amor. Aimée contava uma rival chamada Lovatau. Por esses dois nomes degladiavam-se partidos, e os exaggeros do partidarismo pulverisavam fortunas para o gaudio das costureiras da moda e dos hoteleiros do *demi-monde*.

Dos famosos estabelecimentos de moradia provisoria, que funcionavam na rua d'Ouvidor, nada mais resta. O velho *Ravot* tambem já desapareceu, devorado por um incendio, e as tres ou quatro casas que vieram occupar o seu vasto logar, que ficava após o *Café de Java*, na esquina da praça São Francisco de Paula e fronteira á *Notre Dame de Paris*, nem o mais leve traço conservam d'elle, talvez nem mesmo os alicerces!... E como elle o *Provençaux* terminou os seus dias.

Mas ali, n'aquella esquina formada pelos escuros e estreitos canaes Moreira Cesar e Gonçalves Dias, apelintrados com seus passeios de mosaico de côres vivas, existiu o grande viveiro dos rouxinões de Paris, que trinavam no palco do *Alcazar Lyrique* fascinando velhos e moços.

As gerações que nos succederem, talvez menos indifferentes aos casos do passado que a nossa, o encontrarão em alguma obscura *Memoria de um tempo*, onde tambem crepitam, já como borralhos que assignalem a passagem de caravanas pela areia nua das solidões, os ardores dessa mocidade que lhe deu vida e onde, sem duvida, perpassem no tenue fumo dos ultimos carvões, em rondas silenciosas de evocação, os aspectos de suas formosas aboletadas que lhe deram fama.

GONZAGA DUQUE

JORNAL DO COMMERCIO

O NOVO EDIFICIO EM CONSTRUÇÃO

(AVENIDA CENTRAL)



## AS ESTAÇÕES

O velho Chronos, estirado á beira do rio perenne cujas aguas, golfando limpidas e sonóras da urna abundante, correm em direcção ao abysmo, ora por entre o arvoredado gracil, ora por vailes tristes de pedregullo esteril, em ferteis campinas ou em sáfaros areaes, lisas, serenas, espelhadas ou atropelando-se, precipitando-se de rochas com escachão, contemplava, sorrindo, o brinquedo das Horas quando romperam do bosque os seus quatro filhos predilectos—a Primavera feminea e os tres mancebos: Estío, Outono e Inverno.

Vinham em disputada corrida, atroando a selva com um vozerio raivoso e, mal chegaram ao sitio em que jazia o deus impassivel, contiveram-se arquejando.

E a donzella offegante, com as faces floridas e os claros olhos resplandecendo, disse, por entre lagrimas, que lhe davam mais belleza ao rosto admiravel:—Padre, dá-me outra sorte—funde-me nessa agua, muda-me em pedra inerte, torna-me em ave, em bruma, em nuvem ou em astro, faze de mim o que quizeres, mas livra-me da companhia cruel d'estes irmãos que tanto me martyrisam e humilham com doestos e ironias mais ferinos que dardos.

E o Estío rubro, adeantando-se, com os cabellos fulvos revoltados, os olhos lançando chispas, atravessou a distancia que o separava de Chronos e, á sua passagem, as hervas pendiam languidas, seccavam as nascentes doceis, acolhiam-se palpitantes os passaros aos ninhos. Inclinando-se ante o deus falou com palavras cálidas:—E' melhor que a conserves a teu lado, Padre. Enquanto trabalhamos na terra para utilidade dos homens ella só cuida em garridice.

—Vê os campos que ella atravessou, disse o Outono—só têm flores. E o lento e livido Inverno accrescentou transidamente:

—E' inutil! Que valem flores? Chronos ouviu em silencio, por fim, soerguendo-se, depois de acenar ás Horas para que não se deti-

vessem, chamou a Primavera temida e, acolhendo-a carinhosamente, dirigio-se ao Estío impetuoso:

—Achas que a devo conservar em minha companhia, assim seja. Ide vos outros, fazei o que vos cabe. Mas que a vida não cesse. E' preciso que haja pão e linho, fructos e novos rebanhos e o homem não lamente o destino na terra. Ide, ella ficará commigo. E os tres irmãos partiram: o Estío, o Outono e o Inverno.

A Primavera ficou junto a Chronos sereno e, em torno della, a terra rebentou em flores. As aguas corriam perenes da urna—eram a miragem da Vida attrahida pela Morte. As Horas bailavam cantando e sorrindo, na mão direita rosas, na sinistra a foice.

Passaram dias.

Subito, uma manhã, abrumaram-se os ares, toldou-se o azul do ceu de nuvens pardas, os ramos despiram-se das folhas e o Inverno livido e merencoreo appareceu taciturno. Adeantando-se para a ribeira eterna logo se congelaram as aguas. Instantes depois alumiu-se o ceu broslando-se de purpura, crepitaram as areias brancas, estalaram os ramos exciduos e um halito de fogo abrazou o espaço—e o Estío appareceu ardendo. Sem animo de falar a Chronos quedou-se no penedio calcinando a rocha em que se assentou em silencio. O Outono chegou por ultimo.

—A que vindes? perguntou o deus. E os tres, a uma, exclamaram:

—Padre, a terra está morta.

—Aquecia-a, disse o Estío. Foi em vão.

—Debalde a fecundei, disse o Outono.

—Adormeci-a e morreu, disse o Inverno.

E o Estío lamentou:

—Não ha rebento...

—Não ha seara, suspirou o Outono. E o Inverno concluiu:

—Está morta.

Chronos sorriu e, docemente, chamando a Primavera, disse-lhe:

—Vae, filha; paira sobre a neve e funde-a com o teu halito, accorda com as canções dos teus passaros a terra que dorme em frio, dá-lhe a alegria da tua eterna mocidade e a graça que é o teu encanto e, quando assim houveres feito, volta.

E foi-se a Primavera cantando.

Logo um perfume suave encheu os ares tépidos, rebentaram renovos nos ramos desnudos, sahiram dos ninhos galreando nuvens de passaros vivazes, enxames de abelhas cruzaram-se zumbindo, desregelaram-se as aguas, desannuviou-se o ceu e a Primavera tornou carregada de rosas.

—Vae agora, disse Chronos ao Estio: todas as flores já passaram da infancia, estão em plena puberdade; cerca-as o cortejo nupcial dos insectos alados e as brisas que passam, enchendo-se de aroma entoam docemente o epithalamio amoroso. Ellas esperam-te, és o noivo das corollas. Bemdicto seja o teu beijo doirado. E foi-se o Estio.

E disse o Deus ao Outono: Agora tu, que és a força da seara, o amijo das espigas, o sereno dos pomos, a fibra dos linhos, o leite dos rebanhos, vae e completa a obra da fecundação com a substancia, o sabor e a belleza. Que os homens te bemdigam á hora da colheita e que os armentios saudem a tua passagem com as suas vozes sonoras. E foi-se o Outono.

Instantes depois disse o deus veneravel:

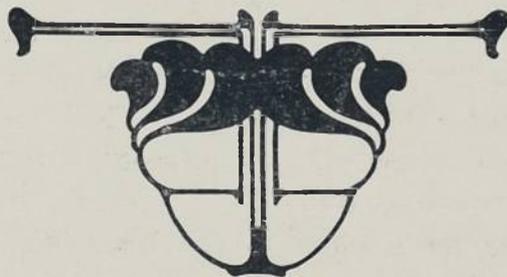
—Estão os paiões repletos, é hora de repouso. Agora tu, Inverno. Vae, adormece a terra para que ella se refaça no somno. E foi-se o Inverno.

Cumprida a missão tornaram os mancebos maravilhados do milagre porque encontraram todas as facilidades nos prados e nos montes ferteis da terra vasta que julgavam morta.

—Tudo deveis áquella que tão ingratamente repellistes. Tinheis a flor por desprezível e a flor é a bocca que recebe o beijo, é o ponto em que se encontram as almas: a alma que fecunda e a alma que gera. Sois a força, a reproducção e o repouso, nada, porem, se faz sem o amor, que é a essencia da Fecundidade e a Primavera, vossa irmã e vossa precursora é o amor que desperta, ao som do canto e enlanguece com o aroma, a terra, a noiva immortal que despe o veu branco e friissimo e veste-se de verde e de ouro para a festa magnifica da Eternidade, que é a Vida. A Primavera é a adolescencia, é a manhã suave, é o beijo, é vossa irmã, saudai-a.

E o Estio illuminou-se, refflorio-se o Outono, mais alvo se fez o Inverno e assim os tres irmãos fizeram as pazes com a linda irmã e, desde então nunca mais, por fortuna da terra e gloria dos ceus magnificos, houve rusga entre os quatro filhos de Chronos — a Primavera, o Estio, o Outono e o Inverno, renovadores do mundo e bemfeitores do Homem.

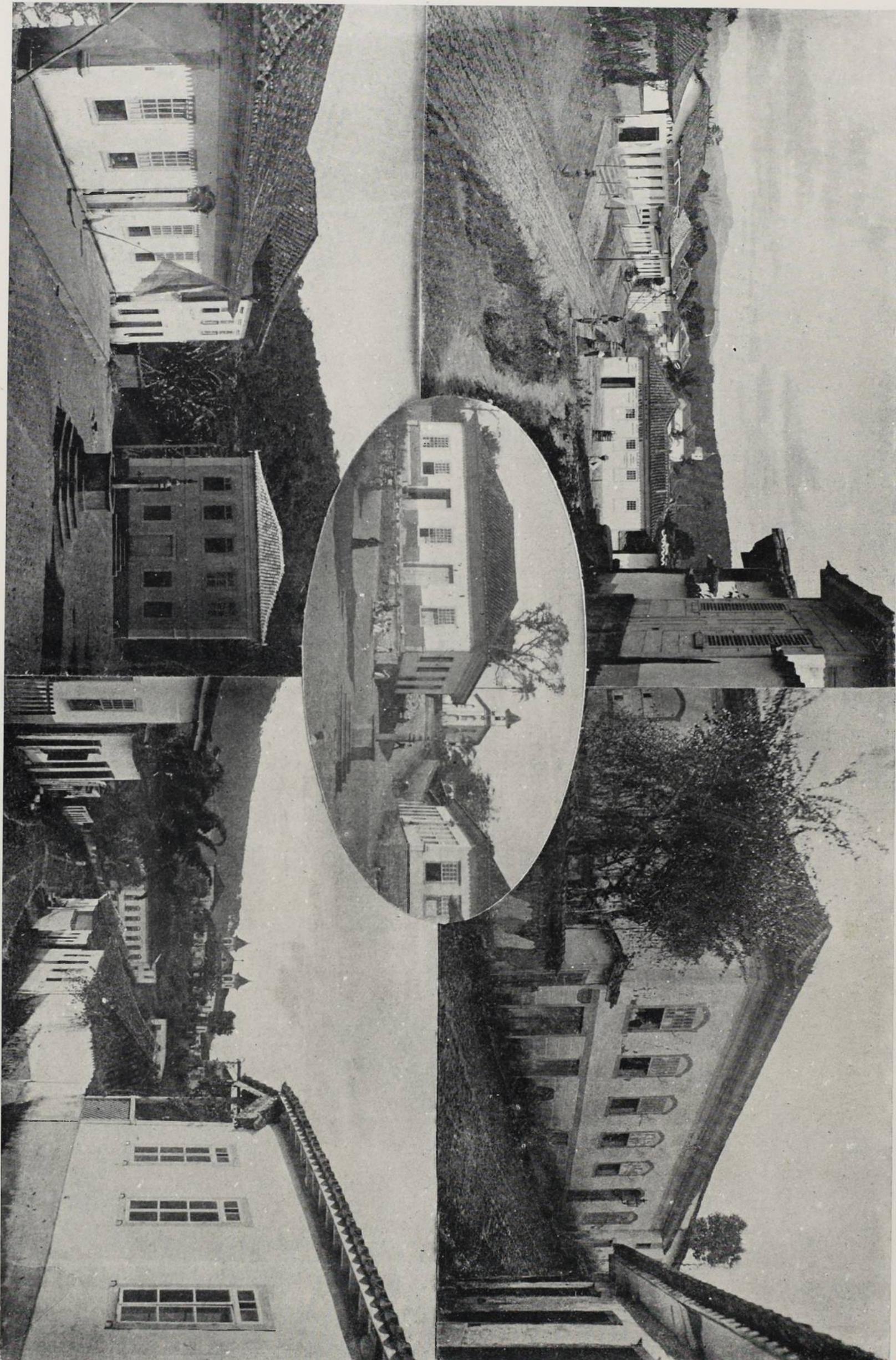
COELHO NETTO.



RUA CONSELHEIRO MARTINS CAMPOS

# SANTA BARBARA-MINAS

CASA ONDE NASCEU O DR. AFONSO PENNA



PRAÇA MUNICIPAL, CASA DA CAMARA E CADEIA

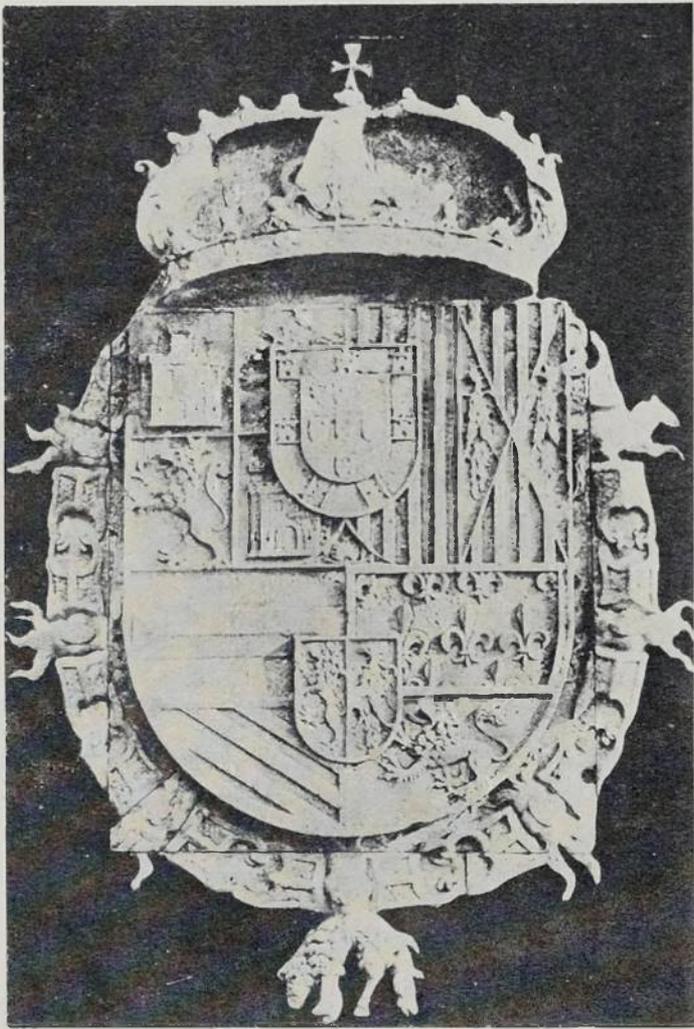
RUA DO ROZARIO

RUA CONSELHEIRO AFONSO PENNA

## A FANTASIA DA SIMPLICIDADE

I

**N**O dia de Santo Ignacio de Loyola, padroeiro da aldeia, houve uma procissão. Desde as primeiras horas da manhã, o velho sino da igreja, açoitado por todos os ventos de muitos annos, rouquejou no ar azul, e a *calle Mayor* começou a animar-se, principalmente á porta da cathedral, ensombrada por uma parreira e pelo muro do desfeito castello de Carlos-Quinto, tão escarpado e tão pouco agasalhador como as glorias da guerra, — sempre abertas em feridas que sangram. Mais para baixo, um pouco antes da vetusta porta que ostenta as armas heroicas da *cidade*, em frente á *Alcaldia* tambem havia muita animação; os



*concejales* chegavam, vistosos, na sobrecasaca domingueira de panno fino, chapéo molle, gravata branca de saráo e luvas brancas de pellica, já endurecidas pelas lavagens. Os pescadores, pouco a vontade nas roupas novas, faziam grupos, riam alto, com franqueza como si o riso fosse a expressão mais heroica da sua força. Eram, como todos os vascongados, homens altos e robustos, com rijas cordoveias no pescoço vermelho, queimados pelo sol das

pescarias. Vinham vindo tambem as mulheres, arrastando creanças que abriam muito os olhos, admiradas da festa que perturbava o socego da aldeia.

Mas de repente toda a conversação cessou, os grupos abriram uma roda, e appareceu o pregoeiro do *Ayuntamiento*, de gorra azul, sapatos brancos de corda e um tambor que elle rufou magestosamente ao parar dentro do circulo de respeito que lhe fizeram; e com auctoridade, com importancia, desenrolou um papel, e começou a lêr com voz pausada:

— «En nombre de la Auctoridad... Hago saber...»

Era um bando do Alcalde convocando os habitantes á procissão em honra do Soldado-Santo. E na janella de um segundo andar surgiu nesse momento a figura importante do Alcalde, já vestido de cerimonia, acabando de calçar as luvas, — a parte mais difficil do seu trajo de gala. Um momento gozou a impressão que produzia; depois, acenando amavelmente com a mão:

— Que voy en seguida!

D. Vicente desceu, pulchro e escovado, distribuindo sorrisos e vehementes apertos de mão, querendo saber de Pepe que tal a pescaria, informando-se com carinho da dentição do filho de Pancho, batendo nas costas macissas do velho Juaco, — que todo elle ria na intimidade venturosa d'aquella auctoridade suprema. Puxou o relógio de oiro que só usava nos grandes dias (para não estragar a corda), e relanceou os olhos pelos grupos.

— O Senhor Alcalde procura alguma coisa?

— A força militar; pois já estamos na hora; por mim não, mas o prestito, o clero... Em fim, hein, não me opporei a que se espere um pouco mais.

A *força militar* appareceu; immediatamente o Alcalde mandou formar os tres guardas que a compunham á testa da multidão. Minutos depois, abrindo a marcha, entre duas raparigas muito airosas nos seus chailes de Manilha, D. Vicente ergueu o bastão de mando (uma bengala lisa, com dois furos em cima atravessados por um cordão), e a procissão começou a subir a *calle Mayor*, passou pela igreja, desceu a ladeira de *Miramar* e seguiu em direcção á *Marina*. Seis musicos tocavam uma alegre marcha; e uns rapazotes atiravam os foguetes cujo espocar imitavam com a bocca. O Alcalde, já muito vermelho, reluzia de suor e de importancia; e certamente não trocaria o mando d'aquelle prestito por todos os mandos da Terra...

Foi por isso que elle chegou um pouco tarde para o almoço, em casa de uma familia de Cuba, cujos parentes conhecera em Havana, em remotos annos da sua mocidade. A' sua



verdes no mar immenso e no escasso rio, á cujas margens barcos encalhados esperavam a maré; na linha do horizonte subia uma fumaça debil; tres grandes velas abertas approavam á costa; e á sombra do caes, sob o olhar vigilante do guarda-fronteira, um barqueiro, dando alcatrão ao bote, cantava no seu barbaro idioma vasconço :

“ Nere betiko pensamentuba  
Nere consalagaronya  
Zu gabetanik ezin bizinaiz  
Eraten dijut eguya :  
Zu bajinake arbola eta  
Ni baldin banit choriya  
Zu jinaken lekuban bertan  
Egingo nuke cabiya. ”

São versos das canções das noivas, na Biscaia; em linguagem humana, querem dizer: «Oh, meu pensamento de sempre, oh, minha consolação! Sem ti não posso viver! O que te digo é a pura verdade: si tu fosses, uma arvore, e eu um airoso passarinho, no lugar em que estivesse, ahi eu faria o meu ninho...»

Em frente, com uma côr indecisa de madrugada, refulgindo sob a reverberação do sol, appareciam as terras de Biarritz; para o lado esquerdo, o cabo da Ingrinéa muito escuro avançava para o mar muito claro; a direita n'um curto espaço construido, entre a caliça das casas, o verde e o azul das montanhas e a brancura da praia estendida até a Andarraz, Hendaya preguiçava á luz, como uma grande e alva sereia, toda recoberta de esmeraldas e de saphiras. E de vez em quando, entre o musgo das mattas, subia e se desvanecia o fumo de uma locomotiva, que se entranhara, negra e pesada pela terra a dentro,

mesa, todos os Domingos e Dias Santos, durante todo o verão, D. Vicente tinha o seu logar á direita da dona da casa,—honra que sempre agradecia commovido ao desdobrar o guardanapo branco e cheiroso e ao mirar a luz o copo cheio de *Rioja* doirado. A familia (marido, mulher e filha) e dois convidados, esperavam o Alcade no terraço, gozando a fresca viração do mar.

II

Era um dia de verão, luminoso e macio; o sol, já em pleno esplendor, traçava espelhos



como um dragão fugindo ás tentações da sereia...

O relógio tinha dado meia hora depois de uma, quando o Alcalde chegou, desculpando-se da sua demora. Os outros dois convidados eram D. Gil Hernandez, latinista e agente commercial em Beobia, — a dois passos da França, — o que o levava a falar sempre em «interesses mutuos, em deveres internacionaes», e D. Juan Saron, antigo seminarista, ex-candidato conservador a deputado por Guypeycoa, e agora, desde que tivera a carreira clerical cortada pela raiz e a carreira politica ceifada pela espiga, vivendo de saudades e de esperanças.

Estendendo a mão em roda, D. Vicente explicava o seu atrazo:

— Hoje é dia de Santo Ignacio, padroeiro; houve procissão, eu tive de ir. Não me viram? Pois eu ia á frente, abrindo a marcha, antes mesmo do estandarte. Ia de luvas brancas, de gravata branca, de sobrecasaca, com o meu bastão de mando, — em fim, hein, de etiqueta. Tanto que depois fui em casa mudar a roupa... Não me viram? Pois eu dei adeus com a mão, a Hernandez, na *Marina*...

— Perto da Drogaria?

— Justo, ali mesmo! Eu ia de luvas brancas...

D. Vicente era um homem baixo, forte, com o cabelo já muito grisalho e cortado rente, os olhos miudos e azues, a bocca larga com dentes pequeninos e o rosto marcado de signaes de variola. Sorria constantemente; espalhava-se na sua physionomia um ar de bondade ingenua que encantava. Quando fazia perguntas arrastava desmesuradamente as syllabas finaes. Annuia sempre, approvando com a cabeça, como um examinador complacente que quer proteger ao examinando, e frisava o seu accordo repetindo varias vezes «justo, justamente». Tinha o contrasenso de começar as phrases por um «em fim, hein!» que dava a impressão de estar terminando uma conversa. Era rico; pelo caminho de Guadalupe, para os lados de *alameda*, possuia mais de vinte casinhas, e era accionista da companhia de bondes de Irun.

Tinha um vicio: esquecia as horas nos frontões, e com as horas, alguns pares de *duros*. Era liberal anti-clerical; suppunham-no solteiro, e gozava quasi vitaliciamente as honras de alcalde. Em moço estivera em Cuba; e ha seis mezes fez um anno que esteve pela segunda vez em Bordeaux. Nunca lêra, de certo, *Tartarin*, e de *Don Quixote* possuia apenas uma medalha commemorativa do quarto centenario; mas encarava o heróe da Mancha e o heróe de Tarascon com uma simplicidade genial que elle não percebia. Gostava de ser util, serviçal, pacificador de rixas; apesar de estimado em toda a aldeia tinha a ideia de

ser perseguido por inimigos politicos; julgava que todos os seus passos eram seguidos, todos os seus movimentos commentados; considerava-se uma victima do clericalismo. Estimava que o soubessem importante; quando ia a San Sebastian (o que acontecia muitas vezes) e encontrava o Governador Civil que o saudava (o que acontecia poucas vezes), regressava triumphante, e enquanto esperava o trem, na estação, communicava a um dos seus conhecidos:

— Em fim, hein, ainda chego a tempo de alcançar o trem! Pois eu estava muito calmo no frontão (recostara-se sobre a bengala) quando vi as horas (tirava o relógio de prata do bolso), e dei por mim (punha as mãos na cabeça): Jesus, que vou perder o trem! tive de tomar um carro...

Fazia uma pausa, accrescentava com indolencia:

— Encontrei o Governador Civil que me saudou...

Na Alcadia não havia nada que fazer; mas D. Vicente nunca deixava de lá ir, todos os dias, das nove as onze. Dormia, mas não arredava do seu posto, receioso de que viesse um telegramma do Governador Civil. O dia mais feliz de sua vida foi quando falou com o Rei, «em character official».

Ao sentar-se á mesa, ao verificar que lhe conservavam o logar de honra, não obstante estar presente um homem que quasi fôra membro do Corpo Legislativo, o semblante do Alcalde illuminou-se de jubilo e de um inoffensivo, acanhado orgulho.

O almoço foi alegre, começando por ovos com linguça, promessa de manjares ainda mais exquisitos, o que deu azo a D. Gil de collocar a sua primeira phrase latina:

— «Ab uno disce omnes».

D. Juan Saron, desde que deixara o seminario, fazia honra a todas as mezas, procurando vingar-se do bacalháo mofado dos tempos em que era candidato a Bispo e tentando esquecer-se dos tempos em que era pretendente a Deputado. E D. Vicente, á direita da dona da casa, sorria com os olhos humidos de reconhecimento.

Essa familia de Cuba, Mendoza de la Torre, vivia em Madrid desde o tempo da ultima guerra, com um rendimento annual de oitenta mil pesetas que chegava para as carruagens, para os automoveis, assignatura no *Rcal* e no *Español*, tres bailes no inverno, no rico palacete da *calle* Velazquez e o verão na França e na Hespanha. O chefe da casa, D. Esteban, homem forte de uns cincoenta annos, amigo da bôa mesa, pouco sahia, em pouco tinha que cuidar, preso por gosto ao seu gabinete onde se occupava de sellos e fumava charutos

que lhe lembravam a patria ausente. Sua senhora, Izabel, por ter nascido sob o mesmo santo que a Infanta, tia do Rei, muito pouco parava em Madrid, sempre em companhia da filha, jornadeando na Suissa e na Italia, e casa posta em Paris, na rua Rembrandt, ao lado do *Parc Monceau*. E a filha, Cacilda, era uma menina de dezoito annos, morena, timida e ainda sem ideias de casamento, talvez por saber que com o dote não havia pressa de mudar de estado.

D. Izabel lamentou que justamente no verão fosse prohibida a pesca de salmões; mas teve de dar attenção ao Alcalde, que ainda a proposito de Santo Ignacio, dizia o programma da noite:

—Pois a festa continua; haverá baile na *Marina*, á noite, e vem a banda de musica de Irun. E tambem ha os saltimbancos, com o burro sabio.

E indagou para os lados com sollicitude:

—Nunca viram o burro sabio? Em fim, hein, não direi que seja uma cousa como em Paris, mas em todo caso é muito interessante:

Depois, num tom mysterioso:

—Eu não sei, não quero acreditar, mas por ahi dizem que por intrigas do Clero, um anarchista vae atirar-me uma bomba ..

O Clero a que se referia o alcalde era composto do Vigario, do Parocho e de um padre francez que chegara de Saint Jean-de-Luz. Por amabilidade todo o mundo o serenou.—Que ideia! Pois tão estimado, tão querido, tão popular!—E porque uma bomba?

D. Vicente encolheu os hombros resignadamente:

—Eu tenho inimigos; depois a minha posição... Enfim, hein, não estou com medo! E até é uma honra para mim que me façam *collega* do Rei!...

Lá fora, o barqueiro cantava na sua voz dolente:

«Maite nazula diyozu  
Nik ere maite zaitut zu  
Dyozeu bezin maite banazu  
Elisas artu nazazu  
Elisas artu nazazu eta  
Gero zuria naukazu

«Tu dizes que me amas; eu tambem te quero; si tu me amas tanto quanto dizes, recebe-me com a benção da egreja, e ter-me-ás assim sempre tua!»

O Alcalde serviu-se vastamente de gallinha assada, e um momento comeu em silencio, pensando na conspiração que se tramava contra a sua vida.

Sabendo-se no pinaculo das dignidades sociaes, julgava-se D. Vicente constantemente ameaçado na sua pessoa e na sua fazenda. Apprehensivo com o movimento socialista, fazia voltas largas, á noite, na rua, usava sapatos de corda, sem ruido, para surprehender conciliabulos e sondava a treva deserta com os olhos miudos e azues. O que mais, porém, parecia contrarial-o era a certeza da sua importancia. Acreditava que não podia dar um passo sem que todo o mundo o soubesse:

—Já se sabe em toda a parte que hoje estou aqui almoçando; e palavra, que tenho desgosto! Em fim, hein, seria tão bom andar por ahi sem ser visto, passar despercebido como os outros, como o resto da Humanidade... Ainda ante-hontem em San Sebastian, ao sahir do frontão encontrei o Governador Civil que me cumprimentou!

E voltando-se para D. Esteban:

—Aprecia?

—Quem, o Governador Civil?

Não, o frontão.

—Sim, é bonito; mas nunca vou; tenho medo que uma das pelotas me cáia em cima...

Pois o Alcalde que não as temia, ia de vez em quando ao frontão, por signal que na ultima vez que lá fôra perdera quinze *duros*.

—Succede-lhe isso frequentes vezes?

—Sim, perco mais do que ganho.

D. Izabel julgou do seu dever suavisar esse desastre constante nas finanças do Alcalde:

—Ha de ter a compensação; bem sabe que infeliz no jogo...

D. Vicente escolheu cuidadosamente a sua costelleta de carneiro, e fazendo-se escarlata,—o que mais avivou as suas marcas de variola:

—Peior do que no jogo; profundamente infeliz!

—Então, tem tido muitos amores?

D. Gil respondeu pelo Alcalde:

—Naturalmente: Lá dizia Horacio: «bis repetita placent».

E D. Juan Sarón que durante todo o almoço só se occupava em afogar as magoas nos molhos ricos, murmurou, parodiando Hamlet:

—Mulheres, mulheres, mulheres ..

Ante essas evocações de amor, a menina Cacilda baixou pudicamente os olhos sobre o prato e preparava cuidadosamente o ouvido.

O Alcalde, lealmente confessou que só tivera uma aventura, mas que esta foi bastante para afastal-o de todas as outras.—Seria por isto, disseram.

—Quem teima vence.

—A perseverança é a fortuna.

—Abyssus abyssum invocat...

—Mas é solteiro, não é?

D. Vicente hesitou; depois, cruzando o talher com um modo resoluto, e como si fosse para sempre:

—Si eu lhes contar a minha historia, resulta que não sou nem solteiro, nem casado, nem viuvo.

Ninguém respondeu, pois todos notaram que o Alcalde ficára triste e sério. Mas elle, como já levado por uma grande força, começou, no meio do silencio:

—Eu tinha vinte e cinco annos quando cheguei a Cuba. Nesse tempo eu era um rapaz guapo, e como a minha fortuna augmentava, podia apparecer com certo luxo. Em Havana fiz logo relações, pois a minha comissão régia ia deante de mim abrindo as portas. No primeiro anno não pude sahir da capital, atarefado com os negocios, pondo varios assumptos em ordem. Mas no anno seguinte acceitei um convite para passar uma temporada n'um engenho. Ahí eram caçadas, passeios a cavallo, longas excursões, em fim, hein, toda sorte de divertimentos. Eu mal podia reparar nas pessoas que me cercavam... — Não obrigado.

D. Vicente recusou o dôce que o criado lhe offerecia, e continuou:

—Mas uma certa manhan em que me não pude levantar por enfermo, reparei que quem me trazia o chocolate ao quarto era uma rapariga morena e muito bonita. Como pretexto de conversa pedi que puzesse um pouco d'agoa no chocolate por eu estar com o estomago debilitado; perguntei-lhe o nome. Ella respondeu com uma voz muito macia:—Brigida servidora.» O escudeiro interrompeu outra vez a narração de D. Vicente, offerecendo-lhe queijo. O Alcalde acceitou; mas prevendo uma terceira irreverencia, previniu-o logo de que não queria fructas.

—Não quer fructas? — acudiu D. Izabel, lembrando-se, antes de tudo, de que era dona da casa.

—Obrigado; depois do queijo só café. — Pois, como ia dizendo:—a rapariga respondeu que se chamava Brigida, e sahiu. No dia seguinte tive febre; e durante duas semanas, a Brigida foi minha enfermeira dedicada. Quando me puz bom, quiz pagar com algum proveito para ella o carinho que tivera para commigo: metti a mão no bolso e offereci-lhe cem pesetas. Mas qual não foi a minha surpresa ao vêr que a rapariga recusava o presente, muito vermelha, muito acanhada; por fim, sem poder conter-se, levou o avental aos olhos, e sahiu do quarto debulhada em lagrimas. Eu, até então, estava habituado a pagar tudo com dinheiro; quando cahi em mim senti uma immensa vergonha da minha brutalidade. No meu quarto, em cima da mesa, havia umas

lindas rosas dentro de um jarro; colhi a mais bonita, e a offereci a Brigida, com uma palavra amavel. Ella acceitou timidamente a rosa, —mas desta vez sorrindo. Desde então, onde quer que eu estivesse, lembrava-me sempre de Brigida, com um carinho que não era de irmão, com um respeito que não era de namorado...

D. Vicente provou o café, pediu mais asucar e accendeu o charuto. Cacilda remexia interminavelmente a sua chicara de chá; e lá fóra o barqueiro dizia que sem que a amada percebesse, elle olhou primeiro os seus pés, depois a cintura; e verificou que ella possuia uns pés pequenos e bonitos, de muita elegancia, e que na sua cintura uma vara de fita daria duas voltas:

«Zedorrek uste etzenduela  
Egonizaizum begnira  
Lendabiziko onetarata  
Urrenabetriz beguira :  
Oñak dituzu chiki politak  
Gustagarriyak ehit dirá  
Guerruyak berriz emam literke  
Kanabat zintas bi prá.»

Quando D. Vicente, depois de umas phrases veladas, retomou a narração, estava no ponto em que já uma creança agitara os bracinhos dentro de um berço pobre. Brigida era um anjo tutelar; e vendo o filho crescer, admirando a terra sempre fertil, Vicente julgou-se um homem verdadeiramente feliz, — até que sem esperar foi chamado a Hespanha pelo Governo.

—Ao principio não tive coragem de contar a Brigida; mas vão lá enganar as mulheres... Quando ella soube atirou-se a meus pés, supplicando que a trouxesse como escrava, mas que não a abandonasse. Fiz-lhe ver que não pretendia voltar nunca mais a Cuba, que a Europa era muito longe, que ella não conhecia ninguem, que ia extranhar... A nada acceitou, e jurou que se mataria si eu não a trouxesse commigo. Para encurtar razões; ella veiu commigo e com o filho; e como eu não podia vêr aquelle menino que tinha o meu sangue, que crescia e se desenvolvia á minha sombra, mas que não podia ter o meu nome, — casei. Ao fim de seis mezes, porém, ella quiz voltar para Cuba; procurei dissuadi-la com bons modos; ella insistiu com máos modos. Por fim, era tal a sua magoa, era tal o meu soffrimento que accedi, fil-a embarcar em Bordeaux com uma familia conhecida, e fiquei com o menino, o Fernando. Aqui começa a minha desgraça: logo a bordo ella se enredou em amores com um antigo camarada meu, tenente de infantaria... Nunca mais a vi; sei que é viva, que tem muitos filhos... Já lá vão

quinze annos; o Fernando que está no collegio em Pau pensa que a mãe morreu. Todos os annos vem passar as férias commigo, e é muito bom rapaz. E aqui estou, sem poder ser feliz,—porque não sou nem solteiro, nem casado, nem viuvo...

Fez-se um silencio discreto e commovido; só D. Gil julgou a proposito um dos seus ditos latinos:

—Summum jus, summa injuria.

E no silencio que novamente se fez, o barqueiro ergueu a sua voz dolente:

“Audik urrena erreparua  
Ipiñi uizuu pechura  
Ordubat bai emanizula  
Aingerubaten ichura  
Hangoicoak berak  
Deitu izan balit  
Igonedilla zerura  
Zure ondatik ara juanbiarak  
Ensango ziran tristura.”

«Em seguida puz minha attenção em teu peito; então sim, espreitei-te a figura de um anjo! E si o proprio Deus, n'aquelle momento, me chamasse aos Céos,—ao partir de teu lado para tão formosa mansão, encher-me-ia de uma immensa tristeza!»

O Alcalde teve um riso de leve ironia, ao ouvir esses ultimos versos da canção vasconça...



III

A' noite houve os saltibancos com o burro sabio, e na Marina realisou-se o baile ao ar livre, no terreiro. Os pescadores e as raparigas dançaram o *agarrado* e a *jota aragoneza*, —a primeira com o seu quebranto voluptuoso do *maxixe*, a segunda com a vivacidade salti-

tante de uma *tarantella*. Abrigado sob a sombra de uma arvore, de gorra azul, sapatos brancos de corda e uma bengala dos Pyreneus, com um ferrão em vez de biqueira, o Alcalde fumava um cigarro, fazendo pala com os dedos — para que não vissem o fogo. D. Esteban aproximou-se, e D. Vicente procurou afastal-o do *perigo*:

—Por Deus, D. Esteban, vá-se embora!

O outro extranhou o mysterio:

—Homem, porquê?

—Pois não vê que se compromette aqui a meu lado?... Enfim, hein, não digo que seja verdade; mas corre por ahi que me querem assassinar...

—Que ideia! Deixe-se d'isso, homem! Venha d'ahi commigo, dar uma volta...

Mas D. Vicente não arredava; queria por seus propios olhos verificar a *conspiração* para dar-lhe o golpe de morte... No fundo da sua consciencia alguma coisa lhe dizia que o *crime* provinha de uma *societa scelleris*, —uma vasta serpente com a cabeça em Madrid e a cauda em Barcelona...

D. Esteban chasqueou:

—Dir-se-ia que está com medo...

Tão injusta supposição feriu o Alcalde.— Medo, elle, que já viera de Renteria a pé, de noite e sem armas?

—Pois vae vêr que não temo a *morte*!

E sem querer ser acompanhado, accendeu um charuto, puxou ostensivamente o lume deixou a sombra da arvore, e seguiu para a claridade dos focos electricos,—para o baile, para a multidão, para o abysmo. Mal, porém, deu dois passos, foi visto, foi reconhecido:

—Senhor Alcalde, Senhor Alcalde!

—Aqui tem uma cadeira!

—Tome um copo de vinho!

—Viva D. Vicente!

—Viva!!!

Muito tempo, na calma da noite de verão, o Alcalde contemplou a festa; mas alongando olhos pelo mar, pelas costas de França, procurava vêr surgir a *conspiração*,—a vingança do Clero que contra elle se preparava em Roma...

Ao recolher á casa, na deserta *calle Mayor*, julgou vêr um vulto que se movia na sombra. A sua casa era lá muito em baixo, perto da arruinada porta da cidadella, mesmo á esquina do *Paseo de la Muralla*. Destemida-

mente avançou para o vulto:—era o guarda da Alcaidia que esperava o Alcalde, tímido, esfregando as mãos, para communicar-lhe que havia mais um habitante sob a sua auctoridade, e que a mulher e elle desejavam que D. Vicente fosse o padrinho da creança,—si não fazia duvida...

—Ora esta, com muito gosto... E' menino?

—Sim senhor, com a graça de Deus!

—Pois ha de se chamar Fernando, serve?

—Ora esta, senhor Alcalde; é nome até bom de mais para um filho de gente pobre...

D. Vicente metteu na mão do guarda um bilhete de cinco duros, e dando uma palmada carinhosa nas costas do compadre:

—Pues vaya usted con Diós!

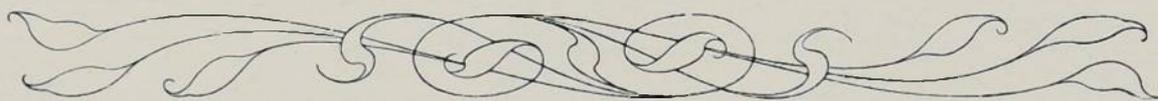
—Y se quede usted con la Virgen, señor Alcalde!

No dia seguinte, D. Vicente Ruiz y Pereda escreveu para Bayona, a uma casa commercial, encommendando um enxoval completo de recém-nascido; e juntamente entrou em negociações para adquirir um collete de malha que defendesse o seu corpo dos assaltos nocturnos e do punhal dos anarchistas. Uma semana mais tarde chegou o enxoval do afilhado; mas o preço que pede o armeiro pelo collete de malha é tão exaggerado que D. Vicente acha que por tal preço a vida fica muito cara, e que é melhor confial-a a Deus, e assim ir vivendo,—sob o sol que faz amadurecer os trigos, sob as estrellas e o luar da noite que povoam as ruas de fantasmas innocentes...



Fuenterrabia — Agosto — 1906.

THOMAZ LOPES.





O quadriennio presidencial deixava um espolio opulento. Já noutra numero mostrámos de que grandes serviços se podia orgulhar o Ministerio do Interior. A obra de saneamento, o expurgo da Cidade é de uma benemerencia tal que entrará nos fastos gloriosos da Republica. Faltava muito, porém, no ramo da Assistencia. O que se tinha feito era como parcelas, ainda longe de attingir á somma visada.

O Dr. Felix Gaspar, assumindo a gestão da pasta do Interior, concebeu a idéa de amparar os tuberculosos. Os tuberculosos! O grande bando sinistro que engrossa as fileiras da Morte!

A tuberculose é a mais devastadora epidemia que mina e consome uma população. E' de um contagio funesto, e de uma tenacidade cruel. Dar-lhe combate, proteger as suas victimas, constitue alto serviço humanitario.

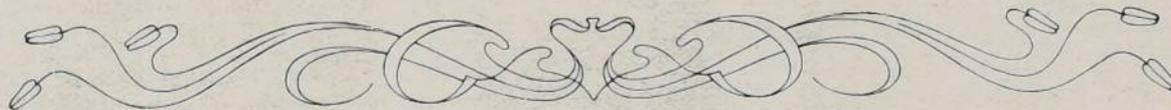
Sucedendo ao Dr. Seabra que muito fizera, o Dr. Felix Gaspar de Barros e Almeida re-

solveu fundar um hospital para tuberculosos «onde pudessem receber com o maximo proveito e possivel efficacia os cuidados medicos, e onde não pudessem lesar a 'communidadade pelo perigo da infecção».

Nada havia, talvez, neste momento mais necessario do que isso. O vasto hospital da Misericordia não pode, não deve continuar a receber os infelizes cujo pulmão se dissolve, porque não dispõe de ambiente favoravel á cura, e porque expõe muitas centenas de outros enfermos a contrahir o mesmo mal. O sanatorio especial para tuberculosos honra uma administração, é beneficio para a humanidade, e documenta os principios generosos da civilização brasileira.

Estas palavras nos acodem a proposito da gravura que acima estampamos. Rio de Janeiro vai ter, enfim, um sanatorio para os infelizes que a tuberculose subjuga.

A esperança de cura ja tem seu phanal.



# A Excursão do Presidente Eleito

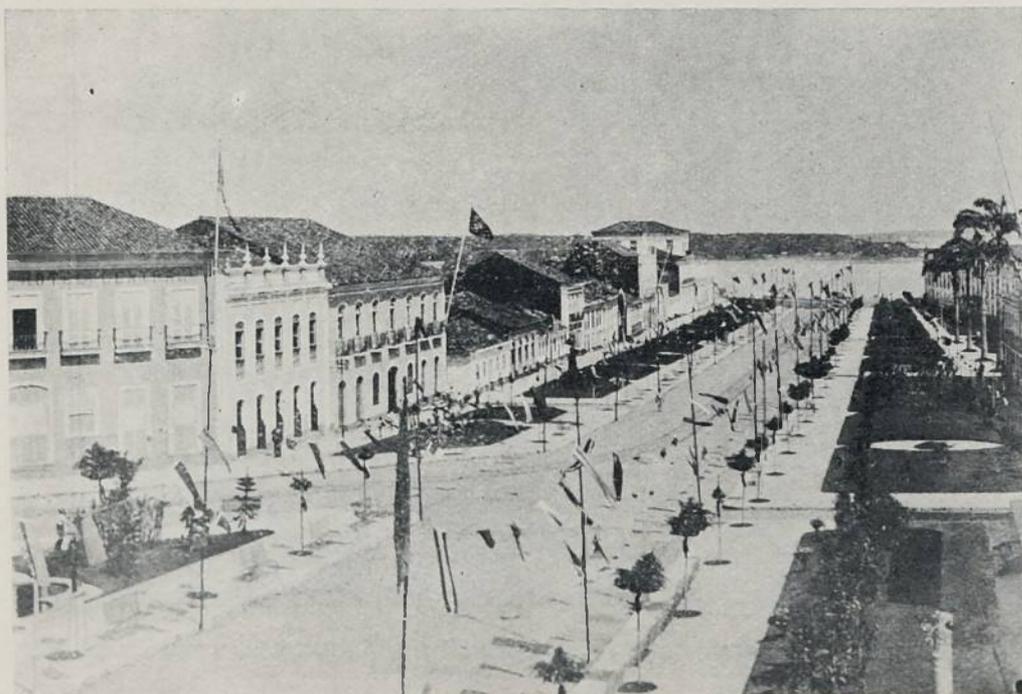
## MARANHÃO



BUSTO DE MANOEL ODORICO MENDES



DR. AFFONSO PENNA E DR. BENEDICTO LEITE



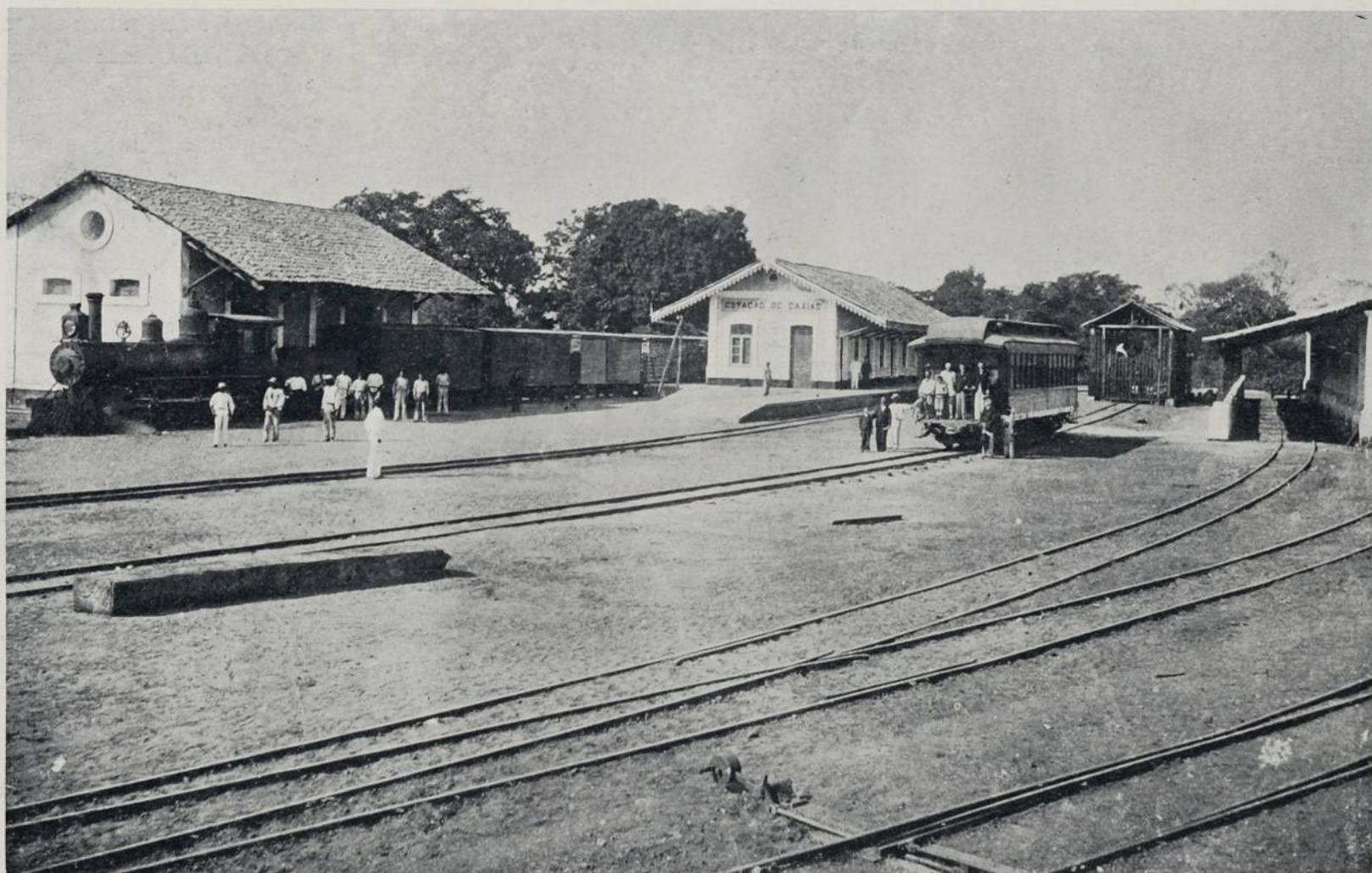
AVENIDA MARANHENSE



ESTATUA DE GONÇALVES DIAS—PRAÇA DOS REMEDIOS



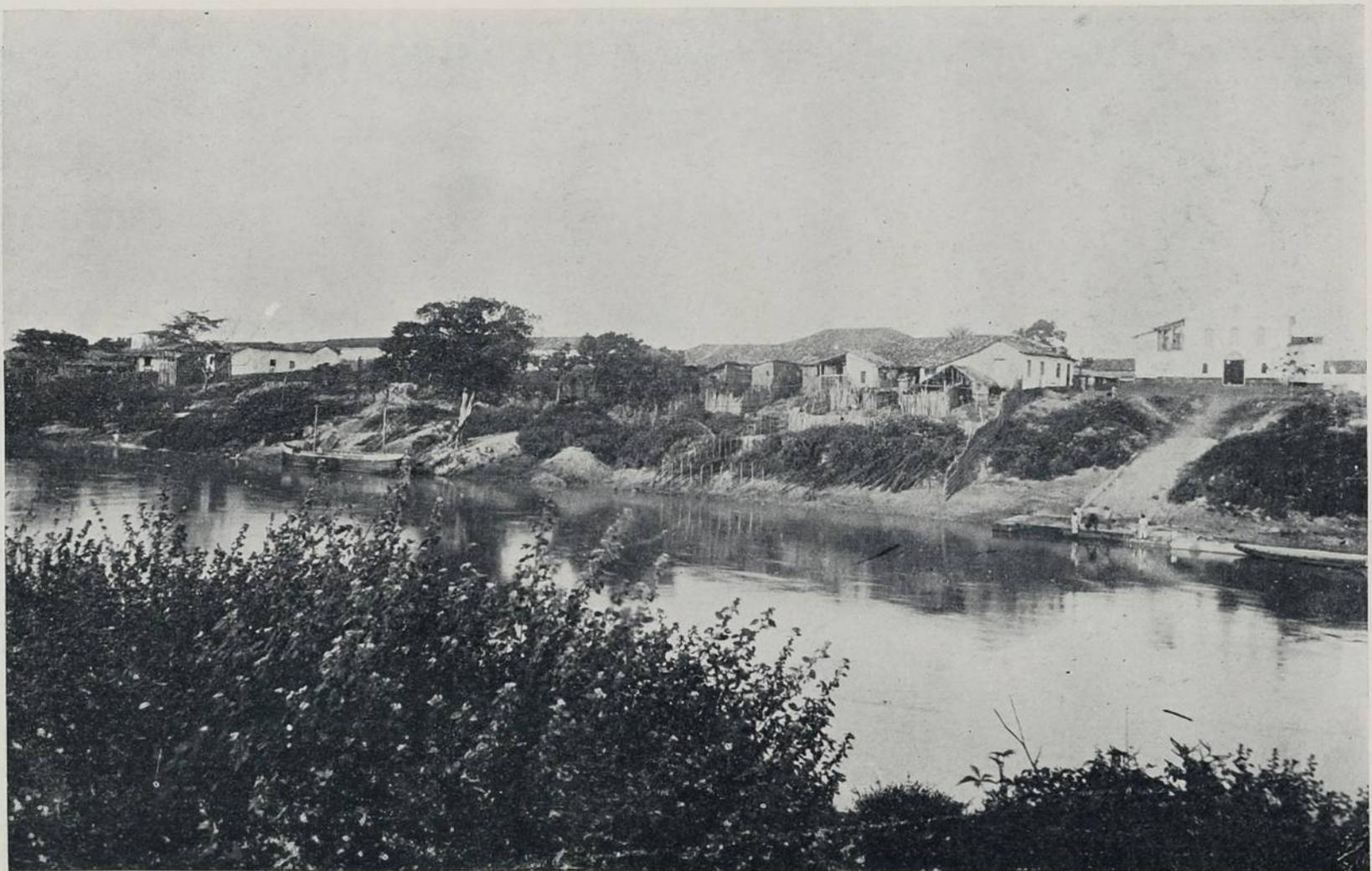
RONCADOR -- CAXIAS -- MARANHÃO



ESTACÃO DE CAXIAS -- MARANHÃO



PORTO DO ANIL — S. LUIZ — MARANHÃO



CODÓ — MARANHÃO



PONTE E PORTO DE DESEMBARQUE EM CAXIAS—MARANHÃO



FLORES—PASSAGEM DO MARANHÃO PARA O PIAUHY

# PIAUHY

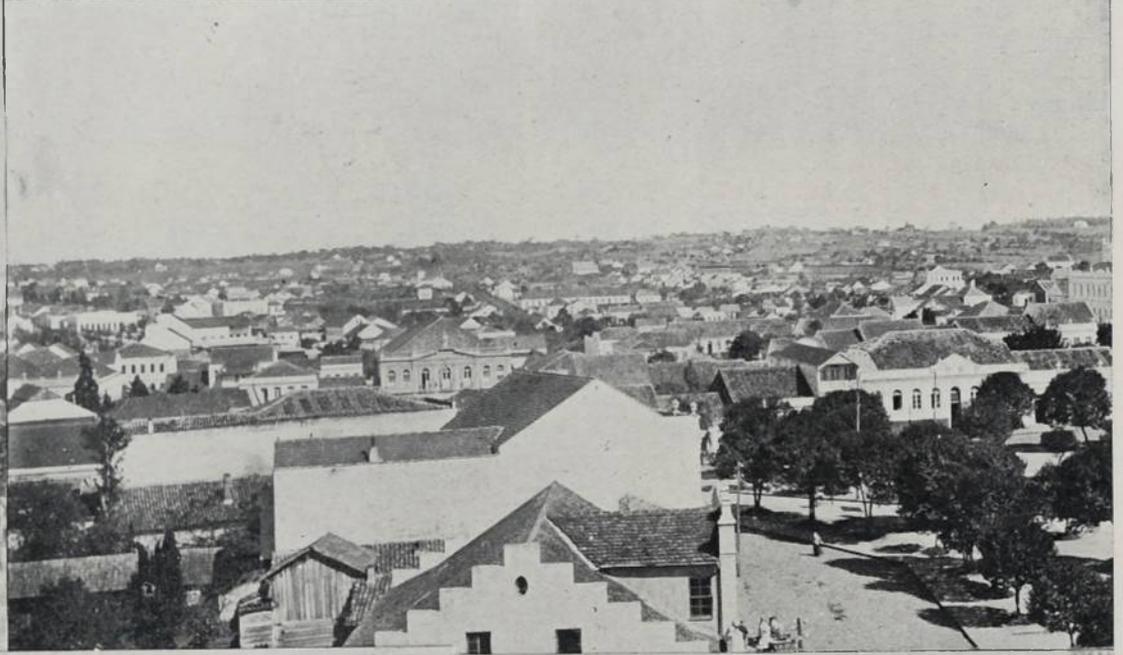


EGREJA DE S. BENEDICTO — AVENIDA FREI SERAFIM



PRAÇA AQUIDABAN -- THEATRO 4 DE SETEMBRO

# ESTADO DO PARANÁ

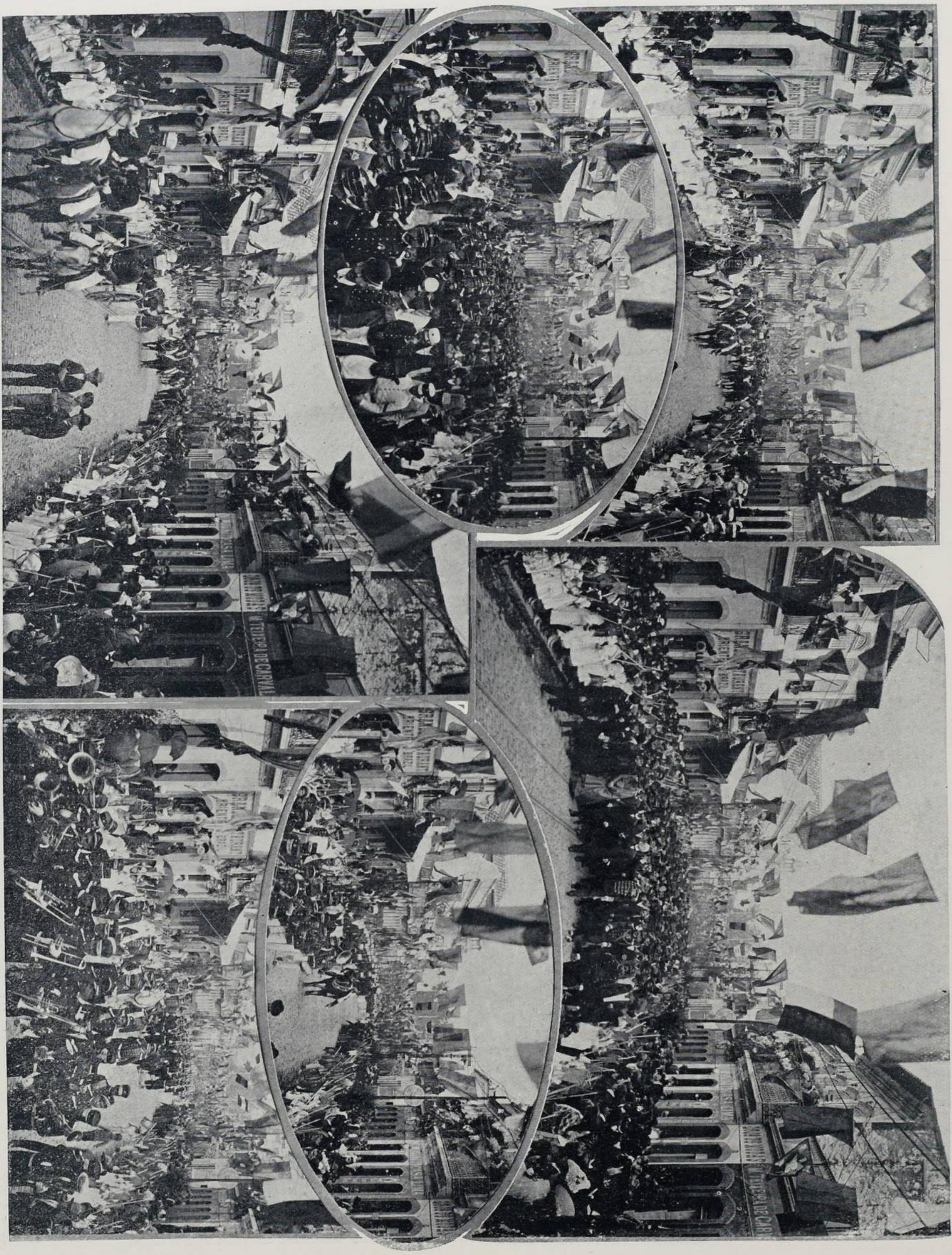


ASPECTOS DE CURITYBA



RECEPÇÃO DO DR. AFFONSO PENNA, EM CURITYBA  
NO CENTRO, O PALACETE ERMELINO DE LEÃO JUNIOR, ONDE SE HOSPEDOU O PRESIDENTE ELEITO DA REPUBLICA

RIO GRANDE DO SUL



CHEGADA DO DR. AFFONSO PENNA A PORTO ALEGRE



CIDADE DO RIO GRANDE — OS PROMOTORES DAS FESTAS AO DR. AFFONSO PENNA



RIO GRANDE DO SUL — TRIPULANTES DA CANOA «FLORENTINA»,  
VENCEDORA DA REGATA EM HONRA DO DR. AFFONSO PENNA, EFFECTUADA EM PORTO ALEGRE



CIDADE DO RIO GRANDE — ASPECTOS DO PORTO



CIDADE DO RIO GRANDE  
O CONSELHEIRO AFFONSO PENNA, EMBARCANDO NO CÃES DA RUA RIACHUELO PARA BORDO DO «FLORIANOPOLIS»



EDIFICIO DA INTENDENCIA, NO DIA DA CHEGADA DO DR. AFFONSO PENNA



QUARTEL GENERAL, ONDE HOSPEDOU-SE O PRESIDENTE ELEITO DA REPUBLICA

# UM CRIME EMPOLGANTE

**A**S tarifas! A pauta aduaneira! Eis a geratriz maxima do grande crime da rua da Carioca.

A ganancia do Fisco, as exigencias do Fisco, essa voraz e infatigavel ascensão de taxas nos impostos de importação, geraram os contrabandistas. O Fisco sahio ludibriado, e o Crime ganhou proselytos. O contrabando é hoje instituição universal.

Jacob Fuoco poz muitas vezes a corôa da victoria em lides contrabandistas. Ha muitas fórmulas de contrabando... Desde que se favorece um commercio contrario ás leis do paiz

De vez em quando a Policia, tambem, ia lá descobrir joias reclamadas pelas victimas de ladrões.

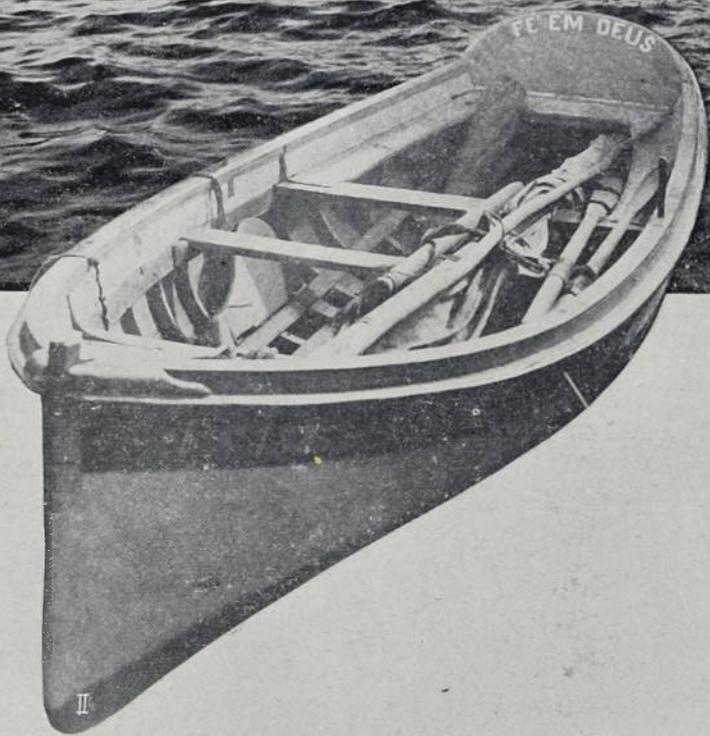
Carlo Fuoco sabia disso. A sua aprendizagem enveredava por esse caminho dos grandes lucros. Ia vendo como se negociava com essa gente; ia habituando a vista no exame do ouro, na avaliação das pedras, e formando o character no tracto com os criminosos sombrios. Observava attentamente o exemplo do tio, que lhes falava com autoridade, sem desprezo, e lhes offerecia, summariamente, quantias miseraveis por aquillo que elles tinham pressa de abandonar.



I-COMO FOI ENCONTRADO PAULINO NA RUA DA CARIOCA. II-PAULINO FUOCO NO NECROTERIO. III-CARLO FUOCO NO NECROTERIO

está se contrabandeando. Jacob Fuoco costumava comprar roubos,— como tantos outros vendedores de ouro, aliaz. A generalidade, porém, não descaracteriza o feito. A verdade é que ladrões de mar e ladrões de terra procuravam-lhe a joalheria.

Esses homens eram o caminho da Fortuna. Podiam ser máos, mas a sua maldade não se manifestava ali; era lá para fóra, onde praticavam o crime. Ali apresentavam-se, submissos, trocando o corpo de delicto por moeda circulante, o mais depressa possivel.



1, PONTE DA EGREJINHA, EM SÃO CHRISTOVAM, ONDE SALTARAM OS ASSASSINOS  
2, O BOTE «FÉ EM DEUS» — 3, PONTA DO CAJÚ E ILHA DOS FERREIROS,  
ONDE FOI PERPETRADO O CRIME — 4, PONTE DA PRAINHA, ONDE EMBARCARAM  
OS ASSASSINOS COM «CARLUCCIO».

Desfilavam successivamente espalmando a mão sobre o *comptoir* pequenos garotos, copeiros e criados de quarto, larapios de todo o genero, bandidos de toda a especie. Ha tantas casas assim! O freguez honesto quando compra a joia não pede certificado da origem...

Carlo Fuoco analysava esse caminho da Fortuna, e aprendia a segui-lo, vendo na Lei, apenas, uma cousa ridicula, na Policia, apenas, uma cousa incommoda.

a passagem dos ladrões cevados na sua joa-llheria. E, se em tudo isso pensou, a previdencia limitou-se a montar dormitorio lá, onde se quebram as aguas da poetica e formosa Icarahy. O sobrinho que tomasse conta da loja.

Está escripto: *Le cœur de l'homme est là où est son trésor*. Jacob amava muito Carlucio? collocou-o, pois, ao lado dos seus brilhantes e artefactos de ourivesaria.

O DR. CAETANO JUNIOR, E SEUS AUXILIARES

A ABERTURA DA «VALISE»



JACOB FUOCO AFFIRMANDO QUE ALI NÃO ESTÃO AS JOIAS TODAS.

O DELEGADO LENDO O DEPOIMENTO DE LEOPOLDINA

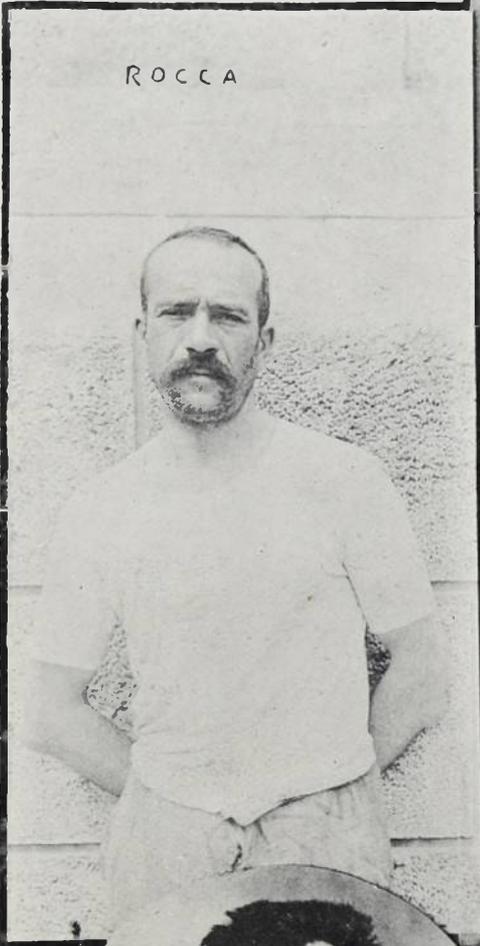
Para Jacob os negocios iam bem. Iriam bem.

Não se lembrava Jacob Fuoco que, não sendo elle o unico a comprar roubos, podiam as suas joias, tambem, ser apetecidas, e levadas sorrateiramente a outro balcão onde se trocassem por moeda corrente. Não lhe occorreu que a mesma Policia que lhe permittia tantas transacções fructuosas podia deixar livre

Os ladrões que tantas massadas tiveram em sua vida para se apoderarem de brilhantes e artefactos de ourivesaria, aqui pulando muros, ali arrombando portas, lá assaltando embarcações, não quizeram expôr-se a perigos para entrar no Estabelecimento da Rua da Carioca. Carlucio tinha as chaves? Pois haveriam as chaves de Carlucio.

Quando?

ROCCA



PEGATE



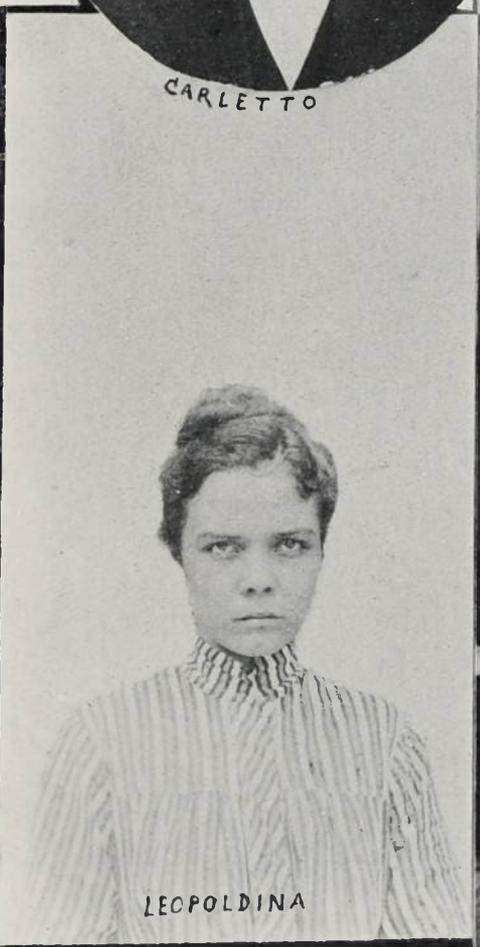
INTERROGATORIO DE JOSÉ EPITÁCIO, AO REGRESSAR DE S. PAULO.



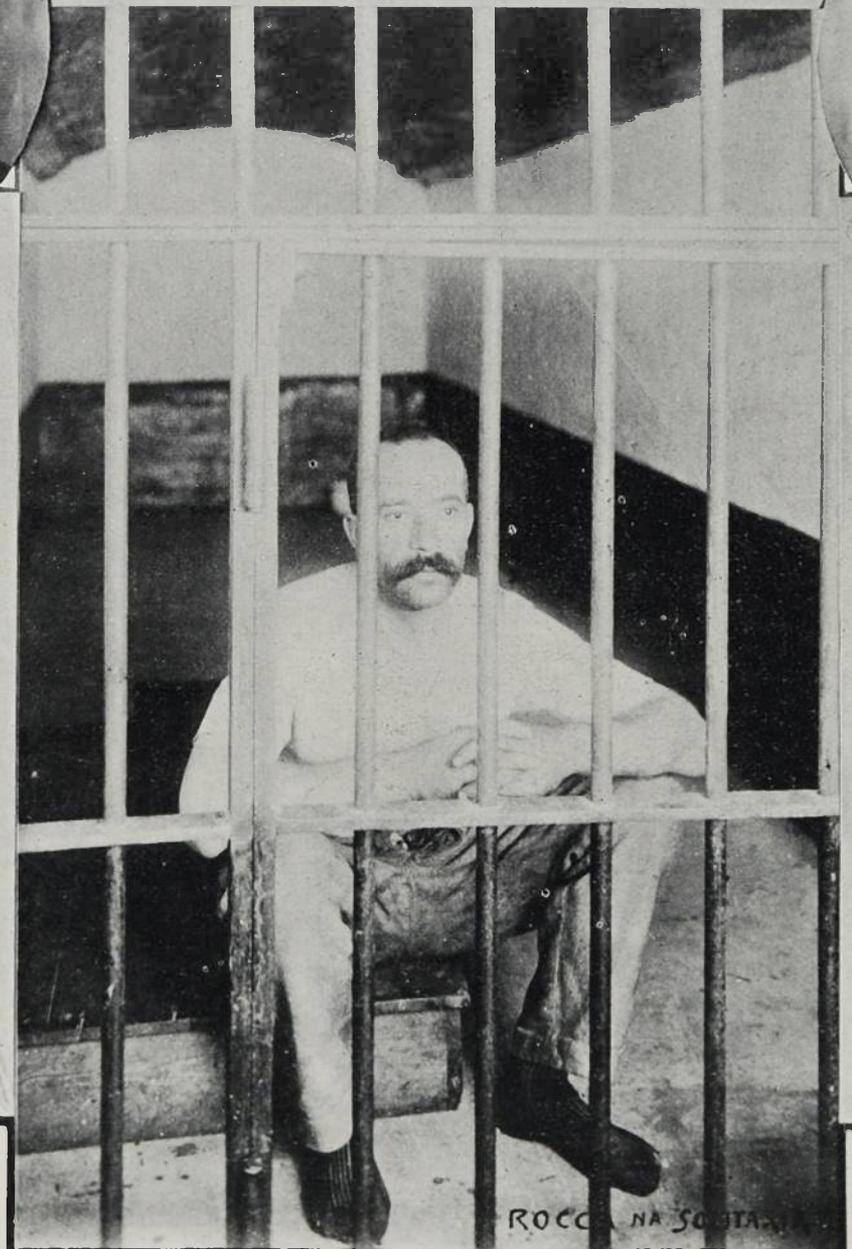
CARLETTO



EPITÁCIO



LEOPOLDINA



ROCCA NA SOLTANA



MARIA DA GRAÇA



1, CASA DE BERRETTA—2, JOALHERIA FUOCO—3, CASA DE EUGENIO ROCCA—4, CASA DE PEGATTE—5, RESIDENCIA DE EPITACIO E CARLETTO, NA CASA DE COMMODOS DA RUA D. ANNA NERY N. 20—6, CARVOARIA DA RUA DO LIVRAMENTO N. 35—7, ESTAÇÃO DE SÃO FRANCISCO XAVIER, ONDE FOI PRESO ROCCA — 8, QUARTO ONDE FORAM ENCONTRADAS AS JOIAS NA CARVOARIA DA RUA DO LIVRAMENTO

Num dia em que tio Jacob gozasse o infinitamente poetico arrebenhar das vagas na praia de Icarahy.

Como?

Matando Carlucio, e escondendo-lhe o cadaver, afim de poderem evadir-se em quanto o procurassem.

Assim se fez.

Dois incidentes, porém, transtornaram esses lobregos planos: A necessidade de estrangulhar, um outro, o jovem Paulino, irmão de Carlucio, e o apparecimento do cadaver de Carlucio que elles haviam, até, despido para facilitar aos peixes a desfiguração do corpo e difficultar o reconhecimento, caso fluctuasse depois de longa immersão.

Esses dois incidentes foram a grande ventura policial. Sem elles teriamos mais um crime na lista dos crimes impunes.

E se mais se não descobriu, logo, foi porque a Policia não agio com as reservas indispensaveis. A quadrilha de scelerados começou na segunda-feira 15, á tarde, a ser minuciosamente informada de todas as conjecturas, todos os planos, todas as diligencias. Era somente comprar os jornaes, e ver qual a orientação: qual havia sido, qual ia ser o procedimento das autoridades.

Os criminosos entravam e saham dos antros, visitavam-se, discutiam, commentavam os erros do inquerito, e sublinhavam as toleimas do noticiario. A versão contraria á boa fama de Carlucio muito lhes agradou, e encheu-os de confiança no exito da sinistra operação. Quando Carlucio veio, com o rosto já meio devorado pelos peixes, desmentir as infamias que iam nodoando a sua memoria, foi como se um facho de luz irrompesse no meio dos bandidos; e elles trataram de debandar, jornal em punho, sem perder de vista uma só das resoluções policiaes.

Havia, até então, um laço, um bote, algumas informações positivas, e as negativas de Pegati e de Bereta: houve d'ahi por diante, apenas, mais uma poita e um pedaço de corda. A Policia atordoada, mas decidida a não parar. Tanto andou nesses dias que se esbarrou com Eugenio Roca, e fez soar, alviçareira, o carrilhão das grandes alegrias triumphaes.

Roca, um degenerado perante a Sociedade normal, mas absolutamente confiante na sua capacidade criminal, achou sua hora de fazer

espirito. Deliberou dar sorte, e deu. Principiou recommendando-se á execração do Universo, e empenhando-se sinceramente pela liberdade dos innocentes que o antecederam na prisão. A Policia estava-lhe tão agradecida por ter se deixado prender que dava gostosamente curso a toda a sua loquella.

Os demais quadrilheiros continuavam a comprar jornaes.

Entrou em scena um José Epitacio, ex-policial, ex-ordenança de Ministro de Estado; com elle vieram algumas mulatas, um carvoeiro, e parte das joias roubadas. O Crime irradiava, os cúmplices multiplicavam-se. A população adormecia cansada, e acordava exigindo tudo do noticiario. O noticiario era um enredo inextrincavel. Succederam-se dois grande actos de effeito: a manifestação ao Delegado, e a procura de Carleto.

Rocca sempre magnifico, dominando a Policia do fundo da solitaria. Querendo que todos o vissem, e o encarassem, a elle só, como um monstro, e não querendo que o incommodassem os olhares dardejantes da curiosidade; pedindo uma arma para se dar á morte, e tomando *pose* diante das objectivas photographicas; implorando piedade para os filhos, castigo para o seu crime, liberdade para os innocentes. Contava tudo, referia tudo, explicava tudo. Elle e o Carleto, só, só os dois eram os horrendos assassinos. As autoridades, gratas por elle se ter deixado prender, acreditavam em tudo. Durante dias Eugenio Rocca estava ao leme. E a Policia remando, esfalfando-se a remar na direcção da vontade d'elle.

Entretanto... sem saber quem remara, desde a ponte da Prainha, levando em ultima viagem para a eternidade o infeliz Carluccio, n'aquella tarde sinistra de 14 de Outubro!

O povo ancioso. Nunca nenhum crime, de que tenhamos memoria, empolgou assim a população do Rio de Janeiro, quasi diziamos a população do Brazil.

A pessoa de Carleto era procurada com phrenezi. Muita gente metteria o revolver no bolso para affrontal-o, se o encontrasse. Qual meteoro sinistro Carleto riscava o espaço tenebroso por toda a parte. De São Paulo, de Jacarepaguá, de Minas e de Maxambomba, da Tijuca e de Petropolis chegavam, em tropel, noticias do seu apparecimento. E ninguem lhe punha as mãos em cima!

Por ultimo, Carleto deita-se a dormir numa casinha da rua Barão de S. Felix, e a Policia foi chamada ás pressas por um serviçal mysterioso para ir accordal-o.

Caprichos do Accaso: As diligencias principiaram enfrentando o mysterio, e acabaram deixando a impressão de mysterio. O somno entregou os dois bandidos.

Carleto, agora, diante da Policia faz uma enorme salada com o que leu nos jornaes desde o dia 15.

Forrou-se de cynismo. Ha um odio occulto, um odio contra o Infortunio. Do trabalho não se arrepende, não tem entranhas para isso. O que o damna é o insuccesso. «Que porcaria!» ruge a féra. «Que porcaria!»

Todos lhe mettem nojo. «Poltrões! Vão dizendo tudo que sabem, e o que não sabem, até!

A Policia tem sido reprehendida pelo tremendo scelerado que parece querer resta-

belecer a ordem na Detenção: Não admitte perguntas fastidiosas, não se presta a photographias, não se sujeita a interrogatorios em publico. Sabe quaes são os seus direitos, e está prompto a defendel-os.

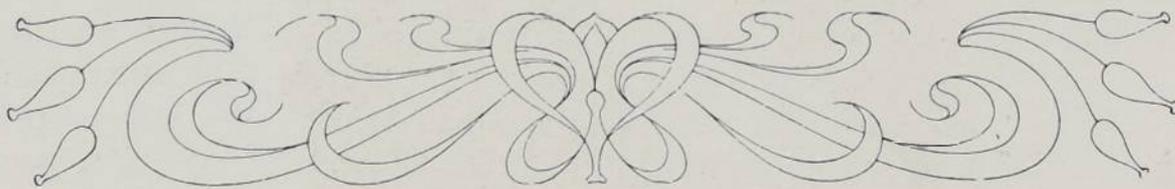
A mulata Leopoldina, amante de Carleto, contrariada em seu depoimento, teve uma exclamação que é um golpe de psychologia derubando o cynico: «Eu estou com a cabeça *virada*, mas você ainda faz mais confusão.»

Perfeito! O que o bandido quer é confundir, e a mulata não dá para ajudal-o.

A Policia, resolveu, por fim, tomar attitude grave. Reconhece que o que está feito é tumultuario. Deixou o joalheiro Fuoco a fazer o calculo do roubo, e metteu-se no cubiculo a interrogar Carleto.

Cuidado com a *gravata!*...

FERREIRA DA ROSA.



## Os que veem...

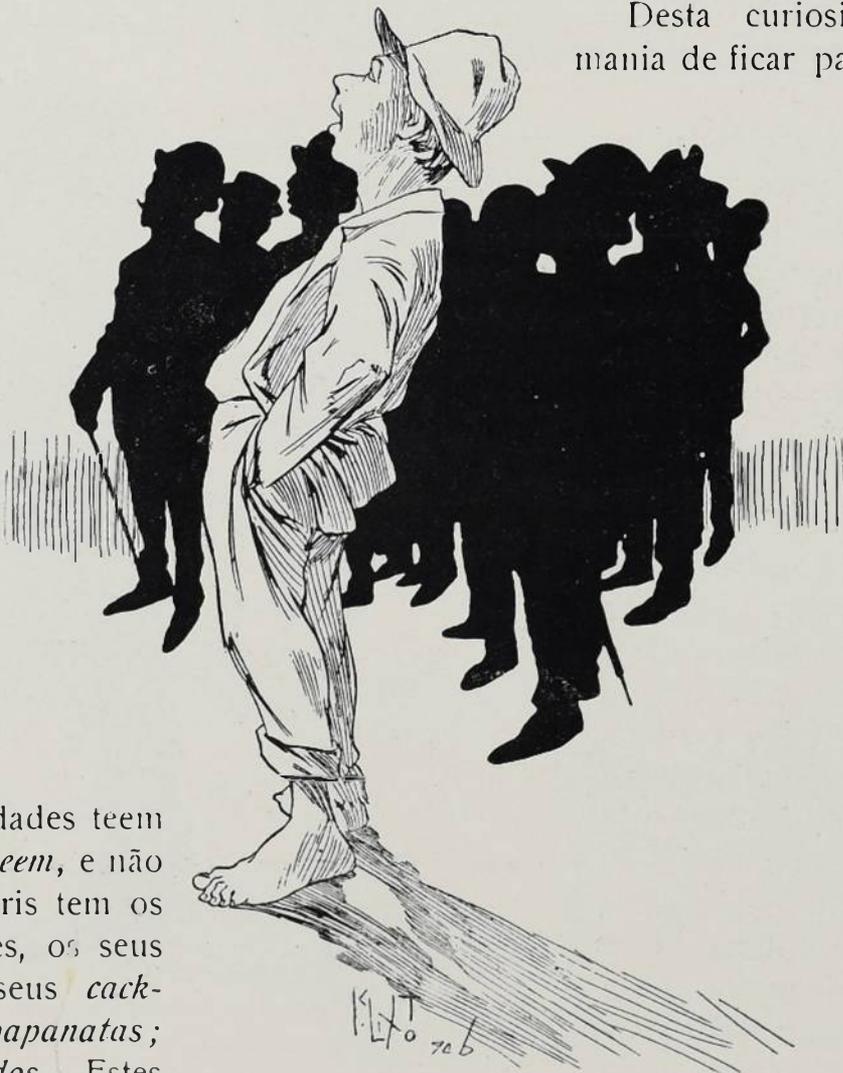
**D**IZ-SE que só não veem os que são cegos, — ou os que não querem ver, que, como diz o rifão, são os peiores cegos do mundo.

Exceptuadas essas duas especies de cegos, — todos os homens veem, ou pensam que veem.

Porque a verdade é que, para ver, não basta possuir bons olhos e tel-os bem abertos. Ha muita gente que vê sem ver, — porque é incapaz de prestar atenção a qualquer cousa, e, depois de ter visto qualquer cousa, não consegue dizer o que viu. Conheço um sujeito que apanhou um premio na loteria e foi passar um anno na Europa, *para ver*. Esteve em Portugal, na Hespanha, na França, na Inglaterra, na Belgica, na Suissa, na Allemanha, na Italia, correu todas as grandes cidades, visitou todos os museus, entrou em todos os theatros; e, quando voltou, como eu lhe perguntasse o que tinha visto, respondeu, um pouco vexado: «Homem! vi tanta cousa, que não me lembro de nada do que vi...»

E ha tambem muita gente que sabe ver, que gosta de ver, que vive de ver, e que afinal não vê nada.

Todas as grandes cidades teem os seus *mirones*, que *veem*, e não fazem outra cousa. Paris tem os seus *badauds*; Napoles, os seus *babacci*; Londres, os seus *cackneys*; Madrid, os seus *papanatas*; Lisboa, os seus *pasmados*... Estes ultimos já foram decantados por



OS BASBAQUES

Gomes Leal, num soneto celebre:

“Que officio ou arte teem? São timbaleiros?  
Sacristães? ou palhaços? ou coveiros?  
Teem um officio só: é ver quem passa!...”

Aqui, no Rio, temos os *basbaques* da rua do Ouvidor, que passam o dia inteiro amparando com as costas os portaes e as esquinas, — e *vendo*. Vendo o que? Vendo tudo: as mulheres, os homens, as nuvens, a poeira, o sol, a chuva, — noes fóra, nada.

Os mais interessantes são os «basbaques populares».

Basta que um sujeito páre no meio da rua, e comece a olhar fixamente a fachada de uma casa, ou um certo ponto do céu: chega logo outro sujeito e põe-se a mirar o mesmo ponto; d'ali a dois minutos, os basbaques são vinte, são cinquenta, são cem; interrompe-se o transito, paralysa-se o trabalho, suspende-se a vida da rua. E toda a gente fica *vendo*. Vendo o que? Quem sabe lá?! cada um está vendo uma cousa, ou todos não estão vendo cousa alguma, — o que vem a dar no mesmo...

Desta curiosidade do povo, desta mania de ficar parado, embasbacado, estarecido, vendo, ou fingindo que vê, — é que os *camelots* de todas as grandes cidades tiram a sua subsistencia. O *basbaque* sustenta o *camelot*, o *camelot* explora o basbaque. Não haveria *camelot*, por mais esperto, que fosse capaz de viver e prosperar numa terra de cegos. Onde não ha quem veja, o *camelot* morre de fome.

A nossa Avenida Central já reproduz diariamente muitas destas scenas. Pára um sujeito no meio da Avenida, ou n'uma esquina, deposita no chão a cesta ou a

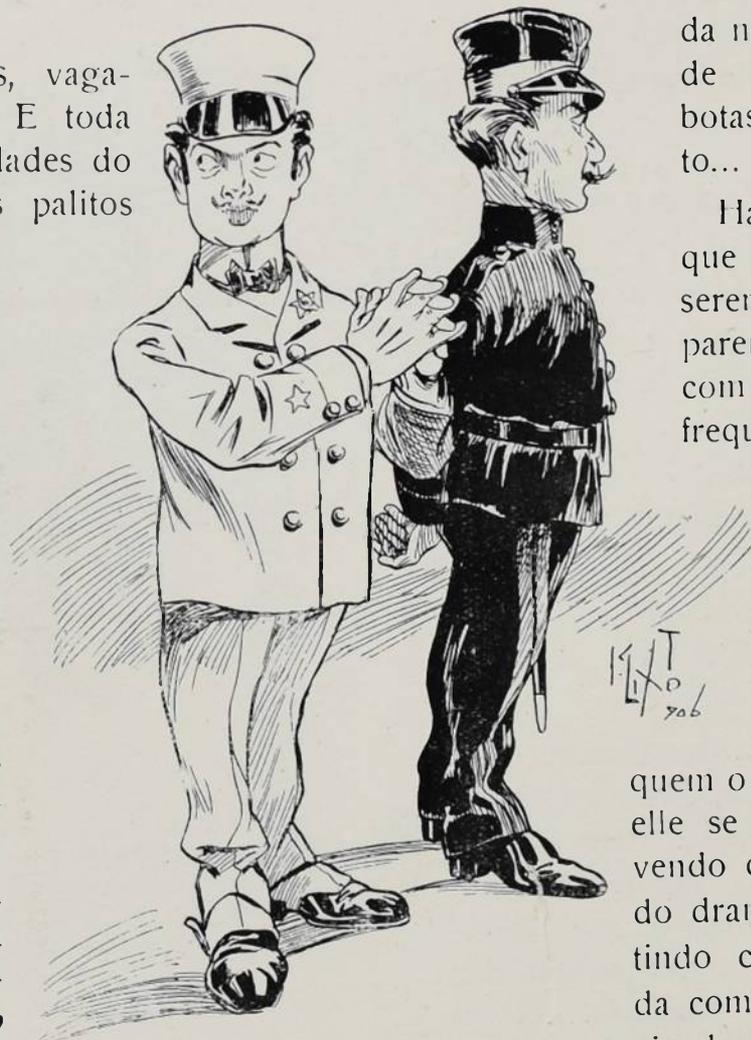
caixa em que traz as suas maravilhas, e, dahi a pouco, está cercado de uma multidão espessa: são homens, mulheres, crianças, velhos, carregadores, moleques, funcionarios publicos, caixeiros, advogados,

Estes são pagos para ver: o *policia* e o *guarda-civil*. O Estado farda-os, calça-os, alimenta-os, paga-os, e solta-os pelas ruas, — para que elles vejam. E ahi os tendes, com os olhos bem abertos, bem arregalados, bem espertos, *vendo...* Pois bem! a poucos passos d'alli, um gatuno está roubando um par de botas da porta de uma loja de calçado, um outro ratoneiro está mettendo a mão na algibeira de um basbaque, — e elles não veem nada disso. Porque? porque são cegos? De cegos é que elles nada teem. A razão é que tanto o *policia* como o *guarda-civil* só se veem a si mesmos: o primeiro só vê a sua importancia, o seu alto papel social, a sua nobre função publica, — a gravidade e a transcendencia de sua missão de assegurador da ordem publica; e o segundo só vê a sua elegancia, a sua belleza de funcionario *chic*, de farda nova, de luvas, de polainas, de botas de polimento...



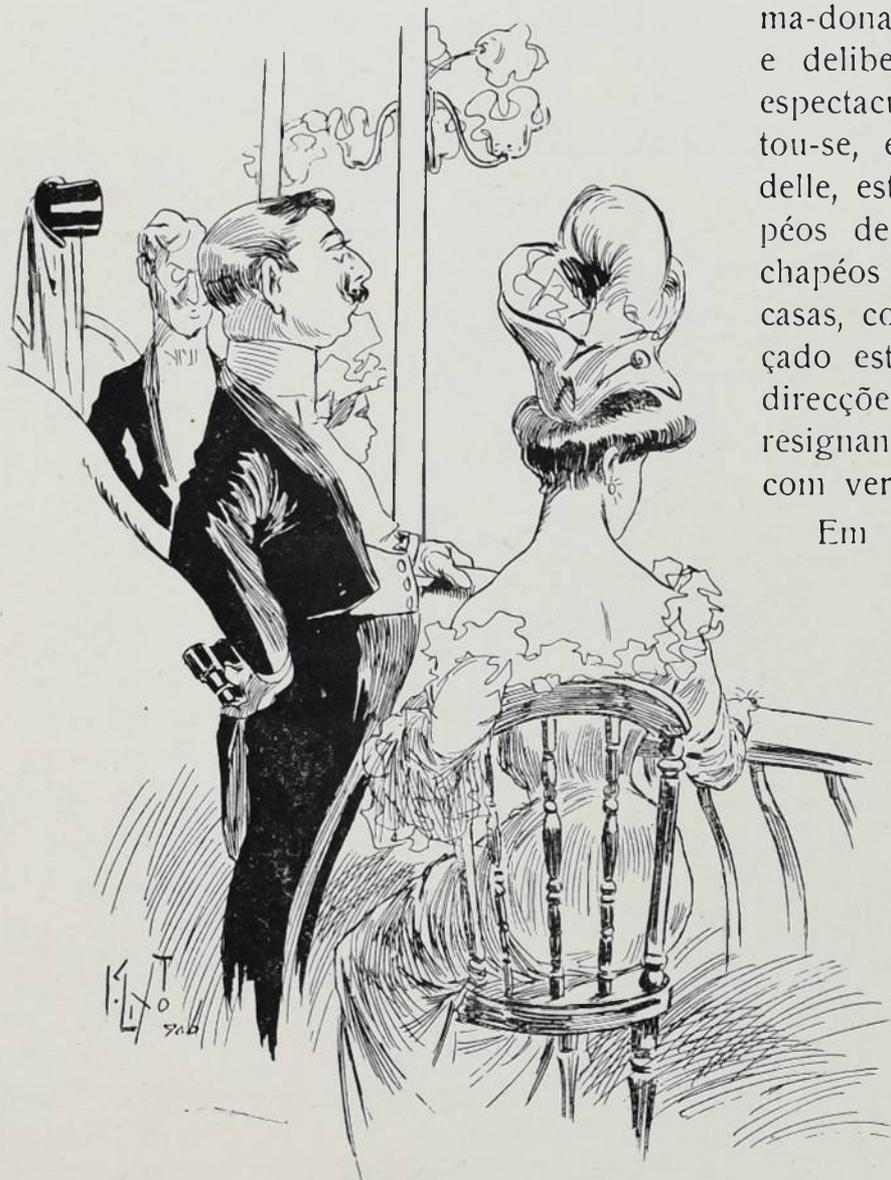
O CAMELOT E OS BASBAQUES

medicos, banqueiros, commendadores, vagabundos, — todas as classes sociaes. E toda esta multidão está *vendo* as preciosidades do *camelot*: os passarinhos-ocarinas, os palitos chinezes, os *gritos de sógra*, os sabonetes para tirar nodoas, os sacarôlhas automaticos, os carimbos de borracha, os accendedores instantaneos, os botões que se pregam sem agulha nem linha, as canetas inexgotaveis, etc., etc. As horas correm, e todos os basbaques vão ficando alli: o medico abandona os seus doentes, o advogado esquece as partes, o caixeiro não se lembra do patrão, o empregado publico perde a ideia da Repartição. E quando algum desses *mirones*, depois de ter visto aquillo durante muito tempo, se decide a comprar uma das preciosidades, e reconhece que comprou uma cousa inutil e imprestavel, — nunca deixa de dizer, para se consolar: «Foi porque eu não *vi* bem! se tivesse *visto* bem, não teria comprado!...»



OS QUE SÃO PAGOS PARA VER...

Ha tambem os que vão ver para serem vistos... Reparem na attenção com que certos frequentadores de theatro parecem estar fitando a scena. *Elle* tem na face as rugas da concentração: quem o vê pensa que elle se está commovendo com os lances do drama, ou divertindo com a graça da comedia, ou deliciando com as har-



OS QUE VÃO VER PARA SEREM VISTOS

monias da opera; — illusão! o que elle está é pensando nos seus negocios de amanhã: está alli para ser visto, para que todos vejam que a sua vida vae bem, e que não lhe custa nada pagar todo aquelle luxo: — o camarote carissimo, o vestido e as joias da mulher, a carruagem que os espera á porta do theatro... *Ella*, que está bem vestida e é formosa, pensa: «que figura estarei eu fazendo? que dirá deste adereço de saphiras a baroneza? como se estará ralando de inveja a Mariquinhas!...»

Ainda sem sahir do theatro, aqui temos uma outra especie de frequentador:

O *policia* e o *guarda-civil* são pagos para ver, e não veem. O seu *pendant* é o dorminhôco que paga... para não ver. Ahi está elle, dormindo e roncando, enquanto o galan da comedia suspira amores ao ouvido da ingenua, ou o tenor garganteia idyllios aos pés da pri-

ma-dona. E' um bom burguez, que jantou bem, e deliberou acabar a noite vendo um bello espectáculo. Pagou a sua entrada, entrou, sentou-se, e começou a querer ver. Mas, diante delle, estende-se uma espessa muralha de chapéos de senhoras, que enchem a plateia, — chapéos altissimos, enormes, formidaveis, como casas, como castellos, como torres. O desgraçado estica e deslôca o pescoço em todas as direcções; e, graças ao trabalho da digestão, resignando-se a não ver a peça, contenta-se com ver para dentro, e ferra no somno...

Em materia de espectaculos, ha ainda os *mirones* do *sereno*. Esses gostam dos espectaculos gratuitos, e contentam-se com ver o que não podem gosar. São os unicos que veem, — e são felizes porque se divertem com isso, muito mais do que os que pagam para ver, e não veem nada.

O «sereno» é uma instituição nossa, exclusivamente nossa, peculiarmente nossa e essencialmente cariôca. Não ha baile na cidade que não attráia o pessoal do «sereno». Se o baile é em casa terrea, ou assobradada, o «sereno» funciona junto das janellas, enche a calçada, olha e examina tudo, e não perde uma só das quadrilhas ou dos



O QUE PAGA PARA... NÃO VER

namoros que se travam lá dentro. Se o baile é em sobrado, o «sereno» funciona na calçada fronteira, com as cabeças levantadas, os narizes para o céu; — e vê menos, mas ainda assim sempre vê alguma cousa: e, quando não vê nada, satisfaz-se com imaginar o que poderia estar vendo, se não estivesse tão longe...

Jesus! o assumpto é rico, e daria ainda muito panno para mangas. O espaço é que é curto.



O «SERENO»

O que se quiz aqui foi provar que, para *ver*, não basta ter olhos e olhar.

Ha cegos que veem mais do que os que não são cegos. Bem disse Victor Hugo: «*quand l'œil du corps s'éteint, l'œil de l'esprit s'allume...*» E ainda é bom quando a gente, não sabendo ver com os olhos da cara, sabe ver com os olhos do espirito: porque ha muita gente que é tão cega de uns como de outros.

FANTASIO





PULCHERRIMA RERUM

O temps futurs! Vision sublime!  
V. Hugo «Châtiments»

**E**SBORÔA-SE a casaria velha da cidade; o martello, a trolha, a alavanca, bloco a bloco, pedra a pedra, atiram ao solo humido e lamacento cumieiras, cimalthas, cornijas, paredes, e dos alicerces centenários, como de alveolos carcomidos, arrancam-se as grandes lages ennegrecidas e gastas pela acção do tempo. Escancara-se ás vistas profanas o interior dos lares desertos, e, envolta na poeira que sobrepaira aos escombros e que o vento dispersa, parece evolvar-se para o céo a alma das cousas passadas, de que se extinguem os ultimos vestigios. Erguem-se, como si fossem caveiras, as fachadas nuas, derrocados os corpos de edificios a que pertenciam, e através das janellas sem portas—orbitas sem olhos—descortina-se o amontoamento informe de caibros, tijollos, barro e pedras toscas, arcabouço desfeito, esqueleto desarticulado da velha *Urbs*, que o alvião revolve, e sobre que passa, indifferente e apressada, a turba de operarios arquejando suarentos.

De dia para dia, quasi que de hora em hora, o aspecto dos trechos demolidos se modifica profundamente; e a cada transformação que se opera, corresponde uma impressão nova; o que era, ha pouco, um casarão grosseiro e acaçapado, assume de improviso a apparencia de um castello a meio desmoronado, com suas setteiras empoeiradas, torreões a se desfazerem, e, ante os portões arrancados, simulacros de pontes levadiças, arranjadas ao capricho do acaso com traves, barrotes e taboas atiradas a esmo. O artista invisivel e mysterioso que preside á construcção ephemera das ruinas, faz de um sótão um minarete, de um telhado ponteagudo o lanternim de um monumento funerario, e, no desregramento da sua imaginação delirante de phantasma, escava aqui uma crypta sombria, ergue acolá frontarias de igrejas, baluartes, arcadas, cupolas, porticos, mausoléos, tudo isso aereo, oscillante, sem base, ameaçando subverter-se ao mais fraco impulso. Por trás de um quarteirão arrasado, surge imprevisita uma encosta de collina, um socavão barrento, sobre o qual pende velho casebre, encarquilhado e frôpego, meio occulto por uma touceira de arbustos enfesados, como que vexado de ver assim expostas subitamente, á plena luz do dia, a sua miseria e a sua nudez.

Nas horas de calor intenso, quando é mais viva a irradiação do sol a pino, e das arestas dos pilares, soleiras e portaes de granito jorram fagulhas; o madeiramen-

to desconjunctado estala; as altas paredes desabam com estrondo levantando nuvens de poeira dourada, sobre que a reverberação das claraboias arremessa feixes de luz vibrante e offuscadora; ao clamor dos operarios em chusma, ora fugindo a um desastre imminente, ora acudindo a companheiros feridos; quando é maior a vozeria, mais tumultuoso o movimento de vagões, carroças, caminhões, vagonetes, acarretando os materiaes desmantellados, rodando sobre o chão desigual e atravancado de destroços, com um ruido bellico e atordoador de carretas de guerra, a impressão que se experimenta é a de que a cidade está sendo assolada por alguma hoste invasora, que obuzes e granadas procedem a uma obra de devastação systematica, e oblitera-se por momentos a noção de que do meio dessas ruinas surgirá em breve uma criação nova, alguma cousa que á nossa imaginação se apresenta grandiosa e bella, primeiro painel da futura cidade, destinado a sacudir a modorra dos espiritos, e a despertar nas almas entorpecidas a alegria de viver.

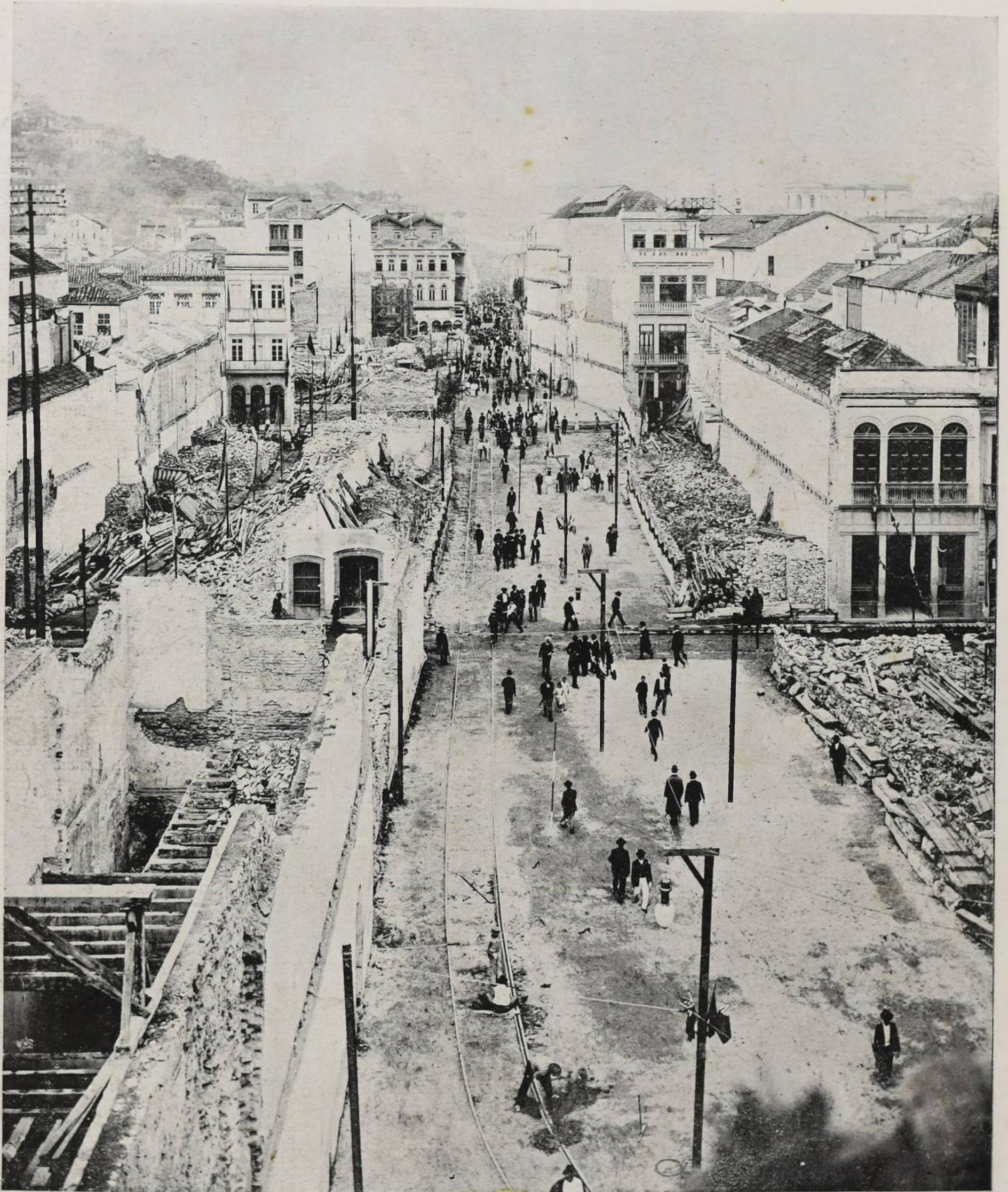
Mas, a effervescencia fatigante das horas rudes de trabalho vai se acalmando; á agitação, ao atropello, aos ruidos varios e rumores desencontrados do dia, succedem a quietação e o silencio da noite; á luz violenta do sol abrazador, o clarão sereno e apaziguador do plenilunio.

A quem percorre então a area das demolições, o horizonte visual limitando-se pelo effeito da tenue claridade, aos trechos derrocados, afigura-se que a destruição se estendeu a toda a cidade, e, ás horas mortas da madrugada, quando nas ruas de mais movimento as ultimas lojas se fecharam ha muito, os ultimos transeuntes retardarios desapareceram, os ultimos echos de vida se extinguiram, e o silencio é completo, pareceria haver sido transportado ao meio de uma vasta necropole, que convulsões do solo e doidos cyclones arrazaram. Os lanços, ainda de pé, das paredes brancas, os altos feixes de ripas e caibros, os andaimos vacillantes, o entablamento desmantellado das casas a meio desfeitas, as columnas de granito e as enormes lages que juncam o solo, semellham lividas mortallas, floresta devastada de arvores funerarias bracejando phantasticamente, desfolhadas e resequidas, monumentos destruidos e dispersos por sobre os quaes susurram lugubrememente as virações nocturnas, e o luar estende o seu velario de prata!

Quando a noite é sombria, a treva espessa, e no firmamento desolado nem as estrellas brilham, o aspecto das ruinas confrange o coração e aterra o espirito; receia-se involuntariamente que toda aquella destruição seja uma cousa definitiva e irremediavel, que se tenha diante dos olhos uma cidade morta, cujo cadaver colossal está sendo velado por grupos esparsos de vultos—homens, talvez, talvez espectros, ou executores, surgidos de além-tumulo, de algum castigo providencial—que, em torno de fogaréos accesos de espaço a espaço, como si fossem cyrios arden-do em volta de uma eça gigantesca, movem-se mysteriosamente em circulos de luz viva, a que o clarão dos brazeiros dá uns tons rubros de sangue.

Pelas brechas das muralhas, pelos largos intervallos onde houve janellas e portas, por sobre o travejamento desordenado dos materiaes de construcção accumulando-se irregularmente aqui e acolá, por trás das pilastras e grandes arcos de cantaria, ao longo das paredes fendidas e ameaçando ruir, pelo cimo das cumieiras destelhadas, sombras errantes perpassão, deslisão-se, esgueiram-se, parecendo regular os seus movimentos phantasticos pelas oscillações caprichosas das chammas que o vento incessantemente agita. Dir-se-ia que as almas das gerações

# AVENIDA CENTRAL



ENTRE GENERAL CAMARA E SANTA LUZIA

# Inauguração em 7 de Setembro de 1904



ENTRE GENERAL CAMARA E PRAINHA

mortas, sob a apparencia de espectros que desertam as sepulturas, acodem a contemplar a devastação que vai pelos seus antigos lares, a assistir á destruição, ao anniquilamento completo dos ultimos restos do que ainda lhes podia lembrar a sua passagem pela terra, a resentir, si é que espectros sentem, a ultima impressão, a recordação final do que por ali amaram, odiaram, soffrêram e gozaram.

Quebrando o silencio da noite, ouve-se de subito abater com estrepito alguma alta parede desaprumada, ou ruir com fragor algum grande marachão de pedras que rolam pela aba de um outeiro; ao mesmo tempo, á luz afastada das fogueiras, vê-se passarem ao longe vultos de desmarcada estatura, sombras de heroes empunhando sombras de lanças, talvez as de Estacio, Mem e Salvador Correia, que houvessem resurgido dos tumulos para vi-rem collaborar na obra do engrandecimento e aformoseamento da cidade que fundaram, cujo futuro mal podiam entrever, e cujos intimos fundamentos se abeberaram do sangue generoso da forte raça que lhe deu o ser.

Mas, um resplendor de luz vivissima espanca brusca-mente as trevas densas, um ruido vibrante e alacre de tympanos afugenta os phantasmas sombrios, é o comboio electrico que passa, carreando para o mar os escombros e projectando sobre o cháos das ruinas a irradiação violenta dos seus grandes focos luminosos, numa fulguração de vida e renascimento.

Por uma coincidencia notavel, que offerece um contraste eloquente, e é, ao mesmo tempo, uma intimação imperiosa para o proseguimento da obra patriótica que sa está emprehendendo, a extremidade inicial da ampla estrada que ali vae sendo aberta na direcção do sol nascente, como si a alma constricta da Cidade, emergindo da sombra e do marasmo, do languor da inercia e da acção deprimente do vicio, procurasse o estimulo e a redempção na luz de uma nova aurora, fixa-se no centro desse tenebroso bairro do Vallongo, tão cheio de recordações sinistras, em cujas viellas cenosas e bêcos tortuosos parece ainda ouvir-se o echo amortecido dos gemidos e soluços de uma raça torturada.

Agachado a um canto, ali està o Aljube, môcho pousado na base do outeiro, olhos piscos para a nova luz que o envolve, symbolisando só por si toda uma epoca de oppressão e obscurantismo, e subsistindo apenas para fazer sentir que só agora, talvez, nos é dado encerrar o periodo colonial da nossa historia. Em torno das suas paredes limosas e humidas e por todo aquelle vetusto largo da Prainha vagueia á noite o espectro deformado de Ratcliff, curvando-se sobre os montes de barro e caliça, revolvendo as pedras e as taboas, como á procura da cabeça que as vagas do mar tragaram.

O Vallongo e o Aljube! O escravo e o grillhão! Nomes que fazem a treva no espirito e esmagam a consciencia com a evocação do quadro hediondo em que a Lei, estylete do crime, se representa rasgando as veias de todo um povo innocente e martyrisado, para que uma outra raça, na ferocidade do seu egoismo, como uma legião de vampiros, se nutrisse de sangue humano! Phase luctuosa da vida nacional, em boa hora para sempre extincta, em que nas praias e sertões dessa mysteriosa e predestinada terra africana, através do Oceano a rugir de colera, por sobre as esteiras de lagrimas que com as quilhas malditas traçavam os brigues negreiros, corvos sinistros do mar, se desenvolveu a espantosa tragedia do trafico e da escravidão.

A faina das demolições e reconstrucções estende-se a varios pontos da Cidade; no empenho patriótico com que se está procurando engrandecê-la e orna-la, ha alguma cousa que deve commover profundamente, não tanto pelo que se vê, como pelo que não é inverosinil prever. Dezenas, muitas dezenas de annos serão precisas, para que a obra que agora começa chegue a termo; o que se está fazendo é um primeiro impulso, um exemplo energicamente persuasivo que terá fatalmente de ser acceto e seguido, tão evidentes são as suas vantagens immediatamente apreciaveis. As ruas amplas e extensas, as largas praças ajardinadas, os altos e formosos edificios, as multiplas diversões de simples prazer ou de gozo intellectual que acompanham necessariamente essas transformações do meio em que vive a população, hão-de modificar os seus habitos, influir sobre o seu character, activar a sua iniciativa, despertar-lhe o gosto do bello, o culto do ideal, o amor que se traduz por actos, não o amor platónico e rhetorico, da terra natal. Esse é o primeiro e mais util resultado do empreendimento que homens energicos e de ampla visão das cousas, tomaram a peito.

Outros virão após elles proseguir na obra encetada; outros ainda a desenvolverão mais tarde; e ás gerações que se succederem, caberá a tarefa de transmittir umas ás outras, cada vez mais bello, mais alto e grandioso, o monumento de que actualmente mal se pôde imaginar a imponencia e magestade futuras.

Não é de crer que grande influencia exerça nos seus gloriosos destinos, a edificação da nova capital no planalto interior, si chegar a ter realidade o que manda a constituição. Ella nasceu no seculo do descobrimento; viu o seu berço glorificado pelo esforço de heroes que o fizeram fluctuar no sangue de inimigos que a queriam victimar no alvorecer da vida; cresceu com o organismo colossal de que é a cabeça; dos mesmos males soffreu; da mesma robustez participa; terá, assim, sempre a seu favor a superioridade da longa existencia, das tradições tão intimamente vinculadas a toda a historia nacional, das raizes profundas com que se consolidou no coração do povo pelas suas glorias e infortunios, os grandes nomes que nella fulgiram, os exemplos de civismo que deu a todo o paiz.

A Providencia mesmo a está indicando para ser a synthese, o symbolo de uma grande nacionalidade; não foi em vão, certamente, que deu ao magestoso golpho em que ella se contempla, o exacto contorno de todo o Brasil; essa bahia sem igual — a cousa mais bella que os oceanos formaram — ficou sendo, assim, por consagração divina, a sua pia baptismal.

Para este solo brasileiro tão prodigiosamente fecundo, onde em cada grão de terra pullulam mil germens de vida, afugentados do velho continente, extenuado e exanime, pela oppressão da miseria e pelas condições sociaes de dia para dia mais penosas e esmagadoras, accorreram pressurosas as populações extranhas, na ancia de garantirem o bem-estar que lhes falta, gratas á terra hospitaleira, Chanaan dos desherdados, que retribue todo o esforço com a prodigalidade transbordante de mãe carinhosa cujos thezouros nunca se esgotam.

Por toda esta vasta extensão de terras incultas em que, ainda hoje, imperam o selvagem e as feras, milhões de homens, com os braços vigorosos fazendo vibrar a foice e o machado, ou guiando a charrúa, entoarão no

seio das florestas virgens ou pelas planícies sem fim do grande sertão interior, os hymnos do trabalho; pelas margens e estuários dos grandes rios surgirão cidades, que virão a ser grandes emporios, centros de civilização e alta cultura.

Dos contrafortes dos Andes ao Atlantico, do *El-Dorado* amazonico ás savanas do sul, uma população de centenas de milhões de almas, movendo-se folgadoamente neste immenso territorio fadado a ser o refugio, a salvação talvez, da velha Europa depauperada, desentranhando do sub-solo os thezouros das minas occultas, ou cavando os sulcos profundos em que a terra ubere desabroche em flores e fructos e searas sem fim, fará desta região abençoada o emporio das riquezas e o celleiro do mundo.

Uma raça unica, a forte, raça do futuro, feita da fusão lenta e progressiva do sangue seleccionado das raças actuaes, os musculos robustecidos pela seiva potente destas virgens terras da America, o cerebro avigorado e o coração engrandecido por esta natureza edenica, fonte perenne de energia, inspiração e poesia, ainda não sentidas pela anemia das almas, dará ao mundo o espectáculo soberbo de uma civilização propria, de uma cultura original, em que dos antecedentes da civilização occidental, uns serão eliminados; outros entrarão modificados, corrigidos ou interpretados á luz de um ideal da Verdade, que os olhos fatigados, os espiritos enfraquecidos, as almas doentes da geração actual são incapazes de perceber. Olhos fatigados pelo estreito horizonte que insistentemente perscrutam, espiritos enfraquecidos pela duvida que tortura e ensandeece, ou pela negação que entenebrece e mata, almas abatidas e gastas que a descrença e o desanimo vão lentamente fanando; porque os dogmas da sua fé são as affirmações da sciencia humana, e a sciencia é contradictoria e incompleta; ella descreve a apparencia dos phenomenos, a grande realidade lhe escapa; as cousas têm um sentido occulto e maravilhoso que a razão do homem, entregue a si mesma, não pode desvendar; a natureza é sobrenatural.

Para ter a visão radiante do Absoluto, penetrar na mente divina, palpitar de commoção sobrehumana na contemplação deslumbrante da gloria de Deus, que é o esplendor da Verdade, é preciso dispôr, não da mesquinha e pretenciosa sciencia dos sabios, mas da inexcedivel elevação moral, da incomparavel virtude dos santos. Assim se explicam os raptos, os extasis em que as suas almas sublimes se enlevam, as acções miraculosas que lhes são attribuidas, e que não são outra cousa sinão o exercicio, a applicação dessa Sciencia Perfeita com que, por meio delles, Deus se tem revelado ao homem.

Um vasto cyclo da vida da humanidade está a encerrar-se; o grande seculo em que entramos, seculo de reacções violentas que o quebrantamento da fé, o declinio do sentimento religioso, o obscurecimento da ideia de Deus nas almas, fazem necessarias, inicia a era final.

A anciedade que faz offegarem todos os corações, é disso um symptoma evidente; sente-se a urgencia de uma solução definitiva, de um clarão da Verdade, que illumine os espiritos, e ponha termo a esse estado de duvida que os tortura. A sciencia se revelou para isso impotente; ao preceito divino do amor do proximo ella substituiu o dogma infernal do *struggle for life*; e os resultados, os tristes resultados desse criterio immoral e dissolvente, ahí estão se fazendo sentir na decomposição do organismo social.

Mas as nuvens se agglomeram; a primitiva tormenta purificadora já desabou.

Nesse céu do Oriente donde pela primeira vez se irradiou sobre o mundo a luz da verdadeira civilização, vibram os raios, o trovão ribomba; sobre essa terra da Asia, que das alturas do Pamir e do Himalaya viu correrem para o Occidente as primeiras torrentes d'aguas fecundantes, um sacrificio de expiação se celebra, o sangue espadana, hecatombes humanas succumbem. Duas raças se empolgam num duello fascinante de morte, suppondo obedecer ao proprio impulso, movidos por uma intenção de dominio, de supremacia, mas desempenhando, na realidade, uma tarefa grandiosa de regeneração e reconstrucção social.

Em torno dos gigantes que luctam, a Aguia moscovita, agitando fremente aos primeiros golpes as suas azas colossaes—a immensa planicie européa de um lado, do outro a immensa planicie asiatica, presas ás vertebrae titanicas dos Uraes—e o Leviathan japonéz, arremessando ás nuvens as ondas revoltas dos mares orientaes, e varrendo com a cauda formidavel penhascos e montanhas, a Europa estupefacta treme de anciedade. E' que ella sente, vaga e indefinidamente talvez, que são os seus proprios destinos que alli se resolvem. Por todos os lados transborda sobre o continente asiatico a civilização do Occidente. Russia, Inglaterra, França, Allemanha, Estados-Unidos, o envolvem e penetram; e quando naquelle solo profundamente revolvido pela charrua a que a Providencia jungiu os dois leões que ora se dilaceram entre rugidos, proliferar a nova semente, o Occidente que ahí a plantou verá com assombro surgir uma outra arvore da Vida, a cuja sombra se abrigará confiante e de cujos fructos virá a regeneração.

Na era nova que desponta, oh abençoada terra brasileira, que destinos serão os teus sinão os que te annunciam os bellos fastos da tua historia, a indole carinhosa, o espirito alado de teus filhos? Tiveste sempre o culto do Direito, da Verdade, da Justiça; para mantê-lo derramaste, não uma, mas muitas vezes, o teu sangue no proprio solo e na terra estrangeira.

A tua espada se desembainhou, limpida de espontaneidade e desinteresse, para abater a tyrannia e salvar a honra de povos irmãos que te foram ingratos, porque te invejavam; esqueceste a ingratidão, perdoaste a calumnia, soubeste ser sempre generosa e magnanima. Nunca o forte insolente e brutal te amedrontou ou fez tremer; foste sempre altiva e digna.

Coroaste de flores o escravo redimido, e, sentando-o á meza entre os teus outros filhos, déste-lhe a consagração da tua benção; não procedêram assim as outras nações, as soberbas nações do mundo, que só quizeram ver o stigma do opprobrio nos vergões do açoute com que ellas mesmas o victimaram.

O magestoso edificio da tua nacionalidade, que, calma e silenciosamente vais erguendo sobre essa immensa superficie da terra com que a Providencia te aquinhoou, não terá nos seus alicerces, para enfraquecê-los, a carne e o sangue dos outros povos; contrahiste essa obrigação para comtigo mesma, quando aboliste o direito de conquista, e a incluiste entre os canones da tua Lei; por isso elle será eterno.

E Tu, Cidade bem amada, corôa desse monumento, como te vejo surgir radiante e bella dentre as nevoas douradas de um horizonte longinquo, no meio de projecções de luz cambiante, num clarão resplandecente de aureola! Ante os meus olhos deslumbrados passam como

numa visão de Isaias, pyramides do Egypto, templos de Thebas, palacios de Persepolis, Parthenons, Colyseus, a mole portentosa dessa lendaria Babel—o templo das sete esferas do mundo—e, sob a cupola desse firmamento em que, a constellação symbolica do Cruzeiro preside aos teus destinos e traça o teu horoscopo, o gigante que, desde seculos immemoriaes, repousa sobre os cabeços das tuas montanhas, ergue-se magestoso e forte, e te aponta á contemplação extatica do Universo!

Tu serás a desejada das gentes, a invejada das nações, a mais bella das cousas creadas; e derramarás sobre as gerações por vir aquellas ondas de luz com que ainda hoje fulguram em nosso espirito Troia, Memphis, Ninive,

Babylonia, maravilhas da antiga Idade, a cidade Santa de Jerusalém, e Tu, Roma immortal, que, depois de haveres avassallado o mundo no arremesso oceanico das tuas legiões, espargindo sobre as terras barbaras as sementes da civilisação, arvoras, ha mais de dezenove seculos, sobre as margens sagradas do Tibre, o labaro rutilante da Fé a fronte augusta envolta no nimbo glorioso que sobre Ti dardejain os sete candelabros apocalypticos flammejando para o Céu, no alto das tuas sete collinas, como um altar erguido pela Humanidade ao Verbo Divino!

Agosto—1904.

J. C. DE MARIZ CARVALHO.

## O SALÃO DE 1904

É difficil fazer-se uma classificação dos trabalhos do actual Salão, e a não ser por uma demasiada boa vontade ou um snobismo perdoavel, por inoffensivo, talvez escorrido em moldes galantes de um viver menos rude que o costumario, poder-se-ia dividir os expositores em grupos d'escolas e determinar-lhes, com visos de acerto, as tendencias esthéticas.

Mas, se as notas, por ventura justas, de um rabisca-dor de chronicas, habitualmente desageitadas e preten-ciosas, obtiverem attenção de alguém e da sua emissão se derivar conceito, direi que, nesta exposiçáo como nos anteriores Salões, só encontro pintores de figuras e pai-zagistas, porque na maneira de interpretar os assumptos e de os fixar a egualdade é quasi completa, com des-conto das habilidades.

D'ahi, pois, um limitado modo de vêr, que se restringe ao merito individual de cada expositor, e que se irá desdobrando na ordem estabelecida pelo registro das impressões.

Começarei pelo professor Amoêdo. O escriptor illustre das «Notas de Arte» do *Jornal do Commercio*, o sr. Carlos dos Santos, já notou que esse artista, de um tempo a esta parte, preoccupa-se mais com o processo material de pintar que com os themas de pintura. É uma observação exacta, mas, por se lhe conhecer este fôro, não se lhe deve carregar na censura, porquanto o rebuscamento do grande artista, que é dos que mais honram a nossa pobre Arte, tem um alcance de alta valia deante da rapida perecibilidade ou transformação dos materiaes modernos. O nosso pinacotheco conserva quadros que, contando poucos annos de existencia, mudaram de côr, entre esses alguns do professor Amoêdo, os quaes, se não perderam todo o seu brilhante colorido, soffreram consideraveis modificações nos tons.

Com esse notado rebuscar terá o illustre mestre acertado? Não sabemos, nem elle proprio o affirmará. Verdade é que a pintura a ovo, que ora nos apresenta, essa

captivante, essa bellissima *Captiva* que nos surprende e nos immobilisa em contemplação, parece assegurar um vantajoso substitutivo do oleo. A volupia da epiderme, a nuance quasi imperceptivel dos tons da sombra para a luz, a delicadeza da coloração quente d'esse corpo moço de mestiça, que ali temos, desnudado da cabeça á cinta, e que a posição frouxa do descanso assentado mais difficulta a verdade do modelado, o artista venceu admiravelmente por um processo que illude, que reproduz de modo incomparavel.

A maciez dos seios turgidos, tão fina, tão nitida que desafia o tacto, a anatomia dos hombros, o flacido peso do ventre e a perfeição da cabeça em que reluzem toques claros de sol, sendo marcas dos pinceis do mestre, parecem ganhar por essa tinta uma vida mais intensa, a que o brilho dos vermelhos do fundo e do panno do regaço realçam com o vigor dos celebres vermelhos flamengos.

Tal processo, feito por quem tanto sabe, é incontestavelmente magnifico, mas, quanto á sua durabilidade, só o tempo a poderá provar. O que é exacto é que a procura do processo nos offereceu a oportunidade de admirar uma obra inestimavel, cuja diminuta dimensão mais delicada, mais deliciosa, mais bella torna a figura pela perfeição do acabamento, desde os valores, o desenho anatomico da forma, a verdade da côr, até a expressão da cabeça, onde ha um quer que seja de indifferença e orgulho, de passividade e ousadia.

Mas, não se limitou o professor Amoêdo á pintura a ovo, rebuscou a restauração da *encaustica*, por seus dous processos—a pincel e a ferro. É d'esses dous modos expõe a *Oração*, que é do primeiro e uma cabeça-retrato, do segundo.

A *Oração*, que reproduzimos com estas linhas, é um busto de rapariga elegante em contraste com a claridade d'uma vidraça a que se encosta.

Não tem a posição commum das rogadoras, é uma original postura que se coaduna com o titulo pela expressão do rosto.

Opposto á claridade da janella, todo o seu busto está n'uma penumbra em que se estabelece a finura dos

tons macios, em verde brando, de suas vestes á moda. A cabeça, que se lhe inclina á esquerda, sobre as mãos enclavinadas ao de leve, lindas mãos aristocratas que algo recordam a *Marcha Religiosa* de Edmundo Harracourt—a cabeça, tem uma dulcissima expressão de prece, de religião elegante e alliviadora, em que o balbucio da *Ave, Rainha!* se exhala d'uma bocca perfumada a Tsen-Tsen... É de luz, como uma carícia ou um soccorro que lhe chega, apenas um beijo sobre o contorno oval da face, sobre a pálpita narina esquerda e no semicirculo da trunfa dos cabellos, contornando-a, como um halo, em revés

Esse processo, porém, se nos apresenta muito *secco*. Não possui o avelludamento do pastel nem a tonalidade pastosa da pintura a ovo. Os vermelhos, sobre tudo, ganham com elle uma resistencia aspera de argila resequida, como se nota na cabeça-retrato. Na *Oração*, seja pelo recurso do meio tom e pela ausencia de vermelhos francos, seja pelo recurso dos pinceis, essa dureza não se accusa tão insistente.

O oleo, e tambem o ovo, dão resultados mais seguros, reproduzem melhor a realidade. De mais, o oleo é um processo que attingiu a maxima vulgarisação, é o material commum, que se maneja desde as primeiras pinceladas.

E é por isso que os cinco retratos apresentados pelo professor H. Bernardelli não fazem o amator vacillar, impressionam-o logo ao relance dos olhos. O do pianista Arthur Napoleão e o do pintor Modesto Broccos, apesar de me não ser possivel garantir a exacta semelhança com os originaes, tem todas as qualidades das obras completas. O primeiro, sobre a excellencia da pintura, é um rico trabalho audacioso pela massa negra, formada pelo piano e pela roupa do retratado, donde se destaca a cabeça viva, extraordinariamente animada do velho magico do teclado. A expressão do seu olhar deve ser aquella, porque toda a realidade vive naquella pupilla do seu caracteristico perfil. E o mesmo póde se dizer de todos os outros, d'esses maravilhosos transportes do real para a tēla, que são a prova do soberano dominio da pallheta em que as tintas se transmudam em sangue, em epiderme, em ossamenta, em alma, com que o artista recompõe na imagem o que vê e o que quer.

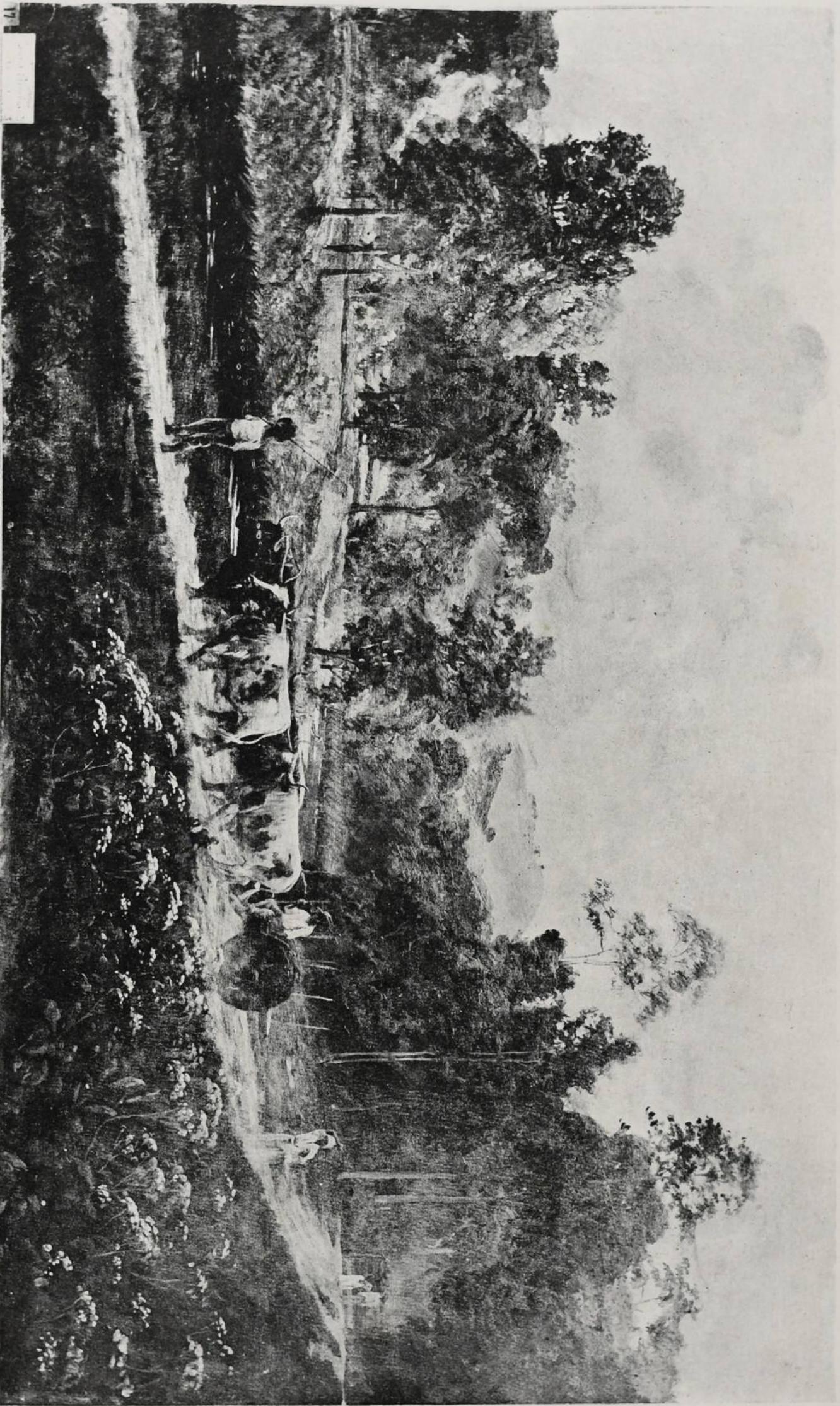
Não obstante consideral-o um mestre, e prezal-o com toda a admiração que o seu talento me desperta, não posso calar a estranheza, que me allinetou, de sentir o bello retrato de Mme. O. L. fóra do *ambiente*, como se o accessorio paizagenado, que o cerca, não lhe tivesse servido de local.

Na paizagem e mesmo, diremos, nesta exposição, a par dos dous mestres da

pintura brasileira, quem mais attráe os olhos do visitante e lhe põe exclamativas encomiasticas no cerebro é João Baptista, o já conceituado pintor da nossa natureza, com seus oito trabalhos e, especialmente, com o seu grande quadro—*Fim de Jornada*.



PROFESSOR R. AMOËDO — ORAÇÃO



JOÃO BAPTISTA

MEDALHA DE OURO

FIM DE JORNADA

A caracterisação da nossa paisagem, a que elle nos acostumou, e que seus pinceis dia a dia vão conseguindo fixar da maneira mais impressionante, esse inconfundível, por ser híbrido, sentimento de força e de melancolia que resumbra da natureza por elle interpretada, e ao de mais o brio, a luminosidade de suas tintas, fundem-se nesse quadro, e d'elle fazem uma bella obra de verdade e de arte. E' l'he assumpto a primeira hora do crepusculo vesper, momento em que o dia começa a se diluir, brandamente, n'aguatinta violeta da noite para o negrume cicante das deshoras. Do céu, de azul esmorecido, cáem os ultimos lampejos do sol, que illuminam, obliquamente, em rasgões d'estertores, arvores, acclives verdejantes de terreno, afastados fôfos de capoeira, algoamentos nublosos do horisonte que, á luz d'emvez, se tingem de roseo quente e lilaz intenso. Jorrando em transversal, d'alto para baixo, a escambante luz deixa em tenue penumbra rôxa o extenso primeiro plano do quadro, onde rasga o verde da rama rasteira o filão chato e largo da estrada. E lentamente, com o fixado movimento tardo das fadigas, passa a carrada chiante dos bois, a que o allivio do peso faz apenas ringir no esboçar dos socalcos e nos solavancos dos pedregulhos. O *candieiro*, de varapau no hombro, vae norteando as duas *juntas* ruminantes, e o carreiro, moído das estafas, descança no lastro da carrada, que venceu d'um salto e onde se pojou sobre o rebordo, do qual l'he pendem as pernas quasi nûas, cruzadas, em abandono característico. Sobre o sulco das rodas, vem descendo a gente do trabalho, a velha negra, de samburá ás costas e, ao seu lado, a netinha mulata que começa a l'he ajudar na lavoira, a filha, o genro, toda a familia que luta pelo sustento, arrancando á terra o preciso á vida... E no fim da estrada a porteira fechou-se. O dia é findo. Do telhado emerge das frondes d'um recanto evola-se o fumo subtil da lareira, o descanço chegou e já ao fundo, para alem dos marcos da morada, o capoeirão florente de *quaresmas* e ipês, se densa em mysterios de quebradas, aromatizando com o suor acre de suas resinas e o transudo aphrodisiaco de suas folhagens toda a varzea em silencio...

Essa magnifica paisagem tem o poder emocionante da hora e prende o olhar de quem a nota, fixando-se l'he na camara optica, e l'he dando o interesse da natureza por um descer de tarde, sob a incomparavel poesia dos campos que a alma recebe com um largo, um immenso hausto de consolo e pureza.

Sobre este merito ella reproduz bem approximadamente o caracter da paisagem fluminense—a roça—que não é o bravio sertão nem a matta-virgem, mas um meio termo entre o villarejo e a floresta, intermedio á cultura de uma civilisação meã e á rusticidade fecunda da natureza livre, onde o homem é o que ali está representado naquellas figurinhas, gente simples de trabalho, produzindo a lavoira como as arvores do pomar produzem os fructos e como essas, quasi identicas a ellas, vivendo da Terra, amando-a, tomando-l'he a côr, e bem notadamente tambem os aspectos, e sendo, em verdade, seu producto tão legitimo como os seus vegetaes!

Esta conseguida qualidade, já notavel, de reter na t'ela a feição da nossa pittoresca paisagem (a do Rio, São Paulo e Minas) está constatada em todos os demais quadros de João Baptista reunidos na exposição de hoje, e dentre elles destaco o de n. 19 (Copacabana) e de n. 15 (Manguinhos) que são bellos.

Como sempre, a paisagem está largamente representada e tem, no actual Salão, o primeiro lugar pela qualidade.

O conceituado sr. Bruno Treidler expõe uma *Manhã de Sol* que não faz esquecer as suas aquarellas, ao contrario, augmenta-lhes o merito porque, nesse indicado quadro, o perito manejador das *manchas* perdeu a precisão dos *valores*. O sr. Jorge de Mendonça, um novo, alcançou uma das menções honrosas com a sua *Pedra do Mirante*, realmente digna disso pelo vigor da pincelada e pela observação da côr. Com uma boa impressão intitulada *Pela tarde* apresenta-se o sr. Augusto de Freitas, e o sr. Evencio Nunes nos offerece aos olhos uma bem desenhada paisagem de n. 76, porem mal attendida, como pintura, no primeiro plano e uma *Lavadeira* que, pelas dimensões do regador, deve ter dilatada freguezia e rijo pulso para a lucta romana, não obstante o cuidado que o probo artista dispensou á figura e a alguns detalhes do quadro, que me parece demasiado minucioso. Essas observações, porem, não desmerecem seus dotes de artista consciencioso e bom colorista.

Do sr. Dall'Ara vi uma apparatusa brigada de côres, em parada, com pretensão a paisagem; o que contrasta com a sobriedade da pallêta do sr. Luiz Ribeiro, que é um attento trabalhador. O sr. Araujo Fróes teria conseguido um bom quadro com o *Caminho da igreja* se não fosse amaneirado, e o sr. Eduardo Bevilacqua, que está se fazendo um forte artista, tambem impressionaria melhor se não ennegrecesse tanto as suas paisagens,

Entre os expositores apparecem o sr. Honorio Esteves com um interessante estudo da *Estrada da Jurujuba*, e um consideravel grupo de senhoras ou senhoritas.

As senhoras... (Como eu implico com esta palavra, neste particular! E' fôfa, tola, convencional. Tem alguma cousa de pieguice e muito do ranço da burguezia aristocratisada. Porque não dizer mulheres, que é uma palavra dignificadora ?...) As senhoras—vá lá, repetirei—que se exhibem na paisagem e outros assumptos a oleo, devem ter desvanecido seus mestres, porque, sinceramente, merecem elogios.

A sra. Eulalia do Nascimento (discipula de A. Parreiras) tem um recommendavel estudo de interior de igreja, em que a prespectiva planimetrica foi vencida com grande habilidade, attenta, como deve ser, a monotonia d'esse interior todo branco, sem uma violencia de côr; e se não fosse um exquisito, desengonçado ou esparramado genuflexorio, que um máo instante l'he fez collocar ao centro da nave, teria obtido um magnifico estudo. Ainda assim é bom. Compensam essa pequena infelicidade seus quadros—*A Ponte, Na roça* e a paisagem de n. 75, que são muito bem estudados. A sra. Irene Ribeiro (discipula de R. Amoêdo) trocando a paisagem pelas fructas e pelas figuras, expõe um agradavel retrato de Mme. L. L. e a sra. Nina Santoro (discipula de M. Broccos e R. Amoêdo) tambem um bom retrato. Da sra. Angelina de Figueiredo (professor A. Parreiras) ha um attendido estudo com o titulo *Nossa casa*, e, com dous trabalhos, apresenta-se a sra. Marietta de Figueiredo (professor A. Parreiras) sendo um delles, o *Portão de nossa casa*, cuidadosamente estudado, mas infelizmente prejudicado pelo desazo de uma tinta neutra, creio que sombra de Cassel, que alforra o primeiro plano, á esquerda, tornando-o desagradavel e falso.

\* \* \*

Eliseu Visconti, que é um dos mestres da nossa pintura, por falta de tempo ou pela molestia que o levou á

Europa, concorre com poucos trabalhos e de restricta importancia. Em pintura a oleo apenas dous estudos de cabeças, feitos com a delicadeza de sempre e com aquella frescura de ambiente a que nos acostumou nos seus *ar-livres*.

O sr. Teixeira da Rocha expõe duas paizagens, a de n. 202 — *paizagem com figuras* (Villa Isabel) e a de n. 201, *paizagem com cabras* — segundo a singular denominação do catalogo. Prefiro a primeira pela luz, pelo ar e pela côr. A segunda é um tanto compacta, como pintura, posto que bem desenhada.

Na maneira d'esse artista encontro excesso de detalhes que, não raro, lhe dá aos quadros um quer que seja de pontilhamento, de *mouchisme*, como dizia o infeliz symbolista Aurier. As suas paizagens, essas que estão no Salão, e outras que elle tem exposto, apresentam-se muito *cortadas*, muito *crystalisadas* — direi — se o termo pôde ser bem apprehendido na sua accepção. O que nelle

O professor Modesto Broccos, em pintura a oleo, só expõe um quadro intitulado *Scena Domestica*, pintado com o saber que todos lhe reconhecem, mas despido de interesse esthético. Pôde ser que lhe não falem admiradores, e até entusiastas!... eu, por mim, é que lhe não baterei as palmas nem aos que o copiarem, pois, sobre achar fria, desageitada e banal essa *Scena Domestica*, não comprehendo o deleite que á esthesia de um artista poderá dar semelhante collocação de figuras, a que falta visivelmente naturalidade, e fálha a composição do assumpto.

Essa maneira foi usada por Almeida Junior, que havia perdido as excellentes qualidades técnicas da estréa para se transformar num pintor *pastoso*, amaneirado e duro. Obeteve, porem, successo e não pequeno. Chegou a fazer discipulos. Mas, considerada a nossa incultura esthética e essa intermitente pretenção de fundamentar uma arte nacional com a pintura de costumes, o exemplo poderia ser acolhido, e attenuado pelo apuro educativo dos novos artistas.

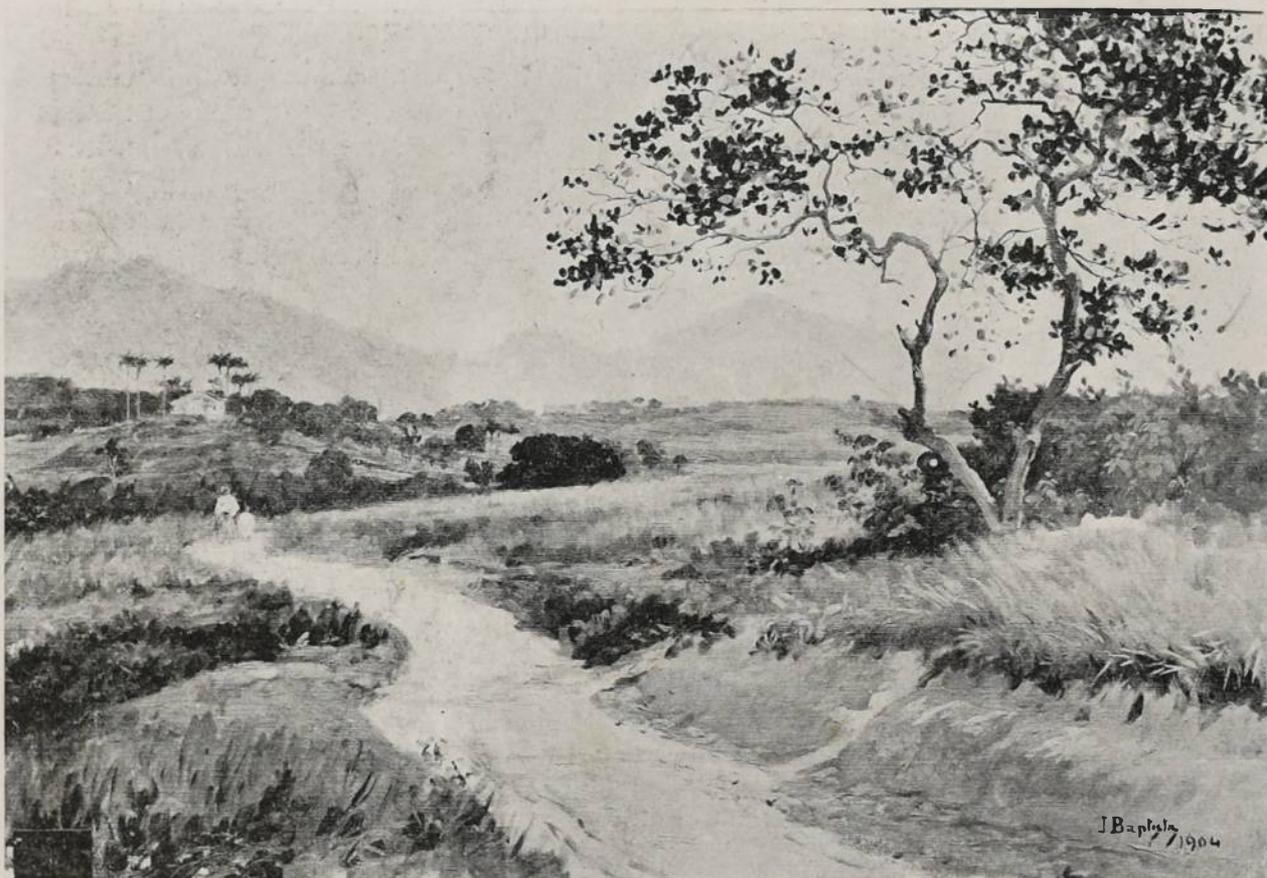
Agora quem lhe segue a traça, sem se preocupar com a correição do principal defeito, é o professor Broccos e na *Scena Domestica* tem mais uma infeliz tentativa, como já teve nos *Filhos de Cham*, não obstante seus reconhecidos meritos de pintor e desenhista.

Tambem com um quadro de genero evidencia-se no Salão o sr. Rodolpho Chambelland. Esse não é professor nem é ainda um artista livre dos conselhos de mestres, mas a sua *Noite de espectáculo* possui composição e, sobre ser um esforço técnico de effeito a duas luzes artificiaes, tem o encanto do assumpto eurythmico. Descontadas algumas pequeninas precipitações de neophito, entre as quaes o exaggero illuminado das portas ao fundo do quadro e o *enluaramento* da luz electrica que lhe escapou em parte, são tantas as suas boas qualidades que bem merece a importancia obtida.

O seu desenho, que se vae accusando d'uma firme elegancia, sobre tudo no que respeita á composição, dá-nos nitidas e movimentadas figuras que a palhêta completa. Ha nesse quadro effeitos muito bem reproduzidos, como o da lanterna do *coupé* sobre as costas do cocheiro e nas ancas dos cavallos, e em tudo um capricho, um asseio de pincel que o recommendam para o futuro, posto que, desde já, se lhe possa predizer uma certa tendencia para o *chic*, como esse assumpto indica e como ainda se observa no bom retrato a pastel exposto sob o n. 48.

O sr. Lucilio de Albuquerque, que ha de ser outro artista de amanhã, expõe dous pasteis e dous quadros a oleo, sendo d'esses um bonito retrato de senhora, tratado com largueza no busto e louvavel minucia na cabeça.

O sr. João Macedo (premio de viagem, 1900) entre algumas paizagens observadas com cuidado expõe uma *Porangaba*, inspirada em Juvenal Galeno, cujos versos estão transcriptos no catalogo.



J. BAPTISTA — ESTRADA DA ESTAÇÃO (MANGUINHOS)

mais se recommenda em primeiro logar é a côr, pelo que respeita á pintura, e depois a fidelidade detalhista pelo que tóca ao desenho.

Essas duas qualidades melhor são aproveitadas nos seus quadros de genero, como esse de n. 199 (interior com figuras — *sic*) cuja composição é bem feita, o que nem sempre se nota nos nossos pintores de costumes. O grupo de quatro figuras, de que se compõe o quadro — uma moça mãe tendo ao regaço o filhinho novo, e rodeada de dous adolescentes — é *arranjado* com habilidade, consegue interessar pela expressão de curiosidade que inculca, porquanto se forma para escogitar, atravez uma larga vidraça, qualquer scena que se passa fóra. Com esses quadros o sr. Rocha expõe tambem um painel ou, como explica o catalogo — *paneau* decorativo — sob o titulo *Inspirado*, em que ha felicidade d'expressão. E' um busto de menino em perfil, que ergue a dextra armada d'um pincel para fixar uma imagem na tela. O conjuncto pela côr, e pelo accessorio, é agradável, responde ao intento do trabalho.

E' um fundo de paizagem e no centro do quadro, deitada sobre a relva, uma cabocla de face pendida ao chão, em attitude acabrunhada.

Ha alguns annos que os nossos pintores não se lembravam dos caboclos, vicio implantado pelo indianismo de Gonçalves Dias e Alencar.

Escreptores d'outra geração, que se occuparam de bellas artes, nomeadamente Aluizio Azevedo e Urbano Duarte, fizeram-lhe troça; e já me não recordo quem foi que disse ou escreveu que o caboclo, em pintura, era como o sabiá na poesia, sujava o assumpto.

Não serei dos mais adversos ao caboclo como assumpto pinturesco, não o considero menos esthético que o *caipira*; ao contrario, por sua nudez póde ser boa *academia*, desde que não falte talento ao artista para saber

de caboclos, machos ou femeas, porque da sua arte, sr. Macedo, esperamos cousa mais meritoria.

Raramente os que produzem muito são os que melhor trabalham, e é o caso do sr. J. Fernandes Machado (premio de viagem, 1901). O sr. Machado apresenta uma grande quantidade de quadros, sendo um delles de grandes palmas — *Christo curando um paralytico*.

A pintura do sr. Machado me parece apressada, falla de emoção e por demais commum. Da numerosa obra exposta apenas destacarei a *Primavera (Bois de Vincennes)* e o de n. 129 (*Repouso e estudo*) que nos deixam alguma impressão.

E' de lamentar-se que, este anno, dous originaes artistas como são Heitor Malagutti e Helios Seelinger estejam tão mal representados! A Malagutti faltou a resigna-



R. CHAMBELLAND — NOITE DE ESPECTACULO — MEDALHA DE PRATA

collocal-o no quadro. Mas, o que devemos exigir, é que o caboclo seja realmente caboclo e não se pareça com os selvagens dos romances nacionaes, que aprenderam rhetorica em artinha de padre-mestre. Ora, todos os pintores que têm tomado por thema esse bicho humano, que é o caboclo, não se dão ao trabalho de o reproduzir talqualmente elle é; fazem-no de cera da terra ou de barro cosido, argamassam-no consoante suas proprias habilidades de artista e seus recursos imaginativos. E d'ahi uma caboclada pelintra, rebolante ou escanifrada, que nos desafia a ponta dos botins.

O sr. Macedo incidio no mesmo typo, cahio no mesmo erro, e nem siquer nos fala á alma pela melancolia do quadro como o velho sr. Medeiros com a *Iracema*, que o pinacotheco conserva. Se o sr. Macedo é moço cordato, e bem intencionado, pedimos-lhe o obsequio de se dei-

ção de se subtrahir ao certamen artistico, ao Seelinger uma boa amisade que o aconselhasse.

\*  
\* \*

AQUARELLAS — A' parte os professores H. Bernardelli, Broccos e Treidler, que expõem trabalhos já conhecidos na ultima exposição dos *Aquarellistas*, notei duas finissimas aquarellas do Elyseu Visconti, *Leitura* e *Paizagem*.

A primeira é um delicado estudo de cabeças adolescentes que attendem a um livro, a segunda uma boa manhã de sol entre nevoas, feita com o asseio de colorido e a funda emoção que caracteriza esse grande, forte, original artista.

As senhoritas Cunha Vasco (Anna e Maria) não perderam a oportunidade de exhibirem seus conscienciosos

trabalhos de estudiosas paizagistas, onde as recommendáveis qualidades do professor Treidler vão sendo, progressivamente, assimiladas por duas naturezas dotadas d'alto instincto esthético. E não lhes teço elogios por urbanidade ou deferencia ás prerogativas do sexo, pois não conheço taes prerogativas em letradas, literatas e artistas, alem da minha razão se oppôr a todo o transe aos salamaleks da cortezia quando o dever me reclama a opinião.

O sr. Luiz de Freitas é tambem expositor de aquarellas, e são de suas mãos trabalhadoras o *Jogo da Marra* e o *Escrivão Publico* que nada perderiam se tivessem mais um pouco de vigor.

\*  
\* \*

ESCUPTURA—E' pobre, é pauperrima, mais que isso—é desalentadora a esculptura no Salão d'este anno.

O professor R. Bernardelli apresenta num pequenino bronze o retrato do Dr. G., de que nada se póde dizer,

attendendo-se á extraordinaria técnica do artista, que é inexcedivel nesse genero, e á nenhuma qualidade de composição do trabalho.

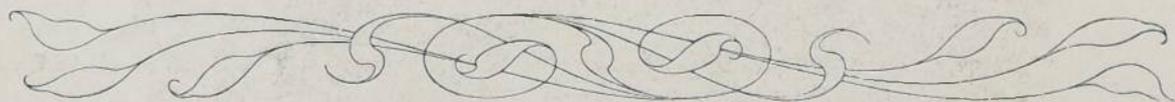
O sr. Amadeu Zani (de S. Paulo) expõe dous pequenos bustos, retratos do Dr. Prudente de Moraes e do senador M. B., e um baixo relevo em bronze, todos tratados cuidadosamente.

E Corrêa Lima, o emocionante esculptor da *Mater Dolorosa*, o vigoroso artista do *Velho Pagé*, do *Prisioneiro* e do *Caim*, tres pequenos e admiraveis bronzes, apenas nos apresenta um gesso sob o titulo—*Menino*—que só poderia recommendar o nome de um principiante.

E' desalentadora a esculptura, neste Salão!

Setembro de 1904.

GONZAGA DUQUE.



## O MEZ NO THEATRO

O mez ultimo foi para o theatro o fim da *season*, da estação em que chegam as companhias estrangeiras e o carioca, de luva de pellica e peitilho reluzente, applaude as notabilidades de além-mar com a illusão de que ainda ha arte dramatica no Rio, é assediado por innumeraveis cartões de beneficio, e paga tudo achando o inverno um regalo superior.

Os emperezarios haviam annuciado pelos jornaes a *tournee* de artistas celebres e, á ultima hora, tudo mais ou menos gorado, a *season*, que se predizia magnifica, quasi falhou. Zaccone, decididamente aterrorisado com a serodia propaganda dos argentinos contra a endemia da febre amarella, não quiz vir senão por um contracto fabuloso que era quasi o preço da sua preciosa vida; o grande Novelli, ora em Buenos-Aires é quasi certo não vir, e Coquelin e Rêjane, a principio annunciados não passaram de um *bluff*. O inverno teve a rapida apparição de Loïe Fuller e da impressionante Dièterle numa companhia em que estavam deslocadas, o transformista Aldo, antigo creado do Fregoli, um concerto de Sains-Saëns, concerto do sr. Lavallo com o concurso de Sains-Saëns, como dizia o programma—o rapido vôo de algumas aves de arribação com rotulos francezes e inglezes, as companhias portuguezas e a lyrica.

Estas tres ultimas fizeram propriamente a temporada, associando-se de qualquer fórma á nossa arte.

A companhia Eduardo Victorino trouxe um elenco de primeira ordem, do qual faziam parte Angela Pinto, Ma-

ria Falcão, Ignacio Peixoto, Luiz Pinto e um repertorio muito moderno e muito fino.

A precipitação na montagem das peças nem sempre permittia um desempenho exemplar. Não era porém possível ser de outro modo. A platéa não supporta mais de oito dias um drama litterario no cartaz.

*Glissez, mortels, n'appuyez pas...*

O unico successo estrepitoso d'essa excellente companhia foi o descarado *vaudeville* do Palais Royal *As Pilulas de Hercules*, magnificamente traduzido por Arthur Azevedo e proclamado, pela *réclame* dos jornaes como o mais eminente rival da cantharida.

A empresa do Apollo que exhibira no palco d'esse theatro um interessante repertorio portuguez de operetas, magicas compridas e compridissimas revistas, acabou por montar uma peça brasileira, a *Loteria do Amor*, que Coelho Netto e Abdon Milanez tinham ha annos na gaveta.

Os emperezarios mostraram com isso ter muito mais espirito que as companhias nacionaes. Como é impossivel negar a Coelho Netto o fulgor do seu talento na chronica, no conto e no romance, ficou resolvido negarem-lhe geito para o theatro.

O poderoso drama lyrico *Saldunes*, a amarga philosophia do *Pelo Amor*, a *pochade* do *Relicario* não conseguiram fazel-o dominar a má vontade do publico, e se não fossem os amadores teimosamente resolvidos a nos dar, de vez em quando *Os Raios X*, ninguem se lembraria do autor do *Sertão* como autor dramatico. A *Loteria do Amor* com a sua louca phantasia, feita de ironia drolatica e de dialogos chispantes de malicia veiu dar mais uma vez razão á quadra celebre:

Trop de prevention ôte le jugement  
On se prend de rigueur pour certains personnages  
Mais notre prejudé tôt ou tard se dement,  
Et la verité perce à travers les nuages.

Se não fosse a verdade que seria de Pilatus ou de qualquer de nós?

Caso fosse possível tentar um resurgimento da nossa litteratura dramatica, Coelho Netto seria dos seus mais valorosos esteios. Mas não é possível. Chegamos a um ponto tal de descalabro por parte dos actores, de descrença por parte do publico e de cretinice carrança dos empregarios que não ha auxilio nem esforços capazes da resurreição almejada. Nem o proprio Christo, com a voz que levantou Lazaro, poderia impedir a epidemia de revistas, nem o proprio dedo de Deus, segundo informações exactas, um grande dedo, conseguiria endireitar a velha barraca que, já agora com a moda, alguns artistas dignos, assediados por *serra-filas* de todo o jaez, chamam a nossa avenida dramatica.

Dos trez mezes em que tanto se esforçaram as empresas portuguezas, tem grande parte de successo e lucro a companhia lyrica.

O Lyrico é a nossa coqueluche esthetica. Ha no Rio cavalheiros que se julgariam deshonrados ao entrar num theatrinho da rua do Espirito-Santo e que passam nove mezes ouvindo as *grivoiseries* do Casino a espera das sopranos italianas. Seja por que preço for, as primeiras recitas são sempre de abarrotar! A companhia Milone fez uma proveitosa temporada, defendida como foi por Zenatello, Bonini, Burzio, Colamarini e pelo notavel maestro Armani. Como o commum de taes empresas, além d'esses artistas, a companhia tinha a encenação deficiente, os coros falhos, a orchestra fraca e um repertorio avelhado. E' sempre assim. Esta cidade de musicographos está atrazadissima no movimento musical. Os empregarios não se arriscam a trazer novidades, estream invariavelmente com a *Gioconda*, *Aida*, *Trovador*, *Ballo in Maschera*, reeditam as tres aclamadas operas de Puccini, a *Cavalleria*, os *Palhaços* e ficam por ahi. O grosso do stock lyrico resume estas operas e o *Guarany*, em recita de gala, no dia 7 de Setembro. Um verdadeiro pavor apoderara-se das empresas quando se fala de trabalhos novos.

—Hein? Não é possível! Uma opera nova? e arrasando o publico com um gesto de furia:

— Ainda este anno o *Trovador* foi cantado no Scala de Milão! Ainda o inverno passado, a *Traviata* obteve no Convent-Garden não sei quantas récitas.

Não se lembram elles que essas operas fazem parte dos grandes repertorios ao lado das ultimas producções e são cantadas por artistas de grande monta, com um conjuncto extraordinario, como a prova dos meritos inegualaveis de certas vozes admiraveis.

Isso não impede que os criticos—o conquistador, o pedante, o severo e o historia de elencos, como os classificava Camarate—emfiem a casaca e vão criticar, com toda a furia, o *cielo e mare*, a *donna é mobile* e a tristeza das prima-donas no duetto da *Bohemia*.

A companhia Milone só nos deu durante a temporada uma coisa nova, a adaptação scenica do oratorio de Berlioz: *Damnação de Fausto*, que foi o anno passado um acontecimento em Paris, cantado por Emma Calvé e Alvarez. Uns criticos acharam muito boa, outros muito má a interpretação da obra genial; o publico applaudiu contente por que afinal lhe davam o inédito e talvez, quem sabe? como uma recompensa a Milone que o fizera ouvir, ao lado de Zenatello, na partitura de Carlos Gomes, uma cantora quasi da nossa terra, a sra. Elvira Fontes, cuja formosura embevece, cuja voz tem a perfumada caricia das rosas. (\*)

O *Guarany* é uma opera predestinada. Só por si fez a a reputação do Brasil musical, só por si deu a conhecer a muita gente a existencia de uma terra chamada Brasil. Talvez Carlos Gomes tenha na sua obra copiosa e inspirada paginas mais trabalhadas a protophonia do *Guarany* porém, quasi o nosso hymno, fez o que até hoje nem os diplomatas fazem nem o governo quer fazer

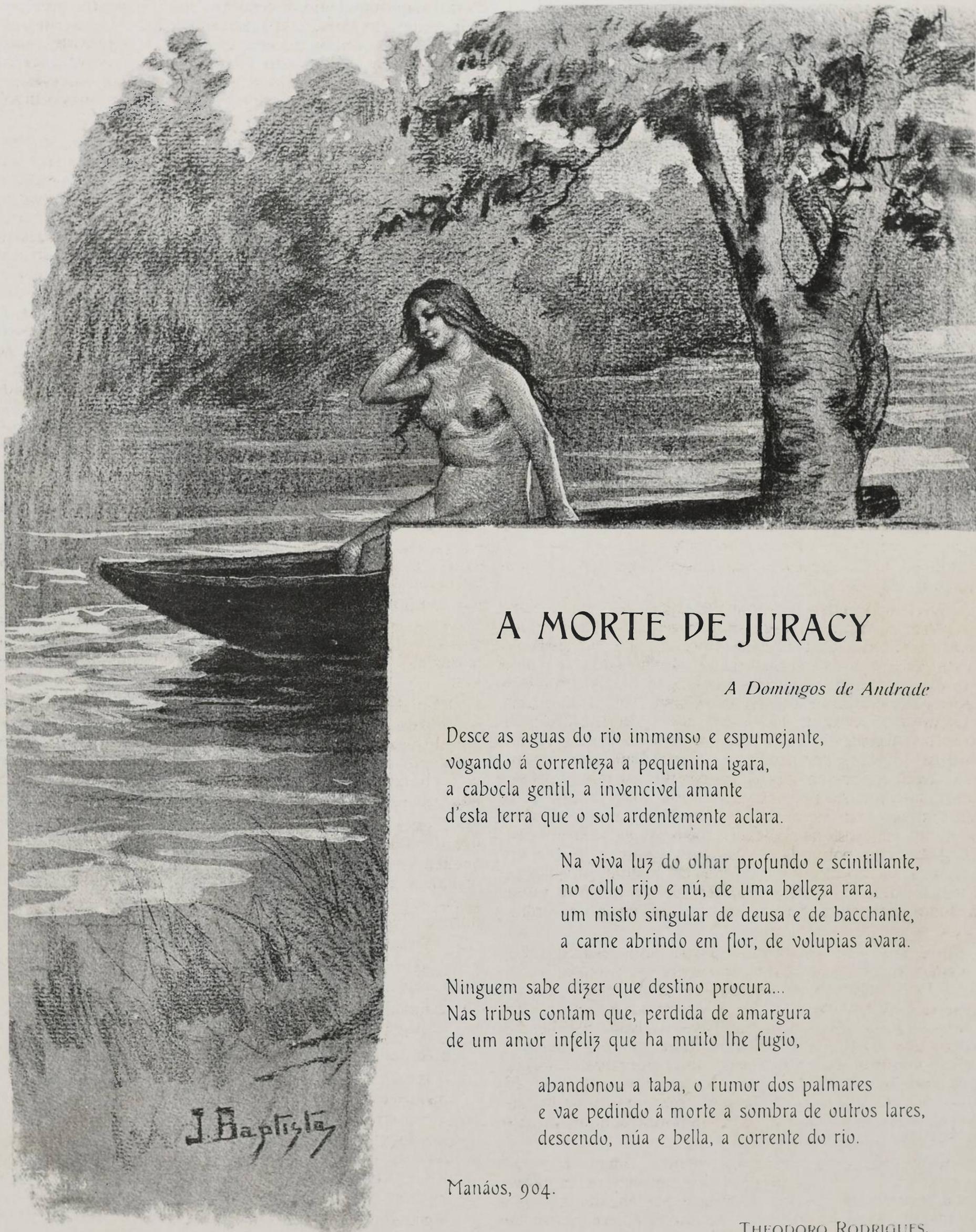
—a propaganda do Brasil civilizado, culto e artista. A essa gloria a afortunada opera junta aqui a de ser quasi sempre estréa de cantores nacionaes. Passado este inverno tão cheio de calor, de *flirts* e de vestidos bonitos, ha mais uma para o seu farto trophéu: — ter proporcionado ao publico a suave delicia de ouvir o lindo duetto de amor cantado pelo egregio Zenatello e pela sra. Elvira Fontes, que pela primeira vez mostrava cheia de enleio á platéa enthusiasmada o claro fio da sua voz, onde se aninham as melodias mais raras.



D. ELVIRA FONTES

JOÃO DO RIO.

(\*) O retrato que publicamos foi-nos gentilmente cedido pelos Srs. L. Musso & C. proprietarios da Photographia Brasileira, recentemente inaugurada.



## A MORTE DE JURACY

*A Domingos de Andrade*

Desce as aguas do rio immenso e espumejante,  
vogando á correnteza a pequenina igara,  
a cabocla gentil, a invencivel amante  
d'esta terra que o sol ardentemente aclara.

Na viva luz do olhar profundo e scintillante,  
no collo rijo e nú, de uma belleza rara,  
um misto singular de deusa e de bacchante,  
a carne abrindo em flor, de voluptias avara.

Ninguem sabe dizer que destino procura...  
Nas tribus contam que, perdida de amargura  
de um amor infeliz que ha muito lhe fugio,

abandonou a taba, o rumor dos palmares  
e vae pedindo á morte a sombra de outros lares,  
descendo, núa e bella, a corrente do rio.

Manãos, 904.

THEODORO RODRIGUES.

## MUSICA DE AMOR

SÓs estávamos na sala malva, a sala das recepções intimas, das conversas leves em torno da meza do chá. Mme. de Souza, linda no seu *tea-gowre* côr de pecego, posava entre a trefega Mme. Werneck e a sisuda viscondessa de Santa Maria, e nós, eu e o barão Belfort, já tínhamos exgotado o ataque á musica italiana quando Mme. Werneck deu conta da sua ultima descoberta:

—O barão está triste.

—Pois se venho de acompanhar um enterro.

—Triste por isso? O barão, o homem sem emoções, triste porque acaba de fazer a coisa mais banal desta vida entre pessoas de sociedade!

—Não é propriamente por isso. Estou triste porque vi enterrar a ultima mocinha romantica d'este agudo começo de seculo. Se lhes contasse a historia da pobre Carlota Pães ficavam para ali todos a chorar, e antes de tudo, nesta hora agradavel nunca me perdoariam ter envermelhecido os lindos olhos de Mme. Werneck.

—Mas pelo que vejo a sua historia tem a propriedade do diluvio! fez asperamente a viscondessa.

—Conte-nos isso barão, disse Mme. Werneck, com a sua historia contemporanea do diluvio faremos decididamente collecção de antiguidades sisudas.

Houve um approximar de cadeiras. O barão bebeu um gole de chá.

—Não conheceram a Carlota Pães? Pois a pobre Carlota Pães, coitada! já com um começo de tísica e um perfil romantico, dava mesmo pena, á noite, no parapeito da janella, muito branca, como desmaiada. Ninguem lhe sabia da vida, e vendo-a assim, á janella d'aquella velha casa, todos a deploravam. Quando a Carlota atravessava a brutalidade do bairro pobre, com a apagada dôr dos humildes aristocratas, trazia no rosto um tal desgosto que era por quantos a conheciam um só lastimar. Tambem só sahia para acompanhar a mãe, uma senhora escalavrada e roida como um vaso antigo, para acompanhar com o seu passo de visão a pobre velha carregada de pesadas costuras. Fôra assim desde nascida! Olhava os pobres e os parentes como se guardasse n'alma a recordação de um mundo melhor, alheia-se d'elles, e quando a viam recolher ao sobrado em ruina, já todos tinham a certeza de vel-a apparecer á janella, muito loira.

Que faria ella, assim, por longas horas, alheia á rua, olhando o céu, como um personagem de romance? Coitada! Era o unico meio de esquecer a miseria da casa, a miseria que embota a alma e engrossa as delicadezas. Carlota ficava ali, numas attitudes serenas de passaro triste, com o olhar cravado no infinito, e toda a sua vida de sensitiva quebrada pela incompreensão dos outros, mucilagivava uma dolorosa expectativa. Parecia um typo de lenda, a espera da fada que a fosse salvar do bairro escuro e d'aquella pobre senhora sempre a trabalhar e sempre de preto.

Como estão a ver era uma menina romantica, e que romantismo minhas senhoras! Até eu cheguei a admirar-a. Tossia mais, estava diaphana, parecia uma nympa virada em anjo da saudade,—porque, de certo, quem lhe visse o olhar e os irresolutos gestos, julgal-a-ia perdida

de um paraíso artificial. Não lhe pude saber a origem d'esse esquesito feitio, e certa vez que lhe levava bonbons e lhe falei em paixão, ella teve um gesto tal que me esfriou a alma. Tambem, como sumida da realidade, nunca ninguem a tinha visto á janella, baixar o seu severo perfil ás vulgaridades do namoro. Esperava, nada via, e com a sua anciedade, assim ficava até tarde, muito branca e muito loira, olhando o céu.

Uma vez, no mez de Junho, a Carlota estava a chorar, nem sabia bem porque, deante da algida luz do luar, quando na casa junto, o harpejo brusco e sonoro de um piano sobresaltou-a. Do outro lado lentas espiraes melodicadas espraivavam-se, envolviam-na. Era, num turbilhão continuo de notas, de expressões subitaneas e diversas, a expressão persistente, torturante do desejo que não se termina e se preludeia, do amor cuja volupia jamais alcança o paroxismo. Ella ficou presa, estarrecida. Quem seria? Nunca ouvira aquillo, nunca sentira os nervos tocados d'aquella brusco quebranto, d'aquella epidermico encanto do som, exprimindo o inexprimivel. Os sons, como caricias de rosas, iam a pouco e pouco desfibrando-a, envolvendo-lhe a alma, machucando-a. Toda ella palpitava agora com uma tremura de folha ao vento. Teria chegado a felicidade, o impalpavel prazer até então vedado? Aconchegou-se mais ao chaile, com um arrepião de goso que lhe subia pelos braços e lentamente se irradiava pela nuca.

Do outro lado a musica, velada, num resumo de mil emoções, esboçava paizagens subtis e esfumadas, desfiava risos perlados, cavava-se em soturnas maguas, e como se a vida extrahumana fosse um só gemido d'amor, toda ella espiralava tormentosos queixumes, endeixas dolorosas, perdidos soluços de paixão. Para os grandes sensuaes só ha um goso integral que exprima a ancia de acabar e a fraqueza humana—o som, a vibração de uma corda na lamentavel evocação de vidas que se não realisam.

Para que o sentir da pobre creança fosse mais intenso, no espaço as estrellas palpitavam e a luz do luar lustrando as casas com o seu misericordioso brilho, entrava pela janella num retangulo de oiro que parecia milagre. Oh! nunca a doce Carlota se sentira tão emocionada, ella que sempre vivera na expectativa do além!

Essa noite passou-a á janella até muito depois do piano calar, ouvindo-lhe o ultimo som perdido na cinza avelhada do luar, e desde então andava o dia á escuta e toda a noite passara, em que o occulto pianista tocava, presa ao parapeito, entre a luz dos astros e os sons mysteriosos. Nós já riamos da paixão.

—Então a Carlota?

—Ai! meu senhor, continua a viver dos sons, está de todo virada!

E quando eu lhe levava alguma coisa.

—Então a sra. dona Carlota sempre com os sons?

Ella pendia na cadeira, sussurrando:

—E' tão bom!

Aquelles sons como um rosario sem fim que se desfiasse iniciavam-na numa religião de amor desencarnado, e quando qualquer dificuldade emperrava do outro lado a mão do tocador, a Carlota sentia uma agonia como se hesitasse em comprehender todo o alcance peccaminoso da phrase.

Vinha-lhe ás vezes a curiosidade de saber quem era esse tocador. Passava os dias á espreita; a casa ao lado,

uma pensão não lhe deixava adivinhar entre as muitas pessoas que entravam o artista estranho da noite. Perguntou á mãe se a informavam e a velha senhora respondeu que não sabia, que não era possível saber.

Bruscamente, então, perdeu esse desejo. Conhecel-o para que? Bastava a delicia de ouvil-o, bastava a inconsutil paixão que a rojava a seus pés! E perdia totalmente as noites, essas noites de Agosto trahidoramente frias em que a luz brilha mais, ha mais perfume no ar e as brumas ao longe parecem sudarios consoladores. Era um enebriamento até o romper d'alva. No fim, quasi se arrastando, ia para o peitoril como para uma tortura e do outro lado a musica inquisidora amortalhava-a desabridamente no delirante tropel do amor.

Ah! o gozo do raro! Os seus nervos sensiveis chegavam ao pranto, ao soluço, ao sorriso como hypnotisados. Cada nota já lhe exprimia um sentimento, os trechos repetidos pelo artista ella os seguia, adivinhando accordes, adivinhando sons como se fizesse o exame da sua alma de amorosa e de cada vez mais maravilhada ficava, bebendo a pleno trago, o delirio, a morte, o extase da musica encantada. De certo ninguem, ninguem no mundo amava, sentia-se ainda com esse sagrado e impalpavel amor. Encostava-se ao parapeito, esperava e era sempre com um susto que de repente ouvia abrir-se uma escala como acordando o piano, e as duas vibrações de bordão, dois accordes de contra baixo, pezados e sonoros. Depois um som subia, outro respondia, o aviario se encadeava num trinado. Muita vez o pianista que fundia a alma com as notas, tocava varias arias simples, com um ar velho como se os seculos todos chorassem a vida, d'outras eram trechos modernos trançando no ar uma flora bizarra de nervosos accordes e era então uma revoada de dores, ais sem fim, queixas em harpejos arquejados, rugidos rubros de ciume em que o piano parecia abalado e a musica estrebuchava...

Nos ultimos dias a coitada ardia em febre, plenamente fóra do mundo, gozando com um gozo feroz de agonisante o amor incorporeo emquanto ao lado noites em fóra as mãos invisiveis soluçavam a magua e a tristeza.

Ora, hontem, quando eu subia a escada ingreme da sua velha casa, D. Anna, appareceu-me desgrenhada.

—Venha, acuda, a Carlota morre...

—Como foi isso?

—Sei lá! Passou toda a noite á janella, o musico não tocou, a chuva, hemoptises, sangue...

Na sala de visitas, a pobre Carlota, coitada! estava caida numa cadeira de braços, entre as bacias, as botijas, os pannos, a lugubre confusão que precede o eterno descanso. Fez um esforço, estendeu a mão.

—Estou á espera da musica...

Deixei-a, despreguei-me pelas escadas. Era preciso que a musica lhe levasse o supremo consolo. Entrei pela casa ao lado.

—O pianista? perguntei ao encarregado.

—O maluco? No 1º andar, á direita, quarto n. 5.

Subi, bati com força no quarto, empurrei a porta desesperado, encontrei um velho homem magro e adunco.

—E' o sr., o pianista?

—Sou.

—Ha aqui ao lado uma creança que agonisa. Vinha pedir...

—Para não tocar hoje. Vá com Deus.

—Não, venho pedir que toque. Não é possível explicações. Essa menina vive ha um mez de ouvil-o. Está morrendo, pede-lhe que toque.

O homem passou as mãos pelos cabellos.

—Escute, é uma loira, muito loira? Meu Deus! Pobre pequenina! Então ella me ouvia? Vá, eu toco, vou tocar, vá.

Depois agarrou-me o braço.

—Mas escute, não lhe diga como eu sou. Eu sou feio, perdia o encanto!

Quando outra vez entrei na sala, a Carlota morria. Como a querer beijal-a, o luar entrava pelas janellas um golphão de oiro, a ella com as mãos de magnolia cruzadas sobre o peito, tinha na face a tortura da agonía.

Mas, subitamente, teve um estremeção. Ao lado como uma ronda de astros que se despregassem do infinito o piano explodia uma indivivel revolta. Um tropel de sons reboou, entrechocou-se, deslisou, rasgando o ar, do mundo ás estrellas, com uma dor infinita. Depois, pareceu parar, tremulou brevemente como se o paraíso abrisse e os archanjos cantassem, e emquanto Carlota sorria, os accordes como um choro de rosas envolveram-na, beijaram-na. E ella morreu, docemente, sem uma contracção, ouvindo a musica do amor...

Houve um longo silencio na sala malva, onde ha conversas tão alegres á hora suave do chá. O barão limpou o monoculo:

—Ora aqui está porque eu estou triste!

—Coisas da sua phantasia macabra, fez a severa viscondessa de Santa Maria.

—Para entristecer a gente, acrescentou Mme. de Souza, linda e sentimental.

E de novo, emquanto Mme. Werneck fazia um grande esforço para não chorar, todos nós com afinco e erudição atacámos a musica italiana.

PAULO BARRETO.





*L. Masson & Co.*

RIO DE JANEIRO  
RUA URUGUAYANA, 10

MAESTRO ABDON MILANEZ

# PRIMIZIE

## OPERA IN UN ATTO

### PREGHIERA

Versi di HEITOR MALLAGUTTI

Musica de ABDON MILANEZ

BIANCA

Oh quale ango - scia m'in - va - - de! qual terrore m'assa - le

Piano

*f* *p* *f* *agitato*

3 3 3 3

Il cuor ho gon fio di pian - to. Gran Dio m'a-

*mf* *p* *rall...pp*

ANDANTE

- ju - ta sempre a te ri - vol - to Ebbi il pen - sie - ro é l'anima il cor mio

*p* *con passione*

Deh! — che giammai l'esser mio sia tol - to al - la vir - tu - - - de e l'amor tu - - o.

*f* *mf* *affrett.*

3 3

PIÙ MOSSO

Gran Di - - - o!

Fa che al mal-

PIÙ MOSSO

A TEMPO

dim...

p SOSTENUTO

- vag - - gio

nel - la fu - ria re - - a

ab - ba - - gli

il lu - me del tuo

spir - - to ó Di - o!

E muo - ia in sen

la crimino - sa i - de - a

E non l'ac - cie - ca

lo fa - tal de - si - o!

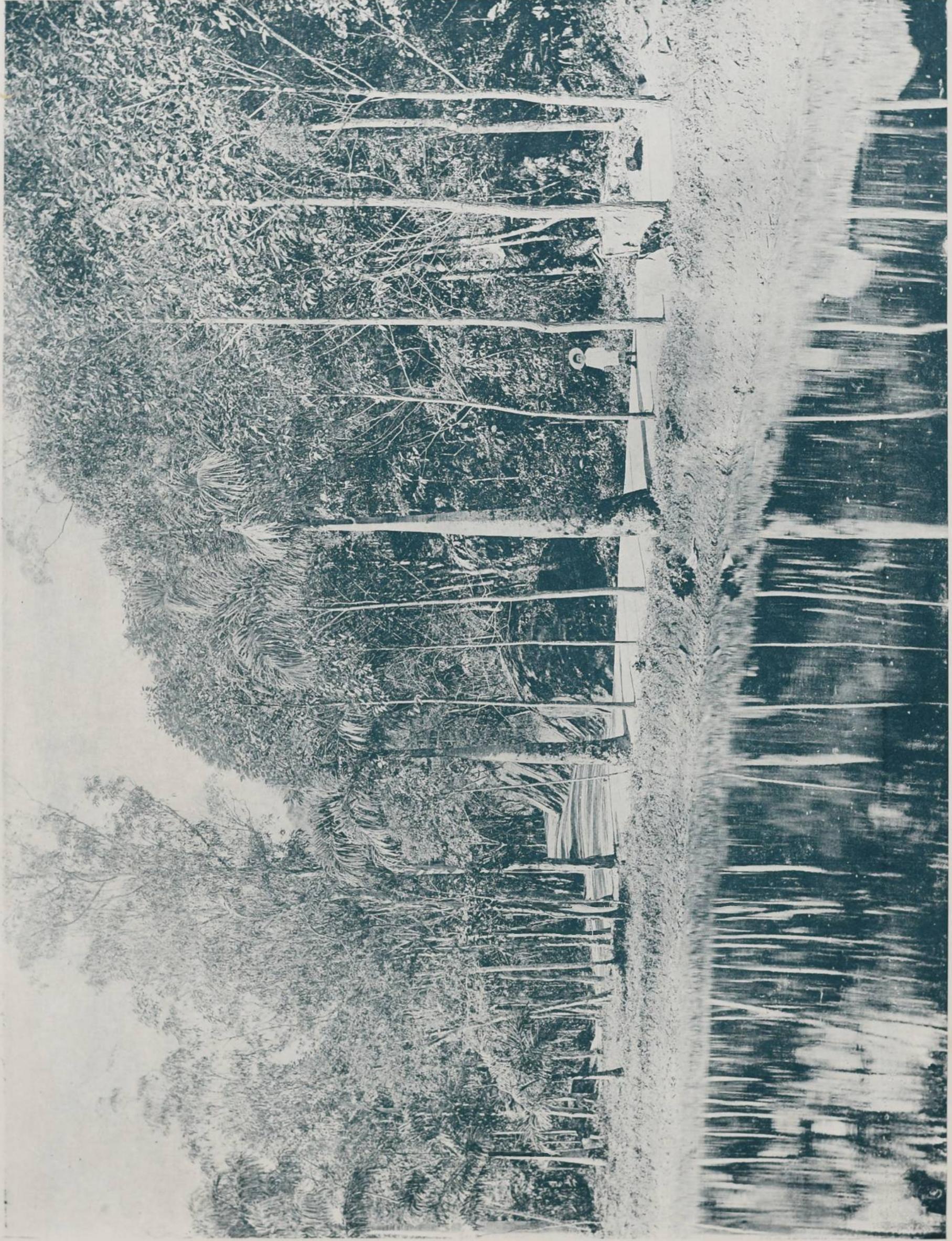
lo fa - tal de - si - o!

ff

ppp

ff

CONCURSO DE BELLEZA INFANTIL  
NO PROXIMO N.º (10) PUBLICAREMOS O  
❧ RESULTADO D'ESTE CONCURSO, ❧  
E BEM ASSIM AS PHOTOGRAPHIAS DAS  
❧ ❧ CREENÇAS PREMIADAS. ❧ ❧



AÇUDE — TIJUCA — RIO DE JANEIRO



# GHILDA

—Continuação—

## SCENA SEXTA

GHILDA E SILVIO entrando apressado

SILVIO  
Mamãisinha !...

GHILDA  
Meu Silvio!

SILVIO  
Eu quero pão...

GHILDA perturbada, apontando o armario  
Procura  
Ali, meu filho... Ali... Deve ter...  
a parte  
Que má hora!  
Não temos nada, nada...  
ao filho  
Achaste?

SILVIO  
Não senhora.

GHILDA a parte  
Quando filhos se tem como a pobreza é triste!  
animando-o e disfarçando  
Papai traz, meu amor. Papai não tarda... Viste  
Quanta gente ha na rua? Espia.

SILVIO chegando á janella  
Ih! Quanto povo!

GHILDA  
E' procissão, não é?

GHILDA  
Não, filho. E' um quadro novo  
Que a Irmandade da Cruz expoz á multidão.  
Queres vel-o?

SILVIO  
Oh! que bom! Quero sim!

GHILDA  
Pois então  
Vai brincar. Amanhã papai te leva...

SILVIO que ficou á janella, olhando a rua, de repente, gritando para fóra.  
Alberto!

GHILDA sentada e cansada  
Estás certo

SILVIO  
De que é elle?

SILVIO  
Elle sim. Mas não escuta a gente...  
E leva tanto doce!

gritando  
Alberto!

virando-se para Ghilda  
Tão contente  
Que elle vai! O' mamã, vem vel-o!... E de bengala!  
gritando mais forte  
Alberto!

GHILDA triste, erguendo-se  
Meu amor, queres que a tua fala  
Chegue até lá? Bem vê's que elle não póde ouvir.

SILVIO

Ah! Si eu fossse com elle !...

GHILDA

Irás te divertir  
Amanhã. Tu tambem terás bengala e doces.

SILVIO correndo para ella

Oh! que bom, mamãisinha!

GHILDA animando o

Então? Nem que não fosses  
Um menino tão bom e tão bonito...

beija o

Vai,

Vai brincar.

(Silvio sai pela direita)

com intenção á fome da criança, dolorosa

Vai dormir...

Coitadinho! Seu pai

Que nos traga com que mitigar a miseria.

Pausa pensativa : fraca e pallida, vai até a mesa e contempla o filhinho.

Dorme. Deus é piedoso. Essa emergencia séria  
Ha de ter fim. E então seremos venturosos.  
Porque não? Dentro em pouco, André, dos Religiosos  
O preço ha de ganhar do seu trabalho. E então  
Novamente terei p'ra meus filhos o pão.

Senta-se e abana-se, o olhar parado, cansada. Ergue-se em seguida e vai, soffrendo, até o nicho, em frente ao qual se ajoelha, contricta.

Mãe do céu, bemfazeja mãe dos peccadores,  
Tem piedade de nós; abranda os dissabores  
Que a pobreza nos traz; conserva-nos a vida!  
Dá-nos forças, enfim, nesta lucta renhida!  
Eu preciso viver, Mãe Santissima! Tem  
Piedade dos meus filhos, peço-te!

## SCENA SETIMA

GHILDA E RUZZANTE

RUZZANTE, espiando do limiar

Ninguem?

Vendo Ghilda :

Ah! Perdão...

GHILDA, erguendo-se

Póde entrar.

RUZZANTE

Eu não contava achal-a

A rezar...

GHILDA

Entretanto, a préce é a alma que fala  
A Deus, e ha de existir enquanto em nós houver  
Coração para amar e dores p'ra soffrer.

RUZZANTE (Apertam-se as mãos)

Dores não! A alegria entrou no vosso lar  
Esta manhã, p'ra sempre, Ghilda. Oh! De pensar  
Nesta consagração, sinto-me tão feliz!  
Meu amigo onde está? Nem ao menos me quiz  
Avisar que era hoje o decisivo dia?  
Que é feito d'elle, enfim? Ainda se esconderia

Na modestia?

GHILDA, sorrindo

Já foi...

RUZZANTE, alegre

Já foi ao templo?!

GHILDA

A geito

Fizemol-o sahir ha pouco... ainda sujeito  
A um desanimo hostile. Martelli, que aqui estava  
E o seguiu, animoso, emprestou-lhe essa brava,  
Essa firme confiança, essa certeza forte  
Dos que enfrentam, sem medo, um almejado norte.  
Já lá devem se achar. Ha mais de meia hora  
Deixaram-me.

RUZZANTE, satisfeito

Afinal!

GHILDA

A volta espero agora.

E rezava por elle, e rezava...

RUZZANTE, expansivo

Afinal!

Eil-o, enfim, vencedor, meu bom amigo! O mal  
Nem sempre ha de imperar, e a justiça e a victoria  
Cedo ou tarde hão de dar aos sinceros a gloria.

(Plena alegria)

Mas que alegre manhã! que céu azul! Custou  
Mas venceu! Eu quizera abraçá-lo! Eu lhe vou  
Levar meus parabens onde acaso o encontrar.  
Quero vel-o a sorrir, vel-o a se recordar  
Do passado, a revêr os tempos de menino,  
Quando os dois, muito cedo, ao clarão matutino,  
Erravamos no cães, a ver, entre as falúas,  
Marinheiros vergando as costas semi-nuas  
No serviço brutal da descarga. E depois  
Os projectos de gloria! o nosso affecto! os dois  
Juntos sempre, a sonhar, as máguas dividindo,  
E o pão... que era bem pouco...

com um grande suspiro

Oh! Saudades!... Que lindo

Que era o céu multicolor, de manhã, quando o Sol  
'Stava quasi a nascer! Que tintas no arrebol!  
E em nós quanta esperança e quanto affecto!

GHILDA, presa á sua voz

E andaram

Sempre juntos assim muitos annos?

RUZZANTE

Duraram

As nossas relações mais intimas, ao certo  
Até quarenta e dois. André andava perto  
Dos vinte; eu tinha já meus vinte e quatro annos:  
E ambos muita esperança e varios desenganos...  
Pedro Lando era doge e era essa circumstancia  
Motivo de prazer para nós. Desde a infancia  
Nunca tinhamos visto a mudança de um doge  
(Que esses tempos d'antanho eram diversos de hoje...)  
André Critti, demais, já estava velho, após  
Quinze annos quasi de reinado. E, para nós,  
Pedro Lando traria auxilio poderoso  
A's Artes. Foi engano, afinal... Pazaroso,  
Separei-me de André, nesse tempo. Eu tivera  
Um logar de aprendiz numa empreza que déra  
A' Veneza de então varios melhoramentos.  
Empreguei com prazer todos os meus momentos

Em estudar, em praticar entre architectos  
E venci. Deus é bom!

GHILDA, com fervor

Deus é bom!

RUZZANTE

Meus affectos

Permanecem, porém, sinceros como outr'ora,  
E entre elles sobressai, na alegria de agora,  
Essa velha amizade ao bom André...

GHILDA, muito meiga

Que as almas

Foram feitas por Deus p'ra trocarem as palmas  
Da amizade e do bem... e eu nunca hei de esquecer,  
Ruzzante, o que tem feito por André.

RUZZANTE, excusando-se

Dever,

Só dever. E afinal é bem pouco p'ra quem  
Mais o tem por irmão que por amigo. O bem  
Que de todos merece a honradez; e a alegria  
Que nos causa o talento occulto á luz do dia  
Sob o manto revél da modestia, por certo  
Ha muito o seu logar marcaram no concerto  
Dos pintores de nome em Veneza.

(alegre e decisivo)

Vou vel-o!

Quero, amigo e feliz, nos braços recebê-lo  
E apertá-lo e sentil-o!

GHILDA, animada, feliz

Oh! Que ventura! Eu penso

Que hoje a face de André não mais o véu immenso  
Da tristeza ha de vir encerrá-lo na dor!

RUZZANTE, forte

Não, por certo!

(noutro tom)

Porém, o artistico primor

Que hoje lhe dá p'ra sempre a popularidade,  
Será terceiro ou quarto ou sexto entre os com que ha de  
O seu nome legar ás gerações futuras.  
André de ha muito é vencedor. As desventuras,  
O desanimo, a lucta, o pezar — acredite! —  
Elle só os soffreu pela dôr sem limite  
De ver o seu esforço ignorado ou esquecido.  
Eil-o que ha de nos vir agora outro marido,  
Outro homem, outro amigo, outro pai, outro artista,  
A alma aberta ao fulgor d'essa ultima conquista,  
Certo do seu valor, feliz e bem disposto,  
Sem o velho pezar que lhe ensombrava o rosto.

GHILDA, felicissima, em transporte

Fale assim! Fale assim, Ruzzante!

RUZZANTE

Oh! Quem lhe viu

Os quadros principaes! Quem — como eu — conseguiu  
A collaboração do seu pincel! E quem  
As pinturas muraes contemplou, que elle tem  
Feito com tanto arrojo e originalidade!  
Quem se quedou em frente á meiga suavidade  
Da *Assumpção* e quem viu os *Quatro Evangelistas*,  
Esse ha de amal-o, ha de estimá-lo: que os artistas  
Dos homens devem ter toda a veneração.

GHILDA, já triste

Entretanto até hoje, a custo, André o pão  
Tem tido...

RUZZANTE

Mas agora o seu nome em Veneza  
Alcançou de uma vez louvores e a certeza  
Da popularidade.

GHILDA

Oh! Queira-o Deus!

RUZZANTE

Agora

As telas que elle fez vão ser citadas, fóra  
As estampas, os cofres, caixas, arabescos,  
Decorações e mais: os caprichosos frescos  
Com que tem decorado os palacios.

GHILDA interessada

Ruzzante,

E são muitos?

RUZZANTE

Oh! não! Poucos. Mas é brilhante

Esse pouco. E ainda mais: alguns, tenho certeza,  
Pelo arrôjo da fórma e esplendida belleza,  
São primores! E posso alguns lembrar: os Zeni,  
O palacio dos Zeni... Eu o construi. Ruddeni  
Póde testemunhar, pela impressão que teve,  
A riqueza e o vigor do trabalho.

GHILDA simples

Não deve

Espantal-o a pergunta... Eu nada sei... Mas diga:  
Quem é Ruddeni?

RUZZANTE

E' um architecto.

GHILDA

Ah! bem. Prosiga.

RUZZANTE

Architecto, porém, dos melhores. Já tem,  
Modesto e vencedor, sem receiar ninguem,  
Com Palladio e Cattaneo, os mestres immortaes,  
Trabalhado.

GHILDA

Ah!

RUZZANTE

Pois bem; vou lhe dizer o mais:

Quando o nome de André de mim Ruddeni ouviu,  
— «Oh! não! (disse-me) oh! não! Ruzzante, onde se viu»  
«Entregar-se a um pintor sem fama e sem louvores»  
«Essa decoração, quando ha tantos pintores?»  
«Quando ha Zelloi, ha Tintoreto, ha Veronésio»  
«E ha Le Fratina?»

GHILDA, esperando

Então...?

RUZZANTE

...dei-lhe a resposta! E illeso

O valor confirmei de André. E consegui  
Victoria. E que victoria! A perfeição ali  
Foi attingida!

GHILDA em duvida

Mas, Ruzzante, eu não me lembro  
De ver sahir André, p'ra tal fim...

RUZZANTE

Em Setembro

De mil quinhentos e...

(lembrando-se)

cincoenta e um. Ha nove

Annos, portanto, foi.

GHILDA, voltando ao passado

Nesse tempo... (Oh! commove

Tanto a gente a lembrar males de outr'ora)... eu era  
Uma pobre infeliz... Deus ainda não me dera  
A ventura de ver André.

RUZZANTE

Pois eu julgava

Que nesse tempo os dois...

GHILDA rapida

Não, senhor. Só faltava

Para a minha alegria o espaço de tres mezes:  
Foi em Dezembro...

RUZZANTE

Ah! bem.

GHILDA meiga, lembrando

...no inverno...

RUZZANTE

Ah! sim.

GHILDA

A's vezes

De lembrar-me...

chorando, com voz alterada

Oh! meu Deus!...

RUZZANTE, subito

Que tem?

GHILDA, aneiando e em pranto

chego a chorar...

E' que as lagrimas são um consolo ao pezar...

RUZZANTE animoso, disfarçando-a

Mas deixe d'isso, Ghilda. O dia é alegre!

GHILDA entre dois soluços, abanando-se

Eu sei...

RUZZANTE cuidadoso

Sente-se mal?

GHILDA em pranto ainda

Oh! não! Desculpe...

RUZZANTE

Eu não falei

Nessas cousas senão para animal-a. E emtanto...

Vendo que continúa o chôro,  
fazendo-a sentar; paternal:

Sente-se aqui. Não chore. André não tarda... O pranto  
Desfaria o prazer com que elle ha de chegar.

GHILDA enxugando os olhos e abanando-se

Perdôe-me... O pranto é nada... O mal é a falta de ar...  
Mas, emfim...

RUZZANTE, com medo

Não passou?

GHILDA

...já estou acostumada.

Bate-me o coração com tal vigor que a cada  
Pancada eu me disponho a morrer...

RUZZANTE, sem saber o que faça

Por quem é,

Socegue! E' a commoção d'este dia...

GHILDA, mais calma

E' que André

Tem soffrido por mim tanto, tanto!

RUZZANTE, implorando  
Não fale!

animador  
Fique calma! Isso passa... Então? Vamos: exhale  
De seus labios, de novo, a luz bemdicta e opima  
Do sorriso! E imagine o ardor de que se anima  
Neste momento o coração de André. Por certo  
Elle está já de volta e não tarda e bem perto  
Talvez já venha.

GHILDA, calma e doce  
André tão bom!

RUZZANTE  
Vamos, desfaça  
Esse pezar. Já está melhor, não é?

GHILDA, sorrindo  
Com a graça  
De Deus, posso dizer, já estou bôa... E parece  
Poderei receber André, qual si o tivesse  
Esperado a sorrir, sem sombra de tristeza

RUZZANTE  
Isso sim!

GHILDA, pedindo  
Mas, então...

RUZZANTE  
Que quer?

GHILDA  
...tenho certeza  
De que vai me falar noutras pinturas...

RUZZANTE rude e carinhoso  
Não!

Ao afflicto não quero augmentar a afflicção:  
Commove-se e... afinal põe-se a chorar...

GHILDA  
Prometto!

RUZZANTE firme  
Não senhora.

GHILDA súplice  
Oh! Ruzzante, eu lh'o peço... Está quieto  
Meu coração... Respiro bem... 'Stou bôa, emfim...  
E demais...

RUZZANTE transigindo  
E demais?...

GHILDA  
...eu preciso—ai de mim!—  
Saber quaes são de André as telas principaes.

RUZZANTE, vencido  
Não sabe?

GHILDA, vexada  
Algumas só...

RUZZANTE  
No Carmo, alem do mais,  
Pintou *São Paulo e Santo Elias Carmelita*  
E o *Christo no dezerto*, uma tela exquisita  
De um vigor sem igual, pela combinação  
Das côres.

GHILDA  
Não sabia.

RUZZANTE  
Eu lhe explico: é que então...  
(Foi em quarenta e nove...) ...a senhora...

GHILDA compreendendo

Ah! Já sei:

Meu André...

RUZZANTE  
Seu André não era... seu... Comprei  
Nas mãos de um mercador, por preço diminuto,  
*Christo Morto*, um primor que ha de ser, indestructo,  
Contemplado por mais de vinte gerações.

GHILDA  
Não conheço tambem.

RUZZANTE  
Pelas mesmas razões:  
Foi em quarenta e cinco.

proseguindo  
E, comquanto imitasse  
André ora Ticiano, ora Giorgione, a face  
D'aquelle *Christo* tem uma verdade tal  
Que se chega a palpar a figura real.

GHILDA lembrando, interessada  
E um quadro grande... o *Filho prodigo*, Ruzzante?

RUZZANTE  
Ah! Já sei.

GHILDA, alacre  
Esse eu vi. André fel-o durante  
Dez dias, sem parar, sem descansar.

RUZZANTE  
Um bello  
Trabalho!

GHILDA  
E onde é que está, póde acaso dizel-o?

RUZZANTE  
Vi-o em São Salvador, em casa de Collalti

GHILDA  
O conde?!

RUZZANTE  
O conde, sim. Embora lhe não falte  
Alguma pretensão, posso affirmal-o, o conde  
Tem uma alma de artista. As galerias onde  
Elle guarda—avarento ante um thesoiro—as telas  
Dos mestres principaes de Veneza, tão bellas  
Tão adornadas são, que a vista se reparte  
Entre o luxo, o conforto e os esplendores da Arte.  
Ha lá mais de um salão decorados a fresco  
Por André.

GHILDA  
Por André?

RUZZANTE  
Ora é um quadro grutesco  
Onde um sátyro vai, empós as nymphas, rindo,  
Ora um trecho feliz da historia sacra, ou um lindo  
Episodio de amor.

GHILDA, feliz  
Todos d'elle?

RUZZANTE  
E outros mais!  
Ha um que póde ser das pinturas muraes  
Que elle fez, a primeira e a mais louvavel...

GHILDA  
E'?

RUZZANTE  
Uma Venus dormindo entre flores, ao pé  
Do mar, de onde surgiu na espuma branca

GHILDA sorrindo e compreendendo:  
E Venus  
Que feição ella tem?

RUZZANTE, sério  
A sua.

GHILDA  
A minha?!

RUZZANTE  
Ao menos

Outra cousa não viu minha vista. O seu rosto  
E' exacto: a mesma face, o mesmo riso...  
vendo o sorriso de Ghilda  
Aposto

Que sabia?...

GHILDA singela  
Sabia.

RUZZANTE  
André lh'o disse?

GHILDA  
Disse.

animando-se

E recordo-me bem! Ah! Si o senhor o visse  
Quando—dia por dia—elle, ao chegar, narrava  
Os progressos do quadro!

subito mudando a vóz, perturbada  
Emfim... só me faltava

Uma cousa saber... Sei agora. E lhe peço  
Diga a verdade inteira: Essa Venus...

pudica  
(Confesso

O meu temor)... é Venus mesma?..  
rapido, perturbando se ainda  
Oh! não! Eu quero

Outra cousa dizer... Espere um pouco.

RUZZANTE  
Espero.  
GHILDA receiando a nudez de Venus

Essa Venus, assim junto ao mar...  
quasi num grito, tremula,

O' Ruzzante

André pintou-a...?

RUZZANTE que comprehendeu  
...toda envolta em odorante

Véste: rosas e rosas sobre o corpo inteiro,  
Do qual se vê sómente o rosto...

GHILDA anciosa  
O rosto...

RUZZANTE galanteador  
...e um cheiro

De rosas sai.

GHILDA simples  
De rosas?

RUZZANTE  
Sim: rosas do bem,

Da pureza e pudor do modelo.

GHILDA  
Não tem

Nem mesmo acaso um pé fóra das flores?...

RUZZANTE amedrontando-a  
Sim:

Os pés... um braço inteiro... o pescoço... e... porfim...  
...Nada mais! Flores só!

GHILDA aparte, grata  
Oh! Dá-me o teu perdão!

Eu bem sabia, André.

RUZZANTE que apanhou o chapéo  
Vou-me agora.

GHILDA  
Ainda não!

pedindo  
Outras pinturas...

RUZZANTE  
Ghilda, outra vez.

GHILDA  
Então ouça:

Essa Venus... de André...

RUZZANTE paternal  
Formosissima e moça...  
GHILDA concluindo

Pois que é Venus...

continuando  
Não sabe? André m'o disse: Apenas

Foi um ensaio.

RUZZANTE  
Sim?

GHILDA  
Nessas manhãs serenas

De fartura... talvez, que hemos de ter, eu penso,  
Como André prometteu, que o goso extranho e immenso  
Terei de vel-o, emfim, começar a pintura.  
No quadro novo não serei Venus, a impura;  
Serei eu mesma, aqui, a alma feliz surgindo  
Inteira em meu olhar, como si um bem infindo  
Descesse sobre mim, num crepusculo doce...

RUZZANTE rindo, meigo

Que vaidade, meu Deus, que vaidade!

GHILDA convicta  
Enganou-se!

Não é vaidade, não! E' a ventura, é a alegria,  
E' a farta luz do amor que a alma toda inebria,  
Pelo bem de saber que André—que é a minha vida.—  
Ali deixou ficar entre rosas... perdida  
Entre rosas, aquella que elle adora!

Respira a custo, anciando, os  
lábios descerrados.

RUZZANTE  
Bello!

Que eloquencia!

GHILDA abanando-se  
Ai de mim! Posso eu mesma dizel-o:

Eloquencia que mata...

RUZZANTE já medroso  
Ai! máu!

GHILDA disfarçando  
Fiquei cansada...

Só isso... nada mais...

Lembre outras telas.  
RUZZANTE

Nada!

Acabou-se! Outro dia.

GHILDA súplice, menos agitada  
As que estão com Ruzzini,

Tão amigo de André...?

RUZZANTE  
 Não, senhora. Domine  
 A pressa. Temos tempo.  
 GHILDA já rindo, procurando ven-  
 cel-o  
 Ao menos a batalha  
 De Carlos V e Barbarossa...?  
 RUZZANTE  
 Embora valha  
 O seu desejo a lei, não posso contental-a...  
 Outra vez.  
 GHILDA ardilosa,  
 Que fazer?...  
 subito  
 Mas nem ao menos fala  
 Uma palavra só sobre São Marcos?  
 RUZZANTE  
 Não!  
 Não me esteja a tentar!  
 GHILDA  
 O concurso...  
 RUZZANTE  
 A razão  
 E' simples. Dou-lh'a aqui: é a obra-prima de André.  
 GHILDA  
 Por isso mesmo!  
 RUZZANTE  
 Não! Apaixonono-me até  
 Só de me recordar que o premio, elle o devia  
 Entre todos os mais receber. Bem sabia  
 Ticiano o seu valor quando o propoz  
 GHILDA já triste, séria  
 Embora  
 O olvidasse em seguida...  
 RUZZANTE  
 Oh! não! Sabe a senhora  
 O character de André. Veronésio venceu.  
 Desde então nunca mais com outros concorreu.  
 Trabalha só.  
 GHILDA  
 Bem sei.  
 RUZZANTE  
 Não teme nem receia  
 Qualquer pintor. E vai, livre de toda peia,  
 E vence.  
 alegre, prompto para sahir  
 E já venceu! Vou buscal-o!  
 GHILDA  
 E' melhor  
 Recebel-o e abraçal-o aqui.  
 RUZZANTE  
 Não. Si eu não fôr  
 Ficarei triste.  
 GHILDA (aperto de mãos)  
 Vá. Traga-o já.  
 RUZZANTE já no limiar, descendo  
 Oh! que dia!  
 GHILDA do alto  
 E obrigada!

RUZZANTE fóra  
 De que?  
 GHILDA  
 Da amavel companhia.  
 SCENA OITAVA  
 GHILDA só  
 Dedicado que elle é! Que bom amigo!  
 Para sobre a face do filho: en ernecida  
 Sonha.  
 Com quem... p'ra ter assim a face tão risonha?  
 Com os anjos?... com a mamã?...  
 com um suspiro  
 Meu filhinho!  
 apprehensiva  
 Ah! Pudesse  
 Um coração de mãe, que a bondade entenece  
 Dos filhos conhecer o futuro! Meu Deus!  
 Que sorte elle terá? E Silvio? Oh! filhos meus,  
 Pedacos do meu ser, minha alma bipartida,  
 A Madona do Céu que vos proteja a vida!  
 Forçando a angustia da fome; com enthusiasmo, quasi feliz  
 Mas é preciso rir! Devo rir, que o momento  
 Chegou que marca o fim do nosso soffrimento.  
 Esperei... mas André venceu! Eil-o acclamado  
 Por toda a multidão; o seu nome citado  
 De bocca em bocca!  
 felz  
 Oh! Sim! Bem felizes!  
 sonhando e soffrendo  
 Nem sei  
 Como os braços em torno d'elle passarei  
 Para sentil-o meu, só meu! Como virão  
 Seus olhos para mim cheios de luz... mas não  
 Sem lagrymas: que o bem, por ser bem, tambem traz  
 O pranto da alegria...  
 Oh! Bem felizes!  
 enxugando os olhos  
 Mas  
 E' preciso esperal-o entre risos.  
 Dirige-se á meza: toma o fi-  
 lho ao collo. Triste, soffrendo.  
 Não fosse  
 Essa fraqueza atroz... Dóe-me tanto!...  
 sahindo pela direita  
 Tão doce  
 Seria o meu viver sem este mal!..  
 SCENA NONA  
 DEOLCO só: da porta vendo-a desaparecer  
 Seu mal!..  
 A pobreza! bem sei... Vou tentar. Um rival  
 E' cousa bem commum, quando a mulher nos veio  
 Por effeito do acaso, um encontro apenas, cheio  
 De pedidos de amor por carencia de pão...  
 cauteloso, entrando mais o palco  
 Tão bonita! Ah! Não sei como hei de esta paixão  
 Mostrar-lhe, a ver si a tenho e si a beijo... Oh! Beijal-a!!  
 Nunca o desejo foi tão forte em mim! Si a fala  
 Lhe pudesse mostrar que a quero inteira e a quero

Minha, de todo minha! exposto ao desespero  
Embora, o pobretão do pintor! Si a riqueza  
A tentasse e a trouxesse aos meus braços, bem preza!  
Leval-a, junto a mim, p'ra o meu delirio, como  
Um thesoiro roubado! E guardal-a num assomo  
De volupia! E sentil-a e apertal-a e escondel-a  
Em meu corpo!...

A voz de Ghilda, duleissima, nos bastidores

Papai não tarda.

DEOLCO recuando até a porta para  
esconder-se

Eil-a! Vou vel-a!

a voz de Ghilda

Um beijo p'a mamãe... outro, filhinho... Então?

SCENA DECIMA

GHILDA e DEOLCO

GHILDA entrando, sem o filho, lim-  
pando os olhos. Mais palli-  
da, mais fraca, mais doente:  
com signaes constantes de  
dyspnéa.

Que fome que elle tem!

DEOLCO entrando

Peço licença.

GHILDA virando-se

Ah!

Simplez, estende-lhe a mão.  
Elle vai instinctivamente le-  
vando-a aos labios. Ghilda a  
retira bruscamente, com uma  
energia na voz :

Não!

DEOLCO baixo, em supplica

Ghilda, por que?... que tem?...

GHILDA forte

Que deseja o senhor?

DEOLCO

O seu bem.

GHILDA

O meu bem?!

DEOLCO franco

Escute-me. E' o amor

Que aqui me traz. Adoro-a, Ghilda.

GHILDA assustada, mas reagindo

Mas perdão...

Certo o senhor esquece o respeito...

DEOLCO brutal

Oh! Pois não?

Esqueço tudo...

GHILDA tremula

Mas...

DEOLCO

Sei que a vejo!

GHILDA mais corajosa

O senhor

Com que direito vem...

DEOLCO

Com o direito do amor.

Amo-a, Ghilda, já o disse... Ha muito...

GHILDA resoluta

Mas esquece

Que sou casada e honrada?

DEOLCO

Esqueço tudo!

GHILDA

Vê-se,

Na phrase que me diz, que é brutal. Não respeita

Uma senhora!

DEOLCO

Adoro-a! E por tenção já feita

Ha muito tempo, espero a victoria alcançar.

GHILDA já medrosa, mas reagindo  
com calma

Perdão-lhe porque não me conhece... O lar

Da gente honesta e são devêra merecer

Mais respeito. O senhor se engana...

DEOLCO

Póde ser...

Mas por que não me ouvir?

GHILDA aparte, mais temerosa, sof-  
frendo

E estou só...

DEOLCO

Eu detesto

O meio termo. Eu amo-a, Ghilda. O amor, honesto,

Bem sei, não é. Porém é amor. Amor insano

Feito só de desejo... E' brutal, mas é humano...

Subito, refinadamente torpe,  
com um passo para ella

Eu quizera o teu beijo, o teu corpo, o teu cheiro...

GHILDA recuando, pallida, quasi num  
grito

Senhor!

DEOLCO acovardado, mas torpe sem-  
pre

Não quero mais. Sonhei... passou... Primeiro

Foram noites sem fim, de augeio longo... E após,

Quando vi que a cercava esta pobreza atroz,

Pensei: Levo o meu oiro...

GHILDA com indignação

E o deixava!?

DEOLCO

Isso não!

Vinha buscal-a só, por meio d'elle...

(Ghilda soffre, dolorosamente muda)

E então,

Juntos, longe d'aqui, num recanto escondido

Em Murano, eu lhe dera um ninho re florido

Onde o goso e a exclusão teriamos do amor.

GHILDA crispando as mãos, immo-  
vel

Oh! Meu Deus!

DEOLCO covarde

Não se afflija.

GHILDA invocando

André...

DEOLCO mais perverso

Ora, o pintor

De que lhe serve aqui? Nada traz. Na miseria

Tem-na deixado sempre. E' nulla a sua féria.

Eu lhe daria tudo: o conforto e o prazer

Em joias, em dinheiro, em barras d'oiro...

estupido e immundo

Quer?

Brilham lhe os olhos, á Ghilda. Elle covarde sempre :

Mas não tenha temor! Nada lhe faço. Apenas  
Entendi de subir para, em palavras plenas  
De verdade e de amor, mostrar-lhe o meu desejo.  
Demais, ha muito espero o procurado ensejo  
Para dizer-lhe tudo. E eil-o por que aqui estou.  
O que agora lhe falo o olhar já lhe falou  
Mais de uma vez...

GHILDA fremente, rugindo

Oh! não! E' mentira!

DEOLCO mais covarde, menos brutal

Por ora

Me cinjo a lhe affirmar que é verdade. A senhora  
Não terá reparado. Eu lh'o digo, porém.

Ghilda continúa immovei, encostada á meza, pallida, aucando, num supremo gesto de raiva, de odio infindo. Toda ella é indignação, contida nas palavras, mas clarissima na expressão dos grandes olhos esgazeados.

Desde que a vi uma vez aqui mesmo, o meu bem  
Surgiu claro, encarnado em seu corpo de neve.  
Tudo seria seu, tudo o que tenho!

mellifluo

E em breve,

Quando eu visse, afinal, sobre o meu coração,  
Palpitante ao calor dos meus desejos...

GHILDA já cega, tresloucada, erguendo a cadeira nas mãos finas e magras. um grito supremo, avançando :

Cão!

DEOLCO perturbado, recuando

Escute...

GHILDA avançando, fóra de si

Cão!

DEOLCO recuando, sempre

Ao menos...

GHILDA sacudindo a cadeira contra elle

Cão!

DEOLCO quasi á porta do fundo

Senhora!

GHILDA numa suprema força

Sáia!

Sáia, sáia d'aqui! Alma vil! Sáia! Saia!  
Immundo!

DEOLCO á porta

Eu lhe podia...

GHILDA forte, tresloucada

Immundo e infame

DEOLCO no limiar, recuando

Attenda!

GHILDA na porta brandindo a cadeira

Desça, desça!

(Fecha a porta, agitadissima)

extenuada

Oh! meu Deus!

DEOLCO de fóra, descendo

Sim, mas não se arrependa

Depois, do que me diz neste instante!...

GHILDA nervosa, desvairada

Maldito!

com gritos evocadores,

Deus do céu!... Minha mãe!... Meus filhos!... Que infinito  
Momento de terror! E si elle me matasse,  
O cão?!...

Supplice, mudando a voz, fatigadissima e pondo as mãos

Virgem do céu! Volve a limpida face

E o olhar piedoso e bom! Dá-me forças!

Senta-se, respirando a custo com a cabeça nas mãos. Chora. Depois de pausa, num grande susto, com terror :

Deus meu!

Eil-o outra vez!

Ouvem-se passos :

aguçando o ouvido, erguendo-se em panico :

Escuto os passos!...

Resolveu

Subir... Vem me matar!...

horrorisada, quasi gritando

Matar, não! Quer-me viva!!

Vem se vingar de mim. Vem humilhar a altiva!

desvairada

E não tarda, meu Deus!

num cumulo de medo

Não tarda!

UMA VOZ de fóra

Ghilda!

GHILDA encolhendo-se no primeiro plano á direita, apertando as temporas

Eu grito!

A VOZ

Ghilda!

GHILDA reconhecendo a voz

André?...

A VOZ

Ghilda!

GHILDA alto, correndo, tropega. para a porta

E' André?

A VOZ DE ANDRÉ'

Abre a porta!

GHILDA

Bemdito

Seja Deus!

Abrindo a porta e recebendo André : cahindo-lhe nos braços.

## SCENA UNDECIMA

GHILDA, ANDRÉ' e MARTELLI

André traz dois grandes ramilhetes

GHILDA

Meu André, meu filho, então?

ANDRÉ' olhando-a com espanto

Que tens?!

GHILDA cahindo em si. disfarçando

Eu? Nada,.. Eu te esperava...

cambaleia por vezes : dando forças á fraqueza :

Até que enfim tu vens!

Que demora!

Aperta a mão a Martelli que a olha com espanto  
Interessada, a André, alheiado:

Mas dizê... os Padres... Dize, emfim!

ANDRE' jogando sobre a mesa os ramilhetes

Os Padres...

MARTELLI passeiando á esquerda, entre dentes, fechando os punhos

Os ladrões...

ANDRE' dirigindo-se ao cavallette, o olhar infixo, o gesto indeciso

...deram-me flores...

GHILDA exausta sentando-se, voz fraca

Sim;

E que mais?

ANDRE' olhando a tela

Flores só...

MARTELLI apontando-as á meza

Estas flores

GHILDA quasi sem voz

Só flores?!

ANDRE' (tira a tela e põe outra em branco)

A Irmandade não tem com que pagar pintores...

MARTELLI passeiando, alto, dentes cerrados

Ladrões!

GHILDA

Porém... mais nada, André?...

ANDRE' rude e vago, no tamborete

Mais nada. Agora

Vamos recomeçar nossa vida de outr'ora...

Volta-se para ella enquanto prepara as tintas, alheiado

Foi um sonho... passou...

MARTELLI num gesto

Ladrões!

Ghilda põe-se muito branca, a desfolhar as rosas, reclinada, levando á bocca as petalas num gesto dolorosissimo

ANDRE', de repente, num grito

E eu tenho fome!

para Ghilda

E tu?!

GHILDA mastigando as petalas, anciando

Eu?... Não!...

com angustia

Mas Silvio tem...

MARTELLI que comprehendeu, batendo no hombro de André, quasi em supplica

Dize-me! em nome

D'este affecto, Schiavone! Aqui dentro...

ANDRE' acerbo, desabafando

...Ha tres dias

Falta-nos tudo!

GHILDA

André...

ANDRE' com a energia da tortura

Tudo, tudo!

a Ghilda

Querias

Que eu negasse?

GHILDA quasi exanime,

Isso não...

André olha-a e não vê a realidade. Ella continua, vagarosamente, levando á bocca as flores.

MARTELLI junto a André, dando-lhe dinheiro

Aqui tem, meu amigo.

GHILDA

Por mim... bastam-me as flores...

ANDRE' traçando um esboço, animado

Sim! Porque contigo,

Com tua alma lyrial, ellas se juntam, para

Refazer em teu ser a essencia augusta e rara

Da bondade e do amor.

Volta-se para ella: ella sorri. Elle continúa trabalhando: ella arqueja.

Ghilda dilecta, eu quero

Esboçar a visão do extremo desespero

Aqui, pondo em teu ser toda a extrema belleza!

GHILDA o olhar perdido num sorriso, quasi sem voz, sonhando

O retrato...

ANDRE'

E's p'ra sempre a bemdita riqueza

Do meu lar, onde vive a miseria do pão...

Martelli continua a olhar-a com um olhar de susto. André esboça. Ella esvai-se pouco a pouco.

E a Arte, que te vai pôr, como immortal visão

De uma alma nobre e santa, aqui na tinta honesta

D'esta tela immortal; a Arte ao pincel me empresta

Todo o seu esplendor, que o tempo não consome,

P'ra pintar o esplendor da miseria e da fome!

GHILDA immovel, exanime

André...

MARTELLI alto, correndo para ella

André!

a Ghilda

Que tem?

ANDRE' continuando a pintar, alheio á agonia

Espera.

GHILDA

André...

MARTELLI gritando, junto d'ella

André!

ANDRE' (Vira-se subito. Num salto:)

Oh! Meu Deus!

GHILDA immovel, o olhar perdido, com um ramilhete no regaço.

Meu amor...

ANDRE'

Martelli, por quem é,

Um medico!

ajoelhado junto d'ella, esfregando-lhe os pulsos, desvairado, fitando-a

Meu Deus! Ghilda! Ghilda!



MARTELLI sahindo ás pressas

Meu amor!

Já vou.

GHILDA agonisando : pausadamente :

Beijando-lhe as mãos, de rijo, subindo com os  
beijos pela véste,

Meu amor... Meu André... Meus filhos...

Meu amor...

ANDRE' num grito lancinante

pelos braços. pelo pescoço, pela face  
branca e pura

Ghilda!

Meu amor...

GHILDA

Estou

e depondo, numa angustia ne-  
gra, o ultimo beijo á bocca :

Perdida... André...

Meu amor...

ANDRE' louco, gritando para a porta

Martelli!

chamando o corpo frio. de joelhos, os bra-  
ços no regaço d'ella e a face em lagrimas :

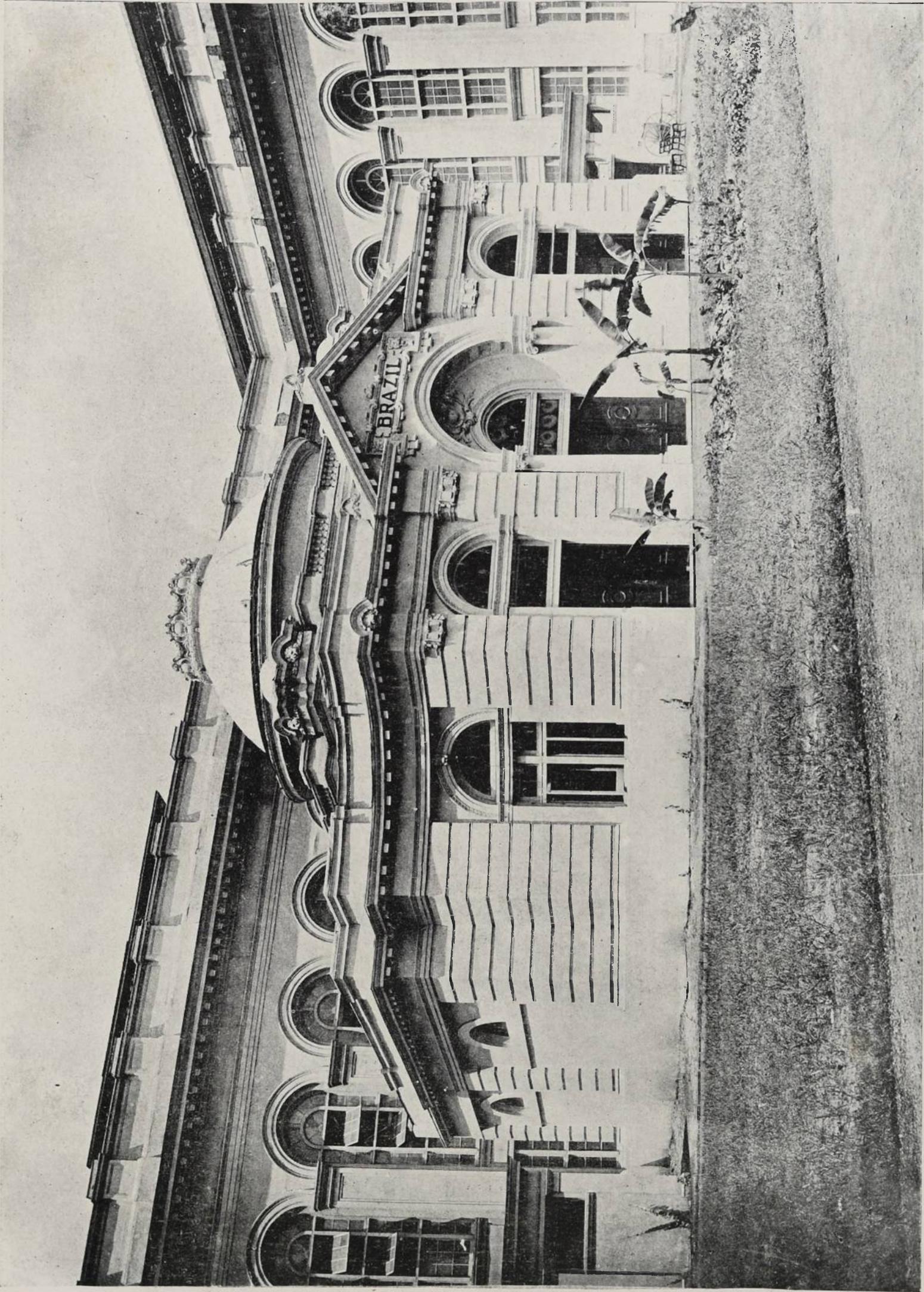
*O velario desce lentamente*

Ghilda! O' meu amor!

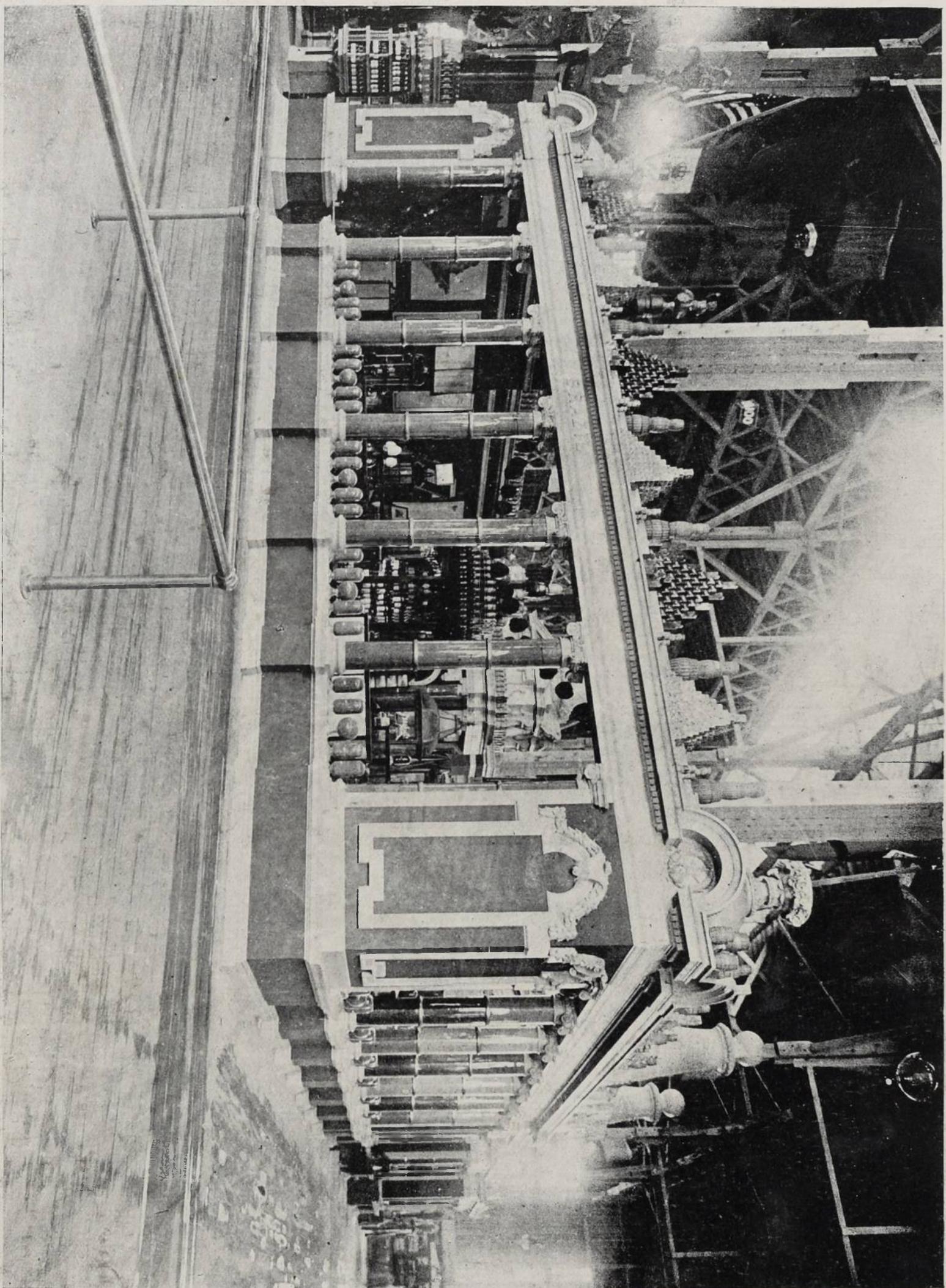
DALTRO SANTOS.



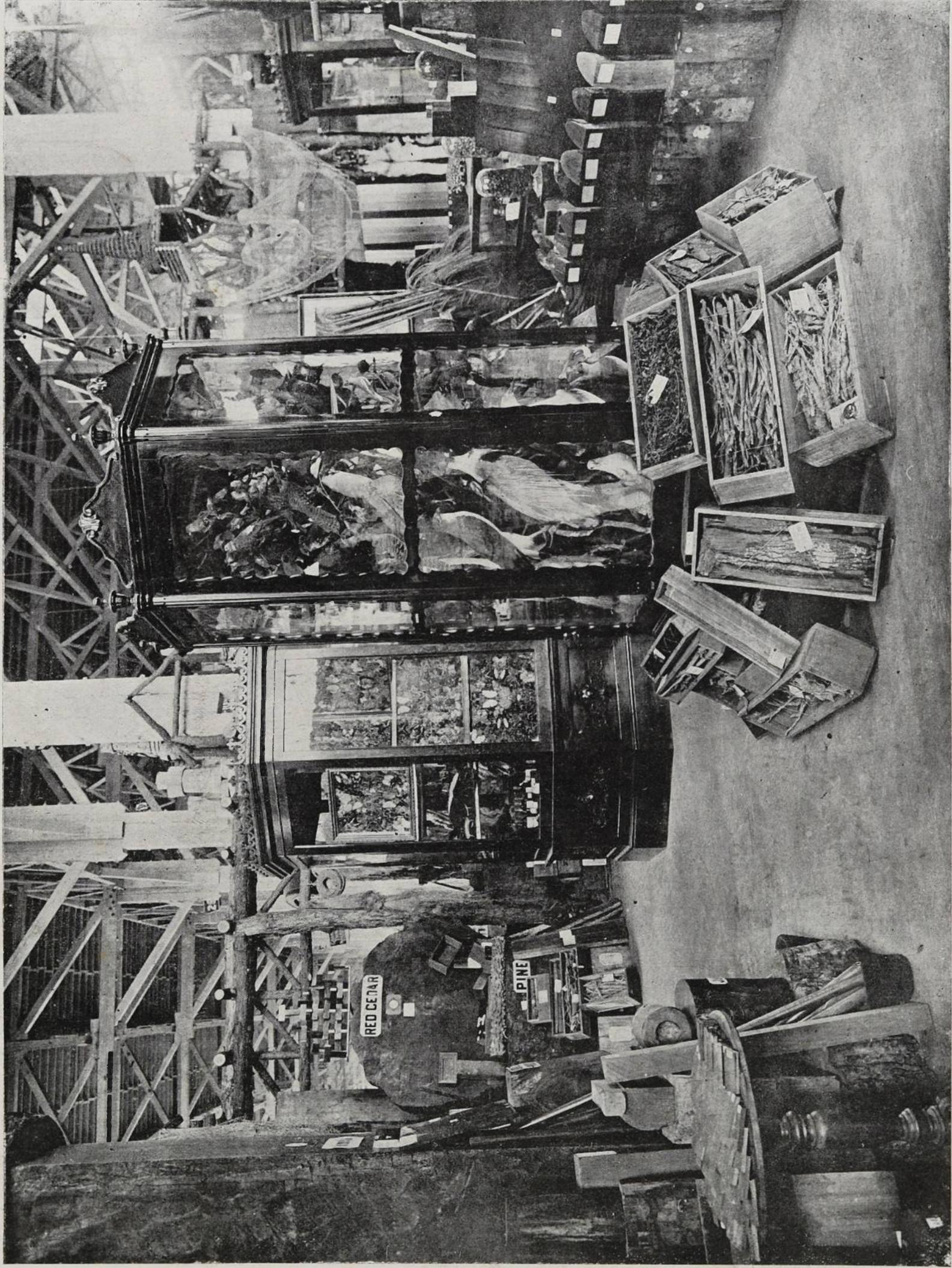
# EXPOSIÇÃO DE S. LUIZ



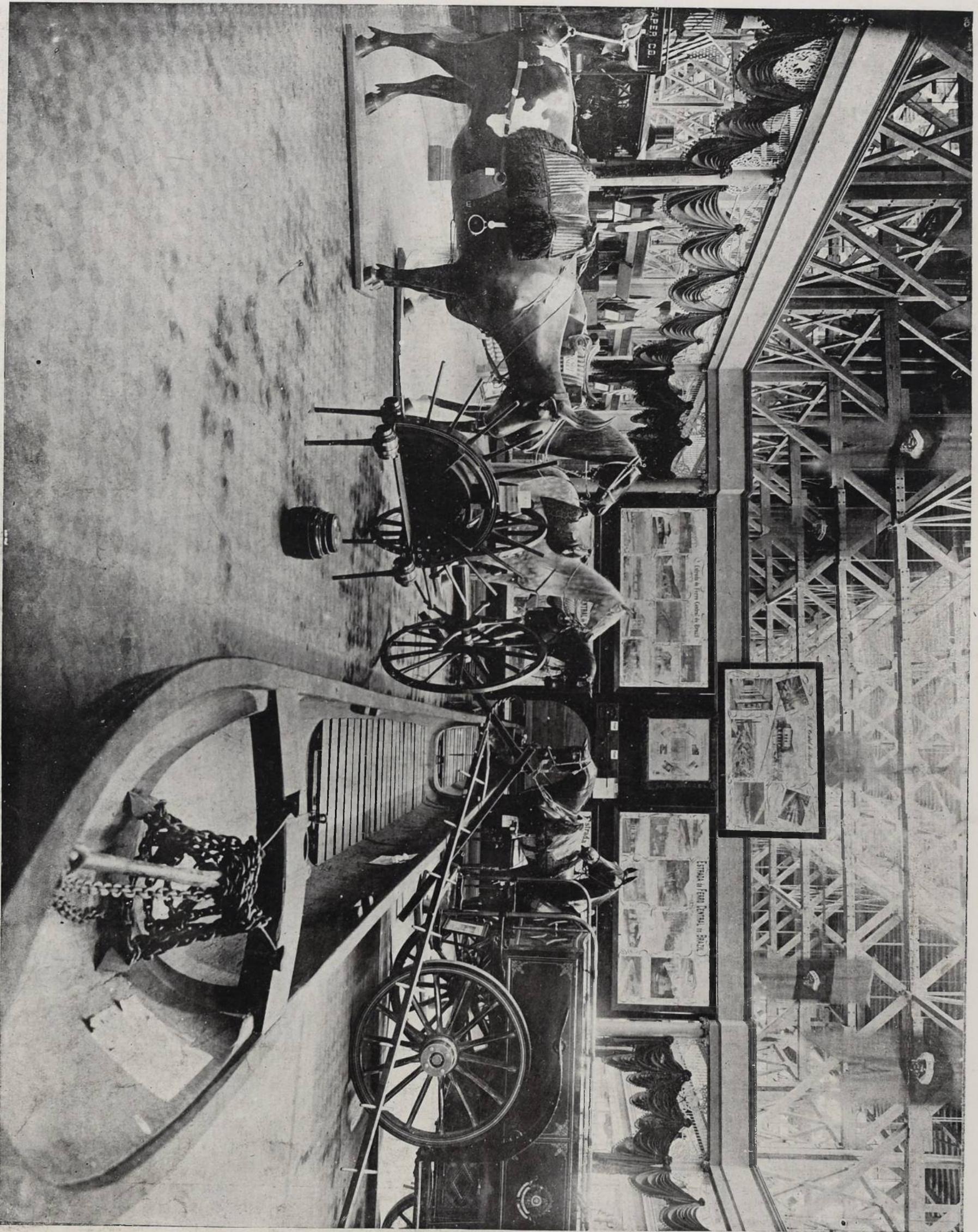
SECÇÃO DO BRAZIL NO PALACIO DE VARIAS INDUSTRIAS



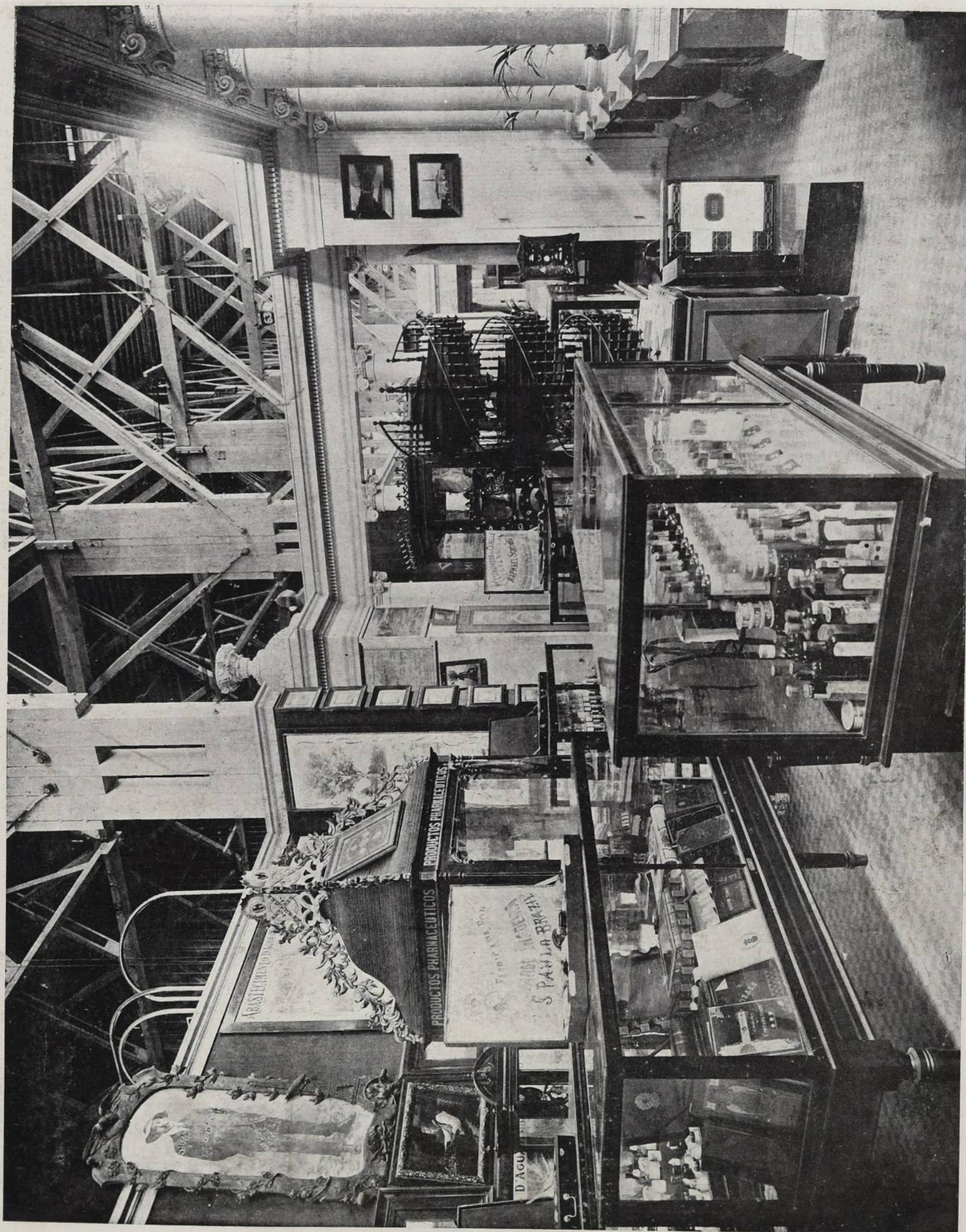
SECÇÃO DO BRAZIL NO PALACIO DE AGRICULTURA



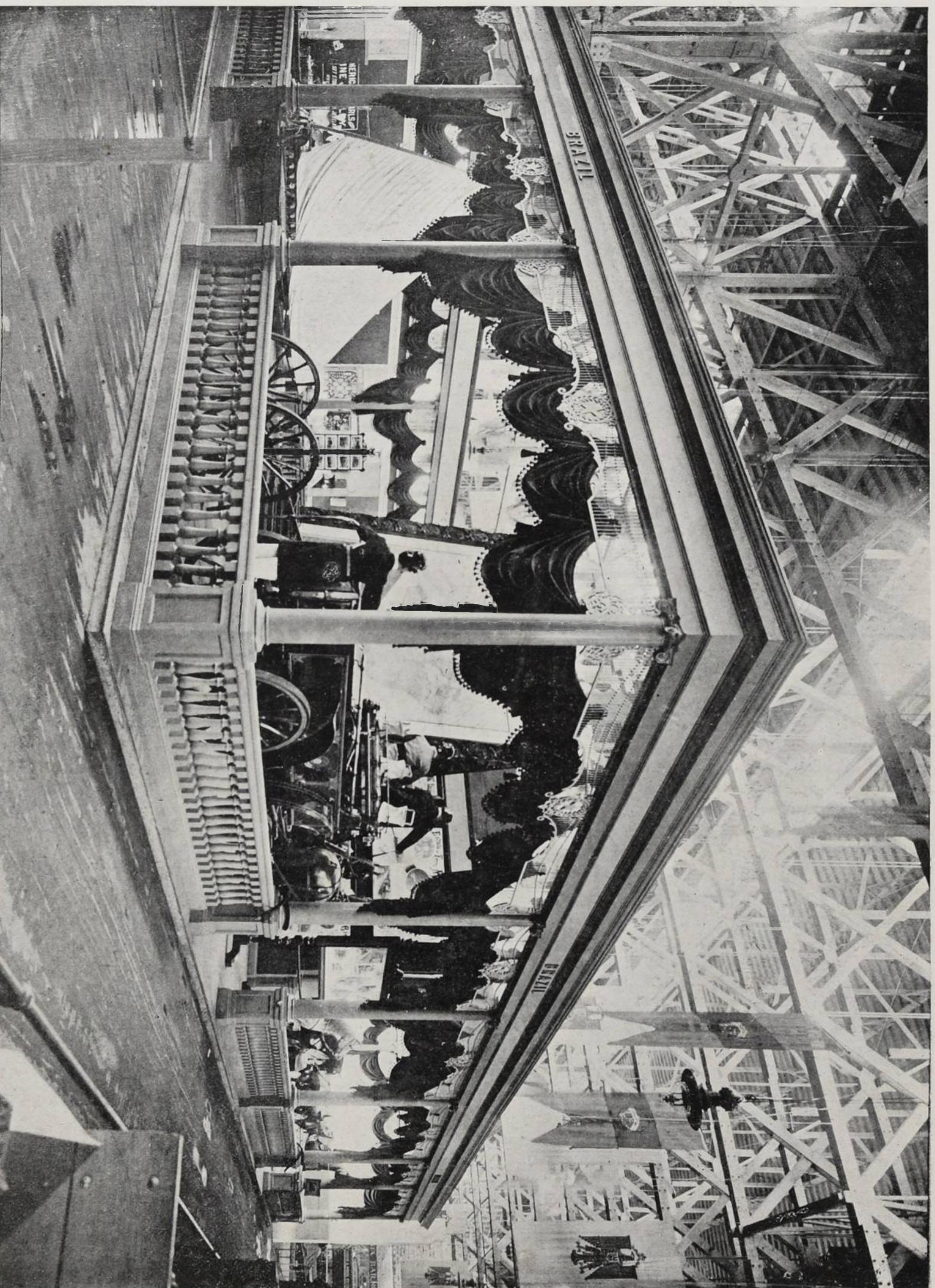
SECÇÃO DO BRAZIL NO PALACIO DE FLORESTA, PEIXE E CAÇA



SECCÃO DO BRAZIL NO PALACIO DE TRANSPORTE



SECÇÃO DO BRAZIL NO PALACIO DE ARTES LIBERAES



SECÇÃO DO BRAZIL NO PALACIO DE TRANSPORTES

## ESTYLOS EM ARCHITECTURA

## II

## ESTYLO ORIENTAL

«...O duplo sentimento do verdadeiro (aptidão scientifica) e do bom (aptidão artistica), não se pôde tornar nitidamente pronunciado sem que o sentimento do bello (aptidão esthetica), que não é, em qualquer genero, sinão o instincto de perfeição rapidamente apreciado deva tambem surgir por toda a parte...».

(Augusto Comte—Systema de Philosophia Positiva—tomo IV, pag. 378).

A humanidade cansada de habitar as cavernas das montanhas e as grutas ribeirinhas, emigrou em grande parte para os valles, disseminando-se pelas planicies; d'ali surgiram os povos procedentes dos primitivos caçadores e ichthyophagos.

A vida rustica, sujeita a longas e constantes perigrinações de campo em campo, modificando grandemente os usos e costumes, impoz á população pastoril outro formato de abrigos, mais de accordo com a natureza da nova profissão, menos misanthropa e mais alegre.

Em consequencia, os povos pastores construíram moradas leves e ligeiras, de facil remoção e transporte; e assim surgiu a tenda. Essa habitação simples, sustentada apenas por espeques de madeira cravados no sólo, ampla e folgada, abrigava sob os tectos, cobertos de couros resequidos, casaes e familias.

A tenda pastoril, originando o typo do estylo oriental, base da architectura sino-japoneza, foi, por assim dizer, a primeira construcção levantada pelos chinezes, e grande numero das actuaes construcções do extremo-oriente acompanham de perto esse genero de construcção. Com effeito, os pilares de madeira, lizos e despidos de bases e capiteis, que supportam os tectos dos edificios chinezes, representam as estacas primitivas; os tectos polygonaes, apoiados nesses pilares e compostos de diversas faces, forrados interiormente com pelles e estofos de phantazia, acompanham a forma curvo-convexa das tendas; a cobertura de telhas miudas semi-circulares ou quadrangulares, terminada em pontas recurvas munidas de ganchos sustentando campainhas, lembram as pelles superpostas dos tectos primitivos; emfim, do conjuncto d'essas construcções destacam-se as formas e caracteres das habitações dos pastores.

As casas e os palacios chinezes assemelham-se, extraordinariamente, a um grande numero de tendas reunidas, e os proprios templos, denominados *pagodes*, e bem assim as *torres*, são outras tantas tendas superpostas.

Disse algures um viajante do oriente—As cidadellas e as grandes cidades chinezas, inclusive Pekim, assemelham-se a grandes campos, onde a agglomeração das construcções lembram as moradas portateis das populações pastoris.

\*\*\*

As construcções ligeiras e elegantes do extremo oriente, são características da raça amarella, e como que traduzem a delicadeza artistica e o apurado gosto d'esses povos, extraordinariamente originaes.

A arte ali é typica no conjuncto e nos menores detalhes; assombra as vezes, maravilha quasi sempre.

Os chinezes e japonezes são notaveis pela extrema ligeireza e formas caprichosas dos trabalhos, quer na industria, quer nas artes; desde a architectura até a pintura, desde os trabalhos de lacca, charão e marfim, até os bordados e tecidos de seda e palha.

Essa delicadeza paciente, manifestada em todos os actos da vida publica e particular, avulta dignamente no respeito, veneração e amor dispensados principalmente ás mulheres, originarios do celebre ditado chinez, universalmente conhecido:—*na mulher não se toca nem com uma flor*—.

A mulhier japoneza, principalmente, é senhora absoluta do lar, manda, governa e reina; fóra d'elle, é cercada de todas ds atenções e carinhos, sendo característica a exigencia imposta aos viuvos e viuvvas que pretendem contrahir novamente o casamento.

No extremo oriente, contrariamente á maior parte dos paizes occidentaes, o sentimento do bello, de que falla Augusto Comte quando trata da manifestação esthetica, surge expontaneo; infelizmente, porem, o sentimento do bom, apenas pronunciado no lar domestico, é assaz prejudicado pelos preconceitos e ambições d'esses povos.

O sentimento do verdadeiro, por seu turno, é ali insignificante, até mesmo nas proprias manifestações artisticas, contrariadas pela propensão dos orientaes para o genero fantasista-imaginoso.

Em materia de religião o fetichismo exerce pronunciado dominio entre os povos asiaticos, e, como todos os crentes divinos, elles são em geral fanaticos, cheios de vicios e abusões.

O deus Boudha por elles adorado com fervor extraordinario, tem, segundo as escripturas orientaes, maior acção e poder que o deus catholico; porquanto, ao passo que este consubstancia tres pessoas, aquelle encarna sete, existindo por isso deuses com sete cabeças e quatorze braços.

Os templos dedicados a Boudha são magestosos e imponentes, primando interiormente pelo aceio do conjuncto, ordens dos arranjamientos, symetria das ornamentações e, sobretudo, pelo luxo e riqueza das decorações alacremmente destacadas, pela vivacidade intensa das cores claras e superabundancia dos rendilhados.

Todo esse conjuncto, maravilhoso e feerico, cresce de vulto por occasião das solemnes e espectaculosas cerimoniaes do culto, celebradas no meio do maior silencio, e ouvidas com o respeito e extremada devoção, que o fanatismo excessivo e a crença cega pela divindade, impõe e exige.

A pobreza da aptidão scientifica, attestada nas manifestações exteriores, é em parte compensada pelos sentimentos altruistas do bom e do bello, manifestados de modo expontaneo na vida intima d'esses povos.

Os chinezes e japonezes adoram as flores e os perfumes; existindo jardins onde é defeso, e até um crime, arrancar uma petala sequer.

O *chrysanthemo*, o *iris*, toda a sorte de *iriades* e o *lyrio*, são cultivados com carinho e cuidados especiaes; a *flôr do lotus*, considerada sagrada, é respeitada e adorada com o fervor intenso das cousas sobrenaturaes.

A mulher, rodeada de mimos, cuidados e delicadezas, tem no lar domestico um altar, onde o respeito é extremado e a limpeza excessiva.

Ha casas forradas com esteiras côr de leite, e onde é defeso penetrar calçado, em obediencia ás exigencias rigozinas de aceio e conservação.

O respeito e amor pelos velhos, manifestados, embora de modo menos intenso, entre os sentimentos affectivos da raça amarella, predominam acentuadamente no Japão.

Assim a veneração pelos avós, tratados com acatamento e consideração, e o carinho e ternura dispensados ás creanças, principalmente as do sexo feminino, são attestados vehementes dos sentimentos innatos nos corações Japonezes.

Esse mesmo povo sincero e bom, dotado de tão bellos e alevantados sentimentos altruistas, essa raça de artistas, amante das flores e das mulheres; aninha, no entanto, no mesmo coração generoso e meigo, ambições militares de conquista e de dominio, manifestadas nas guerras da China e da Russia, e nas atrocidades intestinas dos boxers e dos tonguzes.

\*\*\*

A raça amarella possui incontestavelmente o segredo da arte, que denuncia uma actividade incrível nesse povo de aspecto indolente e doentio; actividade que Tolstoi admite nos homens como uma forma intensa de manifestação artistica.

As obras de arte pacientemente trabalhadas e maravilhosas nas minucias dos detalhes, as curiosas e variegadas construcções typicas da architectura sino-japoneza e originarias do gracioso estylo oriental, são outras tantas confirmações da actividade artistico industrial d'esses representantes da raça mongolica.

Os constructores quer chinezes quer japonezes, sacrificam sempre a solidez dos edificios em pról das proporções esbeltas, e elegancia do conjuncto.

Dentre as construcções singelas do estylo oriental, destacam-se, comtudo, algumas de aspecto grandioso, e formato pyramidal, compostas de varios pavimentos, semelhantes a um grande pombal.

Os *taas*, templos chinezes com o formato de torres polygonaes, são exemplos frisantes d'essas construcções dispostas em diversos andares, constituindo casas destacadas e superpostas pelos tectos.

O mais notavel *taa*, é o de Nankim, conhecido pelo nome de *torre de porcellana*, e considerado uma das maravilhas do mundo.

Os numeros mysticos dos andares são sempre impares nos *taas*; por essa razão a torre de porcellana compõe-se de nove andares, correspondentes ao numero das incarnações de Wischnou. Mede essa torre trinta metros de diametro na base e cento e sete metros de altura, comprehendendo a agulha extrema com vinte e sete metros. As muralhas interiores da torre são revestidas de tijolos ou ladrilhos brancos polidos, tendo em relevo a effigie de Boudha, ricamente dourada.

Alem da torre de porcellana ha um outro *pagode*, vasto e grandioso denominado *Sou-tcheou-fou* medindo na base noventa e tres metros de circumferencia e contendo nove andares.

As *portas de honra* são outros tantos monumentos chinezes dignos de nota, construidos com o formato de arcos de triumpho e erigidos á memoria dos imperadores, letrados, mandarins e de todos aquelles que prestaram serviços relevantes ao paiz, sem distincção de sexo e de classe.

E' extraordinaria, como se vê, a tendencia dos povos orientaes para o nivelamento das classes e gerarchias sociaes, sendo comtudo de admirar este pendor naquelles

paizes de regimen monarchico absoluto. Comtudo, nelles, mais do que nos povos occidentaes, a incorporação do proletariado na sociedade moderna encontra adeptos e adhesistas, mórmente nas classes altas.

O estylo oriental no Japão é identico ao chinez, mais delicado, porem, nas minucias dos detalhes e no artistico do conjuncto; assim a arte japoneza prima, sobretudo, pelo mimo da confecção attestada em seus bronzes, *fou-kuzás*, jarros e jarrões de porcellana, trabalhos de lacca, charão e marfim; alem de maravilhosas e encantadoras bellezas de execução em pinturas, frócos e bordados, sedas, *fuziumas*, *kakemonos* e uma infinita variedade de minusculos e graciosos bibelots; e essas mil cousas, e esses mil nadas, trabalhos de paciencia e perspicacia artistica, dignos d'essas regiões banhadas pelos mares de coral.

O Japão possui pagodes budhicos esplendidos e entre elles destaca-se pela grandeza, vastidão e belleza, o denominado *Fo-ko-zi* em Myako, contendo uma estatua colossal de Budha.

Existe tambem um outro pagode em Osaka, elegante edificio cujos andares superpostos pelas coberturas, formando degrãos exteriores em todo o contorno, são decorados com finas esculpturas. Este edificio elevado no centro de magnifico e espaçoso jardim, é cercado de muros largos e espessos, contendo cavidades semelhantes as celias dos conventos, e destinadas a alojamentos dos padres.

Estatuas colossaes de divindades encontram-se communmente no Japão em varias localidades, ao ar livre.

A estatua de Kamakoura, considerada a obra mais completa do genero japonez, no duplo ponto de vista da arte e do sentimento religioso, e dedicado a Budha, representa o deus, sob o nome de *Dobutzu*, em proporções colossaes, sentado e de pernas cruzadas; attitude caracteristica de meditação de quasi todas as divindades da religião budhista e do culto de Sinto.

No ponto de vista architectonico, o Japão se assemelha a China, devido ao dominio do mesmo estylo oriental; comtudo, em sua caracteristica, os architectos japonezes empregam o *dragão* na ornamentação dos templos e palacios.

Entre as construcções singelas, destaca-se no estylo japonez, os kiosques e mirantes, empregados em parques e jardins; e essa outra face do estylo oriental é caracterizada pelos tectos chatos em curvaturas affastadas; principalmente nas habitações privadas.

Em religião o japonez é budhista, existindo comtudo, alguns adeptos do culto de *Sinto* e do catholicismo.

Na China o povo em sua maioria segue o budhismo; contando-se ainda alguns adeptos do culto de *Táo-se*, religião dos espiritos, outros do mahometismo; alem da religião de Confucio, professada pela corte e pelos letrados.

O estado da mentalidade chinesa systematisada por Confucio, define o *fetichismo*; isto é a forma do estado theologico-ficticio, caracterizada pelo ascendente da concepção das *vontades* como *causa* de tudo, e que consiste em admittir que taes vontades são o attributo dos seres naturaes.

O estudo da marcha progressiva do desenvolvimento religioso, principalmente no Japão, depende do conhecimento da evolução de Augusto Comte sobre os tres estados mentaes; sendo difficil, porem, resumir essas concepções de modo satisfactorio, dentro dos moldes d'este modesto trabalho, nos limitamos unicamente a affirmar que os tres methodos denominados respectivamente

theologico, methaphysico e positivo, e que o espirito humano segue em todos os seus raciocinios, se substituem de accordo com a cathegoria dos phenomenos constatados: primeiro por *vontades* em seguida por *entidades cegas* e finalmente pelas *leis naturaes de semelhança e de successão*.

O estado mental do Japão é theologico — metaphysico, como attestam sua religião, usos e costumes; e, por outro lado, a progressão pratica militar conquistadora e militar defensiva (guerra com a China e com a Russia) d'esse paiz, vem confirmar francamente a marcha intellectual correspondente.

Os sentimentos domesticos e civicos, porem, na China, e mais ainda no Japão, cheios de altruismo e abnegação, se approximam bastante dos ensinamentos de Augusto Comte, com relação a essa religião da verdade e do amor, do progresso e da ordem, protectora dos fracos e dos opprimidos, da mulher e do proletario: creadora de um futuro exclusivamente industrial e pacifico, em beneficio da humanidade; baseado nas lições do passado e nos ensinamentos do presente.

\*\*\*

Com o deslumbramento de uma aurora boreal, surgiu, incensado pelo nardo e pela myrrha, o estylo oriental, delicado e leve, cheio de graça e encanto, admiravel nos

detalhes dos rendilhados e fantasista nas curvaturas das ornamentações.

É essa immensa região oriental, terra das perolas e do chá, do opio e da porcellana, dos jardins perfumados e dos kiosques de marfim; abriga a raça amarella, descendente dos pastores, meiga no trato, fanatica em religião, intransigente em principios e pura nos seus ideaes; povo extraordinario e incomprehensivel, cheio de audacia e arrojos, em completo antagonismo com a indole e com o meio, artista e guerreiro, dotado de fortes messes de sentimentos são e capaz das maiores atrocidades e vinganças.

O conjuncto das manifestações egoistas, em detrimento dos sentimentos altruistas, contribue não só para aggravar cada vez mais a desmoralisação masculina, como tambem para augmentar essa corrente de sympathias e adhesões dos corações femininos, em pról do sacerdocio theologico, como unico refugio e salvaguarda da moral.

Um dia porem, quando o prestigio affectivo da mulher e as aspirações do proletariado á reorganisação social, unirem-se para a victoria final do espirito positivo; as manifestações industriaes dos povos asiaticos, sobrepujando os sentimentos guerreiros, augmentarão o esplendor e o brilho do estylo oriental, no interior d'esses deslumbrantes *pagodes* e *taas*.

A. LIMA CAMPOS.

## UM ERRO DE LAFFITE

DANDO as vantagens de que gosa o systema de numeração septimal sobre o decimal, Laffite, em seu "Calculo Arithmetico", affirma que a conversão das fracções ordinarias em septimaes dá *sempre um quociente periodico simples*, o que não se verifica adoptando-se o systema decimal em que a conversão das fracções ordinarias em decimaes dá quocientes finito e infinito, sendo este ultimo ora periodico simples, ora composto.

Em primeiro lugar não comprehendemos semelhante vantagem; muito ao contrario, consideramos mais vantajso poder obter, em alguns casos, quocientes *finitos* do que sempre *infinitos*. Sim; quando temos uma fracção decimal finita consideramos um valor *exacto* da geratriz, ao passo que quando encontramos uma septimal periodica, quer seja simples ou composta, temos *apenas uma approximação*.

Quanto ao facto de não dar periodica composta, e tão sómente periodica simples, ainda permita-nos a audacia, estamos em desaccordo com o sabio Laffite, mesmo porque contra factos não ha argumentos suosorios e estamos promptos a mostrar fracções ordinarias, que, convertidas em septimaes, dão periodicas compostas.

Alem disto, bem ponderado o principio que nos diz, tratando-se do systema decimal, que uma fracção ordinaria irreductivel, cujo denominador contiver os

factores primos 2 e 5 combinados com outros dá, convertida em decimal, uma dizima periodica composta, leva-nos ao seu congenere adoptando-se o systema septimal, o qual será o seguinte: toda fracção ordinaria irreductivel, cujo denominador contiver o numero *septe* combinado com outros dá, convertida em septimal, uma periodica composta.

Assim, sendo, as fracções  $\frac{3}{20}$ ,  $\frac{4}{50}$  etc. suppostas escriptas no systema de base *septe*, convertidas em septimaes devem dar periodicas compostas, o que effectivamente é verdade, pois,  $\frac{3}{20} = 0,1333\dots$  e  $\frac{4}{50} = 0,054125412\dots$

Antes de fazermos ponto final devemos mencionar que o grande Leibnitz, o primeiro que suscitou a questão dos diversos systemas de numeração, propondo o binario como sendo o mais vantajoso e, portanto o que devia ser universalmente acceito, não allegou o facto do numero dous ser primo, mas tão somente se conservar de cór dous caracteres e de transformar a multiplicação e a divisão dos numeros inteiros em addição e subtracção.

Tal proposta, como sabemos, não foi acceita, pois, mais que todo o allegado, pezou o grave inconveniente de serem todos os numeros representados por dous unicos algarismos o que alem de exigir uma grande extensão para os escrever nos sujeitaria a inevitaveis erros pela necessidade de continuas repetições.

F. SOUZA LIMA.

Da Escola Normal de Nietheroy.

# TYPOS DA ROÇA

III

MALUDO

**C**ABOCLO mal encarado, olhando p'ra gente sempre esconfiado, mesmo como quem anda de má tenção, este sujeito, retaco, já marcado por varias chumbadas, é o maludo do logarejo.

Tendepá é com elle; parece que tem parte com o capêta, attentando as creaturas, puxando quistã por um nada; "trem," ruim acabado o maludo.

Cruz! Ave-Maria! resmungam os caboclos, quando o veem passar, na "pello de rato," viageira, vindo do rancho, na beira do ribeirão, onde elle fez um pary, e roça num pedaço de chão pegado com as terras de *seu* capitão, manda-chuva d'essas redondezas, onde a fama do maludo é de fazer respeito.

Quem quizer *serviço* bem feito é tratar com elle, bom na conta p'ra uma tocaia. Nas mãos do capanga, a "companheira," berra fogo na certeza, e o apontado á vindicta vae p'ro barro ali no duro. Pezam-lhe na cacunda diversas mortes, e não assumpta muito para afincar a faca no sangrador do "parceiro.". Ingrizou, sangrou num *átimo*, sugigando o "individuo," sem talvez.

Após, abre o pala, sumindo um par de tempos.

Já gemeu no páu duas vezes, mas merereca não póde com elle. Quem inticar, não tem arrumação: elle arruma de uma vezada, porque desaforo não leva para casa. Quando? *áudio!*

Pelo entreaberto da grosseira camisa, vê-se-lhe ao peito o *breve* enebado, porque o maludo é devoto, sabendo tirar um terço, e corre que é turuna p'ra cortar um máu olhado.

Creatura de poucas falas, vive no seu quieto, cuidando de prover de um tudo o rancho onde mora com a dona, o seu chodó de quando era mais novo, agora o seu bem bom na velhice que vem chegando. Os cabellos já estão pintando, que nem pello de preguiça.

Que, porem, não lhe façam geriza: não é atôa que arrasta mala, e de homem não tem medo.

A gente vive é mesmo p'ra morrer, e o maludo, desde que estendeu um no pó da estrada, não esteve mais p'ra ouvir papeatas.

Gosta do gole, mas, durão, não é com pouca pinga que elle fica escornado. Quando elle entra na venda de "seu Antonho," que fica mesmo p'ras bandas de sua casa, os freguezes calam-se, cumprimentando-o receiosos; só "seu Antonho," mais parola, é que conversa com o maludo, mal encarado, olhar atravessado, todo um ar de contador de grongas, sabendo-se temido d'aquella "porqueira," de gente.

Escoltas têm-lhe ido ao enalço. E' baixo soldado pegar o rasto delle que, protegido, é avisado, e amoita por essas bibocas que ninguem o acha.

De uma feita, quando os missionarios estiveram no povoado, e até levantaram no largo o cruzeiro, o maludo bateu p'ra desobriga, promettendo mudar de vida. Qual! não levou dias e por causa de uma jogada no truque, teve um bate-barbas com o Chico carreiro, sujeito tambem pegador, e não foi nada: o ferro allumiou nos ares, o Chico ficou estirado a ponto de o julgarem "defuncto fresco.". Andou na embira, e o maludo triscou, ligeiramente ferido, agil que se portou na lucta, fugindo com o corpo apezar de grosso de carnes.

O vigario já disse que o maludo ha de acabar numa ponta de faca ou numa carga boa de garucha.

O caboclo soube disso, sorriu e, picando o fumo, observou:

— Póde ser, mas só si fôr á *treição*.

Não raro, passa um bandão de tempo sem apparecer; todavia, quem transita pela estrada vê o maludo, chapéu de couro, ora labutando na roça, cantarolando trovas, ora no pary, e a sua canoinha corta, maneira, o ribeirão.

O povoado chega a esquecel-o; quando, um dia, de sopetão, tem-se noticia de que o maludo acabou com mais um pobre de Deus, e, no local, mãos piedosas erguem uma cruz tosca, assignalando ao caminheiro o crime que fica impune, porque o maludo, capanga dos "grandes," gosa de protecção.

Caboclo máu este sertanejo retaco, de olhar duro, poucas falas, cuja alma — dizem as velhas — já pertence ao *maldito*, temido criminoso no logarejo, onde os leques dos buritysaes farfalham ás aragens dos chapadões.

AZEVEDO JUNIOR.

Juiz de Fóra, 1904.

# A Equitativa

## RELAÇÃO DAS

*Apolices sorteadas em dinheiro em vida do segurado*

EM 15 DE OUTUBRO DE 1906

43.174	Manoel Dias dos Reis . . . . .	Manãos — Amazonas
10.119	Bernardino Falcão Dias . . . . .	Viçosa — Alagoas
43.498	Arthur Pacheco de Oliveira . . . . .	S. Salvador — Bahia
44.201	Francisco de Castilhos Barboza . . . . .	Rumo da Lage — E. do Rio
17.541	Olympio de Mello Alvares . . . . .	Formosa — Goyaz
17.551	Antonio Pereira da Silva Tonico . . . . .	Mestre d'Armas — Goyaz
17.767	Sebastião da Silva Baptista . . . . .	Antas — Goyaz
40.007	Francisco José de Sá . . . . .	Pyrenopolis — Goyaz
40.537	David Hemeterio do Nascimento . . . . .	Goyaz
40.956	Theodoro Gonçalves de Oliveira . . . . .	Ponta Grossa — Paraná
4.704	Pompêo Ferreira da Costa Lima . . . . .	Aracaty — Ceará
16.511	Joseph Doria Netto . . . . .	Aracajú — Sergipe
10.840	Antonio Jovino da Fonseca . . . . .	Recife — Pernambuco
16.191	D. Anna Carlota de Souza . . . . .	Petrolina — Pernambuco
41.535	Dr. J. A. Pereira da Silva . . . . .	Rio Pardo — S. Paulo
16.623	Dr. Arthur de Paula Fajardo . . . . .	S. Paulo
10.081	Armando Pereira de Figueiredo . . . . .	Capital Federal
42.801	Alexandre Luiz de Souza Teixeira . . . . .	» »
12.778	Coronel Raphael Augusto da Cunha Mattos (*) . . . . .	» »
42.986	Alfredo Luiz Ribeiro . . . . .	» »
10.015	Manoel José Ponciano . . . . .	» »
42.461	José Antonio Duque . . . . .	Lima Duarte — Minas
43.417	Dr. Americo Gomes Ribeiro da Luz . . . . .	Musambinho — »
43.750	José Joaquim Lopes . . . . .	Monte-Verde — »
40.123	Carlos Abel Monteiro de Castro . . . . .	Ouro-Preto — Minas
40.110	Paulino Pereira da Silva e esposa . . . . .	Arassuahy — Minas
40.427	Francisco Theophilo dos Reis Junqueira . . . . .	Turvo — Minas
40.382	José da Fonseca Rangel . . . . .	S.º Antº do Machado — Minas
<b>FILIAL EM PORTUGAL:</b>		
21.094	João da Silva Catharino . . . . .	Alpiarça
20.332	José Rodrigues Ferreira Malva . . . . .	Villa de Soure
20.581	Manoel Ignacio de Oliveira Amieiro . . . . .	Lisboa
20.912	Arthur Penedo Costa . . . . .	Albandra
21.169	Affonso Augusto Dias . . . . .	Sabugal
21.435	Benigno dos Santos . . . . .	Caldas da Rainha
21.742	Antonio Bahia . . . . .	Montemór — o — novo

A apolice de resgate em dinheiro, de exclusiva invenção d'A *Equitativa*, é a ultima palavra em seguro de vida. ❀ ❀ ❀ ❀ ❀ ❀ ❀ ❀ ❀ ❀ ❀

Todos os sorteios são publicos e são dirigidos pelos representantes da imprensa, e teem lugar em 15 de Abril e 15 de Outubro de cada anno. ❀ ❀ ❀ ❀ ❀

Até hoje A EQUITATIVA tem sorteado 136 apolices na importancia total de . . . . .  
Rs. 595:000\$000, *pagos em dinheiro á vista*, sem prejuizo dos contractos que continuam em pleno vigor. ❀ ❀ ❀ ❀ ❀ ❀ ❀ ❀ ❀ ❀ ❀

(\*) Esta apolice, nos termos do contracto de seguro, entrou em sorteio, embora já tivesse sido paga em virtude do fallecimento do segurado. Proporcionou, pois, aos herdeiros, a quantia de 5:000\$000 dinheiro a vista, *post mortem*. ❀ ❀ ❀ ❀

# COMPANHIA MINERVA

SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

DEPOSITO NO THESOURO FEDERAL — 200.000.000

Rua 1.º de Março, 29 — RIO DE JANEIRO



DIRECTORIA

*Emilio do Amaral Ribeiro*

*Affonso Burlamaqui*

*Jacinto de Magalhães*



## SAHIU A LUZ

❖ ❖ O NOVO LIVRO DE ❖ ❖

## OLAVO BILAC

### Conferencias Literarias

— EDIÇÃO DE LUXO —

© © PREÇO — 5\$000 — A' VENDA NA © ©

Empreza Editora **Kósmos**

## RUA DA ALFANDEGA, 24

# KOSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario  
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL  
INTERIOR. . . . . 20\$000      EXTERIOR. . . . . 25\$000  
NUMERO AVULSO 2\$000 — ATRAZADO 3\$000

Redacção e Officinas  
RUA DA ALFANDEGA, 24  
RIO DE JANEIRO

ANNO III

NOVEMBRO 1906

N. 11

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

## Chronica

**E**STE mez foi intensamente, profundamente, essencialmente politico.

Tumulo de um periodo presidencial e berço de outro, novembro correu resoante de ovações de despedida e de ovações de boas-vindas. Os mesmos fardões de gala e as mesmas casacas, que se desempoeiraram e bruniram para as ultimas festas ao governo que morria, serviram depois para as primeiras festas ao governo que nascia. Grande e festivo mez !

Não se dirá d'elle que foi um mez "abysynio"... Não apedrejou o sol que expirava para agradar ao sol que surgia : teve flores e palmas para ambos ; e, se soube adular o novo presidente, soube tambem mostrar-se grato ao velho, ao que se retirava tendo prestado serviços á cidade e ao paiz.

Não é muito commum essa gratidão. Em geral os administradores, no dia em que acaba o seu poder, ficam sósinhos, insula-

dos, sem ter quem lhes diga uma palavra doce, nem quem, na hora suprema, lhes levante um *viva* entusiastico. E' profundamente vergonhosa essa ingratição, — mas é humana. E' mais do que humana : é animal... Porque não é o homem o unico animal que, na hora da desgraça, abandona a casa amiga que até então lhe deu alimento e carinho. Tambem os ratos fogem do navio que corre perigo de naufragio ; tambem os gatos fogem da casa em que entra a miseria ; tambem os animaes parasitas fogem do corpo que a morte esfria... A proposito d'isto, lembro-me uma phrase de certo amigo meu, num dia em que passavamos em frente ao palacio do Cattete. Era no inicio de um periodo presidencial. Havia muitos carros á porta do palacio, e muita gente que entrava e sahia, numa azafama febril. "Estás vendo aquillo ?" — disse o amigo — "quando chegar o fim do quatrienio, toda essa gente terá desaparecido : e só um animal ficará fiel ao presidente, vindo postar-se á porta do palacio... Será um passaro o ultimo amigo do sol no occaso..." — "Que passaro ?" — perguntei espantado. "Que passaro ?" a *andorinha*, que ha-de vir buscar-lhe os moveis..."

Felizmente, essa ingratidão não se revelou agora. Rodrigues Alves teve, no dia da sua partida para S. Paulo, uma estrondosa manifestação de apreço. Toda a cidade saudou com entusiasmo o seu Saneador : e o illustre brasileiro deve ter sentido bem quanto era espantosa, quanto era sincera e cordial aquella retumbante aclamação que reboou na Central, acompanhando o wagon que o levava a Guaratinguetá, ao lar e ao descanso, depois de quatro annos de um glorioso e fecundo trabalho. Dos quatro presidentes que governaram antes d'este, só Prudente de Moraes, o Pacificador, teve igual despedida. Campos Salles teve a tarefa ingrata de concertar as nossas finanças estouradas, e foi obrigado a fazer uma administração de obscuro labor, sujeitando-se a uma impopularidade inevitavel. Deodoro sahiu do poder em plena revolução. Floriano, ao sahir, deixou o paiz em plena guerra civil... O primeiro presidente popular foi o velho Prudente : e, depois d'elle, era justo que fosse amado do povo este, que, no curto governo de dois pares de annos, rejuvenesceu e embellezou a capital da Republica, multiplicou pelo interior do paiz as estradas de ferro, decretou a construcção dos portos que a nossa vida commercial reclamava, — e elevou no estrangeiro o nome do Brasil, tornando-o respeitado e admirado.



Quantas vezes terá sido executado, neste mez de novembro, aqui e por ahi fóra, em S. Paulo, torrão do ex-presidente, e em Minas, berço do presidente actual, — o nosso vibrante e admiravel *Hymno Nacional*, essa estupenda composição que nenhum brasileiro póde ouvir sem um calafrio de entusiasmo?

Mil vezes, talvez... Nada sabemos fazer sem o *Hymno Nacional*. Usamos e abusamos dessa musica patriotica, sem termo nem medida, e, ás vezes, nas menos apropriadas das occasiões. O Presidente da Republica não póde dar um passo, sem que uma banda de musica o saúde com a harmonia bellica da musica de Francisco Manoel ; com o hymno nacional se abrem e

fecham todas as solemnidades publicas ; não ha inauguração ou commemoração que o dispensem ; e é bom lembrar que, ainda ha poucos annos, as "cortezias," das quadrilhas de bandarilheiros e capinhas, na Praça de Touros, eram feitas ao som d'essa marcha patriotica...

Já não é tão grande o abuso, actualmente. Mas, ainda ha dois ou tres dias, passando á noite pela Avenida, encontrei a "banda allemã" (um horror !) que esganiçadamente se esalfava a executar essa musica martyr.

Ainda seria perdoavel o excesso, se o hymno sempre fosse correctamente executado. Mas cada banda tem o *seu* hymno nacional. A's vezes é um canto de guerra, outras vezes é um dobrado languoroso. A's vezes, é triste e arrastado como uma musica de cantochão ; outras vezes, é repinicado e pelintra como um *jongo*. A imaginação de cada instrumentador e a fantasia de cada regente vão assim inventando uma infinita multidão de variantes do *Hymno Nacional*...

Ora, é evidente, é intuitivo que o Hymno de uma nação não póde estar exposto a essas adulterações. Ninguem admittiria que os fabricantes de bandeiras introduzissem alteraões na forma da bandeira nacional, dando, por exemplo á esphera azul a côr verde, mudando para azul o amarello do losango e para amarello o campo verde do fundo do pavilhão. No dia em que um sirgheiro se lembrasse de pôr em pratica uma tal innovação, a policia apprehenderia, com justiça, todas as bandeiras nacionaes assim alteradas... Se esse respeito merece a bandeira, porque não ha-de tambem merecel-o o hymno, que é tão sagrado, e deve ser tão inviolavel como ella ?



Foi contra esse abuso que nobremente se insurgiu, ha alguns dias, o nosso illustre e querido maestro Alberto Nepomuceno, com o seu duplo direito e duplo dever de artista e de director do Instituto Nacional de Musica. Felizmente, Nepomuceno não

se limitou a protestar platonicamente: dirigiu-se, em documento official, ao ministro do Interior, e referiu-lhe o que acabava de observar :

“Achando-me presente, por dever de meu cargo, á recepção do Palacio presidencial no dia 15 de Novembro, tive occasião de ouvir á chegada do Exm. Sr. Dr. Affonso Augusto Moreira Penna, que vinha de ser empossado nas altas funcções do cargo de Chefe do Estado, o Hymno Nacional, executado successivamente por tres bandas militares postadas no saguão do Palacio. Impressionou-me desagradavelmente o facto de a banda que executou o Hymno em segundo lugar e que, fui informado, era uma das da Brigada, fazel-o com uma variante melodica positivamente errada, pois que se achava em evidente desaccordo com a harmonia do acompanhamento, com o qual absolutamente não se compadecia.”

Como se vê, até pelas bandas militares o *Hymno Nacional* é adulterado ! Que não fará a pavorosa e medonha “banda allemã”, e que não farão as desafinadas e rangedoras bandas, orchestras e philarmonicas, que, por este vastissimo Brazil, vivem todos os dias a executar o nosso misero hymno ? Aqui está um caso em que o verbo *executar* pode ser empregado em mais de um sentido : — o nosso hymno é frequentemente submettido a uma execução... capital !

Alberto Nepomuceno continúa d'este modo a sua exposição :

“Tratando-se de um dos symbolos da patria, de antigas tradições, já vindo do antigo regimen e conservado pelo decreto n. 171, do Governo Provisorio, de 20 de Janeiro de 1890, penso que qualquer vicio que nelle occorra, por defeito de cópia, deve ser immediatamente corrigido, assim como qualquer alteração, sem a authorisação do poder competente, constitue falsificação de documento publico e como tal devem ser punidos os seus autores. A instrumentação mesma do Hymno deve ser apropriada á natureza do conjuncto musical militar adoptado officialmente, banda ou fanfarra, assim como para orchestra, pois que as differenças que possam existir em

instrumentação de procedencias diversas podem dar lugar a variantes, sejam harmonicas, melodicas ou rythmicas, perturbadoras em sua essencia da integridade do pensamento do autor, e, portanto, da lei. Peço-vos, pois, permissão para lembrar-vos a conveniencia de providencias no sentido de os Hymnos Nacional e da Proclamação da Republica, serem executados como fielmente se contêm nos exemplares que devem existir no Archivo Publico, e caso não haja taes exemplares, a profissionaes de competencia officialmente reconhecida deve ser confiada a tarefa de instrumental-os, devendo ser tal instrumentação, depois de impressa, depositada no referido Archivo.”.



E' de esperar que tal protesto, — partindo de um artista, que além da responsabilidade pessoal que lhe impõe o seu nome admirado, ainda tem autoridade maior, como director que é do nosso unico Instituto Official de Musica, — seja recebido e estudado, como merece, pelo ministro.

A occasião não podia ser melhor... Durante as festas e ceremonias da passagem do governo, o brilhante e veneravel trabalho de Francisco Manoel andou por ali soffrendo mil córtes, augmentos, mutilações, accrescimos, profanações e estragos. O *Hymno Nacional*, se fosse gente, estaria a esta hora no hospital, e, se fosse navio, estaria no dique, curando as contusões e reparando as avarias soffridas no correr d'esse torturante periodo de cerimonias e festas...

Fiquem as nossas bandas, e nossas orchestras com o direito de modificar á vontade a harmonia, a melodia, o rythmo, o andamento de todas as operas, operetas, quadrilhas, polkas, walsas e tangos de todos os paizes e de todos os tempos. Se quizerem a toda a força estragar alguns hymnos, atirem-se contra os hymnos estrangeiros ! Mas poupem o *Hymno Nacional*, que, como escreveu o eminente director do Instituto de Musica, é um documento publico, cuja falsificação pode e deve ser punida com todo o rigor.

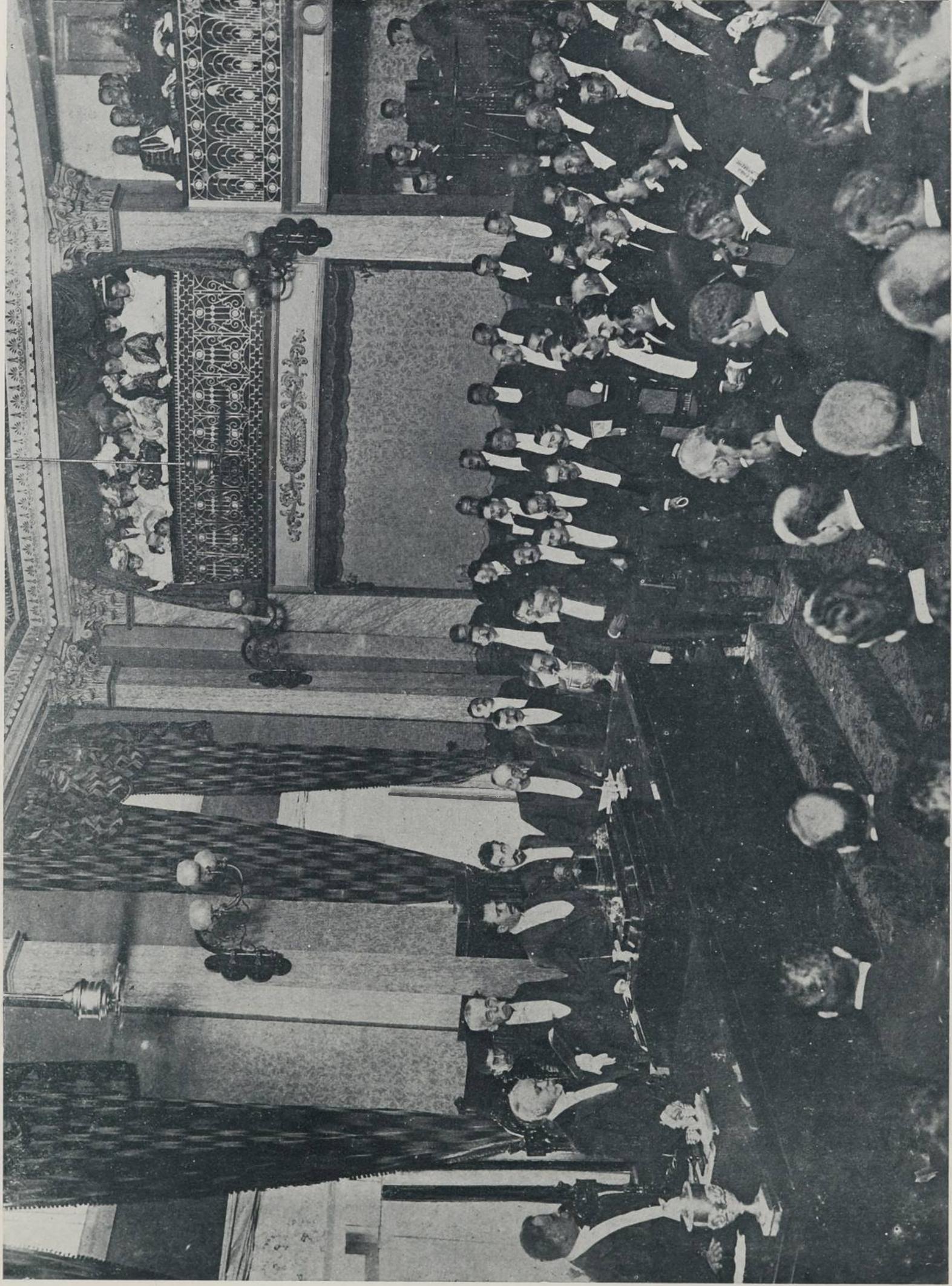
O. B.

COLOSSO VEGETAL



JEQUITIBÁ — ESTADO DE S. PAULO. 24 METROS DE CIRCUMFERENCIA A 2 METROS ACIMA DO SOLO — 60 METROS DE ALTURA

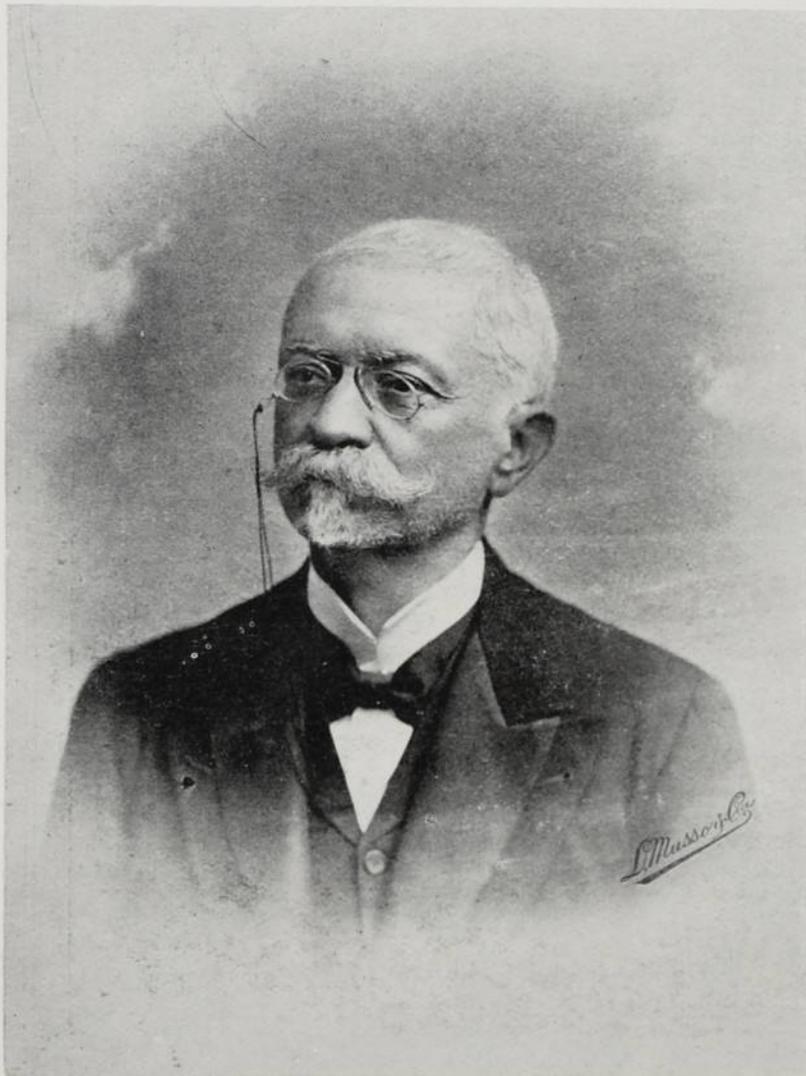
SENADO FEDERAL



OS DRS. AFFONSO PENNA E NILO PEÇANHA PRESIDENTE E VICE-PRESIDENTE DA REPUBLICA TOMAM POSSE DE SEUS CARGOS. INSTANTANEO FEITO NO MOMENTO EM QUE O DR. AFFONSO PENNA LÊ O COMPROMISSO CONSTITUCIONAL.

# ○ NOVO GOVERNO

PRESIDENTE



Dr. Affonso Augusto Moreira Penna

Nascido em Minas Geraes (Santa Barbara) em 30 de Novembro de 1847—Conta portanto 59 annos. Bacharel e Doutor em Direito pela Faculdade de S. Paulo em 1870-1871. Deputado provincial e geral em diversas legislaturas. Ministro da Guerra, Agricultura e Justiça em tres gabinetes do Imperio presididos por Martinho Campos, Laffayete e Saraiva. Senador estadual, resignou a cadeira por não concordar com o golpe de Estado de 3 de Novembro. Presidente do Estado de Minas em 1892-1894. Presidente do Banco da Republica em 1895-1898. Vice-presidente da Republica em 1902-1906. Para conhecer das necessidades dos Estados empreendeu longa e exhaustiva viagem de que regressou pouco antes da posse. Espirito calmo, ponderado, reflectido, fiel zelador das velhas tradições da probidade mineira, muito espera o paiz do seu governo.

VICE-PRESIDENTE



Dr. Nilo Peçanha

Nasceu no Estado do Rio (Campos) em 1868; foi ardoroso paladino das idéas republicanas. Deputado ao Congresso Republicano Constituinte e depois em successivas legislaturas, Senador em 1904 e nesse mesmo anno Presidente do seu Estado natal.

Orador ardente e impetuoso, revelou-se como administrador adoptando as idéas de expansão economica que vem pregando os mineiros e que agora põe em pratica no Estado o Dr. João Pinheiro, fazendo parte da plataforma presidencial do Dr. Affonso Penna. Restaurador das finanças do seu Estado e feliz propugnador de novas culturas em substituição á do café.

No posto de vice-presidente espera-se seja um leal auxiliar do venerando mineiro.

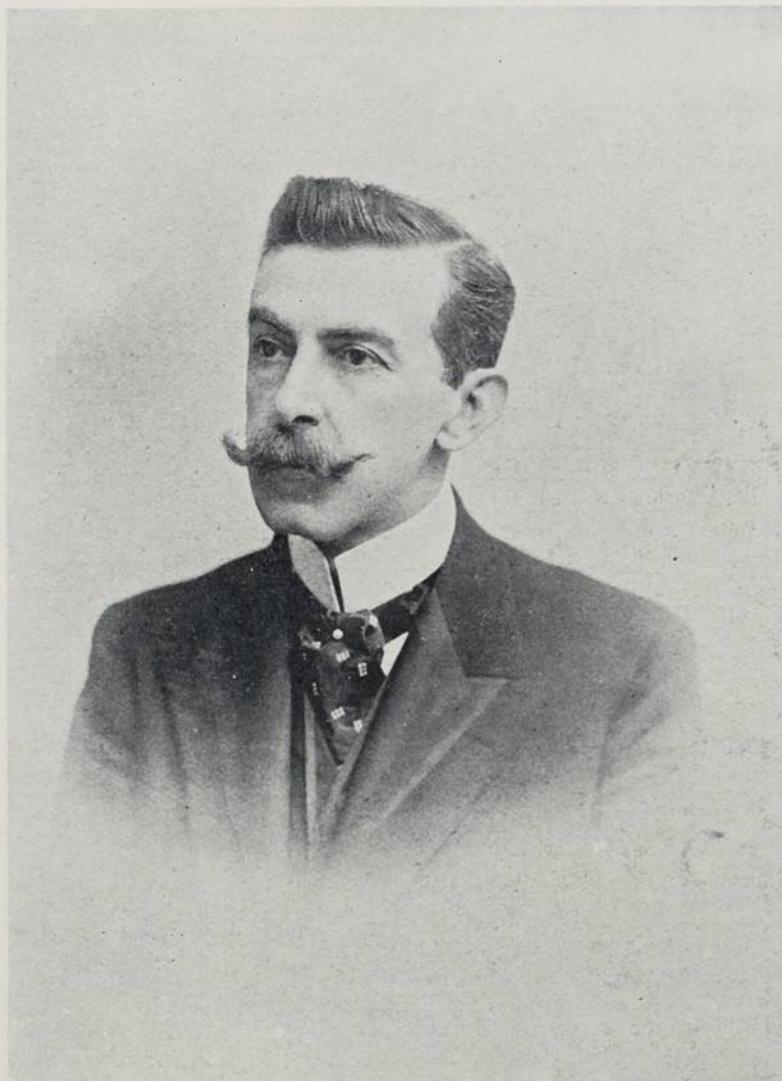
MINISTRO DAS RELAÇÕES  
EXTERIORES



Barão do Rio Branco

Nasceu nesta Capital a 30 de Abril de 1845. Bacharel em direito por S. Paulo. Deputado geral em 1869-1875 por Matto Grosso. Jornalista brilhante, redigiu *A Nação*. Ministro das Relações Exteriores em 1902-1906, continuou no governo a trabalhar pela resolução dos litigios que teve o Brasil com varios paizes limitrophes, conseguindo-o com felicidade. Os successivos triumphos da diplomacia brasileira que elle iniciou com as Missões e Amapá fechando no extincto governo com o 3º Congresso Pan-Americano são as melhores seguranças de que no actual periodo presidencial se concluem com felicidade todas as nossas pendencias internacionaes. E foi assim pensando que o Dr. Affonso Penna convidou-o a continuar no cargo que vem brilhantemente exercendo ha 4 annos.

MINISTRO DA FAZENDA



Dr. David Moretzohn Campista

Nascido nesta cidade em 22 de Janeiro de 1863, bacharelou-se em S. Paulo em 1883. Deputado á Constituinte em 1891 e depois á legislatura ordinaria. Secretario da Agricultura do governo Affonso Penna, impulsionou grandemente a immigração e construcção de vias ferreas. Em 1894 foi como Delegado do Estado para a Europa de onde voltou em 1898 para assumir o cargo de Secretario das Finanças do governo Silviano Brandão.

Deputado federal em 1902-1906, conquistou proeminente posição na Camara pela sua eloquencia original em que os argumentos fluem de envolta com a *verve* ironica que sempre desnorteou os seus adversarios da tribuna. Amigo leal do novo presidente o departamento que dirige ha de forçosamente reflectir o brilho de sua intelligencia aprimorada.

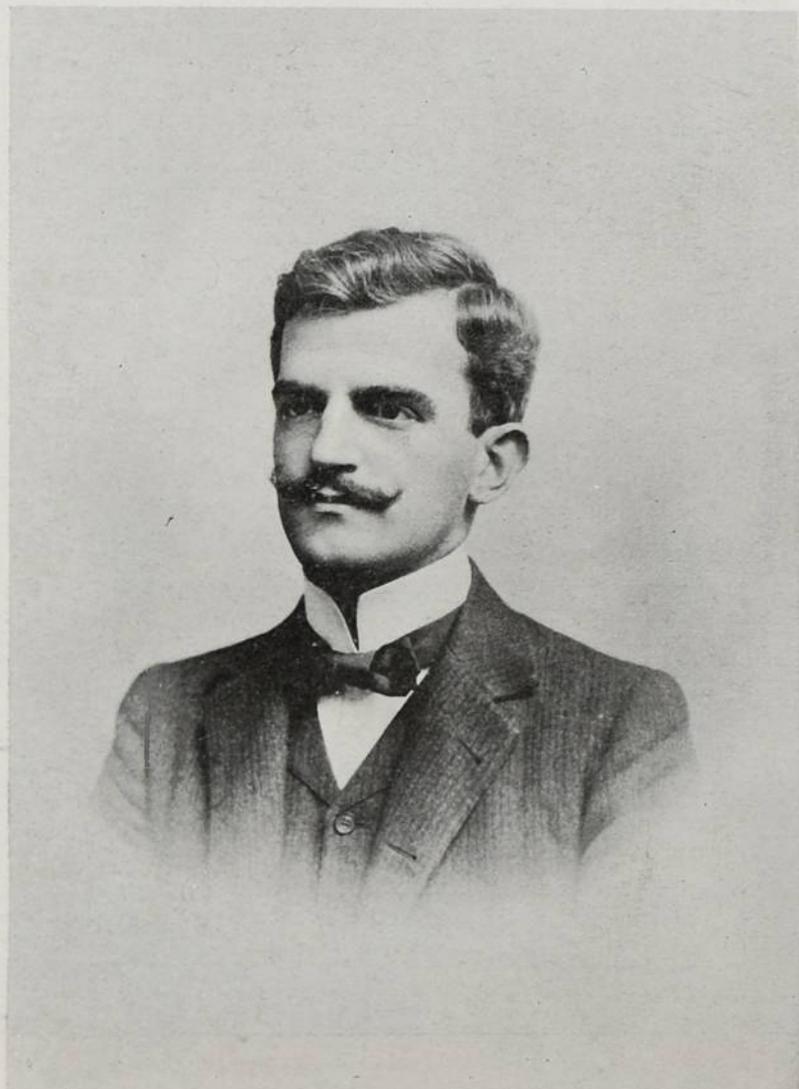
MINISTRO DA JUSTIÇA  
E NEGÓCIOS INTERIORES



Dr. Augusto Tavares de Lyra

Nascido no Rio Grande do Norte em 25 de Dezembro de 1872. Bacharel em Direito pela Faculdade do Recife; Lente de Historia do Lyceu Norte Rio Grandense. Deputado federal em diversas legislaturas, fez-se notar por seu profundo amor ao trabalho, competencia e erudição; foi membro da Comissão do Código Civil; exercia ao ser convidado para o cargo de Ministro do Interior a presidencia do seu Estado natal que muitos beneficios lhe fica a dever. Muito moço ainda de uma lhaneza e affabilidade que logo attrahem as sympathias dos que se lhe acercam unindo a isto uma grande firmeza de character, certamente os diferentes departamentos de sua secretaria muito terão a lucrar de sua activa e intelligente acção. Cultor extrenuo do direito cabia-lhe bem a pasta da justiça.

MINISTRO DA INDUSTRIA,  
VIAÇÃO E OBRAS PUBLICAS



Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida

O Benjamin do Ministerio. Nasceu na Bahia em 18 de Setembro de 1878. Formou-se em 1900 na Escola Polytechnica do Rio, tendo feito um brillantissimo curso, obtendo a *medalha de ouro* Gomes Jardim. Lente da Escola Polytechnica da Bahia. Secretario da Agricultura no governo Severino Vieira, dedicou todos os seus esforços em prol da lavoura de seu Estado, reorganizando o ensino agricola, fundando o campo viticola de Joazeiro, buscando debellar a crise assucareira de forma a provocar os mais calorosos applausos. Deputado federal na presente legislatura foi escolhido para occupar a pasta da viação, na qual tem larga margem para farta messe de novos triumphos. Seu amor ás questões agricolas que estudou aqui e em dilatada viagem, no Oriente, fal-o-á excellente executor das promessas da mensagem presidencial referentes ao assumpto.

MINISTRO DA MARINHA

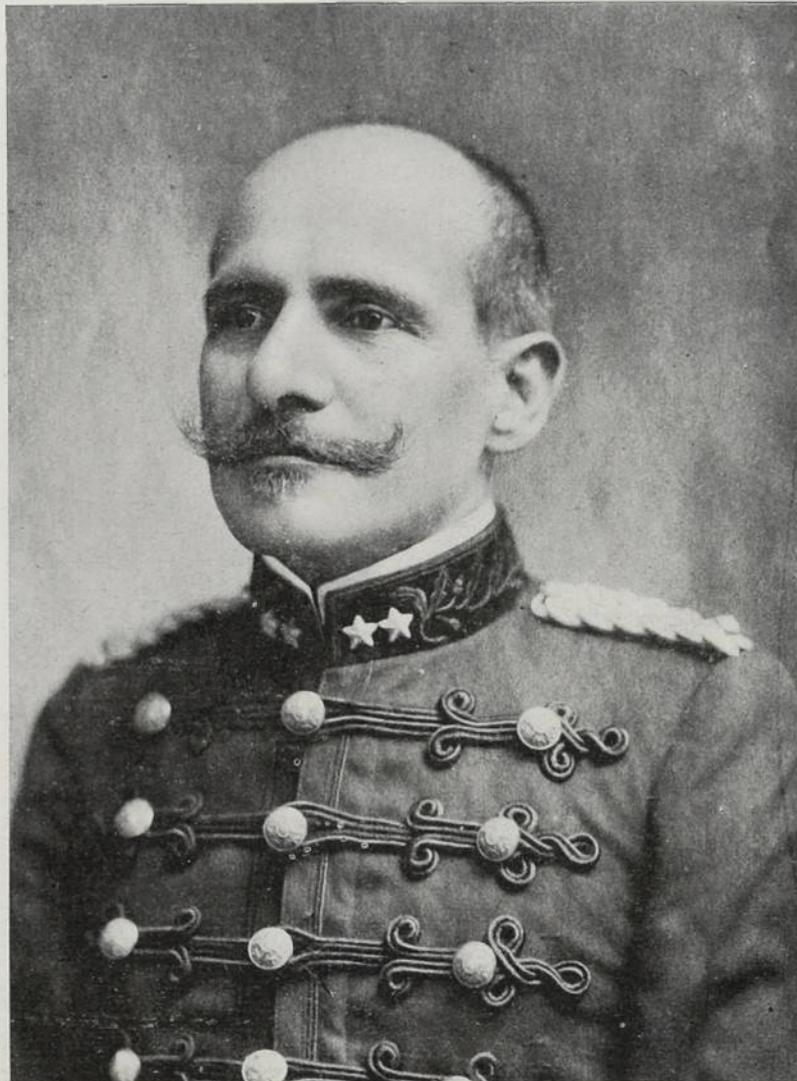


Contra-Almirante Alexandrino de Alencar

Natural do Estado do Rio Grande do Sul, nascido em 12 de Outubro de 1850.

Um dos mais competentes e cultos dos nossos officiaes de mar, tem uma fé de officio de grande brilho, cheia de elogios ao desempenho das commissões que exerceu desde que assentou praça em 1865. De sua administração muito ha a esperar agora, que se trata de completar o nosso material naval tão desfalcado. As encommendas já feitas na Europa, certamente merecerão todos os seus cuidados, de modo a dotar a nossa marinha dos elementos de que ella necessita.

MINISTRO DA GUERRA



Marechal Hermes da Fonseca

Passou o Marechal Hermes da Fonseca, nascido em 12 de Maio de 1855 no Rio Grande do Sul de commandante do 4º Districto Militar para o arduo posto de Ministro da Guerra. Sua longa e brilhante fé de officio, mostra o militar correcto e disciplinado, e disciplinador o revela a serie de commandos que exerceu com honra.

Tendo feito tanto como commandante do Districto junto a um ministro de orientação acanhada, é natural que agora lhe caiba reorganizar por completo o nosso exercito, tanto mais quanto deixou como seu substituto no Districto um dos nossos mais completos typos de militar, o general Mendes de Moraes, cuja cooperação produzirá certamente admiraveis resultados no departamento da guerra.

PREFEITO DO DISTRICTO FEDERAL

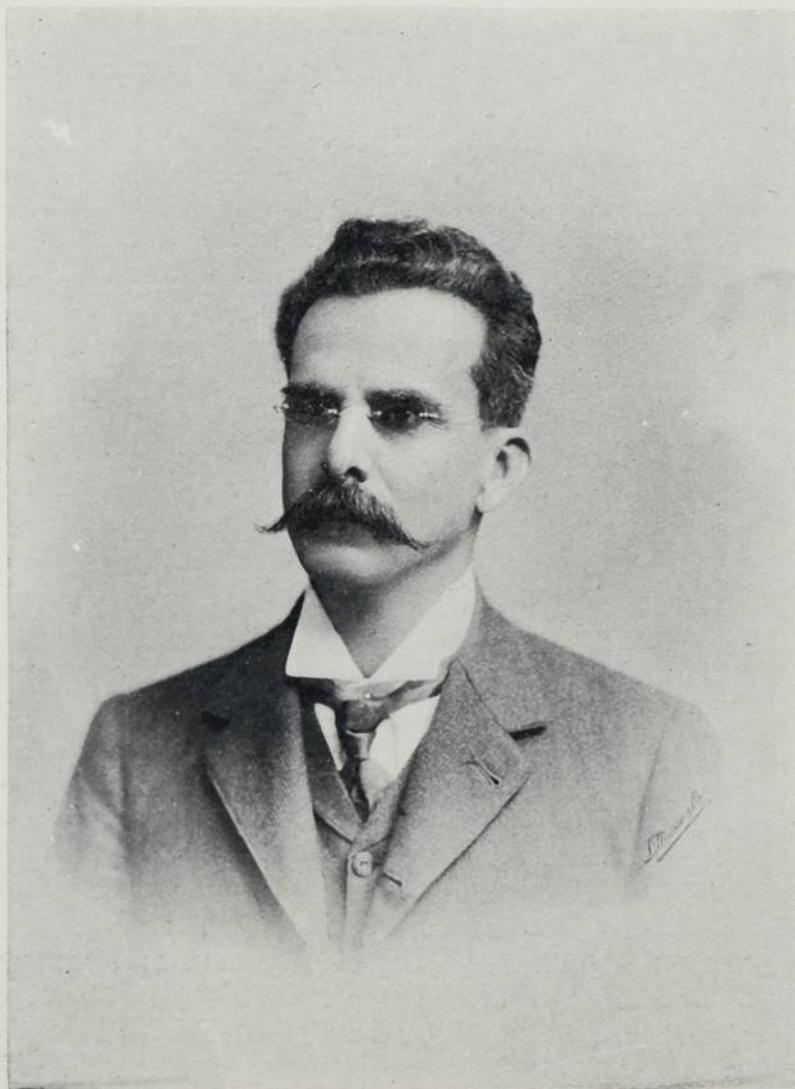
CHEFE DE POLICIA



General Francisco Marcellino de Souza Aguiar

Depois de um Prefeito como Pereira Passos difficil seria a um governo amigo desta cidade escolher seu substituto. Foi o Dr. Affonso Penna procural-o nessa familia Aguiar que tão brillantemente vem occupando salientes posições em nossa administração.

Profissional cuja competencia attestam esse Quartel do Corpo de Bombeiros da Praça da Republica, o Palacio Monroe surgido como por encanto na Avenida e o edificio ainda em construcção da Bibliotheca Nacional, como administrador foi consagrado em sua passagem pelo Corpo de Bombeiros e Direcção dos Telegraphos. Representante do Brasil no certamen internacional de S. Luiz, os magnificos resultados pelo paiz collidos nessa exposição em magna parte lhe são devidos. A obra fecunda de Pereira Passos, podemos ficar certos, será continuada pelo emerito general Aguiar. Tem 51 annos o novo Prefeito.



Dr. Alfredo Pinto Vieira de Mello

E' filho de Pernambuco, em cuja capital nasceu e bacharelou-se em Direito. Fixou residencia no Estado de Minas, ali exercendo varios cargos de magistratura; em 1894 foi nomeado Chefe de Policia do Estado pelo seu Presidente Dr. Affonso Penna, nesse cargo se conservando no governo Bias Fortes. Deputado federal em 1896 — 1902 pelo Estado de Minas. Foi Membro da Commissão doCodigo Civil, e é o autor da famosa lei n. 628, de 1899, sobre o jogo e delictos contra a propriedade. Muito affavel, o novo Chefe de Policia, goza de grandes sympathias nesta Capital, que, de sua energia assás comprovada, muito espera para o seu bom policiamento, sempre tão descurado.

# As Obras do Porto e do Canal do Mangue

NO

TRIENNIO DE 1903 A 1906

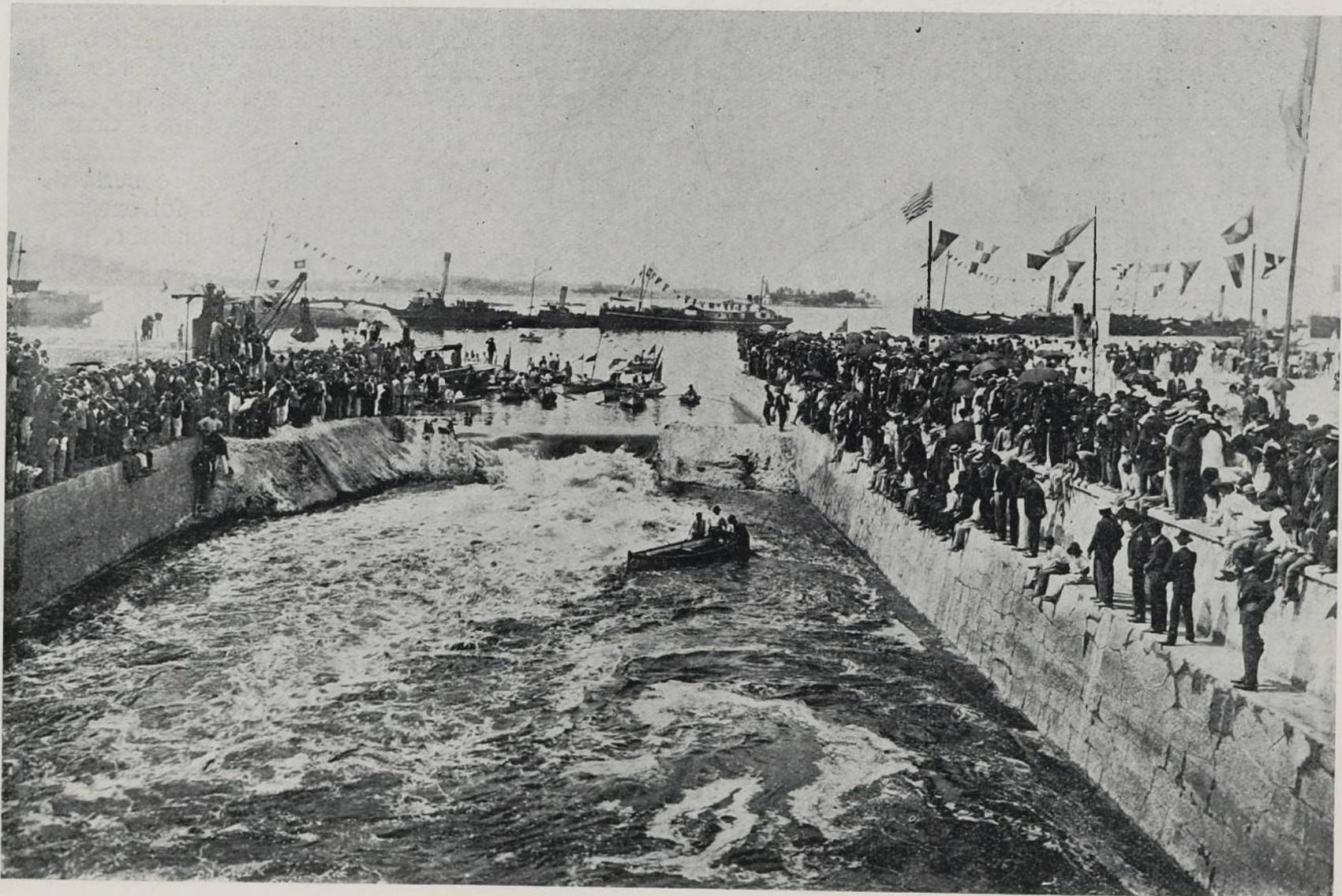
SEU ESTADO ACTUAL

EM cumprimento do seu vasto e patriótico programma o Governo transacto, escudado na lei orçamentaria votada para o exercicio de 1903 deu inicio ás obras do porto do Rio de Janeiro, um dos maiores e mais necessarios empreendimentos nacionaes, tendo previamente decretado um conjuncto de medidas indispensaveis para que a sua execução se realisasse sem tropeços, dispondo-se de fartos meios financeiros, feito um contracto com uma firma empreiteira das mais idoneas, e submettidos todos os trabalhos á fiscalisação ou á administração de uma comissão composta de engenheiros dos mais aptos e distinctos.

O plano geral dos melhoramentos não só comprehendia um caes acostavel pelos navios do maior calado com 3500 metros de desenvolvimento, um canal de 150 metros de lar-

gura inicial, dragado ao longo delle, para mais tarde ser ampliado para 250 metros e o aterro de toda a superficie do esteiro encerrado entre o litoral e a linha do caes projectado, trabalhos estes contractados com os Srs. C. H. Walker & C. para serem concluidos até 30 de Junho de 1910, como tambem provia de soberbas communições com a cidade as extremidades da extensa faixa de 100 metros de largura, abrangendo a rua marginal destinada ás vias ferreas e aos guindastes rodantes, uma serie de armazens com 35 metros de fundo e uma ampla Avenida de 40 metros. Estas vias de comunicação eram de um lado, na Prainha, a Avenida Central, cuja construcção, tendo sido incumbida a uma Comissão especial chefiada pelo illustre Dr. Paulo de Frontin foi levada a termo com brilhante exito, e de outro lado a dupla Avenida margeando o Canal do Mangue, no seu prolongamento, cujas obras foram executadas administrativamente por uma das secções da Comissão do porto.

Em 29 de Março de 1903 inaugurava-se com grande solemnidade o inicio das obras do porto pela dragagem da enseada da Saude em frente ás Docas Nacionaes, e só em 1 de Maio de 1905, isto é dous annos depois, celebrava-se festivamente a inauguração do caes,



CANAL DO MANGUE (ENTRADA DAS AGUAS DO MAR)

sendo fixado ao paramento externo da muralha, em um dos dois blocos, que já então emergiam das aguas uma placa commemorativa de bronze. O periodo relativamente longo que medeiou entre estes dous actos de inauguração foi devido á necessidade de ter a empreza contractante não só de encomendar na Europa os andaimes fluctuantes, de complicada structura, destinados á construcção do caes, além dos primeiros caixões e das enseccadeiras, como tambem de aqui estabelecer installações convenientes, quer para a montagem de todos essesapparelhos, quer para o preparo e concertos da numerosa flotilha ao seu serviço, e exploração em grande escala de pedreiras; e tudo isto realizou de um modo completo na ilha de Santa Barbara, que lhe foi cedida pelo Governo até findar-se o prazo do contracto, e no estabelecimento da Ponta da Arêa, cuja propriedade ella adquirio.

A demora havida foi porém rapidamente resarcida, depois que entraram em serviço os dois andaimes fluctuantes, trabalhando simultaneamente, cada um em levantar um dos blocos de cerca de 25 metros de comprimento, de que se compõem o massiço da muralha, e accelerando-se o trabalho á medida que o pessoal de trabalhadores se foi amestrando nos diversos mistéres, e principalmente nos serviços que exigiam o emprego do ar comprimido.

Assim é que aos 30 de Junho, prazo estipulado para a entrega ao Governo da 1ª secção do caes, os empreiteiros já haviam concluido um trecho continuo de 500 metros de muralha, e a dragagem a 8 metros, sob o nivel de baixa-mar, do canal ao longo do caes, mas faltava-lhes completar o aterro correspondente, isto em consequencia de ter-se aventado a idéa de substituir as terras do morro do Senado, affectas pelo contracto ás obras do porto pelas do morro do Castello; idéa que afinal não se realizou por envolver despeza muito mais consideravel.

O dia 8 deste mez de Novembro foi por fim marcado para a cerimonia da entrega da 1ª secção pelos Srs. Walker & C.; atracou então pela primeira vez ao novo caes um grande vapor: o *Goyaz*, do *Lloyd Brasileiro* e o passado Presidente da Republica, o benemerito Dr. Rodrigues Alves, acompanhado pelos membros do seu governo e outras altas auctoridades, foi o primeiro a descer de bordo para o novo caes, cortando a fita symbolica de cores nacionaes, preza entre dois postes de amarração precisamente no ponto, onde 18 mezes antes fôra fixada a placa commemorativa da inauguração dos trabalhos do caes.

Ao mesmo tempo que a Empreza contractante perfazia com brilho a primeira parte

de sua colossal tarefa, sob a minuciosa e desvelada fiscalisação dos engenheiros da grande commissão, outra secção da mesma esforçava-se, vencendo grandes e numerosas difficuldades, por adiantar sufficientemente as obras do Canal e Avenida do Mangue a ponto de, no dia marcado para a entrega dos primeiros 500 metros de caes, poder dar entrada ás aguas do mar no novo leito do canal, apezar de neile ter-se de manter, por algum tempo mais, a travessia em aterro das linhas provisórias da Central do Brasil; tambem pela mesma occasião abria-se ao transito publico a Avenida da Margem direita do canal, na extensão de mais de 1500 metros, quasi toda macadamizada, com os passeios arborizados, e o contiguo ao canal todo calçado a lagedo artificial de cimento, tendo sido rematado o capeamento do muro por uma balaustrada de ferro de bellissimo effeito; demais ao longo do velho trecho do canal, na extensão de quasi 1200 metros de cada lado do canal, entre as filas de palmeiras que o ornam, novas ruas, perfeitamente asphaltadas, inauguravam-se, sendo uma dellas percorrida pela primeira vez pelos carros e automoveis da comitiva presidencial.

Junto ao novo caes já estava erguido, no dia da festa inaugural, e em adiantada construcção, dentro da faixa de 35 metros de largura dos futuros entrepostos alfandegados, um armazem coberto de ruberoid e revestido de grades de ferro estirado, promptas a receber o concreto e prezas aos esteios de madeira, fortemente apoiados sobre uma base de enrocamento e de uma camada de concreto. Esta construcção, occupando uma area coberta de cerca de 1250 metros quadrados foi executada administrativamente pela Commissão, com o character provisório, tendo em vista que o terreno artificial, ainda não completamente acamado, não poderá supportar as construcções definitivas se não passado algum tempo, depois de prompto.

No dia da inauguração da 1ª secção do caes de 500 metros de extensão, já se achavam construidos até o capeamento 760 metros de muralha, incluindo-se a entrada para o Canal do Mangue, sendo que mais 100 metros estavam com as fundações terminadas ou com as alvenarias em andamento dentro das enseccadeiras. Para isto empregaram-se 34 caixões, fundados pelo processo Hersent de ar comprimido, empregado em Antuerpia, e actualmente muito aperfeiçoado neste porto.

As fundações attingem em toda a parte o terreno resistente e incompressivel, isto é: rocha, pedra em decomposição, ou areia grossa,

# Comissão-Fiscal Administrativa das Obras do Porto



a profundidades variaveis de 10<sup>m</sup>,553 a 12<sup>m</sup>,985 sob o nivel médio do mar até o caixão n. 29, notando-se que é de 12<sup>m</sup>,50 a altura normal da muralha do typo adoptado, contada abaixo do referido plano de referencia; em alguns desses caixões foi mister praticar por meio de minas pequenos córtes em rocha, de maneira a poder nivelal-os. Os dois andaimes fluctuantes foram, a principio, desenvolvendo o seu trabalho a partir de um ponto em direcção aos extremos; chegando, porém, um delles além do canal do Mangue, quasi em frente á rua S. Christovão, passou a servir do lado da Gambôa, para preparar o bloco n. 35, onde para attingir o terreno firme foi necessario aprofundar as fundações até á cota de 17<sup>m</sup>,57 sob maré média, motivando este facto extraordinarias difficuldades de execução que foram felizmente vencidas, e que justificam plenamente a modificação ultimamente adoptada para a muralha, de maneira a ser ella erigida sobre uma larga base de enrocamento com prévia dragagem até o terreno resistente.

A dragagem do canal, com 150 metros de largura provisoria em frente ao caes em construcção foi executada não só na 1<sup>a</sup> secção, como na 2<sup>a</sup> de 600 metros, entrando-se na 3<sup>a</sup>, sendo extrahido e levado até á ilha Raza um volume total de 2.648.889 metros cubicos de lodo com mistura de areia e de tabatinga. Além disto 176.225 metros cubicos, de areias limpas foram extrahidas de um banco ao Sul da ilha das Cobras e aproveitadas na formação do terrapleno atraz do caes. Foram empregados nestes serviços tres grandes dragas, podendo escavar por hora de 224 a 250 metros cubicos de areia, sete batelões a vapor, da capacidade de pouco mais de 400 metros cubicos cada um, uma draga de sucção e tres grandes chatas preparadas para o transporte de areia, rebocadores e uma barca d'agua.

Emquanto as obras do porto eram executadas pelos contractantes C. H. Walker & C. sob a fiscalisação da Commissão, as do Canal do Mangue e das Avenidas marginaes o eram administrativamente. Em dois annos e meio de trabalho effectivo acham-se estas em via de conclusão, faltando apenas a ligação da muralha da margem esquerda do Canal com o caes e dous curtos trechos de muralha junto ao grandioso viaducto da E. de F. Central, pelo qual dentro em breve passarão as quatro vias de sua linha principal; e nas avenidas, resta ainda completar algum aterro e o calçamento da da margem esquerda.

Nestas obras foram executadas até fins de Outubro passado as seguintes quantidades de trabalho:

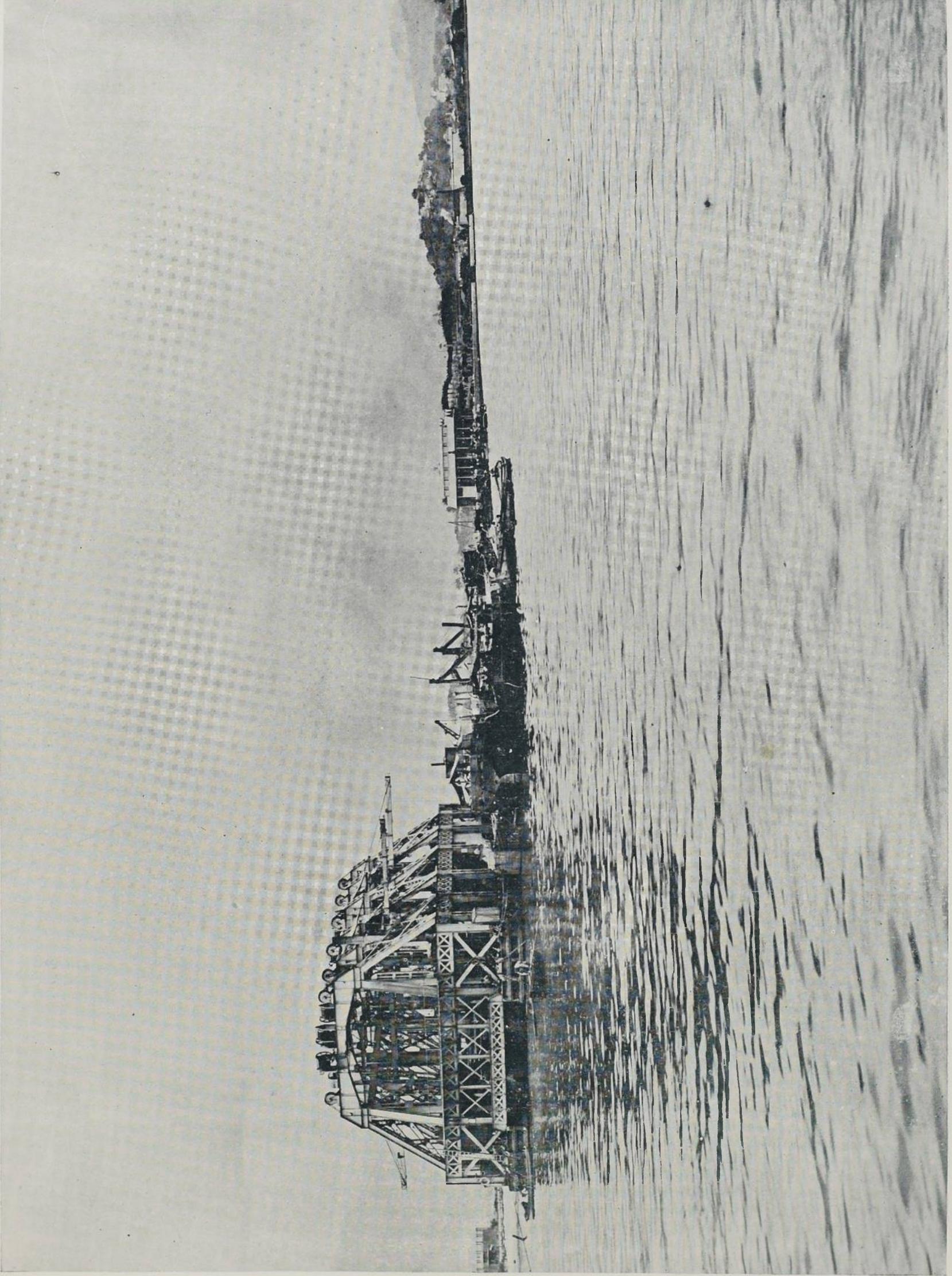
Escavação para fundações . . .	95.984 m <sup>3</sup>
Escavação para a abertura do canal . . . . .	119.114 m <sup>3</sup>
Aterros das Avenidas . . . . .	105.424 m <sup>3</sup>
Concreto nas muralhas . . . . .	29.218 m <sup>3</sup>
Alvenaria de pedra secca . . . . .	12.139 m <sup>3</sup>
Alvenaria com argamassa de cimento . . . . .	20.281 m <sup>3</sup>
Estacas fincadas para as fundações . . . . .	2.422
Area calçada a asphalto . . . . .	27.000 m <sup>2</sup>
Montagem de 11 superstructuras metallicas de pontes . . . . .	1.280 tons.

No trajecto em curva entre a antiga ponte dos Marinheiros e a travessia da E. de F. Central accumularam-se grandes difficuldades, provenientes não só da natureza do terreno, como da circumstancia de ser necessario desviar encanamentos de ferro de grande diametro do abastecimento d'agua á cidade e da Companhia do Gaz, substituir um de 0<sup>m</sup>,80 das aguas que passavam sob pilares de alvenaria junto á Central, por dous de 0<sup>m</sup>,50, de maneira a poderem caber nos vãos, que sob os passeios separam as vigas da nova ponte de Villa-Izabel.

A abertura do canal foi executada por meio de um excavador montado sobre um cableway, cujas torres de 15 metros de altura distam entre si cerca de 100 metros; sendo que o emprego deste processo permittiu effectuar a escavação de um modo muito rapido e economico. Tambem a acquisição e montagem de um grande britador americano do systema Austin foi uma acertada medida, conseguindo-se por preço modico fabricar até 200 metros cubicos de macadam por dia, o que muito facilitou e accelerou o preparo do concreto e a macadamisação da Avenida.

A extensão total do Canal do Mangue até o mar é de 2.704 metros, e a faixa, occupada pelo canal e pelas avenidas lateraes na recta, comprehendida entre a travessia da E. de F. Central e o mar têm a grande largura de 94 metros.

As amplas e bellas alamedas, assim creadas, unem-se a futura Avenida do Porto, a qual, tambem arborizada percorrerá, ao longo do caes em construcção, com 40 metros de largura, a distancia de 3.300 metros que separa o Canal do Mangue da Prainha; neste ponto entronca-se por sua vez a Avenida Central, atravessando a cidade commercial de mar a mar. Assim dentro de quatro annos, concluidas as obras do porto se estabelecerá uma via de communicação de rara grandeza e opulencia com cerca de oito kilometros de desenvolvimento, a rivalizar com a formosa Avenida Beiramar.



OBRAS DO PORTO — O ANDAIME FLUCTUANTE



O TRECHO DE CÃES INAUGURADO E OS ARMAZENS PROVISÓRIOS



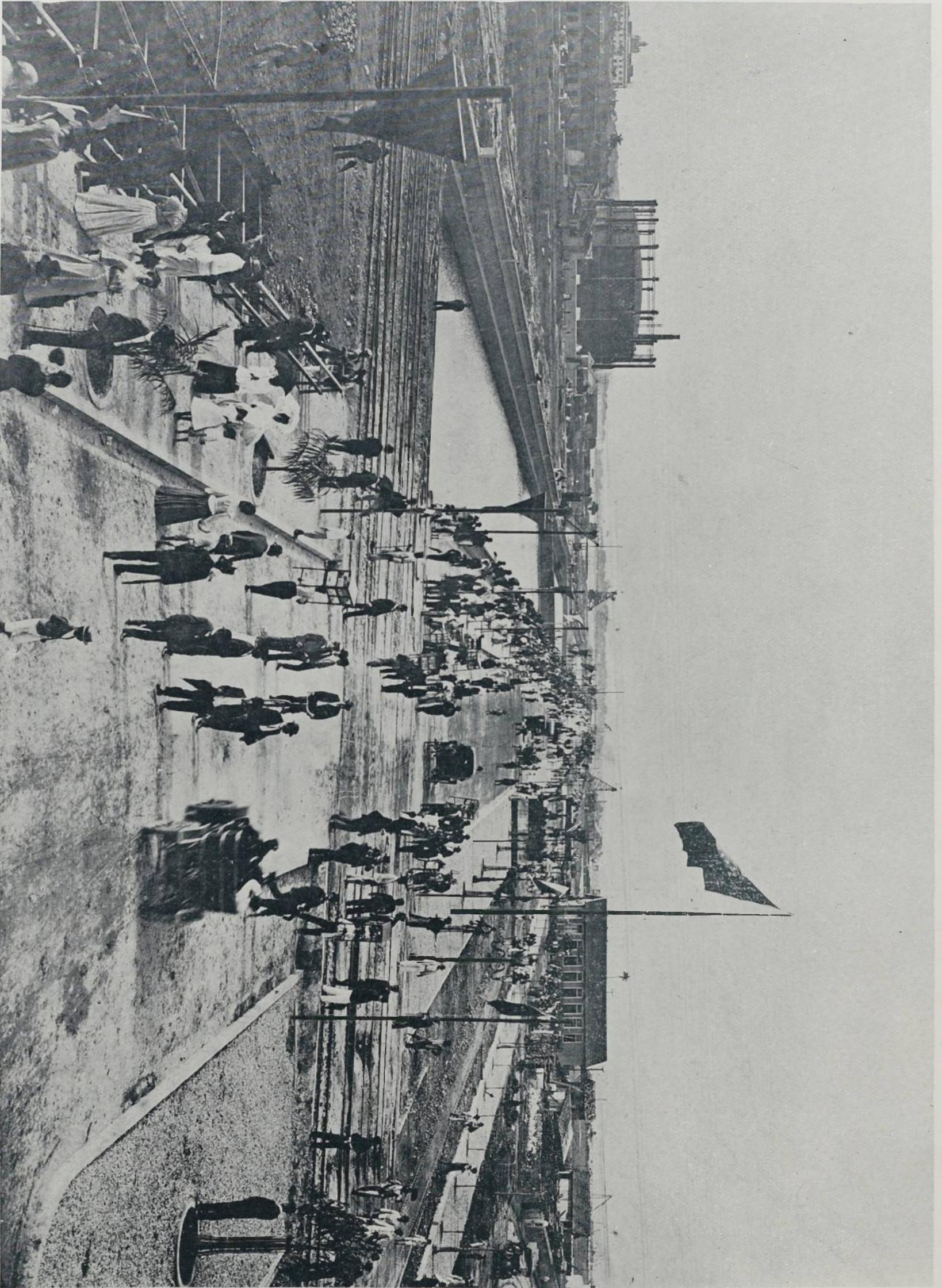
O VAPOR «GOYAZ» ATRACADO AO CÃES



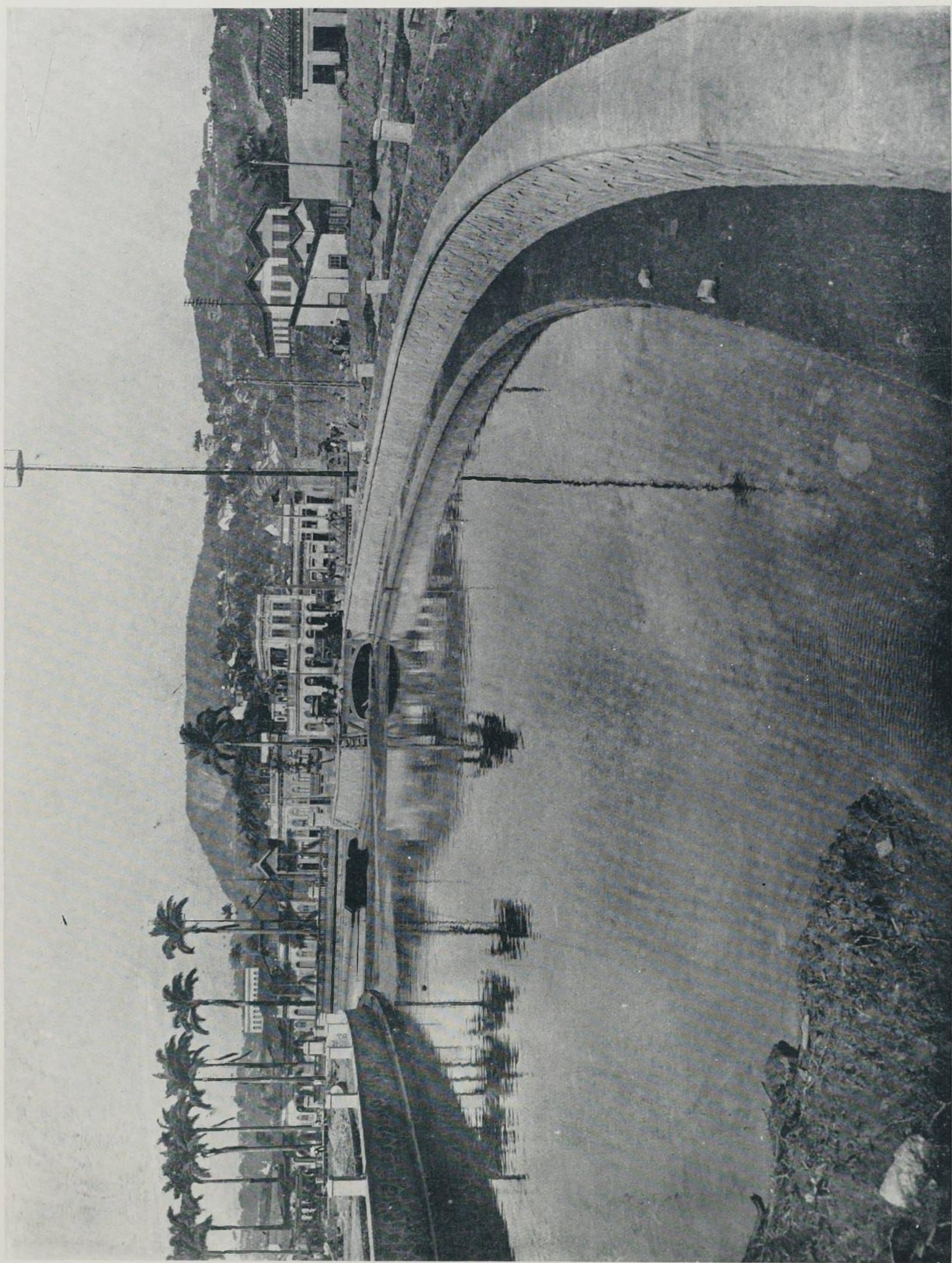
TRECHO DO CANAL E AVENIDA DO MANGUE



AVENIDA DO MANGUE — O NOVO VIADUCTO DA E. F. CENTRAL DO BRAZIL



UM TRECHO DA AVENIDA DO MANGUE



UM TRECHO DO CANAL DO MANGUE

# ○ ○ BELISCO ○ DA AVENIDA

**M**ARCOS commemorativos do orgulho de um despota, cimentados com as lagrimas de populações escravizadas, erguiam-se essas simples agulhas em que a mão de anonymo operario esculpira em obscuros, complicados hieroglyphos os feitos das dynastias reinantes, acções fabulosamente engrandecidas pela lupa da lisonja, lado a lado das monumentaes pyramides tumulares e de esphynxes de mysteriosos symbolos, no solo arenoso e calido do velho Egypto, nas infindaveis planuras que corta e fecunda o magestoso Nilo em cujas lodosas aguas dormiam os crocodillos sagrados e nas margens os Ibis vermelhos semelhavam gigantescas flores animadas.

Agudas flechas varando o céu azul turqueza, o perpassar dos seculos deixava-os immotos, guardando nas faces a chronica das gerações que foram, occulta no mysterio das inscrições desconhecidas, como a attestar com a eterna vida a grandiosa civilisação que os havia levantado — monumentos portentosos do humano esforço.

E quando nessa vasta necropole de tradições perdidas passavam raças sobre raças de conquistadores audaciosos, que degenerados descendentes de antigos guerreiros não cuidavam defender, elles eram como as sentinellas esparsas de todo um exercito de symbolos, perdidos nos areiaes do deserto.

Mas a mão sacrilega do conquistador não respeitou os monumentos. E na praça de S. Pedro, na capital do mundo Catholico, Sixto V, pontifice de Roma plantou a agulha de Heliopolis como fora á Grecia buscar as obras primas do Paganismo e na Urbs augusta a



grandeza da religião de Christo era homenageada pelos symbolos dos hierophantes de terribes tradições iniciaticas.

E os novos senhores da terra egypcia, necessitados de auxilio dos soberanos europeus foram a um e um arrancando esses symbolos

augustos de suas passadas eras, que iam ornar as agora civilizadas regiões do occidente, barbaras para as desaparecidas raças que os haviam erigido.

Assim o de Luxor que hoje se ergue na Praça da Concordia em Paris; assim os de outras cidades europeas como Florença, Arles, Constantinopla...

Esse que hoje se ergue á beira-mar no termino da mais formosa obra do governo Rodrigues Alves, não tem esses antecedentes gloriosos, não veio do solo africano, não o cobrem estranhos hieroglyphos mysteriosos, não o produziu o braço escravo, não foi regado com as lagrimas do opprimido.

E' um monumento moderno de arte, á feição das agulhas pharaonicas. De um bloco inteiriço, arrancado ás entranhas da natureza sem rival da terra brasileira, talhou-o o artista entre hymnos ao trabalho, destinado elle mesmo a glorificar um esforço, a comemorar uma iniciativa, a documentar um progresso, a perpetuar uma lembrança — a exal-



tar emfim um renascimento.

Ali, no começo da curva suave da Avenida á beira-mar, ao lado do Palacio Monröe sobre cuja altissima cupola palpita o nosso pavilhão beijado pela brisa do oceano, olhando a extensa via que admiraveis construcções adornam, enriquecidas pela arte e que corta de mar a mar as antigas e lobregas viellas dos tempos coloniaes, elle é bem um marco do nosso engrandecimento, um vivo testemunho dessa assombrosa transformação que em quatro annos apenas soffreu o Rio de Janeiro.

Em seu pedestal uma singela inscripção recorda essa obra gigantesca. E passarão os annos, sobrevirão novas gerações, mas no extremo da Avenida Central esse obelisco de ren-

dilhados labores permanecerá, desafiando a acção destruidora do tempo, a lembrar aos novos essa época abençoada em que um surto de progresso deu em terra com a nossa rotina, rememorando os nomes dos audazes artifices fecundos do novo Brazil.

O monumento todo de cantaria tem 18<sup>m</sup>15 de altura, assim especificado: 0.80 nos 4 degrãos; 1.00 no dado; 3.50 no pedestal; 0.65 na base; 1.00 no florão e 11.20 no obelisco, formado d'um só blóco e pesando 28 toneladas.

Seu projecto foi organizado no escriptorio tecnico da Comissão Constructora da Avenida Central, de que é chefe o Dr. Paulo de Frontin e executado pelos Srs. A. Jannuzzi & Irmão, tendo como engenheiro incumbido de acompanhar os trabalhos o Dr. Le Cocq.

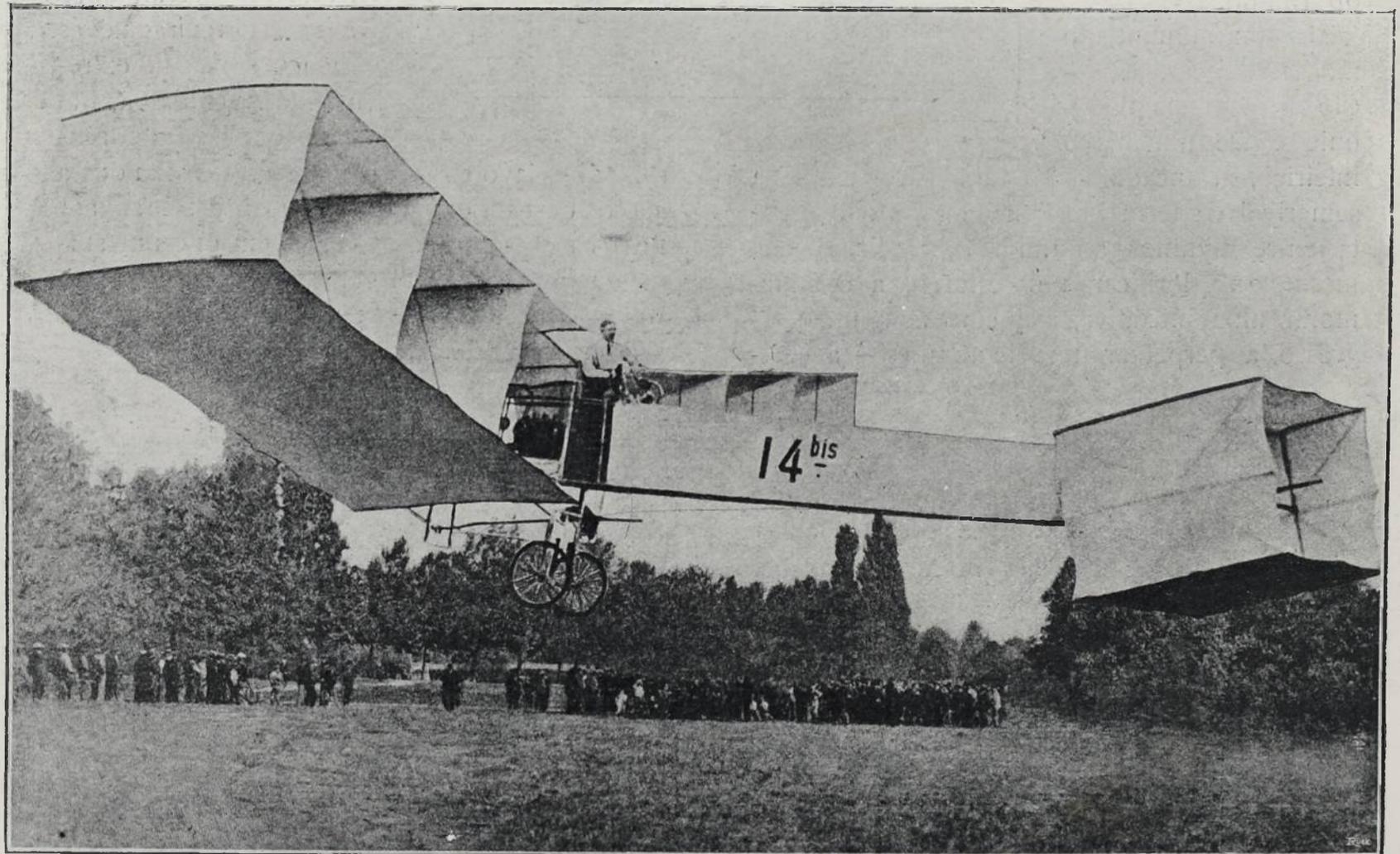
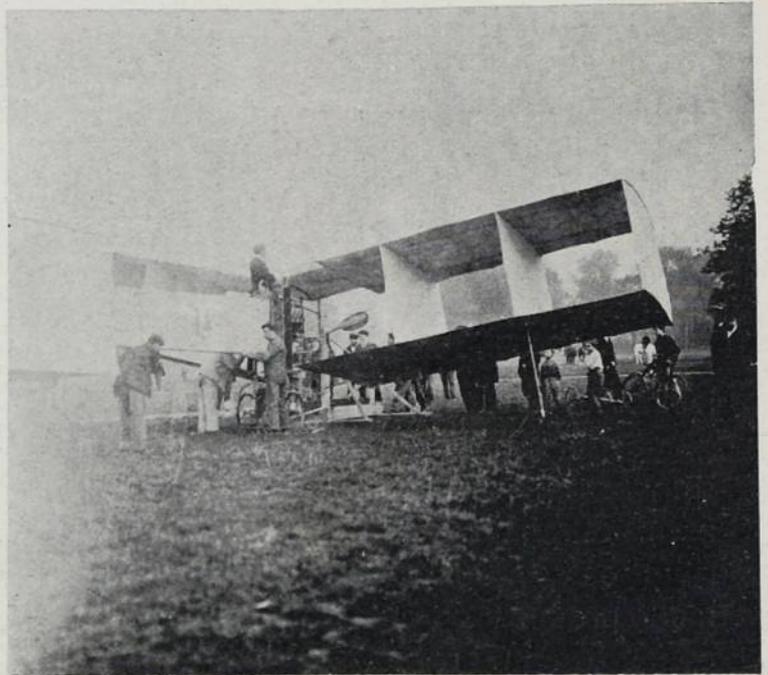
# SANTOS DUMONT

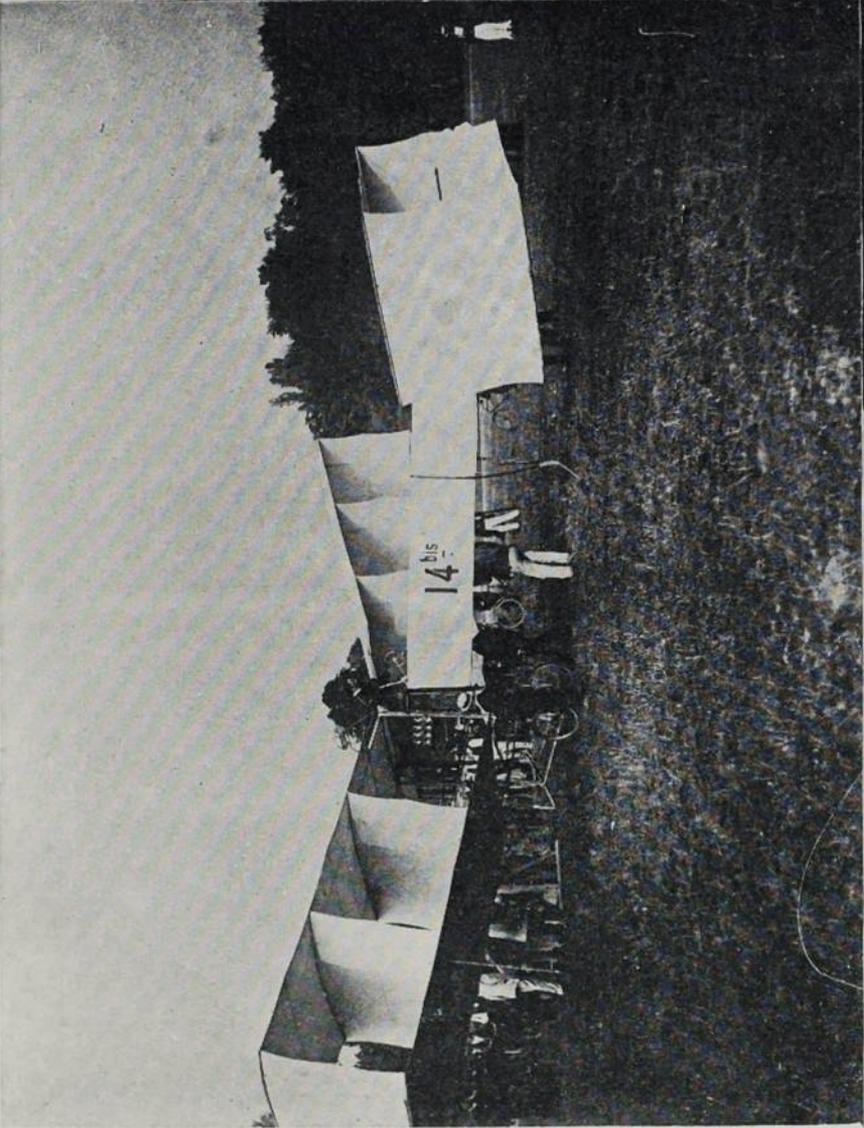
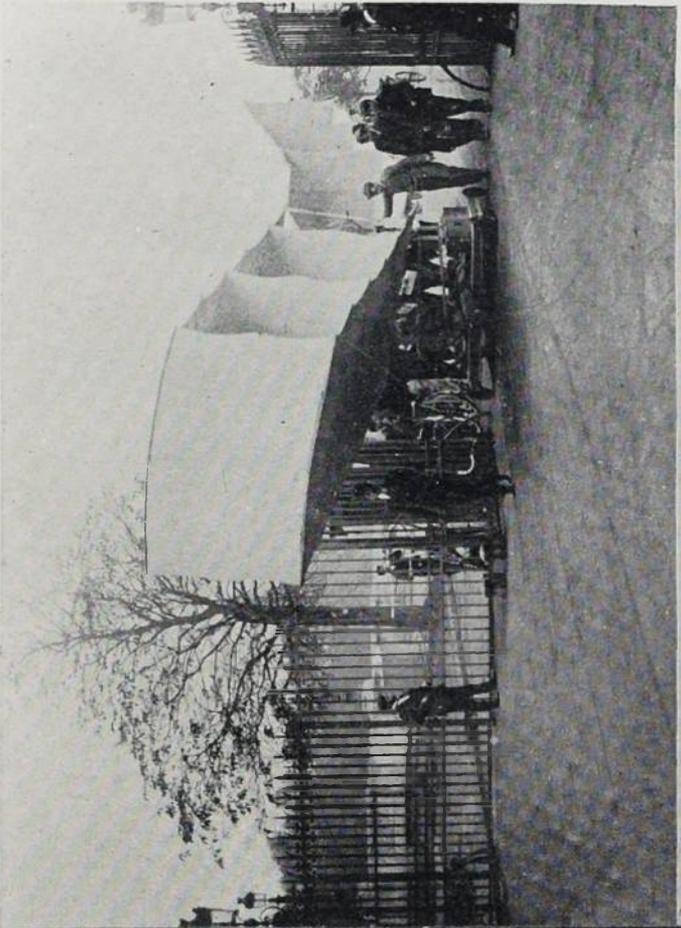
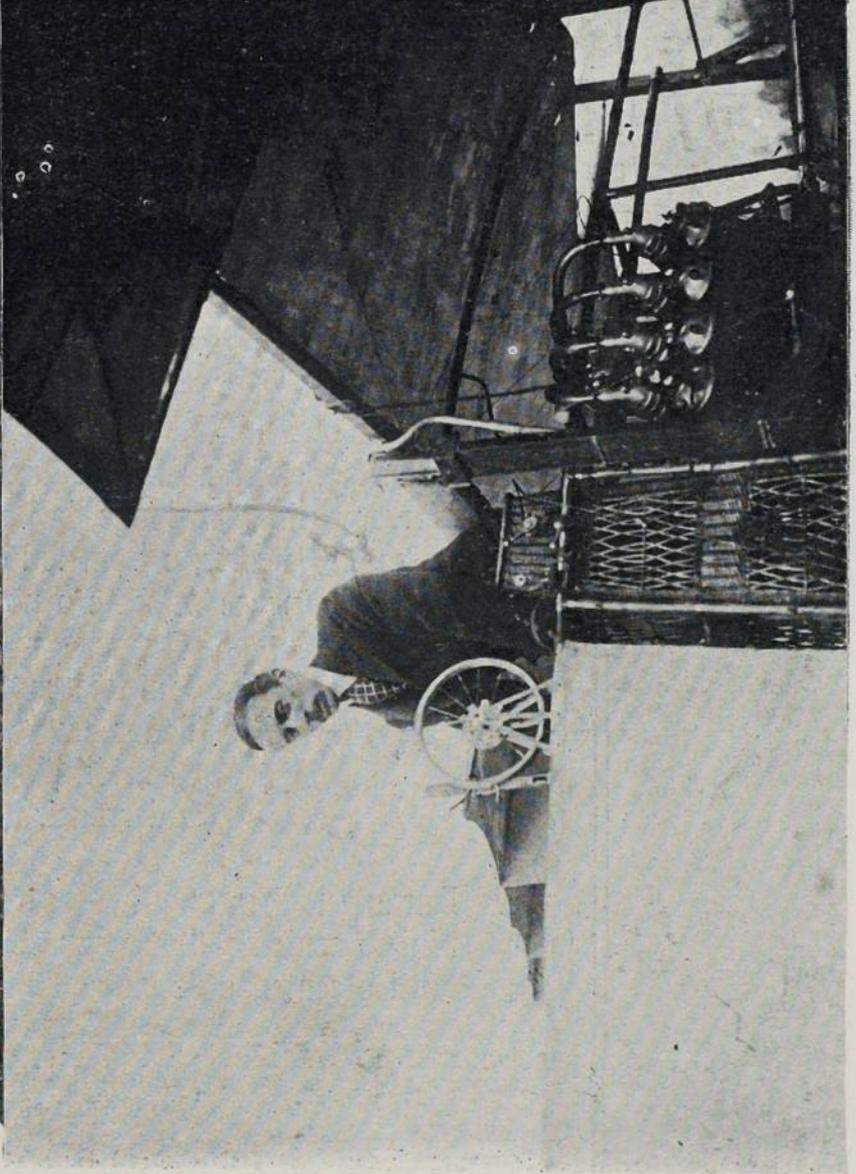
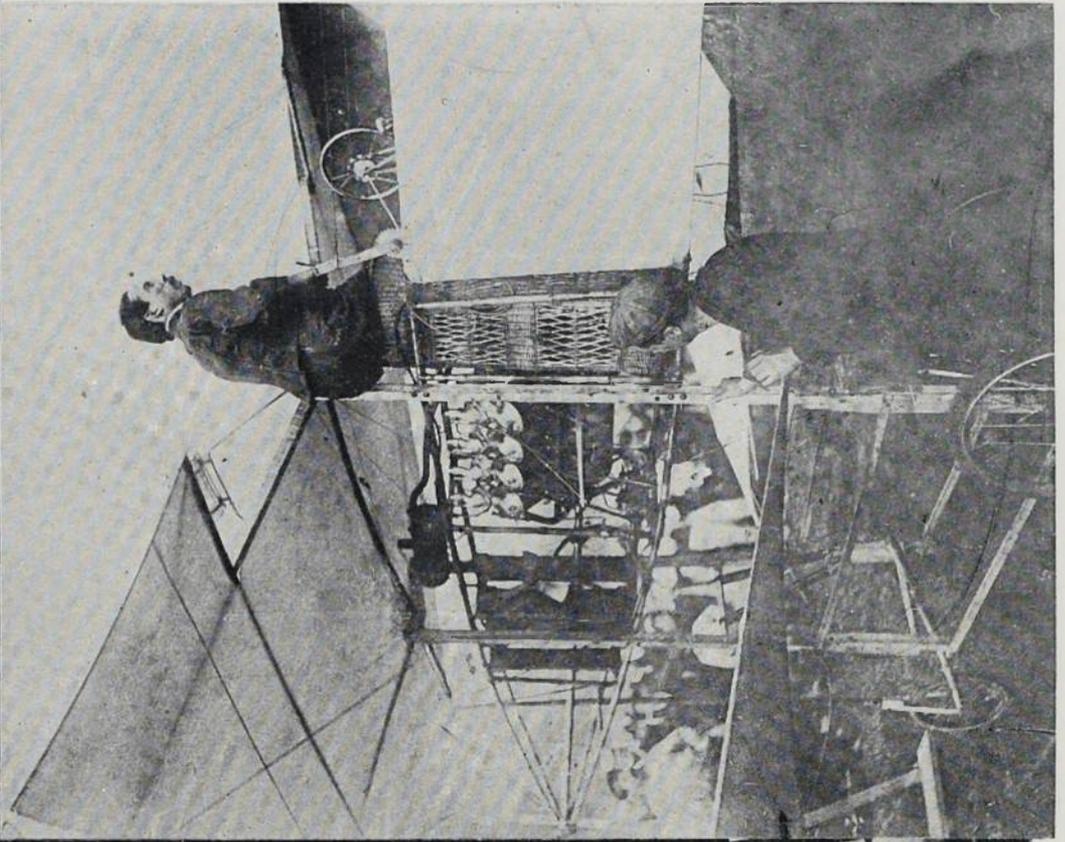
Vem de longe a discussão entre os dous grupos de cientistas que affirmam-nos, uns que só o mais leve que o ar poderá resolver o problema da navegação aerea, outros, esse problema só terá solução com o mais pesado.

Alistado entre os do primeiro grupo, o nosso perseverante patricio Santos Dumont que com a serie de seus balões a principio esfericos depois fusi-formes, acaba de passar-se para o segundo, obtendo uma esplendida victoria em Paris no Campo de Bagatelle com o seu aeroplano n.º *14 bis* percorrendo a uma altura de 5 metros do solo, um percurso de 75 metros, e levantando os premios destinados aos que primeiro tal fizessem.

Uma das photographias que publicamos representa Santos Dumont pairando no seu apparelho por sobre o Campo de manobras onde apinhada, grande multidão aclama-o delirantemente.

Os pequenos inconvenientes observados no apparelho por occasião dessa primeira experiencia foram já sanados e noticias posteriores nos fazem sabedores de novos triumphos do nosso patricio.







## FAJARDO

Que desgraça, meu Deus! que dor! que espanto  
Morrer assim, tão longe da velhice,  
O mestre, o forte, o bom todo meiguice,  
Que era a nossa defesa e o nosso encanto!

Como na cova o feretro cahisse,  
Todos em volta soluçavam tanto,  
Que, tolhidas as vozes pelo pranto,  
O derradeiro adeus ninguém lhe disse!

Durante longos annos, ao meu lado  
Muitas centenas de homens têm vivido,  
Muitas centenas de almas têm voado;

Mas, em todo esse misero passado,  
Vivo não vi que fosse tão querido,  
Morto não vi que fosse tão chorado!

*Arthur Azevedo*



PROFESSOR AZEVEDO SODRÉ

COM a mesma idade, quasi creanças, — 15 annos, no mesmo dia, matriculamo-nos na Faculdade de Medicina; vimo-nos e nos approximamos; approximamo-nos e nos ficamos logo querendo; desde então até hoje, já volvidos cinco lustros, não houve expressão nenhuma d'essa luta pela vida que separa os homens, capaz de abalar a nossa amizade, robustecida, ao contrario, no conheci-

mento reciproco mais profundo, na reciproca tolerancia dos defeitos de cada um, nelle imperceptiveis, em mim como as areias do mar —, e abençoada até no parentesco espiritual.

Estarei, por ventura, privado de falar delle com animo sereno?

Talvez sim, se lhe quizesse estudar os sentimentos, as qualidades do coração, — que é possivel eu dilatasse para as conter; mas, a

*Kósmos* destaca em Azevedo Sodré a sua personalidade scientifica que quer reverenciar, e esta se esteia em obras collocadas acima das más paixões dos desaffectedos como das boas paixões amigas.

A superioridade de Azevedo Sodré começou a se revelar desde os bancos escolares; em concurso obtinha o logar de interno de clinica; pelo Gremio dos Internos dos Hospitales era eleito seu primeiro presidente, — dupla consagração de mestres e collegas.

Entrando na vida publica, eil-o logo a fundar e dirigir o *Brazil Medico*, que está hoje no seu vigesimo anno, e a disputar e conseguir em concurso o logar de preparador de therapeutica; sem descanço pleitêa, ainda em concurso, o logar de adjunto de therapeutica, sendo classificado por unanimidade de votos em primeiro logar. Estas provas publicas do merito que todos sabem torturantes e exaustivas, não o intimidam, entretanto, e logo depois, vaga a cadeira de clinica medica pelo fallecimento de Martins Costa, apresenta-se a disputal-a, chegando a imprimir these, (*Do Tratamento da febre amarella*).

Como substituto rege successivamente as cadeiras de Physiologia, Anatomia pathologica, Clinica Medica e Pathologia interna. Nomeado lente d'esta ultima cadeira, desempenha durante dez annos, com o maior brillantismo as suas funcções magistraes. Todos os annos sobreleva no programma um grande capitulo da nosologia e o aprofunda, esmerilha e exgotta; a sua palavra clara, correcta, fluente, vibrante, ao serviço de solida erudição, prende o auditorio. Comtudo, taes lições, quotidianas, que consomem longo tempo de preparo, não exaurem a operosidade do professor Azevedo Sodré que ainda consegue sobras para escrever e dar á estampa innumeros trabalhos.

Entre outros:

- Da syphilis pulmonar.
- Acção physiologica da lobelina.
- Da identidade dos parasitas productores das dermatomycosis.

*Pathologia tropical* (lições de pathologia interna).

- *O cholera morbus de 1894-1895.*
- *Da anemia tropical.*
- *Do edema agudo do pulmão.*

— *Molestias do estomago* — lições professadas na Faculdade de Medicina.

— *Frequencia do cancer no Brazil.*

— *Frequencia da tabes dorsalis no Brazil.*

— *Das febres de calor.*

— *Hematoilogia da febre amarella* (em collaboração com Miguel Couto).

— *Prophylaxia da febre amarella.*

Não tardou que o seu nome transpusesse os limites da patria e chegasse, aureolado, ao estrangeiro; a sua collaboração é então solicitada, e paga, para a mais notavel encyclopedia medica americana, *Twentyethe Century Practise of Medicine*, onde se encontram dous longos artigos da sua lavra—sobre *dysenteria e beriberi*

A seu turno, o grande professor Nothnagel, de Vienna escrevera ao professor Azevedo Sodré pedindo-lhe com o maior empenho (além de lhe retribuir em boa moeda) se encarregasse do artigo — *febre amarella* — da grande encyclopedia — *Specielle Pathologie und Therapie*; accetando incumbencia tão honrosa para o nome brasileiro, Azevedo Sodré publicou em 1900, com a collaboração de quem escreve estas linhas, o volume *Das Gelbfieber d'aquella encyclopedia*.

Por estes tres trabalhos, escriptos em inglez e allemão, o professor Azevedo Sodré ficou sendo um dos medicos brasileiros mais conhecidos e mais citados fóra do seu paiz.

Indicado pela Congregação da Faculdade de Medicina do Rio de janeiro para occupar a 2ª cadeira de clinica medica, ligada ás tradições de Martins Costa e Benicio de Abreu o professor Azevedo Sodré vai imprimir-lhe o cunho da sua individualidade; á escola da observação pura á antiga elle juntará os methodos da propedeutica moderna, que exigem ao lado da clinica o laboratorio para os exames subsidiarios indispensaveis á boa diagnose. Cada vez mais, já tive occasião de dizer, o diagnostico se simplifica á custa da multiplicidade dos processos do exame.

Com esta orientação ao serviço de longa pratica e fundo saber do novo cathedratico, póde-se augurar para a 2ª. cadeira de clinica medica uma era de grande fulgôr.

MIGUEL COUTO.

## FELIZ COMEDIA

O casamento de Paulina Cardoso, a nossa feiticeira *Paulette* como, desde os tempos collegiaes, chamavamol-a, foi uma surpresa para as suas amigas.

Pela sua seductora graça, pela sua incomparavel formosura, pela sua viva intelligencia esmeradamente cultivada, *Paulette* deveria ser esposa de um diplomata. Isso mesmo sempre commentamos em horas de intimidade e ella propria afagava, discretamente, essa esperanza. Mas, a nossa adorada *Paulette*, creada entre sedas e crystaes, chegou a plenitude da mocidade sentindo-se contrariada em seus caprichos porque seu pae, homem de emprehimentos industriaes e que fôra muito rico, perdera a maior parte da fortuna numa empreza mal succedida.

Foi essa a causa, sem duvida, do desvio da sua vida, que previamos das mais brilhantes e condigna da sua belleza perfeita.

No emtanto, *Paulette* não se casára mal. O marido que o destino lhe deu, o Sr. João Baptista da Fonseca, não destruiu todos os seus sonhos nem a vexaria no largo circulo em que a irradiação dos seus encantos a tornavam o centro de todos os corações.

O Sr. João Baptista da Fonseca era moço e, senão bonito, pelo menos muito sympathico. Faltava-lhe a *alhure*, o talhe, a distincção aristocratica; em compensação possuia uma robustez physica que denotava excellente saúde. A isso reunia uma epiderme finissima, levemente morena, olhos e cabellos pretos, e uns dentes tão alvos e certos que fariam inveja a qualquer rapariga *coquette*. Pelo que diz respeito ao *aspecto* o marido de *Paulette* pouco deixaria a desejar. Devemos tambem mencionar a sua cultura litteraria, porque, vivendo desde menino no afan commercial, não desprezava a litteratura, da qual fazia o mais alto conceito e possuia escolhida bibliotheca.

Não podiamos, por tanto, considerar *Paulette* infeliz.

Não obstante isso, desejaríamos vel-a nos salões europeus, com o garbo das suas linhas esculpturaes, com a elegancia impressionante de seus gestos, com a inexcedivel vivacidade do seu espirito. Honrar-nos-ia.

O Sr. João Baptista bem comprehendeu o favor da sua sorte, e procurou cercar sua esposa de todo o conforto possivel, foi mais longe, deu-lhe tudo quanto se accusava necessario ao esplendor da sua belleza, carruagem, creados, vestidos e joias. Mas, por causa que

nunca nos foi possivel conhecer, a nossa encantadora *Paulette* viveu obscuramente durante cinco annos, persistindo em apparecer raramente na sociedade, esquivando-se dos bailes, parecendo até desfazer-se de muitas das suas relações.

Quando lhe exproavamos esse proceder ella sorria e, com uma vaga melancolia, explicava:

—Quem cria filhos não póde ter tempo para agradecer aos outros...

A verdade era que *Paulette*, contrariando o desejo do marido, criava o seu petiz, o unico que até hoje, essa união deu ao mundo. Mas, quando o seu filhinho attingiu aos cinco annos, realisou-se uma transformação na vida de nossa amiga. Ella resurgiu.

Já não era a rapariga dos primeiros tempos, vinha mais cheia de corpo, porém mais bella. A maternidade dera-lhe o ar senhoril de uma imperatriz. Os seus olhos, que sempre foram seductores, traziam agora mais brilho no negrume, mais voluntariedade na expressão; não ria como dantes, sorria e nesse sorriso dissimulava-se um encanto, um quer que fosse de discreto, de reticenciador que entontecia e escravizava.

Na noite em que ella appareceu nos salões do barão de X a commoção dos convidados foi tal que, por pouco, não arreventou uma ovação de todas as boccas; o que, porém, não teve a franca expressão do entusiasmo, ficou patente em todos os olhares e no murmurio exclamativo que o deslumbramento arrancou de toda a sala.

Em poucos minutos, *Paulette* tornou-se a deusa do baile. As homenagens rolavam aos seus pés num transbordamento de camphoras. Percebia-se que, entre os mais distinctos cavalheiros ali reunidos, havia corações perturbados e imaginações em delirio. E desses destacou-se logo o almirante Monlevade, um dos officiaes da nossa marinha de guerra, e que viera abrilhantar os salões do barão com o seu luzidio e correctamente trajado uniforme de gala.

O almirante Monlevade, apesar de casado, passava por um homem *perigoso*; era uma segunda edição de D. *Juan Tenorio*, adaptada ao tempo e ás conveniencias. Na arte de seduzir a sua pericia e o seu talento enfrentavam com os seus raros dotes de homem do mar e de guerra, e assim devia ser porque, sobre o prestigio do seu nome aureolado, elle possuia o typo irresistivel dos *apaixonaveis*. Alto, esvelto e forte, a sua tez era morena, os olhos negros e a bocca sensual, sob um atrevido bigode d'Artagnan, em que alguns fios brancos davam a singular impressão de fiapos de espuma dos temporaes do oceano, fa-

lava fascinadoramente em cinco idiomas, e com os quaes elle floreteava ironias ou florejava madrigaes como um galante heroe do velho Alexandre Dumas.

A emoção experimentada pelo garboso almirante não pôde ser disfarçada. Debalde, elle forçou o elegante atrevimento da sua celebre indiferença, que era arma terrivel com que accommettia o *inimigo*... feminino. A' essa calculada indiferença, cuja externação desafiaria o fogo scenico de um tragico genial, *Paulette* respondeu com a sua adoravel naturalidade, sinceramente manifestada. Como se palestrasse com uma velha amiga, ella falou-lhe nos romances maritimos de Moël, disse algumas cousas sobre Loti e derivou a conversar para os grandes campeonatos inglezes do remo. O almirante Monlevade jogou afoutamente com a sua adversaria, mas o jogo, ao principio muito bem encoberto e dirigido com notavel capciosidade, afrouxou mais depressa do que esperavamos, porque nós, as intimas de *Paulette*, tinhamos percebido as intenções do almirante e apostavamos pela victoria da nossa amiga.

Mais cedo do que contavamos o almirante começou a ceder terreno e a descobrir, desastradamente, a paixão repentina que o inflammára. Sublinhava palavras, conduzia períodos dubios ao curso da palestra, nos quaes deixava transparecer preambulos de declaração. Houve um momento em que *Paulette*, com um sorriso humilhador, anniquilou, fria e admiravelmente, o irremovivel arrojo de uma phrase. E foi isso o que mais incitou o almirante.

A sua côrte á Madame Paulina Fonseca attingiu a indiscrição, toda a noite elle a assediou com uma tenacidade affrontosa. Chegamos a temer por ella, não por julgar-a fraca e corruptivel, mas pelo ciume de seu marido que desvendamos. Ao entrar pela madrugada, o Sr. João Baptista da Fonseca, que estivera felicissimo na sala de jogo, appareceu inopinadamente no salão das danças e d'ali não arredou pé até a hora da partida.

Não havia duvida que elle descobrira alguma cousa, um supposto perigo.

Mas, nem por isso, o almirante arrefeceu o seu enthusiasmo. E quando os dois se despediram, o marido e o pretendido conquistador, foi com enorme difficuldade que aquelle procurou ser gentil, satisfazendo os deveres da alta sociedade.

Desde essa occasião *Paulette* viu-se cada vez mais estreitada num circulo de conquista. O almirante estava sériamente apaixonado por ella. Um dia ella mandou-me chamar á pressa. Fui. Encontrei-a desanimada, parecia enfraquecida. Beijando-me ardentemente, como

sempre me recebia e, com maior arrebatamento, nas suas afflicções, levou-me logo para o seu *boudoir* côr de perola cinzenta, onde a riqueza do marido reunira os mais delicados trabalhos de arte, do mobiliario, da tapeçaria, da pintura e da esculptura. Fez-me sentar ao lado num canapé japonez, e sem rodeios declarou-me que estava resolvida a abandonar a sociedade. *Aquelle* homem tornára-se-lhe uma perseguição, a sua propria sombra!... E não sabes minha querida, e não sabes o que eu temo nisso... Não é a loucura que o possa accommetter e da qual, talvez, não esteja longe... Ah, não sabes, não avalias a paixão que elle tem por mim!... Já não é esse vicio de pretender a posse de todas as mulheres que lhe parecem bonitas, já não é esse ephemero mas ardente desejo de conquistar o amor difficil, de vencer escrupulos e obstaculos, de abater orgulhos e dignidades, o que o move... O Sr. de Monlevade está verdadeiramente apaixonado por mim. Desgraçadamente eu o sei, eu tenho provas... Mas, que me importa essa loucura?!... O que eu temo, minha boa amiga, o que eu supplico é a falta de confiança em mim que percebo diminuir no meu marido. Oh! isso é horrivel!... isso me humilha, isso me martyrisa e me anniquila!...

Fiquei aturdida diante dessa grave confissão, não tive idéas, cheguei a me julgar idiota e, sem saber o que dizia, murmurei, titubiei:

—Mas... porque não falas ao teu marido... porque lhe não te confessas...

*Paulette* olhou-me surprehendida, como se me desconhecesse; e lentamente, com esse vagar dos que soffrem muito e precisam medir as palavras para não esgotar as forças, retorquiu-me.

—Seria um desastre moral para mim. Accusaria a minha cumplicidade...

—A tua cumplicidade! Como?

—Não destruindo em tempo as intenções do almirante...

—Mas, se tu não as conhecias, se tu tens deveres de boa sociedade...

Paulina Fonseca sorriu com magua:

—Dois pontos tristissimos... Inculcar-me-ia estúpida e demonstraria a fragilidade da minha honra. Eis a defesa que me offereces. Não, minha boa amiga, nenhum desses motivos me servem. O que tenho a fazer, a unica cousa digna e, como tal, aceitavel, é fugir da sociedade, mergulhar-me na existencia pacata e obscura em que engordei durante cinco annos, devotar-me inteiramente á educação de meu filho, aos meus deveres domesticos.

Estivemos caladas por longo tempo, eu embaraçada com a situação de *Paulette*, e

ella a passeiar o pequeno espaço do *boudoir*, visivelmente entregue a uma locubração. De repente, parando defronte de mim e erguendo os braços para arrumar os seus lindos cabelos, gesto que lhe dava um realce encantador ás fórmulas gregas, sorriu, mas desta vez com alegria:

—Sabes?... Estou a pensar numa comedia. Não ha paixão que resista ao ridiculo. Esse homem é um fidalgo, não ha duvida; a sua educação, a sua vida, a sua origem dizem-nos isso. Apaixonado, como está, tomará muito a sério este caso; até póde perpetrar um desvario!... E' preciso desprestigiar essa paixão, ridicularisal-a. E tu vaes me servir nesta farça.

—Eu?... Olha, querida, sou de uma negação completa para o theatro...

—Não faz mal. E's intelligente, e eu guiarte-ei. Irás daqui á casa do Dr. Paulo Ribeiro, que tambem me persegue com a sua cõrte e, por meios indirectos, dir-lhe-ás que, se elle persistir com mais um pouco de afouteza, eu serei vencida. Dize-lhe mesmo que descobriste em mim a minha *quêda* por elle, tenho-lhe amor. A questão é de audacia que, certamente, me não compete. Depois, faze-te apaixonada pelo almirante. Em quanto o perseguires estorvas-lhe os passos.

—E depois?...

—Depois... o final correrá por minha conta. Não o temas.

A minha dedicação á *Paulette* era muito grande para que eu lhe recusasse este favor. Temia, porém, o insuccesso da comedia, por causa do meu desageitamento em fingir. Em todo caso, fiz o que ella me ordenou.

Pelo lado do Dr. Paulo Ribeiro tudo correu satisfactoriamente, elle cahiu como patinho tonto. A difficuldade foi fazer-me desejada pelo almirante que, com franqueza, nunca pensára em tal conquista. Todavia representei o meu papel o melhor que pude. Dentro de um mez *Paulette* e eu riamo-nos desbragadamente do ridiculo em que degradingolava a comedia. O Dr. transformara-se numa sarna perseguidora, mas *Paulette* fazia delle o que entendia, não se apiedando da sua triste figu-

ra; eu por meu turno, agarrára-me ao almirante, que de mim fugia como o diabo foge da cruz. E era uma roda viva. Até que, um dia, o almirante escreve uma carta sentimental e indiscreta á *Paulette*, esta recambiou a carta a mim e, por minha vez, entreguei-a ao Dr. Entramos no ultimo acto. Não obstante o seguimento das scenas, não me tranquillizava, tinha medo d'um desfecho dramatico. Guiada por *Paulette* fui ter com o almirante e exprobei-o pelo seu procedimento, dizendo-lhe que a fidelidade da minha amiga fizera-me conhecedora da sua declaração. Era de vêr-se a surpresa e a confusão do Sr. de Monlevade. A sua superioridade desmantelou-se desastradamente, e esse homem, habituado aos perigos, experimentado nas luctas do amor, perdeu de tal modo a cabeça que chegou a ser grosseiro com uma senhora!

Perseguido por minha supposta paixão, diante do meu fingido ciúme, enxotou-me, ameaçou-me. Resolvi levar até a ultima o meu papel. Corri á casa de sua mulher e contei-lhe o caso da carta!

Por seu lado *Paulette* aticava o Dr. Paulo Ribeiro. O despeito do almirante levou-o a desafiar o Dr. para um duelo, a que esse se eximiu e, com medo do Sr. de Monlevade, arrumou suas malas, partindo sorrateiramente para o norte.

Mais feliz sorte não foi reservada ao almirante. A sua esposa procurou *Paulette*, de quem teve a confissão do recebimento da carta; aculada pelo ciúme fez uma grande scena em casa e tão escandalosa que, dentro de poucos dias, o Sr. de Monlevade partia para o estrangeiro em commissão do governo.

E assim terminou a paixão do almirante. *Paulette*, porém, não se deu por satisfeita, contou tudo ao marido, e como elle me retribuísse a parte activa nessa feliz comedia com um beijo respeitoso na mão, ella disse-lhe:

—Agora, ha um juramenro sério que lhe exijo: é de nunca ter ciúmes de mim. Jura?

—Juro!

—É quasi a suffocou em beijos.

MARIA SALOMÉ.



# TRADIÇÕES

**I**NFORMAM jornaes, que empóz a desejada transformação desse abafado largo da Carioca, se vae emprehender a remodelação e o acabamento necessario do seu velho e tradicional chafariz, completando-lhe o aspecto desgracioso, encimando-o de linda estatua symbolica; e accrescentam mais, que, conhecida mão de mestre já anda no glorioso afan de fazer estudos e de traçar projectos, que condigam com a pavorosa idéa regeneradôra.

Bem sabemos todos nós, cariocas de hoje e d'antanho, que áquillo que alli está, que nos vem da expressiva distancia dos seculos, falta a graça esthetica da linha, falta o acerto necessario do conjuncto e que, ou por incompetencia profissional de quem o levantou, ou pela classica excaszez de recursos, na época, não está alli, reproduzida com todas as minucias da exactidão, a linda obra monumental do projecto do velho engenheiro Guillobel.

Todos nós sabemos, todos nós vemos isto. Mas enfeitado agora de estatuas e ornatos complementares, que lhe dêem graça e novidade, seria rebaixal-o ao ridiculo da velhice casquilha e apelintrada. Deixem-no assim, no seu grave aspecto tradicional, na compostura formidavel do seu feitio.

Enfeitado-o, como? Que imaginosa comprehensão de contornos e linhas podia trazer-lhe agora a continuação precisa do seu acabamento, de modo que o que de novo houvesse não lhe rompesse, em destaque rude, o aspecto, o feitio e o conjuncto?

De certo, não lhe vão emprestar motivos de ornamentação da torturada esthetica de agora, decerto?

Pretenderão, por acaso, fazel-o de justo accordo com o projecto de Guillobel? Mas, melhor seria então que se levantasse outro novo, porque o velho e glorioso chafariz, não supporta a novidade dos remendos.

Perde a compostura, apelintra-se e da sua veneravel feição de antiguidade, passa ao ridiculo das renovações incabidas.

Adianta-se mesmo que, como ornamentação suprema, é natural que lhe arrumem ao alto, no marmore de uma estatua, o symbolo gracil da raça carioca, na delicadeza de um vulto feminino.

Mas, a Carioca de hoje, moderna, supercivilisada, que frequenta Avenidas e *bars*? Ou a das épocas remotas da colonia, filha esbelta de pae tamoyo e mãe tapuya, com os seus primitivos trajés indigenas, de pennas e contas?

Para a primeira, julgo improprio o embaçamento; para a segunda, considero detestavel o renascimento.

Para que andarmos a lembrar essa primitividade de ascendencias antropophagas, em tempos em que a gente se civilisa com a Civilisação da Cidade.

Entretanto, internamente, no socego calmo da Consciencia, palavra que temo pela escolha; e ás vezes, apavora-me a persuasão de encontrar, alli, em cima daquelle monumento veneravel, a graça *souple* da Carioca de hoje com todos os seus defeitos de civilisada, pouzando, para embasbacamento do indigena, a leve planta do seu pequenino pé, na immensidade vigorosa daquelle embaçamento.

Outras vezes, temo mais pelo susto de encontrar alli, a despida figura de uma india beizuda e bamba, na moldura indispensavel de flechas e pennas, symbolisando, solemnemente, a graça da minha linda Cidade carioca.

Olhem; não lhe ponham estatuas. Nós (fallo por todos os cariocas) dispensamos desvanecidos essas enormes honrarias. Melhor é que o deixem com os seus erros e a sua desproporção,

Assim como está é que elle é o verdadeiro chafariz da Carioca—fonte publica e amplo e desabrigado pouso ao somno bohemio dos desherdados.

E quando nós, Cariocas da Tradição, no carrancismo extravagante das nossas Saudades interminaveis, viermos, batidos pela Civilisação, de lá, de onde foi essa estreita Prainha empoeirada e barullhenta, hoje rica de lindos predios, larga e limpa; vararmos, vertiginosamente, essa moderna rua de Uruguayana, e tombarmos, exhaustos, no delicioso jardimzinho da Carioca (até parece pilheria) onde foi outr'ora a velha e desabrigada praça, livre agora da muralha abafadiça da antiga Penitencia, teremos, para consolo dos nossos olhos para confôrto da nossa Fé, a contemplação carinhosa do velho e veneravel chafariz, oppondo á invasão terrivel dos Civilisadores, a muralha formidavel da sua cantaria, a simplicidade veneranda do seu aspecto, o consolo benefico da sua Tradição.

Deixem-no assim, simples e grave como está, sem ornatos, sem caricias.

Ponham-lhe agua; a boa, a salutar, a delicada agua carioca. E deixem-na cantar, dia e noite, naquellas pequenas calhas de pedra, a linda canção reconfortante da sua pequena corrente.

Ponham-lhe agua. E que delicia!

Jardim ao lado, flores viçando, bancos para repouso e perto, canções frescas d'agua corrente e limpa.

E não é quasi que toda a Felicidade de uma vida?

MARIO PEDERNEIRAS

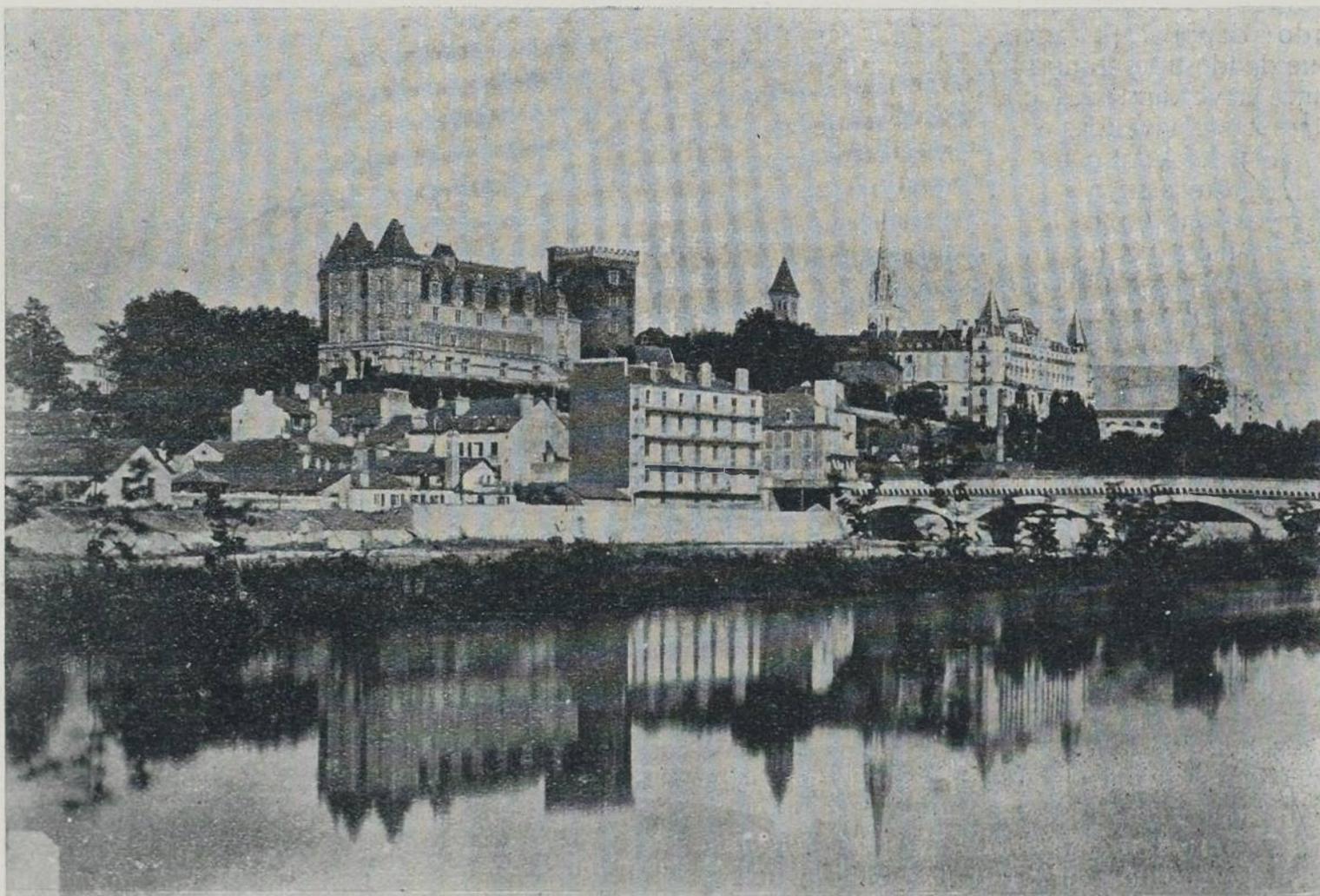
Novembro 906.

# PAU

A CIDADE, AS MONTANHAS, OS ARREDORES. O CASTELLO E O CULTO DE HENRIQUE IV

A situação de Pau é como a de um esplendido palacio dentro de um bosque umbroso com murmúrios discretos de aguas — cascatas e ribeirinhos; no fundo do horizonte, altos, solemnes, magestosos erguem-se os Pyrenêus; e as suas pontas esguias são como immensas flechas que gigantes atirassem da terra para o céu. De manhan, ao romper do sol, as montanhas que se destacam da bruma da madrugada parece que se movem na transparencia da luz, como corações offegando; no crepusculo, quando o sol se apaga, as altas pedras, viúvas dos seus beijos fecundos, adormecem, mudas e negras, envoltas na paz e no silencio da solidão. Entre os Pyrenêus todo um fresco valle se estende; e o Gave, que, ora corre na planicie, ora serpenteia entre arvoredos, alegre, murmuro e saltitante, tem uma melancolia bucolica, e o ruido igual no leito macio e o choro intermitente entre pedras as-

peras são como o som de uma fruta pagan. A's vezes, sobre uma ponte que corta o rio, esfusia e foge o foguete horizontal do caminho de ferro; outras vezes, na estrada de rodagem que o margina, passa um lento carro de bois — caminhando com as aguas que vão para o mar e com o sol que vae para o occaso, os tres para o mesmo destino,—para a renovação do trabalho, para o turbilhão da existencia. E Pau, feudal e nobre, do alto do seu terraço olhando para as montanhas, parece uma eternamente joven castellan que desperta e abre as janellas da sua torre mysteriosa e longamente aspira e consoladoramente respira o ar sadio d'esses campos, d'esses valles, d'essas montanhas, d'essa privilegiada terra béarneza. A parte baixa da cidade, onde estão as casas modestas da gente pobre, a estação da estrada de ferro, fabricas e moinhos, communica-se com a parte alta ou por simples ladeiras ou pelas escadarias de ferro que vão ter ao lindo, ao incomparavel *boulevard des Pyrenées*, onde se erguem os grandes hoteis, frequentados no Outono e no Inverno por toda a gente rica da Europa e da America do Norte, porque Pau é uma das mais saudaveis estações hybernaes. Não tem, porém, o ar pretencioso de cidade adulada e visitada; apesar de ser hoje cabeça de comarca, séde de uma Côte de Appel-lação e outras coisas inoffensivas, Pau continúa a sêr unicamente a antiga capital do



Béarn, gloria para a França e não da França, como dizia Henrique IV. Tem o ar de provincia, mas provincia feliz na sua vida modesta, sem o postigo de Bordeaux, sem a profunda tristeza de Lyon. As suas grandes arvores ainda nascem livremente em solos naturais, sem argamassa e sem ferro, e como a temperatura é sempre igual, como o vento é apenas brisa e não levanta poeira, essas filhas dilectas de Deus, verdes, frescas, rumorosas, abrem triumphalmente as cópas no ar, felizes e consoladoras, deliciosamente diferentes das suas irmãs que medram nas outras cidades. Não são « arvores da rua »

« ... conselheiras e frias.

Sem a grande expansão e as grandes alegrias  
Das provincianas »

de que Mario Pederneiras fala com tanta magua, com tanta saudade, com tanta melancolia.

E' bom, é salutar, faz bem á alma ir vêr o adormecer da Natureza, junto as grades do boulevard dos Pyrenêus, em frente á Place Royale. A' proporção que o sol se esconde, uma illusão cresce nos olhos; no meio-tom diluido do crepusculo, as montanhas fogem no horizonte, como altas mastreações de navios em um mar de procella; o Gave corre assustado; depois a paizagem diminue como que dando um rapido mergulho na treva; entre a verdura dos bosques e as côres alegres de vivendas campestres, sobe a collina de Jurançon, desce o valle de Ousse. Entretanto o sol agonisa; já nos campos longinquos bruxoleiam luzes incertas; na curva de uma rua, illuminado e aberto, passa um bonde electrico; de repente toda a cidade resplandece nos grandes focos de luz tranquilla. E apparecem as estrellas. Então, sob o silencio e a calma da noite, a cidade parece adormecer, na saudade das montanhas amadas, do claro sol do Sul, feliz e tranquilla, como quem nada receia do passado, como quem nada mais quer do presente. Mas uma orchestra fere os ouvidos: é o *Casino d'Hiver*, num extremo do boulevard com o seu esplendido palmarium que lembra uma flora americana, com o seu theatro, a sua roleta (cavallinhos), as suas cançonetas obscenas que vão alli, como para lembrar aos Béarnezes simples o encanto, a fascinação de Paris...

Jogadores, cançonetistas, *sportmen*, estrangeiros, — nada d'isso muda a simplicidade natural de Pau, que sob o ponto de vista geographico é uma situação maravilhosa, como

clima, um folle que prolonga a existencia, como historia — a saudade, o carinho, a eterna glorificação de Henrique de Navarra,

« le seul roi dont le peuple ait gardé la memoire... »



A historia de Pau está no Castello, e a historia do castello é longa; mas em verdade pouco importa que o Béarn tenha sido conquistado pelos Romanos no primeiro seculo da Era Christan; que depois de implantada a religião de Jesus por S. Julião, primeiro Bispo de Beneharnum, o paiz tenha sido successivamente invadido pelos Vandalos, pelos Visigodos, pelos Francos, pelos Sarracenos; que dependesse da Aquitania como feudo offerecido por Louis-le-Débonnaire a um Principe descendente de Clovis; que desde o seculo X tenha sido governado por trinta Viscondes. Um dos mais illustres soberanos do Béarn, antes do grande Henrique, foi certamente Gastão-Phoebus, nobre cavalleiro, principe galante, batalhador esforçado, namorado e poeta, mas

com tudo isso um monstro de maldade, assassino cruel do irmão e do filho. Outros Gastões e Franciscos vieram, até que em Fevereiro de 1485, os Estados reunidos no Castello, depois do reinado dos Merovingianos, dos Moncades e dos Foix, inauguraram a Casa d'Albret com Jeanne, filha unica de Henrique II e de Margarida, que depois de recusar o casamento com o herdeiro da corôa de Hespanha que mais tarde foi Felipe II e com o Duque de Clèves, casou com o Duque de Vendôme, descendente de S. Luiz e assim entroncou a sua casa com a casa illustre dos Bourbons. O seu reinado foi uma serie de luctas, um duello com Catharina de Medicis que já então dominava a Carlos IX, batalhas, fugas, perda da soberania, reconquista da independencia com o auxilio de Montgomery. Os Parlametos de Toulouse e de Bordeaux, por ordem do Rei de França decretam a confis-

cação dos bens de Béarn; o visconde de Terride, official do Duque d'Anjou, põe-se em marcha para submeter a Navarra; alguns bearneses illustres, seduzidos pelas promessas de Carlos IX, trahem a Patria, ajudam os inimigos e em Poutag e Nay, os Protestantes vencidos são cruelmente massacrados. E' então que Montgomery, á frente de tres mil homens derrota o exercito de Terride, a quem torna seu prisioneiro no castello de Moncade; mas só guardou consigo os chefes béarneses rebeldes — Gerderest, Aydie, Ste.-Colombe, Goès, Sus, Abidos, Candau, Salies, Pardiac e Favas que no dia 25 de Agosto de 1569 foram apunhalados no castello de Pau, em seguida a um banquete em que lhes annunciaram a liberdade.

E', porém, sob Henrique de Navarra, que o Béarn tem a sua mais brilhante historia. De resto tudo em Pau é Henrique IV: rue Henri IV, Bains Henri IV, Hotel Henri IV, Buvette Henri IV, Agence Henri IV, Boulangerie Henri IV, Pharmacie Henri IV, Tailleur Henri IV, Magasin Henri IV; a cada passo se vê o H symbolico ou se mostra o seu escudo. São tres marcos, fincados no chão, ligados em cima por uma trave horizontal em feitio de canga; de cada lado do poste central, dando costas aos dois extremos, duas

vaccas se olham, cada uma com uma corôa, um pouco acima dos chifres; sobre o marco do centro equilibra-se uma ave; e em cima, quando o braço muda de côr, no quartel direito está o H, no esquerdo o IV, e na cumiera, sob a corôa real descança o berço de tartaruga em que nasceu Henrique; como que voando sobre as armas, a inscriçãõ: Urbis, Palladium et Gentis. Dahi vem o nome de Pau, que em dialecto quer dizer «poteau», — marco, mas que se pronuncia no mesmo dialecto como si fosse em portuguez — Páu; as tres estacas do escudo symbolisam os tres postes que se plantaram no terreno do castello, para demarcar a extensão da propriedade; o páo do meio (*pieu* em francez, *páu* em béarnes) deu o nome ao castello que desde então se ficou chamando Chateau de Pau, em béarnes *Castet du Páu*, ainda com a pronuncia como si fosse portugueza.



O principal commercio de Pau consiste nos lindos objectos em marmore dos Pyrenêus e em tudo quanto seja lembrança de Henrique IV: os cachimbos de louça azul, branca e amarella têm a cara de Henrique IV; as porcellanas têm o mesmo retrato ou o amado H; as caixas de joias, de pó de arroz, de tabaco, de rapé mostram na face a cara sympathica e ironica de Henriot; um objecto muito vendido é a celebre gallinha que Henrique desejava que todos os domingos o camponez pudesse pôr no fogo. E' uma exploração? Será, mas uma exploração innocente porque em geral os objectos são bonitos, e os commerciantes não veem á porta assaltar os transeuntes como tão indecentemente fazem em Lourdes. De resto, si os *Palois* gauham dinheiro á custa da memoria do Rei Henrique, têm por elle uma admiração sem limites, um amor filial, um culto que é quasi sagrado. Referem-se ao «notre bon Roi» como si o tivessem conhecido, como si lhe tivessem falado, como si fossem intimos seu. O cocheiro do carro conta que um dia, quando Henrique de Navarra «já era dono da França», entrou na sala o Embaixador de Hespanha que ficou muito admirado de vel-o de quatro pés no chão, com um filho ás costas. Mas «notre bon Roi», sem interromper o brincando, perguntou-lhe sorrindo

— Avez-vous des enfants, monsieur l'Ambassadeur?

— Oui, Sire.

— En ce cas, je puis achever le tour de la chambre.

O creado do hotel conta a historia do celebre bilhete que Henrique IV, depois da batalha de Arques, mandou ao «primeiro capitão do mundo»:

Pends-toi, brave Crillon, nous avous vaincu sans toi.»

O cabelleiro lembra a outra phrase não menos celebre: *Suivez toujours mon panache blanc!* E o sachristão, mostrando a alegre, a bella egreja de Saint-Martin, lembra a morte tragica de Jeanne d'Albret, mãe de Henrique, no baile, calçando as luvas que Remi envenenara por ordem de Catharina de Medicis, — eterno realejo, que, com o milagre do espinheiro e a janella de Carlos IX, no Louvre, fez com que Pécuchet, na sua época de historiador, perdesse a confiança em Dumas.

Todas essas coisas que a gente leu em compendios, em obras de Historia e que depois encontra nos ridiculos disparates de Ponsou du Terrail, e na poetica fantasia do velho Dumas, — contadas em Pau, por aquella gente simples e boa, têm um ar de verdade e de dogma. Henrique IV é verdadeiramente adorado na sua cidade natal; na Place Royale,

entre gradis está a sua estatua de marmore, obra de Raggi. Henrique está de pé, sereno e tranquillo, com a mão direita espalmada, como apontando para a sua terra; ao seu lado está o celebre capacete com o altivo penacho; em duas faces do pedestal vêm-se dois baixos relevos, referentes á sua vida; inscripções nas outras duas, uma das quaes é esta: «Lou nouste Henric» — «Henrico Nostro Pia Nepotis Augusti Munificentia Reavivo»

Mas é propriamente no castello que estão as mais vivas, as mais palpitantes memorias de Henrique de Navarra.

Sobre o planalto em que está assente a cidade, na confluencia do Gave e do Hidas, dentro de um parque magnifico, erguem-se as seis torres do Castello, subindo entre as arvores verdes, que são como um bando de raparigas fortes e bellas, cercando uma familia de avós. A' direita do grande pateo, em frente á antiga entrada principal do feudo, está situada a torre *Monte-Aüzet*, que quer dizer Monte-Passaro, porque, por falta de escada, quem lá quizesse chegar teria que voar... E' misteriosa e quasi sinistra; ali existia antigamente um grande pôço, e nas muralhas estavam encravadas cellas de prisões, especies de *oubliettes* como havia na Bastilha de Paris. Da torre de Billère, quadrada e de quatro andares, vê-se Billère, onde esteve Henrique em creança. A torre de Luis-Philippe, construida sob o reinado desse principe, está em face a de Mazères. O torreão ou torre de Gastão Phebus é a mais alta e a mais forte do castello. A Torre-Nova, restaurada em 1838, já tem, como a de Luis Philippe, um ar moderno e alegre. E assim, com as suas pontas de pedra e de tijollos, ergue-se, sobre uma collina de herva e de gramma verde o Castello de Pau, a casa de Henrique IV.

Logo á entrada o pateo prende a atenção; quasi todo ornamentado por Margarida de Valois, que para isso fez vir da Italia os melhores Artistas, elle offerece ao encanto dos olhos, nos medalhões e na parte decorativa, uns caprichos do mais puro estylo da Renascença. Para além da ponte, fronteira á estatua de Gastão Phebus, estende-se o parque, ora liso nas aléas sombrias, ora irregular entre as moitas silvestres.

O interior do castello está muito modernizado; desde 1838 fazem-se-lhe reformas; Napoleão III terminou o mobiliario que é elegante mas não diz com o todo do monumento. No rez do chão, está a sala dos guardas, onde se admiram uma celebre abobada com a moldura em meia cana saliente, uma grande chaminé, uma cadeira com as armas esculpidas de França e de Navarra e um lustre de cobre, estylo Renascença. Da sala dos officiaes, com paredes de fortaleza, passa-se ao

grande comedeiro, antiga sala d'armas, onde outr'ora se reuniam os Estados de Béarn. A mesa de jantar tem espaço para cem talheres. A Revolução installou ahi uma estrebaria!

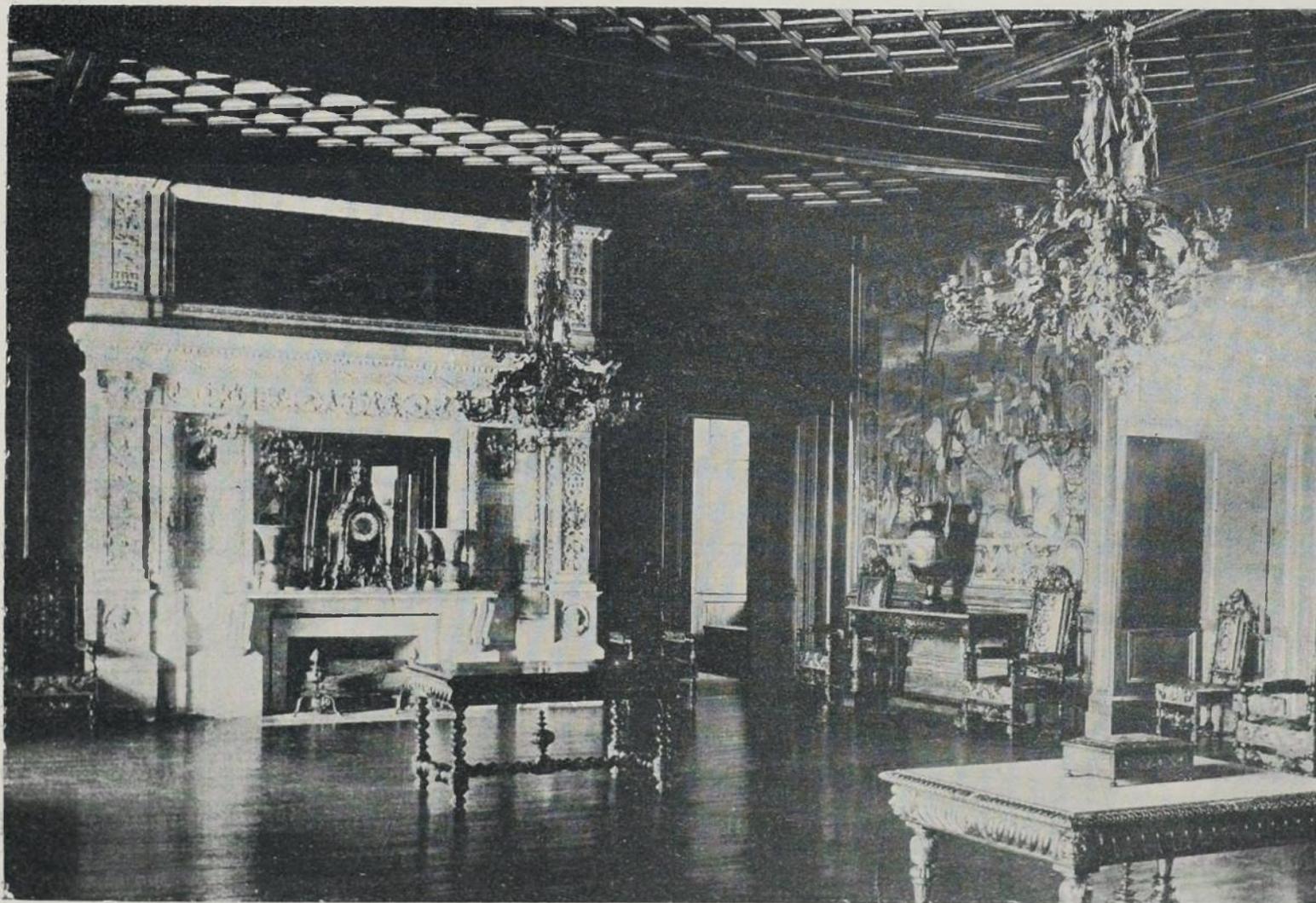
As tapeçarias de Flandres que a enriquecem foram encommendadas por Francisco I para o Castello de Madrid, nos Campos Elyseos. Representam scenas de caça e allegorias aos mezes de Junho, Setembro, Novembro e Dezembro. Escostado á parede está um relógio de ebano, de bronze e cobre doirado, admiravel trabalho de estylo Luiz XIV. Ao fundo da sala, em marmore branco e tamanho natural, está a mais parecida estatua de Henrique IV, feita em vida sua pelo esculptor Francavilla, doada ao castello por Luiz XVIII em 1819.

A grande escadaria que conduz aos tres andares da parte sul do castello é no genero uma das mais bellas obras da Renascença, notavel sobretudo pelo tecto, com desenhos de talha, que variam em cada lanço. Na sala de espera, todo o mobiliario é moderno; apenas nos muros, as tapeçarias de Flandres e de Gobelins, têm um ar de archaismos elegantes, das nobres edades do galanteio, da caça e do amor. A sala de recepção é a mais notavel do primeiro andar; as tapeçarias flamengas da época de Francisco I contam scenas de jardinagem e pesca, da caça do falcão, da

tosquia dos carneiros e dos atiradores de arco; um grande jarro de Sèvres, sobre uma mesa, é como a propria estatua da Fragilidade e da Graça; ahi tambem se aprecia uma linda mesa de carvalho, mosaico, porphyro e agata, presente de Bernadotte.

Nos ferrolhos das portas está a corôa real, com a inscripção: «Protegit H». Num dos lustres de bronze doirado vêm-se as armas de Villiers de lisle Adam (e não L'Isle). Nesse salão foram apunhalados os dez chefes béarneses. Será talvez que um dos antepassados do illustre auctor dos «Contos Crueis», amigo de algum Conde Gastão da Navarra, poeta e cavalleiro, tão leal servidor se tenha mostrado, que para maior fama e gloria do seu nome, merecesse o brazão de familia figurando entre os dos soberanos de Navarra. Num pequeno gabinete, chamado a sala da Familia, repousa immovel e mudo um cravo em laca da China por cujo teclado correram os brancos dedos de Maria Antonietta. Nesse primeiro andar percorrem-se ainda tres salas, cobertas de espelhos, de tapeçarias, de armarios e de objectos modernos.

E' no segundo pavimento que estão os aposentos de Jeanne d'Albret e de Henrique IV. Na camara em que dormia a mãe do grande Henriot descança um lindo leito de carvalho esculpido, datando de 1563; ahi,



porém, o maior encanto é o das tapeçarias de Gobelins—Deus apparecendo a Moysés, o Inverno e a Primavera, Tobias e «la toilette de Vénus», uma das maravilhas do Castello. Depois, o oratorio de Jeanne, e finalmente o quarto em que nasceu Henrique—o—Bérnez, no dia 14 de Dezembro de 1553, ouvindo sua mãe que cantava, a pedido de Henrique II,

seu pae, para que o doce ente não fosse um menino «pleureur et rechigné»,—chorão e rabugento. No meio do quarto está uma cama onde Henrique dormiu, já homem, obra-prima de esculptura, ornada de setenta e cinco medalhões. em cada um dos quaes resplandece a figura de um rei ou de um guerreiro.

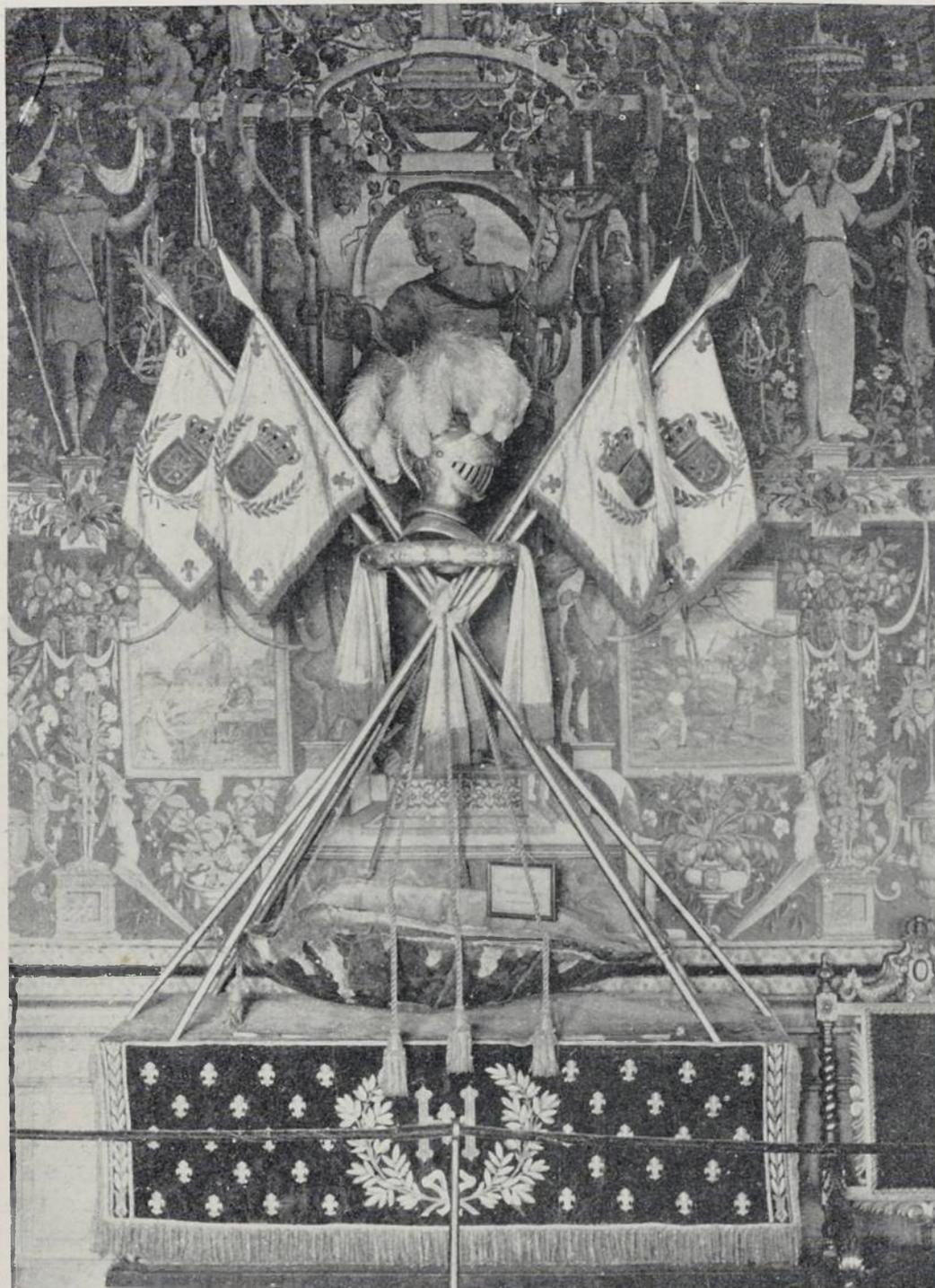
O que chama porém, a atenção é uma

casca de tartaruga que está junto á chaminé, ornada de estandartes, encimada por um capacete emplumado. E' o berço de Henrique IV. Em vão os historiadores farão pesquisas eruditas sobre a authenticidade dessa tartaruga historica, porque ao contemplal-a, a gente pensa commovida que foi alli que se embalou o grande Rei, o rei espirituoso e sympathico, namorador e diplomata, atrevido e discreto, que mereceu do odio de Catharina de Medicis a execução de um dos maiores crimes do Christianismo, e que quando se preparava para dar a cada camponez uma gallinha dominical, cahiu morto pelo estúpido punhal de Ravillac. E tambem e consoladoramente se pensa que não nascer em berço de oiro não é uma prohibição para ser illustre.

Por uma janella aberta, um raio de sol doirou as lanças dos estandartes e o metal do capacete; as plumas enfunaram-se como aos ventos gloriosos das batalhas remotas; lá fóra as arvores ramalhavam; e um pouco da vida ambiente parecia animar aquelle berço vazio, que por ter acalentado uma existencia era para sempre immortal. — como a luz que vinha do Céu, como o aroma que subia da Terra.

Madrid, Outubro de 1906.

THOMAZ LOPES.



## Ao chegar do Verão

A gente do grande tom, a alta sociedade elegante e dinheirosa parte para as montanhas e para as thermas.

Vae a virgem natureza das serras, vão as varzeas e logarejos provincianos, quietas, demanteladas villas sertanejas, admirar-se da charlarieta parceirada fidalgote, que por lá se espalhará aos bandos e aos casaes, qual mais ostensivo de maneiras nobres, qual mais impando de farta pecunia, trajos espaventosos e modos restaqueros, obesidades tremulantes em que resplandecem cadeias de ouro, composuras tersas de grandes senhores em collarinhos reluzentes, e lymphatismos romanticos, de uma picante ternura de flôr emmurhecida ao calor dos collos, incipiencias morbidas que poem coriscos nas medulas dos experimentados nos peccadilhos galantes, nervosismos refinados na convivencia apuradora dos *five ó clock* e no *flirt* do mundo rico...

O ar puro das veigas e das penedias, onde quer que se elevem quatro paredes caiadas com uma taboleta de hotel, rescenderá de essencias preciosas das retortas celebres de Roger Gallet e Houbigant, por essas tardes veranicas em que o cheiro tonico das macegas, causticadas do sol, é como um filtro de amor para os simples que não conhecem velutines nem pulverisadores de aromaticos.

E enquanto por lá, nesses deliciosos remansos transformados em encantadores infernos, toda essa riqueza se agitar nos seus enlunvantes tecidos de preço, abrindo sob os ramalhos das *quaresmas* a claridade branca ou o escandalo vermelho de umbellas com o cabo em prata cinzelada, a colleccionar exotismos da flora, rutilos insectos ou mineraes raros por defastio do ocio; enquanto a paizagem se animar com a casquinada dos *pic-nics*, os ipês ensombrarem, protectoramente, os idyllos livres, a tecelagem fina das meias e o perfumado couro amarello dos sapatos de villegiatura espantarem a ingenua gentalha das roças, pasmada de tanto luxo e tão complicadas cousas, nós outros, jungidos aos deveres, magros de bolso e tropegos de pernas, pobres diabos sem fortuna, sem credito, sem sogro commendador, aqui ficaremos na poeirada da cidade, a curar mazelias, a retemperar os minguados restos das forças nas salsas aguas das praias.

E, graças a Deus, temos praias!

\* \* \*

Ahi estão ellas, pelo extenso littoral, desde os lodos negros do Cajú até o pendor granitico da Urca; desde as areias claras da Copacabana, espumejante e vasta, até as costas marulhosas da Tijuca, toda verdejante de pomares e lavouras.

E como são bellas as nossas praias! Partimos pela manhã, n'um banco de bonde, para as restingas do Leme, para os areiaes do Le Blon, perfumados de cajueiros em fructos, para os risonhos limites dos sitios da Gavea. E' um goso estender-se a vista por esses pittorescos logares, onde uma civilização arremedada, mais simploria que pretenciosa, vae levantando modernas vivendas... para quem ganha riquezas na Bolsa mas que, de onde em onde, ainda conservam seus velhos colmos singelos irrompendo dos laranjaes, em meio de um varrido terreiro preparado para a secca do milho e do feijão da pequena roça em derredor. Resta-lhes ainda uma pouca de sinceridade rustica, esse insinuante aspecto de lhaneza primitiva em que se consubstanciam virtudes de vez em vez mais raras, e é de lastimar que essa boa gente lavradora não possuía a palhóça de um pequenino curral onde se pudesse ordenhar de ubres turgidos farta tijela de leite puro, nem saiba estender uma toalha em mesa tosca, á sombra de larga fronde, para nos mercar um cabaz de fructos saboreados ao ar livre, travosos do pomar onde a mão de trabalho os fôra colher de momento... Porque entre as cousas boas desta triste existencia devemos contar o prazer da graça de uma mulherzinha elegante, ainda mesmo que não seja loira, a tasquinar conosco bocados humidos de saptis ou pedacitos saborosos de *fructos de conde*. E dê-se que, ao nosso lado, tenhamos uma vivaz morenita, desses diabinhos que parecem anjos, toda palrice, toda sorrisos de jaspe polido em polpa cheirosa e rubra de melancia madura, nossa mulher ou... que não seja!... nossa camarada e companheira... Digam-me sizudos Catões com o carregado senho de contemporaneos e inexoraveis Berangers, graves moralistas de orelhas bambas, digam-me se ha no mundo goso que se compare ao desse momento feliz, arvores em torno, flores rescendentes, mesa repleta de fructos, cantaros de leite e dentro dum caramachel de passifloras sob um céu que parece ter vindo dos fornos magicos de Sévres, eu ou tu, qualquer de nós leitor amigo, e uma rapariguita moça, mais irriquieta que um passaro alegre, em linhos brancos, fôfos e bordados, como se vestisse nuvens claras do meio-dia, e com um pimpante chapéo de palha, de véo ao vento, sobre o reduzido ninho de uma noite misteriosa que tal se nos afigura a trunfa quente de seus cabellos negros...

Mas, se nos falta aquillo e mais isso, que tão facilmente se encontra em humildes terreolas da Europa, não nos faltam á retina bellezas que a impressionem.

E até as planuras brancas das praias onde os vagalhões escabujam marulhosos, vamo-nos distrahidos e felizes, esquecendo miserias e desmemoriando fadigas, seduzidos pelo ca-

pricho da bizarra vegetação dos tropicos que alcatifa a rudeza dos penhascos e atapeta as restingas, ali em bastas ramarias e bojudos empolos do mais variegado verde, aqui em asperezas de gravatás e agaves ou em cópas escuras de arredondadas pitangueiras e contorsões bravias de cajueiros pintalgados.

\* \* \*

Mas, como têm sido abandonadas as nossas lindas praias!

Os que necessitavam de banhos de mar, por prescrição medica ou por simples intuição hygienica, corriam para as pequenas e insalubres praias do centro da cidade, avisinhas dos bairros commerciaes, taes eram as do Boqueirão do Passeio, do Flamengo e, um pouco mais longe, a da Saudade, nas quaes a *City Improvements* estabeleceu suas machinas de descarga...

Era nessas aguas impuras e, por vezes, fetidas, na proximidade dos esgôtos da tortuosa metropole, de hontem, que uma população se banhava e procurava sanar o corpo!

Não causava, porém, admiração esse desasseio, que resultava de descuiavel ignorancia e, sem duvida, do nosso mal entendido espirito de economia; mas, o que realmente faria um santo perder o sizo, era a indiferença com que os poderes publicos consentiam o uso de taes banhos, quando estava na mais rudimentar comprehensão a sua inconveniencia por impropriedade do local e impureza das aguas.

Com estas importantes razões de hygiene outras se emparelhavam. Não são menos dignas de atendimento as que diziam respeito á rudeza, a selvageria de alguns dos nossos habitos, que soffreram o modelameuto do brutal utilitarismo dos nossos antepassados. Assim tudo que constituia goso de vida, encanto ou necessaria futilidade para amenisar o peso da trabalhosa existencia, cahia em pena inexoravel por ser superfluo, deseconomico e indigno a quem pretendesse conceito de gente honesta e sã.

A frequencia dessas praias tinha a sua explicação neste estreito entendimento da utilidade. E pensando em economias, a população entregava-se, inconscientemente, a influencias perniciosas, que lhe podiam causar danos irreparaveis.

Não sabemos se isso, que a construcção da bella avenida á beira-mar fez desaparecer dos nossos habitos, voltará a se reproduzir, mas julgariamos obra de louvavel previdencia si se fizesse uma lei prohibitiva para taes banhos nos mencionados logares.

Em uma cidade como a nossa seria facilimo obter-se banhos de mar nas mais rigo-rosas condições hygienicas—bastaria o intelligente aproveitamento das praias oceanicas, a que nos dão commodo e rapido acesso as linhas de carris. Com tão bellas e excellentes praias costeiras poderiamos ter luxuosos esta-

belecimentos balnearios, em que fosse possivel uma longa hospedagem de estação, com todas as exigencias do bem-estar material que n'uma terra civilisada se offerece aos seus habitantes.

\* \* \*

Dirão que a vida em commum nas praias é mexeriqueira e dissolvente, não contestaremos; mas, não incorreriam as praias do Rio de Janeiro neste reparo, em verdade prejudicialissimo, porque a visinhança do centro da capital impediria o agglomerado ocioso dos homens e a *irmandade* bisbilhoteira das senhoras.

Pela facilidade, barateza e rapidez dos transportes, os homens poderiam continuar seus affazeres quotidianos, descendo aos seus negocios e empregos, e as senhoras se dispersariam em passeios, visitas ou compras, com a mesma commodidade de que gosam em suas moradias de arrabalde.

Por esta fórma a estação balnearia teria os encantos de uma existencia tranquilla, hygienica e livre, sem prejuizo dos trabalhos e occupações de cada um. Seria incontestavelmente uma delicia. Construir-se-iam em escolhidos pontos da nossa extensa costa oceanica, incomparavelmente bella, confortaveis *Casinos*, providos de todos os melhoramentos precisos para a commodidade de uma temporada veranica; far-se-iam salões de musica, vastos, arejados, vistosos como os melhores *music-halls*, onde excellentes orchestras dariam Beethoven, Mozart, Wagner... caso as meninas dengues e os commendadores cabeçudos não preferissem lundús e walsas de dançatas; haveria um palco para espectaculos ligeiros, uma sala de leitura... sem duvida pequena, mesmo pequenina, porque pouca gente lá iria: haveria tambem um salão de jogo, esse o maior possivel, attendendo-se as predilecções da nossa alta sociedade; e obedecendo a um plano especial, ponderadamente tracejado, dar-se-ia aos que amam o isolamento, a independencia almejada, de modo a se esquivarem, sem constrangimento ou grosseria, da convivencia dos communicativos e ruidosos.

E assim, senhores, destruiriamos de uma vez para sempre essas barracas de taboa suja e de aspecto repellente de poleiros de quitanda, que afejavam o nosso littoral; esse costume de banho á força, sem um attractivo que nos disfarçasse a aridez da vida, essas praias a dois passos da rua por onde rodam matutinas carroças de lixo, correm os bonds atulhados de gente e chalaceiam maltrapilhos descalços. Só assim, senhores, iremos conquistando aos poucos os fóros de civilisados, de que fazemos tanto alarde, mas que se desmerecem e nos ridicularisam deante dos feios, dos rudes, dos selvagens costumes que ainda mantemos.

GONZAGA DUQUE.

## O RIBEIRO

**N**O principio, querendo o Senhor estabelecer a ordem perfeita e firmar a harmonia entre as creaturas para que, a todo o tempo, não lhe chegassem queixas de opprimidos ou de descontentes, descia, de quando em quando, á terra e, ainda que tudo lhe parecesse bem, dissimulando em humildade a sua omnipotencia, escondia-se na folha da arvore, na penna do passaro, na petala da flor, na gotta d'agua, na estriga, no grão de areia, na centelha do lume, no espirito do homem, no coração do animal e escutava, na intimidade, o que pensavam ou diziam e, se achava razão na queixa corrigia, se ouvia louvores exultava.

O passaro bemdizia-o porque Elle lhe déra a aza e o canto, a flor agradecia-lhe o perfume, a arvore a folhagem, a serra o arvoredo, o rochedo a fonte e o musgo, a caverna a sombra e o silencio, a mina os filões de ouro, o homem o pensamento, a fera a liberdade e o mar não se cançava de desdobrar os vagalhões admirando-lhes as rendas brancas de espuma que se espalhavam nos areaes.

A terra era uma immensa alegria—todas as vozes, ainda as mais humildes, como a das formigas que carreavam achegas e a das abelhas que recolhiam o mel, eram de agradecimento a Deus. O proprio cardo hediondo mostrava-se ufano da flor que se abria nos seus galhos aleijados.

E Deus parecia contente com o que fizera e, retomando a forma divina, envolvendo-se na aureola prefulgente, já se dispunha a regressar ao ceu quando ouviu o murmurio lamentoso que subia de um ribeiro.

Approximou-se da margem, toda vestida de verdura florente e, inclinando-se sobre as aguas passageiras, reteve-as perguntando-lhes porque se queixavam.

—Senhor, disse o ribeiro, a tudo destes liberdade: os passaros vôm por onde querem—se lhes apraz a montan'ha batem azas lá vão; se está em flor o bosque ao bosque

se dirigem. Passam as aguias e as lavandiscas, são livres, têm toda a terra e todo o espaço; o homem erra á vontade por todas as devezas, os animaes percorrem as florestas, atravessam as campinas e os desertos, elegem a moradia que lhes convem; a estrella brilha no ceu e fulge nas aguas; a terra levanta-se em poeira e vae crear ilhas nas rochas do mar largo e as vagas do mar, se desejam o sol, chegam-se ás praias tepidas e douradas, quando querem o repouso recolhem-se nos extremos do mundo e dormem congeladas; eu só não tenho o direito de deixar esta prisão estreita nem de retroceder, o que fazem os pequeninos peixes que nascem no meu seio, mais livres do que eu porque podem ir e vir, zombando da correnteza. Sou um captivo. Quizera poder insinuar-me nos bosques, repousar um minuto á sombra das arvores, correr as areias claras do deserto, rolar pelas ribanceiras alfombradas, ser livre, emfim...

—E' quanto queres?

—E' tudo, Senhor.

—Assim seja. E logo, desfazendo as ribanceiras que continham as aguas do ribeiro, deixou-as o Senhor livres.

Precipites, com murmurio alegre, correram pelos campos, invadiram a floresta, alastraram o deserto, metteram-se pelas furnas.

Mas a floresta reteve as que lhe chegaram e, juntando-as em lago, matou-as formando com as miseras, dantes tão limpidas e vivazes, o tenebroso e taciturno pantano.

O deserto, de arêas quentes, mal sentio as aguas erradias, logo, sofrego, as devorou; as furnas, cheias de pedras, em declives escabrosos, precipitaram-nas de queda em queda.

De todos os lados, então, subiram lamentos doridos: no pantano, as vozes das aguas agonisantes que se sentiam abafar pelas folhas mortas, pelos ramos seccos, escabujando, não sobre o saibro claro em que, dantes, haviam corrido, mas sobre um putrido lençol de lodo; no deserto, gritos das aguas que succumbiam devoradas pela sêde eterna dos areaes resequidos; nas furnas o longo, angustioso gemido das aguas arrojadas de pedrouço em pedrouço.

Foi então que o ribeiro arrependido clamou em desespero:

—Fazei-me, Senhor, voltar ao leito antigo, dae-me a dôce prisão das minhas formosas margens. Que fui eu pedir, insensato que sou! Pobres das minhas aguas! Dae-me, de novo, o antigo leito com as suas margens orladas de verdura, fazei-me tornar á minha prisão e que as minhas ondas continuem a brincar com as libellulas e com as borboletas. O' o tumulto negro, o pantano triste.. Como me illudio a floresta! O' o deserto perfido e os antros traidores! Juntae as aguas dispersas que soffrem por minha culpa, que ellas tornem ao leito enxuto. Fazei-me, de novo, o ribeiro de outr'ora. E disse o Senhor:

—Foste o unico descontente. Entre tantos rios e ribeiros só tu reclamastes contra a minha ordem pedindo liberdade. Dei-t'a. Eras limpido, tinhas belleza e tinhas frescura e todas as tuas aguas corriam juntas, em alegre bando, por entre as sombras cheirosas. Qui-

zeste entrar na floresta, como o homem—lá estás em pantano; quizeste percorrer o deserto como os leões, as arêas devoram-te; quizeste voar como o passaro, o sol absorve-te; quizeste descer a montanha, os penhascaes precipitam-te e, querendo ser tudo nem ribeiro és mais porque a agua que te resta é uma lagrima escassa que desaparecerá no estio, com o ardor do sol.

E, sem mais dizer, subio o Senhor ao ceu e lá ficou na campina o raso fio d'agua, resto do ribeiro ambicioso, cujos membros jaziam dispersos:—na floresta rebalsados em pantano, torvelinhando em cachões nas furnas, no deserto em lençol humido que mal chegava para a sêde voraz das arêas adustas.

Desde então nunca mais as cousas se queixaram: servio a todas de exemplo o caso do ribeiro-ambicioso.

COELHO NETTO.

## CAIXA DE AMORTISAÇÃO

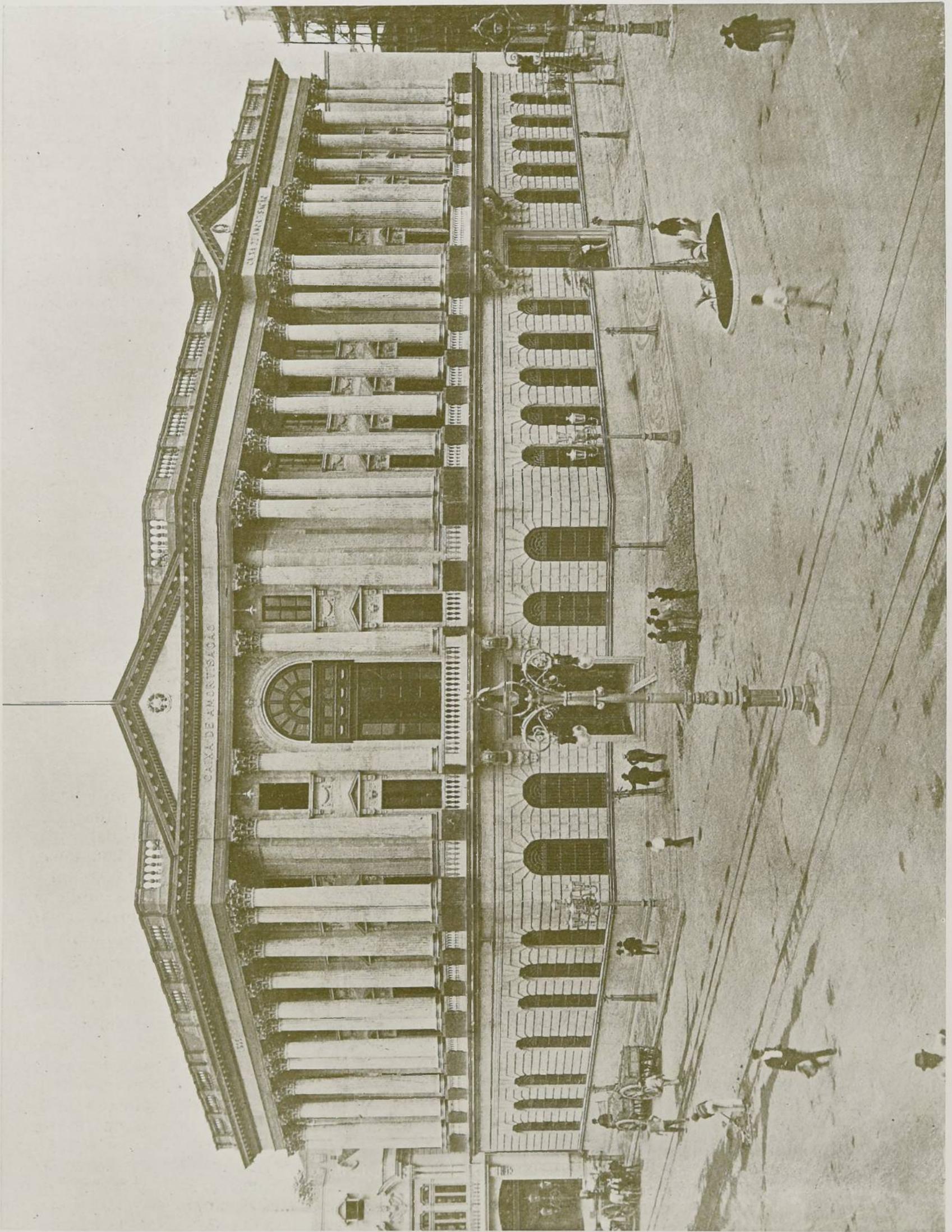
Por sua excepcional formosura, ao mesmo tempo original e classica, afigura-se-nos o soberbo edificio da Caixa de Amortisação, um dos que mais realce e destaque emprestam á Avenida Central.

Localizado esplendidamente na altura dos ns. 28 a 36, medindo de frente 40 metros, 17 sobre a praça circular, 25 sobre a rua Visconde de Inhaúma, 22 sobre a travessa de Santa Rita e 63 sobre a passagem que o isola do Corpo da Guarda e do predio n. 13 da rua dos Benedictinos, a area por elle occupada ainda mais concorre para que a severidade de seus relevos attraia, desde logo, a attenção tanto dos leigos como dos competentes em arte architectural. Não vae exagero algum na affirmação de que o seu projecto vale por eloquente testemunho da proficiencia a mais rara. Unico en-

tre todos os nossos edificios de vulto, obedeceu elle, nos minimos detalhes, ás dimensões requeridas pelo classicismo e vem dahi, não ha negar, o imponente aspecto do conjuncto. E' este formado, como se vê da photogravura por 3 pavimentos: o 1º representa a muralha que sustenta a parte nobre do edificio e os demais ficam empolgados pelas columnatas.

A fachada, no pavimento terreo, é toda de cantaria, pertencendo á ordem jonica suas molduras e cornijas.

Trinta e quatro columnas corynthias de marmore branco de Carrára fórman a columnata dos dois pavimentos superiores, tendo os dados e o entablamento de marmore vermelho de Verona, com as bases, capiteis e molduras da architrave, friso e cornija de bronze doirado. As columnas têm 86 centímetros de diametro, e 8<sup>m</sup>,60 de altura e acham-se levantadas de um metro com o dado em que repousa a base. 18 columnas formam sobre a Avenida uma varanda de 2<sup>m</sup>,30 de largura, ficando 4 em balanço e encimada por um



frontão em cujo tympano estão as armas da Republica, em bronze esmaltado a côres. 12 columnas formam identica varanda com 1<sup>m</sup>,70 sobre a rua Visconde de Inhaúma e as 4 columnas restantes supportam o frontão curvo da praça circular, em cujo tympano, pela mesma forma que na anterior, se repetem as armas republicanas.

Em grandes caracteres de bronze doirado, o distico «Caixa de Amortisação» se destaca, em perfeita evidencia, no friso do frontão da Avenida.

O edificio é encimado por um attico de balaustrada de marmore de Verona, tendo um passadiço metallico praticavel nas quatro fachadas.

A cantaria do pavimento terreo attinge a 7<sup>m</sup>,50 sobre o mesmo passeio.

A porta da praça circular dá accesso ao saguão revestido de estuque lustre, em seguida a rotunda central de 19 metros de diametro, que serve de sala de espera á secção dos juros de apolices, situada á direita e dando para a Avenida Central e para a secção de troco de papel-moeda, que se acha á esquerda com frente para a rua Visconde de Inhaúma e Travessa de Santa Rita. A rotunda, abrangendo os tres pavimentos, é revestida no pavimento terreo, de paineis de mosaico, de vidro doirado, cujo effeito é reflectir luz para as salas visinhas.

A sala da direita, destinada aos juros das apolices, mede 400 metros quadrados de área, com uma casa forte de 55 metros quadrados de área, munidas de portas do fabricante Chubb. Nella é que foram feitas as divisões para o serviço de corretoria, thesouraria e vestiario com aparelhos sanitarios.

A sala da esquerda, com 350 metros quadrados de área, é destinada ao serviço do papel moeda, possuindo tambem duas casas fortes com portas dos fabricantes Remington & Sherman; tem 53 metros quadrados de área, além do vestuario e gabinete sanitario.

Defrontando a entrada, acha-se a rotunda, communicada por tres portas; adiante o vestibulo da escada, toda de cantaria, obedecendo em todos os seus ornatos e molduras á ordem dorica. Por baixo da escadaria fica o corre-

dor, dando accesso ao pontilhão do forno de incineração e á casa para corpo da guarda.

A escadaria é de granito, com dois lances curvos rematados em um só, recto, terminando na varanda que circula a rotunda no nivel do segundo pavimento, varanda circular, com 1<sup>m</sup>,80 de largura, dando entrada, á direita, para a secção da contabilidade, com 315 metros quadrados de área, e á esquerda para transferencia de apolices, com 150 metros quadrados de área, dando a frente para o vestibulo do Inspector e a direita para a sala do chefe da contabilidade.

Duas portas, ainda, á varanda, dão accesso ao grande vestibulo, do qual, em seguimento, vem o salão da Inspectoria, espaçoso, com 18 metros por 8<sup>m</sup>,50, e o gabinete do Ministro, com dependencias.

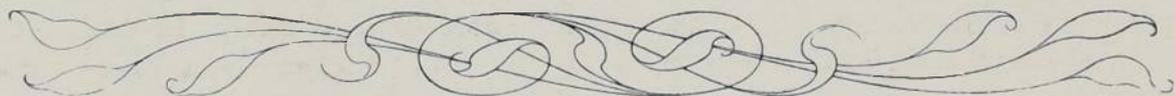
Os salões da contabilidade, transferencia de apolices e gabinete do Inspector estão providos de vestiarios com os aparelhos sanitarios.

Uma escada de ferro franqueia a subida do terceiro pavimento, onde, do lado da Avenida, está situada uma sala de 440 metros quadrados, provida de vestiario e aparelhos, destinados aos sorteios; do lado da Travessa de Santa Rita, fica o archivo, com 425 metros de área e portas fichet.

Fôra do edificio, e deste separado por uma passagem de cinco metros, acha-se o corpo da guarda e o pavimento do forno de incineração. Aquelle compõe-se de dois pavimentos, contendo o 1º o refeitório das praças, salas de ordem do estado-maior, além de uma pequena área com os gabinetes sanitarios e o 2º o alojamento das praças, arrecadações, e os gabinetes sanitarios.

O pavilhão do forno de incineração, de sólc e paredes revestidas de ladrilho esmaltado, contém o forno; de vigamento metallico.

O projecto e detalhes da construcção do sumptuoso palacete foram confeccionados no escriptorio tecnico da Comissão da Avenida Central pelo engenheiro Dr. Gabriel Junqueira, sob as ordens do Dr. Paulo de Frontin, Chefe da mesma Comissão, e do Dr. José V. Dunham, chefe de secção, cabendo a direcção das obras ao Dr. Henrique E. Couto Fernandes.



## O Casamento de Gonzaga

DENTRE os mallogrados sonhadores da libertação do Brasil em fins do XVIII século, episodio que por sua importancia monopolizou o titulo de Inconfidencia com que passou á Historia, avulta sympathicamente Thomaz Antonio Gonzaga, o ex-ouvidor de Villa Rica, o dulçuroso Dirceu de Marilia.

Filho de paes brasileiros, nascido comtudo na Metropole em 1744, já por occasião da trama politica não se podia considerar um joven; entretanto, havendo outros mais moços entre os conspiradores, coube-lhe dar áquella tragedia um doce perfume de poesia com a sua mallograda paixão por D. Maria Dorothea de Seixas — musa inspiradora de suas ternas endeixas.

Ha entre os historiadores duvidas sobre a co-participação de Gonzaga na Inconfidencia; querem alguns que um fortuito concurso de circumstancias o houvesse envolvido nas malhas do inquerito, não escapando á suspeita Antonio Diniz da Cruz e Silva, juiz do processo, de por ciumes literarios ter-lhe aggravado a situação; mas o certo é que não podia fugir Gonzaga á responsabilidade que tanto lhe cabia quanto aos companheiros, não lhe valendo á defeza a allegação de ser nado na metropole, o que tambem acontecia a Domingos de Abreu Vieira, amigo e compadre de Tiradentes, que este conseguiu influenciar por tal forma que em sua casa se deram varias das reuniões dos inconfidentes—; outro dos seus meios de defeza—e a meu ver o que mais o condemna—foi a insistencia com que procurou fazer o Intendente da Fazenda Regia lançar a derrama pelo total da divida dos Povos das Minas, quando elle pensára lançar sómente um anno, buscando justificar-se desse procedimento dizendo que assim tornada impossivel a cobrança pela enormidade da divida, mais facilmente attenderia a Coroa aos clamores do povo aterrado e empobrecido pelo confisco regio; ora, sabendo-se que a derrama provocando o descontentamento do povo o predisporia ao levante e com isso é que contavam os conspiradores, segue-se que quanto maior fosse a taxa a pagar por cabeça, maior seria o descontentamento e mais facil de triumphar a revolta; e tanto isso não escapou aos juizes, que assim reza a sentença da junta em relação a Gonzaga:

«Mostra-se que sendo a base do levante ajustado entre os Réos o lançamento da der-

rama pelo descontentamento que suppunham que causaria no povo, este Réo foi um acerrimo perseguidor do Intendente Procurador da Fazenda para que requeresse a dita derrama e parecendo-lhe talvez que não bastaria para inquietar o povo o lançamento pela divida de hum anno, instara ao mesmo Intendente para que a requeresse por toda a divida dos annos atrasados, e ainda que desta mesma instancia queria o Réo formar a sua principal defeza, dizendo que instava ao dito Intendente para que requeresse por toda a divida por que então seria evidente que ella não poderia pagar-se e a Junta de fazenda daria conta á dita Senhora (a Rainha) como diz no appenso nº 7 fls. 17 em diante; comtudo desta mesma razão se conhece a cavillação do animo deste Réo pois para se saber que a divida toda era tão avultada que o povo não podia pagal-a e dar a Junta da Fazenda conta á dita Senhora não era necessario que o Intendente requeresse a derrama; porem do requerimento do dito Intendente é que verosimilmente esperavam os Réos que principiasse a inquietação logo no Povo, pelo menos os conjurados, e reputavão as instancias que o Réo fazia para ter lugar a Rebelião.»

Não lhe valeu a defeza, sendo que ao advogado Fagundes auxiliaram muito os seus conselhos de jurista, tanto que os derradeiros embargos á sentença condemnatoria que existem nos autos são de seu proprio punho; nem lhe valeram os versos em que elle dizia de seu algoz o Marquez de Barbacena:

«Tu vences, Barbacena, aos mesmos Titos  
Nas sans virtudes que no peito abrigas.  
Não honras tão somente a quem premeias,  
Honras a quem castigas.»

Gonzaga foi *honrado* com dez annos de desterro para Moçambique.

Esperanças teve-as de escapar á pena, e isso elle o diz claramente em outra *lyra*:

«Ah! minha bella, si a fortuna volta,  
Si o bem que já perdi alcanço e provo  
Por essas brancas mãos, por essas faces  
Te juro renascer um homem novo,  
Romper a nuvem que meus olhos cerra,  
Amar no céo a Jove e a ti na terra.»

Cerca de quatro annos que tantos durou o tardo processo, esteve Gonzaga em ferros, a principio na Ilha das Cobras e depois nos carceres da Ordem Terceira da Penitencia.

Foi durante essa prisão que escreveu as Lyras que d'elle ficaram e tão alto destaque lhe dão entre os poetas brasileiros do XVIII século e correm mundo com o titulo—Marilia de Dirceu.

Ali pareceu se apurar a intensa paixão que nutria pela Musa de Villa Rica. E trocavam-se os versos, si verdadeira é a versão que a Marilia attribue os versos que figuram juntos aos de Gonzaga na collectanea de suas obras, que almas piedosas se encarregavam de levar ao seu destino.

Dizia Marilia:

“Alli de ferros coberto (\*)  
Partiu para longe terra,  
Aonde horrenda masmorra  
Segregando-o ao mundo o encerra,  
E mal deixa-o respirar;  
Dalli o triste me envia  
Os seus suspiros saudosos,  
Os seus queixumes sentidos,  
Os seus gemidos chorosos,  
Que cá não podem chegar.  
Meus queixumes de saudade  
Não venha alguém escutar:  
Ah! echo, por piedade  
Não m'os vás tu divulgar!

Geme o pae, geme a familia  
Em pezares mergulhada,  
Geme toda Villa Rica,  
Em tristeza sepultada  
Por seu injusto penar  
E a triste amante chorosa  
Nem mesmo pode carpir-se,  
Com a dor occulta no peito  
Vê-se obrigada a sorrir-se  
Para seu mal disfarçar.  
Meus queixumes de saudade  
Não venha alguém escutar:  
Ah! echo, por piedade  
Não m'os vás tu divulgar!”

Respondia Gonzaga:

Nesta triste masmorra  
De um sem vivo corpo sepultura,  
Inda, Marilia, adoro  
A tua formosura!

Veio por fim a sentença que Gonzaga comunica á amante, nos seguintes maviosos versos:

Leo-se-me emfim a sentença  
Pela desgraça firmada;  
Adeus, Marilia adorada,  
Vil desterro vou soffrer.  
Ausente de ti, Marilia,  
Que farei? Irei morrer.

Que vá para longes terras,  
Intimarem-me eu ouvi,  
E a pena que então senti,  
Justos céos, não sei dizer.  
Ausente de ti, Marilia,  
Que farei? Irei morrer.

(\*) Refere-se á varanda da casa de Gonzaga em que elle passava as tardes contemplando-a.

Mil penas estou sentindo  
Dentro n'alma e por negação,  
Me está dizendo a desgraça,  
Que nunca mais te hei de ver.  
Ausente de ti, Marilia,  
Que farei? Irei morrer.

Por deixar os patrios lares  
Não me fere o sentimento;  
Porem suspiro e lamento  
Por tão cedo te perder.  
Ausente de ti, Marilia,  
Que farei? Irei morrer.

Não são as honras que perco  
Quem motiva a minha dor,  
Mas sim ver que o meu amor  
Tal fim havia de ter.  
Ausente de ti, Marilia,  
Que farei? Irei morrer.

A mão do fado invejoso  
Vae quebrando em mil pedaços  
Os doces, suaves laços  
Com que amor nos quiz prender.  
Ausente de ti, Marilia,  
Que farei? Irei morrer.

Da desgraça a lei fatal  
Pode de ti separar-me,  
Mas nunca d'alma tirar-me  
A gloria de te querer.  
Ausente de ti, Marilia,  
Que farei? Irei morrer.

Versos assim respondidos por Marilia:

Como mente e engana o sonho  
Da humana felicidade!  
Mas o sonho da desgraça  
Torna-se sempre verdade.

De ser, Dirceu, tua esposa  
Tenho perdida a esperança;  
Em mares de dor e magoa  
A sorte cruel me lança.

E o tio me diz agora (\*)  
Que não quer, que não consente  
Que eu jamais esposa seja  
De um réo, de um inconfidente.

Em balde lhe digo quanto  
Me dizes em teu abono.  
Não é contra um sceptro justo  
A alma digna de um throno.

Elle me volta, que partas,  
Que partas p'ra teu destino.  
E cumpras tua sentença  
Segundo o fado ferino.

(\*) João Carlos Xavier da Silva Ferrão Ajudante de Ordens do Governador tio e tutor de Marilia, que animára os seus amores com o magistrado da Relação da Bahia e revoltou-se contra elle ao vel-o preso e desgraçado.





# *A Equitativa*

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A  
✦ ✦ VIDA -- TERRESTRES E MARITIMOS ✦ ✦

Apolices Sorte veis em Dinheiro em Vida do Segurado

*Os sorteios d'esta classe de apolices teem lugar em 15 de Abril e  
15 de Outubro de cada anno.*

A Equitativa tem sorteado, desde a instituição d'esta classe de  
seguro, apolices no valor de Rs. 595:000\$00 pagos em dinheiro

A apolice de sorteio EM DINHEIRO, de  
exclusiva invenção da A EQUITATIVA, é a ultima palavra em Seguro de Vida

TODOS OS SORTEIOS SÃO PUBLICOS

*O proximo sorteio terá lugar a 15 de Abril p. f.*

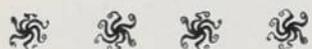
TABELLAS E PROSPECTOS EM SUA SÉDE

**125, Avenida Central, 125**

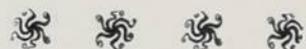
**RIO DE JANEIRO**

E em suas agencias e filiaes em todos os Estados da União

# FILTROS MALLIÉ



Esterilisação absoluta pela Porcelana de Amianto



(THEORIA PASTEUR)

SUPERIORES A TODOS OS OUTROS ATÉ HOJE CONHECIDOS!



(Filtro sem pressão)

A maior facilidade para instalação e limpeza! Simplicidade e elegancia. Numerosos premios em varias exposições.

Eis o que diz a analyse a que procedeu o Laboratorio Municipal de Chimica de Paris

« A agua filtrada é de uma *limpidez perfeita* e de um *sabor agradavel*; ella sai dos filtros livre das materias organicas que continha em suspensão, e isenta dos germens mais ou menos nocivos que ahi viviam desenvolvendo-se com prejuizo de suas qualidades. Em consequencia, concluimos que, a agua submettida á filtração através dos filtros examinados por nós, é eminentemente propria a todos os usos domesticos.»

O chefe do Laboratorio Municipal: *Ch. Girard.*

Agentes geraes para o Brazil:—A. ABREU & COMP.

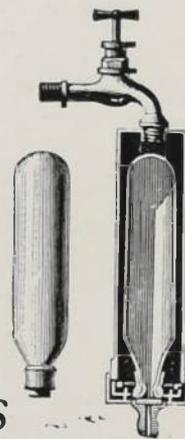
Rua da Quitanda N. 102—Rio de Janeiro.

Depositarios no Rio de Janeiro:—A NOVA AMERICA E CHINA

Rua do Ouvidor N. 39.

Depositarios em S. Paulo:—MONTEIRO SOARES & COMP.

Rua Direita—Canto do Viaducto.



(Filtro de pressão)

ENVIAM-SE PROSPECTOS A QUEM OS PEDIR AOS AGENTES

## COMPANHIA MINERVA

SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

DEPOSITO NO THESOURO FEDERAL—200.000.000

Rua 1º de Março, 29—RIO DE JANEIRO



DIRECTORIA

*Emilio do Amaral Ribeiro*

*Affonso Burlamaqui*

*Jacinto de Magalhães*



# DUBONNET

○ MELHOR APERITIVO ○

*L. Musso & C.*

10, RUA DA URUGUAYANA, 10

RIO DE JANEIRO

Ultima novidade photographica  
Retratos em côres (Monocromos)  
de bellissimo effeito e inalteraveis

Ao terminar o seu terceiro anno KÓSMOS agradece a todos os que têm contribuido para a sua manutenção, pontualidade e seu desenvolvimento, rogando-lhes outra vez a renovação de suas assignaturas, que deverão ser reformadas com o presente numero. Tendo a sua tiragem augmentado consideravelmente, pela crescente procura em avulso, recommendamos aos que pretenderem colleccionar a nossa revista a necessidade de satisfazerem promptamente os seus pedidos, porquanto se nos tornará difficilimo attendel-os depois da impressão dos numeros mensaes, que apparecerão, como sempre tem apparecido pontualmente, no ultimo dia de cada mez.

# KÓSMOS

REVISTA ARTÍSTICA, SCIENTÍFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario  
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL  
INTERIOR. . . . . 20\$000      EXTERIOR. . . . . 25\$000  
NUMERO AVULSO 2\$000 — ATRAZADO 3\$000

Redacção e Officinas  
RUA DA ASSEMBLÉA, 62  
RIO DE JANEIRO

ANNO III

DEZEMBRO 1906

N. 12

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

O presente numero de *Kósmos* desvanesce-nos sincera e innocultavelmente.

Não por termos a despejada presumpção de julgar triumphante o esforço empregado na sua feitura nem por consideral-o obra excepcional entre espécimens das artes graphicas no Brazil; mas, sim, porque elle vem completar a sua terceira collecção artistico-litteraria e iniciar o quarto anno da sua existencia de publicidade.

Esses tres annos representam, para uma revista como esta, não só um titulo de recommendação, que a pontualidade da sua publicação mais avoluma, tambem a prova bastante, e sem duvida agradavelmente commovedora, de que os trabalhos de arte e os productos intellectuaes não são tão desprezados e desmerecidos na nossa patria como o amargo pessimismo dos desalentados e dos inertes fazia corrente, sem que elles ponderassem no desanimo semeiado com a injustiça da censura.

Quando, porem, ha tres annos, iniciamos esta jornada que vamos fazendo o mais proveitosamente possivel linhamos os receios do incontado.

Sahiramos da nossa modestia, em que honestamente lucravamos pelo trabalho remunerador uma existencia folgada por ser obscura e récta, com a mente povoada de sonhos promelhedores e o coração confrangido de incertezas.

Para onde iamos?..... Que nos succederia nesse caminho extenso, tantas vezes por outros tentado e ainda não palmilhado largamente, como aquelle caminho tenebroso do Prestes João da lenda das conquistas?.....

Em fim: partimos!

E para que nos não pezasse o ridiculo das ousadias mal succedidas, dissemos:

«Não tentaremos attrahir o favor publico com promessas, as mais das vezes fallaciosas; contando conquistal-o, primeiro buscaremos merecel-o, até que os factos se encarreguem de justificar os nossos propositos.»

Dir-se-ia que os noveis romeiros do Desconhecido se arrimavam ao cajado da pre'enção.

..... Mas, se não fôra essa força de *querer* e a confiança no proprio esforço que poderíamos

conseguir mais do que esses valorosos senhores de outros pendões, aventureados pela mesma tentativa?.....

Não prometíamos, confiávamos no ideal que nos levantára da obscuridade da nossa tenda, attrahindo-nos para as montanhas longinquoas d'Oriente.

E fomos e eis-nos em meio do caminho..... Não contamos os lanhos sangrentos das desillusões nem paramos a medir os rasgões da estaménha pelo apoucado das compensações, temos fé, encorajamos o mesmo entusiasmo do primeiro dia e hoje mais nos alenta a esperança de alcançar o que almejamos.

Na satisfação deste momento, é um dever de gratidão lembrar o apoio que, generosamente, nos tem prestado a imprensa brasileira e as dedicações que nos fortaleceram. Entre ellas destaca-se a de Mario Behring que, desde a fundação de *Kósmos* até dezseis mezes depois, nos prestou o concurso da sua intelligencia, do seu saber e do seu affécto. Só depois de muito solicitado por outros trabalhos, aos quaes se fazia neccessario o inestimavel e perseverante auxilio da sua cultura intellectual, foi que elle se resolveu desligar da

directão de *Kósmos*, unicamente quanto aos compromissos administrativos, porque a sua particular affeição a esta revista, que tambem é sua obra, e o muito que lhe queriam os seus companheiros, lhe não podiam consentir afastamento senão temporario e relativo.

Dando hoje á estampa o seu retrato, *Kósmos*

demonstra publicamente a gratidão que mantem para com o seu ex-director secretario e a alta consideração em que préza o seu bondoso amigo e illustre collaborador litterario.

Esta homenagem, que é o verdadeiro intuito da estampa, não obstante pequena e, talvez contrária ao modo de pensar do nosso eminente collaborador e distincto patricio, deviamol-a prestar nesta occasião em que a nossa revista firma, como nos parece, os seus creditos por tres annos de pontual publi-

cação e se nos afigura definitivamente amparada pelo favor publico, que assim a recompensa da extraordinaria somma de dedicação empregada para ennobrecer, no estrangeiro, o trabalho nacional e elevar, no interior, o conceito dispensado ás suas artes e litteratura.

O que *Kósmos* chegou a ser deve-o, em boa parte ao talento e competencia de Mario Behring.



# KÓSMOS



## Chronica

**D**EZEMBRO. Começaram os asperos calores, as nuvens de pó suffocante, a tortura longa dos quatro mezes infernaes. Que pena tenho eu de não ser cigarra ou lagarto! essas duas especies de creaturas nasceram para viver ao sol, como as fabulosas salamandras nasceram para viver no fogo: quanto mais arde o sol de verão, mais cantam as cigarras nas arvores, e mais se regalam os lagartos nas pedras escaudadas; felizes creaturas! não súam, e não sabem o que são brotoejas. Mas não sou lagarto, nem cigarra, — e tenho de suar, arfar, e penar como homem.

Que faser, para poder dormir, depois do trabalho diurno, nestas horriveis noites do nosso verão, — de ar abafado, de arvores paradas, de halito ardente sahindo da terra, de peso oppressivo cahindo do céu, onde palpitam e tremem com um brilho secco as estrellas, como carvões accesos no funcho de um forno.?

A primeira ideia que ocorre á gente é fugir para Petropolis. Mas Petropolis...

A vida em Petropolis é deliciosa para quem pode lá ficar dias seguidos, sem a dura obrigação de vir quotidianamente ao Rio. Para os vadios que lá podem ficar, Petropolis é um Paraiso; mas é o Inferno para os *diarios*, que passam o verão a subir e a descer a serra, com a constancia do azougue na columna thermometrica. Desventurados *diarios*! O seu padroeiro, o seu orago é o velho Ashaverus, o amaldiçoado judeu legendario, condemnado a vagar perpetuamente pela terra como os cometas vagam pelo céu. Durante o verão, o *diario* é um boneco automato com corda para quatro mezes. Levanta-se ás 5 da manhã, barbeia-se e lava-se em trez minutos, abala para a estação, desce a montanha, atravessa a bahia, voa esbaforido pela Avenida, almoça a galope, trata a galope dos seus negocios, consulta de minuto em minuto o relógio, súa como um alambique, atropella e atrapalha o trabalho, deixa tudo por acabar, dispara outra vez para a Prainha, toma a barca deitando os bofes pela bocca, chega ao hotel em Petropolis quando já

## KÓSMOS

a campainha está annunciando o jantar, mette-se na casaca de Nessus, engasga-se com a comida, vai fingir que se diverte nos clubs, ouve concertos, joga, dança, cae na cama esbarrondado ás duas horas da manhã, dorme com um olho fechado e o outro aberto, — e, ao romper do dia, recomeça a mesma hedionda lida e o mesmo tremendo supplicio. E esses martyres, que annualmente engordam as rendas e avolumam os dividendos da Companhia Leopoldina, gosam actualmente as mesmas commodidades (frescas commodidades!) que gosavam ha vinte annos; as barcas ronceiras nadam como tartarugas, os vagões dos trens são apertados como latas de sardinhas e quentes como fórnos de cremação; e essas viagens, que, em qualquer paiz civilisado, se fariam em uma hora, fazem-se aqui em duas horas e meia, — quando não ha atrazo. Vereis que, daqui a pouco, vão reapparecer as queixas nos jornaes. E' todos os annos a mesma cousa: os *diarios* lastimam-se, a Campanhia faz ouvidos moucos, não reforma aquella hedionda e immunda estação de S. Francisco Xavier, não concerta o material e o leito da estrada de ferro, não dá maior velocidade ás barcas, — e os *diarios* continuam a pagar e a soffrer...

Não! decididamente não vale a pena fugir para Petropolis!

Resta-nos o recurso de abalar para as Paineiras ou para a Tijuca...

Mas, Jesus! isso tambem tem inconvenientes graves!

Em primeiro lugar, os hoteis que existem nesses logares não são positivamente a ultima, nem a penultima, nem a antepenultima palavra do conforto. Se cá em baixo, na cidade, nós não temos hoteis confortaveis, — nem é bom fallar do conforto dos hoteis de lá de cima... No Rio de Janeiro, um bom hotel ainda é um mytho...

Além disso, a vida lá em cima, á noite, depois do jantar, nesses albergues mal illuminados e tristes, é de um aborrecimento desesperador: não ha o menor divertimento, não ha a menor distracção, e o veranista,

se não quizer ir fazer a digestão na cama, deitando se ás oito horas, terá de ficar só-sinho, contemplando as estrellas, mirando com saudade as luzes longinquas da cidade, fumando infindaveis charutos, e sentindo inveja dos que ficáram cá em baixo, no assador, suando mas divertindo-se...

Não! decididamente, tambem não vale a pena ir passar o verão nas Paineiras ou na Tijuca!

O melhor é ficar aqui mesmo, é suar e arfar, com paciencia. Quatro mezes passam depressa. Tudo passa depressa na vida...

Demais, parece que vamos ter um verão como o anterior, amplamente regado de chuvas beneficas.

E' até provavel que tenhamos de amaldiçoar a chuva, e de implorar aos céos clementes a graça da restituição do calor. Estas lindas festas do Natal e do Anno Bom querem dias claros e noites limpidas. Quem irá á "missa do gallo," sob as bategas da chuva? e como hão de os Reis Magos cantar os seus hymnos festivos com os pés na lama?

Emfim, com calor ou com chuva, consente que eu te saúde, leitor amigo, meu irmão. Vamos entrar no quarto anno da nossa amavel e deleitosa convivencia. Desejei-te boas festas no começo de 1904, quando appareceu o primeiro numero de *Kósmos*; renovei esses augurios sinceros em Janeiro de 1905 e de 1906; e renovo os hoje, abraçando-te, leitor querido, entidade symbolica, em quem resumo e comprehendo todos os milhares de amigos que *Kósmos* tem encontrado e conquistado durante os trez annos da sua existencia.

Não sei, nem quero saber se estas chronicas já te aborrecem: neste mundo de repetições, tudo acaba por aborrecer... Mas, estás aborrecido, disfarça o teu aborrecimento, e abraça-me, de cara alegre, como eu te abraço, trocando contigo o beijo da paz, neste mez de dezembro, tradicionalmente consagrado á fraternidade humana!

O. B.



Composição e desenho feitos especialmente para o presente numero de Kósmos pelo illustre professor R. AMOÊDO, o eminente artista brasileiro auctor da *Narração de Philetas* e membro do Conselho Superior de Bellas Artes.



## SOBRE A FORMAÇÃO

DA

### Literatura Brasileira

O Brasil foi descoberto, occupado e começado a colonizar no seculo do maior florescimento das letras em Portugal. De 1500 a 1600, que é a época do descobrimento e assenhoreamento do Brazil desde quasi o Amazonas até o Rio da Prata, e do inicio da conquista interior, vivem e florescem no grande pequeno reino Fernão de Oliveira e João de Barros, os primeiros que sujeitaram á nossa lingua á disciplina grammatical, Gil Vicente, o criador do theatro portuguez e um dos iniciadores do moderno theatro europeu, os poetas Bernardim Ribeiro, o delicioso bucolista, Sá de Miranda, o excellente lyrico; Ferreira, que dramatizando um episodio da historia nacional sob a forma da tragedia classica foi talvez o primeiro na Europa a romper com o preconceito que só Grecia e Roma podiam dar assumpto á musa tragica; Bernardes, Caminha, e o maior de todos, lyrico excepcional e épico superior, que só elle vale uma literatura, Camões; os primeiros bons prosadores da lingua, historiadores e chronistas, como João de Barros e Damião de Góes, moralistas e mysticos como Amador Arraes, Heitor Pinto, Fr. Thomé de Jesus; philosophos e sabedores como Garcia d'Orta, Pedro Nunes e Francisco Sanches, para não citar, em cada ramo da actividade mental da nação, senão os maiores. Nesse periodo a universidade, ora em Coimbra, ora em Lisboa soffreu tres reformas, e por ellas a cultura e o espirito da Renascença penetrou largamente em Portugal; a lingua, affeição por esses poetas e prosadores, alcançou o seu maximo de poder expressivo desde que entrara a balbuciar no seculo XII, e as riquezas do Oriente, fazendo de Lisboa uma das côrtes mais opulentas da Europa, concorriam para o desenvolvimento das artes sumptuarias e de luxo. E' a época da edificação dos Jeronymos, dos cinzeladores, quem quer que fossem, da Custodia desse mosteiro, dos architectos e esculptores anonymos de tantas fabricas admiraveis e de pintores como Grão Vasco e Francisco de Hollanda. Se muito antes do seculo findo a renascença portugueza terminava por Alcacer-Quibir e a occupação hespanhola, na-

quelles oitenta primeiros Portugal attingiu ao ápice da sua grandeza material e politica e a sua literatura teve o seu seculo de ouro.

Veria superficialmente quem presumisse que este florescimento literario se passasse com os seus chatins e guerreiros ás terras conquistadas de ultramar. A literatura não era ainda então um producto de exportação. Flor de côrte, especialmente cultivada por fidalgos, bécas, doutores, ecclesiasticos, o seu perfume quasi se não expande além do circulo cortezão e letrado. Se é, e certamente é, uma expressão da sociedade, uma definição da vida e do homem, não o é, não o quer ser, senão para uma sociedade limitada, para um certo homem e uma certa vida. Em tempos muito mais antigos, na Grecia, a poesia, a literatura, acaso a mesma philosophia, entraram em contacto com o povo, acamaradaram-se com elle nos vastos theatros abertos a todos, na palestra, nas lições dos jardins e dos porticos, nas festividades nacionaes, onde os poetas e historiadores declamavam os seus versos ou liam a sua prosa, digna do baptismo das musas. Por outro lado os aedos e rapsodas levavam a toda a parte os cantos homericos ou os hymnos dos vates primitivos. Em Roma, ainda uma classe numerosa, senão o povo, assiste e participa da vida literaria e espirital. A Renascença é, sob este aspecto, um monopolio, um privilegio de certas classes pouco numerosas, os eruditos, os doutores das suas universidades, os fidalgos e magnates amadores das letras romanas e gregas, o clero estudioso e aquelles, villãos ou cavalleiros, que a cultura e o genio fez poetas ou artistas. Não havia a comunicação directa e immediata de hoje entre a literatura e povo. O que o poeta, o homem de letras recebe agora do publico, a animação, a mercê, o apreço, a gloria, áquelle tempo era dos reis, dos grandes, dos poderosos de nascimento e condição que recebia.

Em Portugal foi sempre grande, pela propria incultura da massa popular, a separação entre a literatura e o que hoje chamamos publico. Justamente o seculo XVI marca ali, em literatura, o triumpho da reacção classica e humanista, erudita em summa, da Renascença, sobre a tradicção literaria medieval e popular. Nessa época precisamente as letras fazem-se palacianas, aulicas, cortezans, a occupação e deleite de uma escolha de espiritos pela sua condição ou cultura separados da massa geral da população, na maxima parte analphabeta.

A gente que se passava do reino ás conquistas da Africa ou do Oriente, ou da America, na sua immensa maioria, não sa-

beria ler, e não teria, portanto, sequer notícia da obra intellectual que se fazia em sua patria. Encantava apenas a sua intelligencia viva, e enlevava o seu sentimento terno de meridionaes a sua rica e formosa literatura ou, mais exactamente, poesia popular anonyma. Deleitavam-nos ainda nos serões e vigílias de bordo, nessas interminaveis viagens de mezes, as historias tradicionaes da vida nacional, contos de mouros e mouras, casos de cavallaria, lendas das suas lutas com os infieis e hespanhóes, episodios historicos alterados e poetizados pela imaginação collectiva do povo, como as contavam os Lusíadas em viagem para a India, no poema de Camões. Em as naus e caravellas que os conduziam por mares nunca dantes navegados primeiro e depois por costas e mares por elles achadas e devassadas, não se acharia um livro, ou apenas haveria o *Missal* necessario ao culto ou o *Breviarium romanum* do capellão ou do missionario ou outro livro lithurgico, vedado aos leigos e profanos. Os peregrinos que desde a Inglaterra, um seculo depois, buscavam abrigo para a sua fé e a sua liberdade no sólo virgem da America do Norte, levavam quasi todos consigo pelo menos a Biblia, toda uma literatura, original e sublime, em um só volume. Cioso do seu monopolio da verdade religiosa, o catholicismo se não defendia desaconselhava a leitura daquelle livro, e mais ainda lhe parecia perigosa no momento em que o livre exame reclamava o direito de comprehendel-o differentemente da igreja de Roma. Além das rezas broncas, das predicas mysticas ou simplesmente atemorizadoras, e da sua poesia popular, do que hoje chamamos á ingleza o seu *folk-lore*, não tinham aquellas rudes e ingenuas almas de marujo, aquellas intelligencias acanhadas, nenhum outro cultivo espiritual.

Em nenhum dos primitivos chronistas e narradores das coisas do Brazil, no primeiro e ainda na maior parte do segundo seculo da colonização, se encontra a minima referencia, ou sequer vaga allusão, a alguma manifestação, por insignificante que fosse, de qualquer forma de vida espiritual aqui, a existencia de um livro, de um estudioso, ou cousa que o valha. O padre Antonio Vieira, um homem de letras, em toda a sua vasta obra, abundante de noticias, referencias, allusões ao Brazil nunca deixou perceber que houvesse aqui alguma, mesmo apagada, preocupação intellectual. A unica palavra sua que poderia contradizer este conceito é o seu dito de que «mais faziam as satyras de Gregorio de Mattos que os sermões de Vieira» e essa phrase tra-

dicional não se encontra — não a achamos ao menos — em nenhum dos seus escriptos. No tempo de Vieira, segunda metade do seculo XVII, já no Brazil havia manifestações literarias no mediocre poema de Bento Teixeira (1601) e nos poemas e prosas, ainda então ineditos, mas que circulariam em copias ou seriam conhecidos de tradição, de Bernardo Vieira Rivasco, irmão do famoso padre, do padre Antonio de Sá, pregador, de Eusebio de Mattos, o famoso satyrico, de Manoel Botelho de Oliveira, sem falar nos que, desconhecidos, modestos, escondidos, escreviam relações e memorias da terra, um Gabriel Soares (1540), um Fr. Vicente do Salvador (1564-163...), um Padre Francisco de Souza (1628-1713), o autor ignorado dos *Dialogos das grandesas do Brazil*, nem contar a literatura apologetica ou de simples informação das ordens religiosas, a qual a esse tempo cifrava-se á dos padres da Companhia de Jesus, entre os quaes o mesmo Antonio Vieira, cuja primeira obra, *Annua da provincia do Brazil* dos dous annos de 1624 e de 1625 foi escripta na Bahia em Setembro de 1626, quando elle tinha apenas dezeseite annos. Nesse papel relata elle o fallecimento do padre Fernão Cardim, autor dos dous excellentes trabalhos *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica pela Bahia, Porto Seguro, Pernambuco, Espirito Santo, Rio de Janeiro* (publicada por Varnhagen, Lisboa, 1847) e *Do principio e origem dos indios do Brazil e dos seus costumes, adoração e ceremonias* (publicada no Rio de Janeiro, 1881) e dizendo as capacidades e meritos do seu confrade, não faz nenhuma referencia a estes escriptos, que quasi não podiam lhe ser desconhecidos. (V. *Annaes da Bibliotheca Nacional*, XIX, p. 177, Rio de Janeiro, 1897).

Os portuguezes não trouxeram, pois, para o Brazil nada do movimento literario da sua patria. Mas evidentemente trouxeram a capacidade literaria revelada por sua gente. Eram muito outras que as da cultura das letras, ou as emoções intellectuaes, as preocupações dos seus colonizadores, de qualquer categoria que fossem. Assenhorear as terras descobertas, conquistal-a ao gentio, exploral-a, tirar della o maximo de proveito, era o seu natural e unico empenho. O indigena, que lhes fosse hostil, e em geral o era, o teriam destruido todo, se pudessem, e se os jesuitas lh'o não houvessem impedido. Quasi cincoenta annos se passaram antes que, com a entrada destes padres em 1549, houvesse aqui, mesmo nos religiosos que acompanharam o estabelecimento das primeiras capitánias, outras preocupações que não aquellas.



Os padres da Companhia de Jesus, então no seu período heroico de conquista espiritual, obedecendo ás determinações do seu instituto, traziam outras, que era a aquisição para a sua religião daquelle numeroso gentio, de quem o colono não quizera fazer senão o escravo indispensavel ao desbravamento e arroteamento da terra.

As escolas, de ler, escrever e contar, grammatica latina, casos de consciencia, doutrina christian e mais tarde rhetorica e philosophia escolastica que aquelles padres logo abriram nos seus «collegios» foram a fonte donde derivou, no primeiro seculo, toda a cultura brasileira, e com ella a literatura.

Conforme um facto, de que pode ser deduzida uma lei geral da evolução literaria, a literatura aqui começou pela poesia. Além della só houve nesse período inicial, ou chronicas e noticias do paiz ou sermões. As primeiras apenas attendiam á necessidade pratica de vulgarizar o paiz descoberto e em via de conquista e colonização, as segundas a um fim de cathechese ou edificação, da obrigação das religiões ou do clero secular aqui empenhados nessa missão.

A essas locubrações espirituales, das quaes apenas uma pequena parte chegou até nós, faltam os signaes que distinguem a obra literaria da que o não é. Carecem todas ellas da generalidade no pensamento e da generalidade na expressão, de emoção, do character desinteressado e da preocupação de realizar uma certa belleza — elementos indispensaveis da literatura.

A sua existencia apenas revê a continuação, na gente que estava aqui em via de formar-se, do estímulo que faz as literaturas, o de nos recontarmos por escripto aos nossos vindouros ou o de dizermos aos nossos coevos os nossos sentimentos e pensamentos. Esses primeiros autores da nossa prosa, uns portuguezes de nascimento, todos, ainda os aqui nascidos, portuguezes de educação e sentimento e até de raça, pertencem antes á nossa historia literaria, isto é, a historia de todas as manifestações escriptas do pensamento brasileiro do que á da nossa literatura, onde a sua obra sem generalidade, sem emoção, sem forma, e sem interesse ficaria deslocada.

Toda a obra literaria desse período é só e estreitamente portugueza, na inspiração, na lingua, na expressão. A pequena influencia do meio physico que para o fim do primeiro seculo soffreu a intelligencia portugueza, ou luso brasileira aqui, e que se pode perceber já em Botelho de Oliveira e em um ou outro

poema seu contemporaneo, foi insignificante para modificá-la sensivelmente.

Não ha maior erro do que falar como desde Ferdinand Denis, Norberto Silva, Varnhagen até o Sr. Sylvio Romero, e nós mesmos, si é licito citar-nos, se tem falado, no indio como factor da nossa literatura. Esta noção só se pode aceitar nestes termos: que sendo o indio, e o negro, factor da nossa gente é, por isso, indirectamente, factor da literatura em que ella se define. Sendo assim, (e com certeza este é o unico criterio verdadeiro do facto que se affirma) essa influencia indirecta e mal definida seria muito posterior á conquista e povoamento, quando o cruzamento entre a raça conquistadora e a indigena, e a influencia desta na formação da sociedade nova que da sua fusão se aqui originava se verificasse. Ou então quando, muito depois, já no seculo XIX, o romantismo apiedando-se da mesquinha sorte dos indios, se pusesse a idealizá-lo com os seus costumes e lendas. Só assim se pode dizer que o indio foi um factor, ou um elemento, e tambem um assumpto, da nossa literatura. Por esse concurso indirecto e remoto, como igualmente formador da gente brasileira, em cujos costumes, lingua e psyche como o indio, e acaso mais do que este influio, tambem o foi o negro africano, que para cá trazido escravizado desde os primeiros tempos da conquista largamente cruzou com os conquistadores, formando as sub-raças mestiças de branco e negro, que predominam naquella gente, e que lhe transmittiram, com o seu sangue, muito do seu sentimento e de suas feições intimas.

Mas o portuguez foi, incomparavelmente, o principal agente da nossa formação literaria, o que nos deu o precipuo e indispensavel instrumento de expressão literaria, a lingua que é, só por si, o fundamento insubstituivel de toda a literatura. E com ella um pensamento feito e os modelos que necessariamente teriamos de imitar e reproduzir, emquanto não houvesse em nós as faculdades para crearmos uma representação de nós mesmos.

E como esta representação ainda dependia do que haveriamos de representar, do seu objecto, formal-o foi a tarefa que incumbiu ás gerações aqui nascidas e criadas nos tres primeiros seculos da nossa formação nacional, e constitue o nosso desenvolvimento historico.

Dos modelos que nos podia fornecer Portugal nenhum teve influencia que de longe siquer se compare á de Camões com os seus *Lusiadas*. Os primeiros poetas brasileiros, como em outras paginas tive occasião de

particularmente mostrar, Botelho de Oliveira, o Anonymo Itaparicano, Bento Teixeira, estão cheios de reminiscencias immediatas do grande épico—a quem lhes faltou, porém, o genio para imitar com proveito. E essa influencia nunca mais desapareceu de nossa poesia.

No estudo da formação da nossa literatura, tem-se talvez abusado muito de certas generalizações em voga, sem lhes apreciar convenientemente a justeza e, principalmente, o seu cabimento á historia da nossa literatura. Tem preeminencia neste erro, ou que tal se me afigura, como a tem em geral nessa historia, o Sr. Sylvio Roméro. Que necessidade ou vantagem ha, por exemplo, no estudo, ou antes nomenclatura ethnographica do gentio brasileiro, quando se não sabe, nem se pode saber, primeiro quaes as tribus que concorreram particularmente para a mestiçagem, depois a proporção e a qualidade do seu concurso, e tudo fica, após esta erudição facil e inoportuna, no vago, no incerto e de facto sem applicação?

Se ha uma literatura que escapa á celebre formula, mais brilhante e seductora que exacta e solida, de Taine, da raça, do meio e do momento, é a brasileira, ao menos ás clausulas do meio e do momento e, particularmente no periodo de sua formação. Nesse ella é pura e exclusivamente portugueza de lingua, de forma, de inspiração, de sentimento, sem que a mais penetrante analyse seja capaz de nella descobrir, e mostrar, a acção do meio e do momento

Que fazem os nossos primeiros poetas? (Dos prosadores é inutil falar, elles não fazem senão, sem emoção literaria alguma, relatorios, chronicas, noticias informativas, papeis officiaes ou sermões puramente devotos). Reproduzem, por via de regra com menos talento, os mediocres poetas da metropole, cantam como elles, num tom cançativamente enternecido suas amadas imaginarias ou reaes ou os magnates a cuja benevolencia armam, a quem adulam ou se mostram gratos.

Botelho de Oliveira (1636-1711) é o primeiro delles em quem é possível descobrir impressão do meio physico. Nelle, no seu poema da *Ilha da Maré*, bruxolêa o sentimento de carinho pela terra natal, essa especie de «nativismo», ao principio sómente geographico, que devia tornar-se a nota principal do patriotismo brasileiro na literatura, desde o poeta bahiano até o Conde Affonso Celso. Essa impressão, toda exterior, não modifica sensivelmente a physionomia do seu estro, e menos o aspecto geral e interno da poesia

brazileira do tempo, de inspiração e feição portugueza. Quanto a influencia de outra ordem ou de outros aspectos do meio brasileiro, qual nol-o representamos hoje, não ha vislumbra-los nem nelle nem nos seus successores immediatos. Nem era quasi possível que esse meio ainda amorpho, incoherente, inconsistente, incaracteristico pudesse exercer qualquer influxo apreciavel sobre a mente dos que lhe pertencendo tivessem as capacidades necessarias para o definir e representar literariamente. Tambem elles consciente ou inconscientemente não o tentaram sequer. Limitaram-se a reproduzir aqui, nas aldeias condecoradas com o nome de cidades do nosso primeiro seculo, entre as brutas gentes, indios de serviço ou forros, negros escravizados e soldados ou tratantes portuguezes, e a pifia aristocracia de funcionarios, eclesiasticos e magistrados, que as povoavam, mais ou menos adulteradas, e geralmente enfeidadas, as mesmas feições poeticas da metropole. A estrophe decassylaba de Camões, o soneto, a canção, a ode, a chacara, o dythirambo são as fôrmas classicas, consagradas, communs, em que vasam um pensamento que é menos seu do que dos seus mestres e pais espirituaes de Portugal.

Acaso já então os colonos nostalgicos e seus filhos, com as indias e negras, que desde o principio amaram sem nenhum preconceito de raça ou de religião, entravam a vulgarizar aqui cantando-as como allivio ás suas saudades e penas, estimulo aos seus trabalhos braçaes ou acompanhamento aos seus prazeres e diversões, as cantigas portuguezas, as modas, os fados, as serranilhas, as chacaras populares, que os segundos entraram logo a deturpar, corregindo com invenções do seu proprio éstro as fallhas da sua memoria ou alterando por feições mais suas conhecidas de lingua e sentimento as primitivas, cujo sentido e significação lhes escaparia. Dessas modificações, de que o nosso cancionero popular conserva numerosos documentos, em cujo estudo as apanhamos em flagrante, não é possível dizer a data, mas tudo leva a crer que se começassem a fazer desde o primeiro seculo. Varnhagen attribue a elle a modinha

Vem cá Vitú ! Vem cá Vitú !

de que se acham variantes com a forma Bitú.

Nesta primeira poesia popular não cremos tenha influido a poesia que acaso tinha o indio, (se alguma tinha) em forma metrica, a não ser com as suas lendas, crendices, e mytho-

logia rudimentar. Essa mesma influencia julgamos-a posterior pois exigiria mais demorado contacto seu com o conquistador e relações mais estreitas e seguidas com elle. Com o que elle certamente influio, como a simples leitura do nosso cancionero mostra, foi com a lingua, alterando a construcção, a prosodia e o vocabulario da portugueza. Mas isto tambem foi obra lenta e longa do tempo.

Igual influencia teve o negro, e assim no que poderiamos chamar a cellula inicial do nosso organismo literario, as primeiras manifestações em forma metrica do nosso sentimento popular, se formam de elementos em partes desiguaes das tres raças formadoras do nosso povo, a portugueza, a indigena e a negra. E' claro que a parte da primeira é incomparavelmente superior.

A psychologia dos povos é um saber se não inteiramente falaz, vario, inconsistente, incerto. Ora só uma noção segura da psychologia do povo brasileiro, e da de cada um dos seus elementos formadores, nos poderia autorizar a assentar qual a parte de cada um delles nessa formação e dahi deduzir qual a sua parte na constituição do character da nossa literatura. Antes deste trabalho difficilimo senão impossivel, que ainda não foi feito ou sequer tentado com erudição sufficiente e criterio seguro, todas as generalizações que se aventassem seriam arriscadas e impertinentes, ou ficariam, como todas essas, no vago, na imprecisão ou apenas na audacia de um criterio incerto e precipitado. E de mais a mais sem emprego, porque o desenvolvimento das construcções historicas que com taes fundamentos tem sido aqui tentadas não correspondem effectivamente ás premissas assim levemente estabelecidas, e que de regra não reveem senão o alarde de uma erudição de apparatus. E' o que se vê na obra, aliás por mais de um motivo estimavel e distincta, do Sr. Sylvio Roméro e ainda agora no *Compendio de historia da Literatura Brasileira* em que, com o Sr. João Ribeiro, a resumiu. Nem

podia deixar de ser assim, porque não ha ainda nenhuma noção segura quer da psychologia ao povo brasileiro, dos seus characteres distinctivos, quer dos povos seus factores, em que assentemos embora somente com aproximada certeza, um criterio da nossa evolução literaria, tendo o de raça como elemento.

Nem ha no Brazil, maxime no momento de sua formação, um character nacional geral, que nos ajude no estudo das manifestações individuaes do sentimento nacional e ao qual reportemos estas. A verdade é que a literatura, como a arte, são, muito mais do que outras revelações da actividade humana, manifestações principalmente individuaes, e se nenhum homem deixa de ser, em regra, o producto do antepassado e do meio, o escriptor, o poeta, o artista, o sabio, em summa, o criador em qualquer genero espiritual dessa actividade é justamente o que mais escapa a essa fatalidade biologica. E é essa a sua distincção e a sua nobreza.

De facto á intelligencia da literatura brasileira e da sua evolução, bastam as noções sufficientemente verificadas, de que ella é filha da portugueza; que sobre ella influiram, de modo cujas particularidades nos escapam, os elementos psychologicos que o portuguez, o indio e o negro misturaram para a formação da gente brasileira; que no primeiro seculo da existencia do Brazil a influencia estrangeira aqui foi a mesma que actuou em Portugal e se fez por intermedio deste; que a acção do meio só é realmente notavel do segundo seculo em diante, e que irá sempre crescendo, sem que em tempo algum se possa fazer della se não um criterio muito relativo de comprehensão dessa literatura.

E' dentro destes limites modestos e despreziosos que me parece legitimo estabelecer as idéas geraes que devem preceder e guiar o estudo da historia da nossa literatura.

JOSÉ VERISSIMO.

# LOURDES

*A Natureza e o Sobrenatural — Bernadette — As rochas de Massabielle e a fonte milagrosa*

**L**OURDES, evocação de toda uma lenda, de todo um incomparavel sonho de creança, ou uma verdade simples, complicada pelo saber e pela duvida do seculo, em todo caso um problema que se procura demonstrar e provar? Fantasia que nasceu de uma visão luminosa, que cresceu na allucinação das multidões e que se esbateu contra a cegueira dos sabios? Phosphorescencia, ultimo raio de uma estrella que morre, ou primeiro fulgor de um sol que renasce? A' lembrança do nome d'essa pobre cidade dos Pyreneus todo um mundo de ideias surge como um turbilhão, esvoaça, foge, palpita como um corpo vivo, recúa como uma sombra, e volta de novo na pressa fantastica de um vendaval. Quanta gente, habitante d'este immenso grão de areia, não daria um pouco d'aquillo que mais prezasse, para ir atravez de difficuldades e de perigos, de oceanos insondaveis e estradas interminaveis, ajoelhar á margem esquerda do Gave, em frente de uma gruta onde perennemente crepita o incendio de centenares de cirios? Quantas pessoas têm sahido de Lourdes com a alma desesperançada? Quantas o têm feito com o coração feliz e o corpo curado? E deante da gruta, quantos joelhos se martyrisaram na terra, quantos olhos se voltaram para a branca imagem da Virgem! E tudo obra de uma creança? No dia 11 de Fevereiro de 1858 começou a historia singela que a lenda já começa a deturpar e a fantasiar. Foi a visão



de Bernadette, com a crença immediata da Vidente e o descredito que á narração deram as poucas pessoas que lh'a ouviram. Na escavação da rocha, branca e de pé, surgiu uma visão de incomparavel belleza e simplicidade: «ni bagues, ni collier, ni diadème, ni joyaux: nul de ces ornements dont s'est parée de tout temps la vanité humaine,» diz um escriptor religioso, — nem um d'esses ornamentos com que a Egreja enfeitou

a singela Familia de Nazareth... Desde esse dia a pobre Bernadette entrou, máo grado seu, n'uma vida de lucta e de celebridade: seus paes prohibiram-lhe a visita ás rochas de Massabielle; um jornal de Lourdes, o *Lavedan*, n'um estúpido sarcasmo, insinuou que a creança era apenas uma ladra, surpreendida pelo proprietario do terreno, quando furtava fructas n'uma arvore; o bom abbade Peyramale, ao principio não quiz ouvil-a, depois ameaçou-a de ir parar no Inferno por andar com allucinações e finalmente defendeu-a contra a brutalidade da auctoridade policial, Mr. Jacount, e contra a colera do Barão Massy; o Bispo de Tarbes, discreto e pouco mystico; conservou-se muito tempo insensivel e mudo, mesmo quando o poder civil, perseguindo Bernadette, dizia agir de accordo com o poder ecclesiastico; e algumas freiras trataram-na mal, — porque ella não sabia o Cathecismo... De resto, a não ser o abbade Peyramale, quasi todos os religiosos profissionaes, homens e mulheres, foram sempre rudes com essa dôce creança. No tomo segundo dos «*Annales de la Grotte*,» conta-se que a superiora de Nevers, em cuja Ordem ingressára Bernadette, admoestou-a zangada, porque a Vidente continuava a sêr infantil.

— Na sua edade já devia ir á capella, meditar um pouco!

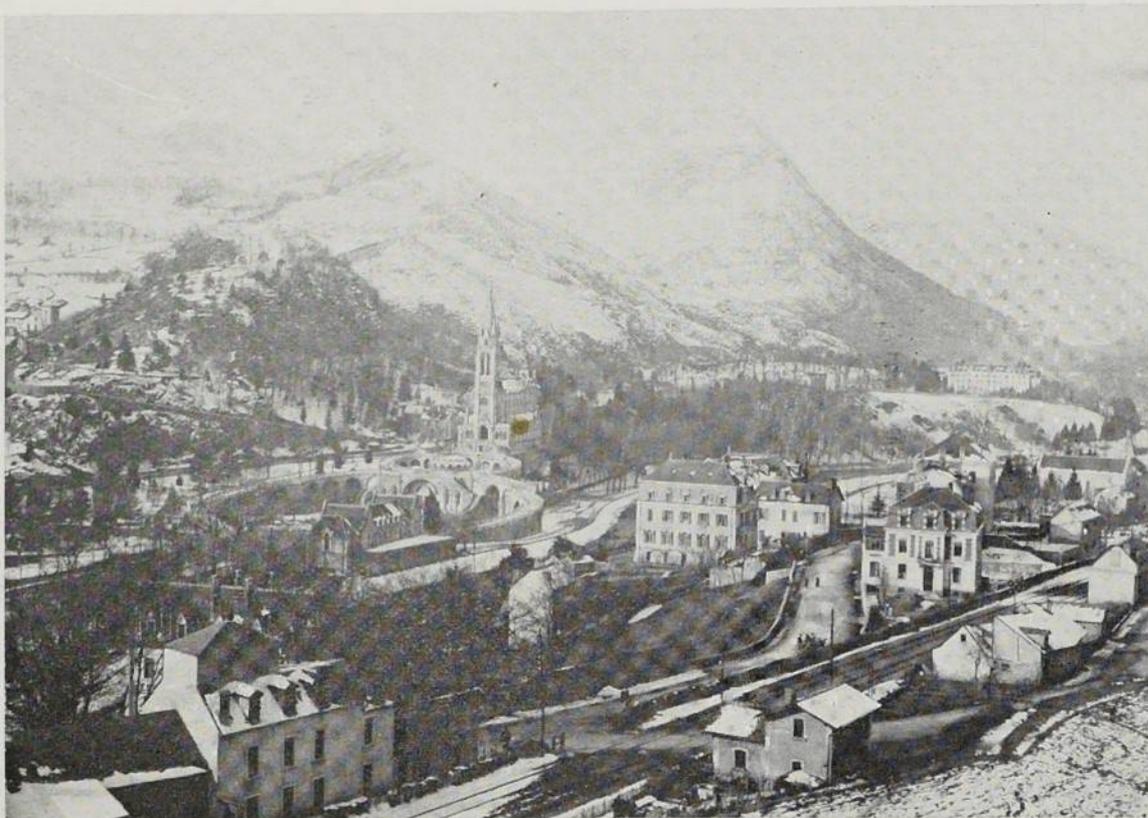
E Bernadette, sem se offender, replicou muito naturalmente:

— Eu não sei meditar...

Desde esse dia de Fevereiro até 16 de Abril de 1879, quando morreu, Bernadette Soubirous, não teve mais descanso a que estava habituada como camponesa pobre e ignorante. Em quanto viveu, apesar de tão humilde, cercou-a uma aureola de santidade; hoje, Lourdes que enriqueceu e se celebrizou á sua sombra, esqueceu, abandonou a memoria da Vidente...

\*  
\*\*

Quando se vem de Pau, n'uma volta da estrada, o Gave, saltando entre pedras, estronda e rebrame; os Pyreneus fecham o horizonte, e a Gruta apparece toda illuminada. A estação em que pára o trem é grande, vasta, espaçosa; circulam padres; ás paredes estão arrimados os carrinhos dos enfermos; á sahida abre-se uma praça tosca e feia, mal nivelada, onde estacionam callambeques sujos tirados por cavallos famintos; e bonds electricos, cheios de annuncios de panoramas, fazem curvas ao extremo da praça. Lourdes é sujo, — mais sujo do que Paris e Lyon, menos immundo que Bayonne



e Bordeaux. Mal calçadas e mesmo sem calçamento, as ruas ladeirantes têm montões de lixo e lama. Sob o ponto de vista de grandeza religiosa, Lourdes é uma decepção, uma vergonha, uma exploração indecente, onde, seja dito com justiça, os Padres da Gruta são os mais desinteressados.

A 28 de Setembro de 1906 já não havia peregrinação. Era um dia luminoso e quente, com um rubro sol descendo dos picos dos Pyreneus; um ar de paz e socego parecia envolver a pequena cidade; não se ouvia o grito soffregio das multidões, implorando, exigindo de Deus o allivio ou a cura dos seus males. Assim devia sêr a Lourdes dos tempos calmos, antes de 1858. Mas logo, á volta de uma rua, uns disticos surpreendem pelo mercantilismo da devoção: «Hotel St. Michel», «Pension St. Cyprien», «Hotel St. Pierre», «Hotel de la Grotte...» A religião ensina que para os pobres e para os humildes as portas do Céu estão abertas; que faminto comerá de graça no hotel de S. Pedro? E o que é mais triste é que ha algumas pensões mantidas por damas de caridade e religiosas... São os «Bouillon Duval» de Paris! E na praça de la Merlasse, apparece o novo commercio de Lourdes: «Magasin de l'Alliance Catholique», «Frère de Bernadette Soubirous», «Au Sacré Cœur de Jésus», «Au St. Joseph», «Au St. Mathias», «Au Rocher du Calvaire», «Au Catholique», «Au St. Roch», «Au St. Benoît Labré», «Au Rocher de Massabielle»... Em todas essas lojas, humildes ou opulentas, ha a mesma falta de gosto, a mesma pobreza de

invenção que Guer-saint notára; não ha um objecto que seja bonito ou curioso como os que se vendem em Pau e Cauterets; as imagens geralmente são uns mostrengos, de uma esculptura torta, de uma pintura borrada. Os lojistas, não contentes com os mostradores envidraçados, impedem o transitio no passeio, com mesas e pratelleiras onde se accumulam as reliquias. O visitante, por mais prevenido que esteja, não póde escapar ao assalto dos negociantes, que pedem, supplicam,

seguram pela manga do casaco, impõem os seus horrores declarando-os bellezas nunca vistas; e para se adquirir uma copia de *Notre Dame*, de Poncet, paga-se um dinheirão. E' um leilão de coisas santas, um bazar de reliquias feias, uma feira profana e indecorosa. E os objectos em marmore dos Pyreneus, tão simples, tão tentadores em Pau, são geralmente pretenciosos e insupportaveis em Lourdes. O calhambeque roda; e ao entrar no boulevard, as mulheres cercam o estrangeiro, offerecendo velas, ameaçando com castigos si a gente recusa, bemdizendo si acceita, pedindo, chorando, pondo as mãos em prece. Emfim, a Egreja do Rosario e a Basilica. N'um claro espaço, no encontro central de umas arcadas de pedra, surge uma fachada que dá a ideia da Estação do Rocio em Lisboa. E' tudo, menos uma igreja; a muralha circular que a envolve parece um amphitheatro ou uma praça de touros. Sobre o arco formado pelas portas ha um grupo estatuario dolorosamente mediocre; mais em cima, ladeando o grande arco, miram-se «duas ridiculas pastilhas,» na phrase de Huysmans, «que pretendem reproduzir os traços do Papa Leão XIII e de Monsenhor Schœpfer, bispo de Tarbes». Aos pés de N. S. do Rosario, esta inscripção: Regina Sacratissimi Rosarii, O. P. N., rodeando a sua imagem, como uma aureola esta outra: «Qvasi rosa plantata super rivos agvarium froctificate;» nas paredes exteriores, a cada instante, um aviso: «Veillez sur vos porte-monnaie». O interior do templo é uma profanação inconsciente de um architecto sem imaginação; naturalmente elle ouviu falar

em byzantino, em romano, e fez d'esses estylos uma incomprehensivel mistura, de uma incomparavel sordidez; antes que Huysmans o dissesse, todo o mundo, com um pouquinho de bom gosto, compararia a sua construcção interior á de um hyppodromo ou de um cassino! E as pinturas, Santo Deus! Não chegam a ser mediocres; são incriveis! Os anjos têm azas de páo; o fulgor que vem do Espirito Santo é uma lista de tinta; S. José é estrabico, tem um

braço maior que o outro; Jesus recebendo a adoração dos Magos só tem cabeça e braços; o resto do corpo é um embrulho de pannos; Christo entre os Doutores parece que está de castigo por não ter sabido a lição; os Judeus que lhe põem a corôa do martyrio estão de frente de uma machina photographica; Jesus resuscita zangado, olhando o céu com um ar de censura; na Ascenção, está envolto por uma toalha de banho; parece um balão branco subindo no espaço. E todos esses mudos horrores, essas indecentes profanações, têm as indicações de Mystérios Alegres, Dolorosos e Gloriosos!

Fazendo parte da mesma construcção, no extremo do segundo circulo de pedra, na base da montanha do Calvario, ergue-se a Basilica, esguia e sem fórmula. Interiormente o architecto pensou fazer estylo gothico, mas não conseguiu mais do que um amontoado de corredores sombrios e tintas impossiveis. De resto, nem uma architectura, por mais elegante, por mais graciosa resistiria á incrível ornamentação d'essa igreja. É um belchior opulento. Nas abobodas, nas paredes, nas portas, nos escarpates apinham-se centenas de presentes e de reliquias; as bandeiras e estandartes são incontaveis: são pendões particulares que os peregrinos trouxeram processionalmente, bandeiras de sociedades, de confrarias, pavilhões nacionaes; lá estão as côres symbolicas dos Estados-Unidos, do Chile, do Hayti, da Bolivia, da França, da Inglaterra, da Belgica, da Hollanda; e toda em seda, com as armas do Im-

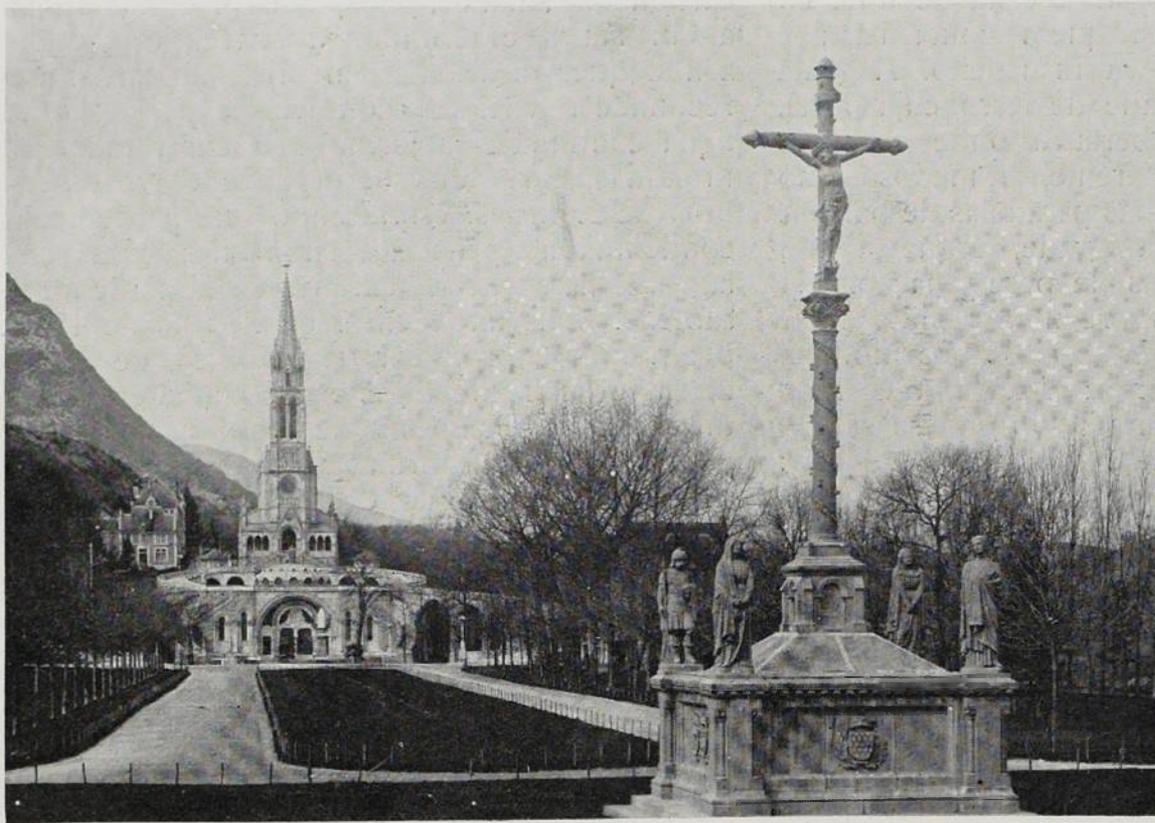


perio, a que mais se destaca é a Bandeira do Brasil.

Os ex-votos surgem de toda a parte: grinaldas de noivas, flores artificiaes, retratos, cabellos, espadas, condecorações, dragonas e até esporas! Naturalmente foi piedoso o sentimento de quem os offertou: mas a gente tem a sensação de que são objectos imprestaveis que os donos depositaram n'aquelle armazem religioso.

Talhada na rocha, em baixo da Basilica, uma porta baixa como a de uma sepultura, conduz á Crypta, o logar mais discreto, mais religioso da monumental construcção de Nossa Senhora de Lourdes. É um subterraneo triste, sitio de repouso e de prece, sem o luxo estridente e pagão da Basilica e do Rosario. Os focos electricos, festivos e inexpressivos nas outras egrejas, têm na semiobscuridade da Crypta um fogacho livido de tochas. Ao sahir d'esse subterraneo, do alto do terraço, contempla-se um lindo trecho da payzagem. Sobre a praça da Coroação ergue-se a estatua branca de N. S. de Lourdes, dentro de um pequeno jardim, cercada de palmas de luz electrica, aureolada por uma corôa tambem de luzes.. É uma dôr para o coração ir vêr de perto a imagem. Parece incrível como em Lourdes triumpharam tão facilmente a banalidade, o máo gosto, a mais completa ignorancia dos mais rudimentares principios de Arte!

No outro extremo da praça sóbe um crucifixo em que agonisa Christo. De cada lado das duas varridas estradas que vão da igreja

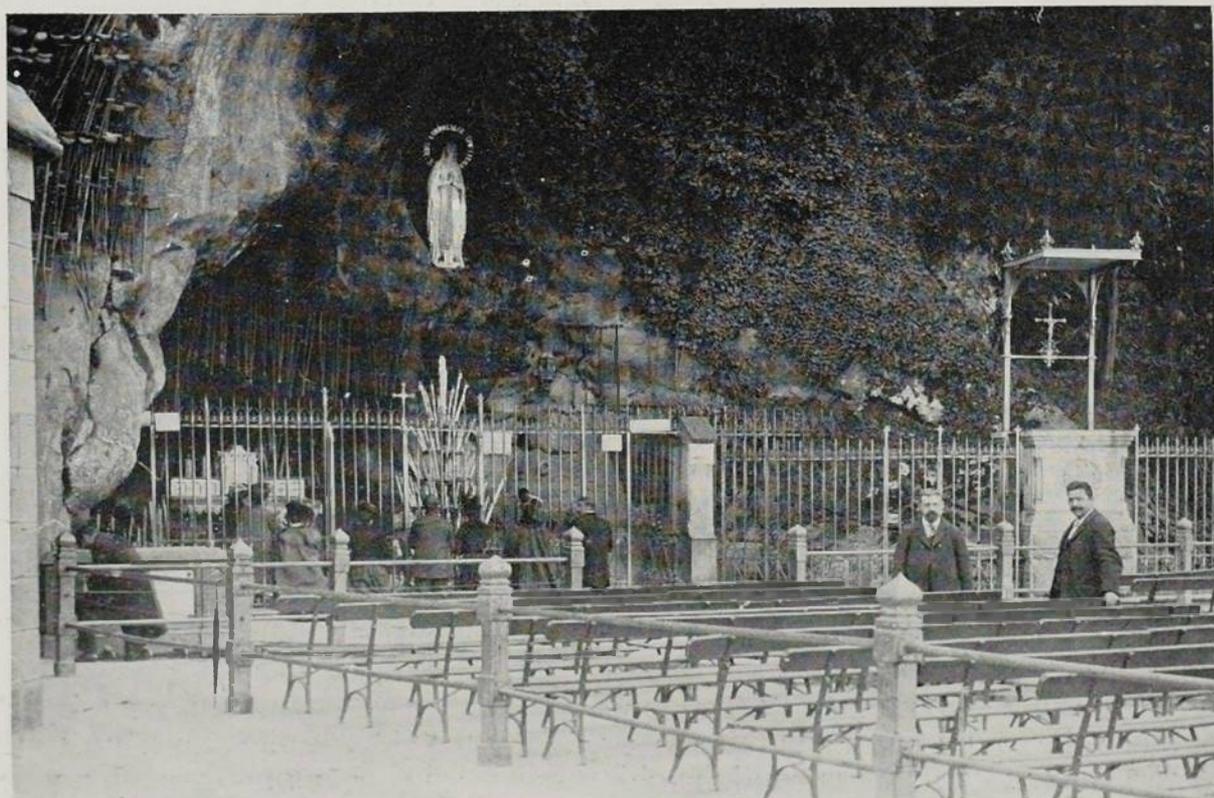


ao Calvario Breton alinha-se uma fila d'arvores, como peregrinos que se immobilisaram no caminho; e no centro, um gramado muito verde dá uma sensação de frescura e de fecundidade da terra. A' direita, no alto de um imenso rochedo, está o Castello que resistiu aos ataques de Carlos Magno; as montanhas fazem um circulo de pedra em redor, com o pico de Gavarnie coberto de neve. Para o lado esquerdo estendem-se verdes, frescas planícies, banhadas pelo Gave, com casas pobres á falda das collinas. Para além do Calvario Breton é a cidade velha, com a casa de Bernadette abandonada como um mendigo. Por vezes, no silencio, ouvê-se um crepitar de velas ardendo: é a Gruta.

A Gruta de Massabielle, irregular e pittoresca, alta de uns cinco metros, ainda conserva o seu revestimento de hervas em certos logares muito tostadas pelas velas que queimam dia

e noite. Tanto dentro, como fóra, as paredes de pedra estão cobertas de muletas, amarradas com arames, muitas das quaes carbonisadas. No interior da gruta ha um altar portatil e algumas cadeiras, duas outres, em que rezam as freiras; e no centro, sobre uma pequena construcção em fórmula de pagode, as velas formam circulos concentricos que se estreitam á proporção que sobem. Uma caixa recebe a cêra derretida; e ha ainda um movel, transbordando de cartas: são milhares de missivas

que os fieis dirigem á Virgem... N'uma pequena escavação, ao lado esquerdo da gruta, no logar em que Bernadette viu a « Dame Blanche », pousa a imagem de No'ssa Senhora, obra do esculptor lyonez Fabisch. Ha quem a ache bonita, uma obra-prima... Mas para mostrar o que é essa caricatura profana, basta dizer que Bernadette, sem nem um conhecimento de arte, quando lhe perguntaram si estava parecida, respondeu: « Pas du tout »! E uma vez em que foi rezar, levantou-se horrorizada,



«por não poder supportar a vista de uma tal imagem». Não é Zola quem conta isto; é Huysmans, á toda prova insuspeito. A gruta é fechada por uma grade de ferro, cuja porta, porém, está sempre aberta e onde se póde entrar á vontade. Em frente, alinhados como n'uma plateia, correm filas paralelas de bancos. Ao lado esquerdo da grade, ergue-se um pulpito, usado nos dias de peregrinação. Na extremidade direita, sobre uma lapide, lê-se esta inscripção: «—Dates des 18 apparitions et paroles de la Sainte Vierge: L'an de grâce 1858 dans le creux du rocher où l'on voit sa statue, la Sainte Vierge apparut à Bernadette 18 fois: le 11 et le 14 Février; chaque jour, deux exceptés, du 18 Février au 4 Mars; le 25 Mars, le 7 Avril, le 16 Juillet—La Sainte Vierge dit à l'enfant, le 18 Février: «—Voulez-vous me faire la grâce de venir ici pendant quinze jours? Je ne vous promets pas de vous rendre heureuse dans ce monde, mais dans l'autre. Je désire qu'il vienne du monde.» La Vierge lui dit pendant la quinzaine: —«Vous prierez pour les pécheurs; vous baiserez la terre pour les pécheurs. Pénitence, pénitence, pénitence. Allez dire aux prêtes de faire bâtir ici une chapelle. Je veux qu'on y vienne en procession. Allez boire à la fontaine et vous y laver. Allez manger de cette herbe qui est là». Le 25 Mars, la Vierge dit: «Je suis l'Immaculée Conception».

Bernadette em creança não sabia francez; ella dizia que a Virgem lhe falava no dialecto bearnes. Alguem lhe disse que a Virgem e Deus não entendiam essa pobre linguagem. Bernadette replicou:

—Si elles não soubessem, como é que nós saberiamos? E si elles não comprehendessem, quem nos faria comprehender?

Segundo Bernadette a unica phrase em francez foi:—«Je suis l'Immaculée Conception» —nome que ella ouvia pela primeira vez, e que para não esquecer, foi repetindo todo o caminho: Immaculée Conception, Immaculée Conception, Immaculée Conception...

O Gave que outr'ora passava ao lado das rochas foi afastado; uma linda avenida margina-o em grande extensão; mas o conjuncto perdeu o pittoresco selvagem.

—«Allez boire à la fontaine». Ninguem sabia d'essa fonte; diz Lasserre que ella surgiu sob a mão de Bernadette em extase; Huysmans, porém, affirma que a fonte existia e que apenas estava occulta. O que é verdade é que hoje existe e a sua agua cura. Ao principio os medicos negaram a fonte e depois a sua efficacia. Feito um exame chimico, o Dr. Latour de Trie achou que a agua continha chloruretos,

carbonatos, sulfatos, phosphatos e outras rimas assim faceis, e terminou a sua exposiçao dizendo que «a sciencia medica não tardaria a reconhecer virtudes curativas especiaes.» A agua continuava a jorrar e a curar todas as molestias, em todos os organismos; e os sabios de Lourdes, esquecendo que a Medicina condemna as panacéas, viram nas curas milagrosas uma virtude curativa da fonte de Massabielle. Mais tarde em 7 de Agosto de 1858, o Dr. Filhol, professor de Chimica, de Pharmacia e de Toxicologia na Faculdade de Medicina e de Sciencias de Toulouse, refutou por completo a affirmaçao do seu collega, e declarou que a agua de Lourdes é potavel, «analoga á maior parte das que se encontram nas montanhas cujo solo é rico em calcario». E terminou declarando que a mesma agua não continha nem uma substancia activa capaz de dar-lhe propriedades therapeuticas... Ante a auctoridade incontestavel do eminente Professor, os medicos, já esquecidos do que antes affirmaram, negaram as curas que elles tinham visto. Depois, ante a evidencia dos factos, tiveram de ceder: explicaram simplesmente as lepras desapparecidas, a tuberculose em terceiro gráo curada, a paralytia vencida, uma agulha que depois de muitos annos enterrada na palma da mão sae pela ponta do dedo pela simples immersao na agua, a cegueira que se aclara, os cancros fechados,—pela auto-suggestao, pela fé que cura. Um dia porém, em Fevereiro, no rigor do inverno, uma creança de mezes foi mergulhada nua, durante quinze minutos, ardendo em febre, agonizando já, dentro da fonte que gelava. A creança resurgiu inteiramente curada, ante os olhos da multidao attonita. Um medico consciencioso, que assistiu ao facto declarou por escripto, que, nem um organismo enfermo, principalmente o de um menino, poderia resistir a um banho tão prolongado, n'uma temperatura de Fevereiro, nos altos Pyreneus. De novo os medicos, não podendo explicar essa cura, por suggestao propria, negaram o facto,—porque não tinham visto!... S. Thomé não é, de certo, um dos santos mais intelligentes do Christianismo; e é uma falta de espirito fingir crêr que todo o resto da Humanidade é mentiroso ou imbecil. Transportada, mesmo em gottas, a agua de Lourdes tem feito curas maravilhosas; é interessantissimo um caso contado por Huysmans, no seu ultimo livro «Les Foules de Lourdes», nas paginas 281 a 287; não menos curiosos são os que relata Henri Lasserre, na obra «Notre Dame de Lourdes» (um dos quaes aconteceu com o auctor) paginas 407 a 438. Emile Zola, no seu maravilhoso livro, onde tudo, sob o ponto de vista descriptivo

é absolutamente verdade, não nega as curas milagrosas. Dir-se-á que o livro de Zola é um romance. É um romance na forma, não o é na essência. Que é «Lourdes»? A história de uma peregrinação. Todo o episódio dramático se desenvolve em torno de um padre casto e incrédulo, Pierre Froment, e de uma doce creatura que se restabelece de uma terrível enfermidade; — Marie de Guersaint. Os outros personagens não são typos de novella, são doentes de hospital, são os desgraçados do trem branco. Elise Rouquet, aquella que tinha uma ulcera monstruosa no rosto, não é personagem de romance, é creatura de verdade. O seu nome é Marie Lemarchand, e Zola assistiu á sua cura no dia 20 de Agosto de 1882. Elle explica essa cura, attribuindo á repulsiva ferida um fundo nervoso. Mas como nasceu pelle nova no lugar que a enfermidade carcomera? Hoje ninguem conscienciosamente póde negar que a agua de Lourdes cura; isso é incontestavel e já não surprehende, porque a homœopathia tambem cura; o que é admiravel é que muitas curas de muitas enfermidades antigas, resistentes á toda medicação, declaradas intrataveis em documentos firmados por doutores, são instantaneas. E porque negar a verdade, tão simples, que entra pelos olhos, oppondo á evidencia dos factos a égide pomposa da Sciencia? Que é a Sciencia? Um amontoado de leis complexas que se contradizem ao simples enunciado. Que é que ha de positivo na Sciencia? A Medicina é um chaos; para cada organismo ha uma therapeutica especial; o que ha de mais certo n'essa sciencia é a Cirurgia; e é irrisorio sentar bases dogmaticas em uma sciencia cuja unica parte menos problematica consiste em amputar, em supprimir; então, viva o Sr. Deibler, carrasco de Paris, que, com a cabeça do condemnado, suprime de uma vez a dôr da existencia! Os mais intelligentes medicos são os primeiros a afirmar que em geral a medicina não cura, e apenas ajuda a natureza. Porque, pois, essa insistencia em negar tudo quanto não esteja previsto nos compendios, em encolher ironicamente os hombros á qualquer efficacia sobrenatural que não tenha nomes difficeis? Mais ironicamente ha de encolher os hombros um pobre diabo, que soffrendo horriavelmente, depois de experimentar toda uma botica, sare de repente pela simples immersão na agua; pouco lhe importará que os medicos neguem o facto, cheios de erudição; a dôr cessou, — é o essencial. Ah! Doutor, «ha mais mysterio no céu e na terra do que sonha a tua van philosophia»... Naturalmente nem um medico dirá que Shakespeare, seja um espirito fraco... O Direito é o bom-senso, é o costume, é a pru-

dencia; a Mathematica é uma hypothese portanto tudo quanto ha de mais relativo. Não ha nada positivo no mundo, não ha nada fixo e determinado; talvez a vida seja uma illusão, e a morte uma illusão maior! Quem sabe si tudo que cáe sob as vistas humanas é apenas subjectivo? Em essência, bem póde sêr que o preto seja branco e o branco seja preto, como Byron parece insinuar. E dada essa tibieza do espirito humano que desmente hoje o que affirmou hontem, porque não acreditar, não suppor ao menos n'um principio mysterioso que se chame Budha, Jupiter, Allah ou Deus? Sêr livre-pensador não é sêr intolerante: é espalhar como satellites as hypotheses em torno da Verdade.

\*  
\* \*

Todas essas curas se fazem em tres piscinas, ao lado direito da gruta, depois da loja dos padres e do chafariz. São tres casinholas ao sopé da Egreja; o mesmo corredor dá para as portas dos banheiros, — destinados a homens e mulheres. O tanque, pequeno pouco comodo, está sempre cheio; e como o orificio por onde a agua sáe é o que se chama no Brasil um ladrão, facilmente se imagina a imundicie em que elle se transforma ao cabo de centenas de banhos de enfermidades horriveis. Zola e Huysmans descrevem quasi com as mesmas palavras esse pantano humano. Diz o primeiro: ... «Et comme il passait dans la même eau près de cent malades, ou s' imagine quel terrible bouillon cela finissait par être. Il s'y rencontrait de tout, des filets de sang, des débris de peau, des croûtes, des morceaux de charpie et de bandage, un affreux consommé de tous les maux, de toutes les plaies, de toutes les pourritures. Il semblait que ce fût une véritable culture des germes empoisonneurs, une essence des contagions les plus redoutables, et le miracle devait être que l'on ressortît vivant de cette boue humaine.» Conta o segundo: «L'eau est devenue un hideux bouillon, une sorte d'eau de vaissele grise, à bulles, et des ampoules rouges e des cloques blanchâtres nagent sur cet étain liquide dans lequel ou continue à plonger des gens. Le miracle de Lourdes est là...»

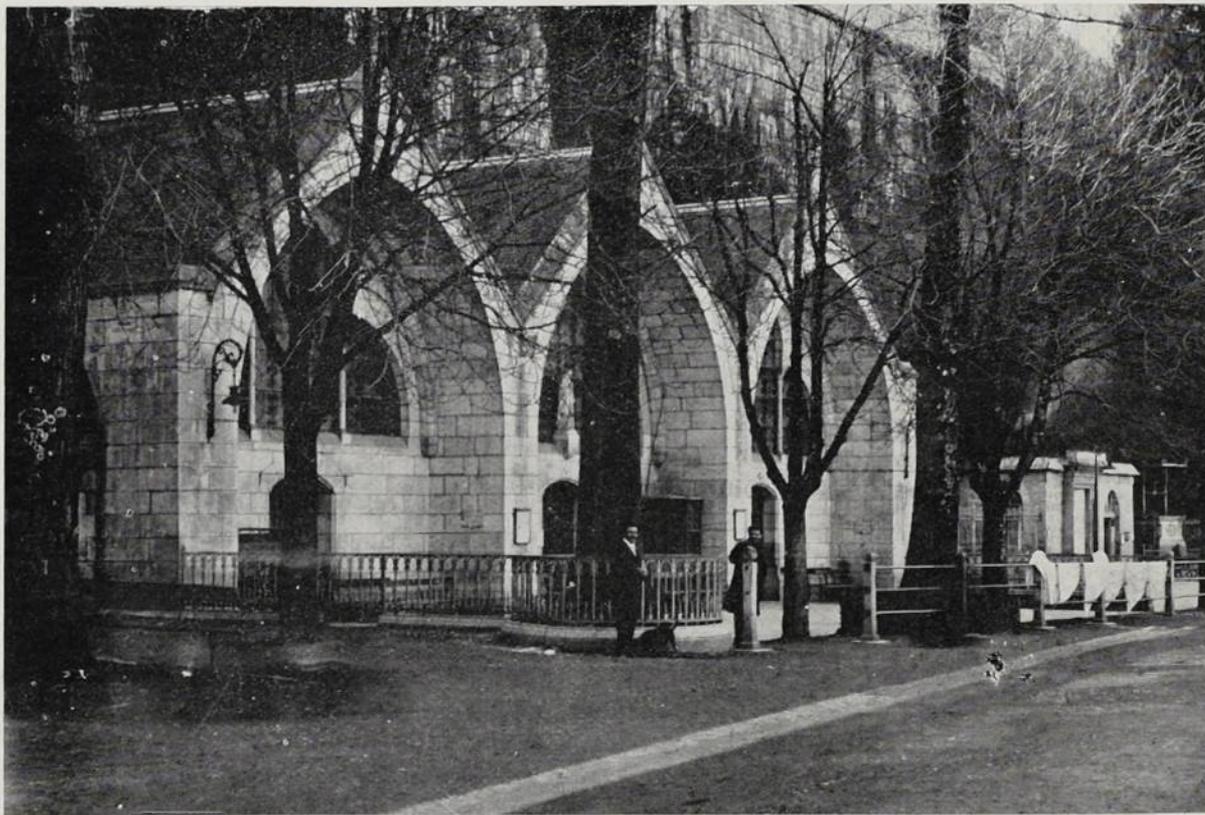
E por cima de toda essa imundicie, assistindo á decomposição da materia pôdre, sobre a parede, uma tosca imagem de N. S. de Lourdes eleva os olhos ao céu; de um quadro pendem estas palavras: «Prières à reciter aux piscines: Bénie soit la sainte et Immaculée Conception de la Bienheureuse Vierge Marie, Mère de Dieu — Notre Dame de

## KOSMOS

Lourdes, priez pour nous – Notre Dame de Lourdes guérissez-nous pour la conversion des pécheurs – Santé des infirmes, priez pour nous – Secours de malades, priez pour nous – O' Marie, conçue sans péché, priez pour nous qui avons recours à vous.»

Ante a mesquinhez das piscinas de Lourdes, ante o bafio de doenças e de sujice que alli fica, ante a falta de sabonetes, de perfumarias e de esponjas, a gente se lembra dos

tanques de marmore dos Patricios Romanos, do palacio d'agua em que Petronio se purificava, – e para ser logico e contemporaneo, do banheiro que Coelho Netto pôz em casa de Serapião Ribas, e onde um homem, resfolegando voluptuosamente os sabonetes e as essencias de Houbigant, deixando-se envolver pelo meigo e buliçoso beijo d'agua, que encerra a alma de Venus, sente e comprehende a delicia da vida.



Madrid, Novembro – 1906.

THOMAZ LOPES



# BALLADA DE UM TRISTE

*Para a Saudade de Yolanda*

Um dia  
Eu te julguei da Vida a eterna Realidade...  
E eras apenas uma Phantasia,  
Meu lindo Sonho de Felicidade.

Tinhas tudo o que o Bem do Amor, em viço e goso,  
Pode fazer da Vida um Bem superno,  
Por isso  
Eu te julgava eterno,  
Resumindo na tua Eternidade  
Tudo quanto de bom no mundo havia.

E eras apenas uma Phantasia,  
Meu lindo Sonho de Felicidade.

Pelo curso normal de annos e de annos,  
Foi-me esta Vida assim, sem mal, sem fraguas,  
Pareciam tão longe os desenganos,  
Tão longe os prantos e tão longe as maguas.  
E assim é que eu vivia,  
Cheio de paz e de credulidade.

E eras apenas uma Phantasia,  
Meu lindo Sonho de Felicidade.

A calma do meu Lar a Desventura  
Nunca emsombração do mais tenue véo.  
Pelas janellas largas da Ternura  
Entrava a luz que nos mandava o Céu.  
E lá por dentro ria  
O palhaço da minha Mocidade.

E eras apenas uma Phantasia,  
Meu lindo Sonho de Felicidade.

Esta minh'Alma que hoje, tarda, trilha  
A tristeza de um longo desalento,  
Vivia então no doce encantamento  
Do grande Amor da minha linda filha,  
Cheia de Vida, cheia de Alegria,  
Cheia de encanto, cheia de bondade

E eras apenas uma Phantasia,  
Meu lindo Sonho de Felicidade.

Era um encanto para a minha Vida  
Essa meiga e lindissima creança,  
Que lá se foi, em flores envolvida,  
Para a morada d'Ultima Esperança.  
Deixando est'Alma tanto mais vasia,  
Quanto mais cheia d'immortal Saudade.

E eras apenas uma Phantasia,  
Meu lindo Sonho de Felicidade.

Um dia  
Eu te julguei da Vida a eterna Realidade,  
Tudo que ao Bem, tudo que á Paz conduz...

Nunca, nunca suppuz  
Que eras apenas uma Phantasia,  
Meu lindo Sonho de Felicidade.

## A Noute de Natal

I

**O**S dous companheiros, montados em lusidos animaes, seguiam pela estrada arenosa, expirando no silencio d'aquella noute de luar as suas palavras de alegre camaradagem:

— Meu plano é simples, dizia o Carlos Maia; entro n'um desafio de viola com o Zé Pitomba e, n'este interim, o Pedro China lhe furtará a mulher.

O Lindolpho Lahmeyer, fincando os óculos sobre o nariz, protestara immediatamente:

— Fôste convidado para padrinho do casamento, aceitaste o convite, e, depois de realiado o acto, fazes desapparecer a esposa do teu afilhado.

— Cousas do mundo, meu caro, cousas do mundo.

— Não direi o contrario; mas a verdade é que, pondo á margem a possibilidade de uma vingança, a tua posição de bacharel e a minha de engenheiro devem impedir a realiação d'essa escandalosa empresa.

— Bem sabes que o China tem o faro de um cão e o silencio de um tumulto: elle será considerado o auctor do rapto.

— Além d'isso, medindo as tuas forças de poeta fluminense com as de um cantor sertanejo, serás provavelmente vencido pela espontaneidade de um rustico, affeito a duellos de cantigas e applaudido n'esses arredores.

— Não pretendo sustentar um desafio: desejo unicamente distrahir o recém-casado por alguns minutos.

— Acredita que me contraria a tua resolução: conheço a indole dos caboclos, e prevejo as consequencias do rapto.

Pelo caminho, cheio das claridades do luar, esbatiam-se as sombras dos cavalleiros, acompanhados pelo China, homem conhecedor dos perigos, amestrado em cumprir as

incumbencias de duvidosa moralidade e disposto a perder a vida entre um calice de «canninha» e os olhares de uma camponesa.

Escanchado em ardigo corcel, ouvia attentamente a palestra e, si lhe não parecesse uma falta de respeito, teria accrescentado:

— A Chiquinha, antes de ser noiva do Pitomba, jurou que seria minha, sómente minha, para sempre minha. Depois me trahiu, porque mulher é como o peixe: vendo a isca, aproxima-se, e engole-a. Furtal-a agora, acompanhál-a durante a noute por ordem do patrão, vêl-a sósinha a meu lado, sem mais ninguem, lá isso não deixa de ser arriscado.

Mas as cogitações lhe foram de subito cortadas pelo dr. Carlos que, desejando exercitar-se na arte poetica, despertou o profundo silencio d'aquellas paragens, cantando fluentemente os primeiros versos:

«O Zé Pitomba é mulato,  
Que sofre de muita fome;

E, sentindo-se de repente atrapalhado, sumindo-se-lhe o estro, sem ter podido concluir a quadrinha, pasmou de escutar a voz do China que, fanhoso e desafinado, improvisou os versos finaes, desfechando com simplicidade:

— A's vezes quem faz o prato,  
Nem sempre, nem sempre o come.—

— E' bôa! murmurava entre gargalhadas francas o Lindolpho; o camarada salvou-te da difficuldade de terminar a estrophe, ligando a tua idéa á d'elle com perfeita malicia.

E, tirando ao cigarro largas baforadas, alisando a loura barba á nazarena:

— Experimenta, continuava elle, a força do China, coagindo-o a improvisar outros versos.

O Maia torceu o bigode, meditou alguns segundos e, fustigando o animal, cantou:

«Entre a Chica e o Zé Pitomba,  
A alma do China balança...»

A resposta immediata, sem hesitações, como si já estivesse estudada, repercutiu pelos ermos:

—Quando o Zé Pitomba tomba,  
Treme a Chica, e o China avança.—

Ouvia-se agora o barulho de festas por entre o escuro e compacto arvoredado cuja sombra se movia de leve sobre a arêa branca da estrada. O ceu estava recamado de estrelas, como pontos de tinta-luminosa n'um tecto divinamente azul. Sentia-se um quer que fosse de mysterioso na alma da natureza, aberta aos effluvios do luar, n'um enleio de amante voluptuosa e bôa. O aroma das folhagens, na época de luxuriosa vegetação, despertava brandamente as faculdades, inspirando desejos de noivado e suspiros de amores romanticamente saudosos. E, no seio maternal da noute, ouviam-se mais claros, mais nitidos, os sons da viola, as vibrações de gargalhadas e os rumores de phrases, misturados com o sentimentalismo de uma estrophe apaixonada:

«Ao ver-te a bocca mimosa,  
A tua boquinha em flor,  
Minh'alma, em febre amorosa,  
Tem ancias de beija-flor.»

—Esses versos, interceptou o Maia, nada têm de rustico.

—E' meu irmão, respondeu o Lahmeyer, que os cantou: havemos de ter algumas horas de incommodo, pois o Jorge não apparece em festa sem causar barulho.

Carlos Maia, tomando fôlego, dando á voz uma grande energia para ser ouvido por longe, attrahiu a curiosidade da pequena villa, cujas ruas atravessavam, resoando festivamente a quadrinha:

«Si te vejo a formosura,  
Si teus encantos abranjo,  
Digo commigo: «n'altura  
Deus sente falta de um anjo!»

E o Pedro China, enormemente commovido, fincou os pés nos estribos, ergueu-se so-

bre a sella, tirou com devoção o chapéu em frente á capella da Virgem Mãe, benzeu-se e, como si a sua voz saísse de uma gaita rachada, replicou desassombradamente:

«Como o sol que, na vidraça,  
Entra e sai sem tocar n'ella,  
Assim a Virgem Maria  
Deu á luz, ficou donzella.»

## II

Quando os dous amigos e o camarada desceram dos animaes, via-se o espaçoso terreiro aclarado por enorme fogueira, cercada de rapazes e raparigas que, assando milho verde, ou entregues aos jogos de compadres e comadres, abandonaram os divertimentos e os receberam com expansões de alegria.

—Não ha mais casamento! resmungava tia Euphemia.

E esvasiando o copo de aluá, narrava ao engenheiro e ao bacharel que o Jorge preparara uma bebida, chamada «peru», e, depois de servida por diversas vezes ao Pitomba, dizia que o noivo estava doente de um «pifão». O proprio vigario, contemplando a Zé Pitomba sobre o leito nupcial, parecia ignorar os effeitos do mal, visto que nunca encontrara entre as suas ovelhas uma sequer atacada d'essa molestia.

Extranhava-se, entretanto, que Jorge habituado a espantar a circumvisinhança com os rasgos de audacia amorosa, se retirasse tão cedo e tão occultamente da festa, coincidindo com a chegada do Lahmeyer e do Carlos o seu repentino desaparecimento.

Esvasiando outro copo de aluá, gorda e barulhenta, de formidaveis quadris, a tia Euphemia approximava-se agora do China, farejando alguma historia, fazendo-lhe perguntas e desejosa de ser util em alguma cousa.

—Veja lá, exclamava o caboclo; o negocio é perigoso: se revelal-o a alguem, cai-lhe em cima uma «chuva de pau.»

—Fale, homem, deixe-se de medo: bem sabe que não ando a bater a lingua.

—Pois o *seu* Dr. Maia deu-me ordem de fugir com a Chiquinha.

—Com quem, *seu* China?

—Com a Chica, tia Euphemia, com a noiva do Pitomba.

—Virgem Maria!

—Vamos com isso: quer ou não quer entrar no negocio?

—Espere, homem; diga-me primeiro si o seu patrão é generoso.

—Elle gasta dinheiro como si nos dêsse milho.

—Está feito: vá-se p'ra lá que d'aqui a pouco verá tudo prompto.

Separaram-se.

Carlos Maia, para melhor attrair a attenção dos convidados, dando oportunidade ao rapto da noiva, atirara uma cantiga ao Miguel Canteiro, um rapagão valente, sempre ao lado de Jorge nas perigosas diversões, dedicando-se-lhe com extrema e profunda sinceridade:

«Póde o relógio, Canteiro,  
Com a mulher se parecer?»

O caboclo, fugindo, sem perder tempo, cego ao movimento de geral espanto por sua retirada, foi respondendo pela porta afóra, perdendo-se-lhe a voz branda e suave no subito silencio, occasionado pelo desafio:

—Ha, no relógio, ponteiro;  
Não ha ponteiro em mulher.—

Foi então que a tia Euphemia descansou, com ares de assombro, as mãos nas fartas

ilhargas e, prevendo o effeito de suas palavras, disse patheticamente:

—Zé Pitomba, minha gente, está sem noiva!

—Sem noiva! repetiram alguns.

Fugiu, a Chiquinha fugiu!

E, n'um gesto de certesa, o Lindolpho Lahmeyer murmurou ao Maia:

—E' mais uma do Jorge.

Appareceu no mesmo instante o China que, abatido pela desastrosa noticia, lá se ficou silencioso, humilhado por lhe não ter sido possivel evitar o fracasso de seus trabalhos.

Vendo-o n'essa obscura tristeza de cão enxotado:

—Que fazes ahi? perguntou-lhe compassivamente o Carlos.

—Nada, patrão; espero ordens.

—Vem animar a festa: improvisa lá uns versos.

—Confuso ainda, faltando-lhe idéas, alegria e espontaneidade, o caboclo fez um esforço, tossiu, mexeu-se na cadeira e, com os pensamentos perturbados, tartamudeou desconfiadamente:

«Não é sómente mulato  
Que, feito o prato, tem fome:  
Gente bôa, feito o prato,  
Tem fome: nem sempre o come.»

CUNHA MENDES.

Rio, 27 de Novembro de 1906.





TARDE DE ESTIO



## O NATAL DE JESUS

**E**M todas as épocas e em todos os logares, quando o homem começou a contemplar e admirar o espectáculo celeste, a sua principal attenção, o seu primeiro entusiasmo, concentrou-se no astro supremo, na mais brilhante das estrellas, fonte de calor e luz, manancial de vida, o fecundante e glorioso Sol.

Estudado o seu curso apparente, apreciadas as suas relações com os phenomenos telluricos, fixada, embora grosseira e empiricamente, a sua influencia incontestavel e indispensavel sobre as terras e as aguas, as plantas e os animaes, foi a estrella das estrellas alçada á cathegoria de grande fetiche, e mais tarde transformada em divindade maxima, quando o homem primevo, deixando de adorar os seres, passou a venerar as entidades, abandonando a religião dos astros, se entregou á religião dos deuses.

Então o Sol deixou de ser deus mas produziu deuses. Agni, Mithra, Osiris, Manú, nas theocracias do Oriente; Hercules, Baccho e Jasão nas religiões da Grecia e de Roma; Jesus ou Christo na religião medieva, são todas divindades, por assim dizer, geradas do Sol; são imagens corporificadas do grande astro. A historia dramatica desses mythos diversos, suas aventuras, seus soffrimentos e suas glorias, são narrações exageradas da existencia e do movimento do sublime astro; são verdadeiras fabulas solares. A biographia de cada um delles é a biographia fantasiada do Sol.

Collocados no hemispherio boreal, os primeiros observadores do Céu distinguiram, após a successão regular do dia e da noite, o phenomeno mais complicado das estações. Assignalaram as épocas de grandes calores dos equinoxios e as de intenso frio dos solsticios. Dividiram o apparente movimento annual do Sol segundo essas épocas caracteristicas. Instituiram, enfim, as festas do Sol fixando-as nas datas mais ou menos correspondentes ás calculadas hoje para os equinoxios e solsticios: 25 de Março, 24 de Junho, 8 de Setembro e 25 de Dezembro.

Em 24 de Junho, quando para os boreaes o astro inflamma o seio da terra, fecundando-lhe as entranhas bemitas, toca ao auge do

poder luminoso e vivificante e vai pouco a pouco iniciar o seu declinio, o terricola offerece-lhe a pyra ardente em que chammejam os productos da terra fecundada. As fogueiras do estio, as nossas fogueiras de S. João, que para nós são de inverno, lembram ainda o antigo rito.

Em 25 de Dezembro, o fecundador, muito tempo afastado da Terra, mergulhado seis mezes em trevas volve de novo a affagar a amante desolada, aquecendo-a com a sua luz creadora, animando-a com a tepida caricia dos seus raios, restaurando-lhe as forças entorpecidas pelo somno lethargico de uma longa e frigida noite. Ha como que uma resurreição, uma renascença, symbolisada no advento da divina estrella; é um verdadeiro Natal do Sol. E o terricola contente festeja-o tambem.

Em 25 de Março e 8 de Setembro, quando a Terra fecundada se multiplica em fructos, ou desabrocha em flores, engalanando-se para receber o amado Sol, novos brindes ao astro, novas festas á sublime estrella.

Assim, no estio ou no inverno, no outomno ou na primavera, reina sempre o culto natural do Sol sob as formas mais diversas, porém inteiramente analogas e accordes todas em venerar, em solemnizar os beneficios, a gloria do astro-rei.

Eis o que succedeu nos primeiros momentos da vida social, no mais remoto fetichismo astrolatrico.

A contemplação das diversas e caracteristicas phases do apparente movimento solar em cada anno, dos beneficios que o Sol espalha sobre a Terra, dando a origem primordial da heliolatria, modo ultimo do Fetichismo, preparou o culto dos deuses que os Indianos chamaram AGNI; os Persas, MITHRA; os Egypticos, OSIRIS; os Gregos e Romanos, HERCULES, BACCHO e JASÃO; e a Edade Média e os tempos modernos, JESUS ou CHRISTO.

Os *Vedas*, o *Avesta*, a *Heracleida*, as *Dyonisiacas*, as *Argonauticas*, o *Evangelho* são livros, são poemas em que ha um só heróe celebrado com os mais variados nomes, sob as invocações mais differentes; esse heróe é o Sol: o AGNI, dos *Vedas*; o ORMUZD, do *Avesta*; o HERCULES, da *Heracleida*; o BACCHO, das *Dyonisiacas*; o JASÃO, das *Argonauticas*; o CHRISTO, do *Evangelho*.

Mas das fabulas solares uma só continúa viva nas tradições do Occidente civilisado por ter constituido a base revelada da fé medieva; é o mytho do Sol-Jesus.

O Evangelho é uma fabula solar. O natal de Jesus é o natal do Sol.

Ouçamos Dupuis numa das suas magnificas paginas da *Origem de todos os cultos*, onde por assim dizer, se acha a demonstracção concreta desta lei de sociologia: *o polytheismo provem geralmente da astrolatria*.

«E' um facto independente de todas as hypotheses, escreve o erudito escriptor, independente de todas as consequencias que eu quero tirar delles, que na hora precisa da meia-noite, a 25 de Dezembro, nos seculos em que appareceu o christianismo, o signo celeste que se elevava no horizonte, e cujo ascendente presidia á abertura da nova revolução solar, era a virgem das constellações. E' ainda um facto que o deus sol, nascido no solsticio do inverno, reune-se a ella, e a envolve com seus raios na epoca de nossa festa da Assumpção ou da reunião da mãe a seu filho. E' ainda um facto que ella sae dos raios solares helicacamente no momento em que celebramos a sua appareção no mundo ou sua Natividade.

«Não examino que motivo deu logar a fixar assim essas festas; mas basta dizer que são tres factos que nenhum raciocinio pode destruir, e de que um observador attento, que conhece bem o genio dos antigos mistagogos, pode tirar grandes consequencias, a menos que não se queira vêr nisso um puro jogo do acaso; do que não se pode persuadir áquelles que estão em guarda contra tudo o que póde lhes desvairar a rasão e perpetuar-lhes os preconceitos. Ao menos, é certo que a mesma virgem, aquella que só pode allegoricamente tornar-se mãe sem cessar de ser virgem, preenche as tres grandes funcções da virgem, mãe de Christo, quer no nascimento de seu filho, quer no seu, quer em sua reunião a elle nos céos. E' sobretudo a sua funcção de mãe que examinamos aqui. E' bem natural pensar que aquelles que personificaram o sol e que o fizeram passar pelas diversas idades da vida humana; que lhe suppuzeram aventuras maravilhosas, cantadas em poemas ou narradas nas legendas, não deixaram de tirar seu horoscopio, como se tirava o horoscopio das outras crianças no momento preciso do seu nascimento. Este uso era sobretudo o dos magos. Celebrou-se depois esta festa sob o nome de *dies natalis* ou festa do nascimento.» (1)

«Todos os annos, escreve tambem Malvert, celebrava-se o nascimento de Agni que os sacerdotes astronomicos faziam corresponder com o solsticio do inverno, epoca em que o sol parece recommençar uma vida nova. Esta data

era indicada por uma estrella, cuja appareção no firmamento coincidia com o solsticio. Sendo, no mytho vedico, o fogo consubstancial ao sol, celebrava-se pela mesma cerimonia o nascimento do sol e o do fogo. Esta fusão do elemento igneo com o mytho solar encontra-se nas religiões da antiguidade.

«Entre os romanos, as confrarias de Baccho, de Mithra, de Venus e de Isis celebravam todos os annos, a 25 de Dezembro, esta natividade divina. Levava-se em todo o imperio em procissão a imagem do deus renascido deitado no berço, tal qual o representa uma figura de barro. Aos gritos de *Evohé Baccho!* misturavam-se os de Annual ou Natal! isto é: nasceu-nos um Deus.

«Nas confrarias de Isis os sacerdotes, com a cabeça marcada por uma grande tonsura e vestidos de sobrepelizes brancas, levavam em procissão a imagem de Horus. O joven deus que acabava de nascer para a felicidade da terra era representado nos braços da Virgem sua mãe.

«Mithra, *o sol invicto*, tinha tambem a sua festa a 25 de Dezembro. A festa do Sol marcava o principio do anno novo, o dia do *sol novo, sol novus*, como em Roma se dizia.

«Este dia, universalmente celebrado, foi adoptado pela Igreja como o do nascimento de Christo.

«Os christãos, diz um documento syriaco, tomavam parte nas festas e regosijos do dia do sol novo. Notando isso, os doutores da Igreja resolveram collocar naquelle dia o nascimento do Senhor.» (2)

«Basta ler, opina Bertrand, as descripções que nos deixaram os antigos das suas festas solsticiaes para se ficar convencido de que um pagão que, resuscitando, assistisse hoje ás festas do Natal, se observasse apenas os aspectos exteriores, poderia julgar-se no meio de adeptos da religião do Sol... As festas do Natal apresentam uma reproducção frisante das festas com que os pagãos celebravam o nascimento de Osiris e Mithra: *Dies natalis solis invicti*.» (3)

«Todos os deuses solares, doutrina Réthoret, Agni na India; Mithra, no Iran; Osiris, no Egypto; Thammuz, Adonis, Baccho, Appollo, na Syria, na Phenicia e na Grecia; Manú, Budha, teem o mesmo character. Nascem a 25 de Dezembro, no solsticio do inverno, de uma vir-

(1) DUPUIS. — *Abrégé de l'origine de tous les cultes*, éd. de la Bibliothèque Nationale, vol. II, pag. 94-95.

(2) MALVERT. — *Sciencia e Religião*, trad. de H. Salgado, Lisboa, 1903, pag. 131-133.

(3) BERTRAND. — *A religião dos gaullezes*, pag. 112. Cit. de Malvert.

## KOSMOS

gem-mãe, numa gruta ou num estabulo, no meio de animaes; curam os doentes, resuscitam os mortos. Emfim todos morrem e resuscitam porque o Sol, vencido periodicamente pela noite e pelo inverno, voltava todas as manhãs e todas as primaveras. E' assim que a parte mais importante da religião não é mais que o echo dos cantos antigos que celebravam o Sol.» (4)

O natal de Jesus é, portanto, assim como o de Mithra e de Agni, de Osiris e Baccho, e de todos os outros deuses oriundos do fetichismo heliolatrico, a festa do nascimento do Sol. Celebral-a, é realmente celebrar uma festa do grande astro.

Para os espiritos emancipados de toda preocupação theo-metaphysica, que acceitam o fetichismo racionalizado pela sciencia—pois é o Fetichismo a religião natural e espontanea de todos os povos e de todos os homens—as festas do Natal são verdadeiramente homenagens em honra do astro immortal, centro objectivo do mundo, satellite subjectivo da Terra, que uma ficção poetica incorporada a uma fé scientifica, torna benevolente e activo, realisando os ideaes sonhados pelos que primitivamente o adoraram como fetiche e como deus.

(4) RÉTHORET—*Sciencia das Religiões*, Paris, 1894. Cit. de Malvert.

Si houve um propheta judeu que, tomando o nome de Jesus ou Christo, se applicou vaidosamente a legenda solar, não é a esse homem que a nossa veneração se deve consagrar, porque, de facto, a sua função social, o seu apostolado religioso, foi nullo, e o seu nome estaria esquecido si não fosse o Catholicismo, que é a obra grandiosa de Paulo de Tarso. O que é objecto de culto das almas emancipadas é o Jesus da lenda, o Jesus personificação do Sol.

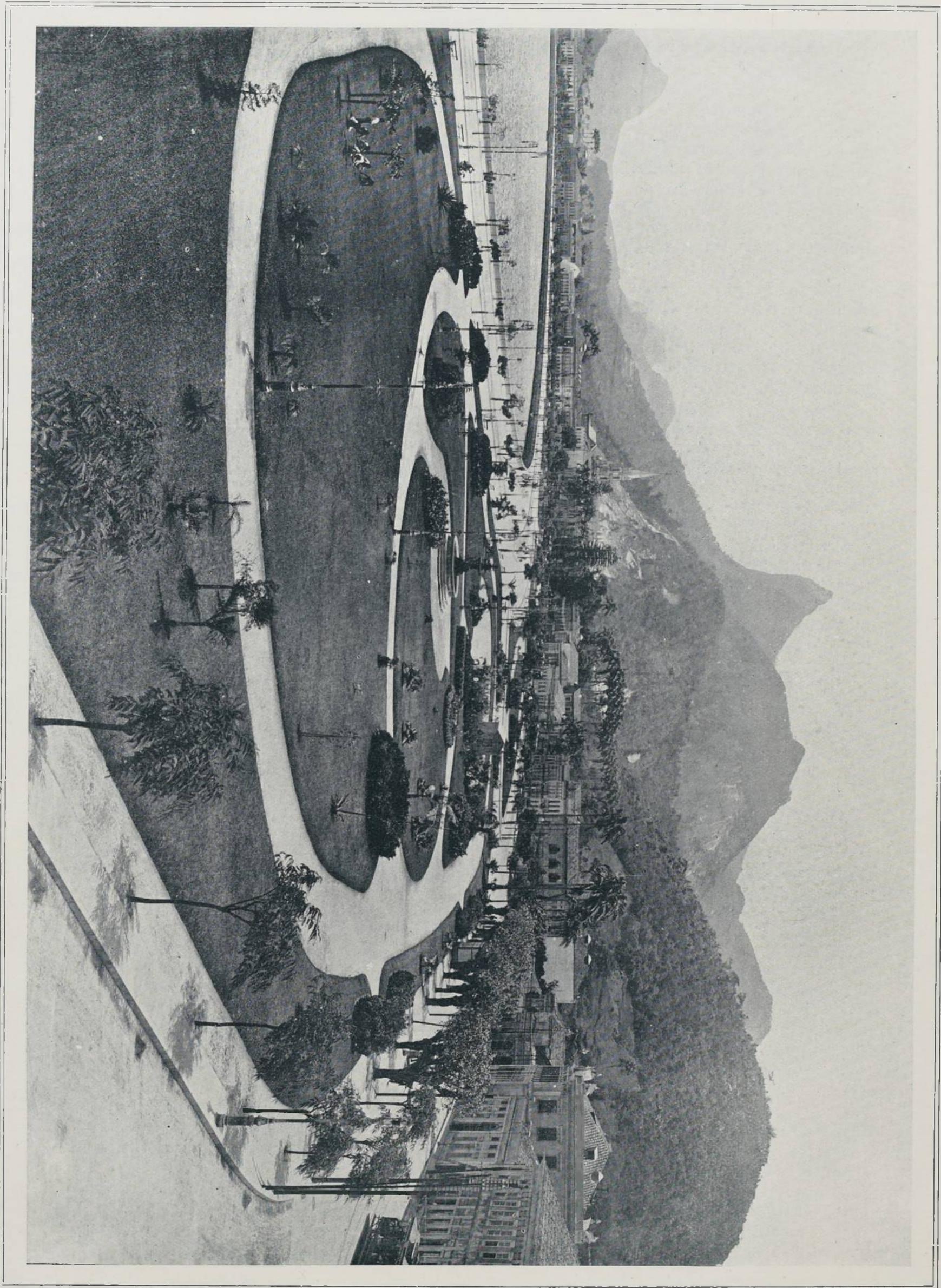
Sem incoherencia esses espiritos, libertos das doutrinas chimericas, que noutras éras foram necessarias á ordem e ao progresso social, pódem assistir as festas de Jesus, referindo-as á sua significação positiva, que é o culto humano da Terra pelo astro que a illumina e fecunda; é a adoração da propria Humanidade, representada por uma de suas creações provisórias, tão memoravel por ter servido e servir ainda para disciplinar e congraçar os homens.

Celebrando, pois, o natal do Sol sob a invocação de Jesus, celebramos uma festa real da Humanidade.

Rio, 25 de Dezembro de 1906.

REIS CARVALHO.





O JARDIM DA AVENIDA BEIRAMAR NA PRAIA DE BOTAFOGO - RIO DE JANEIRO

Malta phot.

## Sacrificio supremo

**N**A agreste choça de grossos, escabrosos muros de maceria, levantados, pedra a pedra, pelas suas mãos debeis, colmada pela densa e florida ramagem de roseiras bravas e madresilvas, vivia, em constante e acerba penitencia, a nobre dama Lucilia, viuva de Fabio Lentulo que, por amizade e favor de Tiberio, enriquecera no governo de uma farta provincia.

Depois da morte do esposo, muito moça quasi menina, com um filho nos braços, encerrou-se a viuva no seu palacio, um dos mais sumptuosos da Via Sagrada, e a sua liteira, que precursores negros annunciavam aos brados e uma guarda liburnia acompanhava, nunca mais appareceu na cidade que se agitava curiosa da belleza e do fausto da deslumbrante patricia. Só depois de dezoito annos de silencio abriram-se, de par em par as portas do palacio á passagem airoza de Lucio Lentulo, o filho tão amado, que o morto deixára infante ao collo da linda esposa.

Desde que o mancebo appareceu espalhando, a mãos prodigas, as riquezas que a mãe com economia avára, conseguira multiplicar, cercaram-no os parasitas elegantes e as mais formosas concubinas disputaram-no, attrahindo-o aos seus jardins onde o recebiam languidamente reclinadas sob velarios de purpura, entre escravas núas que, ao som da frauta bailavam, desfolhando rosas.

O mancebo, que era fragil, pouco tempo resistiu á libertinagem e, uma noite, ao emborcar um crátere em que espumava o vinho alegre da Campania, empallideceu, tombou nos braços dos amigos, golfando sangue e a orgia serenou em presença da morte.

Lucilia chorou longamente a sua desventura até que, a conselho de um dos nazarenos que andavam a pregar a nova religião, distribuindo em largas esmolas a sua immensa e inutil fortuna, uma noite, descalça e mi-

seravelmente vestida partio da cidade sem deixar vestigio do seu transitio.

No eremiterio do monte vivia vida miserima: as roupas cahiram-lhe apodrecidas, cresceram-lhe mais bastos os cabellos louros e a sua virtude era tão pura que, quando subia á fonte, com a bilha, fechava os olhos para não ver a sua imagem no espelho das aguas, receiando incorrer em vaidade.

As aves amenisavam a sua solidão e as corças, noite alta, entravam docemente na choça e deitavam-se junto da solitaria lambendo-lhe as mãos meigas, sempre sollicitas em pensar as feridas que os espinhos abriam no corpo dos animaes de Deus.

Uma tarde, estando Lucilia em oração—havia dois dias que não levava á bôca alimento algum—appareceu-lhe um anjo offer-tando-lhe manjares que pareciam feitos de flores, tão bem cheiravam embalsamando a floresta.

Lucilia acceitou o presente do enviado do Senhor e, de joelhos, devotamente, como se recebesse a hostia, fartou-se d'aquella celestial delicia, sentindo-se logo refeita e tão robusta como se nunca houvesse soffrido miseria.

Foi nessa tarde, tão cheia do favor divino, que ella soffreu o seu tormento maior. Dizendo-lhe o anjo que o Senhor recebia com prazer todas as mortificações, disse a solitaria:

—Ainda é pouco o que faço para a ventura que me está reservada. Espero a morte com ancia porque só ella me levará á companhia do meu saudoso filho que, ha tanto tempo, me chama do Paraiso. Deves conhecê-lo, disse Lucilia ao anjo. E o anjo, baixando os olhos, murmurou:

—Não o conheço.

—Não estará elle no Paraiso? Lucio Lentulo, meu filho?

—Não está.

—Tão meigo, tão dócil, tão affectuoso... Terá, por acaso, parado no Purgatorio? E o anjo, sem levantar os olhos, fez um gesto negativo. Onde então?

—Teu filho morreu em peccado e os que assim morrem ficam, para todo o sempre, privados da graça de Deus.

—No inferno! Lucio Lentulo, o meu pequenino Lucio! Meu filho! bradou a misera.

E eu? sua mãe? Como hei de vel-o? Como lhe poderei mitigar os soffrimentos? Se eu fundir o coração em lagrimas, se redobrar as penitencias passando todas as noites que me restam em claro, jejuando emquanto o corpo permittir, abstendo-me do sol, arrastando-me, de joelhos pelas pedras agudas dos caminhos, apertando ainda mais os nós do cilicio, passando como os animaes, expondo-me á neve, inventando supplicios nunca experimentados não merecerei de Deus o perdão de meu filho? O anjo baixou os olhos e o silencio pesou entre os dois. Por fim a penitente interrogou:

—E qual é o caminho que leva ao inferno?

—O mal, o vicio e os crimes. Fitaram-se longamente. Depois o anjo despediu-se e perdeu-se nos ares melancolicos.

Recolhendo á choça e atirando-se ao chão, de bruços, a solitaria passou a noite a pensar, sem lagrimas. De quando em quando repetia surdamente as palavras do anjo.

—O mal—o vicio e os crimes. E no caminho da Bemaventurança por onde sigo nunca o encontrarei. Ai! de mim!

Ao amanhecer, levantando-se das pedras em que dormia, na choça, descobriu a um canto, sobre folhas seccas, uma corça que amamentava o filho. Arremetteu d'um salto e, arrancando o animalzinho á ternura materna, estrangulou-o com furor. Sahio ao bosque e, trepando ás arvores, destruia os ninhos,

escorchava os troncos, arrancava os arbustos, amaldiçoava o sol, chapinhava nos regos para toldar as aguas.

Correu á fonte e, afastando os cabellos que toda a vestiam mirou-se com deslumbramento, palpando as carnes que a miseria não conseguira profanar e teve um riso de triumpho. Em torno della esvoaçavam os passaros piando, a corça balava ao longe lambendo o cadaver do filho, as arvores sangravam e os arbustos desarraigados enlangueciam. Esteve um momento a contemplar a sua destruição, subito, porém, arrojou-se da montanha, núa, com os longos cabellos soltos, voando ao vento, a prenderem-se nos ramos em fios d'ouro que rutilavam ao sol.

—Agora o vicio! exclamou. Na planicie estava acampada a decima legião de Avitus, constituida de soldados amollecidos e depravados na volupia da Asia. Lucilia parou no alto de uma penha, a um tiro de flecha ao acampamento e, com uma voz atroadora, bradou:

—Lucio, meu pequenino e sempre amado filho, ali vou abrandar com as minhas lagrimas a dor immensa das tuas feridas eternas.

E, como os rudes soldados, attrahidos pela voz tragica, corressem a cercar a penha, a miseranda, abrindo largamente os braços, affastou os longos cabellos louros e em pleno sol, soberba sobre o pedestal selvagem, expoz o seu corpo esbelto, nú como o de Venus maravilhosamente bello, maravilhosamente branco.

COELHO NETTO.

# O Chinélo do Vôvô

CONTO PARA O NATAL

**M**RA um feio, grande, pesado chinélo de couro crú, que o Vôvô calçava pela manhã para ir ás suas roseiras.

Rosas foram a paixão do Vôvô. Amava-as e cultivava-as com um carinho inexcedível. Depois que os annos embranqueceram seus cabellos e lhe cavaram fundas rugas no rosto, liquidou os seus negocios e dedicou-se exclusivamente ás roseiras. E que formoso roseiral possuia o Vôvô!..... Formoso e tambem celebre. Vinham de outros bairros, ás vezes de logares longinquos, conceituados cultivadores, sabios naturalistas, finos *dilettanti* ou simples curiosos para vêr e admirar essa collecção preciosa, esse serralho lindissimo em que as favoritas eram tantas, e qual de maior garbo e perfume, que jamais houve nem nunca haverá palacio de grão-turco que o igualasse ou competisse...

E para inspeccionar o seu harem era que o Vôvô, com o seu largo torso vergado, calçava os grandes, feios, pesados chinélos de couro crú, um dos quaes, o mais derreado e duro, fôra transformado em nosso algoz, meu e do meu maninho Carlos.

Não supponham que o Vôvô fosse o creador dessa transformação maldosa. Nada disso, meus senhores!

Aquelle santo homem, carinhoso para com as rosas, o era igualmente para com as creanças, com as quaes seus mimos pareciam trazer o olor e a setinosa caricia das formosas corollas do seu deslumbrante jardim.

A sua constante bondade, a sua inexgotavel paciencia, nunca premeditariam essa maldade.

Maldade!... Teria sido, realmente, maldade?... Essa tão terna, cuidadosa, dedicada senhora, que foi nossa Mãe, poderia ser má?... Mas, naquelle tempo, ameaçar-nos com o chinélo do Vôvô não poderia ser senão maldade. E quem descobriu, ou melhor quem inventou esse algoz foi a nossa tão meiga e querida Mãe. Foi ella quem achou esse recurso supremo para debellar as nossas manhas; foi quem, primeiro, sem que o Vôvô soubesse, apanhou o grande, feio, pesado chinélo de couro crú e nos ameaçou com elle; foi ella quem disse ao Papae que aquelle monstro era a ultima *ratio* para nossas zangas, querellas e choromingos; foi ella quem, por suas propri-

as mãos delicadas e ainda sem sciencia do Vôvô, pendurou o bruto sapatarro no portal da *cópa*, ao alcance da nossa vista!

E como nos aterrorisava o feroz chinélo!...

A's vezes, de longe, olhavamol-o, lá estava elle pendente do portal da *cópa*, preso a um prego: era pavoroso. Apenas povoroso! A sola parecia feita dum immenso madeiro, todo um roble arrancado á floresta virgem onde ululam fêras e a treva é densa, cheia de mysterios, de cascaveis, de duendes... Coberta de terra, escarolada pelos seixos, irregularmente debastada pelo uso, pelo roçar nos pedregulhos, afigurava-se-nos negra, inclemente, pesando arrobas! Só de vêl-a, só de olhal-a, mesmo de longe, sentiamos ardores de fogo nas nadegas. E' provavel que o maninho sentisse menos do que eu, elle era magrito, uma varinha. Eu... ai de mim!... A natureza me dera boas carnes... gorduchita, quasi redondinha, me não faltava onde se me batesse. Aquillo era levantar a mão e descarregar o braço... E a pancada deveria ser sonora, cheia, bem estalada! Estremecia só de pensar nisso, estremecia e pedia a Deus que me fizesse mais rasa que a taboa dos engommados, mais fina que o cabo das vassouras, porque a Mamãe sempre dizia que, se no Carlitos seria dar nos ossos (e parece que ella tinha medo de os quebrar...) em mim o chinélo *cantaria que era um gosto*. Virgem Santa! Ião-se-me os olhos medrosos para o terrivel chinélo no portal da *cópa*; via-o ali, estúpido, parado, assustador. Tinha o aspecto não sei de que bruto, mas o seu couro amarellado, tirante para o cinzento, recordava-me pellos de bichos que eu vira no Museu. Ainda me lembro de que, n'uma das nossas lições dos *Lusiadas*, no momento em que liamos:

.....quando u'a figura  
Se nos mostra no ar, robusta e valida,  
De disforme e grandissima estatura,  
O rosto carregado, a barba esqualida  
Os olhos encovados e a postura  
Medonha e má.....

nossos olhares, que se encontraram de relance, movidos pelo mesmo pensamento, foram, unidos como duas pombas timidias, para o portal da *cópa*.

Um dia, já me não recordo porque má-criação feita em casa alheia, a Mamãe me disse baixinho:

Deixa-me te apanhar em casa que o chinélo vae ter trabalho.

Ouvi e tremi. Em caminho contei ao Carlinhos o que me esperava, segundo a promessa ouvida. Carlinhos, que me era muito

afeiçoado, empallideceu e pôz-se a pensar. Quando chegamos á porta de nossa vivenda, elle a transpoz n'uma corrida, apressadamente. Eu de nada sabia. Tive, no entanto, o presentimento de que procurava salvar-me. Entramos. A minha falta fôra, sem duvida, muito grave, poque a Mamãe não se esqueceu da promessa e logo que penetramos a sala tomou-me do braço:

— Agóra, você vae me pagar o vexame que me causou...

E dirigio-se para a *cópa*. Mas, o portal estava vazio. Olhou em derredor, rebuscou os cantos, inquiriu da creada o paradeiro do chinélllo... Nada. Ninguém sabia d'elle.

Chamado o Carlinhos, porque a Mamãe suspeitára de que o tivesse escondido, elle protestou a sua innocencia. E onde pararia o medonho chinélo? Eu, mentalmente me agarra-va com todos os santos para que o algoz não apparecesse. E enquanto ia e vinha de um para outro lado, sempre presa á mão da Mamãe, sentia por baixo das calcinhas o caustico das sapatadas. Isso só ao pensar nellas... Que seria quando, réalmente, as sentisse?...

De repente, porem, ouvimos uma tosse rouca, um arrastar pesado de sapatos e um risinho de *êh! êh! êhs!*... que nos era mais doce, mais claro, mais bemfazejo que uma aurora. Era o Vóvô. Perguntou do que se tratava, que havia?... A Mamãe disse-lhe que procurava o seu chinélo, o chinellão.

— O meu *tamanco!*... E para que queres tu o *tamanco?*

Para corrigir esta pestezinha... Papae não calcula a vergonha a que ella hoje me expôz em casa das Nunes!...

— Mas... então, é com um *tamanco* bruto que tu corriges a menina?... Foi por este meio que eu te criei a ti e mais tuas irmãs?... eu, que era um brutamontes?... Ora, puxa-lhe a orelhinha, mas devagarinho, vê lá, devagarinho; reprehende-a, priva-a de confeitos, e deixa-te de castigos rudes, que em creanças, mórmente quando meninas, não se bate como se batiam negros...

E foi me retirando da mão da Mamãe, que se vexara com o *pito* tão opportunamente passado.

— Ora, vem tu cá, dize-me o desafôro que fizeste... conta-me esse crime.

E como eu chorasse, postoquê devera me rir, o Vóvô fez-me uma porção de carinhos e tanto me puxou pela lingua que eu lhe contei o horror em que nos trazia o chinellão.

— Ah!... é assim?... A senhora Mamãe faz dos meus *tamancos* títú aos pequenos?... Ora, ali está o que eu ignorava!.. Pois, de hoje

em diante, os *tamancos* ficam muito bem seguros no meu quarto e a chave da porta vae ser muito bem guardada no meu bolso.

E assim foi. Não obstante essa salvadora resolução do Vóvô, o medo que tomarámos do chinélo era tanto que, ainda assim, temiamos o seu reaparecimento. Contamos-lhe esse temor, bondosamente elle nos tranquillizou: que nos deixassemos de medos, os chinélos estavam á sua conta — mas, numa manhã de Natal, vae isso para trint'annos, depois de nos beijar muito e de nos encher os bracitos com caixêtas de tamaras e embrulhos com bonecos, disse-nos a rir, com o seu inesquecível risinho:

— E vou mostrar-lhes um bonito fogo de artifício, de dia. Ora, venham cá a abaixo.

Descemos ao jardim. O Vóvô preparára um montezinho de gravêtos, de galhos quebrados, de folhas seccas e nelle puzera os seus chinelões untados de kerozene. Depois, sorrindo sempre, riscou um phosphoro e ateiou fogo aos gravêtos. A chamma cresceu. Estalidos seccos fizeram estremecer a fogueira. Houve um ondular de seixos, como doloridos, tentando livramento. Mas a chamma augmentou, desdobrou-se em largas linguas frementes. Os chinelões, rapido, foram envolvidos por ellas; contorceram-se, um delles espoucou a sola, arreventada da sua pregaria, Fra o que nos aterrorisava. Dentro de minutos tudo aquillo se transformára num brazeiro, uma fomalha infernal.

Eu e o Carlinhos olhavamos, desejando vêl-os completamente consumidos, completamente reduzidos a carvão, a cinza. Em quanto assim não fosse, a nossa tranquillidade não seria perfeita.

E o Vóvô, muito alegre, com os seus olhinhos fictos na fogueira:

— Ora, ali teem vocês... Não ha mais títús...

Sim, não haveria mais títús, os chinelões desapareciam, e com a chamma viva que crepitava nessa fogueira, fazia-se na nossa memoria a apothose eterna desse meigo, desse santo, desse incomparavel velhinho!

E com o *pito* que o Vóvô passára á Mamãe e com a fogueira consumidora daquella alegre manhã de Natal, nunca mais sentimos arder as nossas nadegasinhas nem eu desejei me transformar em taboa de engommados ou cabo de vassoura.

O' creanças, que tendes avós, como sois bemaventuradas!

Dezembro de 1906.

MARIA SALOMÉ.

# KÓSMOS



## IMMORTALIDADES

(Livro de Helena)

### QUERES UM ASTRO?

Pedes-me um astro Helena?—Eu voo ao espaço.  
Qual delles queres? Por exemplo, Sirio?  
Como cõlho a camelia, a rósa, o lirio,  
Para apanha-lo, só levanto o braço.

Nenhum esforço mais do que isto faço.  
Não vou dentro de um sônhô, ou de um delirio,  
E' só o tempo de accender um cirio,  
E voltar logo, sem maior canção...

Ei-la a estrella aos teus pés: vê, como brilha?  
Não crês? Eu trouxe-a á mão pela janella.  
Não fiz nenhuma estranha maravilha.

A luz, que sahe de ti mesmo, a revêla.  
Veio, cegou-te, e foi... Mas ólha, filha,  
Inda em teus olhos ha pedaços della.

LUIZ DELFINO.



## IDYLLIO RÔXO

pretenciosamente, ares galantes d'eupeísmo n'agrestidade d'aquellas alturas verdes. De mais, para o forçado coquettismo de Sahra, era isso uma nota *chic*, um traço elegante de viver superior, porque essa pobre rapariga pallida, de olhos velludosos d'uvas negras — tur-gindo da volupia morna de um morno que-branto — a cabelleira encaracolada, que lhe es-culpia a cabeça com uma cariciosa expressão de creança romantica, possuia o elevado requinte da futilidade n'uma irradiação moderna e hys-terica de fórmias.

O resto de vida que se lhe esvaziava, noite á noite, nos esburgos da gósma pulmonar, dir-se-ia concentrados nas preocupações elegantes da sua pessoa, cuja plastica delgada d'estatua al-legorica se movia com a colleante flexibilidade das serpentes feridas.

Quando ella apparecia ao sol das dez, na sala do hotel, agitando rendas sobre rendas, n'uma feliz illusão de se fazer menos magra, e mais polypetala que uma rosa branca, a encher o ambiente com trescalos fidalgos de *Crap-Apple*, não havia pupilla que não scintil-

**S**AHRA conse-guiu um dia feliz. Os can-çaços angus-tiosos, com que a tosse ir-

ritante a mor-tificava, se-renaram um

pouco nesta clara manhã d'equi-noxio.

Terminado o jantar, ás cinco, a sua voz, de cythara nocturnisan-do, melodiou aos meus ouvidos:

— Vamos namorar a tarde?...

Ella está linda!

Não lhe retorqui. De um salto apanhei a *casquette*, e prompto! Partamos, Sahra.

Ella desceu, como sempre, acompañada, respeitosa, da velha, da erecta e grave D. Maria, que nós, nas parlendas da serra, para affectar villegiatura nobre de *touristes da nata*, da *upper cream*, chrisamos por conta propria, in-glezando seu nome n'aspereza acre de *Mary*. Caracterisavamos, por esta forma, o seu typo esqueletico de loira quinquagenaria, penteada de classicos bandós e davamo-nos,

lasse de desejos accesa, nem percepção que se enganasse com a saúde artificial d'aquella creatura, esvelta, e solerte, que siflára, angustiosa, nos accéssos da tosse, durante o silencio pesado das noites.

Foi, tambem, por um capricho d'exceptional, procurando cercar-se de todos os insignificantes detalhes do imprevisto e do *exquis*, para phosphorear o rastro da sua personalidade, que ella, um mez depois de nos conhecermos na diaria da mesma locanda, carregou os sob'olhos, aprumando, nervosa, a cabeça, porque eu tivera a criminosa irreverencia de a chamar — *Mademoiselle* — após um *scherzo* de Beethoven dedilhado, ao acaso, no gasto teclado do piano frouxo, e quando a sua pequenina orelha transparente se inclinára ao pieguismo dubio do *flirt*.

— Oh! exijo que me chame Sahra. Simplesmente Sahra.

Desd'esse momento, mesmo deante da gravidade ossúda da respeitavel *Mary*, jamais meus labios titubearam postiçarias de formalidades.



Sahra passou a ser a minha meiga e intima camaradagem, insexualisada como as Visões, apenas lembrando um vago de mulher pelo aroma de suas cambraías rendilhadas e pela insidia amollentadora de seus olhos, luminosamente negros.

— Para onde seguiremos, Sahra? Perguntei.

Ella não respondeu. Tomou-me do braço e descemos para os lados tranquillos do Sul.

Março extinguiu-se n'uma viuvez serena de *quaresmas* florescentes e vesperaes crepusculos agoniados de violetas machucadas. A' margem do caminho, na ramaria alta das velhas arvores, por onde cigarras, ao môrmaço equatorial das séstas, safoneavam empós preludios de cicios longos, nevavam pulverisações suaves de amethystas trituradas, como se uma triste flôr invisivel abandonasse, no desalento dos repudios, o pollen resequido e inutil. E esse brando colorido de melancolias vivas derramava-se do céu pela extensão quêda dos valles, alastrando-se no circulo enorme de toda a payzagem, destendendo os planos pelo esbatimento das distancias, envolvendo a longitude n'um affago dormite de lagrimas ainda não enxutas, e lilazeando a faixa do horisonte, lá — baixo, n'uma tenuidade de zaïmph sagrado, aberta sobre a remotissima paragem dos promettimentos fugitivos.

Iamos descendo...

Sahra descançou mais sobre o meu braço a leveza do seu busto. Muda, pisando serena e certa, pupillas absorptas, e brumosas das suggestões sentimentaes d'este vagaroso crepusculo d'Endoenças, suas pequenas narinas de nervosa resfolegavam; havia no seu respiro o rythmico siflo, quasi imperceptivel, do soprar d'um folles. Pelo languor do seu corpo percebi que o recolhimento da payzagem a envolvia, possuindo-a, fazendo-a penetrar o seu mysterio, alentando-a pel'acridade aromatica do seu bafo... E silencio, extensões, halitos mornos de folhas, emanações da terra, embriagavam-na, excitavam a sua imaginativa, fazendo-a construir, mentalmente, com a nostalgia da hora, o romance de tristezas que as tuberculosas sóem compôr, tecidos de illusões e lembranças vagas, como uma musica que expira sob a dormencia de uma volupia.

*Mary*, agoniada pela distancia, deixára-se ficar n'umas lages da escarpa.

Nós, porem, continuamos a descer, de manso, sem palavras. De repente, ella aspirou forte.

—Sente?... E' o aroma dos lyrios.

A estrada resvalava em curva, ao sopé da macéga baixa da chapada. Estavamos na base do pendor, onde denegria a lendaria *Ponte dos Suspiros*, cujos barrótes repercutiam o rumorejo fresco do correjo, refrangendo-se nos pedregulhos soltos da socava.

Paramos. Sahra declarou que sentia fadiga, e queria penetrar-se da solidão que amodorava o tom viuvo da tarde tristissima.

Então, amparados pelo rebordo da ponte, ainda braço sobre braço, ahí permanecemos sem uma palavra que rompesse o silencio de em torno, olhos postos na planicie violacea, estendida para além, rasa e ampla, 'té o agglomerado tufoso dos mattos, já roxeando no fusco das trevas. E nesta quietitude spasmodica de natureza adormecida, presentia-se que de azas espalmas, plasplaceando ondulantes e esgueiradas, passava teimosa, persistente repassava, a Saudade longa das deserções eternas.

Logo, pelos ramalhos párasolados, pelo emaranho do matto, no rastejamento das hervas, estremecia o quer que fosse, um desoffego de peito causado, de que o aroma branco dos brancos lyrios era o halito virgem, evolvendo-se n'um beijo demorado e intenso, de par tida...

N'este momento Sahra falou-me baixo, queixosa e tímida:

—Sabe?... levo um grande pezar da vida...

E depois de uma pausa atalhando-me a pergunta:

—E' o de nunca ter experimentado a sensação de um beijo... de amor. Oh! nunca os labios de um homem tocaram-me nas faces!

Quando a fixei, ella tinha inclinado a cabeça afflicta, seu olhar negro e velludoso boiava no alvejamento de Desejos angustiosos, e eram tão supplices os seus labios! era tão pedinte a sua bocca! que eu tive o impulso de lhe dar o consolo d'esta caricia. Mas, os bazarismos do seu espirito d'enferma crestaram bem cedo os rebentos do meu amor; seria impossivel revivel-os agora só pelo desvario concupiscente de um goso ephimero e favorecido. Ella comprehendendo o meu pensamento, gemeu offegante:

—Beija-me... Sim?

Mudamente obedeci. Era a vontade de uma condemnada, e eu, por mais que me repugnasse a satisfação desse lascivo desejo, que a impudicia de uma allucinação trazia á bocca de uma creança, não tinha energias para a cruel negativa. Ao curvar-me para ella,



procurando sua frente, encontrei

a febre de seus labios soffregos á espera dos meus. E unimol-os docemente, demoradamente, n'uma junção noival, premindo as nossas mucosas na humedecencia dos mesmos anceios; eu—perdida razão, animalizado pelo contacto offertante da immacula carne febril; ella—dominada pelo seu goso, radiando nas faces, esfuziando no olhar, acceso o halito fremente, que lhe punha no respiro compassado a delonga sugada dos prazeres primeiros...

Por fim, vencida, cerraram-se-lhe as palpebras, exhaustas; uma pallidez de luar morrente alastrou-se por suas faces, marmorisado-lhe a linda cabeça de bambina, e um insulto de tosse rouca sacudiu-lhe a escoriada caverna do busto.

## KOSMOS

A noite despregava-se lenta, lentissima, d'operculo remoto, franzindo a quietitude roxa do espaço e, no isolamento estagnado, o bailido fanho d'uma ovelha tardia cavou o silencio, sonorizando nas quebradas o éco reminiscente do *Angelus*.

Sahra, acommettida por outro accésso de tosse, levou rapidamente o lenço á bocca, mas, intutil a presteza do gesto!—de seus labios escapou-se, de jacto, uma golfada de sangue, que estalou, surda, no chão e ficou-se coagulhenta, estriada em lagrimas solidificadas, sulpherina e refulgente, na rouxidão do dia extincto.

Quando nos puzemos a caminho, ora lentamente, medindo o passo á fugir do esforço, a

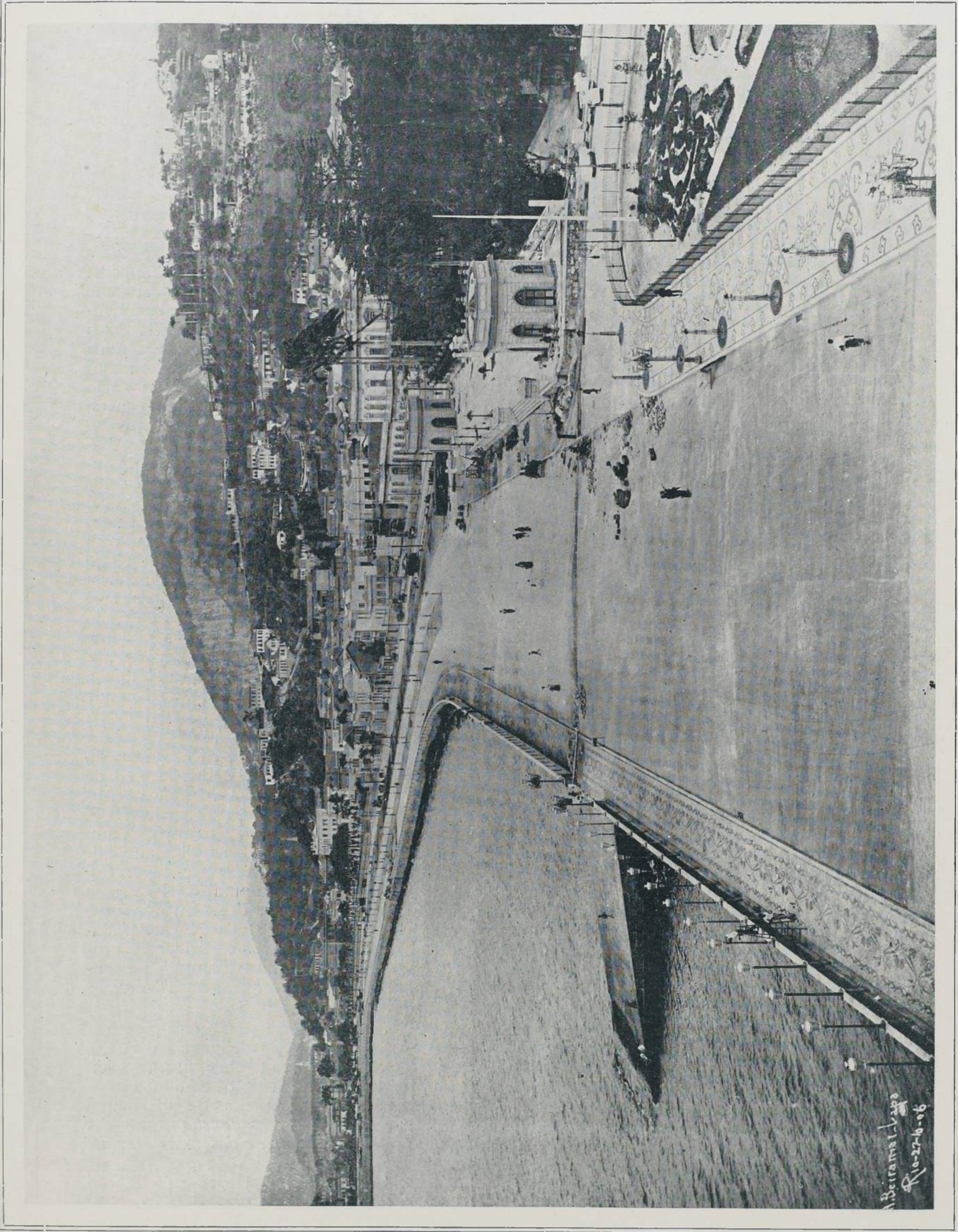
natureza aerisava-se nesta melancolia quaresmal de Março, toda ella rôxa, mas, agora, de um rôxo turvo, tingindo de saudades tumulares a tristeza immensa da Terra.

Só, infiltrante e dulçoroso, o aroma virgem dos brancos lyrios vivia no ar, como se o oleo purificador de uma ambula houvesse escurrido sobre nós para a extrema uncção do nosso noivado sem mácula, sorrindo, n'agonia silenciosa da tarde, á illusão ineffavel de um goso que nunca mais voltaria... nunca mais!... nunca mais!...

*Desenhos de Arthur Lucas*

GONZAGA DUQUE.





AVENIDA BEIRAMAR—LAPA

Malta phot.

## O PREMIO DA TRAIÇÃO

É corrente entre os nossos historiadores a crença de que a Joaquim Silverio dos Reis, o negregado denunciante da Conjuração Mineira, couberam os maiores premios pelo serviço prestado á Coroa.

Diz-se que, devedor de avultada somma como arrematante de varios contractos, Joaquim Silverio viu perdoada essa divida e cumulado de honrarias morreu em placida velhice legando á sua descendencia avultados haveres.

Nada mais falso todavia. Não se fez effectivo o premio senão muito mais tarde, quando já em terras do Brasil o throno dos Braganças.

Esse typo de Joaquim Silverio é o de um pobre diabo avido de por qualquer meio se libertar das onerosas dividas que contrahira para com o Real Erario, ou vingasse a conspiração com a nova Republica, ou adiada a epoca do levante fallando pela denuncia á gratidão da Coroa. Nem por sombras lhe passava pela mente muitos annos após a hediondez de seu procedimento, e remorsos não lh'os despertavam nem mesmo os sarcasmos dos que lastimavam as victimas da sua torpe acção.

Proclamado pela sentença que condemnou os réos a varias penas e fez justiça a Tiradentes, *Catholico e Leal Vassallo*, só cuidou então de fazer valer os seus serviços munindo-se de attestados das principaes autoridades envolvidas nos acontecimentos das Minas, para conseguir a recompensa á traição.

Perdoou-lhe a Coroa a divida avultada e ordenou se lhe restituissem os bens confiscados. Mas essa graça não se fez effectiva apesar dos seus insistentes pedidos, obrigando-o a seguir para o Reino onde por muito tempo frequentou o Paço a reclamar. E' provavel que não fosse recebido de boa cara, porquanto dos seus requerimentos ressumbra funda amargura, attribuindo elle os embaraços que lhe surgiam numerosos, aos amigos dos Inconfidentes.

Em 1808, com a vinda de D. João VI, fez parte Joaquim Silverio com a sua familia da Comitiva Real conforme certifica Manoel da Cunha Souto Maior, Almirante da Real Armada e Commandante da Esquadra ancorada no Rio de Janeiro, em 9 de Março daquelle anno.

Foi nesse anno que elle dirigiu a D. Fernando José de Portugal o seguinte requerimento: (1)

«Ill.<sup>mo</sup> Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dom Fernando José de Portugal.

Joaquim Silverio dos Reis implora a attenção de V. Ex. para ver hù extranho caso succedido neste Paiz que talvez V. Ex. não saiba as suas circumstancias; eu vivia na Capitania de Minas Geraes, era Coronel Commandante de hù Regimento de Cavallaria. Vivia em abundancia acreditado de maneira que nesta Praça se me confiaram emensos cabedaes e a Junta da Fazenda da Capitania e a rematou hù contracto de perto de hù Milhão, tendo antão huas descenções publicas com o meu general o Ex.<sup>mo</sup> Visconde de Barbacena relativas ao meu Regimento; supondo-me algus máos Vassallos em disgosto com aquelle Ex.<sup>mo</sup> fui convidado pella meia noite no meu Quartel pelos principaes Habitantes daquelle Paiz para socio de húa abominavel Conjuração com vantajozos partidos que não forão bastantes para corromper a minha fidelidade; compri logo com as obrigações de fiel Vassallo manifestando tudo ao meu Ex.<sup>mo</sup> General; este me mandou a esta Cidade com Carta de officio ao Ill.<sup>mo</sup> Ex.<sup>mo</sup> Luiz de Vasconcellos e Souza, Vice Rey deste Estado; este me prendeu por bem daquella deligencia e segurança da minha vida na Ilha das Cobras, incomunicavel aonde me conservei nove mezes que tanto foi perizo para legalizar a minha verdade.

Conhecida esta fiquei em o Minage nesta Cidade athé detreminação de Sua Magestade que foi servida mandar húa Alssada de Ministros Superiores a sentenciar aquelles R. R. que forão condemnados á pena ultima com infamia e confiscação de bens; Joaquim Silverio declarado na mesma sentença por *Catholico e Leal Vassallo*, honra da Nassão a quem se deve a segurança deste Estado, como tudo se manifesta pelas atestações juntas daquelles Ex.<sup>mos</sup> Governadores e certidão da propria Alssada que tudo offerece a prudente consideração de V. Ex. porque ama a Verdade, a razão e a Justiça.

Sua Alteza Real premiou com grandeza quantos trabalharão nesta deligencia como se vê na Relação junta; eu tambem fui premiado com as honras que se fizerão manifestas; porrem de que me servem estas se não tenho com que as manter; *porque aquella grassa dos 400 mil cruzados e entrega dos meus bens até hoje se não realizou.*

(1) Bibliotheca Nacional—Secção de Manuscriptos.

Porem agora Ex.<sup>mo</sup> Senhor que a Providencia trouxe a este novo Mundo a S. Alteza Real e a V. Ex. confia muito na sua proffissão para se realizar aquella graça em beneficio de hũ vassalo que deve merecer a attenção de S. A. Real e de V. Ex. tirando-me da triste vida de pertendente e fazer desaparecer a miseria que a tantos annos me tem oprimido e a toda a minha infeliz familia.

Deus guarde a V. Ex.

Rio de Janeiro, 20 de Julho de 1808.

De V. Ex. o mais omilde Cudito.

Joaquim Silverio dos Reis Montenegro.»

A este requerimento vem annexos varios outros documentos.

Attestados do Conde de Rezende, D. Luiz de Vasconcellos e Souza e Visconde de Barbacena tendentes todos a provar que fora Joaquim Silverio o primeiro a denunciar a Conjuração, um de D. Luiz da Cunha e Menezes, relembrando serviços do traidor, uma certidão de theor da sentença da Alçada que julgou os Réos da Inconfidencia na parte referente ao mencionado individuo, e uma original e curiosa relação que transcrevemos:

«Premios que tiverão os que trabalharão na Conjuração de Minas Geraes.

Os tres Ministros d'Alssada que vierão de Lisboa assentenciar os RR.

Habitos, tenças, e hum Posto de asseço.

José Pedro Machado Coelho Torres que foi a Minas a devassar.

Chancellor desta Relação e Carta de Conselho.

O seo Escrivão que o acompanhou a Minas Geraes Marcelino Pereira Cleto.

Habito de Christo e Dezembargador da Bahia.

Os Ministros de Minas que tirarão a Devassa Pedro José de Araujo e José Caetano Manite.

Habitos de Christo e Dezembargadores do Porto.

O ajudante de ordens Francisco Antonio Rebello que levou as Devassas a Corte.

Pattente de Coronel e cincoenta moedas de tença e a Secretaria de Minas.

Todos os officiaes que subirão desta cidade com as tropas a cohibir a Conjuração.

Habitos e hum posto de asseço.

Hum Paizano que prendeo o Padre José da Silva (\*).

(\*) José da Silva Oliveira Rollim.

Habito, Patente de Major e hum officio de Thezoureiro da Intendencia.

O Escrivão de Junta Carlos José da Silva para copiar as Devassas.

Habito de Christo com 1 tença de 400 mil réis pagos pelo Real Erario com sobrevivencia a todos os seus filhos.

E o infeliz Coronel Joaquim Silverio dos Reis que salvou o Estado com risco de sua vida, perda de sua casa, e 3 annos de prisão e 15 de pertendente, se acha reduzido a Miseria, vivendo sempre em abundancia como he notorio; porque aquella grassa que Sua Alteza Real lhe fez pelo seu Real Decreto de perdão dos 400 mil crusados e da entrega da sua casa e bens; esta grassa athé hoje se não realizou por sufisticas lembranças em odio de sua fiel denuncia;

Este o premio que tem tido Joaquim Silverio de sua constante fidelidade.»

Esse requerimento de Joaquim Silverio teve despacho favoravel em 4 de Agosto de 1808, sendo-lhe concedida uma pensão annual de 400 mil reis que deveria ser paga pela Junta da Fazenda da Capitania do Maranhão onde elle commandaria um Regimento de Milicias.

Em 1817 pediu o traidor ainda que sua pensão revertesse por sua morte para sua viuva — sendo deferido o requerimento, concedendo se-lhe sobrevivencia de 200\$000 á mulher.

Tinha Joaquim Silverio um filho do mesmo nome que assentou praça em Lisboa no anno de 1804, como Cadete — Em 1808 foi elle aggregado ao Regimento de Infanteria do Maranhão como Alferes. Passou ao Rio em 1820, ahi se conservando.

Ha entre os papeis citados um requerimento desse militar já então capitão de Caçadores pedindo ser condecorado em 1823 com a Ordem do Cruzeiro, por serviços prestados á Independencia do Brasil.

Foi indeferido.

Em 1830 encontramos-l'o Coronel Commandante do Batalhão 18º de Caçadores, Fidalgo Cavalheiro da Casa Imperial e condecorado com a Ordem de Christo.

Quanto ao pae é de crer tenha fallecido até 1820, não tendo tido occasião de assistir ao desenrolar dos acontecimentos que produziram o resultado que tanto elle concorrera para demorar com a sua miseravel denuncia.

MARIO BEHRING.



AVENIDA BEIRAMAR - FLAMENGO

## O silencio é de ouro...

Conferencia proferida em Petropolis no *Club dos Diarios* em 22 3-906.

ESTA conferencia não tem um assumpto muito preciso. Não será a demonstração de uma these. Não terá mesmo uma concatenação rigorosa. Irá numa conversa um pouco descosida, — descosida e até, ás vezes, um tanto contradictoria — borboleteando de umas para outras considerações. Talvez de toda ella só o que se salve seja o titulo.

E, no entretanto, foi exactamente o titulo que deu logar a que com ella espirituosamente gracejassem, antes mesmo de proferida.

Quando eu quiz pôr alguma ordem no seu plano, fui a graves compendios de rhetorica, a livros de homens amaveis e experimentados que dão conselhos aos principiantes. Em todos achei duas indicações de methodo, uma de ordem, si assim se pôde dizer, physica e outra de ordem moral.

A de ordem physica é que sempre se deve começar uma lição, discurso ou conferencia em voz baixa, que depois se irá elevando gradualmente, para assim, ao principio, forçar a attenção do auditorio. Nada me é mais facil do que seguir este conselho, porque a memoria do famoso tenor Tamagno, de que se diz que a voz, quando cantava em pequenas salas fechadas, chegava a rachar as vidraças, não tem nada a receiar da minha concurrencia.

A consideração de ordem moral é que convém, ao principio, dizer phrases de modestia e mostrar receio pelo exito da tarefa que se emprehende. Ora, em parte, este segundo conselho me é difficil de tomar. Não que eu hesite em dizer phrases modestas: dizendo phrases verdadeiras, não terei duvida nenhuma em lembrar o meu pequeno merito. Mas manifestar aqui qualquer temor pelo exito desta conferencia é superior ao que posso fazer: seria mentir á minha consciencia. Nunca houve, de facto, conferencia alguma de que se podesse garantir com tamanha certeza o seu indiscutivel successo. Por que? Porque de duas uma: ou eu consigo, hypothese bem difficil e bem improvavel, agradar ao meu selecto auditorio, pelo tempo que estiver aqui — e nesse caso terei o melhor dos successos; ou, ao contrario, como é tanto de temer, revelar-me-ei o mais insipido e intoleravel dos conferentes. Nesta ultima hypothese, mais do que nunca, todos os que agora me

ouvem, sairão murmurando que o silencio — pelo menos o dos oradores sem erudição nem graça — é realmente de ouro! Será ainda o successo, não meu, mas do titulo da conferencia...

Esse titulo, si se dêr credito á maledicencia universal, é inaceitavel por toda a mais bella metade da especie humana. De facto, a crêr no que asseveram religiões e litteraturas populares, entre as cousas que nenhuma mulher sabe fazer está o guardar silencio e deixar de revelar segredos.

Uma quadra popular exprime bem essa ideia:

Mulher não guarda segredos.  
Quem segredos lhe contar  
faz o mesmo que si os fosse  
pelas ruas a gritar.

E' uma quadra insolente. Ha ainda outra, que, annunciando uma intenção reparadôra nos dois primeiros versos, ainda conclue de modo peor:

Mulher não guarda segredo?!  
Eu sei de uma que guardou:  
quando acabava de ouvi-lo,  
veio um raio que a matou.

Vê-se bem que o auctor desta quadra estava convencido de que, si o raio não tivesse acudido tão promptamente, tambem a depositária daquelle segredo tê-lo-ia passado adiante... Foi, portanto, uma excepção das que confirmam as regras.

Dir-se-á que a opinião individual de um ou dois fazedores de versos não vale nada. Mas o que vale é que estas quadras tenham sido aprendidas pelo povo e andem por ali de bocca em bocca. E' a importancia da poesia popular. Prova que ella exprime sentimentos realmente collectivos, que o povo acceta como naturaes.

E sobre o horror que as mulheres têm ao silencio não ha duvida alguma nas litteraturas populares. Nem nas litteraturas, nem nas religiões. Não ha livro sagrado que se esqueça de accusar a tagarellice feminina, que se esqueça de recommendar discrição á metade mais deliciosamente indiscreta da especie humana. Mesmo, — pois que nós estamos perto da Semana Santa — ninguem estará esquecido de que Christo, logo que resuscitou, usou do meio mais simples para divulgar esse facto: appareceu a Maria de Magdalena, Maria, mãe de Thiago e Salomé. Tres — logo tres! Foi positivamente como si Jesus tivesse publicado a noticia em um jornal de grande circulação...

Mahomet, que veio tanto tempo depois de Christo e que, tendo-se casado com onze mulheres, devia conhecê-las, lastima-se em um dos capitulos do Korão, que uma o traiu, divulgando um dos seus segredos. (1)

E assim de todos os lados ouvem-se queixas contra a indiscrição feminina.

A religião dos incas pensou em explorar intelligentemente essa fraqueza. Lá era de rigor que os homens se confessassem a homens e as mulheres a mulheres. O resultado era maravilhoso. As passo que os segredos dos homens eram guardados, não havia segredo feminino que se não divulgasse — e era exactamente o que desejavam os maridos ciumentos. Igual providencia tomou tambem por algum tempo uma seita christã da Syria.

Mas foi preciso acabar com isso.

Mais tarde, Rabelais conta (2) que as freiras de Fontevrault tentaram reaver esse privilegio. Certo dia em que o papa João XXII passava pelo convento dellas, essas freiras lhe pediram o direito de confissão. Allegaram que, embora dadas ao serviço divino, commettiam pequenos pecados que tinham muito acanhamento de revelar a confessores homens, embora estes fossem respeitaveis e discretos. O papa ficou de lhes dar a resposta no dia immediato. Quando, porem, ia sair, disse que tomassem muita cautela com uma caixinha que estava sobre a mesa do seu quarto. Si alguém a abrisse, corria o perigo de ficar excommungado. No dia immediato, tornando lá, foi vêr a caixa e achou-a vazia. O que nella tinha deixado era um passaro. Excitadas pela curiosidade as freiras, arriscando-se embora á condemnação eterna, tinham aberto a caixa e a ave voára. O papa, que só fizera aquillo para as experimentar, mostrou-lhes, diante desse facto, como não podia lhes dar o direito de confissão. E foi por isso — talvez infelizmente — que não se concedeu ás mulheres aquelle poder. Talvez infelizmente, digo eu, porque muito incrêo que por ali anda não duvidaria talvez approximar-se do confissionario quando por traz delle em vez de haver algum padre tabaquento e feio, houvesse uma linda *padrinha* delicada, guiado por cuja mão fosse agradabilissimo ir para o céu. Haveria até em alguns casos quem inventasse peccados ineditos só para ter o prazer de se confessar...

E' bom notar que, apezar da grande prevençãõ theologica contra a tagarellice e indiscrição femininas, a igreja conhece alguns casos de santas que souberam guardar-se caladas por semanas, por mezes, por annos inteiros — o que deve provar que tambem as mulheres podem, ás vezes, estar caladas...

Certo, eu não vou aqui passar em revista o *Flos Sanctorum*, para procurar as santas cuja celebridade vem de terem sido pouco falladeiras. Basta lembrar o caso de S. Emilianã de Florença, que passava todos os annos quarenta dias de rigoroso silencio, o de S. Catharina de Siena que fez essa proeza por tres annos e o de S. Anastasia, que, disfarçada em frade e na companhia do marido, vivendo na mesma cella que elle — porque os outros frades não sabiam do que se tratava — passou longos annos sem dizer palavra.

Objectarão os que vivem a fallar mal das mulheres, que foi exacta e unicamente porque essas mulheres fallavam pouco que foram canonisadas — o que prova como a discrição é para ellas uma virtude difficil de ser praticada. Não precisaram talvez fazer mais do que isso para irem direitinhas para o céu. É ainda assim é licito perguntar: si S. Emilianã estava calada 40 dias cada anno, quanto fallaria nos restantes 325? Quem sabe si não era para descançar a lingua? Quanto a Santa Anastasia, nem vale a pena tratar della... Uma pobre mulher que durante annos inteiros consegue passar a olhos argutos e maliciosos de frades como homem — calculem como devia ser feia.

Esses exemplos não provam, portanto, nada.

Corneille, o grande poeta francez, que traduziu em versos admiraveis a Imitação de Christo e que, por isso mesmo, é insuspeito, dizia que sem um verdadeiro milagre era impossivel achar uma mulher que soubesse estar calada por muito tempo:

Quand une femme a le don de se taire,  
elle a des qualités au dessus du vulgaire.  
C'est un effort du ciel qu'on a peine à trouver.  
Sans un petit miracle il ne peut l'achever.

O que tambem Grécourt dizia a seu modo:

Être discrète et femme tout ensemble,  
ce sont deux points que jamais on n'assemble.

Alem disso ha uma prova maior da tagarellice feminina no facto de que varias legislações precisaram prevêr especialmente certas penas para as mulheres que fallam muito e que estão constantemente de máo humor.

Si só para as mulheres a sabedoria dos antigos juristas julgou util crear castigos á parte, foi porque de certo reconheceu que só ellas os mereciam.

Dessas punições as mais celebres consistiam na cadeira de mergulhar e na máscara. (1)

A primeira era uma cadeira na qual se atava a paciente, perfeitamente vestida, e que

(1) Korão — LXVI, 3.

(2) *Pantagruel*.

(1) Andrews — *Les chatiments de jadis* — p. 302 a 365

se mergulhava em qualquer rio, poço ou mesmo no mar, um certo numero de vezes. Algumas eram fixas em uma longa trave, com a qual se fazia uma especie de gangorra. Sentada e amarrada a falladeira, punha-se a ponta da trave sobre o rio e, pelo numero de vezes marcado, fazia-se que ella cahisse dentro d'agua. Como era natural, toda a população vinha accumular-se nas margens para assistir ao espectáculo e havia uma troça, uma galhofa enorme quando a infeliz surgia meio suffocada de dentro d'agua. Suffocada e encharcada.

Este castigo foi usado durante seculos. Todos que assistiram á sua applicação dizem que era muito efficaç. Ha mesmo um pormenor interessante: em muitos pontos da Inglaterra, dos Estados-Unidos e do Canadá ainda não está abolido por lei. Está pelos costumes ha muito. Ainda assim, em 1889, em Jersey City, uma mulher foi condemnada como falladeira e rabujenta. Apenas o castigo foi commutado de mergulho em prisão.

A mascara — como o seu nome está dizendo — era um aparelho para ser posto na cara. Geralmente tinha o aspecto de uma gaiola de ferro, onde havia, á altura da bocca, para o lado de dentro, uma chapa de ferro que impedia de levantar a lingua e, portanto de fallar. Fechava-se com um cadeado a mascara e deixava-se a mulher amarrada em algum lugar publico, onde quem queria passava e naturalmente graçejava com a desgraçada.

Tambem da efficaçia deste castigo os juristas d'aquelle tempo diziam maravilhas.

Na China o grave philosopho Confucio, mencionando os sete unicos motivos pelos quaes o divorcio podia ser pedido pelo marido, enumerava a esterilidade, a desobediencia aos sogros, o máo comportamento, o ciume, a lepra, a tagarellice e o roubo! A tagarellice era tão grave, que ficava entre a lepra e o roubo!

Mas as mulheres de hoje podem responder victoriosamente a todas estas allegações, religiosas, litterarias e juridicas.

Pensem por exemplo no caso de Mahomet queixando-se de que uma de suas mulheres lhe trahira um segredo. Quem o mandára confiar a ella? Fôra elle, portanto, o primeiro indiscreto.

E' mesmo interessante notar que um grande poeta arabe, anterior a Mahomet, no poema de *Schanfara* fazia sobresahir, como característico do homem realmente forte, a discrição para com as mulheres: «Eu não sou, diziam os seus versos, como esses covardes e estupidos esposos, que sempre perto das mulheres não têm segredos para ellas e nada sabem tentar

sem ouvir-lhes os conselhos...» (1) O propheta jncidiu nessas violentas censuras.

Pensem em Salomão. Foi elle que escreveu no *Ecclesiastes*: «E achei que é mais amargosa do que a morte a mulher, a qual é laço de caçadores e o seu coração rêde e as suas mãos são cadeias. Aquelle que agrada a Deus fugirá della...» (VII, 27)

Mas olhem que para chegar a estas conclusões o grande rei de Israel precisou de muito tempo! E' na propria Biblia que, a respeito delle se diz textualmente o seguinte: «Mas o rei Salomão amou apaixonadamente a muitas mulheres estrangeiras, tambem á filha de Pharaó, e a mulheres moabitas e ammonitas, iduméas e sidonias e hetheas... E elle teve setecentas mulheres que eram como rainhas...» (III Reis XI, 1 e 3).

Parecia aquelle personagem dos *Sinos de Corneville*, que cantava:

Italianas,  
Circassianas,  
Peruvianas,  
de tudo amei;  
lindas burguezas,  
mil camponezas  
e até marquezas  
eu conquistei.

O facto é que elle custou a perceber que as mulheres eram «amargosas»! Isso mesmo prova a evidente falta de sinceridade dessas declamações aggressivas contra os defeitos femininos.

Do ponto de vista juridico, ainda a demonstração é melhor.

Em primeiro lugar, si as leis só previram a tagarellice feminina, foi, de certo, porque eram feitas por homens. Esqueciam a propria e só puniam a alheia, talvez mais inoffensiva.

Depois, mesmo admittindo que taes castigos tenham sido justos, o simples facto de terem cahido em desuso, pode talvez provar que um progresso se fez e as mulheres de nosso tempo dispensam meios coercitivos tão barbaros.

Hoje, como digno de ser citado entre os processos para fazer calar uma mulher, o melhor é talvez o daquelle namorado, que esperando uma desforra, dizia:

Falla de mim, si tu queres...  
Falla mais si é teu desejo...  
Para calar tua bocca,  
hei de tapa la com um beijo...

Mas a defeza feminina pode ser mais completa.

(1) LETOURNEAU — *L'évolution littéraire* — pag. 260.

A verdade é que os homens não são menos palreiros que as mulheres. Nunca aliás o fallar pouco foi criterio de superioridade para nenhum povo. Castellar tinha uma phrase deliciosa para mencionar a tagarellice dos seus compatriotas. Dizia elle que «em hespanhol, ninguem sabe se calar.» (1)

A religião catholica teve na Russia uma seita, que se condemnava ao silencio perpetuo, como penitencia. Fizeram os seus adeptos actos de um heroismo a que se pode chamar estúpido. Deixaram-se torturar e matar, sem dizer uma só palavra. (2)

Não consta, entretanto, que tal seita tenha dado mais gloria á igreja catholica do que S. João Chrysostomo — o «bocca de ouro», ou do que S. Francisco de Assis, que, á falta de interlocutores humanos, recorria aos passaros e aos peixes, dirigindo-lhes a palavra.

Não é preciso lembrar aqui o estudo erudito e profundo de Gabriel Tarde sobre a influencia da «conversa» na formação da opinião publica.

A humanidade ainda hoje lembra com orgulho a civilização dos gregos. E precisamente os gregos sempre se mostraram falladôres. Ninguem como elles para apreciar as boas palestras, os discursos formosos e eloquentes.

Sem duvida, ha nobres genios, profundos pensadôres, que precisam do silencio. Schopenhauer escreveu que da vida desses pensadôres solitarios se pode dizer que ella cresce não em superficie, mas em profundidade. Podem se isolar, porque delles o centro de gravidade cae dentro do proprio espirito. Podem dispensar companhia. (3)

E' aos genios dessa envergadura que se dirige o admiravel poeta Santos Chocano, quando lembra que os pardaes precisam se juntar em bandos, enquanto as aguias vôm livres e sós pelo azul do espaço:

Cual puñado de arenas, en su anhelo  
se unen las ambiciones despechadas,  
y se esparcen al golpe de las olas...  
Para cruzar por el azul del cielo,  
los gorriones se juntan en parvadas,  
en tanto que las águilas van solas!...

E' tambem elle que aconselha aos que tem revelações de talento a fazer, que saibam guardar silencio até o momento opportuno:

Tu sabes que tu afán es prematuro:  
tu sabes que no es tiempo todavía  
de que derrame el suspirado día  
luz de justicia sobre el antro obscuro.

(1) HENRY ROUJON — *Souvenirs d'art et de littérature*.

(2) J. VINSON — *Les religions actuelles* — p. 571.

(3) SCHOPENAUER — *Aphorismes sur la sagesse dans la vie* — pag. 43.

Si el porvenir es sordo á tu conjuro,  
si es inutil tu ardor en la porfia,  
calla y contempla con mirada fria  
las penumbras inquietas del futuro.

Canta al sol, cuando el sol bese la cumbre;  
pero hoy, sumido en ti, sella tu boca:  
¡y que ruede a tus pies la muchedumbre!

¡Más vale ser, guardando el pensamiento,  
mudo y firme á la vez, como la roca,  
que hablador y voluble como el viento!...

Esse é tambem o conselho de Tasso, na Jerusalem libertada:

...Ascolta e taci,  
poi movi a tempo le parole audaci.

Mas mesmo nesses casos o silencio e a solidão apparecem como provações preparatorias — e, por isso mesmo, transitorias:

Non é campo dell'uom la solitudine  
chi nom pugnò, non vinse.

(RAPISARDI).

Haraucourt fallou no prazer sobrehumano de não ser comprehendido:

Le surhumain plaisir de n'être pas compris.

Mas só podem ter esse prazer os que apelam para o futuro: é como si se calassem durante a vida para terem depois a compensação de conversar durante seculos e seculos com as gerações vindouras.

Nós, porém; nós, povinho miúdo, que não nos julgamos possuidores de revelações assombrosas e não sentimos a envergadura das aguias, de que falla Santos Chocano, podemos nos dispensar da tortura do silencio. A nós vae melhor o chilreio dos pequenos passarinhos, que cruzam os espaços em bandos gárrulos, semeando nelles a alegria...

Só uma tagarellice é insupportavel: a dos tôlos, a dos fátuos, a dos que não tem nada para dizer. Por isso Maupassant confessava francamente que preferia os tolos que se calam aos tolos que falam:

Car je ne comprends pas, ô cuistres, qu'on préfère  
la bêtise qui parle à celle qui se tait.

E outro poeta, Victor-Émile Michelet, pedia aos que nada tem para dizer, aos que não alimentam sonhos nem aspirações, que ao menos guardassem a belleza do silencio:

Si tu n'es qu'un passant de hasard, si ta faim  
ne veut que le pain de la terre et que ses joies,  
garde au moins la beauté du silence: tais-toi!

E' sempre bom, entretanto, ouvir com um grande scepticismo os conselhos dos poetas, mórmente quando fazem certas apologias.

Não ha, por exemplo, nada mais frequente do que vê-los manifestarem em bellos versos, o desejo de irem para a solidão, de não fallarem mais a pessoa alguma. Fagundes Varella cantava a belleza dos ermos:

Salve, erguidas cordilheiras,  
brenhas, rochas altaneiras,  
d'onde as alvas cachoeiras  
se arrojam, troando os ares!  
Folhas que rangem, cahindo,  
feras que passam, rugindo,  
genios que dormem, sorrindo  
no fresco chão dos palmares!

Salve, esplendida espessura,  
mares de sombra e verdura  
d'onde a brisa etherea e pura  
faz brotar a inspiração,  
quando á luz dos vagalumes,  
da mariposa aos cardumes  
se casam molles queixumes  
dos filhos da solidão.

Abre-me os braços, ó fada,  
fada do ermo profundo,  
onde o bulicio do mundo,  
não ousa sequer bater!

Outro poeta, Francisco de Castro, que deixou grande nome como medico, mas poderia tambem ter assignalado ainda mais a sua passagem como homem de letras, dizia:

Abre-me o seio, solidão amiga,  
dos meus segredos precioso cofre,  
ninho bendito de quem perde o berço  
asylo santo de quem muito soffre!

João Ribeiro escrevia tambem — escrevia para prometter que não escreveria mais:

E nunca mais hei de escrever, porquanto  
perdem á luz os nossos dissabores  
o proprio aroma, tal si fossem flores.

E o que dizem poetas brasileiros dizem os de todo o mundo. Um poeta colombiano, José David Guarín, fazendo tambem a apologia das solidões, escrevia:

„Salve, tranquila soledad angusta!  
dulce consuelo del que sufre y calla,  
ángel que cruzas con quietud el mundo,  
amiga del misterio y de la calma.

Es el silencio el himno misterioso  
que en tus altares en tu honor se canta....”

Paulin Brogneaux, cujo livro desde o titulo se chama *L'isolement*, canta em versos aliás bonitos:

Et j'ouvre un monde en moi, plein d'un doux sortilège,  
si grand, si haut muré, si loin de tout bruit vain,  
que jamais nul mortel de son pas sacrilège,  
n'en franchira l'enceinte et l'horizon divin.

.....  
Être seul! Être seul! enfermé dans ses rêves  
sur les faites des monts d'orgueil vertigineux  
suivant les bleus sentiers des insondables grèves,  
où roulent éperdus les globes lumineux!

Être seul! toujours seul! dans l'âme de l'espace,  
le front près des soleils, au seuil des paradis,  
étreignant sur son cœur le songe, quand il passe,  
goûtant, entre ses bras, les bonheurs de jadis!

Être seul! et rêver dans les forêts magiques:  
être seul! et rythmer les églogues des champs:  
être seul! et prier dans les soirs léthargiques:  
être seul! et pleurer sur nos tristes penchants.

Evidentemente é licito a poetas e pensadores cogitarem na inutilidade das palavras, reconhecerem certas vantagens do isolamento, dizerem, em summa, como Enrico Panzacchi:

Sospir di flauti, strepito di trombe,  
note di rosignuol, sibili d'idre,  
mentre che il tempo vuota le clepsidre  
e la pallida Morte empie le tombe,

e rantoli e canzoni e baci e strida  
e per le vie bestemmie e preci in duomo,  
mentre che su la favola dell'uomo  
la profonda Ironia par che sorrida,

questa è la Vita. A che parlare e scrivere,  
sempre l'istesso calice d'asseuzio  
rimescolando? Savio è chi sa vivere  
e morire in silenzio.

Ou como escrevia um dos velhos autores portuguezes, Antonio Ferreira:

Ditosos os que vivem bem calados,  
mettidos em si mesmos; e contentes  
de não serem ouvidos nem julgados!

Mas estas são affirmações de quem reconhece que o silencio tem vantagens, mas que não declara querer guarda-lo eternamente e não vem exclamar que nada ha melhor do que a solidão!

Ha, sem duvida, momentos em que se precisa desse balsamo de socego; mas por pouco tempo: só como um descanso transitorio. Um poeta portuguez, Antonio Patricio, o autor de *Oceano*, dizia, em uma phrase muito feliz, essa aspiração para fugir de si mesmo, para não sentir o seu proprio eu:

De que me rio eu? Eu rio horas inteiras  
só para me esquecer, para me não sentir.

Muito mais natural, muito mais humano é, porém, o desejo de achar companhia. Quem caminha só, pela noite, pelo escuro, canta ou assobia para que a sua própria voz pareça uma cousa estranha que o vai seguindo. Haraucourt pintou nas solidões tristes da Bretanha, um grande Christo crucificado, posto, como é lá costume, em pleno campo, junto a uma lagôa e como que para se duplicar pela imagem, reflectindo-se nas aguas:

Comme pour être deux se regarde dans l'eau...

O desejo de «ser dois», de estar junto a alguém, é mais geral. O da solidão, de tempos a tempos, pode vir também. Mas o exaggero, a mentira é a declaração dos poetas que nos juram aspirar a esse estado de alma para a vida inteira.

Ha talvez aqui quem conheça certo desenho de um moderno caricaturista francez, em que uma mulher, com uma colher e um vidro de remedio na mão procura accordar um sujeito que dorme pesadamente. A caricatura se intitula: «A enfermeira pontual». Desesperada, a mulher se lastima: «Este typo ferrou num somno tão profundo que não consigo accorda-lo para dar-lhe o narcotico!»

Essa enfermeira que queria accordar um doente para lhe dar um remedio para o fazer dormir, lembra-me estes poetas que enchem paginas e paginas, que elles compuzeram, que elles fizeram editar, que elles publicaram, só para dizerem que a solidão é excellente e que estar calado é a melhor das cousas! Si eram sinceros, começassem por ahi! Para que esquecerem tanto?

Mentira! Pura mentira!

A indiscrição dos poetas é aliás lendaria. Todos sabem com que desplante elles publicam geralmente os seus amores. Salomão foi o mais longe possivel nesse terreno, descrevendo-nos com uma minucia difficil de ser excedida todas as perfeições da Sulamita do Cantico dos Canticos. Si tivesse feito igual trabalho para as restantes 699 esposas, teria deixado uma bibliotheca!

Guerra Junqueiro, criticando os poetas lyricos, diz que ás vezes em um só livro de duzentas paginas, elles cantam trezentas namoradas — o que dá namorada e meia por pagina. Stechetti tem um soneto, intitulado: «Aos collegas», em que lhes pede que não estraguem a profissão, fazendo com que não haja mais quem queira namorar um poeta:

O' falladores bardos tagarellas,  
que andaes a publicar vossos amores  
e assim comprometteis todas aquellas,  
que nos caem nos braços seductores.

— os amores melhores são secretos!  
Imitae o systema preferido  
pelos padres — que são sempre discretos  
e fazem tudo sem fazer ruído...

E' necessario que vocês não gritem  
o nome das senhoras a quem beijam:  
o amor a certa discrição obriga...

Não pensem que as mulheres inda hesitem  
em dar-nos trela... Só o que desejam  
é ter certeza que ninguem o diga!

E' claro que eu não subscrevo todas as impertinencias deste soneto... O grande poeta italiano, que tantas vezes tem provado as agruras do cárcere, por causa dos seus versos, não é homem aliás que precise de endossante para as suas opiniões... Citei-o unicamente, porque, sendo um poeta de fama universal, o seu depoimento contra a indiscrição amorosa dos poetas, é um depoimento valioso e insuspeito...

Os que mais desejam conter-se raramente o conseguem. A discrição os cança. Bilac confessava isto no ultimo terceto de um soneto:

E fatigado de calar teu nome  
quasi o revelo no final de um verso.

Bilac tem ali a opinião do auctor do *Orlando Innamorato*, confessando que cança mais calar do que falar:

... piú fatica é tacer che parlare;  
quantunque alle ignorantí genti stolte  
strana proposta questa forse pare.

Mais uma vez o appello á poesia popular é aqui legitimo, para provar como os homens — ao menos em materia de amor — são palradores. Diz uma quadra portugueza:

O amor é paixão de alma,  
que rouba a joia mais rica,  
emquanto pretende — cala,  
depois de lograr — publica.

E outra, ainda mais desabusada, expõe a cousa claramente:

Você diz que não diz nada,  
amanhan vai se gabar:  
só quem não tem que dizer  
é que sabe se calar!

Vê-se bem que o auctor desta quadra é uma auctora e que ella faz parte das que, segundo Stechetti, «só o que desejam — é ter certeza que ninguem o diga.»

Incontestavelmente haveria um exaggero em crêr também que nenhum homem seria capaz de se conter calado. O que eu penso é que, em materia de discrição e indiscrição homens e mulheres se equivalem. E a discrição é realmente uma virtude rara.

Em amor o prurido de contar uma victoria nem sempre é um vicio feio. A's vezes não passa em ultima analyse, de uma homenagem: o que esses indiscretos querem não é tanto publicar a sua ventura, como dizer a maravilha de uma belleza, de uma graça, de um encanto sem par, que lhes foi dado vêr, sentir, apreciar. Si se soubesse que um viajante tinha conseguido chegar ao Polo Norte e recolhido lá todas as indicações que a sciencia espera desse facto, mas que elle se recusava a dizelas, uma grande indignação se levantaria em todo o mundo, contra o egoísmo desse descobridor. Dir-se-á que as descobertas que se podem fazer em amor não têm a importancia das do Polo Norte.

Mas só se pensa assim a frio, quando o caso não é comnosco. Quando é, tudo nos parece sublime! Quem seria o apaixonado, verdadeiramente apaixonado, que hesitasse entre a conquista da mulher amada e a do polo — de todos os polos possiveis!? Depois, o tempo o corrigirá. Mas, no momento, a cousa lhe parece estupenda, grandiosa, inexcelsível. Vejam com que ardor os jovens poetas nos cantam todas as perfeições das que elles amam. A's vezes emprehendem narrar-nos isso tudo, por assim dizer, a varejo — e fazem um soneto aos olhos, outro á bocca, outro ás mãos, outro aos pés... Repetem metaphoras que já eram veneraveis nos hymnos da India e tem mais de 4.000 annos — mas repetem julgando que dizem cousas ineditas.

Não ha, ás vezes, nisso nenhuma fanfaronada, nenhuma jactancia. Não vemos por ali tanta poesia anonyma cantando anonymos amôres? Quem assim se esconde modestamente, não se mostra vaidoso. O que ha é, em certos momentos de grandes venturas, a necessidade por assim dizer *explosiva* de cantar, de publicar uma felicidade superior a tudo.

Si fosse posivel achar um meio facil de conhecer exteriormente os discretos e os indiscretos, não seria máo. O que se conhece é, até certo ponto valioso, mas insufficiente. A graphologia assegura que as pessoas que em geral fecham meliculosamente a curva dos *a*, dos *o*, dos *b*, dos *d*, dos *q* são quasi sempre discretas. Discrição maior, discrição calculista, systematica é a dos que terminam todos os paragrafos por um ponto e um traço — uma pequena barra horizontal, que é como que uma tranca posta ao fim de cada periodo.

Este signal é realmente verdadeiro. Não conheço escripta de ninguem onde elle exista e que seja de indiscreto — o que não quer dizer, e isto é o mal, que a sua ausencia seja signal de indiscrição.

Dois homens politicos deixaram receitas contra as indiscrições. Um foi um grande vulto da Historia da Inglaterra: Cromwell.

Outro foi a alma damnada de todos os escandalos do Panamá, um traficante, que ha dois ou tres mezes se suicidou em Paris: Arton.

Cromwell, quando tinha de responder a qualquer carta, mandava sempre que o secretario preparasse tres respostas, uma affirmando, outra negando, outra dando uma solução diversa das duas. Recebendo as tres, era elle, na ausencia do secretario quem fechava e mandava a que lhe convinha, queimando immediatamente as demais. Desse modo, o proprio secretario não podia nunca saber qual tinha sido a resposta enviada.

Arton usava de outro systema. Quando o processo de Panamá interessava toda a França, appareceram muitas cartas das pessoas envolvidas nesse negocio. Só não appareceu nenhuma de Arton, que precisamente era quem mais as tinha escripto. Interrogado sobre este facto, elle o explicou dizendo que, sempre que escrevia alguma cousa de compromettedor a seu respeito, tinha o cuidado de escrever também a respeito do seu correspondente alguma cousa que o compromettesse. Assim, era o correspondente o primeiro a ter interesse em esconder ou destruir a carta!

Mas a vida seria uma tortura, si nós precisassemos estar sempre pelo temor de uma possivel traição, em perpetua desconfiança!

Melhor do que esses processos é o pedido ingenuo das namoradas que em todas as cartas fazem um *post-scriptum* (não ha aliás carta de mulher sem *post-scriptum*) para recommendarem áquelle a quem as escrevem, que assim que lerem, rasguem. A regra é, entretanto, que todos as conservem — ao menos emquanto dura o amor...

De resto passa ás vezes por indiscreto quem nunca commetteu indiscrição alguma, ao menos consciente. A indiscrição veio do gesto, da alegria que poreja, que radia atravez da face e do olhar dos que se amam, quando em presença um do outro.

Diz uma quadra anonyma do cancionero portuguez, recommendando cautelas:

Namorados, fallae baixo  
que as paredes tem ouvidos.  
Os segredos encobertos  
inda são os mais sabidos.

Outra insiste explicando o mecanismo das indiscrições:

Oh! meu amor não descubras  
o teu segredo a ninguém:  
si o dizes á tua amiga,  
a amiga outra amiga tem.

Mas ha casos que escapam a todas essas hypotheses. O que ninguem contou, o que os dois interessados pensam estar bem occulto, já anda na bocca do mundo. Sahiu delles involuntariamente... Era esta de certo a opinião de Metastasio quando escrevia:

...chi puó mai  
si ben dissimular gli affetti sui,  
che gli asconda per sempre agli occhi altrui?

Ninguem o ouviu dizer: todos adivinharam... Como? Como se adivinha uma flor onde o perfume dessa flor se espalha. E' a comparação desta quadra:

O cheiro da madresilva  
na madresilva não cabe...  
Tu não disseste, eu não disse  
e toda a gente já sabe...

Mas que haja geralmente o desejo forte de passar adiante um segredo é incontestavel. Talvez antes ou pelo menos independentemente do catholicismo já, como nós o vimos, a velha religião dos incas tinha adoptado a confissão.

E, si á confissão se podem censurar tantos inconvenientes, é forçoso convir que ella corresponde a uma necessidade psychologica, principalmente dos espiritos fracos: a necessidade de fazer confidencias, O essencial para quem se confessa não é tanto o receber a absolvição: é o ajoelhar-se junto a um confissionario e dizer ahi os mais intimos segredos. Um poeta Coubelier de Beynac, pedindo uma confidencia, dizia bem que um pezar confessado é um pezar meio apagado:

Je ferai, si tu veux, ma voix plus douce encore;  
ma part de ta douleur, je la veux, je l'implore;  
un chagrin qu'on avoue est à demi calmé.

Affirmação analoga á do grande tragico italiano Alfieri, asseverando que as amarguras escondidas vão augmentando:

...il sai che chiusa  
amarezza piú ingrossa.

Affirmação tambem analoga á de Benserade, que dizia que Job não era tão miseravel como muitos outros, porque se desafogou em queixas:

Il s'en plaignit, il en parla.  
J'en connais de plus misérables!

Si o sacerdote absolvesse sem ter que ouvir nada, só pela compunção intima dos penitentes, apezar de tudo então parecer que seria mais facil, não se procuraria com tanto prazer como o fazem algumas almas religiosas, esse sacramento que lhes é indispensavel á tranquillidade do espirito! Nem todos tem a envergadura do principe de Orange a quem um amigo pedia com muita insistencia que lhe confiasse um segredo. O Principe chamou o amigo á parte e indagou: «Você se sente bastante discreto para guardar um segredo? E' capaz de m'o afirmar sob sua palavra de honra?» O outro garantiu que o saberia fazer. O Principe bateu-lhe no hombro e replicou-lhe, sorrindo: «E' exactamente o meu caso! Tambem eu sei perfeitamente bem conservar um segredo.» E não lhe disse nada.

Todos conhecem a historia do rei Midas, a quem Apollo tinha feito crescer orelhas de burro. Só o seu barbeiro conhecia esse facto. Tinha todo interesse em guardar o segredo, porque estava certo de que o rei o faria matar si elle o divulgasse. Para não correr esse perigo, mas ao mesmo tempo não deixar de passar adiante o segredo, o barbeiro tomou a deliberação de cavar um buraco no chão e contar á terra o que elle sabia. Tempos depois nasceu ahi um cannavial e, quando o vento o sacudia, as cannas gritavam: «O rei Midas tem orelhas de burro.» Midas suicidou-se.

Nessa fabula se pinta bem o desejo para tanta gente irresistivel de ser indiscreto — desejo que animava a tal ponto esse barbeiro que elle não podendo descobrir um confidente seguro, lembrou-se de contar o que sabia á terra.

O facto não nos deve dar muita confiança nos barbeiros e... talvez nos medicos. Barbeiros, medicos e carrascos — junção que a uns parecerá extranha e a outros rigorosamente logica — já constituiram uma só profissão. Si os barbeiros são assim tão indiscretos, serão os medicos muito discretos?

E' verdade que a isso os obriga o segredo profissional. E foi exactamente porque se achava que as mulheres eram incapazes de guardar segredos que se levantou um dos muitos obstaculos para que ellas se podessem doutorar em medicina.

O segredo dos medicos é aliás uma sobrevivencia de velhas crenças abolidas. Hoje, ha uma tendencia muito grande para restringi-lo. Tempo houve em que se considerava a molestia um castigo dos deuses. Estar doente era, portanto, estar sendo punido pelo céu. Nada mais justo do que desejar que os outros não soubessem que havia em uma familia al-

guem enfermo. Desde, porem, que se verificaram as causas naturaes das molestias, o segredo profissional deixou de ter tanta razão como outr'ora, em que certas molestias como a morphéa tinham nitidamente aquelle character de castigos. Em compensação, ninguem escondia um louco ou um epileptico, porque a loucura e a epilepsia, não se consideravam molestias: eram dons celestes, que tornavam a pessoa de algum modo sagrada. Só depois é que a epilepsia se viu confundida com a possessão do diabo e só muito mais tarde foi que se deu á loucura o seu verdadeiro character.

A tendencia moderna é claramente para a restricção do segredo profissional. Um alto personagem, um ministro, um principe, um rei, um papa, quando estão doentes, dão aos seus medicos a obrigação de nos informarem, dia a dia, do seu estado de saude. Si se trata de uma molestia contagiosa, já tambem a mesma quebra de discrição é legalmente exigida: cada vez mais a lista das molestias que forçam á declaração vae sendo maior. As pessoas das classes abastadas, que para si desejam a manutenção do segredo profissional, são as primeiras a pedirem aos medicos que estudem as amas de leite, que examinem mesmo as criadas que as servem para que, violando o referido segredo lhes digam si soffrem de quaesquer molestias contagiosas.

Vê-se, pois, que este preceito tende a desaparecer. (1) Evidentemente o que nunca desaparecerá — por ser uma questão de cavalheirismo — é a obrigação de todo medico não publicar levianamente o que viér a conhecer em virtude da sua profissão. Isso, porém, vae deixando de ter o character de um verdadeiro dogma, como já teve. Os doentes são os primeiros a não esconderem mais a maioria das suas enfermidades, que não podem envergonhar a ninguem.

Mas não é tambem uma preleção sobre a deontologia medica o que fica bem aqui. Aqui eu quiz apenas lembrar que barbeiros e medicos já constituíram uma só casta e que si os primeiros eram accusados de indiscrição, talvez a accusação reflectisse sobre os segundos. Manda, porém, a justiça que se diga que, quando as profissões vieram a se discriminar melhor, a indiscrição ficou inteiramente a cargo dos barbeiros... Os medicos, si de algum outro officio conservaram recordações, foi talvez do tempo em que a medicina era exercida pelos carrascos. E' pelo menos a accusação feita aos cirurgiões...

Pois que, entretanto, nós acabamos de falar em medicos e cirurgiões e pois que esta

(1) DR. J. TH. DUPUY. — *Le dogme du secret médical*. Essai de réfutation. — Paris, 1903.

conferencia versa sobre o silencio, é impossivel, não citar aqui aquella ideia a que mais se liga a de silencio: a ideia de morte.

Não nos move hoje, quando associamos as duas, a mesma razão de pavor que fazia com que os povos selvagens calassem o nome dos seus mortos. O que elles queriam era que os defuntos não despertassem, que a sua alma, o seu «duplo» não os viesse perseguir. Em alguns casos, a morte de uma pessoa notavel levava quasi a uma reforma da lingua, porque os sobreviventes evitavam qualquer encontro de syllabas que lembrasse o nome do morto. Parecia-lhes que si fallassem nelle, elle lhes surgiria de novo diante dos olhos.

E isto não são aliás velhas crenças desaparecidas ha muitos seculos. Ainda ha na Africa povos que fazem isso e foi a descoberta relativamente recente das minas do Klondike em Alaska, que poz termo ás praticas dos Tchuktchi, que matavam as pessoas velhas, davam a comer lhes o cadaver a cachorros para isso adextrados e depois, para que nada se perdesse desses parentes estimados, devoravam os cachorros que os haviam devorado. Tudo isso era feito em profundo silencio.

Depois, por muito tempo, evitava-se fallar no defunto ou mesmo recorda-lo de qualquer modo.

Ahi, a cerimonia nos parece tão repugnante e tão grotesca que o silencio perde toda a sua magestade.

Magestade terrivel é a que elle tem na ultima phrase de Hamlet, quando o principe semi-louco, entrando na morte, diz apenas terrivelmente: «O resto é silencio...»

São os dois grandes silencios eloquentes do mundo: o do céu estrellado, ás noites, quando por toda a terra se calaram todos os rumores e o silencio da morte.

Quem tenha, em qualquer noite, sósinho, voltado um oculo astronomico para as profundezas do espaço e ficado, por horas e horas, absorvido na contemplação do céu, terá sentido uma das mais fortes, mais solennes emoções, que é dado ao homem experimentar!

No meio do bulicio da vida, nas cidades povoadas, nos salões, ao lado de outras pessoas, nós não podemos sentir essa communhão mysteriosa, que nos liga ao resto do universo. Mas a cousa é differente, quando se tem, de repente, a consciencia nitida de se estar em presença de milhões e milhões de astros formidaveis ou luminosos e que entre nós e elles ha apenas o silencio — o silencio e mais nada! Que haja aqui pela terra gritos de dôr, esmagamentos de povos e raças, cataclysmas

(1) E. RECLUS. — *L'homme et la terre* — I, 54.

pavorosos — nada perturba esse silencio! As estrellas continuarão a deslizar serenamente, magestosamente e sobre tudo, indifferentemente!

E como esse é o silencio da morte. Para quem crê, como para quem não crê num destino posterior do que chamam a alma, elle é igualmente apavorador.

Para quem crê — é a pergunta anciosa pelo destino do que morreu. Céu? Inferno? Continuará ainda a lembrar-se dos que ficaram? E os labios frios dos mortos não respondem. Olha-se o cadaver, não se lhe vê a minima vibração e só porque a sciencia veio juntar esse horror aos horrores que já tinhamos, sabemos que debaixo desse silencio está o trabalho calado, profundo, por assim dizer — *subterraneo*, de myriades de pequenos sêres microscopicos, que no momento exacto em que elle cessou de viver, começaram a sua obra abominavel de podridão e aniquilamento. E' um rosto de pae, calmo, austero, veneravel; é um rosto de mãe, de uma velhinha que tantas vezes nos affagou, que tantas vezes nos poz ao collo; é um rosto de filha, que era para nós a suprema belleza, a suprema ternura; é um rosto de filho de que nós queríamos fazer o realisador glorioso de todos os sonhos que não nos foi dado levar a termo; são outros, são outros ainda — e todos, obstinadamente, guardam o mesmo pavoroso silencio.

Sully-Prudhomme disse que na face dos cadaveres se pinta a expressão real do que o vivo foi. A mascara cahiu. A physionomia do morto diz melhor o que os gestos e a mimica do vivo encobriam:

Le cœur monte au visage, où les plis anxieux  
ne se confondent plus aux lignes du sourire ;  
le regard ne peut plus faire mentir les yeux,  
et ce qu'on n'a pas dit vient aux lèvres s'écrire.

C'est l'heure des aveux. Le cadavre ingénu  
garde du souffle absent une empreinte suprême,  
et l'homme, malgré lui redevenant lui-même,  
devient un étranger pour ceux qui l'ont connu.

Le rire des plus gais se détend et s'attriste.  
les plus graves parfois prennent des airs rians :  
chacun meurt comme il est, sincère à l'improviste :  
c'est la candeur des morts qui les rend effrayants.

Fantasia de poeta! Fantasia sinistra! O que torna os mortos amedrontadôres é o seu inquebrantavel silencio.

Silencio diante das nossas queixas, silencio diante das nossas maguas, silencio diante das nossas lagrymas!

Esse não é o silencio de ouro: é o silencio de sangue e pranto...

Esta conferencia veio, entretanto, até aqui sem que pensassemos em definir de qualquer modo o que é o silencio. Haverá para elle alguma definição possivel? Os dictionarios dão a noção corrente: ausencia de todo ruido. Mas essa definição é relativa. Onde ha para qualquer surdo silencio perfeito, pode haver para ouvintes normaes ruídos formidaveis.

Galton fez uma experiencia celebre: serviu-se de um apito, que permittia elevar os sons de um modo quasi indefinido. Ia fazendo com que fossem de mais em mais agudos, até que chegava um momento em que todas as pessôas presentes, ainda as de ouvido mais fino, declaravam não perceber nada. Nada! Era para ellas o silencio absoluto. No entanto, fazia-se entrar na sala um cachorro e elle attendia perfeitamente a esse apito, a esse som que ninguem ouvia, mostrando assim que a faculdade de audição dos cachorros é superior a do homem. Ia-se além, tornando o já inaudível e agudissimo som, mais agudo ainda — e o cão, por sua vez, dava mostras de não ouvir.

Fazia-se então entrar um gato e ao que já nem o homem, nem o cão percebiam, elle attendia. Por fim, elevando ainda a agudez da vibração do assobio, mesmo o gato mostrava que ella lhe escapava. Talvez outros animaes continuassem a ouvir no que já era silencio para o homem, para o cão e para o gato.

Mas essa experiencia tão simples mostra bem a realidade de todos os phenomenos e como, portanto, o silencio, que não é propriamente uma cousa, mas uma *ausencia*, uma *privação*, a *falta* de sensações auditivas, não pode ser rigorosamente definido.

Por isso, entre a sciencia e a poesia, a ter de escolher uma definição approximada, mais vale a de Henri Régnier:

Le silence est peut-être une voix qui s'est tue...

Dir-se-á talvez que este verso não tem uma significação muito clara. Mas, si eu o entendo, penso que elle quer dizer, que quando certas vozes se calam, certas vozes que nos são queridas, certas vozes que são as unicas que fazem vibrar o nosso coração, nós não ouvimos mais nada e o silencio é precisamente a cessação dessa voz adorada. Tudo mais desaparece. Anda-se só e surdo no meio das turbas mais densas e mais ruidosas!...

Le silence est peut-être une voix qui s'est tue...

A proposito é curioso notar que não ha em portuguez muitas poesias em que se falle,

em que se exalte o poder magico do silencio, a sua grandeza, a sua belleza. Não quer isso dizer que sejamos muito chalradores.

Si, porém, o silencio surge tão poucas vezes nos versos dos nossos poetas é porque elle é uma rima detestavel. Em portuguez, não ha, para rimar com a palavra *silencio* sinão meia duzia de nomes proprios e alguns raros verbos seguidos de variações pronominaes: *dispense-o, condense-o, vence-o*, etc, ao passo que o *silence* francez tem mais de quatrocentas rimas.

Evidentemente isto não quer dizer que não se possa em portuguez fazer versos ao silencio. Do mesmo modo quem tiver uma namorada que se chame Agathóclia, Barbara ou tenha outro nome identico, dos que não possuem rima em portuguez, não está impedido de canta-la em boas poesias. Evitará apenas terminar os versos por esses nomes extravagantes. Foi o que sempre fez Camões, quando se apaixonou pela negra Barbara: cantou a «pretidão do amor», dedicando-lhe as estrophes celebres que ainda hoje se podem lêr-com agrado.

Maurice Rollinat, procurando tambem a definição do silencio, não precisou recorrer á facilidade e abundancia das rimas da lingua franceza:

Le silence est l'âme des choses  
qui veulent garder leur secret.  
Il s'en va quand le jour paraît,  
et revient dans les couchants roses.

Il guérit des longues névroses  
de la rancune et du regret.  
Le silence est l'âme des choses  
qui veulent garder leur secret.

A tous les parterres de roses  
il préfère un coin de forêt,  
où la lune au rayon discret  
frémit dans les arbres moroses:  
le silence est l'âme des choses

Alfredo de Vigny, o grande poeta francez, não tentou definir impossiveis; mas entre tantas cousas bellas que deixou, deixou dois versos lapidares em que elle diz que só o silencio é grande, o mais tudo é fraqueza; gemer, chorar ou rezar é sempre covardia:

Seul le silence est grand, tout le reste est faiblesse.  
Gémir, pleurer, prier est également lâche

Não era diverso o sentimento de quem, inspirando-se talvez no mesmo modo de pensar de Vigny, escreveu:

Pranto ou Palavra — em nada disso cabe  
todo o amargor de um coração enfermo  
profundamente vilipendiado.

Nada é tão nobre como vêr quem sabe,  
trancado dentro de uma dôr sem termo,  
máguas terriveis supportar calado!

E com a mesma nota de amargura dizia Guarini, um poeta italiano, que os suspiros só ficavam bem ás mulheres — e nem mesmo a todas — apenas ás mulheres fracas:

Il sospirar  
è debolezza e vanità di cuore  
e proprio è delle femmine dappoche.

Pode-se gracejar com a indiscrição, com a facilidade que nós temos de revelar segredos; a verdade é que ha sempre algum que nós não dizemos a ninguem — não nos dizemos nem a nós mesmos em voz alta. Marcel Prévost tem razão quando affirma que ha em muitas almas um jardim secreto: ahi é que está o que dá razão de ser á nossa vida.

Não ha quem não conheça o soneto maravilhoso, embora batido e rebatido, de Felix Arvers. Das suas numerosas traducções, pode-se citar a de Lucio de Mendonça:

Tenho um segredo na alma e um segredo na vida:  
é um eterno amor nascido em um momento.  
E' mal que não tem cura: assim, nenhum lamento  
jámais o revelou á candida homicida...

Por ella passarei, sombra despercebida,  
sempre a seu lado, sempre, e em mudo isolamento.  
E ha de chegar assim meu ultimo momento,  
sem nenhuma ventura ousada ou recebida!

Creou-a meiga Deus e bôa e carinhosa,  
mas distrahida segue e surda á voz anciosa  
deste amor que murmura a seus pés, onde está.

Fiel ao seu dever que austeramente zela,  
dirá talvez, ao ler meus versos cheios della:  
“que mulher será esta?” — e não comprehenderá...

Já se tem dito muitas vezes que a situação cantada pelo poeta é impossivel. Não haveria mulher tão longamente amada por alguém, sempre a seguil-a, que não acabasse por comprehender o segredo desse amor: elle qualquer se trahiria na voz, no gesto, no olhar em cousa minima — e entretanto compromettedôra e eloquente.

A affirmação, nesses termos, é romantica, mas não é verdadeira. Ha almas bem fechadas ao olhar do mundo, que sabem defender com tenacidade e efficacia os seus maiores segredos. Nem sempre o que ellas tem dentro de si se pode chamar um jardim. A's vezes é a jaula de uma fera. Outras é a gaiola em que ha um passaro preso. Mas quem passa por ellas não

suspeita do que ha lá dentro—seja adoravel, seja abominavel.

Pode ser um amor como o de Arvers. Pode ser um pensamento sanguinario de odio. Pode ser uma ambição desmedida. Pode ser uma chimera, uma fantasia louca. Pode ser uma saudade: alguém que passou um momento pela nossa vida e de quem muitas vezes nos lembramos, perguntando a nós mesmos que teria sido o nosso destino, si para junto dessa pessoa nos tivéssemos orientado, si a ella nos tivéssemos unido... Bem pode ser que ella não pense mais nisso. Mas quem sabe? Também a nós, ninguém nos arrancaria a confissão de que pensamos nella. Em quantos corações de esposas honestissimas não haverá esse *flirt* melancolico, essa pequena traição com uma simples lembrança de outros tempos?...

O que não ha é alma nenhuma, que não tenha o seu segredo. Ou si ha, deve ser muito mesquinha... Tão mesquinha, tão chatamente terra a terra, que se pode esquecer em qualquer enumeração psychologica. São almas fallhadas.

Nos contos de fadas, frequentemente se encontra a historia de um gigante cuja vida está presa a um objecto que se achia encerrado em um pequeno cofre, por sua vez encerrado dentro de sete outros cofres de ferro, por sua vez encerrados dentro de sete caixas de pedra, no fundo mais profundo do mar alto. Quando alguém consegue vencer esses obstaculos e se apossa do objecto fica senhor da vida do gigante.

Ha alguma cousa de semelhante a isso, dentro de nós. Todas as almas, como a de Arvers tem o seu segredo, o seu mysterio... Quem o logra apanhar, fica senhor dessa alma fraca, que permittiu que a vencessem. E' como uma cidade sitiada que se deixou conquistar. Cahiram-lhe os muros: o inimigo pode entrar!

Por isso, o conselho de Alfredo de Vigny é o verdadeiro. Para o que diz realmente respeito ás dôres profundas, só o silencio é grande, o mais tudo é fraqueza:

Gémir, pleurer, prier — est également lâche.

Uma grande poetisa brasileira, Julia Cortines, diz em uma composição intitulada *Dôr secreta*:

Musa, cerra o teu labio e indifferente e enxuto  
abre o limpido olhar.  
Que essa dôr que te morde e coração em luto  
e que o faz suffocar  
nem de leve contráia o teu placido rosto.

Cala o acerbo soffrer.  
Caia, Musa, esse amargo e profundo desgosto  
peior do que o morrer.

Nem uma queixa, um grito, uma supplica, um canto  
o revele jámais.

O momento chegou de reter o teu pranto  
e abafar os teus ais.

Dirão alguns, lendo esses versos que, como quasi todos os de Julia Cortines são magnificos que ha nelles um conselho viril. É um adjectivo impertinente! Si, naturalmente, pela educação que é dada á mulher e que lhe retira todas as preocupações sérias, a tagarellice feminina se faz geralmente de pequenas futilidades graciosas e si entre ellas escapam com facilidade os segredos alheios, não ha talvez como as mulheres para saberem bem guardar os segredos proprios. Já um insolente disse que toda mulher, depois dos 30 annos, tem pelo menos um segredo: o segredo de sua idade. Mas não é somente esse. Pela pouca liberdade que nós lhes damos, pelo constrangimento a regras de polidez e de decôro muito meticulosas, nós as fazemos peritas na arte da dissimulação. Dissimular é o primeiro dever de cortezia, é a primeira tactica de defeza de toda a vida feminina. Ai da que deixasse transparecer sinceramente as suas sympathias! Assim, ellas se habituam a esconder perfeitamente bem o que realmente lhes interessa. Ellas sentem que ahi o silencio é ouro: o silencio é, nesses casos, a sua vida, a sua honra. E por isso a mulher se tornou este enigma: por um lado, o prodigio de indiscrição que uma psychologia superficial a todos aponta; por outro lado, a melhor e mais segura guardadôra dos seus proprios segredos, que nenhum de nós consegue jámais conhecer de todo. Não ha ninguém que, para esses casos, saiba melhor do que ellas o valor do silencio.

E desde que se trate do silencio feminino é bom lembrar que, si os juristas, seguindo o texto da decretal do papa Bonifacio VIII, concordam em dizer que silencio é consentimento — *qui tacet, consentire videtur*—esquecem que o amor ainda vae mais longe: elle arranca os consentimentos até das negativas, que parecem mais firmes! E' realmente de velha observação que os melhores consentimentos são dados ou pelo silencio ou pelas negativas.

Os francezes dizem que o amor passa em geral por tres phases: *petits mots, grands mots, gros mots*, — *palavrinhas, palavrões, palavradas*. Primeiro, o balbucio timido de sentimentos, que não acham expressão adequada. De tempos a tempos, uma palavrinha meiga, pontuada pelos longos apertos de mão, pelos olhares que se procuram e se evitam. Depois, a declamação e a emphase, as grandes promessas de amores eternos, os palavrões lyricos, rhetoricos, bombasticos. Por fim, quando o amor passou, quando chega mesmo a trans-

formar-se em repugnancia, as injurias, os doestos, as palavradas.

Esta terceira phase parece reservada ás almas grosseiras, aos espiritos baixos e degradados.

Mas de todas a melhor é a das palavrinhas. Pode-se dizer que é a do silencio, porque nessas occasiões é elle que predomina. Uma ou outra palavra que se faz ouvir serve apenas para o perturbar.

Aucun mot virginal ne vaudrait l'indolence  
de nos profonds regards, l'un par l'autre étoilés  
ni l'ombre de nos cœurs où chante le silence.

Um bom, um excellente, um delicioso poeta francez, Albert Samain, o auctor do *Jardin de l'Infante*, poeta que morreu em plena mocidade, cantou como ninguem a suavidade do silencio em amor:

La parole a des notes d'or ;  
le silence est plus doux encor,  
quand les cœurs sont pleins jusqu'au bord.

Il est des soirs d'amour subtil,  
des soirs où l'âme semble-t-il,  
ne tient qu'à peine par un fil...

Oh! s'en aller sans violence  
s'évanouir sans qu'on y pense  
d'une suprême défaillance...

Silence!... Silence!... Silence!...

Era elle ainda que pedia á mulher amada, em um desses momentos divinos em que o silencio vale tudo:

Ne parle pas  
ou si bas  
que ce soit un secret vaporeux qu'on devine,

et qui se meurt  
dans le cœur  
comme une haleine d'ange en un duvet d'hermine.

Mas um outro poeta expoz a compensação deste silencio delicioso, no silencio amargo dos fins de amores, quando os dois, amarrados por um laço indissolúvel, sentem que não podem, que pelo menos não se devem abandonar, mas sentem tambem que o amor passou, passou a alegria, passou até a amizade. Os primeiros silencios da paixão, provém de que ha tanto a dizer que não se sabe bem por onde começar. Desiste-se de fallar, porque de antemão a gente vê que não é possível dizer tudo e que o melhor, a ter de dizer muito pouco, é não dizer nada. Mas o silencio que vem depois do amor, esse, na sua amargura, provém de que se esgotaram todos

os themas do amor. Fallar para que? Para contar as desillusões perdidas? Para fazer exprobrações? Não vale a pena... O silencio diz melhor tudo isso... É Campoamor tem razão escrevendo:

Sin el amor que encanta,  
la soledad de un ermitaño espanta.  
; Pero es más espantosa todavía  
la soledad de dos en compañía!

Pois que, entretanto, os namorados, na phase melhor do seu amor nunca pensam neste triste final, imitemo-los. Evoquemos aqui tão só e unicamente os primeiros silencios, as primeiras negativas.

Uma bocca que recusa, que diz «não», que diz, bem á brazileira, um «me deixe», quer quasi sempre significar justamente o contrario. É ainda aqui, para acabar; cabe a citação de duas ultimas quadras. A primeira mostra o que valem certas negativas:

Quando o não, quer dizer sim,  
é um sim envergonhado,  
não ha cousinha melhor  
do que um beijinho roubado...

A segunda é de um namorado um pouco aborrecido — aborrecido com a namorada que depois de lhe ter feito qualquer concessão, andava talvez a queixar-se de que elle a tomara sem sua licença e a recusar-lhe a repetição. O rapaz — porque certamente era um rapaz — dizia-lhe:

Eu pedí: você calou,  
você não me disse nada.  
Agora o que foi já foi,  
não se faça de rogada!

Vê-sê que o homemzinho estava seguro de que — *quem cala, consente*. E como o consentimento que elle obteve pelo silencio foi, de certo, delicioso, para elle o silencio deve ter sido de ouro...

Chegou a minha vez de lhes dizer como esse cantor anonymo: «Agora o que foi já foi...» Aturaram-me até aqui, durante esta longa hora, forçados pela polidez a encobrirem o enfado.

Mas o sacrificio lhes será pago com o melhor desta insipida conferencia: o seu ponto final. E' elle que lhes fará dizer com um suspiro de intimo desafogo que realmente o silencio é de ouro...



L. Musso

## Bemdito Captiveiro

Eis-me quasi senhor do meu proprio individuo.  
Eis-me quasi senhor de mim mesmo, entretanto,  
Eu que, outr'ora, da Musa, era o operario assiduo,  
Sinto que o Estro me foge aos estos deste Canto.

Embalde aqui o desbasto ! Esculpturo-o, lapido-o,  
E aspero e bronco ahi fica inerte a esforço tanto !  
E' que dentro em meu seio ainda existe o residuo  
De recalcada angustia e mal contido pranto.

Livre e senhor de mim,—tropeço ante a Cadencia.  
A Rima, á haste do Verso, a custo se equilibra,  
E eis-me infecundo e vil na minha independencia !

E' que a Lyra, liberta, estala, fibra a fibra,  
Pois essa liberdade é feita da tua ausencia,  
E é só presa de ti que esta minha alma vibra !

## Natal sobre as ondas

I

**P**RINCIPIOS d'estio no hemispherio antartico. Dias ardentes, abafados, mas de ouro novo e de um esplendor a grande sol. Noites tambem cálidas, quasi sem brisa, porém limpidas, serenas, cheias de luar ou da fulguração prateada das estrellas. Costas orientaes da America do Sul e o Atlantico ao largo de um azul e de um verde suaves, vivos, nitidos.

O 24 de dezembro de 1877 amanhecia-nos já em aguas do Brasil, na altura do cabo de Santa Martha, em Santa Catharina.

A bordo do *Cotopaxi*, o bello e grande vaso da Pacific Steam Navigation Company, eram um alvoroço e alegria como não se vira ainda em toda aquella viagem, desde os portos do Pacifico até alli.

Mal as primeiras horas do dia se annunciaram a léste, os passageiros de toda a especie — da primeira, segunda e terceira classes — começaram a surgir na tólda, á pôpa e a meia-náu, e no convés á pròa, sôfregos e anciosos por vêrem o tempo que reinava naquella manhã, véspera do Grande Dia, e podêrem contemplar, contentes e expansivos, num parlatorio animado, o céo e as aguas, pois não se avistava terra, amarado como vinha o *steamer*. Desde a noite anterior que nas duas primeiras classes citadas, entre passageiros chilenos, brasileiros e argentinos, ninguem se preocupava ou falava n'outra coisa senão no Natal, a deliciosa festa das crianças e da familia. A' sahida de Buenos-Aires, na manhã de 22, cada qual se sortira em terra de brinquedos e *bonbons* para os filhos, porque sabiam que desta vez teriam de passar o Natal no oceano. As creanças eram naturalmente, entre todas as pessoas de bordo, as que mais satisfeitas se mostravam, e, com os tres filhos do commandante á frente (o chefe marujo de *Cotopaxi* trazia nessa viagem a familia), apesar do lusco-fusco da manhã, saltavam e traquinavam já, numa viva algazarra, pelo amplo tombadilho...

Mas, em pouco, o sol despontava, admiravel, na linha azul do horisonte, e todos, marinheiragem e passageiros, o saudaram jubilosamente e num immenso alarido.

A manhã não podia ser mais calma, nem mais linda. O céo, muito alto e limpido, só com nuvens ao horisonte em torno, alagado em luz loura e profuza, sorria, numa sereni-

dade infinita, pela sua abóbada transparente e gigantesca de turqueza ou saphira. A bonança plainava mais profunda e segura que em todos os outros dias, nessa viagem aliás ininterruptamente magnifica desde S Francisco da California até as nossas primeira zonas d'aguas ao sul, no verão sempre claras e pacificas. O oceano dobrava largo e sem cristas, espumoso e redomoinhante apenas na ancha e longa esteira do navio. E o *Cotopaxi* avançava ao nordeste, a rumo do Rio de Janeiro, puxando rijo na sua marcha de dezeseis milhas por hora.

Terminada a baldeação em que andava empenhada activamente a maruja pelo convés, cobertas e tombadilho, os passageiros, bem como as crianças inquietas, que se haviam recolhido por instantes aos salões das camaras enquanto durava essa matinal operação maritima, volveram logo, algazarrantes e alegres, a disseminar-se pela tólda ao ar livre, á sombra fresca dos tóldos alvissimos, formando pequenos grupos ás amuradas, a um bordo e outro, á roda de pôpa ou no alto do salão de cima, uns nas suas cadeiras de balanço ou de lona, de vime branco da Madeira ou de taboasinhas de pinho, outros de pé e encostados ou debruçados ao corrimão dos balaustres, entretidos com o rolar tumido e marullhoso das ondas a lamberem o costado em caricias humidas, ou contemplando tres barcos de vela que estavam á vista — uma galera, um lúgar e um brigue — correndo ao longe a varias rótas, com todo o panno largo ao nordeste quo soprava feliz no pélogo azul sem fim...

II

Entre as diversas familias brasileiras em transito a bordo do grante paquete — umas para a capital do Brasil, outras em passeio ou de regresso aos seus paizes da Europa — destacavam-se a do barão de Santa Eugenia, antigo fazendeiro capitalista muito conhecido nos aristocraticos bairros das Lorangeiras, a do celebre constructor naval Trajano de Carvalho e a de um medico, estancieiro e politico rio-grandense, dr. Joviano Soares, ha bastantes annos representante daquella provincia em uma das casas do nosso parlamento. Estas tres distinctas familias que, numerosas como eram, quasi constituíam a maioria dos passageiros de primeira classe do *Cotopaxi*, unidas á do commandante do navio e á de um alto personagem chileno que vinha como ministro plenipotenciario de sua patria no Brasil, eram o maior encanto de bordo pela próle que traziam comsigo — um bando de moças gra-

ciosas e lindas, e uma legiãozinha de petizes vivos e traquinas.

Com essas famílias brasileiras, que haviam tomado o *steamer* em S. Francisco — o grande emporio commercial dos Estados-Unidos no Pacifico — e uma ou outra embarcada aqui e alli nos portos de escala das republicas hispano-americanas, a viagem tornara-se desde o principio até aquelle instante, uma série continua de diversões e festas esplendidas, grandemente favorecidas por um bom tempo e mar chão que rara e excepcionalmente se apanham em tão longa travessia, mesmo á época em que se estava da entrada da monção d'estio no hemispherio austral, para as costas sul-americanas de léste e oeste.

E o *clou* dessa variada e pittoresca derrota maritima que já durava tres semanas, desde a zona-norte do Grande Oceano até ao Atlantico-Sul, nos limites septentrionaes da sua zona temperada, iam ser os brincos e folia que a gente latina que alli vinha combinava e projectava já para commemorar aquella bem-dita e querida noite de Natal, imaginando-os e preparando os em alvoroçado e alegre improviso, no fraternal e incomparavel congratamento em que se encontra sempre, para a Morte e para a Vida, em toda a parte e sob todos os climas, na adversidade como na ventura, graças á sua indole, feição e genio invariavelmente affaveis, affectuosos e communicativas, que são o caracteristico e galardão supremos da sua velha raça inquieta, insubmissa, cavalheirosa, enthusiastica e artistica.

De sorte que do *lunch* por diante, emquanto alguns inglezes — *gentleman, mistresses* e *misses* — avulsos ou isolados, liam ou contemplavam o oceano, quasi sem trocar palavras uns com os outros, e os cavalheiros brasileiros e hispano-americanos fumavam ou bebiam refrescos estirados nas suas cadeiras de balanço, de vime ou de pinho e lona que juncavam a tólda, as esposas destes encafuaram-se com as filhas nos camarotes, numa lufa-lufa festiva, em que tambem tomavam parte as serviçaes de confiança e d'estima que as acompanhavam, todas a desarrumarem das malas, com cuidados extremos, as arvoresinhas, presentes, mimos, *bonbons* e brinquedos de Natal destinados aos filhos...

E assim se passou a tarde até ás ave-marias, em que o dispenseiro-chefe, empunhando á mão direita uma grande campainha doirada, que vibrava alegremente por todo o tombadilho, fez reunirem-se os passageiros em torno ás varias mesas do rico salão de primeira classe e ás do de segunda, bem menos luxuoso e mais modesto que aquelle. E a refeição maior do dia começou, no primeiro, pre-

sidida pelo commandante, um bravo e illustre official reformado da marinha de guerra britannica, o *commodore* Samuel Wicklow, um velho e famoso *master* dos antigos paquetes á vela da carreira entre a Inglaterra, a Colonia do Cabo, a India e a Australia. Quer em um quer em outro desses vastos apartamentos de ré do *steamer*, as iguarias do jantar e os vinhos foram mais abundantes e opiparos que de costume, devido não só ao dia festivo em que se estava, mas tambem, e por isso mesmo, a uma gentileza especial feita aos seus passageiros pelo commandante Wicklow que, além de irlandez e fervoroso catholico, era um perfeito *gentleman* para todos a bordo...

Já a noite fechara inteiramente. Os veleiros mercantes — a galera, o lúgar e o brigue — que andavam á vista, ao longe, sumiram-se logo na sombra, só tendo a indicar-lhes a posição e os rumos, na infindavel planura oceanica, o pharol de luz branca do mastro-de-prôa e os dois dos bordos, suspensos e fixos a um quarto das enxarcias de pôpa, sendo um de clarão verde e o outro de clarão rubro. Entretanto a bordo do *Cotopaxi*, as camaras, onde todos agora repastam alegremente e com o conhecido e insaciavel appetite dos que não enjôam no mar, flammejavam vivamente, como dois fluctuantes palacios em gala, pelo brilho dos seus ornatos, espelhos, quadros e douraduras artisticas e pelos fôcos poderosos das suas lampadas eléctricas, jorrando, através das altas e amplas vigias quadradas, longas faxas de claridade astral illuminando a noite e as ondas.

Mas no céu azul-marinho, onde após os derradeiros arrebóes do crepusculo as estrellas começaram a tremeluzir profusamente, compactamente, como myriades e myriades de pharolins de diamantes, a lua cheia se annunciou de repente por uma enorme barra de neve luminosa e em pouco surgiu na linha rasa e afastada do horizonte a léste, dealbando tudo com a sua luz nevoenta e saudosa...

### III

Apenas o jantar terminou todos os passageiros de primeira e segunda classes se espalharam contentemente pelo tombadilho, e, embora os ultimos, de accordo com as severas prescrições de bordo; só podessem gozar da tólda do navio na parte unicamente adstricta á camara em que se achavam installados, o apreciavel e gentil commandante, ainda por concessão muito particular da sua graça e poder, alli eguaes aos de um chefe de nação ou dictador supremo, attendendo ás festas e jubilos

da grande noite christã, lhes permittiu os gosos e privilegios dos viajantes de primeira, unicos que podiam andar a belprazer por toda a parte. E então foi uma confraternização geral entre uns e outros, reunindo-se os homens, senhoras, moças e creanças num immenso bando feliz, em que as conversações, os ditos, as graças, as risadas esfuziavam incessantemente, sobretudo entre brasileiros e demais sul americanos e latinos, que são como uma e a mesma familia, porquanto as saxões e outros da mesma raça, não obstante a conhecida e natural familiaridade de bordo, andavam, como sempre, grupados, aqui e além, exclusivamente aos patricios, agora, porém, mais expansivos e lianos que de costume, pois se arrebatavam tambem aos esplendores e tradições do Natal, que é nos seus paizes a maior festa do anno, e lá talvez mais affectuosa e veneradamente querida que por nós proprios latinos.

Assim, enquanto a criadagem de bordo safava as mesas no interior do salão de primeira e entrava a arrumar sobre ellas as arvoresinhas e brinquedos das crianças para os festejos que deviam ter principio logo que tudo ali se achasse convenientemente arranjado, os passageiros de ré exultavam na tólda — como os de terceira classe á prôa, os officiaes nauticos e de machinas, e a marinagem em seus postos — todos mais ou menos venturosos, a admirar o céu e o mar que a lua prateava melancolicamente com o seu infindo véo d'escocia branca luminosa, como uma princeza e noiva que um cyclone de tragedia ferisse repentinamente em plenas bôdas, arrebatando-lhe de uma vez e para sempre o Amado e o cortejo real dos convivas, deixando-a desolada e sósinha perdida entre lagrimas de dôr, sobre um sólio de camara-mortuaria alcatifado a veludo negro sinistro, onde as estrellas não fossem mais do que lúgubres lampadas morticas ou uma tristissima constellação de cirios de ouro...

Mas com o que ninguem contava ao momento alli sobre o vasto tombadilho do *steamer*, na intima alacridade em que cada um se sentia, era com a encantadora surpresa de Natal que o *commodore* Wicklow e *mistress* Clara sua esposa, auxiliados pela gente da compãunha, mas sem serem percebidos, andavam afanosamente a preparar no salão principal e por todo o convés e tombadilho do *Cotopaxi*.

## IV

Desde que após o jantar os passageiros haviam deixado o salão principal, logo com

as portas fechadas, as venezianas das vigias corridas e inaccessivel por instantes a quem quer que fosse, que o commandante, com a esposa, o commissario e serviçaes da camara, ali se metterá a mandar preparar o grande presépe com que imaginara, dias antes, commemorar o Natal, proporcionando aos passageiros e á sua guarnição talvez a mais surprehendente e bella festa que já se viu um dia em pleno mar e a bordo de um navio mercante á vela ou vapor.

O salão de primeira — como o de segunda — já inteiramente independente nos grandes transatlanticos que representavam a ultima palavra em construcção naval e no que diz respeito ás commodidades dos passageiros, como era ao tempo o *Cotopaxi*, só era frequentado ás horas das refeições, porque para conversação e recreio dos viajantes havia então dois outros salões, além de um apartamento menor destinado unicamente aos homens — o *fumoir*. Assim ninguem absolutamente notou o fechamento daquelle salão, nem a ausencia do commandante que, em geral a bordo, sómente priva com os passageiros os instantes do almoço e do jantar, nas festas ou reuniões da noite, e durante o dia em certas occasiões, absorvido sempre, fóra disso, com a suprema direcção do *steamer*.

De modo que o digno *commodore* e *mistress* Clara, com os seus numerosos auxiliares, poderam trabalhar muito a gosto e sem a menor interrupção nos preparativos da surpresa com que iam mimosear aos passageiros.

E antes das nove da noite — hora marcada para começarem os brincos e festas commemorativos do glorioso e memoravel anniversario do nascimento de JESUS DE GALILÉA, um grande presépe ficou armado ao fundo do immenso salão, contra as anteparas de ré, representando não só o PERSONAGEM divino, infinitamente amado e venerado, do mais extraordinario e grandioso successo de todo o Orbe, occorrido em Bethlem, de Judá, no anno do mundo 4004 (4963 segundo *A Arte de verificar as datas*) 753 da fundação de Roma, já ao 31º anniversario do magnifico reinado de Augusto, e bem assim as santissimas figuras de JOSÉ e MARIA, seus ditosos progenitores, com o cortêjo obscuro e humilde, mas sem par, dos Pastores e dos animaes domesticos que tiveram a ventura — de certo a maior ventura da Terra — de o testemunharem sobre um scenario encantador de luz e sonho, de então para sempre bendito, e numa noite maravilhosa e sublime, que ficou como a maior e mais faustosa do Globo e de todo o Universo, immortal e eterna como nenhuma outra através do tempo e do espaço...

Já também no convés e na tólda, á prôa e á pôpa, estava tudo prompto para a illumination exterior em que havia de accender-se o navio, como uua apothiose de ópera ou de magica, ao bater solemnisimo da meia-noite e ao romper o primeiro glorioso minuto do magno dia festivo.

V

Pouco antes das nove o commandante em pessoa, acompanhado da esposa, appareceu no tombadillo, saudando a todos os passageiros e avisando-os de que, ao signal da sineta de bordo que não tardaria em tanger e ao despontar de um «novo astro» por sobre o navio, astro que todos deviam seguir até ao logar onde parasse, iam ter começo os festejos de Natal no grande salão de primeira classe.

Uma salva de palmas e *hurrahs* prolongadas acolheram e acclamaram a saudação e aviso do insigne chefe marujo. E todos ficaram logo a arder de soffreguidão e curiosidade por vêr como estaria arranjado o salão e qual seria o «novo astro» anunciado pelo *commodore* Wicklow.

A expectativa era enthusiastica e febril.

Com effeito, apenas decorreram os cinco minutos que faltavam para as nove, a sineta de bordo entrou a vibrar sonoramente, em badaladas festivas. Em seguida, uma enorme estrella pyrotechnica — bem maior a olhos nús que as que se viam no céu ao momento — de uma doce luz d'esmeralda em seu núcleo e com uma cauda de fogo jorrante, fingindo aquella que numa noite assim, havia quasi dois mil annos, guiára os Reis Magos á Betlhem, flammejou ao extremo da pôpa, a bombordo e a certa altura do tombadillo, por sobre a cabeça dos passageiros então ali agglomerados, a palpitarem fundamente de surpresa e jubilo e a darem delirantes vivas ao Natal que se iniciava de um modo inimaginavel e delicioso para elles, alli a bordo do *Cotopaxi* e quasi ao fim daquella magnifica viagem, pois o grande transatlantico, com a sua marcha de dezeseis nós, vinha já na altura de Santos.

Então os passageiros, numa alegria borbulhante e ruidosa, com a inquieta e gritadora criançada á sua frente, formaram insensivelmente e sem distincção de nacionalidades, um só prestito colossal que, conforme a indicação do commandante, começou a seguir a estrella pyrotechnica, a qual, habilmente manejada e passando por arames tão finos que se torna-

vam invisiveis, caminhava lentamente adeante d'elles fazendo a volta ao navio. A' vanguarda, logo depois das crianças, iam os cavalheiros e damas brasileiros, seguidos dos chilenos e argentinos, de alguns hespanhoes, italianos e allemães, e dois inglezes que tinham-se postado á rectaguarda. E todos — crianças e adultos — cantavam em córo, alegremente, as trovas de Natal dos seus paizes. Os brasileiros entoavam:

Corações, eia! Cantemos  
Nesta noite divinal  
E ao Deus Menino adoremos  
Aos fulgôres do Natal.

A marcha desenrolava-se para vante, illuminada do alto pela vistosa «estrella dos Magos» e por uma profusão de pequeninas lampadas electricas collocadas aos mastros, aos varões dos tóldos o ao longo das amuradas do *steamer* pelo electricista de bordo. E os hespanhóes sul-americanos e europeus gorgeavam:

La Noche-Buena se viene,  
La Noche-Buena se va,  
Y nosotros nos iremos  
Y no volveremos mas!

A mais de meia-náu, na altura do passadiço — também todo illuminado a fócios electricos e de cima do qual o immediato Wion e os pilotos de quarto jogavam, em chuveiro, miudinhas flores de papel sobre as moças e as crianças do cortejo —, por entre alguns marinheiros e o pessoal de machinas ao momento de folga, todos radiantes e muito louros, pois que eram na maior parte *yankees* ou britannicos, os que fechavam a marcha solfejavam grossamente os lédos versos das *Christ'smas* que se traduziam assim:

Cumpriram-se as Prophcias  
E os tēxtos das Escripturas:  
E' nado o santo MESSIAS.  
Louvor a DEUS nas alturas!

Ainda outros e outros — catholicos e protestantes — cantavam até que o préstito, atravessando o convés á prôa e dando volta por estibordo, no meio do contentamento geral da marinagem e dos passageiros de terceira classe, estacou com a «estrella» á porta do salão principal, onde lhe fizeram as honras da

recepção o commandante com a esposa e os filhos. E todos, conduzidos pelo *commodore* e a família, entraram logo, numa matinada adorável em que sobressahiam, sobre todas, as vózes agudas e frescas das crianças.

Jesus, que deslumbramento e que delicada surpresa!

O salão inteiro resplandecia feéricamente pelos grandes espelhos da Inglaterra, pelos ornatos e douraduras profuzas, pelos florões e embutidos do tecto, pelos lustres em lóthus electricos ou em volutas caprichosas de plantas marinhas, pelos *crystaes* dos *glass-racck's*, pelos painéis de porcellana á Wedgwood representando paizagens soberbas dos Estados-Unidos, do Brasil, do Chile e da Argentina. As mesas, recobertas de finos pannos verdes de Manchester com orlas entretécidas de filêtes e ramagens de ouro, estavam carregadas de brinquedos, mimos, *bonbons* e das pequeninas arvores estrelladas de velinhas de cêra accêsas e de espherazinhas multicôres, faiscando como as pedrarias phantasticas das cavernas e palacios das *Mil e uma Noites*, tudo pertencente ás crianças dos passageiros que já as cercavam em esplendida algazarra de jubilo e folgança, com olhos faiscantes de explosiva cobiça e impetos de assalto présto e louco á todas aquellas coisas que tinha para ellas o prestigio de preciosos e inauditos thesouros. Por toda a parte, nas anteparas, sobre os divans e as cadeiras, em volta das columnas delgadas, das molduras dos espelhos, dos quadros, das vigias, alastravam-se artisticas flôres de papel de seda, exparsas aos montões como num mirabolante scenario de carnaval ou numa especie da prodigiosa floração da zona tórrida.

Mas o que logo empolgou os olhares, a attenção e admiração de todos foi o sumptuoso e colossal presépe que se erguia esthética e deslumbrantemente enchendo o salão ao fundo. Com um velho latino do *steamer*, pregado sobre um occulto arcabouço geral de madeira formando depressões e accidentes, como na representação geographica, em vulto e relêvo, de um tracto de territorio em valles e collinas, latino que fôra habilmente collocado e pintado pelos artistas de bordo e por elles vestido com suppostos gramados, oliveiras e vinhas, improvisadas de tóros, cavacos e fitas de pinho, bem assim de palhas e capim de gigos de louça, verdura que se alteava por entre estradas e atalhos sinuosos, correndo através de miudos socalcos e elevações, tudo disposto num largo conjuncto de scenographia,—o commandante Wicklow conseguira alli imaginosa e minuscualmente um trecho regional da Palestina, dando, sob a claridade

das lampadas eléctricas, a illusão paizagistica da aldeia de Bethlem. Em todo esse bem fingido resumo de Natureza havia grupos religiosos que iam desde o homem ao reptil. E assim viandantes, mercadores e pastores, com caravanas de recreio e de commercio, com rebanhos de cabras e de ovelhas, enxameavam caminhos e trilhos, em marcha por entre casas, oliveiras e vinhedos ou em paradas de repouso á beira de cisternas sombreadas de palmeiras, á luz viva das estrellas. O encanto, porém, de todo o presépe era o estábulo gracioso que se deparava a um canto, entre trigaes, num gramoso pendôr de collina, illuminado por uma fogueirinha de espelhos batidos d'um fóco eléctrico escarlata. Ahi se exhibia sobre um monticulo de palha loura e macia o MENINO JESUS recém-nascido, primorosamente esculpido em cêra e das dimensões de meio metro, que, de cabellinhos de ouro, rostinho rochonchudo e rosado, olhinhos abertos e bracinhos erguidos no ar, ingenuamente sorria para MARIA, sua mãe, a qual, assentada junto d'elle, o affagava num jubilo sublime, enquanto JOSÉ, santo pai e santo esposo, ao pé de ambos, em silencio, parecia preso de um êxtasis. Os REIS MAGOS estavam a um lado, os cofres pousadas no chão de onde jorravam para fóra o ouro, a myrrha, o incenso. Pastores ajoelhavam em redór, em canticos de adoração. Depois eram os sêres brutos, a vacca e a jumentinha...

Os passageiros, embevecidos deante de tão apreciavel surpresa, felicitaram ao digno *commodore* Wicklow, dizendo-lhe com entusiasmo:

—Commandante, isto está uma maravilha, uma verdadeira maravilha! Nunca se vio uma coisa assim, sobretudo em pleno oceano e a bordo de um navio!...

E davam tambem parabens á *mistress* Clara que fôra de certo, em tudo aquillo, a principal inspiradora e auxiliar de seu marido. O *commodore* e ella agradeciam sorrindo e com modestia, mas no intimo immensamente enlevados e desvanecidos.

Entretanto, era urgente distribuir ás crianças e mças os seus *bonbons*, brinquedos e mimos. E immediatamente isso se fez, no meio de um delicioso alarido de todos, principalmente da petizada feliz.

Nesse instante o quintêto musical de bordo—tres violinos, uma harpa e um violoncello—postado no patamar da escada que levava ao segundo tombadillo, rompeu a executar brillantemente trechos classicos de Beethoven, de Haydn, de Mendelssohn, Chopin e Listz...

Mas a sineta de bordo entrou a bater meia-noite, em repiques festivos, que esfuziavam

por todo o navio e se espalhavam nas vagas em torno, indo morrer por fim á linha rasa e saudosa do horisonte longiquo.

O commandante e os passageiros correram então para a tólda, num alvoroço feliz, a saudar jubilosamente o grande dia glorioso do nascimento de CHRISTO, todos a entoar em cômô canticos do Natal que vibravam agora numa verdadeira mas interessante Babel de linguas, na qual predominavam as de origem latina—que eram a maioria alli—e entre estas a portugueza, tão bella e tão impressiva sempre, sobretudo quando vocalizadas por gargantas femininas. E destas o estribilho encantador de um velho hymno catholico, fluía idealmente alando-se ás estrellas em plangente toadilha:

Salvé, Jesus Nazareno,  
Que nos remiste do Mal  
E nos déste o Céo sereno  
Nesta noite de Natal!

A lua-cheia, a pino no firmamento azul-ferrête, envolvia melancolicamente o *steamer*

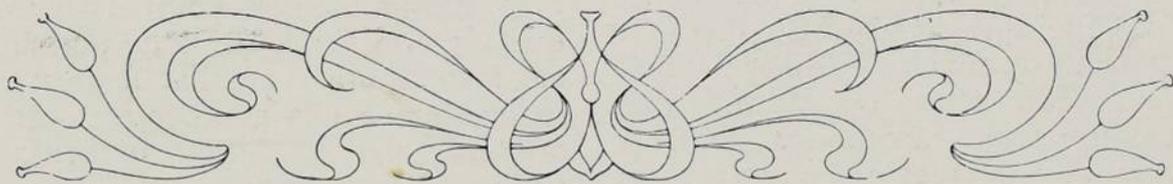
na sua luz branca e limpida. O mar continuava a rolar bonançoso e sem cristas. E o *Cotopaxi*, agora mais que no começo da festa envolto interna e externamente numa apothiose de luz electrica de um effeito magnifico, puxava a toda força de machinas para a barra do Rio de Janeiro que já se desenhava vagamente, á prôa, sob o luar d'espelhim.

E os adoraveis canticos de Natal proseguiam, a enaltecer JESUS DE GALILÉA já á vista dos primeiros montes littoraes da formosa capital do Brasil:

Salvé, Jesus Nazareno  
Que nos remiste do Mal  
E nos déste o Céo sereno  
Nesta noite de Natal!

VIRGILIO VARZEA.

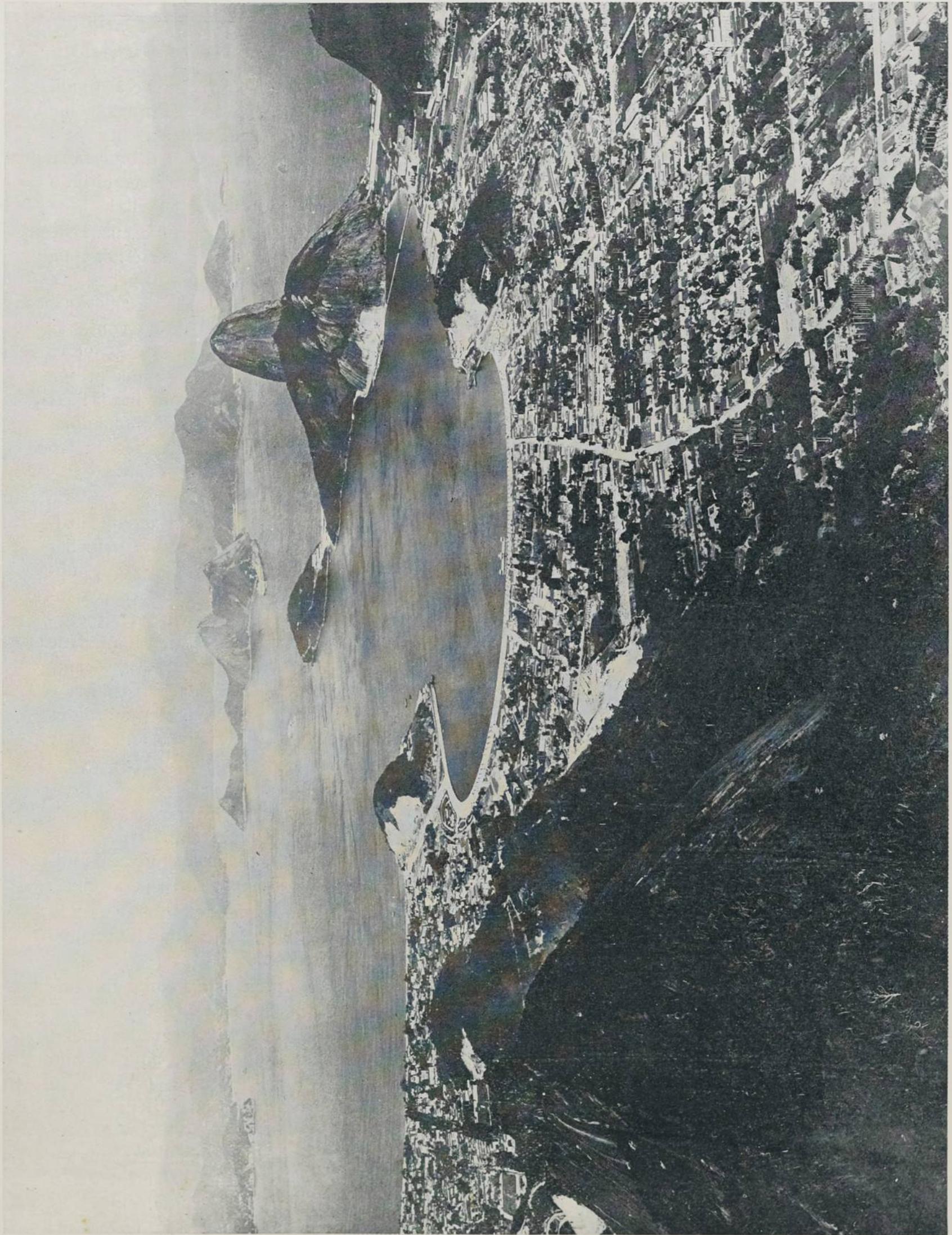
Rio, dezembro de 906.





A GANCORRA





ENTRADA DA BARRA, BAIRRO DE BOTAFOGO—VISTA TOMADA DO PICO DO CORCOVADO—RIO DE JANEIRO



## O GESTO

○ GESTO... que é o gesto? Nada. Um aceno que se faz e se desmancha no ar, momentaneamente, e que, todavia, caracteriza muitas vezes os individuos melhor que as suas proprias feições.

Ha dias encontrei no *bar* de Botafogo, roçagante e perfumada, uma senhora que veio até a mim, extendendo-me as duas mãos enluvadas, fixando-me com os olhos garços em que, como um cysne em agua enluarada, boiava uma doce e amavel *sympathia*. Quem seria? ah! a minha pobre imaginação que terribeis saltos executou, procurando o nome d'essa mulher encantadora, flexivel como uma haste de jasmineiro, brilhante como um astro. Certamente eu tinha uma vaga ideia d'aquella bocca pequenina e carminada, ligeiramente suspensa nas commissuras dos labios; d'aquelle nariz delicado, entre duas faces macias que nem o setim de um vestido de noiva...

A voz, de um timbre metalico, como se passasse vibrando por um organ de ouro, tambem não me era extranha... mas como ladear o embaraço visivel em que me encontrava e de que não achava geito de sahir? Correspondendo num sorriso perplexo ás effusões bondosas da gentilissima dama, temia a todo o instante que ella lêsse no meu rosto a verdade indelicada da situação. Se ella era tão expansiva, se me tratava pelo meu apellido familiar, demonstrando uma quasi intimidade, é porque já em algum tempo, proximo ou remoto, viveu perto de mim! Numa investigação rapida, bem feminina, procurei no seu broche, nos berloques de sua cadeia de ouro e das pulseiras, que tilintavam sobre as altas luvas Imperio, uma inicial ao menos que me abrisse a porta do mysterio terrivel. Mas a linda dama tinha o bom gosto de não usar iniciaes do seu nome

á guiza de joias e a minha inspecção inutil augmentou-me a confusão... Enquanto me debatia na duvida de ter de lhe perguntar pelo marido ou pelos filhinhos, ella debruçara-se toda para dentro da minha vida, inquirindo familiarmente por este ou por aquella!

Suspirei porque o mar crescesse, naquelle instante de confusão, e mandasse até nós uma onda forte, volumosa, que nos dispersasse a todos para varios pontos da avenida antes que chegasse o minuto inevitavel de lhe confessar a verdade. Uma verdade simples é ás vezes mais custosa de sahir da bocca de uma pessoa sincera do que uma mentira complicada! A minha franqueza humilharia aquella flôr humana, tão exuberante nas suas expressões, tão rumorejante nos seus forros de seda...

Ainda se ella, coberta de alpacas simples e surdas-mudas, me cortasse o passo em qualquer angulo de rua para dizer-me aquellas mesmas coisas atrapalhadoras, talvez que, docemente, carinhosamente, pegando-lhe nas mãozinhas nuas e maltratadas, eu, sem grande constrangimento, lhe sussurrasse com humildade a minha ignorancia do seu nome! Mas diante d'aquella figura em que scintilavam saphiras e cuja voz vibrava aos meus ouvidos aturdidos com sonoridades de sinos festivos, toda eu me fazia num ponto vivo de interrogação assustada.

Foi quasi no fim, ao expirar das ultimas syllabas da derradeira phrase, que ella, aconchegando o cotovello ao busto, fincou o indicador no queixo e poz-se a sorrir para mim...

Aquelle gesto foi o raio de luz atravessando os nevoeiros do passado. Ritinha! exclamei no momento opportuno.

E tudo ficou salvo. Era uma amiga das primeiras horas da mocidade.

Tudo mudara nella, té a côr dos cabellos; só não mudara o gesto, aquelle fino movimento, ao mesmo tempo pensativo e gaiato, que era uma expressão perfeita da sua alma...

Por mais hirta, mais fria, mais estudada ou contrafeita que seja a attitude de uma pessoa qualquer, ella tem nos raros movimentos das suas mãos abertas, ou fechadas, ou no sacudir



da cabeça ou dos hombros, uma expressão espontanea, que permanece no individuo e é como que a feição do que se sente e não se vê!

Como hoje tudo se explica, deve haver por ali mais de um livro descrevendo a psychologia do gesto. Dirão naturalmente que as mãos que se estendem abertas em fórma de bençãam demonstram liberalidade, acções proveitosas, alma grande; que, invertendo essa posição, as mãos exprimem o desejo ansioso de que o céu benéfico lhes chova em cima das palmas dons impereciveis e apreciaveis... que sendo os movimentos concentrados, ou descrevendo semi-circulos de fóra para dentro, denotam avareza, ambições desmedidas; emquanto que os acenos rasgados revelam franqueza e simplicidade.

Sabendo toda a gente que ha individuos sobrios de gesticulação mas que são excessivos nos seus gostos e vontades, assim como ha outros de rasgados e amplos movimentos que são absolutamente acautelados e prudentes, desconfiar-se-ia de que a sabedoria de taes leis fosse obra de estudos em falso e de pura imaginação...

A verdade, que salta como uma péla de borracha, é que sem o gesto a palavra não vibraria com a mesma eloquencia nem com a mesma graça. Um discurso sem mãos, por mais vivaz, florido e elegante, seria a imagem da morte. Tudo falla no homem: os movimentos da cabeça, do busto, dos braços, sobretudo das mãos!

Elle vive trahido pelo outro *eu*, que se esconde e que apparece, que ora está sepultado no fundo ignoto da sua alma, ora o reveste todo de uma expressão peculiar, que não muda atravez dos annos e que elle proprio muitas vezes desconhece!

Para combater essa impulsão natural, a Civilidade, senhora um tanto affectada, inventou regras que raramente conseguem tudo que pretendem... No theatro o gesto tem o valor da palavra, deve ser estudado como uma expressão harmoniosa, justa, que exponha e poetise, como escravo que é das ideias, os mais subtis pensamentos.

No palco o actor perde a sua individualidade para reproduzir uma personagem muitas vezes em contradicção com o seu proprio temperamento. Dupont-Vernon affirma em *L'art de bien dire* que: *La première qualité du geste est d'être abandonné, spontané, mais, par dessus tout, sobre et mesuré.*

Mas deixemos o theatro e voltemos á vida.

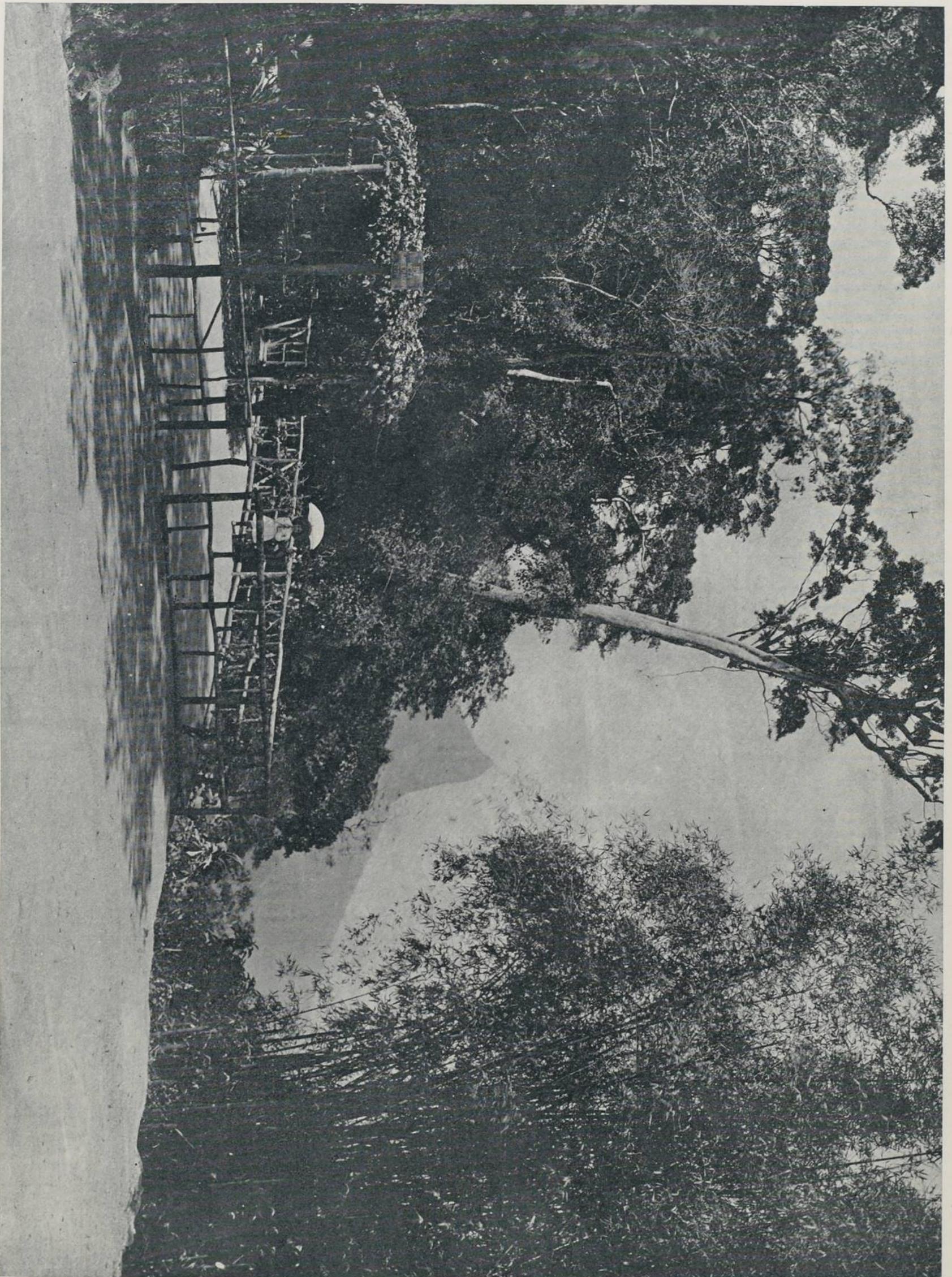
Uma das curiosidades do viajante é o observar o grau de intensidade na gesticulação dos individuos de cada povo...

Uma senhora ingleza dizia-me, numa viagem, que se divertia a olhar para os brasileiros e os portuguezes quando conversavam entre si, só por lhes apreciar a mimica; e accrescentava: «Devem dizer coisas phantasticas, supponho que descrevem grandes accidentes, viagens ao polo, atravez dos gelos, ou em balões, pelos ares; quedas de torres, incendios em que tenham agido como salvadores, carregando victimas por escadas de corda que fluctuam de andares altos, sobre a multidão! E, quando capacitada d'estas verdades terriveis, começo a tomar interesse pela narração que interpreto vejo-os rir,... fico por tal modo confusa, que chego a achal-os ridiculos!».

Sabe-se ou crê-se saber que os climas e as raças influem na gesticulação das pessoas, seja qual fôr a sua educação. Essa senhora era da fria Inglaterra e de mais a mais casada com um irlandez sem braços. Um dia em que ella me veio com as suas censuras, disse-lhe isso e mais que o gesto é indispensavel ao homem e é uma das suas superioridades. Ella retrucou-me apontando para o marido, que não tinha braços e discursava sobre qualquer assumpto muito correctamente! Pois bem, observando com attenção esse senhor, verifiquei que elle imprimia ao nariz movimentos absolutamente accordes com o sentido das suas palavras...

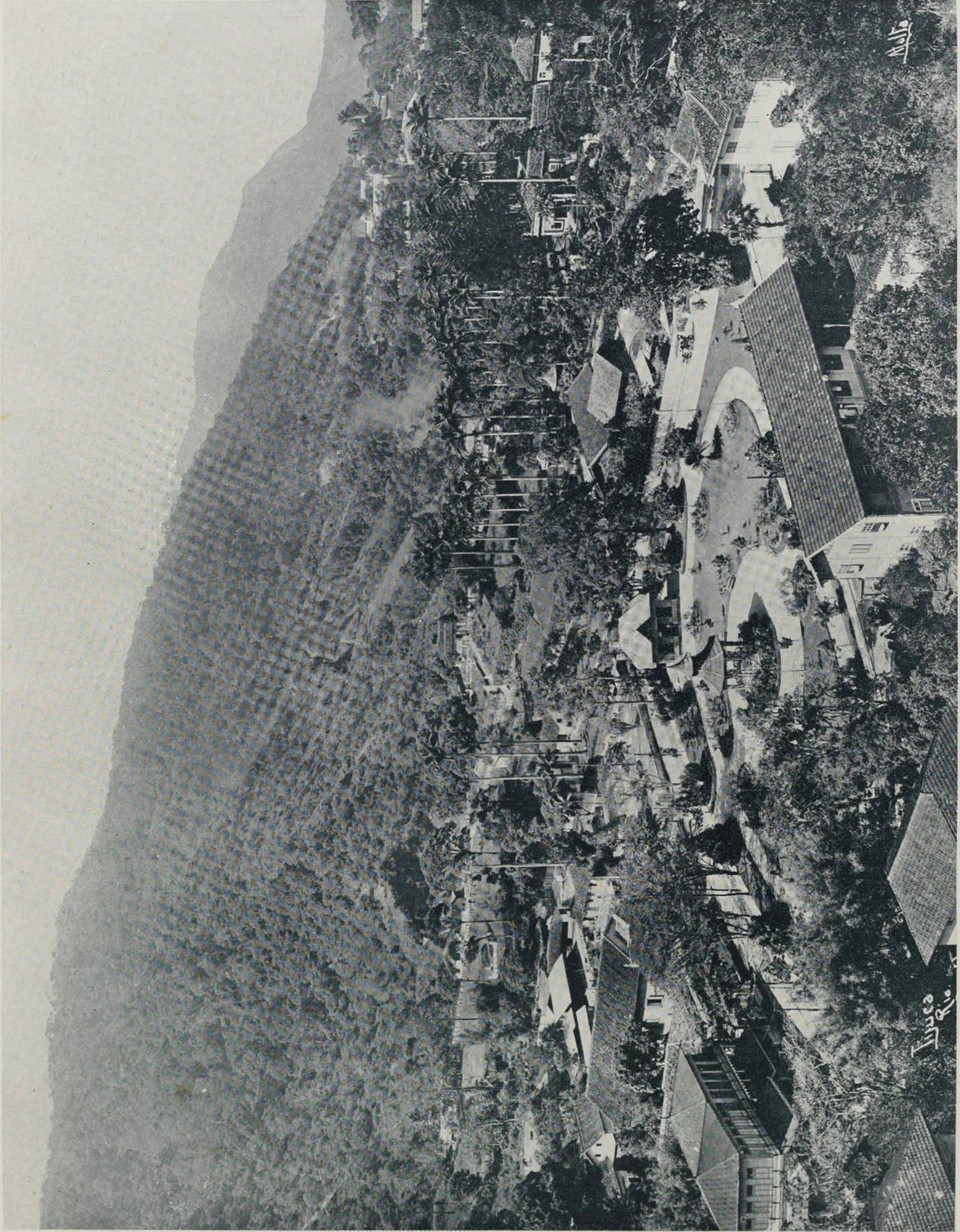
Oh, a divina faculdade dos gestos faz prodigios,—que o attestem os surdos mudos, que não têm outra linguagem!

JULIA LOPES DE ALMEIDA.



MESA DO IMPERADOR - TIJUCA

*Malta phot.*



ALTO DA BOA-VISTA - TIJUCA

Malta phot.

## Conto de Natal

## I

**D**AS janellas da sala de jantar dos barões de Santa Barbara, nas Lorangeiras, via-se o interior da miseravel casinha onde morava o Alexandre, pobre diabo desempregado e enfermo, vivendo de expedientes confessaveis, carregando a vida com um esforço quasi sobrehumano.

Fosse elle sosinho, e tudo iria pelo melhor; mas era casado, e lhe nascêra um filhinho nas proximidades daquelle Natal de 1871. Vir ao mundo uma criança, pelo Natal, n'uma casa sem pão nem conforto, é uma dessas ironias da sorte, que só se toleram á força de philosophia. O Alexandre era philosopho.

Os barões de Santa Barbara, que possuíam grandes cabedaes, desejavam ter filhos e não os tinham. E' sempre assim. A baroneza, das janellas da sala de jantar, olhava com inveja para a mulher do Alexandre. A mulher do Alexandre era pobre, pauperrima, quasi indigente, mas tinha o prazer e o orgulho de amamentar um filho!



Na vespera daquelle Natal de 1871, os barões de Santa Barbara, enquanto esperavam o almoço debruçaram-se á janella, e viram no interior de um quarto, na casinha do Alexandre, o recém-nascido deitado n'uma caixa de batatas, envolvido em trapos.

O barão que não era insensível ás miserias do proximo, encheu-se de piedade, tanto mais que, pela coincidência do dia em que o acaso lhe deparava tão lastimoso espectáculo, parecia-lhe o proprio Menino Jesus que ali estava deitado naquelles trapos, mas um Menino Jesus desprezado pelos Reis Magos e pastores, um Menino Jesus com alfazema, talvez, mas sem incenso nem myrrha.

Sabia o barão que a baroneza era muito egoista: não gostava de praticar o bem nem mesmo por ostentação; foi, por isso, com certo receio que lhe propoz enviarem algum socorro aos vizinhos pobres; quando mais não fosse, umas roupinhas para o bebê.

—Estás doido! respondeu ella. Nunca mais nos largariam a porta!

—Mas não era preciso que soubessem de onde partia o beneficio; a nossa esmola seria anonyma...

—Qual! deixa-te dessas idéas! Elles precisam, é certo, mas ha quem precise ainda

mais, e não seria justo socorrer somente a estes, quando não podemos acudir aos outros! Porque esse exclusivismo? E depois, tu sabes lá que especie de gente é essa? Tu sabes se empregariamos bem a nossa caridade? Deixa-te dessas idéas, homem de Deus, e vamos almoçar, que a *mayonnaise* está na meza.

Comeram ambos o almoço triste dos esposos que pensam diversamente um do outro, sem filhos que attenuem o que possa ter de inconveniente e dolorosa a divergencia de sentimentos e impressões.

Intelligente e sensato, o barão não contrariava a baroneza, embora no intimo lhe detestasse o character, e não perdoasse tanto egoismo n'uma creatura que lhe trouxera, quando se casou com elle apenas a roupa do corpo e o proprio corpo. Fazia-lhe todas as vontades.

Foi assim que comprára aquelle titulo ridiculo de barão de Santa Barbara, nome da fazenda onde elle nascêra, e era propriedade sua, na provincia do Rio.

Todas o tinham em conta de um marido dominado pela mulher, quando o que o dominava era apenas o desejo de viver com ella em apparente harmonia, sem dar aos creados, nem aos vizinhos, nem a si mesmo o espectáculo mofino de um casal desunido.



O barão sahiu logo depois do almoço e foi a carro para o seu escriptorio da rua de São Bento.

Como a lembrança do pobre pequenino, deitado no caixão de batatas, o perseguisse com a insistencia de um remorso, elle chamou em particular um empregado de confiança, incumbiu-o de comprar um berço, um enxoval completo de recém-nascido, peças de morim e de chita, latas de leite condensado, vidros de geléa, garrafas de vinho do Porto, etc., e mandar tudo, e mais algum dinheiro, á casa do Alexandre, sem que ninguem soubesse nem suspeitasse a proveniencia desse presente.

O empregado cumpriu irreprehensivelmente as ordens do patrão, e foi com uma surpresa, manifestada por phrases impertinentes, que a baroneza viu, a tardinha, o caixão de batatas substituido por um berço de vime e os andrajos por boa roupa.

—Vês? disse ella ao barão. Fariamos asneira se lhes mandassemos alguma coisa: não lhes falta nada!

Pouco tempo depois, a familia do Alexandre mudou de residencia, e os barões de Santa Barbara nunca mais tiveram noticia della.

II

Passaram-se muitos annos, que correram prosperos para o barão, grande plantador de café; mas a lei de 13 de Maio surprehendeu-o, como a tantos outros agricultores imprevidentes, e a sua fortuna soffreu grandes revezes.

Depois de proclamada a Republica, elle atirou-se ás especulações da Bolsa; ficou millionario durante a nevróse do Encilhamento, e não advinhou a catastrophe. Quando esta veio, encontrou os seus milhões representados em acções de bancos e companhias que não valiam mais nada, e cuja liquidação foi a ruina completa. Nada, absolutamente nada lhe deixaram!...

Nesse doloroso transe, o infeliz titular não ouviu da esposa uma unica palavra de consolação ou de esperanza que o animasse; pelo contrario: a baroneza desfazia-se em exprobrações e invectivas, e isto concorreu, naturalmente, para desesperal-o.

O misero tinha resolvido suicidar-se, quando uma congestão pulmonar o livrou de commetter esse peccado.



Morto o barão, a baroneza, sexagenaria e enferma, ficou reduzida á miseria. Os amigos e parentes do marido tinham já se evaporado ha muito tempo, e nenhum sympathisava com ella.

A desgraçada ia ser posta na rua por um senhorio implacavel, e, para não morrer á fome, estava resolvida a pedir que a man-

dassem para um asylo, quando foi procurada por um bello rapaz de vinte e cinco annos, pouco mais ou menos, que lhe disse:

—Sra. baroneza, conheço v. ex., estou ao corrente de todas as desgraças que lhe succederam, venho pedir-lhe que acceite um logar em nossa casa.

—Mas quem é o senhor?

—Sou aquella criança que, na vespera do Natal, em 1871, nas Larangeiras, dormia n'um caixão de batatas, e a quem v. ex. soccorreu, mandando-lhe um berço, roupinhas e leite. Bem vê v. ex. que não faço mais do que pagar uma divida de gratidão.

—Mas não me lembra... não fui eu que...

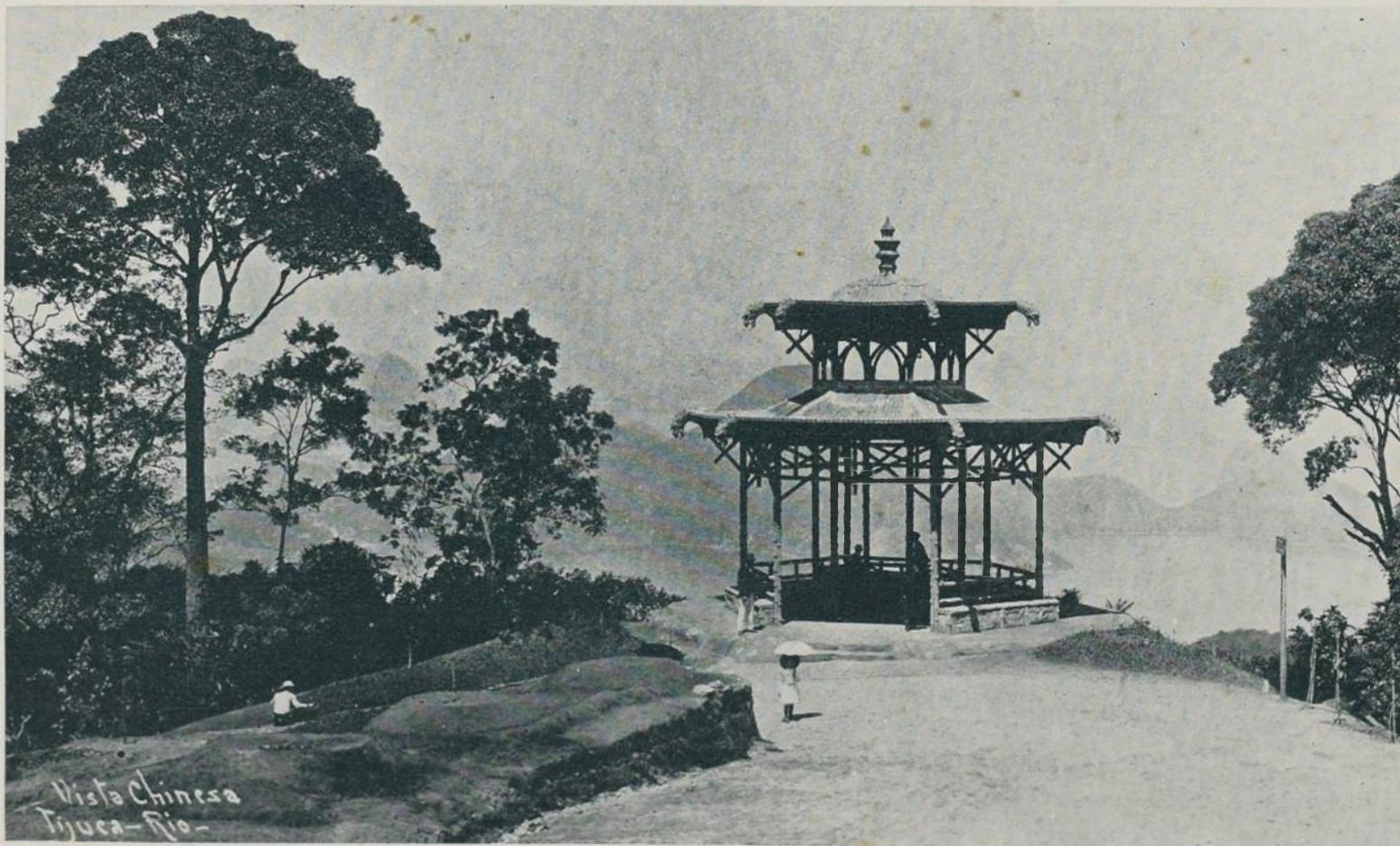
—O empregado que se encarregou de fazer com que essa delicada esmola chegasse ao seu destino, não foi tão discreto como lhe recommendaram. Elle disse a meu pae, confidencialmente, que a esmola era do fallecido sr. barão, mas minha mãe accudiu logo:— Não! a lembrança é da baroneza! Só as mulheres são capazes destes melindres do coração!

A baroneza não confirmou nem desmentiu.

—Ha vinte e cinco annos, continuou o rapaz, o nome de v. ex. é repetido naquella casa como o de uma santa! Venha, sra. baroneza! Meu pae é morto, mas eu ganho o sufficiente para sustentar duas mães...

Uma hora depois, a baroneza de Santa Barbara estava muito bem alojada na casa dos seus protectores.

ARTHUR AZEVEDO.



Malta phot.



ENTRADA DAS FURNAS - TIJUCA





